CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA.

Um estudo sobre a ocupação da Alesp pelos professores durante a greve de 1993.

VIVIANE BELIZARIO DE FREITAS GUINOSSI

São Paulo
2019

VIVIANE BELIZARIO DE FREITAS GUINOSSI

CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA.

Um estudo sobre a ocupação da Alesp pelos professores durante a greve de 1993.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Nove de Julho (UNINOVE), como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Linha de Pesquisa em Políticas Educacionais (LIPED).

Prof. Carlos Bauer de Souza, Dr. - Orientador

São Paulo

2019

Guinossi, Viviane Belizario de Freitas.

Conflito, resistência e solidariedade na história da educação pública paulista: um estudo sobre a ocupação da Alesp pelos professores durante a greve de 1993. / Viviane Belizario de Freitas Guinossi. 2019.

412 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2019.

Orientador (a): Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza.

1. Ocupação. 2. Alesp. 3. Opeoesp. 4. Sindicalismo docente e greve de professores.

I. Souza, Carlos Bauer de. II. Titulo

CDU 37

CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a ocupação da Alesp pelos professores durante a greve de 1993.

Dissertação apresentada à Universidade Nove de Julho, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de Mestre em Educação pela banca examinadora formada por,

_____

Orientador: Prof. Dr. Carlos Bauer de Souza (UNINOVE/SP)

_____

Examinador I: Prof. Dr. Everaldo Andrade (USP/SP)

_____

Examinador II: Profª. Drª. Rosemary Roggero (UNINOVE)

_____

Examinador III: Prof. Dr. Cássio Diniz (Pós-doutorando/UNINOVE/SP)

_____

Suplente: Profª. Drª. Maria Heloisa Aguiar Silva (UNICID/SP)

_____

Suplente: Prof. Dr. Manuel Tavares (UNINOVE/SP)

Mestranda Viviane Belizario de Freitas Guinossi_____

Aprovada em _____/_____/_____

Agradecimentos

O presente não é um passado em potência, ele é o momento da escolha e da ação.

Simone de Beauvoir

Essa jornada não seria possível sem o companheirismo, amor e dedicação do Reinaldo Guinossi Neto, com quem divido meus dias e sonhos!

Uma empreitada de muitos desafios, conquistas e aprendizado, no qual pude contar com uma lista imensa de pessoas que contribuíram de uma forma ou de outra com a minha formação.

Em primeiro lugar agradecer a confiança, dedicação e paciência do meu orientador professor Carlos Bauer de Souza, que esteve sempre ao meu lado nessa jornada.

Agradecer à todos os professores da Linha de Políticas Educacionais (LIPED), que estiveram mais próximo da minha formação. Mas também a todos os professores do Programa de Pós Graduação em Educação da Uninove. Os funcionários da secretaria que sempre, gentilmente, estavam prontos a ajudar.

É preciso também agradecer aos amigos que estiveram ao meu lado nesse processo, seja nas várias dúvidas e incertezas, bem como nas comemorações de cada conquista.

Uma lista enorme seria necessária de agradecimento, mas para não correr o risco de subtrair algum nome, deixo assim...

Agradecer a Universidade Nove de Julho pela oportunidade e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio, com a outorga da bolsa do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares (PROSUP), que tornaram possível minha dedicação à essa pesquisa.

Por fim, sinto que a jornada acadêmica contribuiu para o meu amadurecimento pessoal, instigando em mim, a pesquisadora que estou me tornando.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo apresentar um momento emblemático da história dos professores da rede estadual do ensino de São Paulo, que foi a ocupação da Assembleia Legislativa pelos docentes durante a greve de 1993, com o início das reformas neoliberais que assolaram o país naquele conturbado momento histórico. Esse episódio faz parte da história do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), traduz a desvalorização e o prejuízo social causado pela crescente perda da autonomia pelos professores no dia a dia do seu trabalho, mas também é uma página importante do colapso e da crise estrutural do sistema educacional brasileiro. Na medida em que traz à tona os primórdios da crescente influência dos organismos ditos multilaterais. A metodologia da pesquisa está assentada na revisão da literatura, levantamento bibliográfico e, como importante contribuição empírica, a coleta de dados em jornais da grande imprensa publicados no período, fotografias, cartazes e materiais impressos pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo; além da realização de entrevistas com professores que participaram da greve e da ocupação da Alesp, artifício documental que consideramos essencial na definição da periodização e da construção desse estudo histórico educacional. Como um dos resultados dessa investigação pôde ser constatado que esse episódio, até o presente momento, não tinha sido objeto de nenhum outro estudo acadêmico. Outro apontamento que foi possível averiguar nesse estudo foram as contradições e disputas dentro do sindicato, resultado da presença de distintos grupos políticos e sindicais que faziam parte naquele momento da composição da Apeoesp.

Palavras chaves: Ocupação, Alesp, Apeoesp, Sindicalismo docente, Greve de professores

RESUMEN

La presente investigación tiene como meta presentar un momento emblemático de la historia de los profesores de la red estadual de la enseñanza de São Paulo, que fue la ocupación de la Asamblea Legislativa por los maestros durante la huelga de 1993, con el inicio de las reformas neoliberales que asolaron al país en aquel conturbado momento histórico.

Este episodio forma parte de la historia del Sindicato de los Profesores de la Enseñanza Oficial del Estado de São Paulo (Apeoesp), traduce la devaluación de la profesión y el perjuicio social causado por la creciente pérdida de la autonomía por los profesores en el día a día de su trabajo, también es una página importante del colapso y de la crisis estructural del sistema educativo brasileño. En la medida en que destaca los primordios de la creciente influencia de los organismos llamados multilaterales.

La metodología de la investigación está asentada en la revisión de la literatura, levantamiento bibliográfico y, como importante contribución empírica, la colección de datos en periódicos de la gran prensa publicados en el período, fotografías, carteles y materiales impresos por el Sindicato de los Profesores de la Enseñanza Oficial del Estado de São Paulo; además de la realización de entrevistas con profesores que participaron en la huelga y la ocupación de Alesp, artificio documental que consideramos esencial en la definición de la periodización y la construcción de ese estudio histórico educativo.

Como uno de los resultados de la investigación puede ser constatado que ese episodio, hasta el momento, no había sido tema de ningún otro estudio académico.

Otro punto que no fue posible averiguar en ese estudio fueron las contradicciones y disputas dentro del sindicato, resultado de la presencia de distintos grupos políticos y sindicales que formaban parte en aquel momento de la composición de la Apeoesp.

Palabras claves: Ocupación, Alesp, Apeoesp, Sindicato de profesores , Huelga de profesores

ABSTRACT

The following research aims to present an emblematic moment in the history of the teachers of the state education of São Paulo, this regards to the occupation of the Parliament by teachers during the strike of 1993, with the beginning of neoliberal rennovation that devastated the country in such a problematic historical moment.

This episode, which is part of the history of the Union of Teachers of São Paulo Official Education (Apeoesp), translates the profession depreciation and social damage caused by the increasing loss of the teachers autonomy in their daily work, it is also one page of the educational system collapse and its structural crisis in Brazil. In the means that highlights the beginning of the growing influence of so-called multilateral organism.

The research methodology is based on a review of the literature, a bibliographical survey and, as an important empirical contribution, the data collection from great newspapers press publishes in the period, photographs, posters and printed materials by the Union of Teachers of São Paulo official education; in addition to interviews conducted with teachers who participated in the strike and occupation of Alesp, this is considered as essential artifice to define the period and construction of this historical educational study.

As one of the results of the investigation it was possible to verify that this episode had not been object of any other academic study until the present moment.

Another point that could not be investigated in this study was the contradictions and disputes inside the union, as a result of the presence of different political and union groups that were part of the composition of Apeoesp at that moment.

Key words: Occupation, Alesp, Apeoesp, Union of teachers, Teachers' strike

Lista de Siglas e abreviações

ABC paulista: Cidade de Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul

AFUSE: Sindicato dos Funcionários e Servidores da Educação do Estado de São Paulo

ALESP: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo

APASE: Sindicato dos Supervisores de Ensino do Magistério Oficial

Apeoesp: Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

ANPEd: Associação Nacional de Pesquisa em Educação

ANPOCS: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais

BIRD: Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

CAPES: Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior

CNTE: Confederação Nacional dos Trabalhares em Educação

CPB: Confederação dos Professores do Brasil

CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

CUT: Central Única dos Trabalhadores

EAD: Ensino à Distância

FHC: Fernando Henrique Cardoso

FMI: Fundo Monetário Internacional

IDESP: Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo

ICMS: Imposto sobre Circulação de Mercadorias

LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei 9394/1996)

MDB: Movimento Democrático Brasileiro

OMC: Organização Mundial de Comércio

ONGs: Organizações Não Governamentais

ONU: Organização das Nações Unidas

PCB: Partido Comunista Brasileiro

PMDB: Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PM: Polícia Militar

PNE: Plano Nacional de Educação

PPP: Parcerias Públicas Privadas

PROUNI: Programa Universidade para Todos

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira

PT: Partido dos Trabalhadores

PUC: Pontifica Universidade Católica

Rede ASTE: Rede de Pesquisadores Sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação.

SARESP: Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SBS: Sociedade Brasileira de Sociologia

SBHE: Sociedade Brasileira de História da Educação

SCIELO: Scientífic Electronic Library Online

UnB: Universidade de Brasília

UNE: União Nacional dos Estudantes

UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

UNICEF: Fundo das Nações Unidas para a Infância

URSS: União da Repúblicas Socialistas Soviéticas

Sumário

Apresentação..... 13
Capítulo 1: Percursos teóricos e metodológicos da pesquisa..... 18
1.1 Temáticas relacionadas com o estudo realizado..... 18
1.2 Os estudos sobre o associativismo e o sindicalismo dos trabalhadores em Educação..... 21
1.3 Algumas informações preliminares: estudos correlatos..... 23
1.4 Estudos em sindicalismo e associativismo docente um campo a ser ocupado..... 26
1.5 Sindicalismo docente: alguns entraves..... 27
1.6 Objetivos e contextos políticos sociais..... 28
1.7 Greve e ocupação: táticas de lutas contra o neoliberalismo..... 33
1.8 Metodologia e hipótese..... 35
Capítulo 2: Reformas neoliberais da década de 1990 e as consequências para a educação pública paulista..... 41
2.1 Início dos avanços neoliberais na Educação e no mundo do trabalho de uma forma geral..... 42
2.2 A influência dos documentos das agências internacionais..... 46
2.3 O processo de resistência às políticas públicas neoliberais em curso..... 48
2.4 Contextualização da década de 1990 e as transformações que culminaram na precarização do trabalho docente..... 49
2.5 Resultados e consequências das políticas neoliberais na contemporaneidade..... 61
Capítulo 3: Revelando as nuances da ocupação da Alesp – resistência, solidariedade e luta em defesa da escola pública..... 68
3.1 Introdução geral ao capítulo..... 68
3.2 Ocupação da Alesp: ato de resistência ou desespero?..... 70
3.3 Ocupação: organização e cotidiano de nove dias nada normais..... 80
3.4 Abraço coletivo: a solidariedade despertada pela ocupação da Alesp..... 87
3.5 Greve de 1993 e ocupação da Alesp: silenciamento, esquecimento ou um episódio insignificante?..... 91
3.6 Desocupação, despejo: repressão e medo!..... 103
3.7 Sobre a cobertura jornalística da greve..... 107
3.8 O que os registros fotográficos podem nos dizer sobre a ocupação da Alesp? 109
3.9 Análise da ocupação da Alesp e de suas fontes documentais..... 120
Considerações Finais..... 123
Referencias Bibliográficas..... 127
Apêndices e Anexos..... I
Apêndice A: Entrevista Roberto Felício II
Apêndice B: Entrevista Mauro Puerro..... LV
Apêndice C: Entrevista Maria Heloisa Aguiar Silva..... LXXXV
Apêndice D: Termos de anuências das entrentrevistas..... CXL

Anexo A: Panfleto..... CXLIV
Anexo B: Jornal Folha de S.Paulo..... CXLVII
Anexo C: Jornal da Convergência Socialista CCXXXIV
Anexo D: Jornal da Apeoesp..... CCXLII
Anexo E: Acervo de fotografias da Ocupação..... CCLXIX

APRESENTAÇÃO

Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.

Karl Marx

Os presentes parágrafos têm a intenção de fundamentar, conceitualmente, o estudo de caso educacional que realizamos e que traz como principal objetivo reconstruir criticamente a trajetória de um momento emblemático da história dos professores da rede estadual do ensino de São Paulo, que foi a ocupação da Assembleia Legislativa pelos docentes durante a greve deflagrada em 1993.

A ocupação aconteceu em 21 de outubro daquele mesmo ano, como desdobramento de uma greve envolvendo parte significativa da categoria dos professores das escolas públicas estaduais paulistas; desgastados que estavam com os acontecimentos de um movimento reivindicativo que já ocorria há 65 dias sem conseguir atingir quaisquer uns dos seus intentos e nem mesmo firmar o diálogo conciliatório com o governo do Estado de São Paulo.

Foram contados nove dias de ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) efetivados pelo professorado paulista, num quadro que procurava atrair a solidariedade da sociedade civil por intermédio de uma ação política que tinha o intuito de chamar atenção da população para o desmantelamento da escola pública que estava em curso naquele momento histórico.

Ataque à escola pública estadual paulista que se fez inspirado pelo ideário do chamado neoliberalismo que, então, ganhava força ideológica e capacidade de mobilização no debate político nacional; mas também com o uso da forte ação repressiva por parte do Estado, com o claro objetivo de produzir o emudecimento da questão social pelo uso da força policial.

Esse episódio faz parte da história do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), materializando uma página importante do colapso e da crise estrutural dos sistemas públicos educacionais no Brasil. Na medida em que traz à tona os primórdios da crescente influência dos organismos ditos multilaterais, como é o caso do Banco Mundial, do Fundo

Monetário Internacional, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com suas pregações em torno da Declaração Mundial de Educação para Todos; reafirmados na Conferência de Nova Déli, no Relatório Jacques Delors e no Plano Decenal de Educação para Todos referendados pelo Estado brasileiro também por essa época.

Esse período histórico educacional que tem, entre outros, como pontos cruciais para o seu balizamento as diretrizes emanadas do proclamado Consenso de Washington (1989) e da Declaração Mundial de Educação para Todos (1990) deverá ser merecedor de nossa atenção. E, para melhor compreendermos, as marcas deixadas naquele período histórico, os movimentos deflagrados pelos professores da rede pública estadual paulista, no calor da hora desses acontecimentos, nos parecem ser uma excelente oportunidade de se dimensionar o seu papel de resistência e questionamento à supremacia, política e ideológica, alcançada pelo neoliberalismo e seus efeitos educacionais naquela etapa da vida social brasileira.

O presente estudo foi projetado para conter cinco seções.

A primeira é composta pela apresentação da pesquisa na qual delimitamos nosso objeto de estudo sobre o movimento grevista que culminou com a ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), pelos professores da rede pública, em 1993. Nossa temática se insere nos estudos históricos educacionais, que trazem a preocupação com a presença dos sujeitos coletivos, o reconhecimento da importância e da valorização dos esforços organizativos, políticos, sindicais e associativistas dos trabalhadores em educação.

No primeiro capítulo, intitulado, *Percursos teóricos e metodológicos*, apresentamos os estudos correlatos que nos ajudaram a situar o objeto e a temática em questão no campo da história da educação. Teoricamente, pautamos a abordagem, principalmente, nos autores que compõem a Rede de Pesquisadores em Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede Aste).

Esse caminho nos permitiu confirmar e desvelar a inexistência de estudos acadêmicos sobre esse episódio, que julgamos importante, da história da educação e coletiva dos professores paulistas que foi a ocupação da Alesp.

Metodologicamente, iniciamos pela revisão da literatura, coletamos inúmeras fotografias e analisamos documentos produzidos pelo Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), relatos jornalísticos produzidos pela chamada grande imprensa; também localizamos informações produzidas pelos jornais alternativos e, principalmente, optamos pela realização de entrevistas com os professores Maria Heloísa Aguiar Silva, Roberto Felício e Mauro Puerro que, de uma forma, ou, de outra, fizeram parte daquele momento histórico educacional, que foi ocupação da Alesp.

O uso das entrevistas com alguns participantes da greve dos professores estaduais paulistas e dirigentes sindicais que estiveram à frente desse movimento e da ocupação da Alesp, em 1993, se mostrou crucial para o desenvolvimento do presente estudo, na medida em que as fontes bibliográficas tradicionais e os estudos acadêmicos, teses, dissertações e relatórios de pesquisas são escassos ou mesmo inexistentes sobre essa temática.

No processo de elaboração dos estudos acadêmicos históricos educacionais a realização do levantamento e a articulação das fontes bibliográficas se mostraram de decisiva importância, razão pela qual esse procedimento não poderia jamais ser negligenciado.

Os primeiros passos desse procedimento remeteram as nossas atenções para o trabalho que vem sendo realizado, sistematicamente, por aqueles estudiosos que se reúnem em torno da Rede de Pesquisadores Sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede Aste), nos programas de pós-graduação em educação, espalhados país à fora, como também, de entidades como a Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), a Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd), a Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE) e, entre outras, a Associação Nacional de Pesquisa em Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Sociais (Anpocs) e que estão preocupados em aprofundar os conhecimentos que dizem respeito ao presente objeto de estudo.

As fontes bibliográficas são, nesse aspecto, artefatos culturalmente construídos e repletos de intencionalidade pelos grupos que a originaram. Assim para autores referenciais, como é caso de Marc Bloch (2001, p.79),

“tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica tudo o que toca pode e deve informar sobre ele”.

O uso de fotografias no construto deste estudo se constitui numa de suas mais importantes fontes documentais, instigando algumas das reflexões que produzimos no seu desenvolvimento, contribuindo, sobremaneira, na compreensão das ações e das intencionalidades, dos desafios e dos mecanismos policialescos que foram enfrentados pelos professores durante aquela jornada de luta.

A imagem se constitui em valioso instrumento para se efetivar a elucidação das problemáticas sociais contemporâneas, embora a fotografia em si, como as demais fontes historiográficas, não é a representação fiel dos fatos nem testemunhas isoladas, não é explicativa por si mesma, mas poderá ser confirmadora de mudanças ocorridas ao longo de um período. “O papel da fotografia é conservar o traço do passado ou auxiliar as ciências em seu esforço para uma melhor apresentação da realidade do mundo.” (DUBOIS, 2009, p.30)

Tendo como referência os apontamentos do professor Dermeval Saviani (2006, p.30), podemos dizer que é necessário reconhecer que a utilização das fontes histórica não se preocupa apenas em buscar fundamentar as origens ou a verdade dos episódios retratados, mas de procurar entende-los enquanto registros e testemunhos dos atos históricos que nos interessam interpretar. As fontes são cruciais para a produção do conhecimento, sustentando o discernimento que se produz a respeito da história. Elas indicam a base e o ponto de apoio, o repositório dos elementos que definem os fenômenos cujas características se buscam compreender.

Opinamos que esse conjunto de fontes pode contribuir na interpretação histórica desse ardil político encontrado pelos professores na defesa dos seus interesses corporativos e sociais de maior amplitude, como foi o caso da defesa de educação pública, gratuita e laica para todos.

No segundo capítulo intitulado, *Reformas neoliberais da década de 1990 e as consequências para a educação pública paulista*, trazemos o contexto histórico, político e social que antecedeu ao movimento por nós pesquisado.

Aqui temos como objetivo procurar inserir os professores da rede pública estadual paulista no contexto mais amplo da história da educação brasileira.

Ao analisar os precedentes da ocupação da Alesp, nos pareceu fundamental contextualizar algumas das características desse período histórico em sua indissolúvel relação com o cenário educacional reinante no Estado de São Paulo, por aqueles dias, que culminou com a eclosão da greve de 1993 e nos seus conflituosos desdobramentos.

No terceiro capítulo, *Revelando as nuances da ocupação da Alesp – resistência, solidariedade e luta em defesa da escola pública*, procuramos desenvolver a interpretação e o significado político e social da ação dos professores que culminou na ocupação da Alesp, trazendo as vozes de alguns dos seus protagonistas, como o principal instrumento motivador das análises realizadas.

Por fim, nas considerações finais, apresentamos um apanhado daquelas contribuições que produzimos com os estudos realizados e que acreditamos serem importantes de constar nas páginas da história educação brasileira.

Capítulo 1
Percursos teóricos e metodológicos da pesquisa

A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes

Karl Marx & Friedrich Engels



Figura 1: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 27/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

1.1 Temáticas relacionadas com o estudo realizado

Os trabalhos relacionados à temática desenvolvida estão inseridos no campo dos estudos preocupados em analisar e contextualizar as formas de organização ditas associativistas e sindicais dos trabalhadores em educação, particularmente, nos chama a atenção os seus aspectos históricos.

Julgamos que esforços acadêmicos como esses podem contribuir para uma compreensão ampliada do processo histórico educativo que, opinamos, não pode desconsiderar as condições laborais daqueles que constituem o

mundo do trabalho educacional; bem como a urdidura e o desenvolvimento de suas lutas que, na concretude da vida social, tem-se demonstrado necessárias para se garantir as condições elementares para o pleno exercício e os interesses sociais de suas atividades educativas.

O posicionamento e a interpretação que buscamos realizar é o de que os professores se constituem e se formam como uma categoria pertencente à classe trabalhadora. “O docente, a despeito da especificidade de sua tarefa relativa à reprodução dos valores e dos conhecimentos da sociedade, não constitui uma terceira categoria, uma classe diferente. É um trabalhador explorado como os demais” (DAL ROSSO, 2011, p. 20).

Nas chamadas sociedades ocidentais a presença das organizações associativas e sindicais dos trabalhadores, em geral, nem sempre foram bem-vindas, registrando-se uma série interminável de ações coercitivas e repressivas realizadas, tanto pelo aparato estatal, quanto pelo patronato burguês sediado nos mais variados países. Submetidos a uma série de adversidades sociais, econômicas e políticas, paulatinamente, a partir dos meados do século XIX, essas entidades começaram a ser reconhecida, política e socialmente, assumindo um papel fundamental no processo de organização e desenvolvimento das lutas dos trabalhadores, seja contra a opressão estatal, seja na resistência contra a exploração e as péssimas condições de t perpetrado pelo patronato privatista e controlador dos meios de produção.

No Brasil, sucintamente, podemos dizer que as origens mais remotas do associativismo e do sindicalismo são pertinentes ao processo histórico que culminou com o fim da escravidão, em 1888, e a organização de movimentos que poderíamos chamar de protos sindicais. Esses foram consubstanciados pela presença dos ex-cativos, imigrantes europeus e homens brancos e pobres procurando se organizar em defesa dos seus mais elementares direitos sociais, como é o caso do direito ao trabalho, da seguridade social e do acesso à escola.

De fato, foi nesse mesmo período que assistimos a uma impressionante intensificação dos fluxos migratórios em direção ao país, emblematicamente, representados pela vinda dos chamados colonos italianos, japoneses, alemães, poloneses e, tantos outros, emissários das mais variadas nacionalidades; que assolados pelas guerras civis, crises políticas, econômicas e sociais reinantes

em sua terra natal, procuravam o Brasil em busca de melhores dias e condições dignas de vida.

Muitos desses imigrantes trouxeram em suas bagagens o ideário anarquista, e os valores do socialismo libertário e o firme compromisso de contribuírem com a organização política e social daqueles que viviam do próprio trabalho.

Presentes em diferentes cidades do país e tendo como principais instrumentos a publicação de jornais, livretos e a criação de inúmeras associações, os anarquistas, procuraram disseminar concepções políticas que traziam como principal objetivo questionar os postulados clericais, realizar a crítica à propriedade privada e do Estado como forças fadadas a inibir o livre e consciente desenvolvimento dos indivíduos, seu lema mais conhecido era “Nem pátria, nem patrão!” (HARDMAN, 1984).

Os anarquistas trouxeram também em sua bagagem de ações sociais uma vasta experiência de lutas e disposição organizativa no continente europeu com aquilo que poderíamos chamar, hoje, de partidos políticos, ou, mesmo, na realização de alianças classistas; tinham na organização das greves como a manifestação de uma força organizativa e o principal instrumento para alcançar a suas reivindicações centradas no âmbito econômico. Pode-se mesmo dizer que a greve era a sua principal forma de luta. Em São Paulo, por exemplo, foram realizados sequenciais e conflituosos movimentos paredistas em 1912, 1914, 1917 e 1918, momentos esses em que se registraram formidável agitação social por toda a cidade.

Com advento da Revolução Russa, em 1917, e a criação, em 1922, do Partido Comunista Brasileiro (PCB), aliados a intermitente repressão estatal e patronal, inclusive, com a retomada da aplicação indiscriminada da Lei Adolfo Gordo (Decreto nº 1.641, de 7 de janeiro de 1907), com a expulsão de muitos estrangeiros do país, o ideário anarquista começou a enfraquecer.

Esse quadro, contudo, não significou o desaparecimento da disposição organizativa dos trabalhadores no Brasil, mas sim, a busca de alternativas políticas e ideológicas que fossem capazes de aglutinar e impulsionar suas reivindicações históricas e imediatas.

Entre as décadas de 1930 e 1960 verificou-se uma intensa disposição de luta da classe trabalhadora, com isso procurou buscar formas de organização política e sindical enveredando por caminhos de atuação nas entidades instituídas e reconhecidas pelo Estado, como é o caso dos sindicatos oficiais, como também na organização de estruturas que pudessem aglutinar as mais variadas categorias profissionais em torno de consignas e reivindicação comum, como é o caso do comando geral dos trabalhadores.

Esse esforço foi abruptamente golpeado com a eclosão do golpe de Estado civil militar perpetrado em 1964. A violenta ação golpista tinha entre seus confessos objetivos emudecer ou, pelo menos, inibir a atuação organizada da classe trabalhadora em prol dos seus mais elementares direitos políticos, econômicos e sociais.

Toda truculência do regime não foi capaz de barrar as formas de organização política e sindical dos trabalhadores que colocaram na ordem do dia novas formas de pensar e projetar a intervenção sindical, no campo e na cidade, que haveriam de culminar com a criação, em 1983, da Central Única dos Trabalhadores (CUT), inegavelmente, a mais importante forma de organização sindical que os trabalhadores foram capazes de produzir, até então, na história social brasileira.

1.2 Os estudos sobre o associativismo e o sindicalismo dos trabalhadores em educação

A temática do sindicalismo operário é clássica e largamente desenvolvida nas áreas da sociologia, da história, da ciência política, do serviço social, da psicologia social etc., desde os primórdios desses campos do conhecimento nas universidades ocidentais. Ocorre que os estudos versando sobre o associativismo e o sindicalismo dos trabalhadores da educação e, mormente, aqueles preocupados com sua historicidade são poucos usuais mesmo no universo acadêmico educacional.

No caso dos programas de pós-graduação em educação, atuantes na contemporaneidade brasileira, os estudos existentes versando sobre a Apeoesp são aqueles que mais se destacam, com uma gama muito grande de

pesquisadores preocupados com a sua presença política e o seu percurso histórico na educação brasileira.

Entretanto, pelo que pudemos apurar nas consultas as fontes bibliográficas especializadas e aos bancos de teses e dissertações nacionais, a ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, deflagrada a partir de 21 de outubro de 1993, até o presente momento, não recebeu nenhum estudo que procurasse dimensionar sua importância histórica educacional.

De fato, pelo que foi constatado esse marcante e conturbado episódio ainda permanece inédito dentre as inúmeras preocupações que motivam os pesquisadores que se tem dedicado a estudar a presença da Apeoesp na área educacional. Por essa razão, acreditamos ser de suma importância essa reconstrução sob uma perspectiva histórica para tentar compreender as nuances desse período e sua importância na construção da historicidade dos movimentos sociais perpetrados pelos professores em defesa da escola pública, gratuita e laica no Brasil contemporâneo.

Para procurar compreender a gênese, os percalços do movimento paredista, que trouxe como a sua principal consequência a ocupação da Alesp é importante contextualizar, política e economicamente, o momento histórico que o país atravessava; como também se verificar a maneira em que produzia a sua inserção na dinâmica geral do capital numa fase histórica de predominância ideológica do chamado neoliberalismo.

Desde a ação golpista de 1964, foram contados muitos anos difíceis, pautados pelo estado de exceção, com a subtração de direitos elementares do Estado democrático, tempo nos quais as lutas sociais por melhores condições de vida e pela liberdade de expressão e organização política se tornavam muito árduas.

Após, um duro período de instabilidade política no qual os direitos políticos da população foram usurpados mediante o uso da força física e de ações golpistas de caráter policialescos, o país passou a experimentar os processos da chamada redemocratização política e social.

Num cenário de transição política, em 1993 o país passava por um momento político de instabilidade já que acabara de sofrer um processo de impedimento de um governo que tinha sido eleito por voto direto e com amplo apoio popular nas eleições de 1989.

Sem abrir mão da contextualização mais aprofundada desse tumultuado período da história, por ora, faz-se necessário apresentar o material levantado na revisão da literatura para que seja possível com esses dados relacionados com a temática alicerçar os nossos próprios passos nessa seara dos estudos acadêmicos e termos uma visão mais abrangente do entorno dos trabalhos correlatos ao presente estudo.

Desta sorte, partimos da premissa de que no interior dos programas de pós-graduação, nas páginas dos periódicos especializados, nos acervos eletrônicos das sociedades científicas, dos bancos de teses e dissertações, em compêndios e na literatura correlata aos nossos objetivos poderíamos encontrar contribuições que poderiam trazer informações significativas para o constructo dos estudos que estamos empenhados em realizar.

É importante repetir que nas consultas que realizamos, até o presente momento, é possível constatar que, a análise da ocupação da Alesp, efetivada como rescaldo da greve dos professores de 1993, não se encontra em nenhum estudo entre aqueles disponibilizados eletronicamente pelos bancos de dados acadêmicos nacionais.

De fato, pelo que pudemos aferir esse instante marcante das lutas dos professores da rede pública de São Paulo ainda não teve a atenção da academia e, portanto, ainda não foi devidamente pesquisado, analisado e registrado como parte da história travada no campo das lutas sindicais na educação eclodidas ao longo da década de 1990.

A importância desse momento nos parece crucial para compreender a escola pública e as condições de ensino na contemporaneidade; visto que as diversas greves e movimentos educacionais que se deram nesse período constituíram uma gama de fatos importantes para compreender as mudanças que se operaram com as aberturas, econômica e financeira, para o mercado internacional e o neoliberalismo que se instaurou no país.

1.3 Algumas informações preliminares: estudos correlatos

A busca de uma fundamentação teórica e metodológica do estudo que realizamos tem na sua origem a preocupação de revisitar e articular os estudos, dissertações, as teses e os artigos e livros acadêmicos que, de uma

forma ou de outra, dialogam ou, mesmo, são correlatas com a temática que nos dispusemos a pesquisar no presente trabalho.

Esse esforço que se convencionou chamar de revisão bibliográfica, ou, da literatura acadêmica, obedeceu ao seguinte percurso e a obtenção dos seguintes resultados: visitamos os bancos de dados acadêmicos dos principais programas de pós-graduação do país, considerados relevantes para a área educacional, constatando que não há o registro de quaisquer pesquisas especificamente tratando da greve dos professores realizada em 1993 na rede estadual de São Paulo; tão pouco sobre a ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo decorrente desse movimento paredista.

Fizemos um apanhado geral de quantas pesquisas tivemos contato nesse percurso. Iniciamos pelo portal da Associação Nacional de Pesquisa em Educação (ANPEd):

- no Grupo de Trabalho História da Educação, foram encontrados 182 trabalhos, porém, nenhum com a nossa temática, ou, pelo menos, associada com a periodização que adotamos na presente pesquisa.

- no grupo Trabalho e Educação dessa entidade foram encontrados 116 pesquisas.

- no grupo de trabalho Política e Educação Superior foram encontrados 91 trabalhos, porém com aderência ao nosso objetivo nenhuma pesquisa se destacou.

- no grupo de trabalho Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos, que com 150 estudos, nenhum se relacionou diretamente com a temática que estivemos estudando.

- no Grupo de Trabalho Educação Popular, com 136 trabalhos indexados e no Grupo de Trabalho de Sociologia da Educação, com o registro de 83 trabalhos disponibilizados, mas que nada tinham de confluência ao estudo em questão.

O segundo banco de dados que nos debruçamos para a coleta de dados foi o da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), no qual utilizamos as seguintes palavras chaves para a realização das buscas: sindicalismo, educação na década de 1990, greve dos professores em São Paulo, greve dos professores, greve, história da educação, Apeoesp, ocupação, Alesp.

Com base nessas palavras chaves nenhum trabalho se mostrou diretamente vinculado ao estudo por nós realizado.

Continuamos a busca no portal da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) com as palavras chaves: sindicalismo, greve, Apeoesp, ocupação. Após a pesquisa constatamos que nenhum trabalho registrado no banco de dados tinha adesão com a pesquisa que estávamos em via de efetivar.

A busca continuou no site da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no qual encontramos objetivamente mais estudos que vieram a contribuir para a efetivação da pesquisa. As buscas se deram com as palavras chaves, ocupação com 1946 trabalhos, ocupação nas escolas com 485 pesquisas, ocupação como tática de luta com 33 resultados, greve dos professores com 286 arquivos.

Ainda no banco de dados da Capes os trabalhos mais relevantes foram encontrados com as palavras chaves: sindicalismo docente, no qual obtivemos 171 estudos como resultados. Com a palavra-chave Apeoesp foram encontrados 11 trabalhos.

O levantamento se deu também no portal da Scientific Electronic Library Online (Scielo), no qual obtivemos os seguintes resultados. Com a palavra chave sindicalismo no Brasil foram encontrados 56 artigos.

A busca no banco de dados *do* Scielo continuou com as palavras chaves: Apeoesp, greve dos professores que não houve nenhum resultado substancial para os objetivos do presente estudo. Com a palavra chave: greves em São Paulo foram encontradas 19 referências, entretanto, nenhuma com tanta aderência ao estudo proposto.

Já com a palavra chave: greve, os resultados obtidos foram 117 artigos, dos quais nenhum foi destacado para nossa pesquisa nesse momento por acreditarmos que fugiríamos do foco do nosso objeto de pesquisa, a ocupação da Alesp pelos decentes.

As consultas realizadas nos acervos digitais preocupados em preservar e ampliar o acesso aos trabalhos acadêmicos realizados em alguns programas de Pós-graduação das áreas das Ciências Sociais e Ciências Humanas nos permitiram estabelecer o posicionamento sobre a significativa carência da produção de pesquisas acadêmicas preocupadas em analisar, do ponto de

vista histórico educacionais, as ações políticas e sindicais perpetradas pelos professores atuantes na rede pública paulista; naquele conturbado ano de 1993, que culminaram na ocupação da Alesp.

1.4 Estudos em sindicalismo e associativismo docente, um campo a ser ocupado.

Iniciamos essa brevíssima revisão da literatura acadêmica atinente aos estudos que estivemos empenhados em realizar, trazendo à tona os escritos de Danuza Mendes Almeida e Amarílio Ferreira Jr. (2015), no qual os autores do artigo "*As pesquisas sobre o Associativismo Docente no Brasil: o que dizem as produções acadêmicas nacionais"* avaliam as perspectivas e os caminhos percorridos pelos pesquisadores que se debruçaram pelo tema.

Identificando que a princípio as pesquisas eram mais de cunho regional e direcionadas ao associativismo docente, sendo que as preocupações o sindicalismo começam a despontar em meados de 2009, quando também surgiu a Rede de Pesquisadores Sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede ASTE) que viabilizou a divulgação de estudos nas áreas de ciências humanas e sociais; além da integração de pesquisadores dedicados ao assunto, possibilitando encontros para debates sobre a temática.

O artigo traz como reflexão a falta de estudos que enfatizem a trajetória dos professores nas redes privadas de ensino, já que a maioria das pesquisas se dá em torno da história das entidades sindicais que atuam na esfera pública.

Em nossas incursões sobre a temática encontramos a questão da precarização do trabalho docente relacionado a preceitos neoliberais, como a produtividade e a flexibilização. Esse discurso é posto por políticas educacionais vindas de agências bilaterais como é o caso do Banco Mundial e da UNESCO. Em oposição a esse cenário têm-se as lutas dos trabalhadores que "dentro do movimento sindical, discutem-se e assinalam-se caminhos para a melhoria da educação e defende-se a classe dos trabalhadores da educação contra políticas públicas de um Estado mínimo" (DINIZ; ROCHA, 2015, p.123).

Na procura de compreender algumas nuances dessa temática é possível percorrer os estudos que foram realizados na tentativa de investigar e

pesquisar os episódios que vem sendo realizados dentro da área do conhecimento educacional, que ainda é, reconhecidamente, muito pequena nos programas de pós-graduação espalhados pelo país afora.

De nossa parte, pretendemos, com a realização desses estudos, contribuir para o fortalecimento dessa temática que julgamos fundamental para os que vivem da venda de sua força de trabalho no mundo.

1.5 Sindicalismo docente: alguns entraves

A presença de agitações, greves e antagonismos políticos, econômicos e sociais entre os trabalhadores, o patronato empresarial e as instituições do Estado é um traço nítido e marcante quando se avalia a história do associativismo e do sindicalismo no Brasil. Os registros desses conflitos são muito remotos, mas se intensificaram com a urbanização do país, tornaram visíveis as diferentes correntes de pensamentos políticos e ideológicos que atuavam entre os trabalhadores e procuravam organizá-los nas batalhas em defesa dos seus direitos sociais.

Com a sua chegada ao poder em 1930, Getúlio Vargas procurou controlar as atividades políticas dos trabalhadores e colocou os sindicatos sobre a tutela dos aparatos do Estado, impondo-lhes vínculos institucionais com o recém-criado Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (extinto Ministério do Trabalho e Previdência Social), pela edição do Decreto nº 19.433, em 26 de novembro daquele ano. O seu principal objetivo era exercer o controle sobre a ação dos trabalhadores, dividindo-os e dificultando a sua organização e atuação independente.

Esse processo de atrelamento se agravou com a edição da Constituição de 1934, pela qual se permitia a pluralidade de sindicatos, com o objetivo de se enfraquecer a edição de lutas conjuntas e articulação geral do trabalhador. Com a divisão das categorias o processo de luta ficava subordinado a cada setor determinado pelo Estado e articulado por seu sindicato, diminuindo, assim, o poder de negociação dos trabalhadores e dos seus representantes frente ao patronato público ou privado. (BAUER; DINIZ & PAULISTA, 2013)

Por esses dias, os trabalhadores da educação que se empregam nas escolas e instituições de ensino privadas tinham o direito de se associar aos

sindicatos, que, por sua vez, obedecendo à estrutura do sindicato de Estado reinante no país, podiam se aglutinar numa federação própria, aliás, como ocorre até os nossos dias.

Com o impedimento legal de ser sindicalizado, o ardil encontrado pelos trabalhadores da educação das redes municipais, estaduais e federais foi criar e estimular a filiação a associações que não eram reconhecidas, formalmente, pelas instituições e autoridades estatais como entidades interlocutoras e representativas dos interesses corporativos, políticos e econômicos dos professores e funcionários atuantes nessas redes do ensino público brasileiro.

A luta dos trabalhadores em educação perpassa pelas dificuldades que são comuns ao conjunto da classe trabalhadora no que diz respeito à organização nos embates contra o patronato. Um marco importante nesse processo dentro do campo da educação se deu, em 1960, quando foi criado a Confederação dos Professores Primários do Brasil, considerada por Bauer; Diniz e Paulista (2013) a gênese da organização nacional nesse setor.

Dentro desse campo de lutas encontramos diversas entidades de suma importância na contemporaneidade como, por exemplo, na esfera nacional, a Confederação Nacional dos Trabalhares em Educação (CNTE) e, na orbita estadual, do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), entidades que constituem a história do sindicalismo e do associativismo docente no Brasil contemporâneo.

1.6 Objetivos e contextos políticos sociais

O estudo de caso educacional que realizamos teve como objetivo específico reconstruir historicamente a greve e a ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) pelos professores que atuavam no ensino público paulista e apresenta-lo de forma dissertativa. Para levar a cabo o constructo dessa proposta nos pareceu importante contextualizar o momento histórico e as mudanças no campo educacional, bem como as greves que se deram nesse período no estado de São Paulo e, por fim, a greve de 1993 que perdurou por mais de dois meses, no bojo da qual as negociações com o governo estadual não se mostraram frutíferas.

A ocupação foi um ato de resistência em um cenário de escasso diálogo com o poder público, no qual os professores lutavam diante do prenúncio do desmonte da educação pública e da precarização das condições de trabalho, além das significativas perdas salariais como consequência da inflação que não era reposta pelos índices dos reajustes salariais operados pelo patronato governamental.

A greve perdurou por 79 dias com poucas conquistas para a categoria. O que nos chamou a atenção para a elaboração dessa proposta de estudo de caso foi o fato de apesar de ter sido uma greve muito longa e enfrentada duramente pelos seus realizadores, pouco se fala sobre ela e, menos ainda, sobre a ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp) que se deu no bojo do movimento paredista.

Em pesquisas realizadas em jornais diários da chamada grande imprensa, que circularam no período de 18 de agosto a 5 de novembro de 1993, período da greve, na qual houve a ocupação, há poucas informações sobre esse fato e, por exemplo, no acervo da Folha de S. Paulo[1] nada é mencionado sobre a forma policialesca e violenta em que se deu a desocupação da Alesp.

Dessa sorte, acreditamos ser importante a organização desse período numa perspectiva histórica educacional com o objetivo de compreender o que houve e resgatar, preservar e refletir sobre o significado desse momento importante registrado nas lutas dos professores públicos estaduais paulistas.

Para compreender a greve e, como decorrência mais aguda desse movimento paredista, a ocupação da Alesp é importante contextualizar o momento político e social do país naqueles dias.

Em 1993, o Brasil passava por um momento político de tensões e da queda de um governo que tinha sido eleito pelo voto direto após um longo e duro tempo de instabilidade política; período no qual os direitos sociais mais elementares da população haviam sido usurpados mediante um golpe de Estado e da efetivação de um sem número de arbitrariedades que culminaram na edificação de uma ditadura civil-militar.

[1] Os jornais do período podem ser consultados nos anexos dessa pesquisa.

Durante a curtíssima duração do governo Collor houve uma forte incutida dos ideais do liberalismo que preconizava o privado em detrimento ao público, no qual os direitos básicos da população, como é o caso da saúde e da educação, eram postos em segundo plano. Houve uma intensificação das privatizações das empresas públicas e estatais, como também na educação muitos grupos empresarias começaram a lucrar com esse nicho de mercado. (HIDAKA, 2013)

O governo do Estado, que nesse período estava a cargo da figura de Luís Antônio Fleury (1991-1995). Político envolvido em muitos casos de corrupção, na controversa venda de um terço da Eletropaulo, a segunda maior estatal de São Paulo e na revolta dos presos ocorrida na Casa de Detenção situada no bairro paulistano do Carandiru, reprimida duramente pela Polícia Militar (PM), que metralhou presos desarmados, resultando na morte de 111 detentos, manteve-se irredutível diante das reivindicações dos docentes que viam suas carreiras entrarem em decadência diante dos avanços de políticas públicas excludentes vindas de organismos multinacionais.

Nesse momento, a greve era a arma da crítica e de resistência que os professores dispunham para questionar a insensibilidade social e os desmandos governamentais!

Num cenário conturbado como esse, os professores que atuavam nas escolas públicas paulistas, assim como, a maioria das categorias profissionais que constituíam a classe trabalhadora brasileira naquele momento histórico, passavam por enormes dificuldades econômicas e pelas consequências das instabilidades políticas, com arrochos salariais perpetrados como consequência de uma política monetária recessiva e concentradora da renda nacional. (CPDOC, 2016)

A Apeoesp[2] é, reconhecidamente, um dos sindicatos mais importantes da América Latina e tem como sua principal tarefa representar os professores

[2]Na Constituição de 1988 os funcionários públicos conquistaram o direito, ainda não regulamentado, de se organizar em sindicato. A partir disto, em 1990 a Apeoesp alterou sua razão social para “Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo”. Muito diferente de outras categorias que todo ano têm datas base, não temos garantia de negociação. Funcionário público só garante processo de negociação com muita organização e mobilização, daí as razões dos inúmeros atos públicos e das incansáveis greves que realizamos na trajetória histórica da Apeoesp. A sigla Apeoesp foi mantida pois ela, remetia as lutas da entidade, portanto, foi considerado importante manter essa sigla para identificação junto aos professores. (Apeoesp, 2018)

estaduais diante do patronato governamental paulista, aliás, nem sempre disposto a dialogar com os representantes sindicais e políticos dos professores.

Em 1993, após a eclosão e os desdobramentos de uma greve que durou 79 dias os professores conseguiram algumas conquistas como o anúncio de uma política salarial de correções e ajustes a cada 6 meses, além da garantia que haveria um repasse de 23% do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) para a folha de pagamento destinada a educação, entretanto, essas conquistas conseguidas com muita luta e resistência pode ser observada como um dos resultados obtidos pela ação dos docentes, resistindo ao impasse do governo e ocupando a Alesp como uma forma de pressionar para que a greve que já perdurava por 65 dias não se esvaziasse e perdesse o apoio dos professores e da comunidade (Apeoesp, 2016).

Diante desse cenário é possível compreender a importância das lutas sindicais e dessas entidades nos necessários diálogos que se fazem entre o poder público e a sociedade civil, temos nas palavras de Gindin (2015, p. 205) uma interessante e sintética compreensão daquele momento histórico: “No final da década de 1990, o desgaste da hegemonia das políticas neoliberais e o ressurgimento da inflação, ainda que com taxas moderadas, promoveu a organização de novas greves”.

A presente proposta de estudo tornou-se imprescindível a partir do momento em que procuramos entender a importância histórica das lutas e dos movimentos sindicais organizados pelos professores estaduais paulistas e, dentre essas, a ocupação da Alesp, em 1993, durante uma greve que já durava por 65 dias, sem avanços nas negociações com o governo do Estado de São Paulo.

Nas palavras de Amarilio Ferreira Junior a força e a busca de organização sindical ganhou apoio dos professores, mormente, depois das greves dos metalúrgicos do ABC paulista de 1978, pois, houve um arrocho salarial o que fez com que esses representantes dos que vivem do próprio trabalho no mundo educacional começassem a se envolver com os movimentos sindicais; com isso, “o professorado dos sistemas estaduais de ensino básico, pelo seu contingente quantitativo e capacidade de organização

e mobilização sindical, acabou por se transformar numa das mais importantes categorias do universo social formativo das classes médias". (1989, p. 25)

O estudo sobre o associativo e o sindicalismo educacional, apesar de sua constância e notória importância política e social ainda não tem o chamado a devida atenção dos pesquisadores que atuam na pós-graduação brasileira. Desta forma, todo esforço para estudar entidades associativistas e sindicais, ou, mesmo, determinados fatos históricos envolvendo esses atores sociais, como é a pretensão desse estudo, se tornam de extrema relevância para a pesquisa histórico educacional, na medida em que tendem a contribuir para minimizar um cenário apontado pelos estudiosos dessa temática.

A luta dos professores no Brasil contemporâneo não se faz apenas em torno da questão salarial, mas também é uma luta pela democratização da escola, em defesa da qualidade de ensino, de sua laicidade e amplo e irrestrito acesso para todos brasileiros.

Mas, verdade seja dita, nas últimas décadas, os movimentos que se fazem contra a precarização do trabalho que vem se consolidando, dia após dia, com projetos governamentais que visam o fortalecimento de setores privados em detrimento do setor público.

Ao estudarmos essa temática procuramos dar luz às questões pertinentes não apenas aos reclamos salariais dos professores, mas identificar as parcelas da sociedade que de uma forma geral se beneficiam dessas lutas coletivas capitaneadas por sindicatos e associações, tendem a trazer mudanças educacionais com benefícios para todos!

Após delimitar o objetivo específico do estudo que é a reconstrução histórica da ocupação da Alesp, como desdobramentos da greve de 1993, pelos professores estaduais paulistas, nos pareceu importante, atrelar alguns aspectos gerais que precisam ser pleiteados nesses escritos para que faça sentido à recomposição crítica daquele momento da história da educação brasileira. Sendo assim, a partir de agora, alguns objetivos gerais serão postos em baila.

1.7 Greve e ocupação: táticas de lutas contra o neoliberalismo

No processo de construção do presente estudo de caso histórico educacional, pareceu-nos crucial analisar as reformas neoliberais que estavam sendo postas no Brasil, no início da década de 1990, pelo governo de Fernando Collor, bem como as políticas públicas educacionais que surgiram desse contexto. Como também, se torna necessário compreender esse momento político preocupados com os avanços da mundialização do capital que, entre outras coisas, pôs a classe trabalhadora ainda mais em desvantagem diante do patronato privado ou mesmo estatal.

Com a intensificação e a precarização do trabalho, o aumento da jornada, a desvalorização do salário e ainda a perda da autonomia didática e pedagógica do professor, tornou a vida laboral desse trabalhador da educação ainda mais árdua.

Do ponto de vista do mundo do trabalho, são nesses momentos de crise que a luta se sobressai!

E, como no cotidiano de inúmeras categorias laborais, na sociedade capitalista, a organização da luta para o trabalhador em educação se dá pelas associações e pelos sindicatos, e uma importante arma nessa batalha é a greve – momento no qual se cruzam os braços e quebra-se a rotina, muitas vezes, infernal de trabalho. Situação comum nas fábricas e que, paulatinamente, foi tornando-se parte também da cotidianidade das escolas.

As greves eram a táticas mais visíveis da luta e largamente utilizadas durante a década de 1990 e, na rede pública estadual paulista, também foi assim.

Historicamente falando, esses movimentos de defesa da classe trabalhadora, tal qual os conhecemos na contemporaneidade, tiveram sua gênese no chamado mundo ocidental, no período que se convencionou chamar de Revolução Industrial.

Nesse momento histórico se desenvolveu uma intensa aglutinação dos trabalhadores dentro das fábricas, além de se registrar um formidável êxodo rural, no qual os trabalhadores rurais abandonaram o campo e ajudaram a engrossar o que Marx chamou de exército industrial de reserva nos centros urbanos.

Com essa aproximação dos trabalhadores e as condições insalubres de trabalho, mediante ao controle perverso do ambiente de trabalho, a proximidades dessas pessoas possibilitaram formas de organização laboral e o surgimento das greves, como uma forma de luta, contra essas forças latentes do capitalismo para exigir melhores condições de vida para quem produzia as riquezas, mas dela quase não desfrutava (ABRAMOWICZ, 1985).

Com o passar dos anos e os avanços das políticas neoliberais viu-se essa realidade transportada também para o mundo da escola, que de uma vez por todas, adentrou para o mundo do trabalho, e a imagem do professor tornou-se paulatinamente associada ao trabalhador, possibilitando que ele reconhece-se como parte do mundo do trabalho.

As greves podem ser classificadas em algumas categorias segundo Castro (1986):

“Das horas extras” que paralisação após o horário de trabalho, recusando-se a fazer horas extras, devido a má remuneração por esse período;

“De desligamento” protesto que consiste em chegar fora no horário habitual e largar a jornada também em outro horário;

“De massa” com uma abrangência maior, de caráter nacional e com cunho político, ou seja, um conjunto de greves que coincidem com períodos revolucionários;

“De protesto”, quando se para por um período curto, 24 horas é o mais comum, para marcar uma posição, política, ou de reivindicação. Muito comum nos transportes públicos paulista;

“De solidariedade” quando se paralisa o trabalho em solidariedade a luta de outra categoria;

“Forçada”, quando se forçava a parada por não ter o trabalho, depois quando esse se recusava a exercer a função mediante as péssimas condições laboral;

“Geral”, essa categoria talvez seja a mais conhecida da população, quando se uni diversas categorias, de uma região, país como intuito de protestar, derrubar o poder dominante. Era muito comum dos movimentos anarquistas, que deram a base para o sindicalismo no Brasil;

“Operação tartaruga”, quando o trabalhador continua no seu posto de trabalho, porém, sem executar as atividades no tempo normal;

“Por excesso de zelo” quando o trabalhador passa muito tempo fazendo uma tarefa, parando o processo de produção;

“Revezante” é a paralisação sucessiva de diversos trabalhadores, um de cada vez, fazendo com que o processo de produção saia da sua normalidade;

“Selvagem” essas greves eram comuns na França, eram movimentos clandestinos, ou seja, fora dos sindicatos.

No Brasil não vemos todos esses tipos de greves explanadas por Castro (1986, p.36), mas alguns tipos especiais de greves, como a “greve de ocupação”, e também as greves de “vaca brava” e a “operação pombo doido”. Para o autor, “A primeira delas já era também praticada em outros países, e as duas últimas são parentes próximos da greve revezante”.

O presente estudo esta diretamente ligada à greve de ocupação, sendo esse um instrumento político presente em muitas lutas sociais das últimas décadas no Brasil e no mundo. A ocupação se dá quando se toma um espaço público ou de outrem, como intuito de se fazer ouvir e tornar manifesto seus reclamos corporativos e reivindicações políticas e sociais.

1.8 Metodologia e hipótese

A fundamentação teórica da pesquisa que realizamos partiu de um conjunto de autores e estudiosos que gravitam em torno da chamada história da educação, da sociologia do trabalho, do universo das políticas públicas e sociais, das relações entre educação e trabalho e do pensamento político, histórico e social em geral. Porém, merecendo uma maior atenção um conjunto de autores que tem contribuído com a construção e o desenvolvimento da Rede de Pesquisadores Sobre Associativismo e Sindicalismo dos Trabalhadores em Educação (Rede Aste).

Na busca de uma compreensão e a melhor contextualização do período histórico estudado que no bojo das transformações e mudanças políticas, econômicas e financeiras da sociedade capitalista que se convencionou chamar de neoliberal procuramos lançar mão de autores, entre outros, como esses: Perry Anderson (1995), Martin Carnoy (2002), L. C. H. Freitas (1999,

2007), Gaudêncio Frigotto (1995, 2000), Luiz Antônio Cunha (2007), Souza (2017).

Essa plêiade de autores nos ajudou a compreender melhor as vicissitudes e dificuldades enfrentadas pelos professores paulistas nesta etapa histórica alcançada pelo mundo do capital sinalizando-nos que esse instante social traz em seu bojo algumas das características mais gerais que envolveram os professores e marcaram toda uma época histórica.

Guiados por questões como essas no desenvolvimento das pesquisas nos pareceram também importante relaciona-las com outras problemáticas que, de uma forma, ou de outra, se incluíram com os objetivos centrais e específicos do presente estudo.

Nesse aspecto não podemos nos esquecer de que aqueles tumultuados dias da década de 1990 assistiram uma série de episódio de grande significado político, econômico e social, com reflexos muito fortes e nítidos na esfera educacional.

O cenário internacional vivia forte impacto da retirada das tropas soviéticas da antiga Alemanha Oriental, precipitando, com isso, aquela que ficou sendo conhecida como a queda do Muro de Berlin, dando condições para a reunificação da Alemanha, até, então, dividida e subjugada pelas potências vitoriosas na 2ª Guerra Mundial.

Os estilhaços do Muro de Berlin, acompanhados do desmonte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) abriram um impressionante flanco ideológico para o ataque as perspectivas de ruptura social e política influenciadas pelos valores políticos, éticos, econômicos e sociais do socialismo; como também de uma de suas principais matrizes teóricas e filosóficas, construídos a partir do legado de Karl Marx que se convencionou chamar de materialismo histórico e dialético ou, simplesmente, de marxismo.

Esse quadro de crise influenciou diretamente o debate educacional, por um lado, trazendo uma série de questionamentos às perspectivas pedagógicas ditas marxistas presente no edifício educacional; e, por outro lado, em muito favoreceu o avanço das abordagens inspiradas no ideário dito neoliberal, com seu estímulo ao individualismo, aos valores da meritocracia e a intermitente ação no sentido da diminuição do papel do Estado no atendimento dos

interesses mais amplos da população, encontrou terreno fértil para sua expansão e aceitação social.

No Brasil tivemos um significativo exemplo dessa situação quando da eleição de Fernando Collor de Mello, depois de uma “acirrada” disputa para a presidência da república, num pleito que era aguardado com muita expectativa pelo conjunto da sociedade brasileira, que havia clamado nas ruas pelo fim da ditadura civil-militar e que ansiava pela redemocratização do país.

As propostas políticas e sociais de Fernando Collor de Mello sintetizavam de forma magnífica os valores neoliberais, jovem, *exitoso* nos negócios, questionando o gigantismo do Estado e propagando as privatizações das empresas nacionais, e trazendo para o debate público a proposta das privatizações das empresas públicas e a valorização da iniciativa privada. Esse candidato arrebatou eleitores, parte importante dos intelectuais e a quase totalidade dos meios de comunicação do país, vencendo as eleições presidenciais de 1989.

Como se sabe, seu governo foi marcado por crises econômicas, planos de estabilização financeiras mirabolantes e mal sucedido, escândalos de corrupção e a impossibilidade de governar o país acabou levando a formulação de um pedido de impeachment e a sua renúncia da chefia do Estado.

Diante desse cenário nos pareceu importante, pensar quais foram às condições que se passaram para resultar numa greve longa, de mais de dois meses, nas quais, o ato de ocupação do legislativo paulista se fez necessário.

Ao realizar esse estudo consideramos necessário estabelecer a conexão entre os aspectos mais gerais da conjuntura internacional, no momento histórico da mundialização do capital, seus reflexos na sociedade brasileira e a forma pela qual influenciaram o movimento paredista dos professores paulista em 1993.

No processo constituinte dessa pesquisa julgamos que seria muito importante a utilização dos relatos orais e da memória daqueles que, de uma forma, ou, de outra, participaram e testemunharam a ocupação da Alesp em 1993.

Fizemos isso, com o intuito de, simultaneamente, resgatar do esquecimento esse emblemático momento da história social dos professores da rede pública paulista de ensino, como também analisar as condições e

determinados fatores externos, mas que afetavam de forma direta e decisiva a constituição e o desenvolvimento do trabalho docente.

Como estamos falando de uma greve, de pronto temos que procurar conceituar e dimensionar a importância desse gesto político e econômico, mas, muitas vezes, esses acenos se fazem como a expressão de um protesto político e social mais amplo.

Sim, estamos falando de um tipo muito particular de greve, associada diretamente à quebra da rotina laboral, que impõe os próprios ritmos de tempo e de espaço no mundo capitalista moderno – com sua ética que parte da concepção de que a propriedade é sagrada, afirmando que o tempo é dinheiro, contabilizando cada segundo do trabalho alheio!

Estamos falando de um tipo muito específico de movimento grevista, associado ao papel que os professores ocupam e desempenham no mundo do capital, trabalho esse que tem as suas peculiaridades e especificidades, mas que também se disciplina e sofre a ação de forças exteriores que procuram controla-lo e ditar seu ritmo.

Para compreender o caráter político e pedagógico dessa greve de ocupação nos pareceu ser importante recorrer aos estabelecimentos de algumas analogias ou, mesmo, a presença desses movimentos na história da classe trabalhadora.

A seleção das fontes primárias que nos auxiliaram na construção do presente estudo e subsidiaram as análises e a contextualização histórica e educacional realizadas estão associadas à valorização da memória de alguns participantes do episódio estudado; bem como a presença de jornais da chamada grande imprensa, da imprensa alternativa, fotografias, panfletos produzidos pelo Sindicato Oficial dos Professores da Rede Pública Estado de São Paulo (Apeoesp).

Quando falamos de uma história imediata da educação, estamos falando de uma disposição que o pesquisador tem de procurar compreender questões que dizem respeito ao seu próprio tempo histórico e social. Desta sorte, estamos falando de uma história do tempo presente, razão pela qual o testemunho daqueles que participaram dos processos históricos e sociais que nos interessam estudar podem ser evocados, recolhidos, organizados com o intuito de nos ajudar a compreender a temática analisada.

Além disso, a realização de entrevistas e as coletas de depoimentos favorece enormemente a preservação da memória dos personagens e dos movimentos estudados, razão pela qual, nos anexos da presente dissertação reproduzimos em sua integra as entrevistas realizadas, com a autorização formalmente concedida na divulgação dos nomes dos professores entrevistados e do conteúdo desse material produzido com a transcrição dos depoimentos coletados.

Na perseguição desses objetivos procuramos estabelecer o contato e realizamos entrevistas com os professores Roberto Felício, Mauro Puerro e Maria Heloisa Aguiar Silva, que nos emprestaram suas recordações para que pudéssemos, então, recompor, de forma crítica e contextualizada esse episódio da história da educação.

A utilização de fontes orais na construção dos estudos acadêmicos não é, evidentemente, nenhuma novidade na pesquisa acadêmica educacional. Autores como Ecléa Bosi, Mauricie Halbwachs, Paul Thompson, tem nos ajudado enormemente na fundamentação e no embasamento dessas fontes para subsidiarem os estudos históricos e educacionais, nos oferecendo as condições necessárias para a construção do presente estudo.

Embora não seja esse nosso objetivo principal julgamos importante observar que as discussões metodológicas pertinentes à construção dessa pesquisa nos remetem a importância de realizarmos um estudo de caso como procedimento metodológico.

Acentuando que ao evocarmos um episódio específico, a ocupação da Alesp, pudemos abordar outros pontos mais abrangentes, tais como as condições de trabalho docente, a educação pública paulista e as políticas públicas do período e, ainda, de como a greve é um importante instrumento de resistência daqueles que integram o mundo do trabalho.

O processo de ocupação do espaço público faz com que as atenções da população se voltem para esse fato, que sai da obscuridade e se torna tema de conversas e reflexões da população.

Vaticinamos que, a utilização dessa metodologia é pertinente, na medida em que nos dispusemos a estudar um determinado e particular episódio que julgamos importante historicamente no processo de compreensão das formas

pelas quais é possível pensar a história da educação pela presença social e coletiva dos professores em sua urdidura e desenvolvimento.

Conforme observado por Severino (2016), os estudos de caso nos ajudam a compreender um episódio em particular, mas que por sua especificidade, se faz importante na apreensão de uma situação na qual se deseja debruçar, sendo possível, com o mesmo rigor das demais pesquisas de campo, conseguir levantar dados e investigar a situação destacada.

Realizamos também um apanhado geral da literatura preocupada em estudar o associativismo e sindicalismo dos trabalhadores em educação, levantamento bibliográfico esse que nos ajudou muito a encontrar os elementos teóricos necessários à fundamentação conceitual da presente dissertação.

Foi realizada a localização e a coleta de informações em jornais da grande imprensa (Folha de S. Paulo de 19/08/1993 até 06/11/1993) e tabloides alternativos (Jornal Convergência Socialista, correspondente ao período 04/08/1993 até 17/11/1993); selecionamos fotografias, cartazes, panfletos e folhetos impressos pelo Sindicato Oficial dos Professores de São Paulo (Apeoesp) que foram localizados no arquivo da entidade, de agosto até novembro do ano de 1993. Também, como já foi dito anteriormente, realizamos uma série de entrevistas e a coleta de depoimentos com alguns dos professores que participaram ativamente da greve e da ocupação da Alesp em 1993.

Localizado no campo da história da educação, o presente estudo se dispôs a compreender e reconstruir um dos momentos que julgamos serem dos mais emblemáticos e tensos da presença dos professores da rede estadual paulista no cenário público, que foi a ocupação da Alesp. Essa até então inusitada ação política dos professores se deu, ao longo de nove dias, como parte dos desdobramentos do movimento paredista registrado em 1993, trazendo à tona as formas de resistência e os mecanismos de organização que se colocaram como decisivos no desenvolvimento de suas lutas.

Capítulo 2

Reformas neoliberais da década de 1990 e as consequências para a educação pública paulista

De tempos em tempos os operários triunfam, mas é um triunfo efêmero. O verdadeiro resultado de suas lutas não é o êxito imediato, mas a união cada vez mais ampla dos trabalhadores.

Karl Marx & Friedrich Engels



Figura 2: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, abraço coletivo, dia 24/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

A década de 1990 foi marcada por diversas transmutações de faceta conservadora do capitalismo pelos mais variados países do mundo, após um fato histórico com uma simbologia muito forte que foi representado pela queda do Muro de Berlin em 1989, com isso, diminuía-se a resistência de propostas econômicas que eram pautadas no socialismo, que contrapunha de forma marcante o modelo societal do capital. Em diferentes partes do mundo, essas alternativas inspiradas nos valores socialistas haviam se fortalecido, como

forma de sobreviver às mazelas trazidas com a Segunda Guerra Mundial, mas, agora, eram questionadas e colocavam à prova as garantias e as conquistas que haviam sido alcançadas pelo Estado de bem estar social nos países centrais do capitalismo.

2.1 Início dos avanços neoliberais na Educação e no mundo do trabalho de uma forma geral

No Brasil, efetivamente, nunca houve um Estado de bem estar social, mas, passávamos por um processo de redemocratização, após uma longa e dura ditadura civil militar. A abertura política que se deu ainda era muito nova e passamos por um processo de impeachment do governo Collor recém-eleito, depois de uma acirrada disputa, com Luís Inácio Lula da Silva, direta e democraticamente, pela maioria do povo brasileiro.

As estruturas da democracia ainda não estavam consolidadas e neste cenário de poucas certezas políticas, abriu-se o mercado para políticas neoliberais que avançavam pelo mundo e, principalmente, pela América Latina.

Com esse panorama posto, a subsunção, a perda da autonomia e a precarização no mundo do trabalho foi colocada na ordem do dia atingindo diversas categorias profissionais, sobremaneira, aqueles que vendiam sua força de trabalho na educação, não ficaram alheios a esse processo.

Para um dos participantes e organizadores da ocupação da Alesp, o professor Gilberto P. Souza (2017) essas características ficaram nítidas na expropriação da autonomia do professor que perdeu o direito ao domínio do seu trabalho, sendo esse gerenciado por mecanismos externos que foram colocados como ferramentas facilitadoras de sua rotina. Esse processo trouxe ao professor uma alienação do seu trabalho, já que ele foi submetido a metas preestabelecidas, avaliações externas, bonificações por resultados.

Esse percurso ficou por demais exacerbados, na segunda metade da década de 1990, com o predomínio dos discursos emanados pelas agências bilaterais, pelo qual moldavam a educação para o mercado, destacado o ensino pelas competências.

Essas reformas iniciadas nesse período fez com que desencadeasse uma precarização na carreira do professor e, como consequência disso, os prejuízos na educação. Ao professor, foi lhe atribuído toda a responsabilidade

no aprendizado do aluno, ao mesmo tempo em que lhe foi tirado das mãos a liberdade de gerir seu trabalho, lhe sendo impostos manuais prontos, metodologias e mecanismos avaliativos em torno de metas a serem alcançadas.

Na lúcida interpretação realizada por Frigotto e Ciavatta (2003, p.93), “essas reformas são os organismos internacionais e regionais vinculados aos mecanismos de mercado e representantes encarregados, em última instância, de garantir a rentabilidade do sistema capital”, por conseguinte, essas reestruturações na educação têm como objetivo o aumento do lucro e a educação caminham para a lógica do capital.

Perversamente, muitas vezes, se projetou a educação de forma reificada, como um produto fabril, capaz de trazer como resultado um produto massificado e “igual”, o aluno, pronto para as demandas do capital, desconsiderando os seus próprios objetivos de vida.

Para muitos autores esse processo se intensifica com as discussões em torno do currículo e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), “estabelece mínimos – não máximos- de aprendizagem para todos os alunos da Escola Básica- alguém já imaginou um professor que planeja ensinar apenas o mínimo para seus alunos?” (SOUZA, 2017, p.58)

Mauro Puerro participou ativamente da ocupação da Alesp e, na entrevista que nos foi concedida, trouxe um interessante relato sobre o início das interferências dos chamados organismos multinacional na educação brasileira, apontando que esse processo antecede a década de 1990, quando esse percurso de privatizações foi mais visível no ensino básico:

> Isso foi em (19)77, quando nós fundamos a primeira oposição da Apeoesp, que depois veio a ganhar a eleição em (19)77, (19)78. Em (19)78 estourou a primeira greve. Um das reivindicações principais era um concurso público. Grande parte eram professores temporários é (...) E as condições de trabalho, se você comparasse digamos com os anos quarenta, cinquenta, quando ser professor era um certo, digamos, dava um certo status social né. Dentro de um setor assalariado, obviamente, mas me recordo quando estudei, estudei sempre em escola pública. Era um período inclusive que as escolas particulares não existiam com o peso que tem hoje, havia digamos os nichos de escolas particulares pros filhos da alta

> classe média e da burguesia. A maioria dos estudantes estudava em escolas públicas. Então, na minha cidade do interior ser professor dava um certo status, né, naquela pequena comunidade. Já a partir, um olhar muito superficial, porque eu nunca me aprofundei em dados, mas é mais por experiências mesmo. Já nós anos (19)70, havia uma precarização, as condições de trabalho tinham caído muito, salários, o poder salarial tinha caído muito e isso fez com que os professores (...) é começassem a se ver como parte de uma força de trabalho né, que seria digamos, próximo ao que seria, apesar de não trabalhar diretamente no que é chamada de produção dos bens de consumo, dos bens de produção, mas digamos se viam como parte da classe trabalhadora. Começa a ter um certo sentido de classe e tanto é que os professores (...) (PUERRO, 2018, p. LVI)

Com o depoimento do professor Mauro Puerro, é possível verificar o processo de mudanças na carreira dos professores que se na década de 1940 era uma profissão que detinha status social, com o passar do tempo, já na década de 1970, era identificável as mudanças tanto na carreira, como na forma dos professores se verem, que agora iniciavam um processo de tomada de consciência na qual se percebiam como parte da classe trabalhadora e como tal, iniciou-se esse percurso pela luta comum dos trabalhadores, com greves, paralisações.

O cenário político e social do período são descritos pelo professor Puerro, que relaciona as lutas sociais com a educação, como sendo partes amalgamadas de um mesmo processo da sociedade que estava passando por mudanças e que viria a atingir, de fato, todas suas atividades, e as educacionais não ficariam de fora, embasadas que estavam pelos princípios e o ideário das políticas de cunho neoliberais que era vendido como o melhor para o país.

> São quatro categorias fundamentais, no processo da recomposição do movimento social no Brasil, no finzinho da ditadura que são os professores, que são as grandes greves, os metalúrgicos, os professores, bancários e petroleiros e tanto é que digamos esses são as colunas centrais, né, que vão para o processo de recomposição política, orgânica e sindical e política da classe trabalhadora. São os esteios fundamentais, são as categorias fundamentais na construção da CUT e na época do PT, como um partido que surge como um partido de representação da classe. Então, isso tem a ver com algo que digamos, é meio paradoxal, não é? Mas ao mesmo tempo

> intrinsecamente interligado, que é o crescimento da quantidade de professores. Então a rede se expande porque a quantidade, o Brasil é um dos países pela UNESCO, até hoje inclusive, ele tá na linha dos países que tem uma maior necessidade educacional. Em que sentido, que ele tem a maior parte da sua população, ela tá em todos os países que tem, deixa eu ver se lembro de cabeça...os dados na UNESCO, os países que tem a população, acima de vinte por cento da população em idade educacional, que está em idade educacional, ele está entre os países que tem mais necessidade de investimento na educação. Então, o Brasil hoje está na casa dos trinta por cento mais ou menos de população em idade educacional, por isso, que a necessidade de investimento é muito grande, então isso era um processo que já vinha digamos, uma população muito jovem, grande parte que já tinha migrado do campo pra cidade, o Brasil se torna um país predominantemente urbano no final dos anos cinquenta, que a população é igual, cidade e campo. E depois cada vez mais crescendo, né, então uma população jovem que começa a frequentar a escola. (PUERRO, 2018)

Puerro relata como se deu esse processo de massificação da escola pública que, pretensamente, deveria abrir a porta do ensino para todos, mas que, ao mesmo tempo, foi passando gradativamente por um processo de precarização, já que as autoridades do Estado, responsáveis pelas redes públicas, não fizeram os investimentos necessários para essa expansão.

> Ao mesmo tempo, digamos esse crescimento, digamos a rede escolar pública não esteve associado a um investimento público, então isso fez com que houvesse a precarização, o aumento da quantidade de professores, por um lado, o que faz com que uma classe se torne, ela grande, ela se torna forte, nesse sentido político, mas ao mesmo tempo, as condições de trabalho se deterioram, tanto as condições materiais do trabalho mesmo, aumento da jornada para poder sobreviver e o salário né. Então, isso são digamos, é o caldo social pra esse processo e essas quatro categorias urbanas que associadas digamos ao movimento Sem Terra, o movimento, que são parte dos setores sociais que são fundamentais nas suas lutas naquele período final, do fim da ditadura e que na construção digamos dos organismos da classe, no final dos anos (19)70, início dos anos (19)80. (PUERRO, 2018, p. LVII)

Em outros países latinos americanos esse movimento também foi registrado, desencadeando uma onda de governos conservadores e autoritários, inclusive, rompendo com governos democráticos desde há muito

tempo consolidados e sustentados pela efetivação de políticas de bem estar social. Com essa estratégia o neoliberalismo foi tomando força em todo o mundo como estratégia do capitalismo para derrubar outras propostas e se fortalecer, aparentando, ser a única maneira de desenvolvimento viável.

Pelo menos no discurso que era posto ideologicamente “os dados sugerem vigorosamente que a virada neoliberal está de alguma maneira e em algum grau associada à restauração ou reconstrução do poder das elites econômicas” (HARVEY, 2008, p.21).

Para Harvey, essa nova pratica política intensificada, na década de 1990, garantia a retomada do poder das elites, consolidava as ações econômicas dominantes e os valores de livre mercado pelos quais o capital poderia transitar livremente e garantir o seu acumulo nas mãos de poucos; mas, em detrimento de muitos que foram empobrecendo e aumentando a distância de quem detinha o capital e as riquezas para os demais que tinham como única “propriedade” a sua força de trabalho.

Numa sociedade em que o culto a propriedade privada é cada vez mais forte, protege-se os carros em garagens, enquanto muitos passam por pessoas dormindo nas ruas sem, ao menos, se importar com esse fato. Há uma inversão de valores, produto desse cenário de coisificação das pessoas, enquanto, as mercadorias ganham status de “gente”.

2.2 A influência dos documentos das agências internacionais

Nesse cenário, a precarização nas relações laborais se intensificou muito. Na educação, esse processo também foi marcante e pode ser reconhecido na leitura de documentos de agências bilaterais citadas, os quais, como verdadeiros manuais, apregoam como deve ser a educação em países *ditos* em desenvolvimento. Mais do que isso, essas instituições interferem e criam situações na qual o “produto” dessa intervenção na educação, ou seja, o aluno perde a sua individualidade, sendo pensado como um mero produto que precisa atingir certos padrões de qualidade que deverão, inclusive, ser mensuradas e auditadas por avaliações externas.

Entretanto, essa educação não é a educação que qualifica para a vida, uma educação integral, mas, sim, uma espécie de adestramento social, apenas

preocupado com a inserção dos educando no mercado de trabalho, mormente, formando a mão de obra, para continuar alimentado o sistema capitalista.

Os professores Gaudêncio Frigotto e Maria Ciavatta (2003, p.97) chamam a atenção para o fato de que essas agências (BIRD, OMC, UNESCO, FMI, Banco Mundial) interferirem nas políticas públicas e, muitas vezes, esses organismos internacionais são pensados por economistas e pensadores dos setores, normalmente, ligados à economia e às finanças, mas raramente por pessoas ligadas a educação e projetam documentos que tendem a balizar alguns importantes componentes dos processos pedagógicos:

> Os anos de 1990 registram a presença dos organismos internacionais que entram em cena em termos organizacionais e pedagógicos, marcados por grandes eventos, assessorias técnicas e farta produção documental.

Percebe-se que a educação fortemente influenciada por essas "empresas" e por pessoas ligadas ao mercado e, portanto, traz para a educação preceitos empresarial que podem ser localizados da fundamentação de inúmeras políticas públicas no seio da educação, como aquelas que incentivam estratégias puramente comerciais como metas, bonificação por resultados e a máxima *competência* dos educandos.

Esse processo se tornou mais visível, a partir da segunda metade da década de 1990, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB lei 9394/1996), que facultava o lucro aos grupos privados que poderiam adotar regimes de empresas e não estavam enquadradas como filantrópicas.

Isso porque, a finalidade educacional não seria justificativa aceitável pelo Mercado para diferenciá-la das produtoras de outras mercadorias. Ou seja, a concepção mercantil da educação implicaria "a supressão de privilégios para os investimentos na sua produção e comercialização" (CUNHA, 2007, p. 816).

Com uma legislação que facilitava esses processos, além de uma valorização da "coisa privada" em detrimento ao interesse público, foi se colocando em cheque a educação, e a máxima de que era preciso profissionalizar, precisava ser mais bem gerida, e somente o setor privado seria capaz de fazê-lo com capacidade, a qualidade e a celeridade que o mercado exigia.

2.3 O processo de resistência às políticas públicas neoliberais em curso.

Diante desse contexto, não restava mais alternativas, além da luta que poderia ser travada no calor da hora desses acontecimentos, e a tentativa de resistência se deu, mais uma vez, pela eclosão de inúmeras greves que se produziram ao longo de toda a década de 1990, no mais das vezes, esses movimentos tiveram grande adesão, chegando mesmo a atingir quase 100 por cento de paralisação dos professores em praticamente todos os estados da União.

Na esteira desses movimentos paredistas, inclusive, a greve dos professores paulistas de 1993, se constituiu como uma das mais longas realizadas pelos educadores de rede pública do Estado de São Paulo, além de trazer, como algo novo, uma tática comumente utilizada pelos trabalhadores, no “chão da fábrica”, que foi a ocupação do espaço público, mas também de um importante símbolo do poder legislativo imperante na sociedade burguesa.

Esses preceitos trazidos pelos documentos das agências internacionais que começaram a ser introduzidos no Brasil a partir da década de 1990, fortemente influenciados pelas prerrogativas neoliberais, foram cruciais para as mudanças apontadas no início desse período que chegou ao seu auge na contemporaneidade e pôde ser observado pelas mudanças trazidas para a educação com a imposição do pragmatismo e rotinas próprias do mundo corporativo.

Mutações iniciadas e transcorridas nas épocas precedentes e posteriores a ocupação da Alesp, nos ajudam a compreender muitos dos aspectos dos processos políticos, econômicos e sociais que cercam e constituem a educação na atualidade, mas que tiveram sua afirmação e hegemonia ideológica ao longo do período estudado.

Desta sorte, podem colaborar no entendimento de que a luta dos professores durante as greves do início da década de 1990 se constituíram em tentativas de resistência aos preceitos neoliberais impostos pelos agentes e prepostos locais das agências internacionais que tinham e continuam tendo,

forte influência nos governos, tanto na esfera federal, quanto estaduais e municipais nos desígnios da educação brasileira.

A escola pública sempre careceu de maior atenção e investimentos substanciais por parte das autoridades e estadistas nacionais. Por conta disso, os professores estão cada vez mais precarizados, seja na condução de sua carreira, seja no poder aquisitivo do seu salário, mas, também, na perda da autoridade e da autonomia do seu dia a dia em sala de aula, na lida diária de seu trabalho que cada vez mais sofre as consequências da aplicação desses ditames políticos e das influências ideológicas das agências multilaterais que trouxeram o desestímulo e o esvaziamento de propósitos das atividades do professor, que sente que seu trabalho cada vez menos lhe pertence.

Todo esse processo nos permite compreender a importância das lutas sociais em todas as esferas, e que o professor ao se dar conta disso, contribuiu com movimentos amplos e massivos, como a greve dos professores paulistas de 1993, tentando resistir a todos esses processos resultantes da aplicação governamental dessas políticas externas orientados pelas prerrogativas dos postulados neoliberais. (Souza, 2017)

2.4 Contextualização da década de 1990 e as transformações que culminaram na precarização do trabalho docente

Embora esse não seja o principal objetivo deste estudo, mas, na medida em que partimos da concepção dialética da história, acreditamos ser importante rever como esse processo foi sendo construído, pelo menos, desde a década de 1990 e quais foram às consequências que trouxeram para a educação e reverberam na contemporaneidade.

Ao analisar o papel do Estado nesse contexto verifica-se que “até publicações vinculadas ao governo federal chegam a apontar o descaso dos governos dos entes federativos brasileiros com a escola pública” (Souza, 2007, p. 61).

Ao se ter identificado que essa falta de “qualidade” da educação brasileira, ditadas pelas agências internacionais, era importante que esses organismos multilaterais “se apropriassem” dos debates em torno do que é

preciso para melhorar as políticas públicas educacionais, destacando que esse descaso traduz de forma lapidar, uma ausência de políticas ou estratégias educacionais voltadas para as camadas populares e proletarizadas da população brasileira.

Embasados num discurso falacioso abriu-se caminho para as privatizações da educação, já que o setor público era visto como ineficaz e, para atingir a qualidade na educação, era preciso coloca-la nas mãos de empresas privadas.

Esse processo se tornou mais visível, a partir da segunda metade da década de 1990, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB lei 9394/1996), que facultava o lucro aos grupos privados que poderiam adotar regimes de empresas e não estavam enquadradas como filantrópicas. Isso porque, a "finalidade educacional não seria justificativa aceitável pelo Mercado para diferenciá-la das produtoras de outras mercadorias. Ou seja: a concepção mercantil da educação implicaria a supressão de privilégios para os investimentos na sua produção e comercialização" (CUNHA, 2007, p. 816).

Com a aprovação de todo uma legislação que pudesse facilitar esses processos, além de uma impressionante valorização ideológica da "coisa privada" em detrimento ao interesse público, foi se colocando em cheque a educação, e a máxima de que era preciso profissionalizar, precisava ser mais bem gerida, e somente o setor privado seria capaz de fazê-lo com capacidade, a qualidade e a celeridade que o mercado exigia.

Cunha (2007) ressalta que esse processo de privatização não se deu na educação básica da mesma forma que se operou no ensino superior, modalidade no qual as instituições de ensino privadas dominaram, soberbamente, o aumento das taxas de matriculas.

Na educação básica o processo se deu de outra forma, o setor privado adentrou e abocanhou os recursos destinados à educação pública por meio de formação de professores com cursos de capacitação, pela presença das Organizações Não Governamentais (ONGs) e atuação até mesmo com alunos em programas de aumento da jornada escolar com atividades extras.

O discurso colocado por essas agências pode ser percebido na leitura do relatório Delors (2010), feito sobre encomenda da UNESCO, no qual é posto a visão deles da importância do trabalho desses organismos multilaterais diante dos avanços sociais. “Este relatório é elaborado no momento em que a humanidade, diante de tantos infortúnios causados por guerras, criminalidade e subdesenvolvimento, hesita entre a aceleração do processo, sem ter a possibilidade de controla-lo, e a resignação; vamos, pois, oferecer-lhe outra saída” (DELORS, 2010, p.10).

Ainda no mesmo documento é dito, de forma categórica, que “[...] esta mensagem deve orientar qualquer projeto sobre a educação vinculada à ampliação e ao aprofundamento da cooperação internacional que, aliás, constitui o último aspecto destas reflexões introdutórias” (DELORS, 2010, p.10).

Essas informações e os pressupostos balizadores das agências internacionais nós trazem algumas das premissas de como a educação é lhes concebida e de como tais organismos se veem como protagonistas nas mudanças sociais que podem ocorrer mediante as aplicações nas políticas educacionais e nas práticas do dia a dia que irradiam mundo a fora.

Tais premissas vêm se difundindo largamente, pelo menos, desde a Conferência de Jomtien (Tailândia), realizada de 5 a 9 de março de 1990, na qual foi aprovada Declaração Mundial sobre Educação para Todos e o Plano de Ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem; deflagradas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e com forte a influência nos sistemas educacionais nos países ditos em desenvolvimento. (FRIGOTTO & CIAVATTA, 2003)

Ao analisar os documentos tem-se uma falsa impressão que a preocupação maior dessa comissão da qual o relatório Delors faz parte é realmente diminuir as desigualdades sociais, entretanto, deve-se levar em conta a observação de Souza (2017, p. 63):

> [...] quando falamos em política educacional a partir da década de 1990, afirmamos que há uma política educacional do Estado brasileiro em consonância com os interesses dos vários

> setores capitalistas nacionais e transnacionais, tornando a educação, Educação Básica, no caso, uma fonte de acúmulo de capital.

A educação começou a passar por um processo de intensificação de sua mercantilização a partir da década de 1990 como resultado da ação direta dessas instituições multilaterais e com o incremento de financiamentos em projetos educacionais, começou a adentrar no cenário nacional e trazer conceitos típicos empresariais, como as metas, gestão, profissionalização, resultados, capacitação.

Nesse mercado “empresarial” a privatização, originalmente, chegou de forma indireta na rede pública, através de merendas, uniformes, material didático, cursos de capacitação de professores e a adoção da terceirização de inúmeras atividades e funções cruciais para o desenvolvimento das atividades escolares.

Com essa defesa da pedagogia das competências põe-se em risco o ensino propedêutico e desqualifica a educação que prega um ensinamento de conteúdos e que diz que o aluno precisa de uma formação básica, ou seja, um número mínimo de conhecimentos fundamentais ou clássicos. Ao se focar em ensinar o aluno a ter “competências” para a vida, e pensar uma educação mais voltada ao como fazer e não ao que ensinar, tem-se o risco de esvaziar os ensinamentos postos a esse aluno. Tirando-lhe o direito de aprender.

Souza (2017) fala que a tendência é que os programas reduzam os conteúdos e foquem na capacidade do aluno de aprender a aprender, ou seja, o conhecimento está posto, apenas é preciso ensinar esse aluno a encontra-lo. Esvazia-se assim, uma educação voltada aos conteúdos clássicos.

Saviani (2011) também se contrapõe a essas pedagogias das propaladas competências, defendendo uma pedagogia crítica que esteja, inteiramente, comprometida com os conteúdos, pois, entende que todos os alunos tem o direito a ter acesso aos conhecimentos social e universalmente produzidos. Se tal premissa não for defendida na escola pública como um direito, e perder-se com as diversas pedagogias, os alunos da escola pública

não terá a mesma formação que outros alunos de escolas particulares que mantém uma formação refinada e polvilhada de conteúdos científicos, culturais, políticos e filosóficos, distanciando ainda mais os dois tipos de formação.

A ciência e o conhecimento socialmente produzidos não são neutros e, portanto, faz sentido que se defenda que todos tenham acesso a esse saber e que o processo educativo seja um processo intencional do qual há uma relação intrínseca entre o saber sistematizado e a intenção política.

Sendo razoável que, num país democrático, o conhecimento sistematizado seja disseminado e refletido pela escola; ainda mais aqueles que são considerados clássicos, ou seja, o conjunto de saberes que se espera que todo e qualquer cidadão possa ter o direito de aprender durante o desenvolvimento de suas relações de ensino e aprendizagem.

Ao pensamos a educação pela ótica dos professores Saviani (2011) e Souza (2017) é possível relacionar as reformas neoliberais com os objetivos do capital para as pessoas e a sua inserção subordinada nas engrenagens do sistema capitalista. A escola seria o lugar de capacitação dos indivíduos para esse sistema e não um lugar de formação integral da pessoa humana. Em uma formação integral o objetivo é tornar o indivíduo capaz de se relacionar com o mundo do trabalho de forma crítica e produtiva, no sentido, de um produtivismo em todas as relações sociais e não somente para gerar o lucro a outrem.

Partindo dessa premissa, é possível conceber que a educação precisa estar em sintonia com os interesses do conjunto da sociedade e deve estar atenta e nunca acreditar ingenuamente que as reformas neoliberais têm como objetivo o desenvolvimento das pessoas, mas, sim, o incremento do sistema capitalista e, para isso, todas as suas instituições são utilizadas magistralmente, como é o caso das agências multilaterais internacionais que tanto influenciam na educação, “lembrando que no capitalismo a vida da esmagadora maioria da população é servir ao capital – trata-se de uma pedagogia do e para o capital” (SOUZA, 2017, p.79).

Ou seja, a educação voltada para o mercado sob os preceitos do capital abre caminhos para que tudo seja um produto, a educação, o aluno, o saber e

assim por diante. Isso pode ser observado no relatório Delors (2010) quando ele traz em uma de suas propostas para “melhorar” a educação:

> No decorrer dos debates, evoquei uma solução mais radical: uma vez que a educação ao longo da vida vai implementar-se aos poucos, seria possível vislumbrar a hipótese de atribuir a cada jovem, no início de sua escolaridade, um crédito-tempo que lhe desse direito a determinado número de anos de ensino. Esse valor seria creditado na conta de uma instituição que, em relação a cada jovem, ficaria encarregada de gerenciar, por assim dizer, o capital de tempo aprazado mediante recursos financeiros adequados (DELORS, 2010, p. 22).

O referido documento traz inúmeras recomendações para a educação e para todos os seus entes envolvidos, com parágrafos específicos para cada um. Sua leitura se apresenta de forma pretensamente positiva, apontando diversos fatores nos quais se pode interferir para que haja melhorias na educação.

Mas essas recomendações se misturam com os preceitos do capital, pode se observar essas duas faces no texto, por exemplo, em momentos como esse: “De fato, a educação constitui um bem coletivo que não pode ser regulado pelo simples jogo do mercado” (DELORS, 2010, p.36).

Neste trecho sobressai-se uma preocupação, uma prerrogativa na qual, a educação, não deveria submeter-se as leis de mercado, entretanto, logo em seguida, apenas algumas linhas depois se vê nítido a prerrogativas do mercado inseridas nas tais recomendações:

> Nem por isso a Comissão subestima a importância das condicionantes financeiras e preconiza a implantação de parcerias entre setor público e privado. Para os países em desenvolvimento, o financiamento público da educação básica continua sendo uma prioridade, mas as opções adotadas não devem desestabilizar a coerência do sistema no seu conjunto, nem prejudicar os outros níveis de ensino. (DELORS, 2010, p.36)

Dessa forma, é importante fazer uma leitura crítica desses documentos balizadores das agências multilaterais, para procurar entender, de fato, os objetivos das reformas neoliberais que adentraram por toda a América Latina, a partir da década de 1990, trazendo resultados marcantes no Brasil. Como consequências desse processo, tivemos inúmeras mudanças na carreira docente em todos os níveis da educação.

Ao nos debruçarmos, mesmo que rapidamente, sobre as condições do trabalho docente na educação básica, o fizemos com a compreensão de que se faz necessário toda essa contextualização para um melhor entendimento de como se chegou à greve de 79 dias do ano de 1993, que teve como uma de suas principais consequências a ocupação da Alesp, transformada em seu transcurso numa inusitada forma de resistências e pressão dos professores, diante de um governo que não dialogava com a categoria.

Esse obstinado movimento perdurou por nove dias e sintetizou as lutas dos professores diante de tantas transformações em curso e haveria de trazer, como uma de suas principais consequências, a precarização do trabalho docente.

Souza também aponta em seus escritos que essas ditas *novas pedagogias*, como são os casos das chamadas pedagogias da competência, além de esvaziar as aulas dos seus propósitos mais profundos e auspiciosos, determinavam aos professores o uso de apostilas de conteúdos prontos, rarefeitos, apegados ao senso comum e a edificação de um indivíduo dócil, disciplinado, muito aquém de contribuírem com a formação cidadã e crítica do educando:

> O novo trabalhador da formação por competências deve ser dócil, disciplinado, multifuncional, sempre disposto e pronto para servir ao capital, sempre que convocado. A escola tornou-se o lugar privilegiado para formação do exército industrial de reserva, deixando de ser o lugar para a socialização do conhecimento e da cultura universais (SOUZA, 2017, p.81).

O autor ainda ressalta que essa multifunção que atualmente é exigida do trabalhador esta muito longe de torna-lo mais qualificado, ao contrário, o

desqualifica para que ele seja cada vez menos capaz de chegar a uma condição de educação próxima a educação burguesa (SOUZA, 2017).

Essas pedagogias “modernas” vem na contra corrente dos preceitos defendidos por Saviani, mas de total consonância as recomendações dos documentos dos organismos multilaterais, como é o caso da UNESCO, mencionado acima.

Diante desses avanços de políticas públicas voltadas a ordem do capital, na qual a educação é vista como uma ferramenta de acumulo de capital, a mercantilização do ensino é algo de praxe nos países em desenvolvimento e como consequências um mundo do trabalho cada vez mais precarizado para o professor.

Não foi por acaso que, na década de 1990, utilizou-se da ocupação como uma arma de luta e resistência diante de tantos avanços neoliberais, que por meio das reformas, destruía carreiras e alguns poucos benefícios que esses trabalhadores do mundo do trabalho educacional tinham conseguindo com lutas anteriores.

A educação transformada em mercadoria passou por vários mecanismos para validar esse processo que se iniciou na década de 1990, assim, como outras reformas neoliberais que apregoavam a diminuição do papel do Estado, como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e outros documentos que já traziam as possibilidades da privatização do ensino, na medida em que se utilizavam da palavra gratuita, em vez de pública.

Com isso abria-se caminho para a terceirização na educação, por meio das Parcerias Públicas Privadas (PPP), Organizações Não governamentais (ONGs) e até portentosas redes de escolas privadas que poderiam vender seus serviços e acessórias educacionais ao governo, quando não provendo as vagas necessárias; sem falar que muitos recursos públicos que deveriam ir para as escolas públicas eram transferidas para entidades privada.

Esse cenário contribuiu ainda mais para a minimização do papel do professor, que foi perdendo sua autonomia, e seu trabalho esvaziando-se de

propósitos mais significativos e constituintes da formação pedagógica e da cidadania dos estudantes que frequentam as escolas públicas no Brasil.

Esse processo se deu em grande parte pela efervescência da valorização do privado em detrimento ao público, e os jargões empresariais administrativos foram cada vez mais adentrando o universo escolar, tornando usuais o emprego de expressões e frases associadas as competências, as responsabilidades, aos resultados, ao gerenciamento e a meritocracia. Diante dessa ideologia privatizante os professores foram encurralados por políticas públicas que estavam cada vez mais preocupadas com o controle do professor e dos processos pedagógicos do que com o ensino e a formação para a vida dos alunos.

Um exemplo claro disso, são os *Cadernos do Aluno* e do *Professor* que são adotados pela rede estadual de São Paulo, no qual prevalece a chamada pedagogia das competências em descaso ao conteúdo que são mínimos, afinal para os que advogam esses preceitos o aluno não precisa saber e dominar uma gama muito grande de conhecimentos, mas se ele aprender apenas a aprender, ou seja, buscar as informações, alcançara o ideal para o mercado de trabalho, afinal esse aluno aprendeu como aprender apenas o que lhe é necessário e imediato para executar uma tarefa e não para formar um pensamento crítico e comprometido com os valores mais caros ao exercício da cidadania.

O aluno é exposto a isso, perde o direito a conteúdos clássicos e universalmente consagrado, mas o discurso posto é ao contrário. Esse aluno tem direito a autonomia e, portanto, só terá contato a ela, se lhe for estimulado a aprender a aprender, e ao professor lhe cabe “apenas” o papel de *administrador* ou *facilitador* dessa relação.

Quando o professor se nega a esse papel pode ser responsabilizado até mesmo criminalmente, afinal ele está tirando o direito do aluno à educação, que nas propostas das reformas neoliberais se resumem a isso: o aluno tem direito a uma educação que lhe vai ensinar conteúdos mínimos que lhes possibilitem viver, conviver em sociedade e trabalhar, alimentando o exercito de mão de obra que o capital necessita (SOUZA, 2017).

Outro aspecto importante das reformas neoliberais registrados, na década de 1990, foi um processo de formação dos professores de forma mais rápida e aligeirada com a subtração de importantes conhecimentos disciplinares; além da introdução do Ensino à Distância (EAD) como uma das ferramentas mais eficazes nesse processo de formação acelerada do professor, constituindo um mercado ávido e cheio de possibilidades para os interesses privado, no qual várias empresas começaram a vender serviço ao Estado, formando e capacitando professores desejosos de obterem novas certificações, abriu-se um mercado extremamente rentável.

Nesse processo das reformas neoliberais foi se individualizando também as relações e responsabilidades. A relação aluno e professor foram privatizados, no sentido que quando algo não dá certo, e o aluno não aprende, não existem outras relações como sócio cultural, psicológicas, estruturas escolares, econômicas.

Nesse preocupante cenário, o professor é permanentemente refém de sua pretensa culpabilidade com os perversos destinos e a desvalorização da escola pública brasileira!

Se o aluno não aprende, a culpa é do professor que não é eficiente para ensina-lhe a adquirir as competências necessárias e tão divulgadas nos cursos de formação de professores e materiais de apoio, entenda-se as apostilas que lhes são impostas.

Essa política de responsabilização pode ser analisada ao nos atermos nos mecanismos de controle ocupando, cada vez mais, e com um destaque maior nas secretarias de educação e todo o trabalho pedagógico voltado para o cumprimento dos seus ditames, algo que se comprova quando nos dispomos a analisar o Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP).

Na efetivação desse sistema avaliativo da aprendizagem discente, muitos professores trabalham o ano todo com o foco na obtenção de bons resultados, que somados a outros fatores como evasão, retenção escolar que culminam no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo

(IDESP), que todo ano premia os “bons professores” com um aguardado bônus salarial. Ou seja, por essa ótica o bom professor é aquele que segue as regras do jogo e obtém bons resultados nesses mecanismos de avaliação e controle.

Essas reformas das quais estamos presenciando em muitas localidades brasileiras, já foi feita em Nova York e, conforme dito pelos seus próprios artífices, não foi bem sucedida. O resultado destas propostas foi a entrega da escola pública para entidades privadas, que resultou numa precarização do ensino e da carreira docente nova-iorquina.

Essa análise é feita por Diane Ravitch (2011) em seu livro *Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação*, no qual ela faz uma inusitada e corajosa *mea culpa* sobre esse processo educacional na rede de ensino estadunidense da qual fazia parte.

No Estado de São Paulo, estivemos muito próximos desse mesmo processo, com os governos do Movimento Democrático Brasileiro[3] (MDB) representados, sucessivamente, pelos governadores Orestes Quércia (1987-1991) e Luiz Antônio Fleury Filho (1991-1995), logo em seguida os governos do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), inaugurados com Mário Covas e que perduram até hoje no comando do Estado de São Paulo.

Na opinião de diferentes estudiosos acadêmicos, essas gestões têm adotado políticas neoliberais e contribuindo no processo de precarização da escola pública paulista e o prejuízo maior foi a derrubada do Estatuto do Magistério, uma conquista da categoria do ano de 1985.

Esse importante documento trazia um plano de carreira para o docente, que previa evolução funcional por tempo de magistério, o que fazia com que os professores pudessem terminar suas carreiras em sala de aula, sem precisar ir para cargos de chefias para se sentir valorizado e conseguir uma remuneração melhor.

[3]A sigla do partido se transformou em PMDB, Partido do Movimento Democrático Brasileiro e novamente em retornou a sigla originária em 2018.

Com esse plano de carreira o professor poderia ter uma aumento de salário final de 170% ao salário inicial e a professora poderia atingir 175% de aumento com a evolução funcional. Neste contexto, podia-se ficar em sala de aula professores experientes sem precisar recorrer a outros cargos para um salário mais digno.

O professor no Brasil recebe cerca de 60% por cento de um profissional com nível superior em início de carreira, ou seja, um salário muito defasado de outras carreiras, e com as reformas neoliberais esse cenário só se agravou. Com as reformas na previdência iniciadas no governo Fernando Henrique Cardoso (FHC) e das inócuas ou incipientes tentativas de retardá-las registradas nos governos petistas, os funcionários públicos, e principalmente os professores sofreram muito, perdendo algumas das garantias sociais que eram próprias da carreira dos funcionários públicos, que foi duramente atacado com as reformas do Estado iniciadas nos governos tucanos em 1994.

Os governos estaduais e municipais seguiram o mesmo exemplo e no estado de São Paulo, o golpe aos professores foi dado em meados de festas de final de ano, em 1997:

> Em São Paulo, o então governador Mário Covas e a secretária de educação Rose Neubauer impuseram, sem nenhuma conversa prévia, sequer com o sindicato dos professores estaduais – Apeoesp-, um novo plano de carreira; a Lei Complementar 836/1997, datada de 30 de dezembro do mesmo ano, votada entre natal e ano novo -; e alguns ainda dizem que nossos 'ilustres e honrados' são avessos ao trabalho (SOUZA, 2017, p. 184).

Entende-se perfeitamente a ironia do autor citado ao mencionar uma lei aprovada na calada da noite para prejuízo dos professores, período de férias escolares e festas de final de ano, no qual, muitos professores se desligam dessas questões políticas, e até mesmo a sociedade está entretida com as comemorações do período.

Uma lei aprovada sem o conhecimento da categoria e em prejuízo de todos. Essa lei alterava a evolução funcional e se constituía em mais um passo para a precarização da carreira docente, pois, ligava a evolução funcional critérios de uma avaliação que era externa aos domínios da cotidianidade escolar.

Essa lei também instituía que o professor para ter uma evolução precisava se submeter a uma prova. Inicialmente só poderiam ser promovidos 20% do quadro de professores, mas, em 2011, diante dos reclamos e reivindicações jurídicas em defesa do princípio da isonomia encaminhados pela Apeoesp, essa exigência foi alterada pela Lei Complementar 1143/2011, desta forma todos os professores que conseguissem a pontuação exigida conseguiria a promoção.

A política de bonificação por resultados implantada em 2008 (Lei Complementar 1078/2008) foi uma *boa* estratégia dos governantes para avaliar os resultados, ou seja, o trabalho do professor e ao mesmo tempo de forma subjetiva incentivar a aprovação de alunos mesmo com pouco rendimento.

Como previsto nas reformas de Estado e também atingindo os professores, esses só eram considerados estáveis depois da Lei Complementar 52.344/2007, após três anos de estágio probatório, no qual o funcionário público é submetido a avaliações constantes.

Podendo o professor ser demitido ao final desse período se não passar na avaliação da administração; ou seja, o professor é obrigado a se submeter aos preceitos de uma educação mercantilista, na qual se prevalece o ensinar o aluno apenas conteúdos estipulados pelos ditos apostilamentos impostos pelos governos com o foco nas avaliações externas, deixando de lado, a preocupação em ensinar os conteúdos clássicos aos alunos.

2.5 Resultados e consequências das políticas neoliberais na contemporaneidade.

As reformas neoliberais trouxeram consequências para a educação que foram sentidas décadas depois com os processos que foram se desencadeando nos governos do Partido da Social Democracia Brasileira

(PSDB) na rede pública paulista com diversas leis complementares que retiram direitos dos professores e precarizaram mais ainda a educação.

Mas talvez o mais visível das reformas neoliberais na educação seja a admissão de professores de forma precária e instável por contrato, na qual o professor desempenha a mesma função com as mesmas obrigações dos professores concursados, os efetivos, mas sem ter quase nenhum direito, nenhuma estabilidade no emprego e até o acesso aos serviços médicos dificultados. Essa excrescência política foi regulamentada no Estado de São Paulo, em 2009, através da Lei Complementar 1093/2009.

Hoje temos a criação de várias categorias trabalhando no Estado de São Paulo de forma precarizada, esse processo também traz como resultado a desunião dos professores. Já que existem em São Paulo os professores efetivos que são os concursado, os professores “F” que são os estáveis, não são efetivos, mas tem certa estabilidade e alguns direitos. Os professores categoria “O” são contratados e podem ter aulas atribuídas. Os professores da categoria “V” expressam a forma mais precária do trabalho docente, são os professores eventuais, que só ganham as aulas dadas quando entrar em sala de aula para substituir outro professor.

Todo esse contexto apresentado é o resultado da aplicação ininterrupta das políticas neoliberais, cada vez mais visíveis, a partir de 1990 com suas reformas seguindo os preceitos dessa ideologia assentada na financeirização das relações econômicas, no ideário privatizante e na terceirização de um sem número de atividades que pertenciam ao domínio público-estatal.

No que tange a esfera educacional, dentro dessas recomendações de organismos multilaterais, como é o caso da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), está o preceito que ficou conhecido pela denominação de aligeiramento da formação docente, apontada por Freitas (1999), como aquele que melhor refletia os efeitos na formação do professor pelas políticas neoliberais:

> Esse rebaixamento das exigências em vários níveis – corpo docente, carga horária –, aliado às pressões dos sistemas de

> ensino estaduais e municipais para a qualificação de seus docentes até 2007, em cumprimento à LDB e na ausência de política de expansão qualificada do Ensino Superior público, que demandaria maior volume de recursos financeiros, tem causado a proliferação de cursos de 1.600 horas e a criação de numerosas instituições privadas que se beneficiam dessas condições "ideais" para seu crescimento e expansão, nem sempre com a qualidade necessária (FREITAS, 1999, p.22).

Freitas (1999) traz algumas preocupações, no final a década de 1990, que são similares aquelas apontadas por estudos mais recentes. Em seus escritos descreve como a formação de professor foi esvaziada após as reformas neoliberais, salientando como esse profissional é preparado para exercer uma atividade mais técnica, lhe tirando das mãos o trabalho intelectual e o domínio pelo próprio trabalho que cada vez menos lhe pertence; transformando o professor num facilitador para que o aluno aprenda a se adaptar e a conviver de forma cordata nos marcos da sociedade capitalista, sendo útil ao sistema, mas esvaziado de pensamento crítico e capacidade de reflexões a cerca de seu contexto social.

Dentro desse embate de mudanças na educação estavam às posições contrárias de quem defendia a permanência do curso de Pedagogia, com a amplitude de formar professores da educação infantil, gestores com quilate intelectual capazes de pensar as políticas públicas educacionais, bem como novas propostas de ensino.

Do outro lado, tínhamos os defensores do Curso Normal Superior, implementado com as reformas neoliberais e que tinham como objetivo formar um profissional, com reduzida capacidade de se colocar na sala de aula, um executor de tarefas, o tipo ideal de professor que haveria de ser formado para atuar mercado educacional em franca expansão e que teria como missão adestrar os alunos para as tarefas dadas pela sua inserção na divisão social do trabalho:

> No que tange às concepções de formação, assistimos ao retorno da concepção tecnicista do educador (neotecnicismo), tal como anunciado por Freitas (1992), com ênfase nos aspectos pragmatistas da formação. A opção por esse modelo de formação atende aos princípios de flexibilidade, eficiência e produtividade dos sistemas de ensino, negando toda a

> trajetóriado movimento dos educadores em sua luta pela melhoria das condições de sua formação profissional, retirando das faculdades/centros de educação a experiência construída historicamente de formação de professores e de produção de conhecimento na área educacional, sobre a escola, o ensino e o trabalho pedagógico em suas múltiplas dimensões (FREITAS, 1999, p. 28).

A autora ainda traz alguns debates sobre a importância da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como uma forma de luta por uma formação de qualidade dos professores, ao mesmo tempo em que aponta que esse mesmo mecanismo antes uma garantia de boa formação, depois da interferência dos organismos multilaterais se tornaram mais um elemento balizador das reformas neoliberais:

> O processo de elaboração das diretrizes curriculares para os cursos de graduação, desencadeado pelo MEC e pelo CNE em 1997, insere-se no processo de 'ajuste' das universidades às novas exigências dos organismos internacionais, em particular do Banco Mundial e do FMI, e visa adequar a formação de profissionais ao atendimento das demandas de um mercado globalizado. No campo da formação de professores, o processo de elaboração das diretrizes expressa as contradições presentes nas discussões atuais, trazendo à tona os dilemas e as dicotomias no processo de formação: professor x generalista, professor x especialista e especialista x generalista (FREITAS,1999, p. 34).

Os autores mencionados discutem a influência dos organismos multilaterais nas políticas públicas em educação, além das diversas reformas que foram implementadas a partir da década de 1990 e como resultado trouxe uma desvalorização da carreira docente, precarização do trabalho, como também a reestruturação dos cursos superiores que formam professores, trazendo uma diminuição nas exigências e como consequência uma formação deficitária em seus conteúdos em formas e tempos de aprendizagem.

Isso tudo vem ao encontro de políticas neoliberais que são implementadas na América Latina e é defendida por muitos teóricos defensores das ideologias neoliberais como o único caminho para se chegar ao desenvolvimento e diminuir as desigualdades sociais.

A UNESCO, uma das grandes representantes desse discurso, tem-se propagado como uma entidade preocupada com os rumos da educação mundial como alternativa para melhorar as condições de vida, pois, somente ela é capaz de formar as pessoas para a inserção subordinada e pragmática no mercado de trabalho.

Essas prerrogativas já foram observadas no relatório Delors (2010), como também em outros documentos da UNESCO e, ainda de forma mais ampliada, nos escritos de Carnoy (2002) intitulados *Mundialização e reforma da educação: o que os planejadores devem saber, n*este documento o autor traz o conceito de mundialização e trabalha com a ideia de que as tecnologias e saberes de um país não são limitados por fronteiras, e dois fatores importantes para esse processo são a inovação e a informação.

Carnoy (2002) afirma que a mundialização não está ligada a nenhuma ideologia, mas, ao mesmo tempo, ele ressalta que na educação é importante um processo de descentralização do Estado. Nessa leitura pode-se compreender que esses preceitos mencionados pelo autor estão diretamente ligados a ideologia neoliberal. Defende também as reformas como uma forma de tornar o governo mais eficaz.

O documento continua relacionado à mundialização com a educação e destacando aspectos como melhor formação profissional, flexibilidade, o conceito de polivalente, por fim, defendendo abertamente as reformas neoliberais como uma forma eficaz de melhorar a educação, discurso esse da UNESCO, da qual esse documento discutido faz parte.

É compreensível a posição do autor diante das reformas neoliberais implantadas com a ajuda da UNESCO, instituição da qual fez parte e assessorou por anos a fio.

> Nos setores da educação e da formação, as reviravoltas da economia mundial desencadearam três tipos de reação: as reformas que correspondem à evolução da demanda de qualificações nos mercados, nacional e internacional do trabalho e às novas ideias sobre a maneira de organizar a produção do sucesso escolar e da competência profissional podem ser qualificadas de reformas fundadas na competitividade; as reformas que correspondem a restrições do

> orçamento do setor público e das rendas das sociedades privadas, reduzindo os recursos de que dispõem o público e o privado para financiarem a educação e a formação, podem ser qualificadas de reformas fundadas nos imperativos financeiros; por último, as reformas que tentam realizar o importante papel político da educação como fonte de mobilidade e nivelamento sociais podem ser qualificadas de reformas fundadas na equidade (CARNOY, 2002, p.55).

Carnoy (2002) descreve ao longo do documento os benefícios das reformas neoliberais para a educação e o desenvolvimento social, porém, é importante observar esse texto como um documento feito por uma agência multilateral que implanta em diversos países tais reformas, portanto, não se pode esperar outra posição do autor.

Esses documentos ao serem disseminados sem uma leitura crítica pode dar uma falsa impressão que o problema da educação brasileira sempre foi as políticas públicas e que com as reformas defendidas e a liberalização do mercado educacional que se iniciou a partir de 1990 pode ser algo positivo para a educação, já que ao torna-la um campo de competitividade com os preceitos empresarias e do mercado, ela se tornara-la mais eficiente, trazendo para a sociedade a solução de um problema antigo, que é a educação, ou a falta dela no caso.

Já que pelos preceitos do capital, da privatização e das iniciativas privadas, a eficiência e a busca pelo lucro prevalecem em detrimento de outros fatores importantes e como consequência tem-se um esvaziamento do papel formador da educação, com os conteúdos minimizados pelos sistemas de apostilamentos e a precarização do trabalho docente, já que o professor vê cada vez mais seu trabalho como algo alheio que não lhe pertence mais.

Como resultado, alunos prontos para executar tarefas no mercado de trabalho, mas sem senso crítico e capacidade de relacionar os contextos sociais com a sua realidade, sem falar da situação dos professores cada vez mais desvalorizados, desmotivados e adoentados.

Julgamos importante traçar esse quadro de processo de desvalorização e precarização do trabalho docente, no âmbito mais geral até os primórdios do

século XXI, por estarmos convencidos que ao estudarmos com atenção as motivações, os documentos e os desdobramentos da greve de 1993, poderemos encontrar alguns importantes aspectos da gênese desse processo.

Diante desse contexto, não restava mais alternativas, além da luta que poderia ser travada nesse momento, e a tentativa de resistência se deu mais uma vez pelas greves que, na década de 1990, se multiplicaram por todo o território nacional, congregando uma massiva participação docente.

Na esteira desses movimentos paredistas, inclusive, a greve de 1993, se constituiu como uma das mais longas realizadas pelos professores de rede pública paulista, além de trazer, como algo novo, uma tática comumente utilizada pelos trabalhadores, no “chão da fábrica”, a ocupação do espaço público e importante símbolo do poder legislativo imperante na sociedade burguesa.

Desde muitos anos atrás, a categoria dos professores havia adentrando de vez no universo organizativo e nas lutas que são próprias daqueles que vivem no mundo do trabalho. Mas havia, ainda, segmentos expressivos dessa categoria que não se viam formalmente fazendo parte das relações laborais, embora, ironicamente, se utilizassem, cada vez mais, de mecanismos de organização política e táticas de intervenção social, que eram comuns ao conjunto da classe trabalhadora.

Esse estudo objetivou, então, recompor um instante que julgamos significativo da história da educação brasileira, procurando discutir os processos que trouxeram a subsunção, a perda da autonomia e a precarização do trabalho docente, que se expressam nas constantes e intermináveis greves eclodidas na década de 1990; como foi o caso daquela registrada em 1993, que culminou com a ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP), como uma forma de resistência e um dos últimos recursos, para chamar a atenção da sociedade e pressionar as autoridades para a abertura de negociações frente ao descalabro e ao abandono governamental que afetava a escola pública paulista.

Capítulo 3

Revelando as nuances da ocupação da Alesp – resistência, solidariedade e luta em defesa da escola pública.

Será preciso grande inteligência para compreender que, ao mudarem as relações de vida dos homens, as suas relações sociais, a sua existência social, mudam também as suas representações, as suas concepções e conceitos; numa palavra, muda sua consciência!

Karl Marx & Friedrich Engels



Figura 3: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, corrente humana para fornecer água aos ocupantes da Alesp, dia 26/10/1993 (Folha de S.Paulo)

3.1 Introdução geral ao capítulo

Esse capítulo tem como objetivo recompor através de elementos empíricos da presente pesquisa esse episódio da história dos professores, que foi a ocupação da Alesp, em 1993. Ao longo do levantamento dos dados e da

massa documental, conseguimos localizar fontes primárias e secundárias que se mostraram cruciais para que pudéssemos contar essa história.

Por meio das fontes orais, pode-se elencar e relembrar, esses nove dias de ocupação, em seus elementos consoantes e contraditórios, visto que nos emprestaram suas vozes três entrevistados com visões diferentes sobre esse momento histórico.

Pelo resgate e o tratamento adequado de suas memórias, nos é possível retornar aqueles dias, com intuito, não de julgar, mas de rejuntar elementos que se perderam com o tempo e que agora é possível, no esforço desse estudo, trazer à luz. Visto que a ocupação da Alesp traz um tema inédito para as pesquisas acadêmicas, já que até o presente momento, não houve nenhuma pesquisa sobre esse assunto, que julgamos ser importante.

Dito isso, trazemos também para esses escritos, outras fontes além das orais. Entre as fontes documentais, temos as fotografias que foram conseguidas no acervo da Apeoesp, jornais da chamada grande imprensa, no caso, a Folha de S. Paulo, com matérias de todo o período da greve, mas priorizando o enfoque aos 9 dias de ocupação; como também jornais alternativos, no caso específico, o jornal da Convergência Socialista e ainda aquele que era editado pelo próprio sindicato.

Todo esse material reunido ao longo de quase dois anos de pesquisa nos forneceu os subsídios documentais necessários para que pudéssemos cumprir o objetivo de escrever sobre essa história e o significado da ocupação da Alesp.

Precisamos ter ciência que não se trata de uma mera descrição, mas, sim, um constructo de uma história que, acreditamos, marcou época no âmbito da luta social e política entre aqueles que procuravam resistir aos avanços de políticas neoliberais e a precarização da educação e do trabalho docente.

Entendemos que esse momento recortado nesse estudo, foi importante, pois, a ocupação da Alesp foi um momento de extrema resistência e trouxe à cena uma tática que, até então, não era comum na educação, produzida como desdobramento de uma greve de 1993 que já perdurava por 65 dias, de caráter massivo, e que teve, no seu auge, quase 100% de adesão.

Essa inusitada ação foi muito comentada pela população, já que, ao tomar o espaço público, forçou a quebra da rotina parlamentar e, com isso,

trouxe à tona o debate social sobre elementos que haviam causado a greve e os rumos da escola pública paulista.

Mesmo com o destaque mencionado no período, esse movimento social realizado pelos professores paulistas não foi destacado na história da entidade, constituindo-se com uma ocupação longa, com desdobramentos para as lutas em defesa da educação pública e, ainda assim, pouco lembrada. Razão pela qual nos interessou compreender as motivações desse esquecimento e mesmo o *silenciamento* dessa inusitada história!

Outro ponto que acreditamos ser de relevância foi a construção de um acervo documental sobre tal episódio, visto que, além de inserirmos esse material na fundamentação desses escritos, ele também foi reunido, na integra, e nos anexos que podem ser consultados e estimular pesquisas e estudos vindouros sobre o tema, visto que não temos a pretensão de esgota-lo aqui. Mas, contribuir com o seu desvelamento e a sua difusão, trazendo alguns elementos para o debate em torno desse importante episódio histórico educacional.

3.2 Ocupação da Alesp: ato de resistência ou desespero?

Dia 21 de outubro de 1993, nessa data podia-se contar com 65 dias de paralisação dos professores da rede pública paulista, uma greve dura, com corte de ponto dos professores que muitas vezes dependiam da solidariedade das comunidades circunvizinhas das escolas para conseguir permanecer em greve. Mesmo diante desse cenário, tentavam resistir, entretanto, já havia rumores que a greve estava chegando ao fim.

Sem avanços nas reivindicações e nem mesmo progresso nas negociações junto ao governo do Estado de São Paulo, se a greve acabasse naquele momento os docentes teriam que se conformar com uma amarga derrota.

Como medida de resistência a estratégia adotada pelos professores para impedir que o final da greve fosse desastroso, foi tramada a ocupação da Alesp. Mas essa decisão não fazia parte da posição da diretoria do sindicato e boa parte dos seus ativistas que foram pegos de surpresa pela ação dos professores que deixou perplexa o conjunto da categoria.

Com auxílio das entrevistas e demais fontes documentais que reunimos foi possível verificar diferentes, as posições que gravitavam no seio da organização dos professores.

São três os entrevistados que nos contam suas lembranças sobre o mesmo momento da história dos professores e, portanto, apresentaremos visões diferentes do mesmo ocorrido, o que trouxe elementos enriquecedores para compreender aquela ação dos educadores.

Ressaltamos que não foi o objetivo deste estudo, apontar qual das visões é mais correta em relação à outra, já que estamos utilizando as fontes orais e nos apropriando dessas memórias com o intuito captar o máximo de detalhes possível sem emitir quaisquer julgamentos de valor sobre o posicionamento dos entrevistados.

Uma das questões que nos interessou após recolher os dados empíricos para essa pesquisa foi compreender se essa tática de ocupação tinha sido algo planejado, discutido, pensado pelos ativistas do sindicato. Para compreendermos isso, traremos as vozes dos nossos entrevistados.

A ordem das falas não tem um objetivo ou sentido hierarquizante, mas, apenas refletem a ordem pela qual as entrevistas foram realizadas.

De pronto, começamos os excertos da entrevista realizada com o professor Roberto Felício que nos contou um pouco sobre suas recordações da ocupação da Alesp:

> Nós não tínhamos planejado a ocupação da Assembleia Legislativa, nos fizemos uma assembleia no Anhangabaú, nós fizemos assembleia no palácio, e nós fizemos também assembleia no pátio da Assembleia Legislativa, com autorização do presidente da casa, para fazer no pátio. Porque na rua não daria, ou na própria rua eles achavam que seria pior, seria mais confusão, mas ali o melhor lugar para fazer assembleia era no próprio pátio da Assembleia Legislativa, nós assim, fotos fantásticas do pátio da assembleia, uma inclusive que estava chovendo, todo mundo de sombrinha, mas isso de uma outra greve, mas é uma foto lindíssima, e aí o seguinte, ali nós decidimos que nós íamos para a Assembleia Legislativa para conversar com os deputados. Tentar convence-los mais ainda, isso nós já estávamos, aproximadamente com sessenta dias de greve, ou pelo menos 50 dias. Foi uma greve, e ela já estava num momento de refluxo, talvez nesse momento a greve já não tinha mais adesão de noventa, cem por cento da

> categoria. Bom eu não vou saber quantificar agora para você. (FELICIO, 2017, p.VII)[4]

Felício era, no período da greve de 1993, presidente da Apeoesp, portanto, com sua entrevista fica claro que a ocupação da Alesp não foi um ato arquitetado pelos membros da direção sindical. Pelo teor do discurso apresentado, o ato de ir a Alesp foi para forçar um diálogo e não com o objetivo de ocupar o espaço destinado a reunir o poder legislativo paulista.

Com o objetivo de compreender esse momento trazemos mais alguns elementos presente na fala do professor Roberto:

> Então, nós entramos na Assembleia, acontece que a polícia militar, tanto os que servem dentro da Assembleia como segurança no dia a dia como o reforço que o presidente tinha solicitado para a tropa de choque, tentou impedir e aí descambou para a violência mesmo, aí sobrou bomba, aí invadimos o plenário da Assembleia Legislativa, os corredores e aí a decisão lá dentro. (FELICIO, 2017, p.VII)

A ocupação da Assembleia Legislativa não foi tranquila e pacífica, foi um momento conturbado com ações pautadas pela tensão e mesmo a surpresa da maioria dos professores que acabariam por se envolver direta ou indiretamente naquele episódio, quer estivessem contra o fim da greve, quer procurassem reagir ao inusitado momento no qual estavam inseridos, sem falar daqueles que foram levados pelo fluxo da multidão em direção ao próprio público.

Ainda nas palavras de Felício:

> Não foi decisão nem da assembleia, aí lá dentro, os invadidos, nos que estávamos lá dentro decidimos que íamos continuar ocupando a Assembleia Legislativa, uma parte evidentemente dos professores foram embora, não tinham se preparado para aquilo, mas um contingente muito grande se dispôs a ficar. (FELICIO, 2017, p.VII)

[4]No dia da ocupação da Alesp a greve de 1993 dos professores paulistas já durava 65 dias. Essas informações foram levantas através de dados dos jornais Folha de S. Paulo, Convergência Socialista e o Jornal da Apeoesp.



Figura 4: Interior da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 21/10/1993 logo após a ocupação (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)





Figuras 5 e 6: Interior da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 21/10/1993 logo após a ocupação (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)



Figura 7: momento de confronto na ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

Essas fotografias recuperadas durante a realização da pesquisa empírica nos ajudam a ilustrar momentos recordados pelos entrevistados e além da eternização desses fragmentos da vida de anônimos professores que foram capturados pelas lentes e pela sensibilidade da fotografa Regina Vilela.

Apresentamos até o presente momento alguns trechos da entrevista realizada com o professor Roberto Felício, demonstrando sua visão de como se deu a ocupação da Alesp.

Na busca de uma melhor compreensão desse objetivo, seguimos com a voz do professor Mauro Puerro, que nos trouxe uma visão particular e diferenciada desse episódio.

Questionado sobre se a ocupação da Alesp tinha sido um ato espontâneo produzido em decorrência da efervescência e do descontentamento com aquele momento que anunciava o fim da greve ou, pelo contrário, se aquele movimento havia passado por um planejamento e uma discussão previa de como efetivá-lo?

Sobre esses questionamentos, vejamos a resposta do professor:

> Era um processo que já tinha vindo. Já tinha tido um primeiro debate sobre a ocupação numa assembleia anterior. Que na Apeoesp o movimento é assim, toda a semana tinha uma assembleia que reunia os professores estaduais em passeata como forma de, é o que eu disse, a força é política, é quando você junta toda aquela atomização, quando você junta todo mundo. Então, eram manifestações de mais de 50 mil, a maioria delas. Então, já tinha tido esse primeiro debate. Aí a assembleia que ia definir fazer, ela foi marcada para a Assembleia Legislativa exatamente. No primeiro debate, eles estavam contra e já tinham perdido, se eu não me engano, o primeiro debate quem fez foi o Gilberto. Foi uma assembleia aqui no centro de São Paulo. No segundo, aí eles vieram com a formula de vigília, mas o processo já vinha sendo discutido, porque tinha as assembleias regionais, então, as regionais já vinham se posicionando. Então era um debate que se vinha discutindo com a base, com a base em greve. Ele não foi, não caiu de para quedas naquela assembleia. E aí nós ocupamos, foi votado. Quando vota o pessoal entra, aí tem um enfrentamento com a polícia, mas era muita gente. Lá dentro eu tive que fazer uma assembleia, o pessoal falava e o pessoal repetia nas escadas ali para pegar todos os andares. Não sei se tem registro, eu tenho registro na memória, mas eu não sei se tem registros. Eu lembro de uma foto, eu estou em cima de uma mesa, porque o pessoal começou a entrar por um corredor. Eu exerci o mandato de deputado, porque eu era suplente de deputado, aí eu descobri aquele corredor, por que ali onde a polícia tinha fechado era um corredor que dava acesso à presidência da câmara. E o pessoal subiu por ali, e ali estava, podia ter morte. Me chamaram correndo, eu subi sobre uma mesa e a polícia, era paredes de vidro espelhada, quebrava os vidros e tacava no pessoal, o pessoal fazia a mesma coisa. (Risos) Na hora que eu vi isso, falei isso vai dar na imprensa, vão dizer que nós estamos destruindo. Aí eu subi sobre a mesa e comecei a falar, mas escutava aqueles negócios passar e pensava se isso pega aquilo, naqueles vidros. E foi legal, porque a imprensa pegou e na verdade a imagem que saiu foi que a polícia estava destruindo e atacando os professores. Eu falava e o pessoal repetia, eu convenci o pessoal a ir pela outra entrada que para evitar esse tipo de... Então, mas isso foi o momento da ocupação mesmo. Aí nós conseguimos fazer a ocupação, entrou o que cabia lá dentro e uma parte ficou para fora, porque era muita gente, a assembleia tinha mais de 30 mil pessoas, não cabia todo mundo lá. Aí depois lá dentro eles tentaram tirar com a tropa de choque, aí eu não sei como você montou a sequência em si, mas nós montamos as comissões para manter o funcionamento interno lá. (PUERRO, 2018, p. LXXII)[5]

[5]Com o intuito de não interromper o trecho da entrevista que julgamos importante para a compreensão dos fatos relatados, permitimos que os excertos nos escritos permaneçam grandes.

Com a reprodução do depoimento do professor Mauro Puerro e o cotejando com as palavras de Roberto Felício, podemos facilmente identificar as diferenças interpretativas entre ambos.

Enquanto para Felício a ocupação da Alesp traduzia um ato espontâneo realizado pelos professores presentes na assembleia da categoria; enquanto na interpretação de Puerro estávamos diante de um movimento pensado, discutido e planejado por parte dos professores que tinham como objetivo impedir que o sindicato chamasse o fim da greve que não tinha ainda conseguido alcançar os seus objetivos.

Reafirmando o seu posicionamento, trazemos esse excerto do relato do professor:

> Ela foi um ato de resistência e foi uma tática do movimento. Então, obviamente que ela foi uma formula diferente, então ao ser diferente, porque nunca tinha ocorrido uma ocupação feita por professores, Já tinha tido ocupação de fábrica, de terreno, ocupação de fazendas né. No caso dos professores era uma novidade. Então nesse aspecto, ela também chamou a atenção positivamente para o movimento. Mas ela não foi uma atitude desesperada, digamos ela foi parte de uma tática pensada de como o que seria correto fazer naquela situação. (PUERRO, 2018, p. LXXV)

Esse ato político e social não estava claro para todos os envolvidos no processo. Ao lermos e relermos nossas entrevistas podemos chegar a conclusão que a ocupação da Alesp foi sim um ato de resistência e uma tática de luta. Porém, não era uma consonância dentro do sindicato. Nem todos queriam a ocupação, nem todos sabiam da ocupação, sem falar ainda que muitos dos professores da base não tinham essa informação.

Com o relato da professora Maria Heloisa Aguiar Silva, que representa na nossa pesquisa o professor de base, já que ela no período era uma professora recém-formada em início de carreira e estava sempre engajada politicamente nas ações coletivas do sindicato, mas não fazia parte nem da diretoria, muito menos dos grupos de oposição que atuavam no interior das instâncias do sindicato, pode-se ter um pequeno recorte de como esse processo de ocupação se deu para parte do professorado e até mesmo como os membros da diretoria do sindicato também foram pegos de surpresa:

No dia da ocupação a gente estava lá na frente, eu não sei se era ata ou assembleia e dentro da Assembleia, estava tendo uma votação, não lembro do que, pois eu estava ligada na greve. Mas o Erasmo Dias que comandou a invasão da PUC ele ia falar. Ele era deputado, então ele ia falar, e eu sempre estive muito próxima do pessoal da PUC, porque a gente tinha um grupinho fechado ali do pessoal da PUC que fazia história, sociais, filosofia e tal. E a gente tinha combinado que naquele dia... Vamos entrar na sessão plenária para fazer um protesto contra as Erasmo Dias, isso é uma marca na PUC, até hoje. Todo mundo que é da PUC que é de esquerda tem a invasão da PUC como uma coisa forte ali na nossa história. A PUC foi invadida em (19)77, professores presos, alunos presos também. Tinha muitos espiões, pessoas que entravam como se fossem alunos e eram espiões e quem determinou a invasão foi o Erasmo Dias. E que comandou foi o (...). Esqueci o nome dele, que depois virou deputado... O Tuma que era o chefe da polícia. Ele era persona não grata, então não podia entrar na PUC. Polícia não podia entrar na PUC, depois da invasão. Tanto que a maconha corria solta pelos corredores da PUC no período que eu estudei na década de (19)90, porque tinha essa coisa. É um trauma, e é um marco na história. A invasão da PUC. Aí onde estava o Erasmo Dias, não tinha ainda essa política do escracho que hoje é uma coisa mais comum. Mas a gente tinha combinado de entrar e (...) na invasão eu já estava lá dentro. Por que a gente estava na plenária. E aí é aquela coisa, todo mundo começou a falar, todo mundo ficou de costas, vaiando e tentando impedir a fala dele, tinha vários estudantes da PUC que estavam lá.

E eu lembro que o Severino entrou correndo, e ele entrou passando mal por causa de bomba de gás, meio que histérico, gritando. Ele participou da invasão, só que ele correu e subiu para a plenária. Ele contou para a gente que estava acontecendo a invasão. A gente sai da plenária. E quando a gente sai, a gente vê que tem (...) tem uma foto que você deve ter visto, muito linda assim, que todos os andares estavam meio que ocupados. Então eu não vi, a invasão, depois você vê em jornal. Em vídeo tudo um momento que os vidros quebram, a porta abre e as pessoas entram. E entrou meio que (...) não tem como você voltar para trás, você tem que ir para frente e invade né. Então eu vi, eu tive uma visão privilegiada. Eu não invadi, eu já estava lá dentro por conta dessa questão. E depois as coisas foram meio que se organizando, as pessoas foram saindo, muitas pessoas foram saindo e alguns ficaram, eu não tenho muita ideia de quantidade, de quantos que nós éramos, me pareceu que nós éramos muitos. Não sei se você vai perguntar alguma coisa depois, mas eu já vou contemplar aqui daquele fato, daquela experiência minha naquele momento.

Eu fiquei, nós fomos ficando até anoitecer, mas algumas pessoas precisaram sair ninguém estava preparado para ficar lá dentro. Nem sabia que ia invadir. Não foi um ato organizado, assim vamos nos preparar para invadir. Mas era uma

> possibilidade, tonto que muitas pessoas já estavam lá dentro e muitas pessoas tiveram que sair, tina filhos ela teve que sair pra ver e depois voltar. Eu tive que sair para falar com os meus pais que eu ia ficar fora de casa um período e tal, então eu me lembro disso assim, daquele dia, daquela loucura de ver do lado de dentro já. Mas eu não vi a invasão em si. Aí a gente esperou anoitecer e aí algumas pessoas foram saindo aos poucos durante toda noite e madrugada. Aí eu fui em casa, mas foi o tempo de pegar roupas, eu fui pra casa, peguei, conversei com meus pais com a minha irmã, arrumei as coisas e voltei outro dia cinco, seis horas da manhã. Aí já estava cercado, já estava (...). Tudo isso para que ninguém mais entrasse, só que as pessoas continuaram entrando, e a gente entrava pela janela do banheiro. Então, sempre tinha alguém no banheiro masculino, era um banheiro que ficava num canto e alguns criavam determinadas situações de chamar a atenção... Então, não era um cerco muito organizado, no segundo dia. Então, precisávamos saber se aquele povo tinha força para permanecer lá dentro, tanto tempo... Eu lembro que simularão uma gritaria lá no canto e algumas pessoas correram e pularam a janela e entraram. É uma coisa bem assim, uma janela meio alta, eu pequenininha, alguém veio de trás te apoia com o pé e te joga para dentro e quem está lá dentro te puxa, você sai com a barriga ralada assim no vidro, então várias pessoas entraram de volta, entraram pela janela, eu sei que os três dias seguintes pelo menos (...). E aí já estava claro que a gente ia permanecer lá dentro. Então eu não invadi, eu já estava lá dentro, sai e aí eu invadi sozinha no segundo dia (risos) pela janela. (AGUIAR, 2018, p. CXXVII)

Verificamos que esse movimento de ocupação foi um ato de resistência, mas não se constituiu apenas nisso!

Foi possível aferir as contradições, pontos de vistas diferentes e disputas no interior das instâncias deliberativas do sindicato e que muitas vezes tramitam no âmbito da diretoria e dos grupos de poder que disputam posições e que decisões como essa, da ocupação, muitas vezes, por razões de ordem política ou de estratégias de ação das lideranças, não chegam ao professorado da base.



Figura 8: assembleia dos profesores que culminou na ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

Refeito esse caminho, nosso proposito ainda não está cumprido. Apontamos como se deu a ocupação e conseguimos identificar que foi uma ação política de resistência. Agora vamos dar luz as outras questões que nos parecem pertinentes, nesse episódio da história da educação brasileira.

Com o espaço ocupado, a ordem do dia estava quebrada. A rotina não poderia mais ser a mesma do dia anterior, e tanto para a casa legislativa, quando para centenas de professores que ali estavam, esse momento era uma nova experiência.

Com as entrevistas foi possível constatar como se dava a organização do espaço ocupado e a rotina dos professores que ali permaneceram com seus corpos que ali não pertenciam!

Certificar ou, mesmo, conhecer o pensamento dos professores que faziam parte, muitas vezes, de uma ação pioneira daquelas, foi possível com a entrevista da professora Maria Heloisa Aguiar Silva.

Como ela, tantos outros, professores da base não pensavam em participar de tal ato social e político naquele dia, evidentemente, pelo seu caráter mássico e espontâneo, nem todos os professores que haveriam de ocupar a casa do legislativo paulista eram engajados politicamente.

Muitos docentes estavam participando da greve, principalmente, preocupados com questões salariais, o que não deixa de ser uma tática de mobilização do sindicato para atrair as massas (Felício, 2017), mas foram envolvidos nesse ato, se envolveram e se engajaram, permanecendo no local em apoio à resistência e para impedir o fim da greve.

Todos esses dados foram surgindo à medida que a empiria da pesquisa avançava e foi possível constatar que nossa hipótese inicial estava correta, a relevância desse estudo se destaca como registro histórico desse ato político que julgamos importante, mas não é só isso!

Conseguimos constatar que há antagonismos e contradições dentro do sindicato e que os professores da base da categoria, pelo seu envolvimento com as incontáveis tarefas da vida docente, são alheios a esses embates políticos.

Essas contradições nos permitem compreender, como um movimento de professores com essa proporção que paralisou uma importante instituição pública por nove dias caiu no esquecimento. Já que nada foi escrito sobre isso, a memória não foi preservada. E o que foi guardado, foi de forma fragmentada como se fosse qualquer outro ato cotidiano. Essa é mais uma de nossas inquietações!

Ao averiguar que houve um esquecimento e, ou, o silenciamento sobre esse momento, é possível traçar uma linha de raciocínio que permite compreender que esse fato está intrinsicamente ligado às contradições existentes dentro do sindicato e até mesmo nos meandros desse ato político.

Para nos ajudar a entender esses dias de ocupação e compreender como se deu a organização dentro desse espaço e como atuaram nossos personagens durante esses dias e o que foi mais importante nesse processo para cada um deles, evocamos mais uma vez nossas fontes orais.

3.3 Ocupação: organização e cotidiano de nove dias nada normais

A rotina quebrada, com um ato de resistência que, até então, não fazia parte das táticas de lutas tradicionais dos professores, a ocupação do espaço público, instantaneamente, congregou centenas de educadores que se dispuseram a ocupar a Alesp, transformando aquele recinto público numa

assembleia permanente da categoria, conforme os registros fotográficos, abaixo reproduzidos, muito bem ilustram.



Figura 9: assembleia dos profesores logo depois da cupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).



Figura 10: assembleia dos profesores logo depois da cupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

Rapidamente houve uma organização do espaço e das tarefas de cada um, fazendo com que coletivamente essas ações fossem decididas e encaminhadas. Muitos professores da base não sabiam como se organizar

nesse momento, mas a ação dos professores mais engajados nessas lutas e que haviam trabalhado em fábricas, local no qual essa modalidade de ação era mais comum, trouxeram para a Alesp suas experiências que, de forma assertiva acabaram contribuindo com aquela ação.

> Voltemos a (19)93, então lá dentro da Assembleia foi meio que espontâneo, não foi tudo inventado pela direção, então alguém propunha um negócio, nós achamos legal e então vamos fazer. Então, tinha uns grupos práticos de infraestrutura, para cuidar, porque os caras não expulsaram a gente de imediato. Ficamos nove dias lá dentro, então eles cortaram a água, aí suspenderam os trabalhos da casa, não tinha sessão, não tinha como, mas suspenderam a água, suspenderam a luz, desligaram os aparelhos de ar condicionado e o prédio lá, que é preparado para ter só ar condicionado sem janelas abertas para o exterior, o calor é maior que uma casa que é preparada para não ter ar condicionado também. Para tentar quebrar o animo das pessoas, fragilizar psicologicamente as pessoas. Então tinha grupo para organizar a parte de infraestrutura, e grupo de cultura que desenvolviam atividades de teatro, atividades musicais, teve dia que a gente conseguiu convencer a casa de familiares poderem entrar dentro da Assembleia, assistir uma atividade cultural depois ir embora. (FELÍCIO, 2017, p. XII)

Os professores foram estabelecendo uma organização de convivência com divisão de tarefas e atividades para que fosse possível a convivência naquele espaço o maior tempo possível.

Para compreender melhor um pouco dos meandros desse processo temos o depoimento do professor Mauro Puerro sobre a sua participação efetiva naquela ação:

> [...] eu tinha uma pequena experiência de ocupação, porque eu tinha sido vice-presidente da CUT em São Paulo, então eu já tinha participado de ocupação de fábrica, ajudado a organizar a ocupação de terreno, digamos era uma pequena experiência. Não dava para me comportar como um professor, como qualquer professor que estaria interessado naquilo em primeiro lugar, em segundo como dirigente, parte da direção daquele processo e terceiro, era um dos, não era o único, mas era um dos tinha uma pequena experiência em processo de ocupação, não na Assembleia Legislativa, mas que tinha uma certa experiência sindical. Isso por um lado. E ali é um momento em que o trabalho coletivo é muito grande, então de fato, se você não organiza, não trabalha em equipe, se você não está preocupado em fazer funcionar uma equipe, fazer funcionar coletivamente, democraticamente, porque haviam opiniões

> diferentes ali, então você tinha que fazer aquilo tudo funcionar. Pra isso sempre estar atento a funcionar todas as comissões, as plenárias com a participação de todo mundo. (PUERRO, 2018, p. LXXVI)

O dia a dia dentro da Alesp era organizado para que cada um que estivesse ali contribuísse com a organização dos espaços. Precisava-se de pessoas que cuidassem da segurança, da alimentação, da higiene, como é o caso da limpeza dos banheiros voltados para o uso comum, organizações das reuniões, das assembleias, pois, tudo era votado e decidido conjuntamente ali, e da parte cultural que era essencial para manter o animo dos professores que estavam confinados no espaço.

> A rotina digamos que o tempo passou muito rápido, tinha muito o que fazer, então passou (...). Eu nem percebi os nove dias digamos assim, então passou muito rápido. Nesse aspecto, como eu disse foi gratificante, eu teria repetido. (PUERRO, 2018, p. LXXVII)



Figura 11: Dentro da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, professores dormindo dia 22/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

A vida dos professores dentro da Alesp não era fácil, era uma gama de incertezas, medos e temores que faziam parte do cenário, afinal, a acupação apesar de justa, e pela manutenção da greve e para forçar uma negociação

junto ao governo do estado pela reivindicações dos professores, não estava dentro da legalidade da lei.

Para recompor alguns instantes a mais da história dos professores paulista, voltamos à nos valer de alguns excertos das memórias da professora Maria Heloisa Aguiar Silva:

> Eu não lembro quantos dias nós ficamos lá, eu não lembro mesmo. Para mim parecia uma eternidade. A gente dormia pelos corredores, mas depois começou a entrar colchonetes, as pessoas iam levar roupas, shampoo, escova de dentes. A gente ficava pelos corredores mesmo e gabinetes que estavam abertos, a gente ficava neles. Era uma Assembleia, não tinha muito onde ficar e o que fazer. O Erasmo Dias ele entrou porque ele era coronel, imagina ele deve ter entrado armado. Eu lembro assim de estar no corredor, ninguém hostilizou ele, até com medo dele dar um tiro. Mas ele entrou pelo corredor, e foi, foi até o gabinete dele. Assim, eu sou macho quero ver quem vai me impedir. Dentro de uma Assembleia que estava invadida, invadida não. Ocupada por professores. Então, juro eu não lembro se forma quinze dias, dez (...). Pra mim foi uma eternidade. É uma sensação de que o tempo se arrastou lá dentro. Não dá para comparar, obviamente, mas é uma ideia de cárcere de você estar preso. Você está preso, porque eu entrei no outro dia, mas eu não podia mais sair, porque se eu saísse eu não entraria mais. Então tinha uma sensação de cárcere sabe, de você estar presa, então você perde um pouco a noção de tempo. E muitas coisas aconteceram, nesse curto espaço de tempo. Hoje eu acho curto espaço de tempo. (AGUIAR, 2018, p. CXXVIII).

Para superar o medo e a insegurança da situação os professores se organizavam em tarefas que ajudavam na “vida” coletiva dentro da Alesp, mas também a distrair dentro do confinamento voluntário que se tornaram aqueles dias.

Nesse sentido, a professora Heloisa nos ajuda, com suas lembranças daqueles momentos, a compreender melhor como foram significativos os instantes de sua presença no interior daquela marcante experiência política e social:

> A gente fazia, tinha lá os grupos que puxavam o teatro, que puxavam música. Reuniões o tempo todo, as tendências lá representadas faziam reuniões o tempo todo. Avaliavam o que estava acontecendo, mas tinha essa coisa da limpeza de

> cuidar da limpeza, de alguns grupos... Porque a gente ia recebendo das pessoas, tinha gente que mandava o baralho, mandavam coisas (...). O pessoal jogava, a gente tentava fazer tipo, cada um na sua área, as vezes puxar um debate, a gente tentava ocupar o tempo mesmo, então criava-se atividades. (AGUIAR, 2018, p. CXXX).

O professor Roberto Felício nos trás mais algumas feições do interior da ocupação da Alesp que nos ajudam a recompor, mesmo que, parcialmente, aqueles dias:

> E houve também um processo de renovação, tinha gente que saía, tinha gente que vinha, aí tinha visita de familiares, fim de semana teve romaria das famílias dos professores, principalmente das professoras que muitas vezes eram mães e tal, a ocupação era nesse sentido bastante eclética, ela tinha... Ela não era uma coisa só daquela vanguarda mais politizada e dos que não tinham família, digamos assim, não (...). A ocupação era constituída de pessoas comuns né. Mesmo os da chamada vanguarda eram casados, muitas vezes com filhos também, então, tinha esse negócio de vir a família, crianças fazer visitas pra mães e com aqueles componentes emocionais todos de choradeira, de emoção. Durante a ocupação inclusive nós fizemos muitas atividades, que tanto serviam para engrossar, pra animar as pessoas né, como provocavam uma certa comoção para fora, digamos. (FELÍCIO, 2017, p. VII).

A ocupação da Alesp trouxe muitos elementos interessantes, além dos aspectos políticos da luta, houve uma particularidade, registrada de forma marcante nas entrevistas, que foi a solidariedade ativa da população que se tornou possível como um dos principais desdobramentos da ação coletiva que culminou com a ocupação da Alesp.

Em condições normais a greve dos professores, e como a de 1993, não foi diferente, aparece retratada como a vilã na história da degradação do ensino público paulista, já que a imprensa[6] fazia uma cobertura enfatizando a falta de aulas dos alunos e dos seus prejuízos para as suas famílias, mas, isso, evidentemente sem apresentar, muito menos discutir, a justeza das reivindicações dos professores.

[6]Conferir, nos anexos, a reprodução do jornal Folha de S. Paulo com a cobertura da greve dos professores.

Nas páginas da chamada grande imprensa, dava-se muita ênfase para a falta de aulas, no “fechamento” das escolas, aos alunos que não conseguiriam concluir o “ensino médio”, mas, propositalmente, não se discutiam e nem mesmo apresentavam quais eram as condições didáticas e pedagógicas aos frequentadores do ensino público, das condições físicas e estruturais da escola e do trabalho para o professor.

Com a ocupação da Alesp houve um processo de solidariedade em torno dos professores, como também em muitos círculos sociais a greve começou a ser discutida não só de forma pejorativa, mas, alguns estratos da população se solidarizaram ativamente com aquelas centenas de professores que havia ocupando o espaço público com o intuito de se fazerem ouvidos pelo governo e pelo poder legislativo em defesa da escola pública paulista.

3.4 Abraço coletivo: a solidariedade despertada pela ocupação da Alesp



Figura 12: Abraço coletivo em volta da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, dia 24/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

Esse inusitado apoio despertado na população, que recolhia alimentos, fundos e comparecia, diuturnamente, nas imediações da Alesp para prestar sua solidariedade aos professores, com tamanha magnitude, não era esperado

pelas lideranças do movimento, de sorte que aparece relatado em todas as entrevistas que subsidiaram esse estudo.

Esse elemento foi fundamental para que a ocupação durasse os 9 dias sem que as forças policialescas do Estado adentrassem nas dependências da Alesp para retirar, com o uso da força, os professores que ocupavam aquele recinto. Por um significativo lapso de tempo, os professores e a comunidade que estavam lado a lado, dentro e fora da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, mas, irmanados nos mesmos propósitos de defender a escola pública, contribuindo para que o movimento tivesse a força que alcançou.

Essa solidariedade com os professores que estavam na ocupação não se manifestava apenas nas vigílias, que eram realizadas pelos populares e pelos professores que se revezavam nas partes externas e nos arredores da Alesp, procurando proporcionar uma sensação de segurança e apoio moral para os que desempenhavam e protagonizavam aquela ação; mas, também, procuravam formas de contribuírem com o bom desempenho do movimento.

Alguns professores, por exemplo, substituíam os seus colegas que lecionavam nas redes públicas municipais e privadas, recolhiam junto à população e traziam comida e produtos de higiene pessoal, os vizinhos da Alesp doavam água que eram passadas em garrafas pets, em uma fila indiana para dentro da Assembleia que estava com a água e luz cortada.

Foram vários relatos dessas microscópicas, mas, deveras importantes, formas de solidariedade proporcionadas por aquele movimento. Trazemos, a seguir, algumas dessas narrativas:

> Mas a gente ficava muito olhando o que estava acontecendo do lado de fora. Eu não sei quantas pessoas estavam lá. A gente ficava muito observando que o que estava do lado de fora, porque a impressão que eu tinha que o número de pessoas do lado de fora era maior do que o do lado de dentro. Então assim como nós permanecemos ocupando, algumas pessoas permaneceram cotidianamente ali do lado de fora. Então isso era uma coisa importante pra gente. Sabe olhar a madrugada inteira as pessoas estavam lá do lado de fora. Vindo gente. O dia que eu olhei e tinham alunos meus do lado de fora e professores do meu colégio, aquilo era fantástico! Eu nossa, continuo aqui um mês. O pessoal da PUC mesmo, os meninos vinham, só pra você ter uma ideia, veio um grupo de

> alunos representando a PUC. O pessoal das humanas principalmente, eles trouxeram algumas coisas para a gente e perguntaram o que a gente estava precisando. Eles mesmo negociaram com os professores para não colocar falta pra gente pra dar os trabalhos pra gente depois, tanto que a gente não foi reprovado no semestre. Porque não foram só esses nove dias, foi todo o processo da greve, eles negociaram com os professores lá. Essa relação foi muito importante pra gente sabe. E acontecia isso da gente criar grupos de diferentes regiões pra conhecer criar dinâmicas para que as pessoas pudessem se conhecer, mas o que mais aconteciam eram atividades como o teatro, música, jogos e reuniões. E teve muitas paquera e namoro, dever ter saído muitos casamentos lá de dentro (risos) esse seria um outro processo da pesquisa, mas com certeza (risos). Porque as pessoas acabam meio (...). É aquela coisa meio BBB. Pouco tempo, mas intenso. E são amigos que você leva. Aquelas pessoas que estavam lá, criou-se um vinculo. (AGUIAR, 2018, p. CXXX).

Esse clima de solidariedade era contagiante e dava ânimo para continuar na luta como nossos entrevistados relataram algumas vezes, cada um, lembrou-se de algum momento em particular, aquele que mais lhe marcou, mas todos enfocaram esse apoio que tiveram dos outros professores e da população e que esse ato foi de extrema importância para eles.

> Houve dois episódios, um é esse que eu te falei. Ao longo do tempo dos dias de como a força do movimento era tal, dentro e fora, inclusive o comportamento dos professores muito organizados como isso atingiu digamos a força policial, que teoricamente, era uma força de repressão e eles começaram a se integrar, digamos quase, a foto emblemática é essa que eu te falei, se você conseguisse para ilustrar, que era uma foto que saiu na Folha de S. Paulo. Ali depois quando já tinha uns quatro dias de ocupação, o pessoal jogando um xadrez para ocupar o tempo e o policial ali, a Folha inclusive fez a foto para dar esse alerta, inclusive para o próprio governo. E o outro era o seguinte, como a gente controlava do segundo andar até o térreo, e eles tinham desligado a água pra forçar a gente a sair, mas nós conseguimos manter esse movimento né, esse movimento de solidariedade da população que abria as suas casas ali em volta, os bares, o pessoal da categoria que tinha milhares que passavam com aquelas garrafas pets, iam passando em filas né, indianas e ali são longe as casas para poder coletar a água, e mandavam água para dentro. Então a gente do segundo andar até o térreo era limpíssimo porque funcionavam as comissões de limpeza. Do terceiro para cima não tinha água que era onde estava à maioria dos gabinetes dos deputados, então estava uma sujeira infernal. Então começou a ocorrer que os próprios policiais que estava lá em cima e funcionários de gabinete começaram a pedir se eles podiam usar os banheiros da onde a gente controlava, porque lá estava impossível, a quantidade de (...). Bom de dejetos,

> digamos que tinha nos banheiros porque estava sem água, eles tinham cortado a água. Então isso era uma forma de você enxergar como era organizado e ao mesmo tempo a força que tinha o movimento. Então eram duas situações assim que eu me lembro. Aí as pessoas que vinha pedir, inclusive nos liberamos, para usar os banheiros da área que a gente controlava. (PUERRO, 2018, p. LXXVIII)

Essa união e apoio era um dos pontos fortes da ocupação, tanto é que para o professor Mauro Puerro, atingiu até os policiais que estava ali para repreende-los, mas que acabou criando vínculos com os professores, depois de 9 dias de convivência diária.

> Eu acho que o que tem que ser levado em consideração é a ideia da solidariedade de quem estava do lado de fora. A água, as pessoas, tinha um corredor de água, as pessoas iam pegando água e levando para a gente. A gente olhava para quem estava do lado de fora e isso fortalecia. As pessoas iam lá, família, professores, colegas de outras instituições, representantes de sindicatos, alunos, as pessoas iam lá prestar solidariedade, então um movimento que consegue gerar isso na sociedade por si só, ele é vitorioso, isso é fundamental. (AGUIAR, 2018, p. CXXXIX)

Para a professora Maria Heloisa Aguiar esse momento foi importante na luta dos professores, para revigorar a greve e colocar em pauta as reivindicações dos professores que além de questões salarias, reivindicavam melhores condições de trabalho e uma educação de qualidade. E isso só seria possível se fosse através da luta. Luta que teve sua ápice na ocupação da Assembleia Legislativa que ajudou a dar visibilidade para essa situação.

A solidarierade nós chamou a atenção no levantamento dos dados por ter sido citado de uma forma ou, de outra, por todos os entrevistados, que enfatizaram esse momento, como algo importante e marcante para a história da ocupação da Alesp.

Vejamos agora as memórias do professor Roberto Felício em relação a essa solidariedade e comoção em torno da ocupação:

> Teve uma característica dessa greve da ocupação da Assembleia que foi uma cobertura muito simpática por parte da imprensa. Por fatores que a gente sabe como a imprensa

> brasileira é, ainda mais nessa conjuntura, de como eles agem com os interesses que estão por traz. Como o Fleury não contava com muita simpatia de setores da grande imprensa do Brasil, e depois repercutiu como eu disse internacionalmente, a cobertura na impressa era muito simpática. E mesmo o jornal que já era propriedade do Quércia, já tinha um certo descontentamento com o Fleury, pois foi ele que colocou o Fleury lá, foi ele quem patrocinou a candidatura a governador, foi o Quércia, naqueles episódios de sequestrar boi no pasto, na época do congelamento do Sarney desse processo todo. (FELÍCIO, 2017, p. VIII)

Felício atribui a solidariedade construída com a ocupação da Alesp a uma cobertura "simpática" da imprensa em relação ao episódio. O jornal Folha de S. Paulo, que conta em nossos anexos todas as matérias sobre a greve de 1993 e a ocupação da Alesp em decorrência dessa greve não teve uma cobertura "simpática" sobre o fato, muitas reportagens mencionavam o prejuízo dos alunos sem aula. Entretanto, Felício se refere em sua entrevista ao jornal Diário Popular.[7]

3.5 Greve de 1993 e ocupação da Alesp: silenciamento, esquecimento ou um episódio insignificante?

Essa pesquisa teve como ponto de partida um questionamento que nos intrigava, porque um momento que nos parecia tão importante da história dos professores de São Paulo, que foi uma greve longa, dura, com a especificidade de uma ocupação, algo que não era tão comum na Educação, mas uma prática dos trabalhadores das fábricas, não havia se destacado na história da Apeoesp.

Uma entidade que representa a rede pública paulista e é um dos sindicatos mais importantes do país. Nesse campo do sindicalismo docente, que está a margens nas pesquisas educacionais, essa entidade tem destaque.

[7]O Jornal Diário Popular, que faliu e não conseguimos recuperar seu acervo do período da greve. Tendo sido feito a busca no Arquivo Público de São Paulo, na Biblioteca Mario de Andrade, na Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes e até mesmo contato com o Estadão que comprou o jornal Diário Popular e o transformou em Diário de São Paulo que também não está mais em circulação. Apesar de todos esses esforços não nos foi possível recuperar esse acervo para verificar o tipo de cobertura que esse jornal fez do episódio.

Existem muitos estudos sobre a Apeoesp e suas ações sindicais, sendo assim, qual a razão desse episódio ainda não ter sido estudado era um dos pontos que nos despertava a atenção.

Com essa inquietação inicial fomos a coleta dos dados, no site da entidade, as informações sobre a greve de 1993 é uma breve descrição[8] que se resume em oito linhas nas quais a ocupação não é citada.

Certamente, um dos fatores que contribuíram para esse esquecimento, foi o fato, dessa história não estar nos registros oficiais do sindicato. Por tanto, foi silenciada como apontam nossas entrevistas.

Diante desses dados podemos afirmar que não houve a preocupação por parte do sindicato em preservar essa memória de um episódio que se eles não julgaram importante, mas que é inegável que faz parte da história da entidade.

Para compreender um pouco esse cenário voltamos a evocar as memórias e posicionamentos das nossas fontes orais, que como dito anteriormente, tinham posições e lugares de fala diferentes naquele momento.

O professor Roberto Felício que era o presidente da Apeoesp no período da greve de 1993 nós ajuda a recompor o posicionamento da entidade em relação a greve e a ocupação da Alesp.

> Eu particularmente defendia que quem dava o estado, o comando da greve, que aí tem a ver, o porquê eu quis fazer a observação preliminar, a coisa mais importante que estava acontecendo era a greve, não era o acampamento. O acampamento é uma ação dentro do processo da greve, subordinado a decisão da maioria da assembleia, porque quem decide pelos professores na Apeoesp é a assembleia. Não é o meu grupo político que decide o que será feito. Eu posso decidir que eu deva ter uma opinião sobre um assunto, eu vou disputar na assembleia e quem ganhar, todo mundo tem que fazer aquilo. Porque tem que ter unidade e a unidade de ação.

[8] **1993** - Em maio, ocorre a maior eleição para a Diretoria da história da Apeoesp, com a participação de 69.245 professores.
Greve de 79 dias garante a aprovação pela Assembleia Legislativa na Lei Orçamentária de um artigo estabelecendo a aplicação de 30% do ICMS com o Ensino de 1º e 2º graus, sendo 23% para a folha de pagamento da Secretaria da Educação. A greve também faz com que o governo Fleury anuncie sua política salarial por seis meses e, no final deste período, determine correção salarial a cada quatro meses. (Informações retiradas do site da Apeoesp sobre a greve de 1993, reproduzida como está no endereço: http://www.apeoesp.org.br/o-sindicato/historia/).

> A unidade de ação significa nem sempre um ganha, mas o que ganhar obriga a ser seguido, até a próxima assembleia, na próxima assembleia eu pode tentar convencer de novo as pessoas que elas estavam erradas, na assembleia anterior, mas se eu perder de novo eu tenho que acatar novamente a decisão da maioria. Se você não tiver isso, você não tem unidade de ação, e classe trabalhadora precisa ter unidade de ação, ainda que a gente continue pensando diferente da maioria. (FELÍCIO, 2017, p. XIII)

Com esse depoimento podemos verificar que a diretoria do sindicato, aqui representada pela voz do Roberto, era contra a ocupação da Alesp. Identificando esse posicionamento e tentamos entender as razões para isso.

Encontramos em outro momento da entrevista uma explicação do professor sobre sua posição:

> Porque que tem diferença de interpretação sobre a ocupação? Tem gente que acha que valoriza tanto a ocupação que acha que durante a ocupação teve uma greve. Na minha opinião, é inversão de valores. Durante uma greve teve uma ocupação. Não é porque a greve foi de oitenta dias e a ocupação só de nove. E eu continuo insistindo no meu depoimento, a coisa mais importante em 93 foi a greve. A ocupação foi um fato que teve uma dimensão fantástica dentro de uma greve. O que foi mais decisivo para empurrar o governo inclusive a finalmente conceder um reajuste, na forma de gratificação, mas teve. A pauta foi parcialmente atendida, foi a greve, não foi a ocupação. Até porque a greve e a ocupação, eles mandaram a tropa de choque e num tem jeito né. (FELÍCIO, 2017, p. XX)

A forma de pensar da entidade é muito clara na entrevista do professor Roberto, eles acreditavam que a ocupação da Alesp não foi um episódio que precise ser considerado importante, e ao dar luz a ele, tiramos a ênfase da greve que para ele, sempre foi o mais importante.

Em outro momento da entrevista encontramos pistas para compreender o porquê a ocupação não mereceu tanta visibilidade por parte da direção sindical:

> Então a ocupação ela teve muito componente, alguém pode ter pensado, alguma corrente, nós vamos tirar proveito da situação, mas ninguém anunciou isso, ninguém reivindicou isso. Então ela teve um momento desse componente emocional mesmo, que a reação foi a seguinte, estão batendo

> tanto na gente que vamos nos vingar, e tanto é que teve um pouco de vandalismo, isso que a gente classifica, entre aspas, de vandalismo (...). (FELÍCIO, 2017, p. XXII)

Dentro dos sindicatos, como, aliás, em toda vida social, as vozes não são homogêneas, há o registro da presença de várias correntes de pensamento, de diversificados grupos políticos, sendo assim, se expressam tendências diferenciadas de pensamento e de como o processo da luta dos professores deve transcorrer.

Identificamos que a ocupação da Alesp foi um desses momentos de disputa e que, claramente, não era uma ação que a diretoria da Apeoesp acreditava ser válida naquele momento.

Em outro ponto da entrevista, inclusive, já descrito nesse estudo, foi mencionado que a ocupação da Alesp não foi discutida e, muito menos, planejada pela diretoria do sindicato e que essa foi pega de surpresa pela surpreendente ação dos professores.

Vamos, então, tentar entender por que será que isso aconteceu?

> Outra coisa que eu acho importante, é marcar sim que a diretoria foi acuada nesse processo, que ela só agiu por que ela foi acuada, ou seja, a base, não a base isoladamente, claro que tinham lideranças, mas a diretoria foi obrigada a conduzir um processo que ela discordava. E como eu já falei tenho o maior orgulho de ter participado, isso marcou e marca até hoje a minha atuação como professora e por onde eu passo, conto para todos os meus alunos e alguns ficam um pouco assustados e dizem, nossa você é tão quietinha e fez isso? Tem uma coisa de representatividade também nisso, você se reconhece, eles vem um professor aqui dentro da universidade que atuou e teve esse tipo de participação. Isso é uma coisa que precisa ser contado. (AGUIAR, 2018, p. CXL)

A professora Maria Heloisa Aguiar, ao defender a relevância que a ocupação da Alesp representou, traz a sua concepção da razão pela qual a diretoria da Apeoesp não deu a devida importância para esse momento. Para ela a diretoria estava em discordância da ação e precisou, ao ser pressionada pelo apoio popular e a repercussão midiática alcançada pelo episódio, precisou assumir uma ação que não era sua...

Mauro Puerro, em concordância com a professora, traz em seu depoimento alguns elementos também bastantes significativos para a compreensão mais detalhada daquela inusitada ação dos professores paulistas:

> Quando a greve é deflagrada, digamos, entramos já na relação com a vanguarda sindical, digamos. O que era a vanguarda sindical, seria a diretoria da Apeoesp e o conselho de representantes, digamos, pegando organicamente, obviamente foi uma rede, digamos de representantes de escola, bom essa era a estrutura da Apeoesp. Tinha os representantes de escola, os conselheiros eleitos, e a diretoria. Então, a assembleia de deflagração da greve, a diretoria, tinha uma posição, não estava a favor, tinha uma posição contrária. Tanto é que a assembleia chamada, os professores sempre vão fazer a assembleia de deflagração de greve, sempre fazem em espaços públicos, abertos, por que é muita gente. Eles chamaram a assembleia para a quadra dos bancários, que previam uma assembleia, eles não estavam com uma avaliação que haveria a greve. Previam uma assembleia pequena. A oposição, esse setores que eu relato é que eram. Mas eram dirigentes também, eram parte da vanguarda, tinha uma avaliação de que era pra deflagrar a greve. Tinha uma quantidade de pessoas, que era tanta, que foram obrigados a sair com a assembleia e fazer lá na rua. E ali, é deflagrada a greve na assembleia. A diretoria muda de posição. E é deflagrada a greve. (PUERRO, 2018, p. LXVIII)

Puerro relata que para o sindicato não haveria uma greve, que a leitura política deles era que não estava propício para a realização de um movimento grevista no momento. Mas se a Apeoesp não construiu, não organizou o movimento grevista. Apesar da entidade não ter construído a greve, esse processo se deu e de forma forte, e a greve chegou a ter quase cem por cento de adesão.

A professora Maria Heloisa Aguiar nos ajuda a compreender como a greve de 1993 foi construída:

> A greve acontecia ou não da capacidade de um lado ou de outro organizar, é claro que a oposição tinha mais dificuldade de organizar porque a diretoria tinha um aparato a mão. A diretoria tinha certeza que não ia acontecer porque eles não construíram para que acontecesse. A oposição construiu para que acontecesse, mas ela também não conseguia saber, a nossa força era muito menor que a deles. Então, o que eu vejo, de um lado a direção que ano estava construindo aquela greve.

> Quando a direção quer, ela mandava ônibus, consegue a ponte, paga tudo, ai vem todo mundo, vem a base para votar. Quando ela não quer, ela não manda, não constrói e tal. A oposição ela faz de tudo para construir, mas ela não tem o aparelho, por isso que eu acho que teve um caráter espontâneo também, tem um trabalho da oposição na construção, tem um trabalho de omissão da direção, e no meio disso tem uma base que emerge, que explode e que a gente não acreditou, e é isso, umas das cenas mais bonitas que eu já vi na minha vida, você desce do metrô e você não consegue andar mais, eu fiquei parada no metrô, na saída do metrô Sé, cheguei um pouquinho na esquina da rua do sindicato dos bancários, forçando a barra, desesperada porque eu tinha que me encontrar com meu namorado, mas eu não encontrei, encontrei no final. (AGUIAR, 2018, p. CXIX)

A greve de 1993 foi uma greve planejada e organizada pelos agrupamentos menores, inclusive, alguns que atuavam nas bases regionais da categoria no interior das sub-sedes sindicais e não pelas forças majoritárias e dirigentes do sindicato!

A diretoria não acreditava que aquele momento era favorável para uma ação de grandes proporções, daí que a greve foi arquitetada por grupos de oposição que atuavam nas instâncias deliberativas do sindicato e que tinham uma posição favorável a deflagração do movimento paredista.

A greve de 1993 e, em seguida a ocupação da Alesp, foi uma ação planejada, não pela diretoria, mas pelos grupos que lhe faziam oposição e atuavam nas diferentes instâncias sindicais, como é o caso dos Representantes de Escolas (REs) dos membros do Conselho de Representantes (CR) da Apeoesp.

Os professores de base, aqueles que participavam das assembleias e não tinha acesso as reuniões mais fechadas e organizadas, poderiam mesmo acreditar numa greve espontânea, como nos foi relatado nas entrevistas, mas, para uma greve ter uma ampla e massiva participação do professorado, evidentemente, ela precisaria ser pacientemente construída, ou seja, não seria justamente aquele um episódio que haveria de ter surgido da noite para o dia.

> A gente vinha construindo pela base, mas sempre com aquele medo, se a diretoria não quer, não acontece. Foi a minha

> primeira experiência, mas pelo que eu vi das pessoas que tinham muita experiência, se a diretoria não quer, não acontece, mas a gente vai pra cima. E eu acho que tem uma força de uma categoria que estava sufocada mesmo. Então, explodiu. (AGUIAR, 2018, p. CXIX)



Figura 13: assembleia dos professores no dia da ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

A ocupação da Alesp, nas palavras da professora Maria Heloisa Aguiar foi importante, pois, acreditava que a direção do sindicato iria chamar o fim da greve sem ter conseguido avançar nas reivindicações, porém, com esse episódio, os dirigentes tiveram que recuar e apoiar a ação dos professores que haviam decidido prosseguir com o movimento.

> A greve ela vinha num processo de encerramento, ela começou, foi uma greve de quase cem por cento, uma coisa inusitada. Ela permaneceu com esse índice por muito tempo, depois caiu um pouco esse índice, mas ainda era um índice muito alto, o índice de adesão da greve era altíssimo. Mas ela vinha dando sinais de fim. E a ocupação, ela conseguiu chamar novamente atenção da população da greve, ela reforçou a disponibilidade de luta da categoria, ela forçou a diretoria a se posicionar ainda a favor da greve da sua continuidade, quem era a diretoria para chamar o fim da greve. Então assim, eu acho que a ocupação, usando um termo era meio que trucou governo, diretoria. Agora vocês que vão ter que fazer alguma coisa aí, por que do nosso lado aqui. Então foi isso, uma disposição de luta, que a gente não imaginava, forçou a

> diretoria a permanecer do lado da luta e da greve. O governo teve que negociar. Ele já estava numa fase de não querer negociar, e ele teve que negociar, ela deu uma sobrevida para a greve. Mas do que tudo isso, foi um aprendizado, uma formação, ninguém sai do mesmo jeito daquela experiência. Uma greve tão longa, com tanto enfrentamento, com tanta luta. Uma greve, um marco importantíssimo na história da educação brasileira, do funcionalismo público e acaba dando sinais para outras categorias da importância de lutar e de fazer uma luta mais combativa, com ações. Acho que isso é legal também, um formato muito engessado de greve e a ocupação ela mostrou... Tanto que depois dessa greve numa outra ocupação como esta, mais acampamentos e outras situações como essa. Ela apontou alguns caminhos, eu vejo dessa maneira. (AGUIAR, 2018, p. CXXXVI)

A greve de 1993 trouxe esses diferentes componentes das disputas que se faziam no interior das instâncias sindicais da Apeoesp, uma significativa e massiva participação da base da categoria que acreditou na greve e, ainda, a surpreendente participação e a solidariedade da população que apoiou ativamente a ocupação da Alesp.

Como, então, explicar o esquecimento desse importante episódio apenas depois de poucas décadas?

Na busca de um melhor entendimento de como se operou esse esquecimento ou a produção deliberada do silêncio sobre esses acontecimentos, voltamos a nos valer das entrevistas com o objetivo de verificar o que os professores nos têm a dizer sobre os elementos motivadores do presente questionamento.

Para o professor Roberto Felício a ocupação da Alesp e a greve de 1993 receberam a devida importância da categoria, não houve a produção de quaisquer esquecimentos, sendo essa, uma greve, entre tantas outras, que foram organizadas pela Apeoesp, ao longo de sua história.

O seu posicionamento foi enérgico diante dessa que considera uma falsa problemática:

Não, não. Eu vou discordar primeiramente do pressuposto. Eu acho que ela está bem marcada na história da Apeoesp, nos arquivos da Apeoesp. Reconhecimento das greves anteriores. O que eu acho que tem que leva com que o debate seja legítimo, corrigindo um pouco a formulação é o seguinte, ela vai ficando mais distante né. Porque nós de 93 para 2003, para 2017, são vinte e quatro anos. Nós estamos falando de vinte e quatro anos atrás né. Há vinte quatro anos atrás nesse período de outubro, nós estávamos vivendo a greve. Oitenta por cento provavelmente dos professores que estão na rede hoje não estavam na rede naquele período. Então é o seguinte, as pessoas também, uma coisa é elas aprenderem a história, outra coisa é elas terem vivenciado a história. Essas pessoas que estão aí, elas não vivenciaram aquele momento. Isso faz o seguinte, hoje eu diria que quase cem por cento, tirando aquela vanguarda mesmo mais velha daquela geração do qual eu faço parte, se lembra do Gumercindo? Presidente da Apeoesp na greve de 84. Nós os ex dirigentes, nós vamos caindo naturalmente no esquecimento, num certo sentido isso não. Eu cheguei a dizer, quando eu contestava esse negócio de alguém querer comparar a greve minha com a greve da Bebel, eu dizia exatamente que não teve greve minha e ao mesmo tempo que (...) Eu não cheguei a fazer uma afirmação, mas a melhor greve tomará que a melhor greve nossa é aquela que virá ainda. Eu gostaria de fazer a melhor greve da nossa vida, tomará que cada greve, cada momento seja melhor que o outro. No que é no sentido da gente ir superando. Agora tem coisas que (...). Eu acho que a história, aí (...). Aí é importante que o sindicato tenha. E até onde eu sei tem. Evidente que eu não estou lá todo dia fiscalizando, mas que a gente faça um esforço para preservar a história, desde a greve de 78, a greve de 79. O período que a Aiko foi presidente, a gente pode até usar o nome das pessoas como referência. Falar desse jeito não é um erro. O que a gente precisa tomar cuidado, é que a gente tem outros personagens que foram importantes para a construção do movimento junto com a Aiko que foi nossa presidente, com Gumercindo a mesma coisa, a greve do Gumercindo... Então dessa forma não vira pecado. Mas eu volto a dizer a história precisa ser preservada com seus personagens, mas, sobretudo com os eventos, com o contexto político que nós vivíamos na época, porque uma greve ela pode ser considerada mais ou menos vitoriosa do que a outra. Em que contexto aquela greve se deu, uma coisa era fazer greve (...) Que foi fazer a greve de 94 sob o governo do Montoro, já um governo eleito que é uma simbologia diferente, por mais que a gente possa reclamar do Montoro. Uma simbologia diferente do governador que foi o governador ainda no período da ditadura militar que um governador eleito pelo colégio militar, então, cada momento que levou a Constituição de (19)88, nós não conseguiríamos a Constituição de (19)88, entes de (19)88. Ela foi conquistada porque foi possível. Em (19)78 se alguém falasse de constituinte no Brasil era preso porque era uma insubordinação na época era coisa de comunista, continua sendo... Até hoje muita coisa é coisa de comunista, sempre que precisaram tirar do baú esse discurso,

> eles tiram não há dúvida disso. Agora de novo, os motivos que a Dilma caiu (...) Eu quero preservar os valores cristãos da família brasileira, é isso. (FELÍCIO, 2017, p. L)

Segundo o posicionamento de Felício esse esquecimento se deu por uma questão do distanciamento temporal, como já faz mais de vinte anos desse episódio é natural que haja um esquecimento, já que a categoria é dinâmica, se renova e fatos e acontecimentos como esses caem no ostracismo, ficando na memória somente de alguns ativistas sindicais e da vanguarda dos professores.

Mas para a professora Heloisa esse esquecimento se deu de forma consciente e proposital, é uma demonstração da relação de poder, na medida em que, nem a greve e nem a ocupação eram ações desejadas pela direção majoritária da Apeoesp, desta forma, não havia mesmo razão para que valorizassem e se preocupassem com a preservação da memória desse importante episódio desencadeado pelo professorado paulista.

No fragmento que selecionamos e segue abaixo reproduzido, a professora explica melhor a sua compreensão daqueles acontecimentos:

> Eu acho assim, é aquela ideia que a memória também tem uma relação de poder. O que é dado a esquecer e o que é lembrado. A diretoria ela só assumiu porque ela foi trucada. Ela não tinha saída, ela tinha que bancar. A diretoria não ia chamar aquela greve. Não organizou a assembleia que chamou a greve. Ela não contava que a categoria ia ter tanta disposição de luta e para permanecer tanto tempo em greve. Quase três meses em greve e de forma tão combativa e no final da greve, uma ocupação, com uma grandiosidade dessa. Ela foi obrigada a se manter do lado dessas pessoas. O que eu quero dizer assim, não houve uma organização desse memória porque barraram, deveria constar nos laudos do próprio sindicato, contar e contar e tal. Se depender da memória individual de cada um ela vai se perdendo, porque não tem uma memória organizada, existe uma memória subterrânea, ela tá aí, ela pode emergir, com o seu trabalho você vai contribui com isso. Mas você percebe, a própria organização dos dados e das informações. O sindicato tinha que ter copilado esses dados naquele momento, quantas pessoas invadiram? Tinha que ter em boletim. Não sei você pode procurar lá na Apeoesp se tem algum boletim informativo, mas deveria, deveria ter um boletim informativo daquele momento. Deveria ter uma copilação das notícias publicadas sobre a greve e sobre a ocupação. Talvez

> você encontre informações na grande imprensa, mas não encontra na imprensa sindical, nos boletins. Então isso mostra, uma preocupação em não registrar. Por que eles não bancaram aquilo. O que eles bancaram foi o que eles foram obrigados. E nos do outro lado individualmente, nós fomos lá em grupos que tem sua organização, mas não pra construir sua própria memória, você tem uma disposição para a luta. Quando eu sai de lá, eu lembro, eu estudava na PUC de manhã, eu comecei a repor aula. Eu te falo do feriado porque eu dei aula no feriado, repondo aula eu dava aula das três as sete nesse colégio, eu estudava na PUC de manhã, saia da PUC correndo, comia no ônibus, no período de reposição, chegava lá pra repôs aula da uma às três, aí dava aula norma das três as sete e ainda repunha aula das sete as oito e pouco. Aí eu te falo da solidariedade, funcionários que não tinham que ficar na escola, mas eles ficam pra garantir que a gente conseguisse repor as aulas. Então, eu tinha condições de repôs assim, nos intervalos, da uma às três de pois das sete e de final de semana, e nos feriados. Professores que já tinham reposto foram lá ajudar a gente com atividades culturais. Então, nós também não registramos, porque nós saímos de lá pra repor as aulas, imagina o desconto de quase três meses? Então tinha vaquinha do sindicato. Então ninguém registrou, ficou muito na memória individual de cada um. Mas eu ainda acho que o sindicato tinha uma responsabilidade de naquele momento registrar pelos menos os dados. Não registrou porque aquilo não era um fato importante para eles, considerados por eles. Eles podiam até capitalizar para eles, mas nem isso eles fizeram. Eu acho uma pena. Mas eu acredito que o seu trabalho tem uma contribuição fundamental. (AGUIAR, 2018, p. CXXXVII)

Essa compreensão de que se produziu um esquecimento proposital desse conturbado momento da história da educação brasileira é compartilhada pelo professor Mauro Puerro que acredita que essa narrativa não foi preservada, pois, os dirigentes sindicais não se preocuparam em dimensionar a sua real importância:

> Eu tenho uma interpretação, isso nunca me foi dito, então é uma interpretação política minha dos fatos. A política de ocupação naquele momento, ela não era uma política defendida pelo setor majoritário da direção da entidade e que não viam aquilo como uma tática correta, adequada, a melhor a ser utilizada pelo movimento. Então, acabaram fazendo, levados pelo movimento, acataram o que foi votado, não se pode critica-los por não ter acatados, encaminharam o que foi votado, como eu informei, mas isso não era digamos parte da sua, da concepção sindical que tinham e continuaram digamos nos setores que dirigem majoritariamente a Apeoesp hoje, tem uma oposição muito similar, mas isso digamos não é

> responsabilidade da direção atual, é parte da direção da época que deveria ter conservado a memória sobre isso, dado destaque. Por essas concepções políticas, tentaram esquecer, reduzir o peso. Por isso, é difícil encontrar matérias sobre isso, mesmo dentro da própria entidade, então tem a ver com uma certa concepção política. E acho que isso é uma questão, uma crítica séria que eu faço, a esse setor dirigente, não faço a crítica que eles tenham boicotado o movimento, pois eles acataram o que foi votado na assembleia pela maioria. Mas a crítica que não se pode apagar memórias, ou registros daquilo que ocorreu ali, por ter opiniões divergentes, diferentes. Eu acho que isso é um erro grave, que de fato é difícil conseguir acesso a algum registro. Isso foi um fato importante da história do movimento sindical da área da educação de São Paulo e que serviu de referência para outros estados, depois vários outros estados fizeram algo similar. (PUERRO, 2018, p. LXXX)

Esquecimento, silenciamento e a pouca relevância atribuída pelos seus artífices à ocupação da Alesp se constituíram nas três visões que se produziram desse episódio e que buscamos recuperar e apresentar nesses escritos.

Os três docentes ouvidos nos emprestaram suas recordações para que pudéssemos recompor uma parte desse momento da história dos professores e das ações sindicais, com suas consonâncias e contradições que nos ajudaram a evidenciar que a compreensão da realidade não é homogênea; ainda mais quando tratamos de estudar entidades sindicais democráticas com ampla participação de atores políticos com posicionamentos diversificados e propícios às disputas internas que muitas vezes não transparecem para a base da categoria.

3.6 Desocupação, despejo: repressão e medo!



Figura 14: Polícia Militar na vigilia da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela).

Os professores que ocupavam a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo há nove dias, em 29 de outubro de 1993, na calada da noite foram rispidamente coagidos e expulsos da Alesp, não houve resistência, afinal de contas, acostumados com o manuseio de livros, giz e lousas nada poderiam fazer contra as forças de repressão do Estado fortemente armada.

Os professores foram pegos de surpresa e questionaram se a diretoria sabia ou não que seria feito essa ação naquele dia (AGUIAR, 2018), alguns que dormiam foram acordados para uma reunião de emergência no recinto do plenário da casa legislativa e, a partir dali, seria mais fácil conduzi-los para fora da Alesp: a tropa de choque entrou pelo estacionamento, foi tomando conta de todo o prédio e quando, finalmente, foi percebida já estava com o controle das dependências e nada mais poderia ser feito. (PUERRO, 2018).

Para alguns interpretes daquele despejo forçado proporcionado pela tropa de choque da Polícia Militar (PM) ao desocupar a Alesp traria, ironicamente, um alívio, pois, os professores poderiam acabar com aquela difícil e constrangedora situação sem ter que sair por conta própria e aceitar a humilhação de uma derrota sem quaisquer ganhos econômicos e sociais, na medida em que no período da ocupação o governo permaneceu inabalado,

não abriu negociações com a categoria e muitos professores não aguentavam mais aquela inusitada situação. (FELÍCIO, 2017)

De fato, não sabemos com precisão se alguém tinha informações de que a desocupação se daria naquele dia e da forma como foi sendo efetivada, como acabou ficando registrado nas memórias daqueles que participaram dessa parte traumática da história da ocupação da Alesp.

> Eu inclusive, fui pego de surpresa porque para ver como foi (...) depois do nono dia, uma das escolas particulares que eu dava aula que era o cursinho, a outra eu mandava por fax, eles pediram que eu voltasse que se não eles teriam que me demitir. Então, eu sai aquela noite para dar aula, foi uma noite que eu saí pra dar aula. Tive que fazer uma negociação inclusive, não com a Tropa de Choque, mas com aquela outra polícia e com o Ivan Valente para eu sair e voltar. Eu fui para Osasco dar aula, voltei, quando eu voltei a Tropa de Choque já estava entrando, então nós não trabalhávamos com essa previsão e nem estávamos trabalhando, a não ser que tivesse algum setor, ou a diretoria tivesse discutindo entre eles, porque ali no que era a coordenação coletiva da ocupação não havia nenhum debate sobre. A gente avaliava durante o período, que o movimento já estava mais fraco, frágil. Tanto é que a discussão que foi feita na, sobre terminar a greve elas se deram depois da ocupação, porque mesmo depois da ocupação, a greve seguiu, porque ainda havia greve na categoria. Já não era, uma greve de quase 100% como no início, com a força que ela tinha na ocupação, mas ela continuou. Então, a política nossa era manter a ocupação e forçar, porque a gente estava tentando alternativas de negociação. E nós só iriamos desocupar depois que conseguíssemos isso, essa era a posição oficial. Agora se houve alguma negociação por parte de algum setor sozinho, fora da coordenação da ocupação, é possível, mas eu não tenho condições de te afirmar que houve. Na coordenação da ocupação não houve. Agora com a Tropa de Choque lá dentro, eles entraram pela garagem e não pela porta. Eles fizeram um esquema com a presidência da Assembleia e entraram pela garagem, eles foram, na verdade foram entrando aos poucos e a gente não percebeu estava a Tropa de Choque subindo, porque aí você tem os acessos da garagem. Aí a gente estava dormindo e não tinha condições nem de resistir, fisicamente, militarmente. Era uma resistência militar e nós não tínhamos nenhuma condição. Então acabamos sendo desocupados e foi isso. (PUERRO, 2018, p. LXXXIV)

O relato do professor Mauro Puerro dá a entender que a desocupação não trouxe em sua centralidade a violência física, mas, isso não implica em dizer que o uso da violência psicológica foi desprezado naquela ação!

Para a professora Heloisa a desocupação se produziu a partir de um acordo entre a diretoria e polícia, como uma espécie de atitude para evitar o confronto e a eclosão da violência pela chegada da PM que poderia a qualquer momento invadir o espaço:

> Foi de uma forma violenta não tem jeito. Mas foi feito um acordo sim. Alguns dias antes já vinha uma discussão de que olha não tem jeito eles vão invadir, eles vão invadir a qualquer momento eles vão invadir. Então precisa estar preparados, e as vezes tinha assim, ah eles vão invadir e a gente via resistir. Essa era discussão que tomou conta assim dos três dias que antecederam a desocupação. Esse era o debate, eles vão invadir, eles não vão deixar a gente aqui por muito tempo. E o que a gente vai fazer? Ah vamos resistir, então tinha um pessoal que a vamos pegar os extintores de incêndio, vamos montar brigadas, vamos ficar sentados juntos no chão, se quiserem tirar a gente, vai ter que tirar carregando no colo. Então, as pessoas ficavam discutindo isso. O que vamos fazer? Por que, que eles vão invadir é certo. E aí como que nós vamos nos posicionar? Só que não havia. As pessoas tinham medo, tinha todo tipo de gente ali dentro, a gente nunca tinha feito aquilo. Eu nunca tinha feito aquilo. Então tinha uma decisão coletiva, mas tinha um medo individual também lá no intimo, porque a gente não sabia mesmo o que poderia acontecer. A gente tinha medo, sempre teve de uma traição da diretoria. A gente não confiava na diretoria. Mas eles foram negociando isso. Que a gente vai ter que desocupar e vamos negociar essa desocupação. Olha que a ocupação o que ela podia conseguir ela já conseguiu que é visibilidade que é solidariedade e tal já conseguiu. Ficar aqui dentro agora é só um desgaste. Então tinha uma conversa de precisa desocupar, precisa negociar essa desocupação. Tanto é verdade que no memento da desocupação a gente foi reunido no auditório lá na plenária, todo mundo. A própria diretoria, o povo já foi conduzindo a gente pra ser (...) pra ir para um lugar, então não ficou o povo disperso e cada um saiu correndo. As pessoas foram sendo conduzidas para a plenária. (AGUIAR, 2018, p. CXXXIII)

Apesar de ter sido uma ação sem o confronto aberto com os policiais, a desocupação se deu de forma apavorante para as centenas de professores que estavam nas dependências da Alesp, afinal de contas, professores estão habituados com os afazeres de sua rotina de trabalho, mas, que não passa por enfrentar e compreender as lógicas de intimidação das forças repressoras do Estado, como nos descreveu a professora Heloisa:

> E aí nesse processo de sair a gente foi conduzidos por uma fila. Então ficava... não ficou a tropa dentro, ficou um policial filmando ou mais e conduzindo as pessoas para irem pegando suas coisas e saindo, filmando todo o processo e você vai saindo em fila indiana mesmo. Quando você chega assim na saída tem um corredor super apertado com a tropa de choque de um lado e do outro, e você é meio que exprimido pelos escudos e aí eu lembro que a gente estava saindo assim com suas amigos as pessoas, e quando você vai passar nesse corredor, é horrível! Uma imagem horrorosa! A tropa bate os pés no chão, bate no escudo, aquele som, é um som que é uma pressão psicológica mesmo para assustar. Eu lembro que a gente estava nesse corredor eu tomei um susto, tinha um amigo nosso mais velho e ele nesse corredor, ele meio que chutou a canela, é aquelas coisas assim sabe quando você está de madrugada, sei lá que horas. Ele chutou a canela lá do policial aí eu só sei que eles pressionaram com o escudo. Então a gente saiu meio que empurrados mesmo. No caminho, no caminho nem tanto, os policiais estavam filmando e ninguém estava resistindo. E não tinha com resistir porque ia ser uma carnificina. Era muito grande o corredor, então o momento mais tenso era esse corredor, e esse corredor e eles estavam meio que te empurrando mesmo. E assim que a gente saiu lá fora algumas pessoas correram para a avenida e tentaram parar a avenida, mas parou, eu não lembro que avenida que era aquela. Aí tentou parar um pouco ali, só que de madrugada, os carros vinham a milhão ali. Mas param um pouco uma pista ali. Era aquela ideia ali, de chamar a atenção da imprensa, que aquela ação tivesse alguma repercussão ainda. Então foi violenta sim. Mas ela teve essa (...) que eu me lembro foi isso, saiu todo mundo chorando e com medo mesmo, os caras de filmando, a tropa, essa é a imagem que eu tenho. A gente ficou um tempo lá fora e depois a gente foi. Eu não lembro se eu voltei pra cada, mas eu acho que no outro dia a gente foi pra algum outro lugar, todo mundo foi, tinha deputados, outras pessoas apoiadoras, mas eu não lembro que lugar era esse. Não sei se a gente foi para o sindicato, não sei... (AGUIAR, 2018, p. CXXXV)

Terminada a ocupação, com os professores sendo forçados a sair da Alesp, tínhamos de pronto a seguinte interrogação: os objetivos que haviam sido traçados com o uso daquela forma de luta haviam sido alcançados?

Não houve a marcação de qualquer encontro com os representantes do governo do Estado de São Paulo para o estabelecimento de negociações, que continuou se recusando a receber representantes dos professores para que fossem encaminhadas as reivindicações e os reclamos da categoria.

Mas outros, como a retomada do folego da greve que estava quase no fim, quando houve a ocupação, fazendo com que muitos professores que tinham voltado ao trabalho, não ficaram apáticos nessa situação e sentiram o seu ânimo e a esperança do atendimento de suas reivindicações revigoradas.

De grande importância, política e social, foi o fato da população paulista ter se manifestado e prestado solidariedade ativa a categoria dos professores, superando a concepção de greve, quase sempre tratada de forma pejorativa, mas, com o desenrolar da ocupação, passou a demonstrar, conforme registrado nas matérias dos jornais da época[9], em seus depoimentos e com a sua presença nos arredores da Alesp, o apoio aos professores.

3.7 Sobre a cobertura jornalística da greve

Nas origens da busca da fundamentação empírica e documental do presente estudo, fomos aos arquivos da grande imprensa, no caso, o jornal Folha de S. Paulo, fizemos um levantamento de todos os jornais desse período mencionado do movimento grevista e pudemos perceber que houve uma cobertura da ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, mas sem destaque para o episódio.

Objetivamente, pouco material impresso pôde ser encontrado desse momento histórico, mesmo na entidade representativa da categoria dos professores que vendiam sua força de trabalho na rede pública paulista por aqueles dias.

Está constatação se deu a partir dos seguintes passos.

No dia 22 de outubro o jornal Folha de S. Paulo trouxe, em suas páginas, um destaque sobre o episódio com a matéria intitulada “Professores ocupam a Assembleia”, no mesmo jornal também há um tópico sobre a vigília realizada pelos professores no local.

No dia seguinte, em uma nota o jornal se diz que professores não seriam expulsos do prédio. Passados cinco dias da ocupação o jornal Folha de S. Paulo trouxe a matéria “Professores teme ação da polícia na Assembleia” e

[9] Os jornais da Folha de S. Paulo podem ser verificados nos anexos desse estudo.

destacou, em uma fotografia, uma das ações de solidariedade da população ao movimento, que foi rememorada pelos professores que entrevistamos para subsidiar o constructo do presente estudo.

De fato, nos encontros realizados com alguns dos seus protagonistas, como foi o caso de Mauro Puerro, Maria Heloisa Aguiar Silva e Roberto Felício esse episódio de solidariedade dos professores e da comunidade que afluíram em defesa da ocupação que estavam do lado de fora da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, durante a ocupação, foi bastante lembrado.

O flagrante fotográfico registrou o momento em que se formou uma verdadeira corrente de pessoas que buscavam água na vizinhança e passavam as garrafas e outros utensílios utilizados para transportá-la, em uma fila indiana, para que as mesmas pudessem adentrar no espaço que estava sem o fornecimento de água perpetrado pelas autoridades governamentais.

Quando a paralisação dos professores completou 72 dias, o jornal trouxe em suas páginas, novamente, uma matéria falando que professores mantinham a greve e a ocupação, entretanto, mencionava que a adesão era baixa, nos dias seguintes, todas as coberturas realizadas traziam como destaque a perda da força do movimento dos professores.

Finalmente, no dia 30 de outubro de 1993, o jornal trouxe o seguinte destaque, dando fim à cobertura da ocupação da Alesp:

"PM cerca a Assembleia e professores deixam o local"

Houve, também, como já mencionamos a cobertura no Jornal da Apeoesp, em alguns veículos alternativos, como foi o caso do jornal da *Convergência Socialista*, editado pela tendência interna ao Partido dos Trabalhadores (PT), autodenominada Convergência Socialista ou, simplesmente, CS, sigla pela qual, aliás, esse agrupamento era mais conhecido pela militância política e sindical de esquerda.

Em vários meios de comunicação, conforme pudemos apurar, houve a cobertura da greve, entretanto, com pouco destaque para a ocupação da Alesp.

3.8 O que os registros fotográficos podem nos dizer sobre a ocupação da Alesp?



Figura 15: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, corrente humana para fornecer água aos ocupantes da Alesp, dia 26/10/1993 (Folha de S.Paulo)

Iniciamos essa seção com a reprodução de uma fotografia, publicada no jornal Folha de S. Paulo, no dia 26 de outubro de 1993, porque ela nos parece ilustrar de maneira bastante significativa a importância social da ocupação da Alesp pelos professores da rede pública estadual naquele momento da história do país.

Isolados pelo aparato policial e com enormes dificuldades a acesso a alimentação, remédios e até mesmo de insumos de primeira necessidade, por conta da determinação das autoridades para que até mesmo o abastecimento de água fosse interrompido. Porém, naquele preciso instante, repentinamente, se fez realizar esse gesto de solidariedade captado pelas lentes da fotografia encimada por nós.

A formação dessa impressionante corrente humana permitiu que o abastecimento mesmo que, de forma improvisada, de água aos professores que ocupavam o prédio público fosse realizado, desde muito longe, das casas e estabelecimentos comerciais dos arredores, dessa forma, poderiam dar continuidade ao movimento de ocupação da Alesp.



Figura 16: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, vigilia do lado de fora da Alesp, dia 27/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

A fotografia acima reproduzida mostra um instante de intensa participação dos professores grevistas, cercando a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, empunhando bandeiras sindicais e gritando palavras de ordem em defesa de seus colegas que resistiam no interior daquele recinto público.



Figura 17: interior da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo no dia da ocupação 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

Esse momento da ocupação muito bem representado pela fotografia acima reproduzida mostra as dependências internas da Assembleia Legislativa completamente ocupada pelos professores que tomaram de assalto o plenário da casa e passaram a discutir e a debater as questões educacionais como raramente se viu naquele espaço de representação política da sociedade paulista.



Figura 18: abraço coletivo com professores e seus filhos na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo no dia 24/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

Nessa fotografia podemos observar que os filhos e familiares dos professores que faziam parte da ocupação estavam presentes em atos públicos, como foi o caso, do abraço coletivo a Alesp, um gesto com a intenção de sinalizar aos professores que estavam no interior da Assembleia Legislativa que não estavam sozinhos, que a sua capacidade de resistir tinha a solidariedade da família, colegas e comunidade, que contribuiam, ao seu

modo, com doação de água, alimentos ou, com a sua presença nas manifestações, o apoio público a luta dos professores que resistiam.

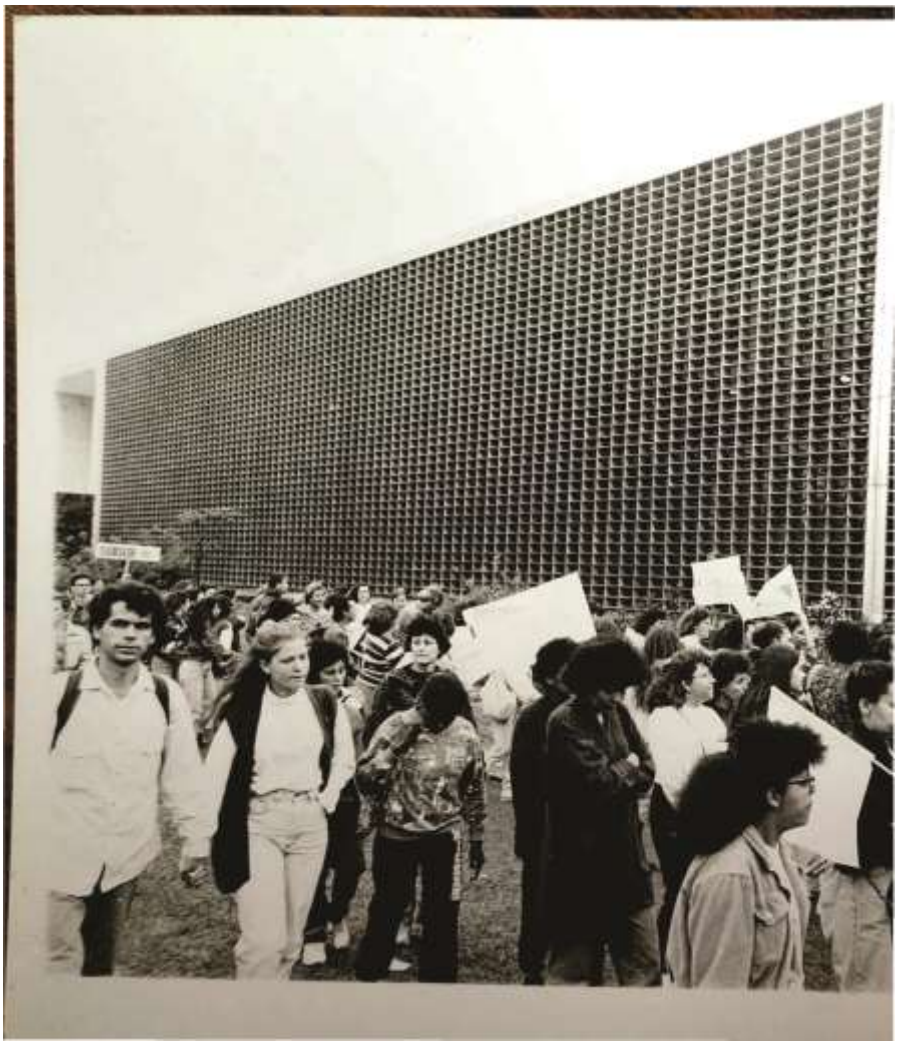


Figura 19: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo no dia 27/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

Esse flagrante fotográfico registrou um momento significativo em que os professores de mãos dadas se preparavam para o “abraço” simbólico à Alesp, evidentemente, não pela importância arquitetônica do prédio, mas em solidariedade ao colegas que ali estavam.

Poeticamente, na contemporaneidade, poderíamos dizer, sobre o significado desse gesto: “Ninguem larga a mão de ninguem!”



Figura 20: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo no dia 27/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

Esta fotografia acima reproduzida traduz de forma precisa a intensa e massiva mobilização dos professores ao longo da ocupação da Alesp e do movimento grevista estudado. A fotografia registra uma assembleia dos professores, realizada no dia 27 de outubro de 1993, em que os docentes tomavam decisões coletivas sobre os rumos do movimento.



Figura 21: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo no dia 24/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

A fotografia da página anterior reproduzida nos parece ser extremamente ilustrativa da intensa participação dos professores na greve de 1993. A fotografa Regina Vilela foi muito feliz em captar as bandeiras, as faixas e o bom humor reinante entre os participantes, merece destaque a imensa bandeira afirmando a importância de ser professor, “sim, senhor!”, no momento em que para muitos essa profissão, inclusive, para as autoridades, estava em descredito.



Figura 22: Quadra do Sindicato dos Bancários no dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

A foto acima ilustra uma reunião do Conselho de Representantes da Apeoesp, realizada na quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo no dia 21 de outubro de 1993. Esse encontro foi convocado para se discutir quais caminhos a greve, que já perdurava por 65 dias e que estava perdendo adesão dos professores, deveria seguir.

A direção majoritária da Apeoesp, ante o seu desgaste social causado pela longevidade do movimento paredista, se posicionava com o fim da greve, conforme foi lembrado na entrevista realizado com o professor Mauro Puerro (2018).

O número de professores para essa ação acabou sendo muito maior do que o havia sido esperado pelos seus organizadores. Nessa reunião foi decidido coletivamente que os professores seguiriam da quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo, localizada na área central da cidade, para as imediações da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, mas, conforme afirmado por todos todos os entrevistados[10], em momento algum foi proposto e discutido que seria realizada a ocupação da Alesp naquele mesmo dia.



Figura 23: plenário da Alesp no dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

A fotografia acima registra um flagrante dos professores, no momento imediatamente após a ocupação da Alesp, mais precisamente, no plenário da

[10] Consultar as entrevistas transcritas na integra nos apêndices desse trabalho.

casa legislativa, captando que os professores se mostravam cansados, com sono e procuravam forças para permanecer na ocupação.

Na fotografia abaixo, foi registrado a participação do então presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Jair Meneguele, no ato público do abraço coletivo. Esse registro foi realizado pela fotografa Regina Vilela, responsável por todas as fotografias que compõem esse acervo da Apeoesp, na qual tivemos acesso para a construção dessa pesquisa.



Figura 24: abraço coletivo na Alesp dia 24/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

Na próxima fotografia é possível rever, mais uma vez, a mobilização que a ocupação da Alesp produziu, reativando a mobilização da categoria de professores a participarem da greve, que estava em declínio.



Figura 25: Assembleia Legislativa dia 27/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/Regina Vilela)

Como observamos ao longo da dissertação houve uma intensa repressão policial, as fotos a seguir ilustram esses lamentáveis episódios. Notem a quantidade de polícias de prontidão para a repressão aos professores, obviamente, gerando a insegurança e o medo aos docentes que ocupavam o recinto.



Figura 26: Assembleia Legislativa dia 24/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/ Regina Vilela)



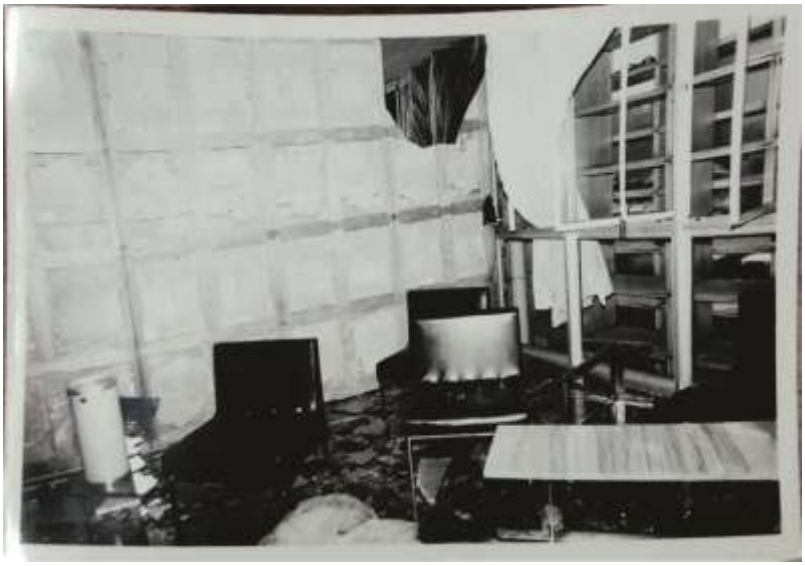
Figura 27: Alesp dia da ocupação 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/ Regina Vilela)

Na sequência de fotografias é possível ver o resultado da repressão aos professores no momento da ocupação da Assembleia Legislativa. Observamos vidros quebrados e uma parte da Alesp depredada, segundo nossos entrevistados[11], isso ocorreu, pois houve repressão com gás lacrimogêneo, além das correrias e tulmultos característicos desse tipo movimento, já que uma ocupação raramente é aceita de forma pacífica pelo poder público.

[11] As entrevistas podem ser lidas na integra nos apêndices desse trabalho.



Figura 28 e 29: Assembleia Legislativa dia 21/10/1993 (fotos do acervo da Apeoesp/ Regina Vilela)



Com essas fotos destacadas no presente estudo é possível ter nuances de como se deu o processo de ocupação da Alesp e, ao mesmo tempo, nos ilustrar, alguns dos momentos reconstruídos pelas vozes dos entrevistados.

De fato, muitos dos momentos recordados por eles podem ser, facilmente, visualizados através desse acervo de fotografias, que constitui uma parte documental importante dessa pesquisa e que nos foi possível localizar nos acervos da Apeoesp.

A fotografia é um dos mecanismos que tornam possível o registro da memória e, por meio desse recurso, nos foi possível retomar aqueles 9 dias de

ocupação da Alesp. Todas as fotografias que tivemos acesso fazem parte, na integra, de um álbum que reproduzimos nos anexos desse trabalho, pois, julgamos importante a reunião desse acervo num mesmo volume, o que poderá favorecer a efetivação de novas pesquisas e a realização de interpretações que nos ajudem na compreensão crítica desse episódio pouco lembrado da história da educação brasileira.

3.9 Análise da ocupação da Alesp e de suas fontes documentais

Quando realizamos uma avaliação mais atenta e pormenorizada do conteúdo das entrevistas que nos foram oferecidas pelos professores Roberto Felício, Mauro Puerro e Maria Heloisa Aguiar Silva checamos que para os participantes do movimento de ocupação da Alesp, foi "positivo", para que aquela jornada de luta não findasse prematuramente, sem granjear o respaldo da população através das denúncias contra os desmandos governamentais como também do papel desempenhado por aquele movimento em defesa da escola pública paulista.

A ocupação da Alesp rememorada pelos seus artífices trouxe também um aspecto que nos pareceu importante e que não pode ser menosprezado, qual seja: a solidariedade que esse movimento despertou junto a uma parcela importante e significativa da população paulista; como também, contribuiu, de alguma forma, para granjear a simpatia de amplas parcelas da população para a justeza daquele movimento.

Num momento histórico em que estávamos diante dos avanços neoliberais postos para a educação, esse movimento se constituiu, para os seus participantes, num ato de coragem e resistência que trouxe os holofotes e o debate social para o cerne da problemática sobre as consequências desse ideário político, econômico e financeiro para o campo educacional.

Esse episódio que destacamos no presente escrito é um momento importante, mas, pouco lembrado ou, até mesmo, esquecido da história da educação brasileira. As motivações desse esquecimento foram arguidas para os professores que tivemos a oportunidade de entrevistar, nos oferecendo

opiniões diversas para a ausência de registros que tornassem mais perene o significado e a importância desse evento.

Para Roberto Felício, a ocupação teve o tratamento adequado pela Apeoesp, mediando sua importância no interior da campanha salarial e da paralisação de 1993, afinal de contas, para ele, o mais importante foi a greve como um todo e não a ocupação, em sua singularidade, que se constituiu apenas com um elemento a mais daquele vigoroso movimento grevista perpetrado contra as arbitrariedades do governo Fleury e o sucateamento da educação pública no Estado de São Paulo.

Por sua vez, na linha interpretativa de Mauro Puerro, esse esquecimento se deu de forma proposital, pois, para a diretoria da Apeoesp, tanto a greve, como a própria ocupação da Alesp não deveriam ter acontecido, foram movimentos alheios e sem o controle das forças políticas que dirigiam a entidade, razão pela qual, sentencia que houve uma omissão proposital dos registros desse fato nos documentos e na história oficial do sindicato.

Para compreender melhor as razões desse esquecimento, das disputas e contradições sindicais, trouxemos o posicionamento da professora Maria Heloisa Aguiar Silva, que acredita que a ideia de memória está diretamente ligada a relação de disputas pelo poder. Portanto, houve o esquecimento, proposital, por esse ato político não ter sido planejado e executado pelos membros da direção majoritária da entidade sindical dos professores estaduais paulistas.

O uso das múltiplas fontes documentais presentes nesse estudo nos permitiu atingir os objetivos iniciais de recompor alguns aspectos que julgamos importantes e significativos da história da ocupação da Assembleia Legislativa do Estado de São durante a greve de 1993, entendendo-o como um episódio da história da educação que jamais poderia ser esquecido!

No processo de reunião das informações coletadas foi possível pensar algumas questões inerentes a esse momento. Com a perspectivas dos entrevistados se averiguou algumas razões pelas quais esse fato ainda não havia o devido destaque em nenhum estudo acadêmico, mantendo-se apenas nas memórias dos participantes e em documentos dispersos alusivos à esse episódio.

Esse estudo permitiu a reunião de várias informações sobre a ocupação, que estavam dispersas e fragmentadas, sendo organizadas em um único tomo. Visto que foram coletados depoimentos de professores que fizerem parte do movimento de ocupação, personagens com posições diferentes, mas que se complementaram para sanar algumas lacunas.

Além disso, fotografias do acervo da Apeoesp, a reunião de exemplares, do jornal Folha de S. Paulo, publicados entre os dias 19 de agosto e 06 de novembro de 19993, além dos jornais da Convergência Socialista do período da greve, bem como o jornal editado pelo sindicato ao longo do mesmo período.

Esses escritos trouxeram alguns apontamentos que julgamos relevantes na pesquisa como as contradições e as diferenças de posições políticas que se produzem no interior das instâncias sindicais e que podem ser verificadas pelas leituras e análises das entrevistas.

Com a seleta documental que localizamos e organizamos com o objetivo de fundamentar esse estudo de caso, nos foi possível levantar e problematizar algumas questões que julgamos importantes na história da ocupação da Alesp; que foi um momento emblemático da luta dos professores, um momento de resistência, cercado por contradições que são próprias do mundo capital e se expressam no âmago das entidades sindicais, trazendo-nos a oportunidade de pesquisar, refletir e escrever esse marcante e decisivo episódio de luta, resistência e solidariedade dos professores paulistas.

Considerações Finais

Não é nenhuma novidade a presença de conflitos gestados pela ação direta e repressiva perpetradas pelos representantes do Estado aos movimentos sociais e reivindicativos de estudantes, professores e funcionários na história da educação brasileira.

Acontecimentos como o desbaratamento do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), que havia se instalado na cidade paulista de Ibiúna, em 1968, as inúmeras e violentas invasões militares registradas contra a Universidade de Brasília (UnB), em 1964 e 1965, em 1968 e 1977 e, também nesse mesmo ano, a invasão da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); e, mais recentemente, em 2015, a ação repressiva ao movimento dos estudantes de ocupação das escolas em São Paulo, apenas ilustram que a violência estatal e policialesca contra os trabalhadores em educação e os estudantes com o propósito de desmoralizá-los, amedrontá-los, desmobilizá-los e reprimir suas ações estão presentes em diferentes momentos da história.

Na cotidianidade educacional, os acontecimentos permeados de tensões sociais mais corriqueiros e que produzem grande capacidade de mobilização da comunidade escolar são as greves dos professores que se produzem por todas as regiões e recantos do país.

Nessas ocasiões, muito propensas aos impasses, às tensões e à erupção de conflitos entre as partes, o aparato repressivo do Estado é chamado pelas autoridades para dirimi-lo e estabelecer a retomada da *ordem* e do *progresso*, afinal de contas, no Brasil, a questão social é um caso de polícia – lembrando-se que a problemática educacional é uma questão social!

Aqueles que conhecem de forma profunda e substancial a história social e política da educação no Brasil não veem como qualquer novidade a presença do aparato repressivo do Estado burguês no intuito de inibir, pelo uso da violência dita legal, a organização, a mobilização e as manifestações dos estudantes, funcionários e professores, não deixando de salientar que as reivindicações, normalmente, são modestas, traduzindo apenas interesses de melhoria na qualidade de vida e da melhoria na qualidade de ensino, melhores condições de trabalho e a outorga de direitos previdenciários, ampliação da oferta de vagas, da melhoria na qualidade de ensino e da universalização do

acesso à educação, raramente, formulando críticas e estimulando a mobilização social contra a sociedade capitalista.

O problema é que nem todos aqueles que se interessam pela educação e sua história estão atentos para as prisões dos seus ativistas, a interminável e rotineira sanha policial contra as mobilizações dos seus estudantes e trabalhadores, resultando em ferimentos, sofrimentos físicos e simbólicos e até mesmo em mortes.

Tais arbitrariedades perpassam os diferentes períodos históricos, seus registros se produzem em tempos sombrios de ditaduras civis-militares, mas também naqueles em que os postulados constitucionais e as condições políticas asseguram a liberdade de expressão, a livre manifestação e o direito de greve para os que vivem do próprio trabalho; embora esse exercício democrático não seja suportado e os trabalhadores tenham despejado contra suas ações e movimentos a violência do Estado e do capital sem quaisquer beneplácitos ou subterfúgios.

Os episódios que culminaram com a ocupação da Alesp, em 21 de outubro de 1993, na cidade de São Paulo, pelos professores da rede pública paulista precisam ser debatidos no interior dessa visão processual, se afastando da compreensão de que se trata de um fato isolado e que traduz a forma contumaz e violenta com que o Estado e as forças do capital agem contra os trabalhadores que se organizam e procuram reivindicar os seus mais elementares direitos civis, políticos e econômicos.

Esses acontecimentos retomados de forma processual e a partir das perspectivas dos seus protagonistas e com o auxílio de diversificadas fontes nos ajudam a entender as origens e os intricados efeitos do chamado neoliberalismo com o intuito de demonstrar como esse ideário político, econômico e social afetou e continua afetando sobremaneira as condições de vida e trabalho dos professores brasileiros.

Tivemos a tarefa de tratar da singularidade histórica desse episódio povoado de diferentes interpretações, denso em significados, mesclado com as dificuldades de se trabalhar com as questões educacionais contemporâneas e o desafio de se valer de fontes documentais orais, iconográficas e impressas jornalísticas.

A visão positivista de história a concebeu como neutra e a sua cientificidade escorada nos documentos oficiais e chancelados pelo Estado, evidentemente, o estudo histórico educacional que procuramos realizar e apresentar nessa dissertação não guarda qualquer relação com essa concepção; pelo contrário, operamos, deliberadamente, uma inversão do protagonismo histórico, não nos fiando nos discursos dos estadistas e seus documentos oficiais, mas procurando trazer à tona as vozes dos professores que foram perseguidos em suas ações e tiveram suas reivindicações silenciadas e os seus direitos subtraídos.

Não nos perece que existe imparcialidade e distanciamento no oficio do historiador, pelo contrário, o seu envolvimento com as tramas estudadas e as quais erige e atribui significado e sentido é nítido, daí o nosso engajamento e a perspectiva de contribuir com a construção de uma história da educação vista de baixo, com a ambição de resgatar este instante da presença dos professores na ocupação da Alesp e relacioná-lo com as transformações mais gerais desta etapa da mundialização do capital que se convencionou chamar de neoliberal.

De fato, nos pareceu importante localizar a ocupação da Alesp, pontuando a sua singularidade histórica, dentro de um quadro estrutural mais amplo que atingiu, com imensurável amplitude, a inteireza da vida social, que foi o advento e o desenvolvimento das propaladas reformas neoliberais, procurando traduzir o significado e as consequências deste ideário político, financeiro e econômico nas esferas educacionais.

Numa etapa histórica que é própria da mundialização do capital, em que a hegemonia política e social é eivada dos valores e do pragmatismo do neoliberalismo, os trabalhadores que atuam nos serviços públicos se transformaram no principal alvo da ordem burguesa pelo questionamento das privatizações, denúncias do caráter antissocial que estavam por trás das propostas de cortes e “enxugamentos” dos gastos públicos e o enfretamento direto e combativo ao processo de crescente financeirização dos orçamentos públicos.

Enfim, quando iniciamos essa empreitada acadêmica estávamos cientes de que, na história da educação brasileira, esses acontecimentos e personagens sempre estiveram ausentes e nem mesmo mereceram uma nota

de rodapé em sua composição, mas, que faríamos o possível para dar-lhe alguma pista do seu significado histórico e a necessária visibilidade de sua importância política e social em suas páginas!

Referencias Bibliográficas

ALMEIDA, Danusa Mendes; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. **As pesquisas sobre o Associativismo Docente no Brasil: o que dizem as produções acadêmicas nacionais**. Volume 2. JundiaíSP: Paco Editorial, 2015.
ANDERSON, Perry. "Balanço do neoliberalismo". In: SADER, Emir; GENTILI, Pablo. **Pós-Neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALVES, Giovanni. **Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço crítico da "década neoliberal" (1990-2000).** *Rev. Sociol. Polit.* [online]. 2002, n.19, pp.71-94.

ALVES, Giovanni. **Do "novo sindicalismo" à "concertação social": ascensão (e crise) do sindicalismo no Brasil (1978-1998).** *Rev. Sociol. Polit.* 2000, n.15, pp.111-124.

ANTUNES, Ricardo. **O Que É Sindicalismo**. (Coleção: Primeiros Passos) (Sindicalismo -Políticas - São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

_____, Ricardo (org.). ***A dialética do trabalho: Escritos de Marx e Engels*.** São Saulo, SP: Editora Expressão Popular, 2004

_____, Ricardo. **O novo sindicalismo**. São Paulo: Editora Scritta, 1991

BAUER, Carlos; DINIZ, Cássio; PAULISTA, Maria Inês (orgs). **Sindicalismo e Associativismo dos Trabalhadores em Educação no Brasil.** Jundiaí: Editora Paco, 2013

_____, Carlos; DANTAS, Vanessa; MIGUEL, Miriam M. B.; PAIVA, Luís R. B.; DINIZ, Cássio (orgs.). **Sindicalismo e Associativismo dos Trabalhadores em Educação no Brasil: Volume 2**. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

BOSI, Ecléa. **O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____ **Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos**. Companhia das Letras. São Paulo;1994.

_____, Carlos, MATOS, Alessandro Rubens. **Marx, Engels e o sindicalismo docente.** Revista Espaço Acadêmico – Nº114- Novembro de 2010.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou oficio do historiador. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

CARNOY, Martin. **Mundialização e reforma na educação**. Brasília: CNPq, IBICT, UNESCO, 2002.

CASTRO, Pedro. **Greve: fatos e significados**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

COSTA, Márcia da Silva. **O sistema de Relações de Trabalho no Brasil: alguns traços históricos e sua precarização atual**. RBCS Vol. 20 nº. 59 outubro/2005.

CUNHA, L. A. O desenvolvimento meandroso da educação brasileira entre o estado e o mercado. **Educação e sociedade**, out 2007, vol. 28, nº 100, p. 809-829.

CRUZ, Hélvia Leite. Condição de construção histórica do sindicalismo docente de educação básica. **Soc. estado. vol.23 nº.1 Brasília Jan./Apr. 2008.**

DAL ROSSO, Sadi. et ali. Associativismo e sindicalismo em educação. Organizações e lutas / Brasilia: Biblioteca **"Sindicalismo em Educação" volume 1** . Paralelo 15, 2011.

_____, Sadi; LUCIO, Magda de Lima. **O Sindicalismo Tardio da Educação Básica no Brasil**. Revista Universidade e Sociedade. Brasília, DF, ano XIV, Nº 33, 2004.

_____, Sadi. **Contribuições para a teoria do sindicalismo no setor da educação**. Universidad Nacional de Rosario, 2011

_____, Sadi; CRUZ, Hélvia Leite e RÊSES, Erlando da Silva. **Condições de emergência do sindicalismo docente**. *Revista Pro-Posições.* Campinas, SP, maio/agosto 2011

_____, Sadi. AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta de Moraes. **Uso & abusos da história oral**. Rio de Janeiro. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

_____, Sadi; CRUZ, Hélvia Leite; RÊSES, Erlando da Silva. **Condição de emergência do sindicalismo docente: Conditions for the emergence of teachers´labor unions.** Proposições vol.22 no.2 Campinas May/Aug. 2011

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. São Paulo, Brasília: Cortez, UNESCO, MEX, 1999.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípios científicos e educativos**. 12. Ed. São Paulo: Cortez, 2006 (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 14)

SAVIANI, Demerval. **Breves considerações sobre fontes para história da educação.** In: Revista HISTEDBR On- line, Campinas, n. especial, p.28-35, ago. 2006.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, Papirus, 1994.

ENI, de Mesquita Samara e TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documentos e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FERREIRA, Márcia Ondina Vieira. **Somos todos trabalhadores em Educação? reflexões sobre identidades docentes desde a perspectiva de sindicalistas.** *Educ. Pesqui.* [online]. 2006, vol.32, n.2, pp.225-240. ISSN 1517-9702.

FERREIRA JR., Amarilio. **Sindicalismo e Proletarização: A SAGA DOS Professores Brasileiros**. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Historia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.

_____, Amarílio e BITTAR, Marisa. **A ditadura militar e a proletarização dos professores.** ***Revista Educação & Sociedade****.* Campinas, SP. Dez/2006

_____, Amarílio. A Confederação dos Professores do Brasil e a aposentadoria aos 25 anos. **Revista Associativismo e Sindicalismo na Educação**. São Paulo: Editora Paralelo XV, 2013.

_____, Amarílio; BITTAR, Marisa. O Novo Sindicalismo e os docentes. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte, MG: UFMG/Faculdade de Educação, 2010

FERREIRA Jr.,Amarílio; BITTAR, Marisa. **A ditadura militar e a proletarização dos professores**. Educ. Soc., Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1159-1179, set./dez. 2006.

FREITAS, H. C. L. A reforma do ensino superior no campo da educação básica: as políticas educacionais e o movimento dos educadores. **Educação e sociedade**, ano XX, nº 68, dez 1999, p. 17-44.

_____. A (nova) política de formação de professores: a prioridade postergada. **Educação e sociedade 100**, v. 28, número especial, 2007, p. 1203-1230.

FRIGOTTO, G. Os delírios da razão: crise do capital e metamorfose conceptual no campo educacional. In GENTILI, P. (Org.) ***Pedagogia da exclusão*: crítica ao neoliberalismo em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. Educação e a crise do capitalismo real. São Paulo: Cortez, 2000.

FRIGOTTO, G; CIAVATTA, M. EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL NA DÉCADA DE 1990: SUBORDINAÇÃO ATIVA E CONSENTIDA À LÓGICA DO MERCADO. **Educação e sociedade**. Campinas. Vol. 24, n.82. p. 93-130, abril 2003.

GINDIN, Julián; FERREIRA, Marcia Ondina Vieira; DAL ROSSO, Sadi. (orgs). **Associativismo e sindicalismo em educação – teoria, história e movimentos** / Brasília: Biblioteca "Sindicalismo em Educação" volume 2 – Paralelo15, 2013.

____, Julián. Sindicalismo dos trabalhadores em Educação: tendências políticas e organizacionais (1978-2011).**Educar em Revista**. Rio de Janeiro, RJ,2013.

_____, Julián. **Sindicalismo docente em México, Brasil y argenteina: uma hipótese explicativa de su estructuración diferenciada**. RMIE vol.13 no.37 México abr./jun. 2008.

_____, Julián, CARDOSO, Adalberto. O movimento sindical na Argentina e no Brasil (2002-2014)**. Soc. estado. vol.32 no.1 Brasília Jan./Apr. 2017.**

HARDMAN, Franscisco Foot. **Nem Pátria, nem Patrão**. São Paulo: Brasiliense, 1984

HIDAKA**,** Renato Kendy. **Associativismo e sindicalismo em educação – Teoria História e Movimentos** / Brasilia: Biblioteca "Sindicalismo em Educação" volume 2 - Paralelo 15, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

LEITE, Ivonaldo Neres. **Sindicatos, trabalho e educação: um estudo do posicionamento do sindicalismo docente brasileiro e português durante a década de 1990**. Tese de doutorado apresentado no *Programa de Doutoramento em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação/Universidade do Porto. 2003.*

LOWY, Michael. **As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento**- 10.ed. São Paulo: Editora Cortez, 2013

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**; tradução e introdução de Florestan Fernandes. 2.ed.- São Paulo : Expressão Popular, 2008.

MARK, Karl; ENGELS, Friedrich. **O Manifesto Comunista**; tradução Osvaldo Coggiola. 1. Ed – São Paulo: Boitempo, 1998.

_____. **Lutas de Classes na Alemanha**; tradução Nélio Scneider. 1. Ed – São Paulo: Boitempo, 2010.

MARTINS, Fernando Ramalho; LIMA, Jacob Carlos. **As múltiplas faces do trabalho precário e o sindicalismo: a experiência brasileira**. Trabajo y Sociedad, Núm. 27, 2016.

OLIVEIRA, Mariana Esteves de. **Precarização e resistência docente: Memórias de greves e crise de mobilização na Secretaria Estadual de Educação de São Paulo**. Revista Izquierdas, volume 35, 2017.

PAULA, Amir El Hakim. **A relação entre o Estado e os sindicatos sob uma perspectiva territorial.** Tese de dourado curso de Geografia. FFLCH – USP. São Paulo, 2011.

KRUPSKAYA. **A Construção da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

RAVITCH, Diane. **Vida e morte do grande sistema escolar americano: como os testes padronizados e o modelo de mercado ameaçam a educação**. Porto Alegre: Sulinas, 2011, 1ªedição.

RÊSES, Erlando da Silva. **De vocação para a profissão: organização sindical docente e identidade social do professor**. Tese de doutorado apresentado ao programa de doutoramento da Universidade de Brasília- UNB, 2008.

RIGOLON, Walkiria; VENCO, Selma. **Quem quer ser professor? A precariedade objetiva e subjetiva no trabalho docente.** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO

RODRIGUES, LM. **Partidos e sindicatos: escritos de sociologia política** . Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

_____. **Destino do Sindicato**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo, Cortez, 2016.

SORJ, B. **A construção intelectual do Brasil contemporâneo: da resistência à ditadura ao governo FHC**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 135 p.

SOUZA, Gilberto P. **Inimigos Públicos- ensaios sobre a mercantilização da educação básica no Brasil**. São Paulo: Usinas Editorial, 2017

THOMPSON, E. Paul. **A voz do passado – História oral**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

TROTSKI, Leon. **Programa de Transição**. 1936

VIEIRA, Patrícia. **Política de qualificação profissional e difusão do neoliberalismo no meio operário.** 29ª Reunião Nacional da ANPEd- 15 a 18 de outubro de 2006 - Caxambu/MG .

Jornais

Folha de S.Paulo do período de 19 de agosto até 06 de novembro de 1993.

Convergência Socialista período 04 agosto até 17 de novembro de 1993.

Jornal da Apeoesp período dos meses de agosto até novembro de 1993.

Entrevistas:

Roberto Felício

Data: 18 de novembro de 2017

Mauro Puerro

Data: 05 de janeiro de 2018

Maria Heloisa Aguiar Silva

Data: 07 de maio de 2018

Sites:

www.apeoesp.org.br

https://cpdoc.fgv.br

APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICE A

ENTREVISTADO

Roberto Felício

Era presidente da Apeoesp no período da ocupação da Alesp e fez parte da ocupação.

APÊNDICE B

ENTREVISTADO

Mauro Puerro

Professor da rede pública e da rede particular que participou da ocupação da Alesp.

APÊNDICE C

ENTREVISTADA

Maria Heloisa Aguiar Silva

Professora da rede pública estadual, fez parte da ocupação da Alesp.

APÊNDICE D

Termos de anuência

ANEXO A

Panfleto produzido pela oposição dentro do sindicato

ANEXO B

Jornal Folha de S.Paulo

ANEXO C

Jornal da Convergência Socialista

ANEXO D

Jornal da Apeoesp

ANEXO E

Acervo de fotografias da Apeoesp

APÊNDICE A

ENTREVISTA

Transcrição da entrevista com o Roberto Felício

Data: 18/11/2017

Roberto Felício:

Eu gostaria de começar com uma introdução. Desde (19)79, em (19)79 nos fizemos um chapão de todas as forças e correntes sindicais que atuavam no movimento e ganhamos a eleição com 85% dos votos, então tinha um pouco de tudo na diretoria. Só que em (19)81 teve o seguinte, cada um foi seguir uma concepção que achava mais correta né. Nós formamos uma chapa, as correntes mais trotskistas montaram uma outra, e o PC do B e o antigo MDB criaram uma outra chapa. E ganhamos a eleição, não tinha critério de proporcionalidade, então a diretoria foi montada pela chapa que venceu. Que foi a mais votada, nem precisava ter 50% e mais um voto. Qualquer votação que tivesse, não existia o critério de quórum, porque o critério de quórum é muito perigoso, parece democrático, mas é perigoso. Numa determinada conjuntura você pode ter uma maior participação da categoria num processo eleitoral em determinada circunstâncias você pode ter menos. Se você tem o abono do ponto para votar é uma coisa, se você não tem é outra. Os menos conscientes, falam o seguinte, ah eu gosto da Apeoesp, mas eu não vou lá votar, meu voto não é tão importante assim. Então nós nunca estabelecemos, mas eu estou dizendo isso, não é parte ainda do que vocês estão interessadas.

Viviane Freitas

Tudo contribuí.

Roberto Felício

O Bauer era oposição a nós que estávamos na diretoria. Eu não me lembro de que corrente exatamente ele era. Mas era uma das pessoas que atuavam. Quando nós estabelecemos o critério da proporcionalidade o Bauer já estava na academia, não estava militando mais. Mas sempre foi um bom companheiro. O Bauer era um cara leal no debate político. Que é uma coisa

que tem uma tendência muito forte dentro da Apeoesp. Que é o seguinte independente das nossas desavenças ou das nossas diferenças de concepção, se estabelece um debate muito democrático, tanto é que todo mundo reconhece. Mesmo antes da proporcionalidade, já havia um reconhecimento das principais lideranças das tendências que dizia o seguinte, a Apeoesp é um dos sindicatos mais democráticos do Brasil. Inclusive porque a oposição muitas vezes ela perdia a eleição central, pra direção central da Apeoesp, mas às vezes ela se sai vencedora numa determinada sub sede. Por exemplo, a corrente da qual eu faço parte que se identifica muito com a diretoria da Apeoesp o setor majoritário, não tem a maioria em Osasco, por exemplo, tá.

Viviane Freitas

Qual corrente que é?

Roberto Felício

Então, eu hoje me perco um pouco nas nomenclaturas, pois essa coisa é muito dinâmica. Agora mesmo, acabou de ter um racha no PSTU. A maioria do povo da Apeoesp saiu e faz parte desse coletivo chamado MAIS. Então, eu às vezes confundo um pouco quem é que foi pra lá e quem é que ficou onde estava antes, né. Até porque eu não estou mais diretamente dentro da Apeoesp. Não estou como dirigente, participo das assembleias, vou às reuniões do conselho. Mas isso não me facilita tanto quanto antes identificar cada um quem é quem. Pelo discurso, você fala esse aqui não é da minha turma. Esse aqui tá mais com essa visão das coisas. Muitas vezes eu tenho concordância de alguma análise de conjuntura, de pessoas que são de oposição do que com os meus próprios companheiros e companheiras. Que dentro do PT nós não temos a mesma análise de conjuntura o tempo todo, tem momentos que nós temos divergências de interpretação. Tem gente hoje do PT que acha que tem que apostar na história do cancelamento do impeachment. Foi pra Brasília junto com o PCO entregar um abaixo assinado, um projeto de lei para revogar. Não é que eu ache errado, mas eu não acho que a conjuntura está para isso. Até porque não tem apelo popular, a maioria da população não quer a Dilma de volta, a maioria da população, as pesquisas estão até dizendo que querem o Lula de volta. Aí podemos, nós aqui estar de acordo ou não, mas

eu acredito mais nessa possibilidade como um fato decisivo que o Lula pode ganhar uma eleição, acho que não vai haver uma eleição, pode ganhar uma eleição, se houver. Mas também os caras não deram um golpe, para devolver de presente para nós. Não sejamos ingênuos. Mas vamos voltar para a Apeoesp. O que eu gostaria de começar, antes de você me perguntar, se você me permitir.

Viviane Freitas

Claro.

Roberto Felício

Eu queria fazer uma observação que é a seguinte, para a gente dar o que ocorreu na Assembleia Legislativa, que ocorreu acho que durante nove dias, tem muita coisa que eu não vou lembrar dos detalhes, eu peço a compreensão, ainda mais na minha idade.

Pra gente não dar nem um valor maior do que teve e também não desvalorizar, foi um evento de extrema importância. Tá. Mas é preciso entender o seguinte, se numa determinada situação, numa determinada conjuntura eu achar que eu não consigo incorporar a maioria numa forma de luta eu posso apelar para uma forma de luta que incorpore mais a vanguarda. Então, por exemplo, eu posso convocar um acampamento na praça da República e achar que cinco por cento da categoria, dos mais esclarecidos, a chamada vanguarda, dos que integram as correntes políticas que existem no movimento da categoria e ser uma ação importante e forte que cria constrangimento para o governo, e aí é o seguinte, nesse momento a coisa mais importante é o acampamento, tá. Agora se eu achar que eu posso desenvolver uma forma de luta que incorpora noventa por cento da categoria, se não cem por cento que nem uma greve, uma greve massiva que traz todo mundo.

Então é o seguinte a coisa mais importante numa greve que tem noventa por cento de adesão, é a greve. É a adesão das pessoas, então, greve se faz, sobretudo com grevistas. Se eu tiver trinta por cento de adesão eu posso começar a apelar para formas alternativas que não seja apostar na própria força da paralisação. Em (19)93 nos fizemos uma greve que no melhor

momento da paralisação ele atingiu quase cem por cento. Ela foi uma greve que teve componentes emocionais muito grandes, foi uma greve muito envolvente. Muita gente que estava participando, que como a categoria se renova com relativa frequência.

O processo de renovação é muito evidente na categoria dos professores, principalmente antes, quando de fato a aposentadoria era mais especial do que é hoje, as professoras se aposentavam com vinte e cinco e mesmo os homens com trinta, isso criava uma dinâmica de renovação muito grande. Então, ela foi uma greve num certo sentido, uma greve fantástica.

Ela não foi melhor nem pior que outras que nós já fizemos as greves de (19)78, de (19)79 que foram base uma extensão uma da outra. A greve de (19)84, a greve de (19)89 formam marcos e a de (19)93, eu acho que essas greves formam marcos importante, depois nós tivemos a greve de 2000 também como marco importante na vida da Apeoesp como greve massiva.

Eu estou falando de greve que envolve oitenta, noventa por cento da categoria. O que aconteceu em (19)93 como a coisa mais importante do movimento de (19)93 foi a adesão da categoria e a participação com assembleias com 50, 60, 70. 80 mil pessoas. Nós acho, que também nunca tínhamos feito, pois o Anhangabaú tinha passado por um processo de reestruturação urbanística que foi feito aquele bulevar, nós ocupamos, fizemos uma assembleia que pode ser comparada ao que foi o movimento das Diretas. E na porta do palácio na Avenida Paulista, hora num lugar, hora no outro. Foi uma greve que se estendeu por noventa e um dias. Numa das nossas assembleias, então volto a dizer, isso foi à coisa mais importante da greve.

Agora as manifestações regionais, o que acontecia nas cidades, eram muito emblemáticas também porque elas criavam uma situação de muita confusão e de muito constrangimento com o governo do estado que optou por uma agressão descabida, estávamos vivendo um novo governo, terminou o governo do Quércia e nós estávamos no terceiro ano nessa greve, primeira daquele governo, do governo Fleury. E o governo Fleury que é um cara que tem origem no judiciário, não sei se ele foi procurador ou juiz, agora não lembro mais. Ele optou por aquele negócio de preservar a autoridade, e provocou agressões,

muitas vezes gratuitas. No mais das vezes, gratuitas. Porque, era. Você pode dizer que em algum momento o movimento possa ter tido uma característica um pouco mais agressiva, mas de um modo geral não, as greves de professores sempre caracterizaram por atos de muita participação de dezenas de milhares de pessoas, mais comum, caráter muito passivo. Qualquer lugar que a gente fosse a intenção não era criar uma agressão que foge da institucionalidade que é contra a lei e etc. Embora as greves já fossem contra lei, porque nunca foi regulamentado o direito de greve do funcionalismo, então os atos regionais também criavam uma situação que faziam com que até os deputados passassem ainda que de direita, passassem a serem interlocutores incomodados com a situação e pudesse até usar, a agressão, a agressividade do governo do estado fez com que a greve passasse a ter inclusive a repercussão internacional, ela foi objeto de reportagens da CNN internacional.

Quer dizer, os atos de violência contra os professores foram para as televisões do mundo, teve manchete nos Estados Unidos, na França. Eu diria que talvez em termo de repercussão internacional foi o evento mais importante. E a ocupação da Assembleia, na minha análise, vocês provavelmente vão encontrar análises diferentes da minha, diferentes interpretações. Não tínhamos planejado a ocupação da Assembleia Legislativa, fizemos uma assembleia no Anhangabaú, nós fizemos assembleia no palácio, e fizemos também assembleia no pátio da Assembleia Legislativa, com autorização do presidente da casa, para fazer no pátio. Porque na rua não daria, ou na própria rua eles achavam que seria pior, seria mais confusão, mas ali o melhor lugar para fazer assembleia era no próprio pátio da Assembleia Legislativa, teve fotos fantásticas do pátio da assembleia, uma inclusive que estava chovendo, todo mundo de sombrinha, mas isso de uma outra greve, mas é uma foto lindíssima, e aí o seguinte, ali decidimos que íamos para a Assembleia Legislativa para conversar com os deputados. Tentar convence-los, mais ainda, isso já estávamos, aproximadamente com sessenta dias de greve, ou pelo menos 50 dias. Foi uma greve, e ela já estava num momento de refluxo, talvez nesse momento a greve já não tinha mais adesão de noventa, cem por cento da categoria. Bom eu não vou saber quantificar agora para você.

Então, entramos na Assembleia, acontece que a polícia militar, tanto os que servem dentro da Assembleia como segurança no dia a dia como o reforço que o presidente tinha solicitado para a tropa de choque, tentou impedir e aí descambou para a violência mesmo, aí sobrou bomba, aí invadimos o plenário da Assembleia Legislativa, os corredores e aí a decisão lá dentro.

Não foi decisão nem da assembleia, aí lá dentro, os invadidos, nós que estávamos lá dentro decidimos que íamos continuar ocupando a Assembleia Legislativa, uma parte evidentemente dos professores foram embora, não tinham se preparado para aquilo, mas um contingente muito grande se dispôs a ficar. E houve também um processo de renovação, tinha gente que saía, tinha gente que vinha, aí tinha visita de familiares, fim de semana teve romaria das famílias dos professores, principalmente das professoras que muitas vezes eram mães e tal, a ocupação era nesse sentido bastante eclética, ela tinha... Ela não era uma coisa só daquela vanguarda mais politizada e dos que não tinham família, digamos assim, não.

A ocupação era constituída de pessoas comuns né. Mesmo os da chamada vanguarda eram casados, muitas vezes com filhos também, então, tinha esse negócio de vir a família, crianças fazer visitas pra mães e com aqueles componentes emocionais todos de choradeira, de emoção. Durante a ocupação inclusive nós fizemos muitas atividades, que tanto serviam para engrossar, pra animar as pessoas , como provocavam uma certa comoção para fora, digamos.

Teve uma característica dessa greve da ocupação da Assembleia que foi uma cobertura muito simpática por parte da imprensa. Por fatores que a gente sabe como a imprensa brasileira é, ainda mais nessa conjuntura, de como eles agem com os interesses que estão por traz. Como o Fleury não contava com muita simpatia de setores da grande imprensa do Brasil, e depois repercutiu como eu disse internacionalmente, a cobertura na impressa era muito simpática. E mesmo o jornal que já era propriedade do Quércia, já tinha um certo descontentamento com o Fleury, pois foi ele que colocou o Fleury lá, foi ele quem patrocinou a candidatura a governador, foi o Quércia, naqueles episódios de sequestrar boi no pasto, na época do congelamento do Sarney desse

processo todo. A cobertura da imprensa era muito simpática, no dia da desocupação teve um episódio muito marcante, que uma jornalista que agora eu não me recordo o nome e não tenho registro, mas talvez na Apeoesp talvez vocês encontrem. Ela fez a cobertura de dentro da Assembleia, ela praticamente ficou acampada dentro da Assembleia, ela estava lá o tempo todo. Como se ela fosse quase uma acampada mesmo.

Viviane Freitas

De qual jornal ela era?

Roberto Felício

Então era aquele jornal que sucedeu o Diário Popular, mas acho que na época ainda era Diário Popular, que é aquele jornal que ficava naquela esquina, acho que fica ainda, na esquina da São Luís com a Martins Fontes, depois continua com o nome de Rua Augusta, naquela esquina. Ali era o Estadão antigamente, aí o Estadão se transferiu para a Marginal Tiete e esse jornal, acho que é Diário de São Paulo, depois parece que mudou de nome, alias vários jornais mudaram de nome, vários jornais subsidiários do Estadão. Mas a cobertura de imprensa foi uma coisa muito simpática, esta garota, por exemplo, no dia que a polícia militar nos expulsou da Assembleia, ela foi escrevendo a reportagem lá de dentro e chorando e mandou para o jornal. O jornal imprimiu e uma hora depois quando nós estávamos ainda nas imediações, já do lado de fora desalojados, retirados pela policia militar, pela tropa de choque. O jornal já chegou. Aquilo foi interpretado por alguns, inclusive vieram cobrar, é como se soubéssemos que ia ter o despejo e alguém não tivesse avisado, mas o fenômeno foi apenas esse, do profissionalismo de uma jornalista que possibilitou o jornal em primeira mão, que pros jornais divulgar um acontecimento dessa ordem. Quando teve pancadaria na Paulista, muita agressão também aconteceu, a mesma coisa, a imprensa parece que disputava com aquele negócio de sair na frente, tem uma expressão na imprensa que usa pra isso né...

Viviane Freitas

O furo

Roberto Felício

O Furo de Reportagem, então esse jornal esse dia fez um furo de reportagem, foi o primeiro que saiu com uma edição impressa, que na época tinha um outro valor. Hoje ninguém vai esperar pra saber o que aconteceu por um jornal impresso, o próprio jornal já tem as suas mídias sociais e depois ele vai entregar o jornal impresso, muitas vezes já tem modificação em relação ao online. Mas as pessoas acompanham a Folha online, o Globo online, o G1 foi criado por isso, o Jornal Nacional é apenas um repeteco. Mas na época o jornal impresso tinha um valor completamente diferente, ou era emissora de rádio e televisão ou jornal impresso não tinha as coisas online, as mídias sociais, não tinha facebook essa coisa toda. Agora não é nem facebook mais já virou Wathsap. O que eu estava dizendo então...

Isso foi o fato, a cobertura de imprensa muito favorável criou um movimento de solidariedade da sociedade muito grande. A repercussão da greve junto aos pais, não teve quem na época, até a FIESP diretamente. Não teve quem não criticou o governador e se solidarizou com os professores.

Viviane Freitas

Qual era a pauta de reivindicação pelos professores?

Roberto Felício

As questões salarias. Hoje você tem no movimento sindical uma pauta muito mais diversificada, você tem outras preocupações, debates sobre a questão de gênero, debates sobre a questão racial. Ele já estava presente, mas ele não tinha a evidência que tem hoje. Apesar de ser uma categoria, já na época ser majoritariamente feminina, o debate sobre a violência contra a mulher já existia no sindicato. Os sindicatos dos professores de certa forma são pioneiros nisso também. Mas a pauta de uma greve, na maioria das vezes não é isso, a pauta que comove mesmo, sempre tem alguma coisa que unifica mais uma categoria profissional é o seguinte, isso aqui me leva a greve, isso aqui me leva a protestar, mas não me leva a greve. Então nesse caso ainda era, a pauta salarial. Desde a greve de (19)78 que já colocávamos um período dentro da ditadura militar, uma greve que também teve esse componente muito forte.

Uma greve bastante politizada nesse sentido, num período de muita repressão você convencer as pessoas a ir pra uma greve não era fácil. Mas aí já num era só nós, já tivemos a greve dos metalúrgicos em Osasco, em (19)78 a greve do ABC, todo mundo acha que a greve do ABC foi a primeira, mas que criou uma direção sindical da mais notável no país que se transformou na liderança política que concordemos ou não, não estou pedindo para que tenhamos a mesma opinião , sobre o papel do Lula mas inegavelmente é a maior liderança popular que se constituiu no país nesse último período. Por isso, às vezes se valoriza mais (19)78, mas em (19)77 teve a greve de Osasco dos metalúrgicos. Em (19)78 teve greve dos professores no Brasil todo, então, teve uma onda praticamente de retomada da ação sindical, nesse período, porque até era, momentos antes, uma repressão muito forte, os sindicatos eram dirigidos por pessoas que eram de interventores, postos pelo Ministério do Trabalho. Então, ai começam a surgir lideranças autênticas, lideranças que nasciam no movimento, o Lula é fruto do movimento, Lula nunca foi um interventor. O Lula era do centro combativo, em (19)76, (19)77 fazíamos os ENTOES, “Encontros Nacionais de Trabalhadores em Oposição a Estrutura Sindical”, em oposição a estrutura sindical, era exatamente tentar organizar o movimento sindical por fora da estrutura oficial determinada pelo Ministério do Trabalho que vinha desde a legislação imposta pelo Getúlio Vargas. Que também na época era uma legislação que, como não tinha nenhuma, acabava sendo alguma coisa que se podia pegar, mas a gente não tinha evidentemente concordâncias com isso, e procurava criar um movimento autônomo. No caso nosso do setor público, já não era mesmo permitido ter sindicato, as associações na maioria das vezes cumpria um papel mais assistencial, mais de grêmio da categoria do que de movimento sindical.

Quem imprimiu um caráter sindical para a Apeoesp fomos nós, quando ganhamos a eleição de (19)79, a eleição de (19)79, vale lembrar com todo mundo. Portanto, não é um mérito só do que hoje é a maioria dentro da Apeoesp. Eu acho que cumprimos um papel importante, acho que a gente não se tornou maioria atoa também, a gente fez um trabalho de interiorização da Apeoesp em todo estado, tínhamos 10, 15 sub sedes hoje nós temos mais de

90, isso é um mérito do nosso grupo, evidentemente. Mas nós não construímos o movimento sozinho.

E se a greve de (19)93 foi uma greve da categoria e não uma greve das correntes, claro que a vanguarda organizava o movimento, mas o que ele teve de bom é que ela era uma greve que ia muito além do que a vanguarda pensava, muitas vezes até, numa assembleia acontecia de um professor de base que ninguém nunca tinha visto, ir lá defender uma proposta e a assembleia concordar e derrotar a vanguarda. O que é uma coisa boa, no sentido de que a Apeoesp foi assim se constituindo como uma entidade democrática.

Nas assembleias, infelizmente, cerca de 90 por cento dos oradores, digamos assim são das chamadas vanguarda mesmo, das correntes. Mas tem uma coisa que é legal, todo e qualquer professor que quiser fazer uso da palavra ele tem o direito de subir no caminhão e falar, desde que ele vá falar dentro do que está sendo debatido. Que também a democracia é isso. O cara não vai subir no caminhão da Apeoesp pra defender pena de morte, nós vamos convidar ele a não fazer isso. Aqui nós não vamos decidir isso. Então, não é só porque somos contra, é que ali não é o espaço para se decidir coisas dessa natureza, então tem uma agenda do sindicato. E a gente tem que respeitar e trabalhar nessa agenda.

Voltemos a (19)93, então lá dentro da Assembleia foi meio que espontâneo, não foi tudo inventado pela direção, então alguém propunha um negócio, nós achamos legal e então vamos fazer. Então, tinha uns grupos práticos de infraestrutura, para cuidar, porque os caras não expulsaram a gente de imediato. Ficamos nove dias lá dentro, então eles cortaram a água, aí suspenderam os trabalhos da casa, não tinha sessão, não tinha como, mas suspenderam a água, suspenderam a luz, desligaram os aparelhos de ar condicionado e o prédio lá, que é preparado para ter só ar condicionado sem janelas abertas para o exterior, o calor é maior que uma casa que é preparada para não ter ar condicionado também. Para tentar quebrar o ânimo das pessoas, fragilizar psicologicamente as pessoas. Então tinha grupo para organizar a parte de infraestrutura, e grupo de cultura que desenvolviam

atividades de teatro, atividades musicais, teve dia que a gente conseguiu convencer a casa, de familiares poderem entrar dentro da Assembleia, assistir uma atividade cultural depois ir embora. Porque de certa forma como tinha um sentimento bom, porque a invasão ela provoca mais divisão do que união na sociedade do que a greve. Do que uma greve ou um acampamento, porque pra muitos setores mais conservadores, é uma agressão a institucionalidade, coisa que são muito questionadas no que é uma democracia sobre a lógica burguesa. Mas ela tem essa simbologia, então a opinião das pessoas, da sociedade sobre estarmos invadindo a Assembleia, então o que aconteceu, parecia que as pessoas diziam, eles estão certos, mas não deviam ter feito isso. Deviam continuar em greve. Mas não invadir a assembleia.

Mas tinha muita gente que também passou a se solidarizar mais ainda, então dividiu. Ficamos nove dias, eu diria que aconteceu muita coisa importante do ponto de vista de reforçar. Nós tínhamos uma dubiedade, que ao mesmo tempo em que a gente ocupava, tínhamos um movimento para cuidar aqui fora, porque tinha uma greve que continuava com adesão de milhares de pessoas ainda, mas que não se dispunham a estar na Assembleia.

Tinha um consenso ainda em torno da greve e em torno do acampamento. Muitos que achavam que não tinham que estar dentro da Assembleia apoiavam os que estavam lá, não é que os que estavam fora se colocaram contra a gente. Nós tivemos embates políticos seríssimos, tinha gente que(...). Aí nós criamos um grupo que não era só da diretoria que era pra cuidar da parte de segurança. Descobrimos que tinha gente com coisas do tipo armazenada, combustível com garrafas para fazer coquetel molotove.

Não temos nem certeza, se isso é verdade ou não, é importante que fique claro isso no seu registro, porque havia uma menção, por que(...). Por que alguém falava nisso, pra parecer que o cara era mais combativo que os outros, ficavam fazendo bochicho que às vezes era mais para querer impressionar os amigos que outra coisa. Nós tivemos aí um episódio até de um cara que achou que ele deveria fazer um coquetel molotove com uma garrafa de plástico, e demostrou que ele não entendia nada do assunto, que aquilo, no máximo ele iria se machucar muito, não iria explodir, não serviria para nada. Então, tinha essas

bobagens, mas isso foi um evento até na Praça da República, dentro da Assembleia nós nunca soubemos, se tinha mesmo. Mas tinha gente que dizia isso, até mesmo pra fazer oposição ao outro grupo, não só para dizer que era mais combativo que a diretoria, mas às vezes, pra um dizer que era mais combativo que o outro grupo de oposição.

Porque dentro da oposição também tem isso. Nós somos a verdadeira oposição, aquela oposição, é aquela que concilia com a direção. Então essas coisas existem no movimento, você já deve ter estudado um pouco isso. Então, a gente tinha essa coisa de cuidar da segurança. Esse negócio, por exemplo, de que alguns ameaçavam, podiam fazer coisas, fora da decisão do coletivo. Nós chegamos a fazer um enfrentamento, dentro da Assembleia, eu levantei esse debate que quem estava lá dentro tinha que acatar a decisão da maioria e tinha um grupo que defendia que quem estava lá dentro, era só quem estava lá dentro. Isso é uma diferença de concepção importante.

Eu particularmente defendia que quem dava o estado, o comando da greve, que aí tem a ver, o porquê eu quis fazer a observação preliminar, a coisa mais importante que estava acontecendo era a greve, não era o acampamento. O acampamento é uma ação dentro do processo da greve, subordinado a decisão da maioria da assembleia, porque quem decide pelos professores na Apeoesp é a assembleia. Não é o meu grupo político que decide o que será feito.

Eu posso decidir que eu deva ter uma opinião sobre um assunto, eu vou disputar na assembleia e quem ganhar, todo mundo tem que fazer aquilo. Porque tem que ter unidade e a unidade de ação. A unidade de ação significa nem sempre um ganha, mas o que ganhar obriga a ser seguido, até a próxima assembleia, na próxima assembleia eu pode tentar convencer de novo as pessoas que elas estavam erradas, na assembleia anterior, mas se eu perder de novo eu tenho que acatar novamente a decisão da maioria. Se você não tiver isso, você não tem unidade de ação, e classe trabalhadora precisa ter unidade de ação, ainda que a gente continue pensando diferente da maioria. Eu falei que era a observação preliminar, acabei falando bastante.

Viviane Freitas

Para nosso registro, eu gostaria de algumas informações gerais. Qual sua formação acadêmica? E quais disciplinas você lecionou, se ainda leciona na rede pública? Quanto tempo e se foi efetivo? Para darmos uma introdução.

Roberto Felício

Eu era do interior de São Paulo, eu era de Jaú. Eu fiz a universidade em Bauru, meu primeiro título, meu diploma foi em Desenho Plástico, que era o que nós tínhamos como componente curricular na época. Aula de desenho compreendia tanto o desenho geométrico, mais a ver com a geometria uma área da matemática. Quanto às chamadas expressões artísticas. Separado você tinha música, naquele período você tinha desenho e raríssimas vezes se encontrava alguma escola com teatro, expressão corporal, era muito rara. Às vezes uma ou outra escola já de segundo grau, que na época a gente chamava de colégio, ginásio, às vezes tinha isso. E depois com a reforma do ensino eu fiz Educação Artística que era a nomenclatura que usava até pouco tempo atrás. Hoje é uma expressão genérica de Artes. Então eu tenho duas licenciaturas de Plástica e de Educação Artística. Eu fui nos primeiros sete anos desses o que hoje se costuma chamar de caráter temporário, que as nomenclatura foi mudando, mas o caráter de contratação não efetivo. Em 1980 eu passei no concurso. Um das conquistas do movimento da década de (19)70 foi conquistar o concurso público, porque na época nós tínhamos menos de 10 por cento da categoria como professores efetivos, e 90 por cento era contratado em caráter temporário. Foi uma conquista importante nossa de começar a ter concurso. Seu eu não me engano teve concurso em (19)78, depois em (19)80 de novo, eu passei no concurso de (19)80. Esse concurso teve uma característica, que acho que foi o concurso que mais aprovou gente. O que tínhamos também uma ação combinada no campo jurídico que era o seguinte, ou você é contratado pelo regime estatutário, através de concurso público. Ou pela CLT, tinha que ter o registro em carteira. Começamos a ganhar isso na justiça e o governo de então, nesse período já o Maluf, Fazer concurso e possibilitar o ingresso na carreira como estatutário era mais vantajoso para o estado que ter que nos admitir com carteira assinada. E achávamos que era importante também. Porque o regime estatutário garante estabilidade, que na área pública é um bem fantástico não ser demitido

segundo a lógica do governo que acabou de ganhar que não concorda com a política anterior e demite todo mundo e contrata gente nova. Então a estabilidade sempre foi um valor importante na área pública.

Viviane Freitas

Quanto tempo você trabalhou na rede pública? Ou ainda trabalha?

Roberto Felício

É o seguinte, eu participei das greves de (19)78, (19)79, participei da fundação do PT, da CUT. Mas eu não era dirigente da Apeoesp ainda. Aliás, aconteceu comigo até um fato, que foi o seguinte, já havia um coletivo nosso de pessoas que achavam que eu tinha que ir para a diretoria, que devia fazer parte da chapa. No dia que foi formar a chapa eu fiquei numa reunião do núcleo do PT de Santana que era a minha região aqui na capital, naquele período. Agora eu voltei a morar oficialmente no interior, embora eu fique mais aqui do que lá. E eu fiquei na reunião lá, porque pra mim naquele momento a questão partidária era mais importante. Naquela circunstância ali, e eu não participei. Eu passei a integrar a diretoria da Apeoesp em 1985, aí já por insistência de novo, daí eu já participei de um dos cargos, que era o seguinte, tinha três pessoas no sindicato que pela legislação do funcionalismo público tinha direito ao afastamento. Que era o presidente, o secretário geral e o secretário de finanças. E também não porque eu queria, mas uma proposta do coletivo, eu deveria ser o secretário de finanças. Eles faziam uma brincadeira do tipo, precisamos de alguém que saiba aritmética. Alguém que saiba pelo menos fazer conta, mesmo que não seja contador e aí eu fui ser secretário de finanças.

Então eu me afastei da sala de aula. Depois em (19)87eu não quis continuar como secretário de finanças, não era uma coisa que me comovia que eu gostava tanto. Eu fui ser secretario de relações sindicais e por conta disso, minha aproximação novamente com a CUT. Eu já tinha participado da fundação, então eu fui indicado e passei a ser o secretário de formação da CUT, a partir de 1987. E continuei na diretoria da Apeoesp como secretário de relações intersindicais. Então, nas relações da Apeoesp com os demais

sindicatos. Aí a contra gosto, porque eu estava gostando de ser secretario da CUT, em duas gestões. A contra gosto no Movimento de Professores do Brasil fizeram uma exigência para nós da Apeoesp, para nós eu digo, diretoria. De fato essas correntes que a gente tinha se reproduzia no Brasil a fora. No nosso campo político para a gente fortalecer o trabalho da CUT que nós transformamos em CNTE, desculpe da antiga CPB, Confederação dos Professores do Brasil, que depois transitou para a CNTE. O Brasil praticamente exigiu que a Apeoesp que já era a maior organização de professores, inclusive de estrutura material de sustentar a construção do movimento no Brasil. Praticamente exigiu, e eu dentro da Apeoesp tinha a opinião que deveria ser outras pessoas. Eu mesmo defendia em particular uma outra pessoa, não vou dizer quem. Que não cabe resgatar esse tipo de coisa. Na época eu disse gente, eu estou na CUT, estou gostando do que eu estou fazendo na CUT. E acabei indo, porque a gente tinha muito essa coisa da disciplina. Se o coletivo está decidindo que a minha tarefa é essa eu acato a decisão do coletivo, mesmo que eu achasse que eu deveria fazer outra coisa. Hoje a gente não é tão assim, não sei se estava mais certo ou mais errado. Mas nós éramos muito assim, muito disciplinados. Eu era muito disciplinado. E eu acabei indo, acabei presidente da CNTE. Em janeiro de (19)89 então eu fiquei na CUT (19)87, (19)88, (19)89. No começo de (19)89 eu fui eleito presidente da CNTE. Só para concluir essa sequência!

Viviane Freitas

Sim, claro.

Roberto Felício

Eu fiquei quatro anos como presidentes da CNTE e quero dizer pra você que a contra gosto também eu deixei de ser presidente da CNTE. Que aí eu estava fazendo, inclusive relações internacionais na CNTE e o movimento de unificação das várias categorias dos professores, dos funcionários deu certo e foi uma coisa que gostei muito de fazer, eu viajei o Brasil inteiro, eu e a diretoria, não era só eu. E cuidava das relações internacionais, isso me proporcionou participar de congressos em Portugal, em um congresso em Praga, na costa rica no México, então eu fazia as relações internacionais do

Brasil na área de educação, nas áreas de educação, não toda porque tinha o ANDES do ensino superior. Mas no nosso campo de ensino primeiro e segundo grau que hoje é o ensino fundamental e médio. E aí, falaram agora você vai ser o presidente da Apeoesp. Duas coisas me criavam desconforto, sobre esse período, primeiro porque eu queria ficar onde eu estava. Eu poderia me tornar, tinha um movimento na América Latina com o apoio de organizações de Portugal, Espanha, Itália, na França, nos países nórdicos, na Suécia na Noruega que apoiavam essa ideia. Uma das organizações da Alemanha também. E com uma certa simpatia da América como um todo, menos dos Estados Unidos, mas também do Canadá e do México para baixo todos, para que fossemos ocupar um cargo no secretariado internacional da IE que foi a entidade, que antes nós tínhamos quatro entidades nos tínhamos quatro entidades da educação e nós unificamos as entidades internacionais numa só. Te um pré-congresso na Costa Rica e depois nós fomos para Estocolmo e em janeiro de (19)93 nós unificamos as entidades da educação e criamos a IE que tá aí até hoje a Internacional da Educação. E a proposta que nós do Brasil e era o meu nome, ocupássemos o secretariado com todos esses apoios que eu me referi. E como eu estava fazendo relações internacionais era uma coisa que eu queria fazer, mas se tinha uma segunda coisa que me provocava um desconforto, que antes de eu ser o presidente a Apeoesp, você já deve saber dessa história, era o João Felício, meu irmão. E me causava um desconforto, que eu dizia o seguinte eu não quero ser o sucessor ainda por cima do João Felício. Embora seja eleição, não é uma monarquia de irmãos e etc. Mas eu achava que politicamente era desagradável pra mim, mas não teve jeito eu apoiava nessa época também um outro nome, aliás eu apoiava um outro nome que seria a primeira mulher presidente nesse novo ciclo, se tivesse acontecido.

Mas volto a dizer a contra gosto eu me tornei presidente da Apeoesp. Mas eu não estou dizendo que esses contra gostos permaneceram, porque aí pra eu ser o presidente da Apeoesp foi uma experiência fantástica, coisa que eu não me arrependo de ter seguido num determinado momento um caminho que eu tive que seguir. Encabecei e ganhamos a eleição. Fiquei seis anos como presidentes, depois eu fui convidado a permanecer mais uma gestão. Que eu

deveria sair, porque todos nós ex-presidente saíamos, por um período a própria presidente Bebel, que foi a minha sucessora, queria que eu ficasse um pouco para ajudar nessa transição. Que era um pessoal mais jovem, e eu fiquei mais três anos assim como uma espécie de diretor comparsa, eu não era secretário, mas estava na diretoria e depois eu fui em 2002 eleito deputado. Então, só pra voltar lá trás, mas desde que eu fui eleito para secretário de finanças eu sai da sala de aula.

Viviane Freitas

Qual ano que foi?

Roberto Felício

Em 1985. Eu fiquei em sala de aula mesmo no estado durante 12 anos, eu preciso reconhecer que eu fiquei mais tempo fora da sala de aula do que dentro da sala de aula. Mas como isso era parte da minha situação, eu nunca tive prejuízo na carreira. Muito pelo contrário, depois de 38 anos de magistério dentro e fora da sala de aula, como deputado também não prejudicava, então quando eu cheguei na Assembleia eu fiz a opção em contribuir para o IPESP que agora é a SPPREV como professor , eu ia na escola participava da atribuição de aula pegava minha jornada, levava o documento no IPESP, e no IPESP eu fazia o desconto. Eu não pagava a aposentadoria como deputado, pagava como professor. Foi uma decisão política, porque eu não considerava deputado como uma profissão. Eu acho que tem que ser ainda hoje, eu acho isso, mas felizmente nós conseguimos acabar com esse negócio de aposentadoria especial para deputado. Lá no congresso nacional permanece. Eles contribuem com o INSS, os deputados, isso é obrigatório. Então, eu fiquei mais tempo fora da sala de aula, eu digo isso com um pouco de desconforto, mas eu preciso ser honesto e admitir que a minha vida foi assim. Já tinha gente que na época dizia, a não volta mais para a sala de aula e é um problema sobre o qual a gente precisa refletir. Mas que tem bons argumentos de um lado e bons argumentos do outro. Quanto tempo você que é profissional de educação você fica fora da sua atividade, um sindicalista qualquer, seja um metalúrgico, por exemplo, quanto tempo você fica na vida sindical e se afasta da profissão e como é isso pra voltar depois.

No mesmo tempo tem um bom argumento do outro lado que diz o seguinte, quando você cria uma liderança, eu não estou querendo me colocar nessa grandeza, mas estou dizendo o seguinte, quando surge uma liderança, a pessoa se torna uma referência, ele tem que deixar de ser para voltar para o chão da escola, por exemplo, no nosso caso. Então como que é isso? Então, tem bons argumentos dos dois lados, tanto é que a gente nunca criou na Apeoesp esse negócio que tem que ter X ano de mandato. Mas em compensação a gente criou mecanismo de renovação da direção. O próprio Gumercindo foi um exemplo para nós. Nossa referência de luta, nosso primeiro presidente nesse período de 81 quando nós nos dividimos em três chapas, apresentamos essa concepção. O próprio Gumercindo achava que não tinha que ficar mais que seis anos. Na época tinha três mandatos de dois anos, o João Felício, a mesma coisa. O João Felício não deixou o Gumercindo e depois o João Felício, eles não deixaram de ser presidentes porque havia um descontentamento com eles. O Gumercindo teria sido reeleito mais um mandato se nós quiséssemos. Porque na Apeoesp na verdade quem ganha eleição não é o presidente, o que eu acho muito bacana. Quem ganha às eleições na Apeoesp são as lideranças locais. Quem ganha às eleições em Dracena são as preferências dos professores lá em Dracena. Se as nossas lideranças de Dracena estão na chapa A os professores, ah é essa é a nossa chapa, ele votam na chapa A. Se as lideranças locais tiverem na chapa B, então há tudo bem, então a nossa chapa é a chapa B. E aí é o seguinte, quem tem mais sub sede, quem tem mais lideranças presentes na base do movimento vai ter maioria de votos, isso é uma coisa que isso é verdade. Não isso não é uma ciência exata, mas é o seguinte, todas as eleições confirmaram essa tese. Inclusive a última eleição. Tinha gente que apostava que tinha um desgaste da Bebel, mas isso prevalece. Eles pergunta, lá em Presidente Prudente, qual é a nossa chapa mesmo? Eles perguntam pra eles lá, não perguntam pra gente aqui. Gumercindo nunca ganhou a eleição, nem o João, nos ganhos porque nós tínhamos uma presença de lideranças de número maior e mais sub sedes.

Eu estou extrapolando aqui, porque é importante para compreender. Por exemplo, porque que tem diferença de interpretação sobre a ocupação? Tem

gente que acha que valoriza tanto a ocupação que acha que durante a ocupação teve uma greve. Na minha opinião, é inversão de valores. Durante uma greve teve uma ocupação. Não é porque a greve foi de oitenta dias e a ocupação só de nove. E eu continuo insistindo no meu depoimento, a coisa mais importante em (19)93 foi a greve. A ocupação foi um fato que teve uma dimensão fantástica dentro de uma greve. O que foi mais decisivo para empurrar o governo inclusive a finalmente conceder um reajuste, na forma de gratificação, mas teve. A pauta foi parcialmente atendida, foi a greve, não foi a ocupação. Até porque a greve e a ocupação, eles mandaram a tropa de choque e num tem jeito né.

Viviane Freitas

Na ocupação já tinha conseguido a reivindicação?

Roberto Felício

Não, porque a desocupação aconteceu antes da decisão de término da greve. Que também teve um componente, o término da greve. Acontecia o seguinte, como há fatores psicológicos que influencia também sobre o que você vai fazer. Uma ocupação durante nove dias, ela provoca desgastes físicos, mas principalmente ela provoca desgastes psicológicos. As mesmas famílias que vão lá aplaudir no começo depois começavam a pressionar a professora o professor, “olha isso aí também não vai levar a nada, melhor você sair”, então a ocupação também começou a ter num certo esvaziamento. Nós nunca conseguimos contar quantas pessoas nós éramos. Estávamos em novecentas pessoas lá dentro e de repente já não era, éramos só quinhentas pessoas. Tanto é que eu vou admitir uma outra coisa para você, em que eu não vou dizer o nome dos personagens para não parecer que nós estamos fazendo aqui embates políticos. Não é isso. Mas tanto na direção da Apeoesp quanto na oposição, portanto, nas várias correntes já tinha um certo sentimento que seria bom que agora nessa véspera de feriado o choque tirasse a gente, que pra atravessar o feriadão prolongado aqui dentro vai ser(...). Então isso não era admitido oficialmente, não era posto no papel, não era dito na assembleia e etc. Mas já tinha um sentimento da própria vanguarda das várias correntes de um certo esgotamento daquilo. Porque que eu digo que não vou dizer nomes é

pra não parecer que essa coisa informal, essa conversa mais reservada seja luta política. E também não gostaria que alguém fizesse isso comigo, mas eu também tinha esse sentimento. Eu admito que tinha esse sentimento, isso daqui esgotou. Não estou dizendo que foi por isso, porque também era previsível que eles poderiam fazer, porque pode ser que um feriado prolongado, as pessoas iam cuidar dos túmulos, era véspera de finados. Porque a greve começou no final de agosto e se estendeu por setembro outubro ela chegou e o acampamento que começou por volta do dia vinte de outubro mais ou menos. Aí o seguinte, os caras resolveram mesmo na véspera do feriado prolongado, eu não me lembro que dia da semana que caiu porque esse era um feriado de mais dias. Foi uma coisa do tipo, tiraram a gente de lá na sexta a noite e o finado se estendia do sábado, até o dia, depois terça-feira, se eu não me engano foi isso.

E eles de fato(...). E aí não tem heroísmo e não tem covardia, quando a polícia militar a tropa de choque resolver tirar um grupo de quinhentas pessoas, mil pessoas que eu não faço ideia, eles vão tirar, porque eles têm técnica para isso, eles tem armas para isso, gás de pimenta quem já sentiu sabe o que é, o gás lacrimogênio é a mesma coisa, se o cara joga o gás lacrimogênio em cima do carro de som, as pessoas não conseguem ficar, porque as pessoas não conseguem respirar, as pessoas vão procurar oxigênio pra respirar. Então não é um problema de heroísmo, não é um problema de covardia. Nós nos organizamos também para que a desocupação não fosse da forma mais violenta, porque a ocupação era por si só uma violência, né. Mas já com uma discussão feita e etc. É o seguinte, nós não vamos fazer com que eles batam na gente, nós não vamos provocar esse tipo de situação. E ali como eu falei também tinha gente de todo tipo, gente que inclusive não era (...). Precisamos diferenciar uma parte, que não eram pessoas que tinham ideologias políticas, tinha pessoas marcadamente de esquerda, marxistas leninistas, outros trotskistas, inclusive muitas vezes o pau comia nas nossas discussões e eventos mais internos por conta disso, porque ai os trotskistas lembravam como é que o Stalin mandou liquidar o (...). Entendeu? Então se tinha também rancores dentro da esquerda. Mas parte dos que estavam dentro da Assembleia Legislativa não eram pessoas assim, não eram pessoas com uma

formação ideológica, eram pessoas até um pouco politizadas, porque quando você participa de um movimento político você se politiza junto. O movimento real completo é uma grande escola, mas tinha gente ali que nunca tinha ouvido falar do Manifesto do Comunismo. Então era, pra usar uma expressão que a gente também não usa lá fora, era a professorinha que dizia onde é que eu tó. Tó no meio de uma ocupação, porque por acaso eu entrei na Assembleia para ir no banheiro e gostei da coisa e resolvi ficar também. Então tem esses componentes que são muito emocionais. Nem tudo num movimento, seja qualquer que seja, as coisas são decididas racionalmente. Os componentes emocionais influenciou a ocupação da Assembleia, teve um componente muito emocional que foi de reação a uma agressão. Uma agressão continuada, não só agressão daquele dia, mas a agressão que tinha se dado antes na Paulista, antes no Palácio dos Bandeirantes. O único lugar que acho que não houve um ato de agressão mais ostensiva da polícia até porque não se justificaria também. Como nós vamos desocupar a Paulista porque está atrapalhando o trânsito, a ambulância que vai para o hospital. A direita usa muito esse discurso quando precisa. É jogo da copa do mundo eles não usam esse argumento, mas quando é um movimento político sim. No Vale do Anhangabaú, como tinha virando um bulevar e o trânsito passava por baixo, e passa até hoje, isso foi feito acho que na época da Erundina. Então quando fizemos as assembleias já era pós-governo municipal da Erundina, então, porque vai jogar bomba ali, ali não esta incomodando nada. No máximo que alguém podia reclamar era que estava estragando um pouco a grama, o gramado.

Então a ocupação ela teve muito componente, alguém pode ter pensado, alguma corrente, nós vamos tirar proveito da situação, mas ninguém anunciou isso, ninguém reivindicou isso. Então ela teve um momento desse componente emocional mesmo, que a reação foi a seguinte, estão batendo tanto na gente que vamos nos vingar, e tanto é que teve um pouco de vandalismo, isso que a gente classifica aspas de vandalismo. Tem um corredor lá que tem uns retratos, que é a sala dos retratos, que são os retratos dos ex-presidentes da Assembleia Legislativa em sequência, muitos daqueles retratos foram jogados fora, jogados no chão e a Assembleia Legislativa, ela tem uma grande galeria

de arte. Se você nunca tiver prestado atenção nisso e quiser um dia visitar e se gosta disso também, ela tem obras de arte.

A Assembleia Legislativa, ela funciona como uma espécie de museu, nenhuma da obra de arte muito cara, as caras estão nos museus lá fora, mas a câmara tem um acervo bom. E algumas dessas peças também que estavam penduradas na parede, além de algumas esculturas que foram danificadas. O presidente da ALESP reclamou muito comigo sobre isso. Mas a vida é assim né, a gente não deve quebrar uma obra de arte. Eu até usava o argumento, ainda mais eu né que sou da área, mas a polícia também não deveria bater em nós, como bateu. Então as pessoas reagem de acordo com as circunstâncias.

Viviane Freitas

Deixa só eu voltar um pouquinho. No período seu de faculdade você já esta envolvido com movimento estudantil, você já teve uma participação?

Roberto Felício

Muito pouco, muito pouco, uma coisa de iniciação da política, quando eu fui fazer no Instituto de Educação de Jaú em 1968, já tinha a cadeira de Filosofia que era uma coisa tão antiga de ter filosofia na escola. E um professor de filosofia distribuiu um texto desses que eram feitos nesses mimeógrafos com álcool é tal, uma apostila de quatro, cinco páginas sobre Marx.

Eu disse em 1968, você sabe do que eu estou falando né? Em (19)68 teve o golpe militar dentro do golpe militar de 64 que foi a emissão do famoso AI5. Foi quando recrudesceu a ditadura militar, a repressão aumentou, logo depois vem Médici. O pau come de maneira mais ostensiva da repressão, com assassinatos e tudo mais. Esse professor foi de uma coragem fantástica, na época nós não tínhamos ainda. O João e eu estudávamos juntos nesse período, eu alcancei o João porque ele fez o quinto ano na passagem do grupo escolar. Então nós já estávamos na mesma classe, então só mais tarde fomos compreender o que tinha sido a ousadia daquele professor, ter feito um negócio desses num ano de 68 que com todas as repercussões internacionais, os movimentos tiveram... Em 68 foi a Primavera de Praga, foi o ano das barricadas em Paris, um ano de muita efervescência política pelo mundo todo,

de protestos pelo mundo todo, inclusive começa a ganhar dimensões certas bandeiras, do tipo das questões da mulher, nesse período, coisa que já eram pensadas pelo Marx né. Marx já falava, a Rosa de Luxemburgo também. Marx já falava em lutas de classes no plural, como uma das questões que ele levantava era a da igualdade de gênero e foi um período de muitas vezes radicalismo. Em Nova York, houve a famosa queima dos sutiãs, as mulheres queimaram o sutiã que era um protesto da opressão masculina. Mas no interior, eu vivia então em Jaú, desde um ano de idade, eu sou nascido numa cidadezinha menor ainda que Jaú, chamada Itapuí, entre Jaú e Bauru, mas eu fui criado em Jaú. E mesmo na universidade depois, você tinha os movimentos estudantis nas grandes cidades eram muito reprimidos, então nós estávamos numa época intensa de repressão, que foi quando estouraram o congresso de Ibiúna. No interior os diretórios acadêmicos, os centros acadêmicos, ele organizavam atividades, um filme vá lá. Mas tudo era muito inspecionado então você não tinha praticamente nada. Tinha-se muita repressão num campus tipo a USP você imagina em Bauru que era um lugar de mil estudantes, não mais do que isso, inclusive com campus descentralizados. Porque a faculdade que eu fiz depois ela se unificou num campus que é o atual campus da UNESP. Antes era um instituto isolado que funcionava junto com a escola de engenharia, num tinha nada a ver com o que a gente estava fazendo. A faculdade de direito era ao lado, mas praticamente não tinha comunicação entre os estudantes, então na maioria das vezes eram institutos isolados que pertenciam a essa ou aquela universidade, você tem campus grande, você pega o campus principal da universidade de São Carlos, tem unidades isoladas que pertencem a Universidade Federal de São Carlos em Sorocaba, mas as maiorias das faculdades estão ali, então isso facilita com que os alunos se comuniquem entre os diferentes cursos. O aluno tinha antigamente de modo geral no interior tinha muito pouco. Então eu diria que a minha militância começou mais, embora já com algum tipo de introdução, por isso, eu falei do texto do Marx. Mas a minha militância começou aqui em São Paulo, e confesso que fui ganho até para a política mais via movimento sindical do que partido, então em (19)77 a gente já começou a fazer um abaixo assinado pra diretoria antiga da Apeoesp que queríamos chamar a assembleia e nunca fizeram isso. Tanto é que a greve de (19)78 não foi conduzida pela Apeoesp. A greve de

(19)78, alias é uma experiência fantástica foi essa organização futura. Porque o que nós fizemos em (19)78 que com esse movimento de fazer abaixo assinado, nos acabamos nos organizando por região, eu era da região oeste nessa época, dava aula na Lapa, na verdade na periferia da Freguesia do O. Mas nós criamos uma espécie de regional em Campinas. Quando nós iniciamos a greve em agosto de (19)78, a greve funcionou assim, os companheiros e companheiras se reuniram em Campinas e elegiam um grupo de pessoas de acordo com o número de participantes na assembleia proporcional para vim integrar o comando de greve aqui em São Paulo, na capital fazia e na região sudeste, na sul, na leste era junto, Guarulhos já tinha um outro grupo, Osasco. A gente se reunia aqui na capital e aí fomos pressionar a capital e a gente fazia dentro da sede da Apeoesp a reunião do comando, mas a diretoria da Apeoesp não participava da reunião do comando.

O comando de greve, ele funcionava o seguinte, quem foi eleito na sua região, na assembleia regional tinha assento. Então tinha que virar uma ata, um documento qualquer lá de Guarulhos dizendo o seguinte, olha hoje teve uma participação de tantos professores e nos elegemos esses oito delegados para serem do comando de greve. Então foi uma greve dirigida por um comando geral de greve, isso exerceu uma influência, em (19)79 praticamente foi isso, porque quando a gente fizemos a greve de (19)79 foi através de um comando, mas ganhamos a eleição. Elegemos aí a primeira mulher desse período foi aí, então foi uma mulher a nossa primeira presidente.

E depois rachou em três como eu já disse em (19)81, em(19) 79 essa diretoria que era o comando de greve na verdade era uma chapona do comando com todo mundo, tinha o pessoal da Libilu, Trabalho que existe até hoje, tinha a Convergência Socialista que virou PSTU mais tarde , tinha, bom enfim, tudo o que você sabe. Tudo! PSB, PCdoB, tudo o que você pensar tinha. Então o comando de greve era integrado porque tinha sido eleito, eu poderia ser de uma corrente ou não, mas eu fui eleito na assembleia da Lapa. Claro que o fato de você ter maior ou menor simpatia por um grupo te facilitava, porque os chamados autonomistas, o cara independente, muitas vezes não tinham votos para se eleger, então claro que tinha um espargo das correntes nessas disputas políticas.

Acho que eu perdi um pouco o fio da meada, você quer voltar a sua pergunta?

Viviane Freitas

Você respondeu, se você tinha participado de algum movimento estudantil.

Roberto Felício

Então, aí eu fui eleito a primeira vez pelo comando de greve, depois eu fui eleito de novo ai esse movimento sindical que foi retomado e tinha outras vertentes por moradia, carestia.

Viviane Freitas

Mas nesse período você estava na universidade?

Roberto Felício

Não, não. Eu comecei a lecionar já em (19)73, sai de Bauru já com o diploma e vim para a capital e fiz cursos de extensão e muitas coisas.

Viviane Freitas

E qual o ano que você começou efetivamente no sindicato com essa militância?

Roberto Felício

Em (19)77 quando teve a história do abaixo assinado, porque alguém levou lá o abaixo assinado na minha escola e eu descobri que tinham pessoas fazendo isso e comecei a me integrar e querer fazer também.

Viviane Freitas

E como que você via o sindicato nesse período que você entrou, qual que era a sua visão do sindicato nesse momento?

Roberto Felício

Não tinha. Tinha gente que tinha, mas eu não tinha. Eu achei interessante aquele negócio de fazer abaixo assinado para pedir para a diretoria em (19)77, (19)78 fazer a assembleia. A gente discutia as questões da categoria. A

primeira grande bandeira era termos finalmente um estatuto do magistério, uma lei que disse o seguinte, a vida profissional dos professores funciona desse jeito. O que tinha era um pouco o estatuto do servidor público que determinava que a gente ganhava o salário de acordo com aquelas referências e tinha uma tabela. O seguinte, o magistério falou nós queremos uma lei específica nossa como existe no mundo todo. E isso foi o que digamos chamou a atenção. Aí no dia da greve de (19)78, eu não sabia que ia acontecer a greve, alguns mais exaltados, os chefes. Teve um professor, bem de base que fez um discurso sobre a ditadura militar aí o pessoal dizia, chio, precisamos ter cuidado porque estamos ainda na ditadura militar, e aí de repente foi colocado em votação. Nós tínhamos trezentas pessoas, não tinha mais que isso e votamos, todo mundo ergueu o braço, eu ergui também, acho que deve ser justo né, então vamos lá.

O que que eu achava de sindicalismo, não achava grande coisa não, não tinha ainda opinião, nenhuma concepção sindical. O movimento real, a minha escola foi mais o movimento efetivo do que o conhecimento teórico. Embora, volto a lembrar do texto do Marx, que mais tarde também eu vim entender melhor e aí claro você começa a querer aprender mais, a estudar mais, aí eu ouvia alguém falar de fulano de tal eu falava deixa eu ver quem é. Então você começa a procurar um pouco mais o conhecimento teórico.

Mas a grande escola nossa, foi à rua. Então, aí em (19)78 saiu a greve eu fui eleito uma ou duas vezes, não fui eleito todas às vezes mais, uma ou outra vez fui eleito para o comando, depois (19)79 foi a mesma coisa. Depois elegemos uma diretoria do qual eu nem podia participar da chapa, porque eu não tinha tempo de filiação a antiga associação, porque para você participar de chapa e disputar as eleições tinha critérios, tinha que ser filiados a cinco anos. Os principais dirigentes da greve de (19)78, (19)79 as maiores lideranças, das quais eu não me reivindico, não estou nessa lista. Algumas pessoas que nós reconhecemos como principais lideranças não puderam participar da chapa porque não tinha o tempo mínimo, uma das várias polémicas. A chapa também tinha que ser montado com o que era possível, a Aiko sem demérito as qualidades pessoais dela, uma liderança importante de valor, reconheço isso nela até hoje. Mas porque ela virou presidente também, porque ninguém

aceitava que o presidente ou a presidente fosse alguém da Convergência Socialista, como também o pessoal da Convergência não concordava que fosse alguém da corrente O Trabalho, como o pessoal também não concordava que fosse alguém do PCdoB, como o pessoal do PCdoB também não concordava que fossemos nós, nós éramos de um agrupamento chamado MEP, e eu fui ganho nesse processo também, porque eu simpatizei com a militância do Paulo Fratezi, do Gumercindo Milioni, da Via Papi, que se tornaram um pouco da nossas referências, então de que turma era essa, essa era a turma do MEP, então eu, é aqui que eu vou, me convidaram para uma reunião e eu fui e isso foi despertando muito. E como esse processo envolveu muita gente, milhares de pessoas e na política a gente conquistou o direito de organizar o pluripartidarismo. O PCdoB mesmo vivia na clandestinidade antes disso, nós todos estávamos alojados no MDB. Em (19)78 nós fizemos campanha dos chamados autênticos, os jovens do MDB, para não fazer a campanha dos conservadores nós fazíamos a campanha dos que pareciam, e de fato era. O Cirqueirinha, Geraldinho era um cara que tinha origens nos sindicatos, sem conhecer pessoalmente nós fizemos a campanha do Geraldinho. Como conquistamos o pluripartidarismo gente das universidades, intelectuais, sindicalistas, tudo sobre a liderança do Lula levou a criação do PT, levou a criação do PMDB, que foi a transformação do antigo MDB, como levou a legalidade do PCB, do PCdoB, do surgimento de PSB e mais tarde ficou o PMDB e PTB na briga pelos herdeiros do Getulismo, tanto a Ivete Vargas acabou ficando no PTB e o Brizola acabou perdendo a legenda do PTB e acabou criando o PDT, bom aí leva os surgimentos de uns dez, doze partidos e hoje temos muito mais do que isso. Então, nós criamos o PT, chegou um momento, como eu falei que eu me entusiasmava mais com as coisas do partido do que do sindicato, mas sempre com um pé naquilo, um pé acolá. E fui indo.

Viviane Freitas

Como a presença, em sua opinião do sindicalismo docente representado pela Apeoesp tem colaborado com a melhoria das condições de vida e de trabalho dos professores nas escolas estaduais paulistas ?

Roberto Felício

Olha foi eu diria fundamental, a história da Apeoesp é fundamental para a conquista, nós finalmente conquistamos o estatuto do magistério, nós conquistamos algumas melhorias salariais, que depois se perderam. O movimento tem essa coisa né, que às vezes você conquistava vinte por cento e a inflação anual era vinte por cento. Então em um ano você estava correndo atrás de novo do que você já tinha conquistado, muito vai e vem. Tivemos avanços na legislação do magistério que depois nós começamos, porque o primeiro estatuto não foi do jeito que a gente queria, a gente conseguiu, ele era um avanço, mas ele não era cem por cento. E nós lutávamos para melhorar, muitas vezes o governo vinha com coisas que pioravam. Com o governo do Covas a presença da Rose Neubauer na secretaria significou, acho que foi (19)98, um retrocesso muito grande. A plenitude da carreira, você saia de um piso salarial daqui e vinha até aqui. Eles fizeram isso, eles reduziram o piso, o período da carreira, tornaram, fez uma tabela mais simples, mas não no sentido positivo, mais simples no sentido da concepção do arroxo salarial que o governo tinha. O discurso do governo era o seguinte, mas quem ganha está aqui, tá ganhando muito em comparação com quem está aqui. Aí nós dizíamos então tá bom, pega o salário de quem esta aqui e traz para cá. Aí a gente concorda. Você pode ter uma amplitude de carreira, três vezes, você começa ganhando cem e termina ganhando trezentos. Você pode ter uma amplitude de carreira ganhando duzentos, acho mais justo que seja duzentos. O problema é onde é que você começa e onde é que você termina, então não é só a discussão da amplitude. Então você tinha, nós tivemos retrocessos, nós tivemos idas e vindas. A pressão em favor de novos concursos depois de 1980, nós ficamos sete, oito anos sem concurso, aí isso passou a ser uma bandeira importante conquistamos novamente o direito a fazer concursos para efetivar. A briga para acabar a luta nossa, para acabar com essa informalidade da contratação tem sido uma luta constante, que às vezes a luta avança com a realização de um concurso e depois você fica dois anos, três anos sem concurso, avança o processo de informalização de novo.

Há uma tendência muito grande, muito forte no país ainda, com essa reforma trabalhista que nós tivemos, em relação a terceirização mesmo nos setores

primários da produção. Você tem uma vida política em desenvolvimento. Mas é evidente de que contribuiu muito, eu diria o seguinte, se não fosse o movimento, supõem-se, não dá pra ser categórico né, acho que as nossas condições de vida, se não fosse a luta política de um modo geral, as condições de vida seriam piores. A fundação da CUT, porque a CUT nós fundamos com a perspectiva do nome, o nome não é uma ironia, o nome é porque essa era uma vontade política de central única. Nós queríamos ter uma única central, e que já foi rompida, logo no começo lá traz pelo chamado campo pelego mesmo. Mas o campo da esquerda, nós conseguimos ficar juntos durante muito tempo. Depois aí descambou esse negócio da divisão da esquerda no campo partidário levou a uma divisão da esquerda no campo sindical também, então, alguns entenderam que devia criar uma outra central sindical, então tá aí a Intersindical, que é mais influenciada por gente do PSOL, tem a Conlutas que tem a ver com a antinga convergência do PSTU. O PCdoB resolveu depois de ter ido para CUT sair e criar sua própria central. Então é o seguinte, há problemas de concepção por parte de muita gente, nós temos diferenças de opinião, por isso, não dá pra ficar juntos sob o mesmo teto. Mas infelizmente, também boa parte disso tem a ver com problemas de estruturas, problemas de grana. O imposto sindical, nós sempre combatemos isso desde o começo até hoje na verdade. A CUT mantém essa, a CUT não está muito preocupada com o imposto sindical, mas a Força Sindical tá, a Força Sindical. Eles não se preocupam em filiar gente nos sindicatos que é a chamada auto sustentação financeira e fica se apegando ao imposto como máquina e cá entre nós, inclusive com corrupção desvios de natureza ideológica, mas vias morais e éticas também, então não são problemas ideológicos. E hoje infelizmente nós temos centrais demais, mesmo assim, o que nós resta fazer é buscar a unidade, o ato de ontem foi uma iniciativa aqui da CUT, esse mérito ninguém pode tirar, especialmente do Douglas Izzo que é o nosso presidente que tomou a iniciativa e que propôs, eu sei disso porque testemunhei, não foi ideia minha que sou assessor dele, foi ideia dele. Que propôs e aí fizemos a reunião, chamamos as outras centrais para começar a organizar esse movimento contra essa PL920, o motivo da mobilização. Mas conseguimos, as outras centrais sindicais vieram no movimento unitário, ontem tinha um pouco de gente de todas as centrais sindicais lá. Acho que teve a Nova Central que foi uma das

que saíram fora, mas as principais centrais sindicais estão juntas ali. Então é o que a gente chama às vezes, embora haja uma divisão no ponto de vista da estrutura, você busca uma unidade na ação política. O 920 incomoda nós que somos da CUT, incomoda nós que somos da Apeoesp, incomoda nós que somos da FUSE, incomoda nós que somos da Conlutas. Então, tanto centrais sindicais, como sindicatos que são filiados a uma ou outra central se sentem incomodados, então vamos ver o que a gente pode fazer juntos. A reforma política em Brasília fez isso, infelizmente o que nós fragilizou muito na questão política em Brasília da reforma trabalhista, porque parte das centrais estava mais ocupada em ver como é que a reforma trabalhista mantinha o imposto sindical do que o interesse do trabalhador da base que eles representam. Entre eles até teve muita divergência. Também não quero citar nominalmente, mas tem muito dirigente sindical aí mais preocupado com o futuro dele do que com o futuro da classe trabalhadora, a base que ele próprio representa.

Mas voltando, eu acho que a Apeoesp cumpriu, vem cumprindo um papel importante, porque há uma evolução também, não se pode dizer que a Apeoesp hoje age do jeito que ela agia há dez anos atrás. Acho que muita coisa ela evoluiu positivamente. Eu tenho algumas preocupações, por exemplo, eu já manifestei uma visão diferente da maioria sobre a greve de 2015.

Viviane Freitas

E qual visão seria?

Roberto Felício

No seguinte sentido, volto a dizer uma coisa, que eu disse lá traz, o que é fundamental para mim numa greve é a adesão. Greve se faz com grevistas. Se você tem oitenta por cento da categoria paralisada o governo pode ceder, se você tiver dez por cento da categoria paralisada o governo vai ficar esperando você se cansar, não vai fazer nada. No trigésimo, quadragésimo dia da greve eu percebi, porque eu ouvi os outros falar, não é porque eu tava indo na escola. Mas os conselheiros estavam indo, e a informação, que todas as correntes, todas. Não é porque esse pessoal aqui é mais pelego que aquele, eu sou mais combativo que você. Todos admitiam o seguinte, a greve tinha

problemas, a greve estava esvaziada, teve, não vou citar nome de novo, mas eu vi gente da oposição falar o seguinte, olha nós podemos continuar, mas nós temos que refletir gente, porque oh não tem mais grevistas na minha sub sede. Sub sede da maioria da oposição e sub sede de maioria nossa da Articulação Sindical, tanto que é, que o sindicato hoje optou por não dizer mais qual era o índice de adesão e vocês sabem que com o avanço da informática nas escolas, é o seguinte, não é nem o diretor, eles tiraram da mão do diretor. É o secretário que tem obrigação profissional, a informar via internet o comparecimento do dia, eles fazem isso todos os dias. E fazem isso inclusive na greve. E se o secretário não fizer ele pode ser demitido por isso, porque é parte da função dele, você não pode exigir que ele aderisse a greve também ou às vezes os funcionários não estão em greve com os professores, mas mesmo que tivesse, que ele fuja a uma responsabilidade formal e burocrática, que ele perca o emprego dele, porque depois ninguém o sustenta. Então é o seguinte, ele informa então o governo sabe e nós sabemos quantas pessoas que de fato estão de greve, quantas pessoas foram trabalhar, foram dar aula naquele período e quantos não foram. Sendo que nem sempre os que não foram é porque são grevistas também, naquele dia coincidiu. Eu não fui porque fui pro médico. Mas vamos supor que fosse rigorosamente quem tá, e quem não tá é grevista. A greve esvaziou e aí olha eu ouvi as pessoas, dito assim em público, na reunião, tá mas nós da direção não vamos chamar o fim da greve sozinho, porque não vamos nós desgastar. Aí a oposição, ficou um negócio que é o seguinte, as correntes de oposição ou minoritária na diretoria. A maioria dizendo que não chamaria o fim da greve sozinho e a minoria dizendo que não chamaria sem a direção, teve hora que teve gente de oposição pressionando a Bebel para que ela chamasse o fim da greve e ao mesmo tempo ela dizia, não, mas eu não vou chamar se vocês não chamarem junto. Então é o seguinte, isso pra mim é um, eu já fui vaiado, já jogaram copo de água, espiga de milho. Seguinte, se eu sou direção eu assumo o papel de direção, eu vou na assembleia dizer o seguinte a situação da greve é essa e eu quero propor suspensão da greve. Vão me vaiar a vontade quando eu fizer isso, na assembleia seguinte vai ter mais gente concordando com o que eu tinha dito na anterior. Aí ficou aquele negócio que é o seguinte, não é verdade que nós fizemos a greve de noventa dias. E aí é claro, porque o que virou, virou uma

coisa de um certo heroísmo da vanguarda, cujo papel quero reconhecer, quero dizer, porque quero dizer agora que sou solidário. Porque eu não era grevista. Eu sou aposentado, então eu vou para a assembleia, engrosso o movimento com a passeata, mas eu não. E dizer o seguinte, eu quero que vocês fiquem em greve por que (...). Eu não estou em greve, porque eu sou aposentado. Aquela greve eu nem estava aqui na CUT ainda, eu estava só com meu salário de aposentado mesmo, eu não era mais deputado, eu não tinha sido reeleito em 2014 quando eu tentei novamente a reeleição. Então eu participava da greve, as eu não era um grevista, pra mim se a greve continuasse ou não, pessoalmente não fazia diferença. Mas eu me sentia incomodado.

O trabalho para construir a greve é constante, até mesmo porque os atores vão mudando, as pessoas não são dotadas desse pensamento político, você vai ter que influenciar o novo e nesse processo já tem mais um que entrou e outro que aposentou então isso é um trabalho constante. É uma dinâmica do movimento que ela não exaure nunca, o processo de politização, é um processo permanente. Vale isso pra vida dos professores, pra vida do trabalhador no chão da fábrica e vale pra nós na vida social. Nós enquanto partido político, enquanto agentes políticos, como ativistas acima de tudo, eu sou um ativista político. O meu ativismo se expressa principalmente no campo sindical e no partidário, mas o meu ativismo político não se esgota no partido, no movimento sindical. Porque lá no meu bairro, eu tenho uma demanda que de repente eu me junte com os meus vizinhos pra gente fazer um pedido para administração regional ou lá em Piracicaba direto com a prefeitura, isso é ativismo político. Tá. E isso é uma coisa que vai gerações e gerações, nos nunca vamos ter a sociedade pronta. Não é porque tem retrocesso de direita, de esquerda, nunca estará pronta porque é uma coisa da natureza humana. Quando você conquista um patamar, você busca outro. A questão da liberdade e da igualdade de gênero vai ser uma luta permanente. Não vai ser a quando as mulheres ganharem o mesmo salário dos homens. Porque o fenômeno é muito mais cultura. Entendeu? É a maneira como nós enxergamos as coisas, o papel da mulher na sociedade. Então essa discussão tem que ter sempre, porque haverá novos machistas futuramente, inclusive entre as mulheres. Porque nós

somos de formação, nós nascemos em famílias diferentes, sempre tem um momento que tem que conversar.

Então, mas voltando para a greve, qual é a questão que, aí pra não ficar uma má impressão, eu respeito muito aqueles cinco por cento, eu respeito muito você que chegava na escola e sentia, só eu que estou em greve os outros estão trabalhando. É o seguinte, por mais que isso seja bonito, que nós tenhamos que ser solidários com nosso comando de greve, com o conselho com a diretoria, eu mantenho a minha admiração com a vanguarda. Mas isso não quer dizer que eu concorde com o procedimento que a vanguarda adotou. Por quê? Porque, se num determinado momento a greve já não é capaz mais de responder e obter uma conquista, está muito enfraquecida, eu tenho que ser intelectualmente honesto com a minha categoria e dizer o seguinte, olha gente essa greve aqui podemos continuar, mas esta greve aqui não obtém mais resultado, se o governo não nós ouviu, não atendeu quando ela estava maior, imagina agora. Pra não dizer que eu não fiz nada, que eu fiquei assistindo, eu em reunião mais interna da minha corrente, numa certa altura, as pessoas constataram isso que eu estou dizendo. Acho que demorou. As pessoas disseram, aí eu pedi inscrição, eu não faço disputas no conselho com o meu agrupamento político, não faço, se tiver que fazer, internamente. Eu fui lá e disse, olha se vocês acham que a greve esvaiu-se de sua capacidade, mas não dá pra suspender, porque nós temos que dialogar com o setor mais jovem que esta chegando agora, mas pelo menos uma coisa, eu posso não defender a greve, mas o discurso muda. Muda o tom, eu não posso mais chegar na assembleia. Não porque é até a morte. Porque o governo é filho da puta. Eu tenho que dialogar com as pessoas que estão ali e dizer o seguinte, gente o governo é tudo isso, o governo é filho da puta, só que tem um, porém gente, você que esta aqui na assembleia, quantas pessoas da sua escola estão junto com você? Se a gente começar a fazer esse diálogo eu construo para as pessoas uma interrupção da greve. Que seja aquilo, que não seja traumática que as pessoas entendam que tem um problema posto sobre o qual nós temos que refletir friamente é tirar um pouco o comando da emoção em favor do comando mais racional. Esse negócio de xingar o governo, quem é da vanguarda que num sabe xingar o governo? Quem é que não sabe falar mal do

Alckmin. E alias, falar mal do Alckmin não muda nem as palavras para falar dos governos anteriores a ele, de todo o governo neoliberal, governos da mesma matriz.

Nós estamos há mais de vinte anos em São Paulo com um governo da mesma matriz ideológica que são a vanguarda do neoliberalismo, isso no Brasil e na América do Sul, esses caras não são brincadeira não. Nós da esquerda temos que aprender isso, que nós achamos que somos mais espertos que a direita, que nós somos mais politizados. A direita tem seus quadros, eles sabem, eles adotam táticas e, aliás, eles estão no poder e deram um golpe em nós bem dado, muito filho da puta, sacana. Vamos fazer de tudo para derrota-los, mas para derrota-los nós temos que compreender a força que eles acumularam tem gente de todo o perfil. Tem gente do PT que acha que nós vamos ganhar a eleição. Ano que vem ou não tem eleição ou a gente não ganha à eleição ou muda o sistema de governo. Eles botam o parlamento, se eles sentirem que não tem jeito, que não dá para prender o Lula traumatiza muito. Não dá para caçar o direito político, não dá para não deixar o Lula se eleger não, então, vamos aprovar uma emenda constitucional e instala o parlamentarismo, o Lula vai ser presidente do poder público moderador, mas o chefe de governo mesmo que vai governar o país vai ser o primeiro ministro do congresso conservador. Vocês acham que nós vamos eleger mais deputado do PT, do PSOL, do PSTU do PCdoB, dos partidos mais à esquerda ou mais do centro ou vai ter mais pastor do que nós? Vai ter mais pastor do que petista no congresso nacional, já tem hoje, você pega ruralista, pastor dos vários partidos aí eles se juntam, fica aquele negócio de religião. Quando surge um ateu no meio da conversa, mas Deus é um só, aí eles se juntam contra você. Porque o mal, não é porque o ateu representa o mal. Se todos nós fossemos ateus, haveria menos guerras no mundo, porque muitas vezes as guerras são justificadas por ideologias religiosas, Mas eles acham que o ateu, o ateu é um perigo para a receita das igrejas esse é o perigo do ateu, não é porque o ateu vai convencer mais, é porque, se o ateu convencer os outros a não darem dinheiro para a igreja, para eles é um problema. Bom mas isso é outra discussão.

Viviane Freitas

Como o senhor sabe o estado democrático, não é um exemplo típico de patrão, o senhor como experiente dirigente sindical poderia nós dizer então, como são travadas as relações com esse peculiar patronato?

Roberto Felício

Essa democracia ela tem valor intrínseco. Lutar pelo estado de direito é uma coisa fundamental, porque temos que entender que os valores são determinados por tudo o que é democrático, na ótica do presidente da FIESP não é necessariamente o que é democrático do presidente da CUT. Não é que a sociedade é mais ou menos democrática, vai depender da correlação de forças. A hora que a classe trabalhadora procura mais força ela impõe algumas coisas. A constituição de (19)88 é um avanço significativo em relação à Constituição que era a aliança da ditadura militar, chamada até hoje de Constituição cidadã, mas tem avanços democráticos que são possíveis de serem feitos e mesmo dentro da chamada Constituição cidadã, temos que acumular forças para impor mais coisas e eles a direita nesse momento acumularam forças para começarem impor derrotas a nossa constituição de (19)88, e fazer mudanças. Esse negócio de não, e com escrachos, ainda bem que a direita erra também. Esse negócio agora sobre a questão do trabalho escravo é um tiro no pé, eles deram agora um tiro no pé que vai racha-los e eles não vão ter condições, e a tendência é recuar. Porque aí vem a igreja, não é só a CUT e o PT, aí começa muito mais gente. Até os juízes do trabalho dentro do judiciário que criou até um certo consenso para dar o golpe, o golpe foi jurídico. É. Começa a ter problemas, pode ter um retrocesso desse tipo, nós temos inclusive acordos internacionais, mas eu estou pegando um exemplo para dizer o seguinte, sempre que eles podem eles vão avançar e nós encurralar. Eu diria que esse movimento é muito parecido com aquela brincadeira, queda de braço. Que fica cada um do lado da corda. Esqueci o nome agora. Então é o seguinte, tem hora que você consegue fazer com que, o Estado é como se fosse o nó da corda, no meio da corda, tem hora que os trabalhadores puxam esse nó que é o Estado que é a organização política da nação mais pro campo deles, de repente os patrões, chamado de O Mercado conseguem puxar, nesse momento eles puxaram de volta o nó mais perto deles. O Estado, na concepção neoliberal ele não tem que ser menor, essa

história do Estado menor, isso tudo é uma conversa mole, isso é discurso, é propaganda política. O Estado tem que ser conveniente segundo a minha opinião, se eu for o patrão o Estado tem que ser de um jeito, se eu sou trabalhador o Estado tem que ser de outro. Ele não tem que ser menor, eles quer agora o Estado a serviço deles, como que na verdade sempre esteve. Nós antes só conseguimos fazer com que o Estado fosse um pouco mais próximo aos trabalhadores, passasse a defender, acho que o governo Lula significou o nó se deslocar mais para o lado dos trabalhadores. Não significa que antes o mercado, os patrões, não. Mesmo sob o governo Lula o poderio, o poder econômico, na mão cada vez menor de pessoas. A humanidade esta experimentando uma concentração de renda que não tem paralelo na história da humanidade, mesmo no período dos chamados grandes impérios romanos se teve uma concentração de riquezas na mão de poucos, aqui no Brasil acho que são vinte e seis famílias que tem mais riquezas que cinquenta por cento da população do Brasil. No mundo, acho que são 48 famílias que tem uma riqueza equivalente a 3, 6 bilhões de pessoas, metade da humanidade, isso não tem precedentes na história. Tem uns babacas lá em Piracicaba, uma vez eu estava fazendo uma discussão com empresários, os mais ricos da cidade, num determinado momento um cara lá, levantou uma questão, eu disse pra ele você não é o dono do mundo, os donos do mundo, são muito pouco, no Brasil tem dois ou três, aliás, por coincidência tem um que é de Piracicaba, aqui em Piracicaba tem um que é dono do mundo. Vocês não são. Evidentemente isso causou um desconforto numa sala que tinha vinte empresários. Mas, causou um desconforto, mas eles chegaram à conclusão. A dona do bando Itaú é dona do mundo, essa é super rica, bilionária. Ninguém é milionário que é o caso de vocês aqui, vocês podem ser bambambã aqui, em Piracicaba, mas no mundo vocês não são nada. Vocês não fazem parte dos um por cento. Eles, essa coisa, aliás é o maior desafio da humanidade. Corrigir, eu acho. Marx já disse, quando Marx falava no plural, lutas de classes e pegava a questão do coronelismo, ele se expressa de outra maneira, se precisar invade com armas no Iraque, mas se possível dá um golpe, lá golpe no Brasil, a lá o que aconteceu na Argentina que reforça essa capacidade da direita. Que tem o seus problemas, o discurso da direita. Já tem muita gente arrependida nos Estados Unidos de ter votado no Trump, como tem gente aqui já torcendo, não

pela volta da Dilma. Mas estão pedindo a volta do Lula, perceberam que o golpe foi dado não contra o PT, contra a sociedade brasileira, contra os interesses dos trabalhadores. Mas temos essas contradições, mas os donos do mundo continuam sendo eles, esse desafio continua posto, então a questão do neocolonialismo, a questão da distribuição da riqueza, tem que ver como é que nós vamos fazer cada vez mais os postos de trabalho estão sendo fechados. Como é que a gente faz para que as novas tecnologias se tornem patrimônio do conjunto da humanidade e não na mão de poucas pessoas que se favorecem disso para enriquecer mais ainda. Tem experiências hoje na Europa, parece que a Itália vai começar a experiências, mas acho que já tem na Islândia, tem na Suécia, em alguns países que já estão essa coisa de que o Suplicy falava há tanto tempo aqui, essa coisa da tal da renda mínima. Estabelecer, portanto, o cara tá desempregado, ele tem direito, todo cidadão italiano passa a ter direito aquela renda. Porque isso vai ser fundamental no futuro, porque é o seguinte, o fato, você não vai ter como empregar todos com os avanços. O que, que é uma bandeira atualíssima para o movimento sindical hoje? Tem que partir para a jornada de 6 horas, não esta mais na hora do movimento sindical de pedir redução da jornada de 44 para 40 horas. De reivindicar jornada de 30 horas, com 6 horas diárias sem intervalo, ou cinco horas e meia para meia hora de descanso. E depois quando começa conquistar isso. O negócio vai girando. O futuro da humanidade para que todos tenham emprego e que todos tenham renda, você vai ter que ter políticas de Estado para isso, políticas públicas de renda mínima e redução da jornada de trabalho. Quer dizer, todos trabalham o que vai libera-lo, inclusive para as atividades lúdicas, para teatro, para a música e outras atividades culturais, o lazer.

Viviane Freitas

Seria o ideal.

Roberto Felício

Essas conquistas a humanidade já vem acumulando. A redução de 12 para 8 horas diárias é uma conquista, então, a superação do trabalho escravo é uma conquista. Teve um teórico recentemente, eu não lembro quem foi que falava

sobre esse negócio, essa discussão. Ah porque o socialismo não deu certo em lugar nenhum. E o capitalismo deu certo onde? Mas mais importante do que isso, a redução da jornada de 12 horas para 8 horas, é uma conquista capitalista, ou é uma conquista socialista? A CLT, carteira assinada, a constituição, o fim do trabalho escravo, igualdade de gênero, políticas de cotas, essas coisas, essas conquistas, são conquistas da esquerda. Não são conquistas da direita. O que não tem dado certo no mundo é o capitalismo, porque o que o capitalismo faz é promover a desigualdade. Bom você pode dizer que o capitalismo, porque é da lógica capitalista a concentração de riquezas, então nesse sentido que você esta dizendo que o capitalismo deu certo? Ah bom, mas essa certeza eu não quero para nós, eu quero uma outra certeza. Que tenha a possibilidade da igualdade.

Viviane Freitas

Na história do magistério público paulista teve o registro de inúmeras e importantes greves, inclusive com a sua participação e liderança como as que ocorreram em (19)79, (19)84, (19)85, (19)89, entre outras. Nesse aspecto comparando com essas greves, você já deu uma pincelada, mas eu gostaria que você focasse mais. Como que você caracteriza a greve de (19)93 existe algum aspecto que a difere das realizadas até então? Como o senhor deve lembrar, o movimento durou 79 dias, uma longa greve, afinal de contas o que, que ela tinha de tão diferente de tão peculiar para ter durado todo esse tempo?

Roberto Felício

Tem certos momentos da história e no caso nosso que você consegue uma maior unidade em cima de uma bandeira, tem uma coisa que fica mais nas pessoas, que comove as pessoas e que levam elas a lutar por aquilo. Isso aconteceu em (19)78, em (19)79. Vou dizer que sempre tem um ciclo, pois a greve foi em agosto e a outra foi em fevereiro do ano seguinte e aquela greve era pra continuar a anterior, esse ciclo (19)78, (19)79. Depois a greve de (19)84, a greve de (19)89, a greve de (19)91 a greve de (19)93, a greve de 2000 e esta com as críticas que eu fiz aqui, essa greve é recente de 2015. Elas foram greves mais importantes que do que outras, elas se deram dentro de um contexto político muito determinado, elas modificaram um sentimento de que

era, porque mesmo às vezes, que o individuo não vem pra greve, mas ele concorda ele acha que a Apeoesp devia estar fazendo aquilo que está fazendo. Elas ganharam uma dimensão por conta disso, e às vezes o que unifica o sentimento da base, da categoria não é nem o que a vanguarda está dizendo, tanto é que às vezes você tem cinco. Nós já fizemos até disputa na vanguarda, tem cinco reivindicações, mas a mais importante nós vamos colocar como número um, é claro! A segunda mais importante é essa aqui, às vezes os professores, a base de trabalhadores, não só professores, ele abraça às vezes a quinta. A quinta bandeira é a que mais comove, e às vezes é porque é o seguinte, essa aqui é atingível, essa daqui é a mais conquistável, é possível conquistar essa daqui. A outra, eu acho que escorrega, eu acho que aquela lá não vai dar não. Às vezes esse negócio de você pedir 80 por cento de aumento, os professores falam, tá correto, a continha do meu sindicato está correta, a defasagem é de 80 por cento, ah mas acho que a gente não vai conseguir 80 por cento, mas se a gente conseguir 30, tá bom. Melhor trinta do que nada, então o que vai unificar o sentimento, então eu acho que cada greve tem essa. Não teve viu, aí eu acho que você fez na pergunta uma formulação que eu quero pôr uma correção.

Viviane Freitas

Sim, fique à vontade.

Roberto Felício

Não teve. Que você citou a minha, aquela que eu participei, não teve. A greve de (19)78, (19)79 foi a nossa greve. A greve de (19)84 foi a nossa greve, de (19)93, tudo foi a nossa greve. Claro que o meu sentimento com relação a (19)93 fez com que aí o seguinte, foi a greve já na qual eu era presidente. Na de (19)89 eu participei, que era a minha greve, mas eu não era o presidente. Claro que a figura de quem está na presidência do sindicato que é o principal condutor da greve e às vezes, é o único condutor da greve. Mas nem sempre a Apeoesp conduziu sozinha, muitas vezes ela dividiu a posição. Então é o seguinte, é claro que a responsabilidade era maior, é claro que o sentimento pessoal é maior. Eu me sinto, eu me sentia o seguinte, se a greve fracassar eu vou me sentir culpado, mas para aí, ponto. Teve uma vez que alguém fez um

comentário, ah a sua greve. Não! A greve do João Felício em (19)89 era a minha greve também, primeiro que eu era da diretoria, mas eu era um grevista. Volto a dizer, a greve não pode ser entendida como arma da vanguarda, ela tem que ser entendida como arma do conjunto.

Viviane Freitas

Mas você acha que essa greve de 1993 teve alguma coisa diferente das demais?

Roberto Felício

Ela teve um elemento que eu acho que essa coisa da atitude do governo de um comportamento mais agressivo dos que os anteriores, não é que não houve repressão nos anteriores, também houve. Mas como ela foi mais aberta, ela foi mais ostensiva, ela foi mais descarada, ela foi mais agressiva, ela machucou pessoas. Teve gente que saiu ferida mesmo da Assembleia, estilhaços, balas de borracha. Uma violência que atingiu profissionais da imprensa. Por isso, que a imprensa também adquiriu uma simpatia até pelo movimento, diferente do que tinha sido antes. Então eu acho que teve componentes emocionais que as greves anteriores não tinham tido, e eu acho que as posteriores não tiveram também. Mas aí devo admitir pra você , assim como não teve a greve minha, a greve dele, a greve dela, teve a greve nossa. Eu devo admitir que a minha análise ela pode também ter uma distorção em função do meu sentimento pessoal. Porque então eu era o presidente em (19)93, e eu não tinha sido presidente nas greves anteriores, então, a minha análise, a minha visão desse elemento emocional ela pode estar contaminada pelo meu sentimento pessoal, claro. Naquela greve eu fiz até greve de fome, eu dirigi uma assembleia da janela da Assembleia Legislativa, da Secretaria, nós resolvermos ocupar a Secretaria da Educação, nós fomos desalojados em 24 horas. Mas aí a assembleia desceu da Paulista, a passeata desceu da Paulista e eu dentro da Assembleia. E aí um assessor me segurou pela cinta aqui atrás para eu não cair da janela. O pessoal dos carros de som que estavam lá em baixo passaram os microfones, foi passando de janela em janela, aí eu comandei a greve. A assembleia lá de cima. Então, eu estou lembrando desse episódio ,

porque vocês não imaginam o que que é isso. Eu nunca tinha vivenciado pessoalmente um negócio tão forte assim.

Tirando essa coisa do sentimento pessoal, eu acho que características que são determinadas pelo coletivo, pela vontade da massa determina que a greve, às vezes é de um jeito, que às vezes ela é de outro. Em (19)93 talvez as maiores assembleias, os maiores atos públicos tiveram nas greves de (19)89 e (19)93. Vamos tentar entender esse fenômeno. A greve de (19)78 nós estávamos sob a ditadura militar e (19)79 também, elas teve uma adesão muito grande. Noventa por cento dos professores pararam, mas as assembleias eram feitas dentro de igrejas, nós não fomos pra rua. Dentro de igrejas, dentro de colégios, dentro de ginásios de esporte. Por quê? Porque nós ainda não tínhamos, nós tínhamos receio ainda, estávamos sob a ditadura e o que importava para nós é que a greve estava boa em adesão, não faz mal que a assembleia tenha cinco mil o importante é que tem cento e cinquenta mil grevistas. A igreja abriu as portas pra gente, a maiorias das assembleias de (19)78, sobretudo (19)78, foram feitas dentro de igreja. A de (19)84 já com o governo Montoro que já era um governador eleito, você já começa a ter mudanças políticas, não estou dizendo que era um bom governador, não estou elogiando o Montoro, mas o Montoro foi eleito em (19)82. O governador até Montoro em (19)82 era o Maluf que ainda era do colégio eleitoral da ditadura militar sucessor do Paulo Egydio, do Laudo Natel e etc. Então, aí você tem uma mudança, aí é o seguinte, aí já tem o pluripartidarismo, você tem um processo de redemocratização do país. E aí o seguinte já dá pra fazer na rua, então é o seguinte, nós vamos pra rua. E as pessoas se encorajaram, então a greve de (19)84, o Gumercindo era o presidente, mas a greve não era dele, volto a dizer, a greve era nossa, mas aí o CPP estava junto, a base. Aí nós já tivemos assembleias com vinte, trinta, quarenta mil pessoas, nós já fomos para o palácio, aí a polícia não deixou ir na frente do palácio, nós fomos pra frente do estádio, depois tentamos chegar em passeata, a polícia não deixou, então tinha a repressão ainda, mas era diferente. Ela cresceu em número de participantes. Em 79 e de 93 também, ai eu acho que elas se repetiram, porque as duas foram... A de 79 eu acho que teve 81 dias e a de 93 foram 79. Aí o seguinte a participação era muito maior, até porque também o sindicato estava mais bem organizado, já tinha mais

receita, já tinha mais dinheiro, então vinha mais ônibus do interior lotava, e o povo da capital ou vinha das sub sedes com ônibus ou vinha de metrô, ou de alguma maneira chegava. Aí a nossa cota, digamos subiu, não mais de vinte, trinta, quarenta mil pessoas. Ela subiu pra sessenta, setenta, oitenta mil pessoas na rua. Então quer dizer, a participação de massa nos eventos da greve, então é o seguinte, eu sou um grevista, mas eu não sou um grevista apenas porque eu cruzei os braços, eu não vou dar aula. Eu sou um grevista e eu vou aos eventos da greve, as pessoas começaram então a entender e claro que nós falávamos isso, nós divulgávamos isso, o tempo todo, essa pregação. Não fique em casa, não fique na escola. Em (19)78 a gente dizia o seguinte, não faz mal que você fique na escola, mas não trabalhe, não dê aula, avisa os alunos, avisa os pais. Então o discurso também nosso mudou, porque ele precisava mudar, já era uma nova situação. Então, eu acho que teve esse elemento de participação de massa, isso se repetiu num certo sentido também em 2000 e no começo da greve de 2015 nós tivemos assembleias muito massivas. Não sei se isso explica a questão que você levantou né, porque também não é muito fácil você explicar um fenômeno depois, explicar durante o evento é muito mais difícil ainda. O que é que explicava o fato de que as pessoas que vinham, tinha uma disputa quando terminava a assembleia e ia sair em passeata, uma disputa por gente que queria subir no caminhão, porque ele tinha feito uma parodia, ele pegou uma música trocou a letra, teve uma música que ficou muito famosa do Pink Floyd, que trocou, e chamava, *eí teacher* e chamava venha lutar e era uma parodia da letra original do Pink Floyd. Isso fez o maior sucesso, não teve quem não aprendeu a cantar a parodia da música do Pink Floyd. Acho que a maioria nem sabia qual era a origem da música, mas ouvia, na hora que eles começavam. O menino tocava violão e tudo eram professores de música lá da cidade de Lorena, Pindamonhangaba. Então tem isso, não dá pra explicar muito racionalmente tudo não.

Viviane Freitas

Quais foram as principais motivações para culminar nessa greve de1993?

Roberto Felício

Aí a gente volta naquele ponto, é a questão desse período que você tem um período de inflação mais alta, você sente mais rapidamente a corrosão do seu poder aquisitivo, aí é o seguinte, o chamamento fica mais fácil, a adesão fica mais fácil. Então é um momento que nós vivemos períodos da história do Brasil que você tinha inflação, acho que na época do Sarnei, uma inflação de vinte por cento ao mês. E não tem jeito, você perde completamente o poder aquisitivo, qualquer coisa vale, às vezes até coisa mais selvagem, mais sectária, o chamamento fica mais fácil. Hoje o fato de você ter desde o plano real, eu não sou um defensor, adepto da política que levou a construção do plano real, mas o fato, inclusive pelo arroxo que ele provocou naquele momento de não reconhecer a inflação passada e imediatamente passada. Isso significou arroxo, mas quando você reduz a inflação para um patamar rígido, você às vezes, demora em perceber o poder de compra do seu salário, depois de dois, três anos. Se você tem uma inflação de cinco por cento, três anos de cinco por cento, dá quinze, dependendo do poder aquisitivo, o individuo que ganha, não é o nosso caso é só um exemplo hipotético, um individuo que ganha dez mil reais e tem um arroxo de cinco por cento em quatro anos seguidos, isso não muda muito a capacidade de compra dele, diminui um pouquinho a capacidade dele poupar. Mas ele consegue manter o mesmo consumo diminuindo um pouco a poupança. Diferente do cara que ganha salário mínimo que aí você não poupa nada, ele gasta tudo, porque ele precisa gastar tudo, não tem capacidade de poupar, E esse sente quinze por cento a menos para quem ganha mil reais. No nosso caso, nós estamos mais perto do mil do que dos dez mil, mas mesmo assim é diferente de você ter cinco por cento de inflação de você ter vinte por cento de inflação. Teve um ano do Sarnei que a inflação do ano foi oitenta por cento, isso significa reduzir o salário pela metade. Aí você precisa no mínimo ir atrás dos oitenta.

Viviane Freitas

Como é sabido que a década de 1990 trouxe uma serie de mudanças econômicas dentro do que você esta colocando, politicas sociais na sociedade brasileira. Do seu ponto de vista, ao longo desses anos o que marcou de forma mais destacada a educação no nosso país de 1990 para cá, teve alguma mudança significativa?

Roberto Felício

Mais no campo educacional, a conquista da nova constituição de (19)82 e as reformas decorrentes e exigidas pela nova constituição, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A discussão curricular, a reintrodução de algumas coisas, esses debates sobre filosofia e sociologia, psicologia. O reconhecimento de direitos, a possibilidade que só se concretiza mais tarde, mas que já estava posta da conquista de uma carreira nacional, porque num primeiro momento, nos conquistamos um direito de carreira aqui em São Paulo que também foi conquistado pelos professores do Rio Grande do Sul, então não era uma carreira nacional. Então muitas coisas que a gente conquistou aqui foram conquistadas em outros lugares. Teve coisas que a gente resolveu brigar aqui, porque outros conquistaram lá primeiro que nós aqui. Então cada luta de estado foi influenciada, tanto é que nesse período nós tivemos o fortalecimento muito grande da luta nacional, da unidade nacional dos professores. Em 1987 em Brasília nós conseguimos finalmente a filiação da antiga CPB Confederação dos Professores do Brasil que virou CNTE, a filiação a CUT, que foi do ponto de vista do reconhecimento do professor como um trabalhador igual aos outros um fato fantástico. O reconhecimento nesse momento simbólico porque isso já era um sentimento da vanguarda pelo menos, se não do conjunto da base. Mas isso teve uma simbologia. Depois em (19)88, nós conquistamos a filiação. Em (19)89 foi quando a gente unificou professores e funcionário, foi o congresso de Campinas quando eu fui eleito presidente a contra gosto, como eu disse, eu fui o primeiro presidente da nova confederação, o primeiro presidente da CNTE. Eu fui o primeiro presidente do campo da CUT que (19)88 nós filiamos, mas já tinha uma direção que vinha de (19)87 que parte dos que estavam lá migraram para cá, inclusive o presidente Tomás Mongol que era do Rio Grande do Sul que aderiu e passou a defender em (19)88 a tese de filiação que ele não tinha defendido em (19)87, por exemplo. Mas o primeiro presidente eleito na condição de cutista fui eu e primeiro da CNTE. Esse é um dado histórico que me deixa orgulhoso, evidentemente que não foi uma conquista pessoal, foi uma coincidência. Eu volto a dizer assim como a greve, tudo isso fomos nós, não foi eu, ele ou ela. Depois então a LDB no campo dá, quando teve a constituição nós chegamos a

fazer nós fomos convidados nas audiências públicas a fazer depoimento no congresso nacional, nas chamadas audiências públicas. Quando eu tive a oportunidade de falar em nome da CNTE ou quando eram assuntos mais ligados a outros colegas da diretoria eles ia fazer o depoimento. Foi um ano de avanços importantes na legalização da carreira, avanços sobre alguns pensamentos de esquerda, reconhecimento. Aqui em São Paulo você teve a vitória da Erundina que convidou Paulo Freire que ficou não muito tempo, mas teve uma simbologia muito forte, ele que é o principal pensador nosso da área da educação, foi substituído pelo Mário Sergio Cortela. Que também você comparar com os anos anteriores né, as relações foram, no marco da prefeitura de São Paulo, mas esse fenômeno se repetiu em São Luiz, do Maranhão também. Então você teve avanços na conquista do campo democrático, nas prefeituras mais progressistas, a vitória da Erundina foi em (19)88, foi uma vitória da Erundina e do PT. Ela deixou de ser do PT, mas ela fez manifestação pelo PT. Ela dizia dona Marta do PT pra fazer queimação do PT. A Marta naquela guerra dizia, eu sou mesmo do PT você não precisa ficar me acusando, como se fosse um problema, isso não é um problema. È um problema para nós agora! (risos)

Viviane Freitas

Em que termos nós podemos falar da precarização do trabalho docente na escola pública paulista. Quais são suas principais características nesse período e atualmente?

Roberto Felício

Tem a ver com a forma de contrato de trabalho, as que eu acho que mais importantes, acho que a maioria ainda são professores efetivos. Então, você não pode atribui a precarização. Tem a ver com isso, parte da categoria é contratada ainda em condições inadequadas. Mas também a escola não acompanhou os instrumentos a disposição dos professores, a tecnologia. A tecnologia sempre chega atrasada na escola.

Viviane Freitas

Quando chega né!

Roberto Felício

A escola é uma vanguarda da absorção dos novos instrumentos então eu acho que isso, esse atraso na incorporação dos novos, nas condições materiais e as condições de trabalho dos professores são a jornada de trabalho, o salário é baixíssimo. Uma jornada que te obrigue pra que ainda você consiga sobreviver, você trabalha ai oito, nove horas dentro da sala de aula, é absolutamente contra a produção. Um bom exemplo que a gente pegou pra trazer aqui pro debate, pra chegar e por em cima de mesa de negociação. O que acontecia, em Portugal, independente se o professor era polivalente ou de matemática ou de ciências, ele só pode entrar em sala de aula 20 horas por semana. Se a composição da tua disciplina em função de você ser professor de matemática, se tiver que pegar três turmas de 6 horas, então vai dar 18, você vai entrar só 18. E você sempre complementa aquela sala de aula para chegar no quarenta. Então se você tem 18, você complementa com vinte e duas para chegar no quarenta. Se você tem vinte, falta mais vinte, se você tem dezesseis falta vinte e quatro. Então, a lógica é ao contrário, o que você fica fora da sala de aula é para complementar o que falta entre a tua jornada e as quarentas da semana. E essa quarenta inclui todas as atividades que você tem que fazer que são característica da atividade do professor, que é preparar prova, revisar, o trabalho pedagógico coletivo, uma atividade que é mais individualizada também. Isso necessariamente você tem, então quando você trabalha quarenta horas com o aluno, você trabalha mais vinte fora, portanto, você trabalha sessenta. Descumpre-se com o professor algo que a legislação diz que nunca o trabalhador ele pode trabalhar até quarenta e quatro horas semanais, e ele pode trabalhar x horas extras, mas ele vai receber pelas extras. No caso do magistério se descumpri isso, assim numa boa, porque não tem pagamento de hora extra. Todo munda sabe que o professor trabalha horas de atividades que são correlatas, todo mundo sabe disso, mas não necessariamente é remunerado. A primeira conquista que nós tivemos que é da greve de (19)78, nós conquistamos finalmente, olha só, nós não tínhamos nada disso. Nós conquistamos o direito de dez por cento da jornada em hora atividade, então você tinha, quarenta e você ganhava mais quatro, quarenta e quatro. Então essas quatro chamam de hora atividade. Depois nós conseguimos avançar e

chegamos a jornada que é hoje e que ainda tá muito longe do exemplo português que eu citei que é um. Esse negócio, não é um negócio merecido, é razoável, é razoável. Os exemplos estão aí, se tem experiências no mundo. O que eu estou dizendo é o seguinte, encontramos um equilíbrio, no máximo vinte em sala de aula e mais vinte para as atividades afins. Mas onde é que está escrito isso? Não, tem experiências, tem experiências em Portugal, tem experiências da França. Tem um reconhecimento, você já deve ter ouvido falar isso, acho que eu estou repetindo algumas coisas para você. Tem um parecer até da Organização Mundial de Saúde que considera mesmo a atividade docente, uma atividade com muito desgaste, uma atividade que mexe muito com o psicológico e etc. Portanto, classificou a atividade docente, como uma atividade penosa. Isso influenciou os outros órgãos das Nações Unidas, em todos os países do mundo estão se adotando políticas, vem se adotando políticas para minimizar isso. Se for uma atividade penosa, nós temos que adotar políticas que minimizem, porque não tem como você suspender uma relação que precisa existir. Existe uma relação do professor com a sua turma, isso naturalmente é uma relação conflituosa, porque é uma relação de humanos, então é o seguinte, eu não estou produzindo um parafuso eu estou lidando com seres humanos com as suas emoções, as suas experiências pessoais. Como é que eu posso fazer para minimizar os conflitos que são decorrentes de uma relação desse tipo? Então eu vou reduzir a turma de alunos, eu não posso trabalhar com quarenta alunos, vou reduzir para vinte e cinco e tal. Vinte e cinco virou o número máximo em sala de aula em muitos países do mundo. E mesmo nos países do chamado terceiro mundo, países pobres adotam procedimentos dessa natureza. A remuneração, a jornada de trabalho, o quanto que você fica na sala o quanto que você, então você ficar só vinte horas na sala de aula e só com vinte e cinco alunos para dar atenção, muda naturalmente à qualidade do seu serviço. Tem uma fita, tem um instrumento que mede isso? Não, não tem. Tem experiências objetivas, que dizem o seguinte olha, nós conseguimos avançar fazendo assim. Melhorou depois que a gente começou a fazer assim. Isto infelizmente no Brasil, nós estamos muito longe ainda. Tem algumas experiências importantes em prefeituras. A aprovação do governo Lula do piso nacional, a redução da jornada de ter pelo menos um terço de hora atividade, tem avanços e ao

mesmo tempo também tem retrocessos. O piso proposto pelo Lula que é um piso pequeno ainda, vamos admitir, não estou aqui fazendo uma propaganda de algo. Nossa olha que coisa fantástica. Para muitas prefeituras significou dobrar o salário dos professores, para outros lugares como São Paulo não teve esse impacto, porque aqui já era um pouco maior. Que é o estado de maior orçamento do país, é o estado (...). E ao mesmo tempo as prefeituras que tem orçamentos também menores, precisa avançar isso, precisa. Nós estamos mais na eminência de ter retrocesso do que avanços. Governadores inclusive forma no supremo para pedir a inconstitucionalidade da lei do piso e da jornada.

Viviane Freitas

A greve de 1993 é uma greve que é pouco lembrada pela categoria e sindicato. O senhor tem alguma opinião de porque que ocorre esse esquecimento, essa greve não é tão discutida?

Roberto Felício

Não, não. Eu vou discordar primeiramente do pressuposto. Eu acho que ela está bem marcada na história da Apeoesp, nos arquivos da Apeoesp. Reconhecimento das greves anteriores. O que eu acho que tem que levar com que o debate seja legítimo, corrigindo um pouco a formulação é o seguinte, ela vai ficando mais distante né. Porque nós de (19)93 para 2003, para 2017, são vinte e quatro anos. Nós estamos falando de vinte e quatro anos atrás. Há vinte quatro anos atrás nesse período de outubro, nós estávamos vivendo a greve. Oitenta por cento provavelmente dos professores que estão na rede hoje não estavam na rede naquele período. Então é o seguinte, as pessoas também, uma coisa é elas aprenderem a história, outra coisa é elas terem vivenciado a história. Essas pessoas que estão aí, elas não vivenciaram aquele momento. Isso faz o seguinte, hoje eu diria que quase cem por cento, tirando aquela vanguarda mesmo mais velha daquela geração do qual eu faço parte, se lembra do Gumercindo (...) presidente da Apeoesp na greve de (19)84? Nós os ex-dirigentes, nós vamos caindo naturalmente no esquecimento, num certo sentido isso não. Eu cheguei a dizer, quando eu contestava esse negócio de alguém querer comparar a greve minha com a greve da Bebel, eu dizia

exatamente que não teve greve minha e ao mesmo tempo que, eu não cheguei a fazer uma afirmação, mas a melhor greve tomará que a melhor greve nossa é aquela que virá ainda. Eu gostaria de fazer a melhor greve da nossa vida, tomará que cada greve, cada momento seja melhor que o outro. No que é no sentido da gente ir superando. Agora tem coisas que, eu acho que a história, aí. Aí é importante que o sindicato tenha. E até onde eu sei tem. Evidente que eu não estou lá todo dia fiscalizando, mas que a gente faça um esforço para preservar a história, desde a greve de (19)78, a greve de (19)79. O período que a Aiko foi presidente, a gente pode até usar o nome das pessoas como referência. Falar desse jeito não é um erro. O que a gente precisa tomar cuidado, é que a gente tem outros personagens que foram importantes para a construção do movimento junto com a Aiko que foi nossa presidente, com Gumercindo a mesma coisa, a greve do Gumercindo. Então dessa forma não vira pecado.

Mas eu volto a dizer a história precisa ser preservada com seus personagens, mas, sobretudo com os eventos, com o contexto político que nós vivíamos na época, porque uma greve ela pode ser considerada mais ou menos vitoriosa do que a outra. Em que contexto aquela greve se deu, uma coisa era fazer greve. Que foi fazer a greve de (19)94 sob o governo do Montoro, já um governo eleito que é uma simbologia diferente, por mais que a gente possa reclamar do Montoro. Uma simbologia diferente do governador que foi o governador ainda no período da ditadura militar que um governador eleito pelo colégio militar, então, cada momento que levou a Constituição de (19)88, nós não conseguiríamos a Constituição de (19)88, entes de (19)88. Ela foi conquistada porque foi possível. Em (19)78 se alguém falasse de constituinte no Brasil era preso porque era uma insubordinação na época era coisa de comunista, continua sendo. Até hoje muita coisa é coisa de comunista, sempre que precisaram tirar do baú esse discurso, eles tiram não há dúvida disso. Agora de novo, os motivos que a Dilma caiu. *Eu quero preservar os valores cristãos da família brasileira*, é isso.

Viviane Freitas

Consumada a ocupação no seu desenrolar ao longo de nove dias como se comportou a direção sindical nesse período?

Roberto Felício

Nós tínhamos como eu disse que tocar uma greve do lado de fora e nós tínhamos que organizar a ocupação para que ela se tornasse um evento que pudesse comover a opinião pública e pudesse comover a própria categoria e que pudesse ser um evento, que alias pudesse até resgatar grevistas que tinham deixado à greve, reoxigenar, melhorar o padrão da greve, como eu reconheci naquele momento. Teve muito tensionamento, entre alguns grupos de oposição e a direção, eu digo alguns porque o comportamento dos grupos de oposição não é uma coisa uniforme. Eu lembro que tivemos divergências com o PSTU, mas você não pode dizer que o PSTU seja um grupo de aventureiros, eles são militantes com valores com os quais a gente pode às vezes não concordar. Mas nós tínhamos alguns grupos que eu diria não muito de esquerda até. Muito de franco atirador, comportamento de tentar aparecer sozinho, de querer ser o mártire, pouco atento ao comportamento coletivo, ao respeito às decisões coletivas. E aí isso gerou muito conflito, de modo geral eu acho que foi bom, eu acho que a gente não perdeu a condução do processo. Tanto é que quando eu me referi a essa disputa que eu falei, de dizer lá fora que aqui, lá dentro ninguém pode fazer o que não foi à decisão da maioria aqui fora. O comando da ocupação continua sendo o da assembleia e não de uma reunião interna. Isso foi aprovado por unanimidade, nem eles que lá dentro diziam que fariam ao contrário tiveram coragem de enfrentar esse tipo de discussão na assembleia, porque não era uma política da chamada esquerda mesmo, a esquerda mais tradicional, da oposição. Eu não quero usar o tipo de expressão de oposição, mais responsável, se não parece que eu é que tenho que aceitar o comportamento de alguns como mais aceitáveis que o comportamento de outros. Mas digamos a esquerda mais estabelecida, esses grupos Alidelute, a Convergência Socialista, o Partido Comunista do Brasil e mesmo algumas correntes que não se identificavam partidariamente, se apresentavam como correntes de natureza mais sindical e se agrupavam em torno de algumas ideias que queriam construir o movimento, que queria que o movimento desse certo. E tinha alguns que o seguinte pra desgastar o Roberto

Felício pra desgastar a diretoria, pra gente tentar ganhar a eleição deles, tomará que a gente seja derrotado agora. O que eu chamo de comportamento irresponsável era nesse sentido, eu quero impor uma derrota ao movimento pra eu tirar proveito eleitoral dessa derrota. Esse comportamento, na minha opinião, é inaceitável. Pode ser aceitável na opinião de outro, mas eu acho que ninguém tem o direito de fazer isso. Tem até uma máxima que diz o seguinte olha se os funcionários públicos de Itapecerica da Serra forem derrotados, isso é ruim para o conjunto da classe trabalhadora no mundo, não só no país, no mundo. Uma vitória de um setor é bom porque ajuda a oxigenar o movimento e uma derrota joga desânimo pra todo mundo. Então, não é aceitável que se os metalúrgicos de São José dos Campos eles são dirigidos, por maioria de gente do PSTU, se tiver uma greve na EBRAER, eu tenho que torcer para dar certo. Não posso, porque para derrotar o PSTU na próxima eleição em são José dos Campos que os trabalhadores metalúrgicos de São José dos Campos sofram uma derrota, porque aí ninguém ganha. Um sindicato derrotado passa a ser uma coisa não muito atraente para ninguém.

Viviane Freitas

O senhor consegue lembrar as principais medidas do sindicato da Apeoesp durante a greve, durante a ocupação se houve também uma preocupação com a questão da segurança?

Roberto Felício

Nós criamos grupos de ação, e um dos grupos de ação foi o grupo de segurança. Por dois motivos, primeiro tinha um pouco dessa necessidade do controle da ação interna e ninguém fazia o que não era combinado. Mas principalmente para protegermos os ocupantes contra uma ação eventual da polícia porque você não tinha certeza o dia que o presidente da casa ia determinar. Que qualquer momento o presidente da casa, que com o Fleury, no primeiro dia da ocupação na primeira noite. O Fleury governador deu uma declaração dizendo que as tropas da polícia militar estavam à disposição do presidente da Assembleia. Porque, quem pode determinar a desocupação é o presidente da Assembleia. Com ordem judicial eventualmente ou não, mas quem tem, dentro da Assembleia, autoridade é o presidente da casa, não são

os deputados, não é o governador. Mas o governador pra dizer, é claro, que é identificado politicamente com ele, eles diz o seguinte, as tropas estão prontas é só você chamar. Porque ele sabia que ele não podia mandar invadir. E o presidente da Assembleia, felizmente é até um cara do tipo liberal, um cara até, me fugiu o nome dele, hoje eu acho que ele está no PPS. Ele me chamava pra conversar, o porquê que eu estava fazendo isso, tentando intermediar. Não estou fazendo isso também para elogiar, mas eu estou reconhecendo que pelo menos de pronto ele não chamou. Nós não tínhamos muito diálogo a fazer porque a nossa luta na verdade não era contra a Assembleia Legislativa, a invasão era pelas razões que já expliquei antes, mas o objetivo da conquista da pauta era que quem tinha que determinar a conquista da pauta era o govenador, se o governador atendia a pauta a gente suspendia a greve, claro que nós vamos suspender a ocupação, não vamos ficar ocupando a Assembleia porque nós gostamos da brincadeira, ninguém faria isso. Então a briga não era com a Assembleia, a briga era, sempre, nós nunca perdemos a noção de que a nossa briga era com o governador. Não era com os deputados, não era com o presidente da Assembleia Legislativa, ali foi um espaço público que naquele momento pelas razões que já expliquei se deu a ocupação.

Viviane Freitas

Houve diálogo, conversa com o governo do estado, do sindicato com o governo, conseguiu dialogar nesse período? Como que foram essas conversas ou não. Eles se recusaram a ter uma negociação?

Roberto Felício

Você diz os deputados?

Viviane Freitas

Não. O governador, secretário de educação. Porque o secretário caiu durante a ocupação.

Roberto Felício

Em momento nenhum durante a ocupação houve negociação. Pra não dizer que não houve nenhuma audiência, nós fomos uma vez recebidos na

Secretaria da Educação, uma segunda vez pelo assessor do Fleury. Uma negociação séria, não houve. Nós chegamos a ir no palácio uma vez , nós conseguimos através do Jair Meneguele, presidente da CUT nacional , nós chegamos a ter uma ida do Jair no palácio. Mas o Jair só estava autorizado a dizer para o governador que ele recebesse o sindicato para a negociação. Que eu me lembro, bastante bem, que nós deixamos isso claro. Depois fiz um agradecimento a ele. Mas quero dizer o seguinte, nós não construímos a Apeoesp como esse sindicato dos professores, para que alguém vá em nosso nome. Que fale em nome dos professores. Portanto, a ajuda na CUT nesse sentido que uma central geral dos trabalhadores pode ajudar. Não resultou, até quando o governo resolveu anunciar a concessão salarial que ele fez, ele anunciou. Não nós recebeu para dizer, oh tá aqui. Ele anunciou através da imprensa e mandou um documento para nós para suspender a greve. Ele mandou o documento, assumindo aquele compromisso. E aí me lembro bem até, novamente em frente a Assembleia antes da suspensão , já depois da ocupação, mas foi lá. Eu me lembro bastante bem porque eu usei palavras mais ou menos assim: se fosse por aquilo que o governador estava concedendo eu não proporia o fim da greve, eu proponho o fim da greve porque de fato diminuiu muito a adesão, agora nós não estamos em condições, parte da categoria estava aceitando isso que o governo estava dando, mas eu não acho que isso resolvesse o problema. Até porque nós estávamos com a inflação alta e o governo concedeu mal podia cobrir a inflação do período da própria greve. Então negociação pra valer mesmo não teve.

Viviane Freitas

E você gostaria de deixar mais alguma coisa registrada que eu não perguntei e você considera importante nesse processo?

Roberto Felício

Eu vou fazer uma observação, que você leve em conta na gravação que às vezes pra situar eu faço referências a outro fato político, mas que está associado, porque a política é. As coisas se associam.

APÊNDICE B
ENTREVISTA

Transcrição entrevista Mauro Puerro

Data 05/01/2018

Viviane Freitas

Introdução: Professor Mauro Puerro, gostaria de agradecer pela atenção e por nos conceder essa entrevista, para deixarmos registrado, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre suas informações pessoais, como formação acadêmica, tempo de magistério, se na rede pública ou privada, se ainda está em sala de aula?

Mauro Puerro

Bom eu sou professor de Língua Portuguesa, com graduação na USP, trabalhei na rede pública, como professor numa contratação que eu não sei se existe hoje. Na época era o seguinte, você trabalhava como professor aluno. Seria uma espécie de CT, contratação a caráter temporário. E na rede privada, sempre trabalhei nas duas redes. Eu trabalho desde os dezoito anos, eu estou com 65, faça as contas. Comecei a dar aula com dezoito anos estou com sessenta e cinco. Quarenta e sete anos. Eu comecei cedo, quarenta e sete anos de magistério. Eu estou aposentado, mas continuo em sala de aula, no setor privado.

Viviane Freitas

Professor, em sua opinião quais são as principais razões que dificultam os professores, em geral, a se entenderem como parte do mundo do trabalho? Pergunto isso logo no início da entrevista, por que ações como essa que pretendemos estudar, que foi a ocupação da Alesp pelos professores da rede pública estadual paulista, em 1993, são mais comuns no universo dos trabalhadores industriais, com a ocupação de indústrias, fábricas e usinas;

como também os trabalhadores do campo com seus movimentos de ocupação de terra e do espaço público.

Mauro Puerro

O Viviane se a gente fizer um recorte histórico, histórico no sentido excêntrico né. É assim, muito superficialmente, á partir dos anos (19)60, (19)70, iniciou-se um processo lento, mas gradual e permanente de precarização das condições de trabalho dos profissionais de educação e além de um digamos, da quantidade de profissionais na área da educação. Quando nos anos setenta, que eu comecei a dar aula no setor público. E nos números de professores temporários né, os chamados CTs, se eu me recordo, eles eram superiores aos efetivos. Tanto é que uma das reivindicações fundamentais do movimento no seu período inicial era isso. Quando a ditadura começa a entrar numa certa crise, começa a ter um movimento inicial de reorganização do movimento sindical no Brasil dos professores, isso foi em (19)77, quando nós fundamos a primeira oposição da Apeoesp, que depois veio a ganhar a eleição em (19)77, (19)78. Em (19)78 estourou a primeira greve. Um das reivindicações principais era um concurso público. Grande parte eram professores temporários, e as condições de trabalho, se você comparece digamos com os anos quarenta, cinquenta, quando ser professor era um certo, digamos, dava um certo status social. Dentro de um setor assalariado, obviamente, mas me recordo quando estudei, estudei sempre em escola pública. Era um período inclusive que as escolas particulares não existiam com o peso que tem hoje, havia digamos os nichos de escolas particulares pros filhos da alta classe média e da burguesia. A maioria dos estudantes estudava em escolas públicas. Então, na minha cidade do interior ser professor dava um certo status, né, naquela pequena comunidade. Já a partir, um olhar muito superficial, porque eu nunca me aprofundei em dados, mas é mais por experiências mesmo. Já nós anos (19)70, havia uma precarização, as condições de trabalho tinham caído muito, salários, o poder salarial tinha caído muito e isso fez com que os professores começassem a se ver como parte de uma força de trabalho, que seria digamos, próximo ao que seria, apesar de não trabalhar diretamente no que é chamada de produção dos bens de consumo, dos bens de produção, mas digamos se viam como parte da classe trabalhadora. Começa a ter um certo sentido de

classe e tanto é que os professores importantes. São quatro categorias fundamentais, no processo da recomposição do movimento social no Brasil, no finzinho da ditadura que são os professores, que são as grandes greves. Os metalúrgicos, os professores, bancários e petroleiros e tanto é que digamos esses são as colunas centrais, né, que vão para o processo de recomposição política, orgânica e sindical e política da classe trabalhadora. São os esteios fundamentais, são as categorias fundamentais na construção da CUT e na época do PT, como um partido que surge como um partido de representação da classe. Então, isso tem a ver com algo que digamos, é meio paradoxal, não é? Mas ao mesmo tempo intrinsecamente interligado, que é o crescimento da quantidade de professores. Então a rede se expande porque a quantidade, o Brasil é um dos países pela UNESCO, até hoje inclusive, ele tá na linha dos países que tem uma maior necessidade educacional. Em que sentido, que ele tem a maior parte da sua população, ela tá em todos os países que tem, deixa eu ver se lembro de cabeça os dados na UNESCO, os países que tem a população, acima de vinte por cento da população em idade educacional, que está em idade educacional, ele está entre os países que tem mais necessidade de investimento na educação. Então, o Brasil hoje está na casa dos trinta por cento mais ou menos de população em idade educacional, por isso, que a necessidade de investimento é muito grande, então isso era um processo que já vinha digamos, uma população muito jovem, grande parte que já tinha migrado do campo pra cidade. O Brasil se torna um país predominantemente urbano no final dos anos cinquenta, que a população é igual, cidade e campo. E depois cada vez mais crescendo, né, então uma população jovem que começa a frequentar a escola. Ao mesmo tempo, digamos esse crescimento, digamos a rede escolar pública não esteve associado a um investimento público, então isso fez com que houvesse a precarização, o aumento da quantidade de professores, por um lado, o que faz com que uma classe se torne, ela grande, ela se torna forte, nesse sentido político, mas ao mesmo tempo, as condições de trabalho se deterioram, tanto as condições materiais do trabalho mesmo, aumento da jornada para poder sobreviver e o salário né. Então, isso são digamos, é o caldo social pra esse processo e essas quatro categorias urbanas que associadas digamos ao movimento Sem Terra, o movimento, que são parte dos setores sociais que são fundamentais nas suas

lutas naquele período final, do fim da ditadura e que na construção digamos dos organismos da classe, no final dos anos (19)70, início dos anos (19)80.

Viviane Freitas

O senhor poderia nos falar um pouco sobre a organização sindical dos professores paulistas, principalmente do papel que a Apeoesp passou a ter a partir da segunda metade da década de 1970?

Mauro Puerro

Os professores como os outros trabalhadores durante a ditadura militar não tinham direito a organização. Os sindicatos digamos, estavam sob intervenção e o setor público não tinha direito a ter sindicato. Isso só foi legalizado com a Constituição de (19)88, até (19)88 inclusive não havia o direito de ter sindicato oficial né. Então, o que havia com os professores eram essencialmente, pegando o setor público do estado, havia duas entidades, duas associações a Apeoesp, que era a Associação dos Professores, que era dirigida pelo Raul Chuinder, que era um advogado. Ele tinha sido deputado do PSB, o velho PSB brasileiro, não tem muito a ver com o PSB atual. Era um advogado e funcionava quase, obviamente tinha a ver com o período militar, funcionava quase como um departamento jurídico digamos, né. E havia o Centro de Professorado Paulista, o CPP, que dirigido por um, me sumiu o nome dele agora, mas se você pesquisar, o velho dirigente, antigo a época que era um cara vinculado aos antigos Democratas, do partido Democratas, atual. Na verdade mudaram de nome, foi PFL, eles sempre foram camaleões, mudando de nome. Vinha da antiga ARENA que era um dos partidos de sustentação do governo militar. Me sumiu o nome dele agora, acho que já morreu. Então, esse era um centro de, era mais um, tinha uma parte de assistência jurídica, mas eles tinham muitos clubes, então eram entidades de assistência, não é? A Apeoesp tinha menos clube era mais, a Apeoesp tinha na memória dos professores, que a Apeoesp organizou uma greve. Não me recordo exatamente a data, que houve no estado de São Paulo, eu era moleque, eu lembro dela, ela

existiu na cidade em que eu morava, eu não me recordo se um pouquinho antes do golpe militar ou se no período entre (19)64 e (19)68, eu acho que um pouco antes do golpe. Então ela ficou com uma certa fama de combativa. Entre a CPP e a Apeoesp que eram duas entidades assistencialistas, não eram sindicatos, elas tinham um caráter híbridos, eram parecidas com o que eram os sindicatos na época, mas legalmente, os professores não podiam ter sindicatos, diferentes dos metalúrgicos que legalmente tinham, mas era um sindicato que estava sob intervenção, ou intervenção direta, ou intervenção indireta. Estava sob regime militar, estava proibido greve, essas coisas todas. Então, eram mais entidades de assistência. Então a Apeoesp tinha esse elemento do passado, diferente do CPP. Ela tinha organizado uma greve no estado, isso no período que tinha uma direção vinculada ao PSD. Bom quando, á partir da metade da década de (19)70 começa uma lenta, começa uma certa crise do regime militar e uma recomposição do movimento sindical é fundado. Se organiza em (19)77 um movimento chamado Movimento de União dos Professores, MUP, pra tentar começar a organizar os professores. Começa a ter muito descontentamento, começa a abrir uma certa demanda, associado a luta dos estudantes pela democratização em (19)77, começa as mobilizações, isso faz com que, o setor de professores tinha muita relação direta com o setor estudantil, que também começa a se reorganizar. Eram ainda, meio clandestinos. Esse Movimento de União dos Professores, depois a corrente que era majoritária aí, que na época estava associada a uma corrente estudantil chamada Liberdade e Luta, a organização política que era majoritária. Hoje você associaria com o que vem a ser o jornal O Trabalho. Eles transformam o MUP numa colateral da sua tendência né, então, isso faz com que aqueles que não eram militantes dessa organização ou simpatizantes defendam uma posição unificada, essa minoria funda o MOAP, Movimento de Oposição Aberto dos Professores, do qual eu participei. Fui um dos fundadores, eu participei do MUP depois fui pro MOAP. E há uma polêmica entre digamos esse setor que está buscando reorganizar sindicalmente os professores. Quando começa aquela. é muito descontentamento nas escolas, na base dos professorados públicos, por aquilo que eu relatei, pelas condições de trabalho, pelo salário, já começa a

ter uma certa insatisfação. Se, se a gente devia fundar uma entidade ou canalizar o movimento para uma das entidades ou para as entidades existentes. Então houve uma polêmica. O antigo MUP defendia o que eles chamavam de um sindicato livre, fazer com que o sindicato fosse livre e tal. E o MOAP defendia intervir por dentro da Apeoesp. Que a Apeoesp tinha, na memória de parte dos professores essa imagem de que era uma entidade que tinha organizado uma greve ainda nos anos (19)60. E essa posição era majoritária, digamos. Depois o próprio MUP recua, da posição de sindicato livre. Fazer um sindicato livre, digamos, por dentro da Apeoesp, que legalmente não podia ser sindicato. Você lembra que a legislação não permitia o setor público ter sindicato. Então, se cria um jornal que era porta voz disso, por dentro da Apeoesp, que chamava-se, O Precário, porquê a maioria dos professores, como eu tinha relatado, chamava-se, era admitido á caráter precário. Então, o jornal era O Precário, por que era o digamos. A gente tinha uma coordenação, parte da coordenação do MOAP era o Gumercindo Milione que foi o primeiro, veio a ser o presidente da Apeoesp, posterior, não foi o primeiro dessa chapa de oposição, a primeira foi a Aiko, O Gumercindo, o Paulo Frateschi que depois virou o tesoureiro do PT. Eu era os mais, e alguns que já morreram, ou pararam de atuar. O Edgar Fernandes, não sei se o Bauer te falou dele, o lampião, era uma época que como ainda era ditadura então, a gente não se tratava por nome, então todo mundo tinha apelido né. O Tamanquinho, por exemplo, eu não lembro o nome dele. O Paulo Frateschi a gente chamava de, Boelito, era tudo com apelido. Eu era Magrisso, hoje com esse corpinho de toureiro espanhol aposentado, estaria mais para Rolisso. (Risos)

Então, nós fundamos esse jornal O Precário, né que acho que foi um belo nome, digamos, e era o jornal porta voz dessa oposição. E essa oposição dirigia, e as condições são tais que começam a ter as greves no final dos anos (19)70, vem a greve de metalúrgico do ABC e em (19)78, a primeira greve que teve. E ela é uma greve organizada pela oposição da Apeoesp. A diretoria não participava, a diretoria estava contra, o que era diretoria na época que era aquele núcleo que vinha do setor ligado ao Bolchuinder. Não era mais, o presidente era o Rubens Bernardo, mas era esse setor ligado a

eles não participam. A assembleia que deflagra a greve é na câmara municipal. O Edgar estava na mesa da assembleia. Ele deve se recordar de todos os que eram da mesa. Eu e o Edgar era da mesma corrente, digamos assim, então nós colocamos o Edgar na mesa, junto com a professora de Campinas que hoje mora em Floripa, a Helen. Acho que o Gumercindo estava na mesa também, na primeira assembleia. Foi uma greve ainda durante o governo militar né. É uma posição que ganha tanta força e que obviamente ela ganharia a eleição da Apeoesp, então, a diretoria que a gente chama, dirigida pelo Luís Bernado aqui, tinha sido contra a greve, o CPP tinha sido contra a greve, uma greve dirigida por esse setor. Eles mudam o estatuto numa assembleia fantasma em Piracicaba, eles mudam o estatuto da Apeoesp para impedir, que digamos, que essa geração toda que era dirigente do movimento, que dirigiu a greve, participasse das eleições. Então eles alteram, inclusive o estatuto, só podia ser candidato quem tivesse três anos, não me recordo exatamente, seguidos como sócios. A maioria era muito jovem, cinco anos, não me recordo exato. Então isso faz com que, era pra tentar impedir, mas a força do movimento era tanto que a gente, não era os nomes mais conhecidos, mas era gente parte do movimento que a diretoria que nós montamos com Aiko de presidente, o Vagner, o Biafra, era o apelido dele. Era magrinho, então o apelido dele era Biafra. O Vagner Poleto de vice, o Renatão, o Renatão acho que está na diretoria da Apeoesp até hoje. Até hoje não, ele saiu da alternativa, da chapa de oposição, está em outro capítulo, está em Jaú o Renato, era tesoureiro. Então, que ganha a eleição da Apeoesp, isso em (19)79 que foi esse eleição. Então esse foi o processo que resultou na tomada da Apeoesp, na construção, no início da construção do que é a Apeoesp atual e que deu o caráter sindical para ela.

Viviane Freitas

Esse jornal que você citou, O Precário, tem ele nós arquivos da Apeoesp, ou em algum lugar?

Mauro Puerro

Olha eu tinha uma cópia disso aí, eu não sei se eu tenho mais. Eu precisaria mexer nos meus arquivos. Quem talvez possa ter é o Edgar. Mas o Edgar também desfez casamentos e casa eu não sei se o Edgar guardou. Talvez quem possa ter isso que é um cara muito organizado, é o Nelson, o Nelsinho. Um outro professor, não sei se o Bauer te falou dele. Desse período, o Nelson parou de militar, saiu da rede pública e parou com as atividades sindicais. Ele é professor da Belas Artes hoje. E talvez o Silvio, esse atual diretor da Apeoesp, ele é de uma geração mais jovem, mas é ligado historicamente a esse setor de oposição. O Silvio, ele está remontando um arquivo, ele está conseguindo coisas da ocupação, que tinha sido meio apagado pela diretoria da época né. Não, não é apagado, não deram muita bola pra ela. Eu não sei o que tem, precisaria dar uma pesquisada. Mas eu ligo para o Silvio, e falo que você esta fazendo essa pesquisa para ver o que ele tem e que possa te passar. Seria legal você conversar com ele também. Apesar dele não ser desse período, mas ele é diretor e ele está fazendo um levantamento dos arquivos da Apeoesp. Então pode ter coisa útil para ti.

Mas até esse dos anos (19)70, sinteticamente foi isso, te fazendo uma síntese da história. Não sei se é isso que você queria.

Viviane Freitas

Vamos para a outra perguntinha que é bem longa...

Hoje assistimos a uma intensificação da chamada precarização do trabalho docente, de perda do controle das atividades didáticas e pedagógicas e adoecimento crescente do professorado que atua nas escolas públicas estaduais paulistas. É possível estabelecer uma relação desse preocupante quadro que se registra na atualidade com os processos que estavam em curso nos idos da década de 1990 e que, por exemplo, se manifestaram na ocupação da Alesp. Gilberto P. Souza, em seu livro Inimigos públicos, por exemplo, observa que para compreendermos as problemáticas que nos ajudam a entender o descalabro governamental produzido na esfera educacional, é preciso analisar o papel das chamadas agências bilaterais

como é o caso do Banco Mundial e da Unesco colocados em marcha a partir da década de 1990. O que o senhor tem a dizer sobre isso?

Mauro Puerro

Partindo na pergunta inicial, obviamente sim. Nos anos (19)70, se eu não me engano a categoria profissional que tinha o maior índice de adoecimento, psíquicos, com problemas eram bancários, que tinha a ver com o tipo de atividade digamos, que é uma atividade pesada, microfilmar, e etc. Meu primeiro emprego em São Paulo antes de começar a dar aula, então me recordo, quando a gente fazia o levantamento era a categoria. Hoje, disparado os professores, a categoria que tem o maior índice de adoecimento, por que tem a ver com as condições de trabalho. Obviamente isso não começou agora, não, então isso, há um curso histórico disso. Tem a ver com aquela primeira resposta que eu te dei. Que já são elementos que começam a surgir nos anos (19)70, mas ainda o grau de adoecimento, obviamente não se compara com o que é hoje. Tanto é que nos anos (19)70, bancários era uma categoria que adoecia muito mais por razões profissionais do que os professores. Hoje há uma inversão. Esse processo de deterioração das condições de trabalho e do salário, ele é um processo que vem á partir dos anos (19)60, (19)70, progressivo e acelerado nos anos (19)90, que vem as reformas que pioram as condições de trabalho, que teve a ver com, com tudo o que é proposto pelo Banco Mundial. Isso vocês já devem ter estudado, mas são reformas que parte da seguinte base, digamos, tem a ver com o estágio atual do capitalismo. O Estado não pode prover diferente do que foi um período do Fordismo não é? Em que há uma democratização da educação, que tinha a ver com a lógica do capitalismo, daquilo que para as pessoas produzirem mais e poder ter um nível de educação para poder trabalhar, e consequentemente comprar mais, então esse foi todo esse processo histórico que no Brasil fez com que também houvesse a localização do Brasil no cenário capitalista, a partir do final dos anos (19)50 deixou de ser um país em que o predomínio da população era rural. O predomínio se tornou urbano, e o processo de industrialização,

essa localização como um país dependente, de economia dependente, mas nesse cenário mundial. Então houve um crescimento da educação pública. O Bando Mundial diz, pra esses países, isso afeta inclusive os países de economia capitalistas centrais, mas essencialmente os países de economia dependente como o Brasil, é uma reorientação de reformas que significaria em essência reduzir o investimento na área da educação. Então, isso é o centro, digamos, e com isso, com essa orientação do Bando Mundial, todas as medidas governamentais, muda governo, sai governo as medidas todas governamentais de lá para cá aprofundaram um processo que vinha ocorrendo, e foi aprofundado, acelerado. Deixaram digamos, desnudos, deixaram á partir dos anos (19)90, que é o que o Gilberto relata no livro. E obviamente, isso se acelerou, se você compara digamos os anos (19)90 com o final dos anos (19)70, início dos anos (19)80, há um aceleramento, um aprofundamento da precarização. E isso é o pano de fundo com que faz com que leva a greve de (19)93 ser uma das greves mais fortes. O setor da educação é um setor muito grande são duzentos mil professores e professoras pegando um número não exato. Mas ele é atomizado. Diferente de um setor industrial que você tem fábricas, concentração de trabalhadores com 10, 15, 20 mil. É atomizado. São várias escolas, é um setor. Nesse aspecto ele tem uma aparente contradição que é o número muito grande de profissionais, mas ao mesmo tempo atomizados. O que leva a uma certa sensação dúbia de será que temos força? Sempre foi um problemas, os que trabalhavam com a educação iam na escola. Ah, mas será que a outra vai parar? Será que temos força, será que a gente tem força para alterar isso? O que tem a ver com a atomização. Mas as condições eram tal que permitiu num setor que como é atomizado, às vezes é difícil você ter um movimento que atinge 100 por cento. Ou que atinja próximo disso. Mas a greve de (19)93 foi uma das greves mais fortes da história, por que atingiu a ampla maioria do professorado desde os grandes centros urbanos como São Paulo e a grande São Paulo, como também as pequenas cidades do interior. E ao mesmo tempo por cauda da orientação do Banco Mundial, o governo, digamos que com uma posição duríssima, por que ele precisava seguir as riscas, não que ele não tivesse dinheiro, digamos, para ceder, mas ele estava sobre a rédea, digamos da orientação

do Banco Mundial, então ele tinha uma posição duríssima de não abrir negociação, não aceitar. E o movimento que conseguiu essa greve de 93, o apoio da sociedade, o setor que não mexe diretamente com a produção, mexe com a produção intelectual. Então, a força de pressão dele é política. Ele só consegue digamos força para negociar e ter as reivindicações atendidas se ele consegue isolar politicamente o seu adversário, no caso o governo do estado. E quem governava o estado naquele momento era o Fleury. Na época MDP, não sei se já era PMDB. Então o movimento conseguiu isso, o apoio social, que numa situação normal obrigaria o governo a negociar, mas o governo agiu de forma muito dura nesse terreno, por que exatamente estava né, sobre a regulagem do Banco Mundial, sob orientações do Banco Mundial. E isso levou essa situação, a situação de precariedade, junto com a dureza de negociação do governo levou o movimento a buscar digamos uma tentativa. Era greve que nós já estávamos em dois meses de greve, não me lembro agora, exatamente quanto tempo. Quando a gente ocupou a greve já tinha 65 dias, acho que durou tudo, 90, 97 dias. Mas levou o movimento a começar a discutir que ação poderia ser feita para conseguir abrir uma negociação então, foi. Aí, já era outra época de confronto e a história de o que veio a ser o movimento de oposição, aí já era um outro período. Era uma diretoria dirigida pelo Roberto Felício e havia um setor de oposição, da qual eu o Bauer, o Gilberto. O Gilberto é outro que eu não sei se você vai entrevistar, mas ele foi participante ativo desse período. Aliás, ele encabeçou a chapa de oposição e quase ganhou a Apeoesp nesse momento, perdemos por 1,5%. Converse com o Bauer, talvez valesse à pena. Sobre a greve de (19)93, como o tema de recorte é esse também, você falasse com o Gilberto também, ele foi um dos dirigentes também da ocupação. Então, nós começamos a defender que o movimento tinha força para fazer uma ocupação. A diretoria, nós não éramos parte da diretoria, a gente era dirigente né. O Bauer dirigia a Zona Oeste, eu era o dirigente da Zona Sul, que eram as regionais da Apeoesp, que eram regionais fundamentais, Importantes. Eu e o Gilberto éramos da Zona Sul. O Edgar era de Santo André. Parte do professorado achava que eu era parte da diretoria, por que eu falava em assembleia, ganhava assembleias, mas a gente era do

conselho. Por que a Apeoesp tinha um, desde lá a época da fundação ela teve uma estrutura, pois como nasceu da oposição, então tinha uma estrutura democrática. Havia diretoria, mas havia o conselho de representantes que tinha poderes estatutários acima da diretoria. Então, a gente era do conselho. Eleito pela base, por essas regionais, por essas sub sedes. Então, essa oposição tinha muito peso, essas figuras, essa oposição tinha muito peso, peso mesmo, no processo. Ficou bem clara essa relação?

Viviane Freitas

Sim, ficou.

Como o senhor bem sabe, a ocupação da Alesp se deu exatamente no fim tumultuado de uma longa e desgastante greve que perdurou por mais e dois meses no ano de 1993. O Senhor tem alguma lembrança dos principais motivos daquele movimento grevista? Como se comportou a chamada vanguarda sindical diante dos impasses e tentativas de negociar com o governo do estado, na época comandado por Fleury.

Mauro Puerro

Eu já entrei um pouquinho nisso né.

Viviane Freitas

Sim. Se o senhor puder dar uma sintetizada.

Mauro Puerro

A primeira parte da pergunta eu já falei antes. Eu vou tentar, falar menos. Você viu que eu tenho o defeito de professor que é falar muito. (Risos). Você pode repetir a pergunta pra mim?

Viviane Freitas

Claro! Normal, eu quando me empolgo também.

Vamos lá.

A ocupação da Alesp se deu exatamente no fim tumultuado de uma longa e desgastante greve que perdurou por mais e dois meses no ano de 1993. O Senhor tem alguma lembrança dos principais motivos daquele movimento grevista? Como se comportou a chamada vanguarda sindical diante dos impasses e tentativas de negociar com o governo do estado, na época comandado por Fleury.

Mauro Puerro

Bom primeiro acho que eu tinha colocado antes que o que leva ao movimento grevista, são as péssimas condições de trabalho, a deterioração das condições de trabalho e os salários que teve a ver com a política dura implementada pelos governos à partir da orientação do Banco Mundial que acelera algo que já vinha ocorrendo, mas acelera e desnuda. Então, isso é o elemento centro que faz com que a greve seja muito forte. Quando a greve é deflagrada, digamos, entramos já na relação com a vanguarda sindical, digamos. O que era a vanguarda sindical, seria a diretoria da Apeoesp e o conselho de representantes, digamos, pegando organicamente, obviamente foi uma rede, digamos de representantes de escola, bom essa era a estrutura da Apeoesp. Tinha os representantes de escola, os conselheiros eleitos, e a diretoria. Então, a assembleia de deflagração da greve, a diretoria, tinha uma posição, não estava a favor, tinha uma posição contrária. Tanto é que a assembleia chamada, os professores sempre vão fazer a assembleia de deflagração de greve, sempre fazem em espaços públicos, abertos, por que é muita gente. Eles chamaram a assembleia para a quadra dos bancários, que previam uma assembleia, eles não estavam com uma avaliação que haveria a greve. Previam uma assembleia pequena. A oposição, esse setores que eu relato é que eram. Mas eram dirigentes também, eram parte da vanguarda, tinha uma avaliação de que era pra deflagrar a greve. Tinha uma quantidade de pessoas, que era tanta, que foram obrigados a sair com a assembleia e fazer lá na rua. E ali, é deflagrada a greve na assembleia. A diretoria muda de posição. E é deflagrada a greve.

Viviane Freitas

O senhor sabe o porquê que a diretoria não queria a greve? Tem uma ideia?

Mauro Puerro

Eles tinham uma avaliação que o movimento não tinha força para deflagrar. Esses eram os argumentos, digamos que eles davam quando a gente discutia. Inclusive, marcaram a assembleia, porque o movimento não teria força para deflagrar o processo. Havia um outro problema que aí é uma interpretação minha, eles nunca falaram, digamos é uma interpretação política minha. Porque tem a ver já, nesse período a diretoria da Apeoesp era uma, nesse momento, era uma diretoria ligada ao que se chamava Articulação Sindical, que era a corrente majoritária do PT. E o PT, já nos anos (19)90 tinha galgado muitas posições, tinha ganhado governo de estado, prefeituras e esses digamos, e o PT, no poder no governo, já também estava sob a pressão, digamos da orientação do Banco Mundial. Então, havia também um, se contrapor de corpo e alma, digamos, junto com o movimento na orientação, no que fazia o governo do estado, em certa medida, poderia afetar, digamos, a posição que o próprio PT e eles como parte da direção do PT, fazia em algumas prefeituras e estados que em certa medida eles estavam também sob essa pressão. Isso eles nunca falaram publicamente, certo. Isso, eu estou te dando uma interpretação minha, digamos, à luz dos fatos. O argumento público, é que o movimento não estava preparado naquele momento para a greve e não teria condições. E se fizesse uma greve, a greve seria muito curta, o movimento não tinha folego para uma greve, era uma análise equivocada, a realidade lhe mostrou que essa análise estava equivocada. Que foi uma das greves mais fortes e mais longas no professorado. Mas eles mudam, digamos ao ser pego, tiveram que alterar o local da assembleia, sair de dentro da quadra dos bancários e vir pra rua. Improvisou-se um carro de som e eles, não me recordo, como foi a forma de proporem, mas acabaram sendo empurrados pela oposição, por parte dessa vanguarda sindical, que estava

a favor da greve. E digamos, vieram pra greve, se relocalizaram e também vieram pra greve, eles foram, a partir daí, parte do processo. Aí com a dureza do processo, como eu tinha dito, a greve era ao contrário, digamos, do que parte da vanguarda sindical previa que seria, não teria força para sair, ou se saísse seria uma greve muito curta, ela se demonstrou ao contrário, uma greve muito forte e com força para se manter por bastante tempo. Então, quando começou, apesar da força da greve de manifestações de 100 mil na rua e no apoio da sociedade e o governo mantinha uma posição dura, de não abrir negociação, a vanguarda sindical, essa vanguarda ampla da Apeoesp que pegava desde a diretoria ao conselho de representantes e os representantes de escola, começou a debater o que fazer para tentar forçar o governo a abrir uma negociação e aí também houve uma divisão, surgiu à posição de fazer a ocupação da Assembleia Legislativa, que era algo para os professores inédito. Há um setor que começa a defender a ocupação da Secretaria da Educação, mas era logisticamente muito mais difícil, então, nós começamos a defender a ocupação da Assembleia Legislativa, com o argumento de que a gente se conseguisse digamos forçar os deputados a votar uma, a usar a Assembleia para obrigar o governo, porque o governo dependia em muitas coisas da Assembleia para os projetos e tal. Então, era uma forma de se tentar, digamos, abrir uma negociação com o governo. Forçar a própria Assembleia. Essa posição começou a ganhar corpo entre o que você chama da vanguarda sindical e também, começou a ser debatida nas próprias escolas. Parte da vanguarda, ou seja, parte da diretoria era contra. No final, para não se posicionar contra, porque o movimento ainda, apesar de muito tempo de greve 63 três dias, mas, ele ainda era um movimento majoritário na categoria, com muita força. Não era aquele o fim de greve. Mas estava num empasse, então a diretoria propõem que seja uma vigília e nós defendíamos uma ocupação. Que não é muito a tradição de professores, como você lembrou, nunca foi. Foi a primeira que houve e depois o resto do país começou a olhar e fazer. E eles propõem uma vigília, parece um problema só de nomenclatura, não é? Mas como diz Drummond às palavras tem vida. Então, tentou fazer um acordo com a própria presidência da Assembleia, o PT já tinha deputados, a ampla maioria era

ligada a mesma corrente da diretoria, da Articulação. Os professores ficariam em vigília na Assembleia, a vigila é muito mais branda que a ocupação. E a polêmica que vai se dar na assembleia dos professores, na Assembleia Legislativa ela defini continuar a greve e o que fazer? Então, era vigília contra ocupação. Quem defendeu a ocupação fui eu. Eu fiz a seguinte defesa, falei, olha, aqui eu não vou brigar pela nomenclatura, nós não vamos brigar pela nomenclatura, estamos falando em nome de um coletivo. Nós não vamos brigar pela nomenclatura, pode ser vigília, podemos chamar o que nós vamos fazer de vigília ou de ocupação. Não há nenhum problema com o carimbo. O nome é um carimbo. O que nós queremos discutir é o conteúdo do que iremos fazer, então aqui nós vamos votar o conteúdo. O nome depois, votado o conteúdo, pode dar o nome que quiser. Aí o conteúdo é, nós vamos entrar na Assembleia e só vamos sair da Assembleia quando os deputados abrirem uma negociação com o governo e quando os deputados votarem, que eles podem votar no aumento. O que a gente queria colocar, a Assembleia em choque com o próprio governo, para que os deputados votarem as reivindicações ou parte das reivindicações que nós queremos, então, digamos colocou a diretoria e a assembleia que tinha num empasse, e se votou, e a ampla maioria resolveu digamos e nome acabou ficando ocupação mesmo.

Viviane Freitas

Mas esse processo de conversar com os professores para ter uma ocupação, a vigília se deu no mesmo dia, ou era um processo que estava vindo?

Mauro Puerro

Não, não. Era um processo que já tinha vindo. Já tinha tido um primeiro debate sobre a ocupação numa assembleia anterior. Que na Apeoesp o movimento é assim, toda a semana tinha uma assembleia que reunia os professores estaduais em passeata como forma de, é o que eu disse, a força é política, é quando você junta toda aquela atomização, quando você junta todo mundo. Então, eram manifestações de mais de 50 mil, a maioria

delas. Então, já tinha tido esse primeiro debate. Aí a assembleia que ia definir fazer, ela foi marcada para a Assembleia Legislativa exatamente. No primeiro debate, eles estavam contra e já tinham perdido, se eu não me engano, o primeiro debate quem fez foi o Gilberto. Foi uma assembleia aqui no centro de São Paulo. No segundo, aí eles vieram com a fórmula de vigília, mas o processo já vinha sendo discutido, porque tinha as assembleias regionais, então, as regionais já vinham se posicionando. Então era um debate que se vinha discutindo com a base, com a base em greve. Ela não foi, não caiu de para quedas naquela assembleia. E aí nós ocupamos, foi votado. Quando vota o pessoal entra, aí tem um enfrentamento com a polícia, mas era muita gente. Lá dentro eu tive que fazer uma assembleia, o pessoal falava e o pessoal repetia nas escadas ali para pegar todos os andares. Não sei se tem registro, eu tenho registro na memória, mas eu não sei se tem registros. Eu lembro de uma foto, eu estou em cima de uma mesa, porque o pessoal começou a entrar por um corredor. Eu exerci o mandato de deputado, porque eu era suplente de deputado, aí eu descobri aquele corredor, por que ali onde a polícia tinha fechado era um corredor que dava acesso à presidência da câmara. E o pessoal subiu por ali, e ali estava, podia ter morte. Me chamaram correndo, eu subi sobre uma mesa e a polícia, era paredes de vidro espelhada, quebrava os vidros e tacava no pessoal, o pessoal fazia a mesma coisa. (Risos) Na hora que eu vi isso, falei isso vai dar na imprensa, vão dizer que nós estamos destruindo. Aí eu subi sobre a mesa e comecei a falar, mas escutava aqueles negócios passar e pensava se isso pega aquilo, naqueles vidros. E foi legal, porque a imprensa pegou e na verdade a imagem que saiu foi que a polícia estava destruindo e atacando os professores. Eu falava e o pessoal repetia, eu convenci o pessoal a ir pela outra entrada que para evitar esse tipo de confronto. Então, mas isso foi o momento da ocupação mesmo. Aí nós conseguimos fazer a ocupação, entrou o que cabia lá dentro e uma parte ficou para fora, porque era muita gente, a assembleia tinha mais de 30 mil pessoas, não cabia todo mundo lá. Aí depois lá dentro eles tentaram tirar com a tropa de choque, aí eu não sei como você montou a sequência em si, mas nós montamos as comissões para manter o funcionamento interno lá.

Viviane Freitas

E depois dessa ocupação vocês conseguiram entrar num acordo, oposição e diretoria de como seria dado essas comissões, a organização o processo?

Mauro Puerro

Então, isso foi assim, entrou né. A diretoria se sentiu um pouquinho, entre aspas derrotada, mas eles eram quadros políticos, se reorganizavam rápido. Aí nós entramos, teve todo aquele conflito, teve toda a ameaça com a tropa de choque, ameaça. Fez-se um acordo, porque ocupou inclusive, o plenário, aí fizemos um acordo, com deputados intermediando, que a gente desocuparia o plenário, mesmo porque a ocupação que nós votamos do movimento era para fazer os deputados trabalharem para poder então abrir as negociações, então não fazia sentido a gente ocupar o plenário e impedir que trabalhassem. Eles iam usar isso como argumento e dizer que, olha não estamos podendo fazer nada. Então, isso deu uma polêmica de novo entre a vanguarda, os setores. Nós fizemos uma assembleia no plenário de quem estava ali, para votar se a gente desocupava o plenário ou não. Ganhamos a votação com quem já estava lá dentro. E fizemos o acordo, a gente ocupava os andares, mas o plenário estava liberado, em função disso a tropa de choque não entrou, porque também, a força que nós tínhamos, porque se eles entram com a tropa de choque ali podia ter algo que o governo... Porque o governo estava duro, mas o governo também tinha que ver os seus limites. A gente também sabia se mover com os limites que tínhamos. E como interessava ter o plenário livre para eles não terem um argumento público para dizer que não tinham condições de ir para a Assembleia e de trabalhar, então a gente desocupou o plenário, a tropa de choque se retirou. Só que eles fizeram um cordão policial que não permitia ninguém mais entrar ou sair. E tentaram outra tática para nós tirar dali rapidamente que foi cortar a luz, a água, então o acordo era a gente desocupava o plenário, mas eles religavam a luz e a água. A água eles não cumpriram, então nós ficamos sem água no prédio. Aí vimos o número de

pessoas, todo esse setor que eu te falei, essa vanguarda que não era a diretoria mesmo. Setor que tinha sido a linha de frente da ocupação. Nós fizemos uma reunião e vimos as comissões que nós tínhamos que organizar: comissão de limpeza, comissão de segurança. Como é que a gente chamava? Comissão de teatro e atividades culturais, você tem que ter. Fomos organizando várias comissões. E aí precisávamos oficializar isso, como parte da posição da entidade. Então, eu fiquei encarregado de procurar a diretoria da Apeoesp, pra gente poder fazer uma plenária que votasse com os que estavam, porque isso já era alta madrugada, porque ali, quem entrou, parte foi embora para sua casa, ficamos numas, a sei lá quantas pessoas ficaram, umas 700, 800 pessoas acabaram ficando pra dormir mesmo. Foram preparadas para ficar lá, porque você não podia sair mais né. E a gente tinha uma avaliação que aquilo só se sustentaria se tivesse o apoio da categoria que não tivesse lá dentro que fosse uma ocupação sustentada pelos que estavam dispostos a ficar lá dentro, mas ao mesmo tempo, sustentada pela categoria que teria que continuar em greve e apoiar aquilo. Então isso é algo que a gente apostava, mas só iriamos ter certeza na sequência dos fatos. Então fomos no meio da madrugada, eu fui em nome dessa reunião que tínhamos feito para poder, porque a gente não queria fazer uma plenária sem a diretoria. Era um movimento da entidade, eles eram a diretoria da entidade, então eu fui, eles estavam descansando, dormindo, parte da diretoria que ficou lá. Na liderança do PT, chamei o Roberto Felício, que era o presidente. O Roberto na hora, ele falou, não, não, de acordo. E aí nós fizemos a plenária dirigida pela diretoria da Apeoesp, oficializado. E a partir daí, oficializamos comissões e no dia seguinte, a categoria veio dar o apoio. Nós estávamos sem água, no meio da madrugada eu saí, acabei encontrado o Tonhão que tinha saído para isso também, procurando hidrantes, para ver se a gente achava hidrantes de bombeiro que tivesse água onde a gente pudesse encher baldes e essas coisas. Mas no dia seguinte a categoria, parte da categoria encabeçada por essa vanguarda ampla de representantes de escola veio pra frente. E como não podia entrar porque a polícia não deixava, então, eles começaram a organizar. São cenas lindíssimas! Se tivesse imagens disso, de vídeo, hoje seria muito mais fácil né, com os celulares. Que era

pegar água. Nas casas próximas e, coisas e vinham passando, formavam uma espécie de fila indiana um passando de mão para o outro e cantando “escravos de jó”. Porque você tinha que fazer alguma coisa, e iam mandando a água por cima da polícia, a gente pegava o balde por dentro e assim a gente conseguiu abastecer de água. Aí nós vimos o número de pessoas que tínhamos e falamos vamos controlar o segundo andar, o primeiro andar e o térreo, deixando o plenário, cumprindo o acordo de deixar o plenário livre. Que era o número de pessoas que tínhamos para de fato controlar bem esses andares. Bom e ali ficamos, mas aí tudo era passado, a categoria manteve-se em greve ainda majoritariamente, tinha decaído um pouco já, mas ainda era uma greve forte e havia uma multidão lá fora muito maior dos que estavam lá dentro. Que é o que sustentou a ocupação. Que passava roupas, comida, foi o que sustentou. Porque teoricamente você não podia entrar nem sair. É que com o tempo as pessoas começaram a descobrir os buracos digamos. E a própria polícia ali que estava não era a tropa de choque então era uma polícia “mais tranquila”. Com a convivência de vários dias então. Tem uma foto que é emblemática, saiu na Folha de S. Paulo, se eu não me engano. Que é o pessoal, a gente passando o tempo, com atividades pra ocupar o tempo, jogando xadrez e um policial, que teoricamente estava fazendo a repressão. Ele tá assim olhando, em cima, querendo participar, como se estivesse querendo participar do jogo. Essa foto, eu tinha guardado, só não me lembro onde, acho que eu não tenho mais. Mas estava no arquivo da Folha. É uma foto emblemática! Então teve até casos de namoro de policial com professora, porque ali foi uma convivência, tanto é que guando eles vieram desocupar, eles tiveram que trocar esse batalhão. Porque eles não tinham condições de desocupar, eles começaram a ser quase parte da ocupação. (risos) Começavam a assistir as peças de teatro, quem pegou essa parte e era responsável era muito amiga do Bauer... era, como ela chama? Então tinha atividades de teatro, então a polícia ela te cercava, mas ela começou, porque cercava, mas ela estava cercada por professores de fora e ela começou a quase ser parte do ambiente, aquela polícia. Tanto é que eles tiveram que trocar o batalhão, por exemplo, veio a tropa de choque, a posição do governo foi duríssima e nem com isso ele abriu

negociação. Apostou no tempo, no cansaço, no esvaziamento. Pra ir desocupar a Assembleia.

Viviane Freitas

Essa daqui o senhor já até respondeu, mas eu vou perguntar e se o senhor quiser dar uma resposta mais sintética.

O senhor considera a ocupação da Alesp como um ato de resistência ou uma tentativa desesperada dos professores chamarem a atenção para o descaso e a indisposição de diálogo do governo Fleury com os professores paulistas?

Mauro Puerro

Ela foi um ato de resistência e foi uma tática do movimento. Então, obviamente que ela foi uma formula diferente, então ao ser diferente, porque nunca tinha ocorrido uma ocupação feita por professores, Já tinha tido ocupação de fábrica, de terreno, ocupação de fazendas né. No caso dos professores era uma novidade. Então nesse aspecto, ela também chamou a atenção positivamente para o movimento. Mas ela não foi uma atitude desesperada, digamos ela foi parte de uma tática pensada de como o que seria correto fazer naquela situação.

Viviane Freitas

A ocupação se desdobrou entre os dias 21 de outubro a 29 do mesmo mês de 1993, portanto foram exatos 9 dias de ocupação em que próprio público baluarte do estado democrático se manteve ocupado pelos professores. Ao longo desses dias marcados pela tensão e pelas dificuldades inerentes a tal ação político sindical, quais eram suas principais ações, como o senhor se comportava?

Mauro Puerro

Primeiro, o comportamento tinha que ver que eu era professor da rede pública e como todo professor digamos, eu queria que o movimento desse

resultado. Então eu atuava ali dentro como eu imagino a maioria dos professores e das professoras atuariam para ver se nós conseguiríamos. Segundo, eu era dirigente da categoria, um representante, então eu atuava como um dirigente, ajudando a organizar o processo. E terceiro eu tinha uma pequena experiência de ocupação, porque eu tinha sido vice-presidente da CUT em São Paulo, então eu já tinha participado de ocupação de fábrica, ajudado a organizar a ocupação de terreno, digamos era uma pequena experiência. Não dava para me comportar como um professor, como qualquer professor que estaria interessado naquilo em primeiro lugar, em segundo como dirigente, parte da direção daquele processo e terceiro, era um dos, não era o único, mas era um dos tinha uma pequena experiência em processo de ocupação, não na Assembleia Legislativa mas que tinha uma certa experiência sindical. Isso por um lado. E ali é um momento em que o trabalho coletivo é muito grande, então de fato, se você não organiza, não trabalhar em equipe, se você não está preocupado em fazer funcionar uma equipe, fazer funcionar coletivamente, democraticamente, porque haviam opiniões diferentes ali, então você tinha que fazer aquilo tudo funcionar . Pra isso sempre estar atento a funcionar todas as comissões, as plenárias com a participação de todo mundo. Isso era concomitante, eu era professor do estado, mas eu era professor da rede privada e na rede privada eu estava faltando porque eu priorizei a ocupação, priorizei minha tarefa como professor da rede pública. Então, eu passava as aulas, as minhas aulas, da escola privada eu tinha duas escolas privadas em que eu trabalhava uma era o Pentágono, ali perto da PUC e eu passava as aulas por fax, era um período que não tinha essas tecnologias. Eu escrevia as aulas, as atividades e passava por fax para colegas, a maioria dos professores dessa escola também eram professores da rede pública e estavam em greve na rede pública e apoiavam. Então, eles pegavam as aulas que eu mandava por fax, eu usava. Quem me emprestou o fax dele foi o que era deputado do PT na época o Ivan Valente, que era deputado estadual do PT e hoje ele está no PSOL, então ele me emprestava e eu usava o fax lá no gabinete dele para mandar as aulas para o Pentágono. E eles, os professores aplicavam e a outra escola eu dava aula no cursinho do Anglo em Osasco e ali também os professores

apoiavam, o coordenador era meu amigo e também simpatizante da causa, ali era diferente, ali houve substituição, eles me substituíram durante o período em que eu estive ausente. Então foi concomitante, eu tive que ver como eu profissionalmente atuava nas outras escolas da rede privada que não estavam na greve. Então eu tive que dividir o tempo, foi isso. Mas foi um dos períodos da minha vida que apesar da tensão, da dificuldade e das condições precárias ali, a gente ter que dormir no chão, acordar toda hora, dormir muito pouco, tomar banho com a água que era trazida, mas a gente conseguiu muita água. Mas foi um dos períodos da minha vida das quais eu guardo excelentes lembranças, se eu pudesse repetir, se eu fosse refazer a vida, digamos, eu teria vivido isso da mesma maneira. A única coisa que eu esperava era um resultado melhor para o movimento, mas isso não dependia só da ocupação, dependia obviamente do governo Fleury e do Banco Mundial.

Viviane Freitas

O senhor tem lembranças da rotina que adotava nesses dias que pareciam intermináveis? Existe algum episódio, alguma particularidade que marcou a sua presença nesse movimento de ocupação?

Mauro Puerro

A rotina digamos que o tempo passou muito rápido, tinha muito o que fazer então passou. Eu nem percebi os nove dias digamos assim, então passou muito rápido. Nesse aspecto, como eu disse foi gratificante, eu teria repetido. Houve dois episódios, um é esse que eu te falei. Ao longo do tempo dos dias de como a força do movimento era tal, dentro e fora, inclusive o comportamento dos professores muito organizados como isso atingiu digamos a força policial, que teoricamente, era uma força de repressão e eles começaram a se integrar, digamos quase, a foto emblemática é essa que eu te falei, se você conseguisse para ilustrar, que era uma foto que saiu na Folha de S. Paulo. Ali depois quando já tinha uns quatro dias de ocupação, o pessoal jogando um xadrez para ocupar o tempo e o policial ali, a Folha inclusive fez a foto para dar esse alerta,

inclusive para o próprio governo. E o outro era o seguinte, como a gente controlava do segundo andar até o térreo, e eles tinham desligado a água pra forçar a gente a sair, mas conseguimos manter esse movimento né, esse movimento de solidariedade da população que abria as suas casas ali em volta, os bares, o pessoal da categoria que tinha milhares que passavam com aquelas garrafas pets, iam passando em filas né, indianas e ali são longe as casas para poder coletar a água, e mandavam água para dentro. Então a gente do segundo andar até o térreo era limpíssimo porque funcionavam as comissões de limpeza. Do terceiro para cima não tinha água que era onde estava à maioria dos gabinetes dos deputados, então estava uma sujeira infernal. Então começou a ocorrer que os próprios policiais que estava lá em cima e funcionários de gabinete começaram a pedir se eles podiam usar os banheiros de onde a gente controlava, porque lá estava impossível. A quantidade de dejetos, digamos que tinha nos banheiros porque estava sem água, eles tinham cortado a água. Então isso era uma forma de você enxergar como era organizado e ao mesmo tempo a força que tinha o movimento. Então eram duas situações assim que eu me lembro. Aí as pessoas que vinha pedir, inclusive nos liberamos, para usar os banheiros da área que a gente controlava. E a outra coisa são as assembleias que a gente com o pessoal de dentro e com o pessoal de fora. Então era tudo gritado para o pessoal de fora, então às vezes eram milhares de pessoas e a gente fazia coisas que tinham a ver como fazer um movimento unificado, quem estava lá fora com a parte de dentro. Então a gente fazia, não tinha som, não tinha nada, então era, juntava o máximo que a gente conseguia perto da porta para o pessoal de dentro, você falava e o pessoal de dentro repetia e o pessoal que estava fora, os mais próximos repetia, e os guardas no meio (Risos) iam repetindo, repetindo, então são cenas que me marcaram.

Viviane Freitas

O senhor tem lembranças das questões políticas mais gerais que perpassavam o cenário político nacional naqueles dias (lembrando-se das crises que culminaram na derrocada do governo Collor e num cem números

de ações organizadas pelos movimentos dos trabalhadores com objetivo de resistir às ondas de privatizações que assolavam o país naquele momento)?

Mauro Puerro

Então essa greve se deu como você já havia situado no início dos anos noventa. O movimento do Fora Collor tinha se dado em (19)92 e o Collor caí em (19)92, então havia digamos com o movimento do Fora Collor estava um sentimento digamos da população.

Viviane Freitas

Professor, em sua opinião, porque esse movimento tão importante e imbuído de grande radicalidade, como foi a ocupação da Alesp, praticamente não aparece na história oficial da Apeoesp? Esse esquecimento é produzido por conta das concepções sindicais que norteiam os dirigentes dessa entidade, ou, se trata, mesmo, de um episódio de menor importância da história da educação pública paulista?

Mauro Puerro

Bom começando pelo final, eu penso que é um episódio de grande importância na história da educação de São Paulo, pelos motivos já apresentados anteriormente. Do ponto de vista digamos da imprensa em geral, digamos que reflete as posições do setor dominante do país, obviamente não interessava manter a história disso viva, porque foi um movimento de contestação digamos à política educacional de gente comandada pela elite política do país. E essa imprensa, a ela não interessava dar vasão, dar peso, dar importância a um movimento assim, que chama a atenção. É o que você pergunta, porque que no sindicato digamos dentro da própria imprensa do sindicato tem pouco peso, tem pouca notificação, inclusive, eu tinha dúvida, mas você me mostrou que não há nenhum estudo sobre isso. Várias pessoas já tinham me procurado, manifestado interesse, eu próprio disse que podia escrever algo sobre. Mas

é melhor até que seja feito por um olhar de fora, assim como seu estudo. Eu tenho uma interpretação, isso nunca me foi dito, então é uma interpretação política minha dos fatos. A política de ocupação naquele momento, ela não era uma política defendida pelo setor majoritário da direção da entidade e que não viam aquilo como uma tática correta, adequada, a melhor a ser utilizada pelo movimento. Então, acabaram fazendo, levados pelo movimento, acataram o que foi votado, não se pode critica-los por não ter acatados, encaminharam o que foi votado, como eu informei, mas isso não era digamos parte da sua, da concepção sindical que tinham e continuaram digamos nos setores que dirigem majoritariamente a Apeoesp hoje, tem uma oposição muito similar, mas isso digamos não é responsabilidade da direção atual, é parte da direção da época que deveria ter conservado a memória sobre isso, dado destaque. Por essas concepções políticas, tentaram esquecer, reduzir o peso. Por isso, é difícil encontrar matérias sobre isso, mesmo dentro da própria entidade, então tem a ver com uma certa concepção política. E acho que isso é uma questão, uma crítica séria que eu faço, a esse setor dirigente, não faço a crítica que eles tenham boicotado o movimento, pois eles acataram o que foi votado na assembleia pela maioria. Mas a crítica que não se pode apagar memórias, ou registros daquilo que ocorreu ali, por ter opiniões divergentes, diferentes. Eu acho que isso é um erro grave, que de fato é difícil conseguir acesso a algum registro. Isso foi um fato importante da história do movimento sindical da área da educação de São Paulo e que serviu de referência para outros estados, depois vários outros estados fizeram algo similar.

Viviane Freitas

Passados tantos anos desde aquele momento histórico quais são as lembranças mais significativas que o senhor guardou daquele movimento de ocupação da Alesp?

Mauro Puerro

Primeiro era uma dúvida que tínhamos era, nós que achávamos que tínhamos que fazer, no fundo digamos, lá no fundo do coração (risos) no fundo da razão, a gente tinha uma dúvida. Será que o movimento vai sustentar uma ação desse tipo? Não era tradição, não havia uma experiência similar ao movimento dos professores, algo que ocorria, já tinha ocorrido no movimento, mas em outros setores. Nós professores então era algo épico. Tinha, digamos que era algo que era o correto propor, mas havia sempre, como diz o poeta, a dúvida é parte da busca da certeza. Então havia sempre uma dúvida do que ocorreria ou não. Então, algo que me marcou muito foi depois daquela tensão da ocupação, no dia. Então teve várias cenas marcantes, uma que foi aquela assembleia que eu disse que nós tivemos que fazer nos corredores daquelas escadarias, na saída da Assembleia, com todos os andares ocupados com multidões, que a gente falava e as pessoas repetiam, digamos, que é uma cena marcante. Mas assim, o mais emocionante, talvez foi algo que emocionou, foi ao acordarmos no dia seguinte, o que, que iria acontecer, estaríamos ali uns 1200, ou seja, os que tinham dormido a noite inteira ali, os que tinham ficado, isolados, cercados pela polícia porque, se assim fosse aquilo duraria um dia, dois dias, facilmente seria desocupado. Então seria um movimento isolado, do conjunto da categoria e isolado da sociedade, do conjunto da população. Então quando acordamos no dia seguinte, não levamos quase nada, nem roupa, dormimos no chão. E quando foi chegando à manhã do dia seguinte da ocupação, que a gente viu a multidão chegando e trazendo barracas e aquela ocupação lá fora e as pessoas, e a cena que me marcou foi a seguinte, quando a gente orientou que a gente estava sem água que tinha que, então montando aquelas filas quilométricas e cantando, “ escravos de jó, jogavam pra a que tá” , foi uma cena emocionante que a gente viu, bom vai ser possível resistir por vários dias, porque não estamos isolados. Digamos a categoria respondeu a ação, e sustenta a ação. E só era possível mantê-la s e tivéssemos suporte para sustentação do conjunto da categoria dos professores, através dos seus setores mais dispostos, que se deslocavam inclusive do interior, tanta gente se deslocava do interior. Então havia ali revezamento de sub sedes, cada uma vinha num dia para ter sempre multidões de pessoas lá fora pra sustentar a ocupação lá dentro,

e ao mesmo tempo o apoio do conjunto da população, que apoiava digamos. Isso é aquilo que marcou, marcou bastante. Aí fora os pequenos detalhes né, alguns eu te contei, que foi digamos, principalmente com aqueles do início do debate que defendíamos que essa era a ação correta, digamos mesmo com opiniões diferentes, o que é normal no movimento, não é homogêneo, as pessoas têm opiniões diferentes. Mas a, digamos a relação de solidariedade de companheirismo que se estabeleceu entre nós, as pessoas, isso ficou para a vida inteira. Eu, o Bauer, o Edgar, o Gilberto, o Tonhão, mesmo com os embates que nós poderíamos ter entre nós. Isso pra citar alguns né, tem os mais jovens, que nem eu te falei do Silvio, esse diretor atual. Ele era um dos ocupantes, mas ele era bem jovenzinho. A Heloisa, é uma turma que estava iniciando na carreira e participou disso, então aí já juntava as gerações, juntava gerações diferentes. Isso gerou e se guarda para a vida inteira.

Viviane Freitas

As autoridades paulistas mobilizaram um forte aparato repressivo para desalojar os professores que ocuparam a Alesp. No seu papel de dirigente político e sindical como esse instante dramático e marcado pela violência policial foi conduzido e mais o que explica a pouquíssima repercussão social dessa truculenta ação do governo do estado?

Mauro Puerro

Então, como eu disse a imprensa, digamos, a grande imprensa, quer dizer, com muitas relações com o capital e depois de nove dias de ocupação e que o governo demonstrou com a sua dureza que ele não ia romper com a lógica das orientações do Banco Mundial, da negociata que tem ali dentro, então, quando o governo decidiu que ia desocupar, aproveitando o cansaço do movimento, o índice de greve diminuiu, essas coisas levam a um cansaço da própria parte do movimento, um setor menos organizado da categoria, fala pó fizemos de tudo e o governo não, começava a não ver mais sentido em continuar. Então, aproveitando isso e na calada da noite, eles fizeram o processo repressivo. A Tropa de Choque ela entrou pelo estacionamento,

então, eles não entraram pelas portas, entraram pelo estacionamento e quando a gente se deu conta eles já estavam dentro da Assembleia. Então, não havia uma correlação de força, nós éramos professores, desarmados. Você não tem condições de enfrentar uma multidão de 50 mil, 100 mil aí você tem como organizar uma resistência apoiado numa quantidade de pessoas. Então, ali nós não tivemos, seria loucura ter enfrentamento com a Tropa de Choque, então nós acabamos negociando a retirada pacífica, por que nós não tínhamos como nós enfrentar com aquilo. O que estranho exatamente é, obviamente, é que havia professores lá fora, mesmo durante a madrugada sempre tinha, digamos a vigília, a ocupação externa. Aí eles reprimiram brutalmente pra tirar todo mundo de lá. O que estranho é que digamos a imprensa ter dado muito pouco espaço para isso. Estranho pelo olhar de qualquer ser humano normal, agora pelo olhar digamos dos interesses do grande capital e da imprensa que tem relações intrínsecas com o capital, um jornalista normal poderia ter escrito inclusive e querer cobrir mais, mas quem controla a editoração de um jornal não tinha nenhum interesse em registrar, então aquilo teve pouquíssimo destaque, no que pesa a brutalidade da ação.

Viviane Freitas

Um pouco antes da desocupação no último dia teve alguma conversa dos professores querendo desocupar, pensando em desocupar ou não? Ou se não tivesse tido a ação da polícia vocês teriam mantido a ocupação mais algum tempo?

Mauro Puerro

Pode ter tido conversas extras oficiais. Na direção do movimento, nas plenárias que nós fizemos não tinha, não tinha. O que começava-se a discutir era que havia, que o movimento, a greve tinha perdido força. Ainda ela era uma greve, mas ela já era uma greve bem mais frágil do que no momento, no dia que ocupamos. Então, mas ainda não havia nenhuma posição, pelo menos discutida publicamente, que eu me recorde, pode ser que a minha memória me traía. Nas plenárias nenhuma posição de desocupar. Eu inclusive, fui pego de surpresa porque para ver como foi, depois do nono dia, uma das escolas particulares que eu dava aula que era o cursinho, a outra eu mandava por fax,

eles pediram que eu voltasse que se não eles teriam que me demitir. Então, eu sai aquela noite para dar aula, foi uma noite que eu saí pra dar aula. Tive que fazer uma negociação inclusive, não com a Tropa de Choque, mas com aquela outra polícia e com o Ivan Valente para eu sair e voltar. Eu fui para Osasco dar aula, voltei, quando eu voltei a Tropa de Choque já estava entrando, então nós não trabalhávamos com essa previsão e nem estávamos trabalhando, a não ser que tivesse algum setor, ou a diretoria tivesse discutindo entre eles, porque ali no que era a coordenação coletiva da ocupação não havia nenhum debate sobre. A gente avaliava durante o período, que o movimento já estava mais fraco, frágil. Tanto é que a discussão que foi feita , sobre terminar a greve elas se deram depois da ocupação, porque mesmo depois da ocupação, a greve seguiu, porque ainda havia greve na categoria. Já não era, uma greve de quase 100% como no início, com a força que ela tinha na ocupação, mas ela continuou. Então, a política nossa era manter a ocupação e forçar, porque a gente estava tentando alternativas de negociação. E só iriamos desocupar depois que conseguíssemos isso, essa era a posição oficial. Agora se houve alguma negociação por parte de algum setor sozinho, fora da coordenação da ocupação, é possível, mas eu não tenho condições de te afirmar que houve. Na coordenação da ocupação não houve. Agora com a Tropa de Choque lá dentro, eles entraram pela garagem e não pela porta. Eles fizeram um esquema com a presidência da Assembleia e entraram pela garagem, eles foram, na verdade foram entrando aos poucos e a gente não percebeu estava a Tropa de Choque subindo, porque aí você tem os acessos da garagem. Aí a gente estava dormindo e não tinha condições nem de resistir, fisicamente, militarmente. Era uma resistência militar e nós não tínhamos nenhuma condição. Então acabamos sendo desocupados e foi isso.

Viviane Freitas

Você gostaria de deixar mais alguma coisa registrada que você considera importante e que eu não perguntei e você queira acrescentar? Se quiser, fique à vontade.

Mauro Puerro

Não, não me recordo.

APÊNDICE C

ENTREVISTA

Maria Heloisa Aguiar Silva

Professora da rede pública paulista no período da ocupação da Alesp.

Transcrição entrevista Maria Heloisa Aguiar Silva

Data 07/05/2018

Viviane Freitas

Eu gostaria de iniciar essa entrevista agradecendo em meu nome em nome do professor Bauer pela gentileza de nos conceder essa entrevista.

Para fazermos uma introdução, nós conte, um pouco, sobre sua formação. Qual sua área de formação, quando se formou e como se deu o início de sua carreira docente?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu gostaria de agradecer o convite, eu fico feliz em poder falar desse tema, pois é um tema que me interessa bastante, pois fez parte da minha vida, da minha trajetória. Eu sou formada em história pela PUC. O curso da PUC era separado bacharelado e licenciatura, eu me formei em (19)95, eu demorei bastante, eu deveria ter me formado bem antes, mas eu vim de uma outra faculdade que é uma outra história mas nós fizemos um movimento e um grupo de alunos foram expulsos dessa faculdade, nós tentamos vagas em várias faculdades que tinham o curso de história na época mas eles não aceitavam. E a PUC nos acolheu, também com uns alunos da USP que também foram expulsos, esse foi um movimento bem interessante. Eu entrei na PUC em (19)90 que era quando já era pra eu estar quase concluindo o curso. Então eu sou licenciada e bacharel em história pela PUC e na sequência meu mestrado em, na época se chamava História da Educação e eu pesquisei as mudanças curriculares na década de (19)80 do curso de história também e na sequência eu emendei o doutorado. Então eu entrei no mestrado em (19)97 e entrei no doutorado em (19)99. O doutorado foi no mesmo programa também na PUC, mas aí mudou o nome Educação, História, Política e Sociedade e a minha linha de pesquisa foi a história da produção docente e eu fui discutir os discursos

sobre aqueles discursos românticos do que significava ser professor. Então eu trabalhei com discursos sobre o professor publicados em revistas, de paraninfos na década de 1923 à 1930 com revistas destinadas a professores, mas aí eu gosto de diferenciar isso porque foi uma coisa que eu vi que não dava para fundamentar muito. Eu não queria discutir o discurso do professor, mas sim o discurso sobre o professor e dizer quanto aquilo se falava sobre o professor e como influenciava a maneira como o professor se via. Conclui o doutorado em 2003 fez 15 anos agora em abril. Comecei a lecionar em (19)93, no ano da greve, na verdade assim, eu comecei a trabalhar com creche, na época que a creche nem era da Secretaria de Educação, era da Secretaria da Família e do Bem Estar, eu era pajem, não tinha uma exigência de formação, aí eu entrei na faculdade e comecei a trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos e participei do projeto Muda São Paulo com Paulo Freire, na época da gestão da Erundina. Eu trabalhei todo o período da gestão da Erundina com jovens e adultos, aí eu me efetivei como professora da rede municipal no primeiro ano trabalhando com crianças, mas nunca foi minha praia, eu não gosto de trabalhar com crianças, eu gosto de trabalhar com adolescentes e adultos. Eu me exonerei na prefeitura, não fiquei dois meses na prefeitura, pois não era a minha praia de jeito nenhum. Então eu fiquei um tempo bom trabalhando com EJA e logo depois eu comecei a dar aula no estado, em (19)93 e fiquei no estado até 2000. Em 2000 eu comecei a dar aula em uma faculdade na zona sul também e durante a greve de 2000 eu estava no doutorado e pedi exoneração do estado. Então eu trabalhei no estado com professora de história de (19)93 até 2000. Em 2000 eu comecei a trabalhar no ensino superior, me exonerei do estado e continuo no ensino superior até agora.

Viviane Freitas

No período do ensino secundário, havia algum interesse, envolvimento em movimentos sociais? Seja ele na escola, com participação em grêmios estudantis ou no bairro em entidades eclesiais de base? Em caso afirmativo, conte-nos um pouco sua experiência.

Maria Heloisa Aguiar Silva

No secundário eu fiz o magistério, aí eu estudava em uma escola pública estadual da zona leste de São Paulo. Eu fiz o ensino médio de (19)83 até (19)87 lá não tinha uma movimentação de grêmio, nem uma movimentação muito forte para grêmio. Então, na escola não. Então eu militei na Pastoral da Juventude que era bem forte na época, então foi um período engraçado, pois eu tive uma formação católica bem forte, embora eu seja ateia. Eu estudei em escola de freira até a 8ª série na época, aí quando eu tava no ensino médio eu comecei a ter uma atuação na igreja católica, mas não por questões religiosas, mas porque era um espaço político, eles acolhiam muito bem os jovens, então a minha atuação durante o ensino médio foi na PJ Pastoral da Juventude que que foi a base da minha formação política, depois que eu estive perto de uma série de coisas que você aprendi, de como organizar assembleia, os debates, eu acho que foi uma coisa fundamentasim. E a gente estava sempre junto com as outras pastorais, e eu era uma moleca de 15, 16 anos, mas a gente tinha lá os encontros com o pessoal da Pastoral Operária, da Pastoral do Menor e aí você vai tendo uma formação política. Então eu acho que a minha formação política inicial ela está sim na igreja católica, na Pastoral da Juventude que foi a minha experiência durante o ensino médio. Depois quando eu fui pra faculdade, aí sim eu fiz parte do movimento estudantil.

Viviane Freitas

Essa influencia teve a ver com esse movimento na sua outra universidade?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu não entendi.

Viviane Freitas

Sua formação se deu na época da Pastoral, e você me contou que na sua outra universidade teve esse movimento. Teve essa raiz?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu sai do ensino médio com essa experiência de militância na igreja católica, na Pastoral da Juventude, aí eu entrei em uma faculdade que hoje chama UNIFAE que é as Faculdades Associadas do Ipiranga que é uma faculdade

privada, mas que ela era ligada também a igreja católica. Eu não procurei isso mas, é engraçado, porque a igreja católica tá lá, eu fiz o ensino fundamental num colégio de freira, depois a primeira faculdade era associada a um seminário, essa faculdade Ipiranga, com curso de teologia e tal e depois eu fui pra PUC que é católica né, obviamente. E quando eu cheguei nessa faculdade era (19)88 e estava renascendo o movimento estudantil. Estávamos no período da chamada transição democrática, tinha acabado a ditadura, mas a ditadura não tinha findado totalmente, você tinha ainda alguns resquícios do aparelho repressor do Estado. Aí eu chego na faculdade na FAI, fui fazer história, por questões políticas a minha escolha de fazer história, naquele momento foi por uma questão política. Gostava de filosofia, pensava em Ciências Sociais, eu queria fazer curso na área das humanidades, eu estava entre elas porque todas elas me possibilitariam compreender essas discussões políticas nas quais eu estava envolvida na prática na militância. Mas eu te disse, eu também havia escolhido história porque eu achei que era, aquela coisa né, você é pobre, você precisa de trabalho para pagar sua própria faculdade. Eu pensei eu vou fazer história porque aí eu garanto aula, eu pego aula de história, acho que mais do que filosofia, mais do que ciências sociais Então eu poderia ter feito, qualquer uma delas por questões políticas, então eu pensei vou fazer história, por causa do emprego, dar aula, aí é claro que me apaixonei totalmente pela história e acho que foi a escolha mais correta que eu fiz. E quando eu cheguei nessa faculdade, eu encontrei vários colegas, conheci vários colegas que todos eles eram militantes, imagina curso de história em (19)88 só tinha militantes. Hoje o curso de história é muito dividido. Tem aqueles que é apaixonado por história antiga, tem aqueles que tem uma visão de guia dos curiosos que querem só saber datas e tem aqueles que (...). Em (19)88 que ia fazer história ia por uma questão de militância, a gente ia pra ter respaldo científico para tudo aquilo que a gente fazia e aí foi que eu encontrei o pessoal que era militante de movimento popular. E todos eles eram mais velhos e estavam em séries adiantados. O Severino que vai aparecer mais pra frente aqui quando a gente estiver falando mesmo da invasão, ele era um militante, eu conheci, nós estudamos juntos, eu conheci ele na faculdade. Então era um grupo que tinha militantes do sindicato dos bancários, então aquela minha experiência na Pastoral da Juventude me ajudou a me inserir no movimento estudantil.

E a gente fez um movimento estudantil forte, fez um acampamento, a gente trancou a faculdade. Os meninos fizeram greve de fome, fizeram mesmo greve de fome, a ponto de eles terem que ser levados ao pronto socorro. A gente foi expulso, porque que a gente considera que a gente foi expulso, então a gente fez um movimento estudantil muito forte naquela faculdade por um ano. E a gente considera que foi expulso porque paralelamente a gente tinha um processo contra o aumento das mensalidades. No ano de (19)88 aconteceram várias passeatas que paralisaram a cidade de São Paulo de movimento estudantil contra o aumento dos valores das mensalidades nas universidades particulares. E todas as faculdades, todos os movimentos fizeram, foram orientados pela UNE, então a gente abria processo e esperava o resultado e pagava em juízo. Isso era muito comum no final da década de (19)80. Então você não deixava de pagar a mensalidade mas, quando saia o resultado se nosso questionamento fosse aceito, pagava. Nós entramos com isso, só que era um advogado, não vou falar o nome dele, porque ele é conhecido virou deputado depois, era um advogado do PT que foi indicado pra gente. E ele meio que não comunicou pra gente o resultado da sentença que a gente tinha que, ou seja, a gente ganhou, mas a gente não ficou sabendo e passaram-se dois meses, se eu não me engano, a gente não pagou nada, porque a gente não sabia do resultado, o nosso advogado não nos orientou. Aí quando saiu o resultado a faculdade nos comunicou e disse vocês ganharam, só que agora passou todos os prazos e a gente não quer mais vocês aqui. Mas a gente paga a mensalidade! Não agora a gente não quer mais. Aí rolou uma coisa que a gente bateu nas portas das universidades particulares pedindo transferência e eles não aceitavam. Tinha um sindicalismo mantenedor de todas né, e como foi um movimento forte de várias faculdades, de vários alunos de diferentes faculdades. Na época a UNINOVE que na época não se chamava UNINOVE, nem a UNIBAN que na época não se chamava UNIBAM aceitaram a gente lá. Nem na Ibirapuera e tal, até que um dia um cara da Ibirapuera disse para de ficar batendo nas portas dessas universidades porque elas não vão aceitar vocês. E aí a gente foi para a PUC. Aí a PUC ficou como uma referência que estava aceitando esse povo que estava sendo “expulso”, entre aspas porque não houve um ato de expulsão. Mas eles falaram, não vamos aceitar a matrícula de vocês para o próximo semestre. Então na prática foi isso.

Viviane Freitas

E na universidade houve essa participação em movimentos sociais, isso contribuiu para a sua formação docente? Em quais aspectos?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Nesse período a gente teve uma atuação de movimento estudantil. Que a gente entendia que esse período final da década de (19)80, início da década de (19)90 era um pouco o renascimento do movimento estudantil que tinha dito toda a sua força lá no período da ditadura, mas que tinha dado uma enfraquecida no final da ditadura, então ali era uma retomada que foi justamente essa parte que eu peguei da retomada do movimento estudantil. E a PUC era muito forte nisso. Só que quando eu entrei na PUC, a gente veio meio que calejado, o fato de ser expulsos, vários problemas, uma certa crítica a UMES. E também, não sei se você conhece a PUC, um pouco da sua história, mas a PUC tinha um tráfico de drogas, no centro acadêmico, tanto que o presidente do centro acadêmico foi preso, na Bahia. Então era uma coisa assim, era um movimento estudantil da PUC, mas que tinha muitos, e muitos problemas, então a gente tinha aquela coisa, vamos disputar com eles. não vamos e tal e meio que a gente se afastou.

Então eu fui ter uma atuação nos movimentos populares, fui trabalhar com alfabetização de jovem e adultos, com movimentos por moradia. Foi meio que uma recusa. Não vamos entrar nessa briga da PUC, porque é uma briga complicada que tinha um tráfico envolvido naquela época. Foi bem sério! Nosso centro acadêmico era o CACIS , o centro acadêmico da área de ciências sociais e pegava ciências sociais, história e geografia. Mas era muito sério, então nós falamos, não vamos disputar ali e meio que a gente se afastou do movimento estudantil. Mas sim, marcou totalmente a minha experiência docente.

Viviane Freitas

Qual foi o momento em que você começou a lecionar? Qual, ou, quais disciplinas eram ministradas no início de sua carreira docente? Quais séries e

conteúdos lhe agradavam mais serem socializados? Em qual bairro, era um bairro periférico? Era só na rede pública ou na rede privada também?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu comecei mesmo de fato a trabalhar, porque eu fiz o magistério no ensino médio que me profissionalizava para atual como professora de educação infantil e fundamental I. Eu comecei a trabalhar na área, mas eu vi que não era a minha praia. Não gosto de trabalhar com criança, não gosto de educação infantil, não gosto de fundamental I. Embora eu tivesse essa formação inicial e hoje eu coordeno a pedagogia. Pro meus alunos eu falo, quanto menor, pior e elas ficam assombradas. Em certo momento eu até questionei, se era a docência minha área de atuação mesmo, porque as minhas experiências com crianças não foram boas, então eu questionava um pouco as minhas escolhas. Será que eu escolhi a profissão certa, né, porque eu não gosto de trabalhar com crianças. Então eu tive essa experiência e tal mas, eu nunca considero essa experiência como o início da minha carreira docente, foi tudo muito rápido. Então eu acho que o meu início verdadeiro mesmo foi com a EJA, Educação de Jovens e Adultos, que foi no movimento popular não era profissionalizado minha experiência e foi em Taipas, na verdade chama Parada de Taipas, porque tem a Parada de Taipas lá em baixo onde fica a COHAB, zona norte, oeste de São Paulo. E tem a Parada de Taipas que é lá de cima, que sobe um morro de mais de um quilômetro. Então a gente trabalhava com educação para jovens e adultos lá. E era o mesmo grupo que foi expulso da faculdade. A gente iniciou um trabalho lá. Como professora de história eu comecei em (19)93. Eu fazia faculdade ainda, eu terminei em (19)95 e tinha muitas aulas para estudante. Então eu peguei aulas livres. Hoje um estudante ele pega aulas como estagiários, eventual. Mas na minha época não, tinha aulas sobrando, eu tinha a carga máxima 32 aulas e ganhava por 40. Então eu iniciei em (19)93 eu dava aula de história na zona sul. Eu nasci na zona sul mas eu vim pra zona leste, no Capão Redondo, mas eu voltei pra lá. Então eu comecei a dar aula na zona sul. E os sete anos que eu dei aula de história, na rede pública estadual foi na zona sul de São Paulo. E eu sempre trabalhei em escola pública por opção, eu sempre achei que ser professor de história na rede particular seria ruim por conta do controle ideológico em cima do seu

trabalho. E foi uma opção, eu podia viver com o salario do estado então eu não quis complementar cargo. E eu podia ter ido trabalhar em outro lugar. E é engraçado isso, porque foi uma escolha muito consciente minha naquela época. Eu peguei aula no estado e optei por ficar só no estado, eu não fui procurar aula na prefeitura para complementar renda e não fui procurar aula na rede particular. Eu fiquei sempre com a carga de 40 horas no estado. Eu achava que isso me ajudava a ter foco. Era com aquele público com que eu queria trabalhar e também eu trabalhei em uma única rede e isso também ajudava até no ponto de vista da militância, assim eu atuava no sindicato da rede pública estadual. Vários colegas meus davam aula no estado, na prefeitura e na particular. Mas a minha escolha foi sempre o estado.

Então eu comecei nesse bairro que fica perto do terminal João Dias na zona sul. É engraçado porque o colégio que eu dava aula, primeiro que eu fiquei um ano se chamava Luiz Antonio Travassos Rosa que foi um estudante assassinado no período da ditadura e o nome do colégio era em homenagem a ele que era ali também no viaduto próximo ao terminal João Dias que também tinha o nome, eram três estudantes, o viaduto tinha o nome de um, o colégio tinha o nome do outro. Pensa eu comecei a dar aula lá em (19)93. Você batizar um colégio com o nome de um estudante morto, o viaduto também, eu achava isso interessante. O que era ruim ali? Eu fui dar aula nessa escola substituindo a diretora, ela era a dona das aulas de história. E ela assumiu a direção e ela era rica, ela morava na Vila Nova Conceição que hoje ainda é bairro de rico, imagina em (19)93, não é nem novo rico, é rico mesmo. Então, ela era a professora de história. E ela infernizava a minha vida né, porque ela era uma senhora rica e conservadora que largou as aulas para assumir a direção. E eu entrei lá eu era uma moleca dando as aulas de história dela né, então ela controlava bastante o que eu fazia. Eu sempre dei aula de história, apareciam oportunidade em geografia, mas eu não queria. Porque eu não fiz estudos sociais, eu fiz história, eu achava que não era capacitada para dar aula de geografia. Eu dava aula para 5ª e 8ª, mas depois eu sai de lá e fui para um colégio também na zona sul no parque Santo Antonio que se chamava Arnaldo Laurindo e dava aula lá de 5ª a 8ª e ensino médio. E lá foi interessante que teve uma turma que eu peguei na 5ª série e entreguei no 3º ano do ensino

médio, então eu pude acompanha-los. Aí lá a gente pegou todo aquele movimento e de restruturação da rede que dividiu a escola de fundamental I e escola de fundamental II e médio.

A escola que a gente trabalhava virou escola de fundamental I e a gente fez um movimento para impedir essa reorganização que a gente achava que tinha que fazer. Aí eu me mudei para uma outra escola Paes de Lima, também na zona sul e continuei trabalhando no fundamental II e médio. Eu sempre gostei de trabalhar no fundamental II com 5ª e 6ª série, hoje seria o 6º e 7º ano né, Porque eu gostava do conteúdo que na organização tradicional é o Brasil. Eu gostava de trabalhar com a molecadinha, como eu falei, eu não gostava de trabalhar com crianças, mas com essa molecadinha de 5ª e 6ª série eu gostava. E ensino médio eu sempre adorei. Então eu organizava a minha carga assim, eu chegava pegava as últimas aulas do período da tarde q pegava a molecadinha e depois pegava o período noturno. Entrava geralmente para trabalhar as 4 e saia às 11. Sempre na mesma escola. O conteúdo que eu mais gostava de lecionar era o Brasil e o que eu menos gosto até hoje é história antiga. Não sei como eu fui aprovada na PUC, em história antiga, com a ajuda dos amigos (risos). É o conteúdo que eu menos gosto.

Viviane Freitas

Como era sua relação com os alunos? Havia um envolvimento fora dos muros da escola, com atividades culturais ou políticas no seio da comunidade em que a escola estava inserida?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu sempre tive um ótimo relacionamento com os alunos, até hoje aqui na universidade. Eu acho que é importante, guardada as devidas proporções é claro. Mas ter uma relação que não seja uma relação estrita ali, professor, aluno, uma coisa formal. Então a gente sempre teve uma relação mais próxima mesmo de entender as dificuldades que eles tinham nessas escolas de periferia. Não é qualquer periferia, era o Parque Santo Antonio que você já deve ter ouvido falar. Que a gente até falava que aquela região lá era até o triângulo das bermudas, porque o risco das pessoas desaparecer lá, era muito

grande. Tínhamos muitos alunos lá assassinados de 5ª, 6ª série que a gente descobria nesses programas de televisão. Então tinha que ter uma aproximação. Fazer com que eles, e muito diziam isso, que na escola eles se sentiam gente, se sentiam alguém. Então era importante conhece-los pelo nome, saber da própria história. Então a gente tinha um envolvimento muito grande. Tinha duas amigas lá nessa escola então a gente começou a fazer um trabalho nessas escolas, a outra da diretora que eu tinha falado não tinha condições que era a escola que eu estava em (19)93, aquela era sem condições de qualquer coisa, porque a diretora não me dava paz. Mas nas outras duas escolas a gente tinha um envolvimento muito grande mesmo. Nessa escola do Parque Santo Antonio a gente organizou um campeonato de futebol, a gente ia, era só professoras mulheres e a gente ia de final de semana pra escola. Eu morava no bairro né, então a gente ia de final de semana para a escola fazer atividades, arrecadar dinheiro para outras atividades. A gente fez um festival cultural fantástico que foi até uma forma de envolver os professores, porque tinha professores que odiavam o aluno, não se envolviam com aluno, não se envolviam com nada. A gente fazia festival cultural e botava esses professores para ajudar, meio que para obriga-los a estarem presentes. Nesse processo de reestruturação que teve na rede, fechamos a escola várias vezes e os alunos iam com a gente até a diretoria de ensino, eles sempre estiveram presentes. E eles também fecharam a escola, fecharam de cadeado, botaram massinha nos cadeados, era uma situação assim, com total apoio dos alunos e eles participavam com a gente em todos os movimentos, essa escola o Arnaldo Laurindo, eu fui dar aula lá em (19)94 e teve greve né, e os alunos iam com a gente nas assembleias, eu lembro que uma vez a gente foi. Quando a gente é mais novo né, é tudo louco. A gente foi com um ônibus cheio de alunos para o palácio do governo no Morumbi né, com alunos menores de idade, e a gente nem sem preocupava com tudo isso. Encheu o ônibus de alunos e eles quiseram ir e foram. A gente tinha uma atuação bem intensa com os alunos mesmo e com a comunidade. Na época da reestruturação a gente consegui um monte de mães contra, e elas apoiaram a gente e iam nas nossas passeatas e iam até a diretoria de ensino. A gente entende que a gente foi vitorioso porque teve um processo de desenvolvimento e formação na luta com mães e professores. Mas a gente foi derrotado, porque o projeto passou e a escola foi

dividida, tanto que a gente teve que sair dessa escola e ir pra outra. O mesmo grupo de professores e alunos.

Viviane Freitas

E a relação com seus colegas de trabalho, havia envolvimentos políticos, se produziam em torno dos assuntos profissionais, ou havia o estabelecimento de confiança que permitia abordar outras questões relacionadas as questões que envolviam a pratica docente, nem sempre debatida entres os professores? E sua relação com os outros professores, por exemplo, que lecionavam a mesma disciplina, os conteúdos e a didática do ensino história eram compartilhados?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Na rede estadual eu fiquei em três escolas de diferentes tamanhos e realidades, embora todas periféricas. Na escola, a primeira que a diretora, que eu fui substituir a diretora, era interessante. Um pessoal bastante conservador, eles tinham medo dela. Só que eu fui dar aula nessa escola com o Severino que era militante também e que ele era meu namorado na época. Que foi esse que eu falei que teve um super envolvimento depois na greve de (19)93. Então, chegamos os dois lá. Ele pegou aula de geografia e eu peguei aula de história. Lá não tinha como compartilha assim porque era só um professor de história, era uma escola pequena. Só que a gente fez um trabalho interessante lá e a greve de (19)93 que teve uma característica muito própria, que mobilizou inicialmente, nós conseguimos parar a escola. A greve foi de quase três meses e nessa escola ficou cem por cento parada, por pelo menos dois meses, ficou parada. O que foi uma vitória absurda. Então isso é legal porque mostra que a gente conseguiu juntar pessoas. Na outra escola na Laurindo, era uma relação inicialmente um pouco complicada. Alguns professores autoritários. Muito conservadores, mas também localizei lá outra pessoa, professora de psicologia, minha amiga até hoje. A de história era uma menina que fez faculdade comigo também, então a gente dividia, consegui discutir o conteúdo, dividir bem. Então a gente conseguiu formar um grupo de umas quatro, cinco pessoas e ali foi uma experiência interessante porque a gente conseguiu se aproximar daqueles professores que eram mais resistentes, mais conservadores. Por exemplo, como professora de história eu fui atrás da

professora de língua portuguesa porque eu queria fazer uma parceria com ela em literatura e embora ela fosse extremamente conservadora do ponto de vista pedagógico, político sim, mas do ponto de vista pedagógico também. A gente conseguiu fazer uma parceria muito interessante que quebrou a resistência dela sabe, ela era uma pessoa inclusive carrancuda assim, e as pessoas não se aproximavam dela. E ai a gente se aproximou pra tentar fazer uma parceria com a história e com a literatura e foi meio que quebrando a resistência dela. A gente chegou a fazer concurso de redação e tal. Tinha um outro professor de matemática também que ele dava aula lá com a irmã dele que era de biológicas lá, bastante resistentes mas aos poucos a gente foi quebrando a resistência e foi conseguindo. Eu acho que foi uma vitória muito grande assim, de fazer com que alguns professores repensassem a prática deles e conquistassem algumas coisas. Por isso, tudo o que a gente fazia, festival de música, festival disso, festival daquilo, tudo o que a gente fazia a gente ia atrás do professor. A gente não tinha essa coisa. Tinha um professora lá, que ele tinha o sobrenome alemão e os alunos chamavam ele de nazista, por que ele era bem duro mesmo. Mas a gente fazia uma coisa, a gente ia atrás dele, pedia sugestão para ele, evolvia, colocava ele como um jurado, fazia ele participar. Então, foi quebrando um pouco essas resistências assim, sabe. Claro que tem um ou outro que você não vai atingir nunca e foi interessante também, porque também a gente pegou greve nessas escolas e a gente conseguiu ter uma adesão assim de cinquenta, sessenta por cento. Foi interessante, acho que isso ajudou bastante. Na outra escola que eu fui, ai a resistência inicialmente foi um pouco maior, porque o que aconteceu, a escola que a gente estava deixou de ter fundamental II e médio e a gente foi para outra escola. Na outra escola, foi meio como intrusos né. Os professores de fundamental I daquela escola foram para nossa e nós fomos para lá. Ai ficou uma relação de disputa entre nós, e não fazia sentido, estava todo mundo no mesmo barco. Sendo obrigado a mudar de escola. E aquela escola vinha de uma situação complicada que o diretora foi demitida, o que é bastante difícil de acontecer. Ela foi demitida, tinha processo lá de desvio de verba, de abuso de poder. E ela foi demitida mesmo, depois de um longo processo. Mas ficaram alguns professores que eram meio que do grupo dela, mafiosos lá. Mas a gente foi em grupo fechado e a gente levou o mesmo processo. Vamos nos aproximar

desses professores, não é porque elas são conservadoras, reacionárias que a gente vai criar um grupo. Algumas resistências a gente conseguiu ir quebrando, então você pergunta. E relação com outro professor da mesma área, na escola anterior era uma colega que estudou comigo, então era bem legal. Nessa outra escola, a terceira, a relação era um pouco mais complicada, um professor mais velho que achava que sabia tudo, sabe, tinha uma visão da história muito conservadora. Isso é uma coisa que eu sempre enfrentei. Não que não me incomodasse, mas eu sempre fui muito nariz em pé assim, eu tinha vinte e um, vinte e dois anos, moleca né, com cara de menos, mulher. Então eu chegava nesses lugares assim, nessa escola, por exemplo, ele era homem, era mais velho, ele tinha uma formação em estudos sociais a quinhentos anos atrás. Mas ele era homem, mais velho e achava que sabia tudo. Deveria me ensinar alguma coisa né, então, a relação foi bem conflitosa, ponto de a gente meio que romper por um período, não dava para conversar. Mas logo depois foi um amigo meu da PUC para lá o Chico, e aí a gente fez altos projetos e também agitou a cara dessa escola. E o que foi interessante, só para finalizar isso. Fazia muitos anos que não tinha concurso público, todo esse tempo que eu trabalhei no estado, eu trabalhei como contratada, mas como eram aulas livres eu não perdia as aulas. E em (19)98 eu acho que teve um concurso, e a escola foi em (19)99, eu não lembro ao certo, porque foi um volume grande de concursados aprovados. Eu passei em décimo oitavo lugar, no estado, eu podia escolher a escola que eu quisesse, porque eu estava muito bem colocada. E eu escolhi a escola que já dava aula, e ninguém acreditava. Quando eu fui fazer a escolha lá, no auditório e tal a pessoa da diretoria do estado disse, mas você vai escolher no Parque Santo Antonio? Você pode escolher em qualquer lugar! Eu falei vou. Por que eu morei, nasci, morava lá. E era a escola que eu já dava aula. Aí eu escolhi lá, ela não acreditou. Aí quando eu cheguei lá, esse professor estava lá todo exibidão, porque dava aula lá a muito tempo e tal, e aí eu escolhi na frente dele. Ele passou nesse concurso também, mas passou muito mal colocado na classificação e eu escolhi na frente dele, e ele não acreditou, foi a morte para ele, porque eu escolhi na frente dele e eu escolhi todo as aulas do noturno, porque era o que o povo queria mesmo. Eles querem ensino médio, e eu escolhi, só que logo depois eu me exonerei. Então, ele deve ter me odiado. Eu escolhi na frente dele e larguei.

Ele teve que assumir outras aulas e não pode assumir as minhas, depois que eu larguei, ele teve que esperar a atribuição do ano seguinte para poder pegar as aulas que eu larguei e ninguém acreditou também, porque eu me exonerei. O povo tem aquela visão, cargo público não pode exonerar e tal. Eu me exonerei num momento de raiva porque eu já estava no doutorado, não tinha saído ainda minha gratificação do mestrado. Aí eu pedi afastamento, para continuar o doutorado, não saia a resposta também do afastamento, aí eu falei quer saber eu não quero mais saber do estado, porque não recebia gratificação do mestrado, não sai o meu afastamento por questões burocráticas. Eu acho que tinha problema na secretaria da escola que eu trabalhava e eles eram meio enrolados com a papelada, eu me estressei lá e me exonerei, num momento de impulso. Falei vou me exonerar, não quero mais saber disso.

Viviane Freitas

Em algum momento teve um arrependimento?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Não.

Foi engraçado. Porque um mês depois, o processo continuou correndo, e um mês depois saiu o afastamento. Então, e eu estava no meio de uma greve, e eu estava um pouco ferrada, porque a escola não parava, estava só eu e o Chico parado, só dois professores parados naquela greve, uma greve pequena. E eu vinha de uma experiência que a gente conseguiu parar a escola, e naquela greve só tinha dois professores parados, os dois de história, eu e o Chico. Então, eu estava muito irritada com aquela situação. Aí eu fui lá e pedi a exoneração. Eu lembro até que a vice-diretora disse assim, você não vai esperar para dar tchau para a Andreia que a coordenadora e era muito minha amiga, a gente dividiu apartamento. Aí eu falei pra ela assim, não eu não quero me despedir de pelego. Aí a gente ficou sem se falar por cinco anos, porque contaram pra ela, obviamente né. E eu me exonerei, fiquei o ano de 2000 sem trabalhar, eu tinha bolsa da Capes no doutorado. Aí depois de 2000 eu comecei a trabalhar em faculdades. Mas eu não me arrependi não. Eu sinto falta dos alunos, porque eu gosto de dar aula de história pra ensino médio. Eu

adoro dar aula de história, mas a minha experiência ali eu sentia que tinha acabado sabe. O fato da greve só ter tido dois professores de história em greve, eu fiquei destruída. E disse não quero mais saber dessa brincadeira não. Larguei tudo.

Viviane Freitas

Qual era seu posicionamento naquele período sobre a política dos livros didáticos que eram inseridos no cotidiano escolar? Lembre-se que havia uma pressão e uma política de convencimento muito grande das editoras para que os docentes adotassem esses materiais impostos por essa indústria dita cultural?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Então eu lembro assim, que a gente, quando o comecei a dar aula, o livro didático, não tem como, ele é um material de apoio, deveria ser um material de apoio. Não um material que engessa toda a sua prática. E se você esta começando você precisa buscar apoio mesmo em alguma coisa. Eu lembro que era uma prática comum dos professores no período de férias circular pelas editoras, então a gente ia na Ática e na Scipione que eram ali na Liberdade, depois tinha uma outra perto, então a gente fazia um roteirinho das editoras e ia pegar livro. Porque a gente ganhava paradidáticos, a gente ganhava livros didáticos e escolhia e tal. Ganhava livros, porque eles tinham outros livros, então tinha uma prática mesmo de ir. Então lá se encontrava vários professores em férias que era uma prática comum. Os professores visitavam as editas para ganhar livros.

Agora as editoras também iam nas escolas e faziam distribuição de livros, para que fossem adotados. Só que nesse período inicial que eu trabalhei essa ideia de adotar, não havia ainda uma política do Estado comprar o livro. Que hoje as editoras elas sobrevivem da compra pelo Estado, pelo governo federal e tal. No início não havia ainda, a gente sofria uma pressão ali, mas a gente não adotava livro. Eu não adotava livro didático. Mas eu gostava de ganhar os livros, até pra eu pegar um texto de um, uma sugestão de outro, a gente meio que montava um material. Então, tinha essa política de ir, mas essa política da

compra ainda não havia a compra dos livros pelo Estado. Então a gente não adotava. Depois, eu ainda peguei uma fase que havia a compra né e era engraçado porque chegavam uns livros. E a gente tinha sala ambiente na escola, então tinha a sala de história. E aí foi uma briga da gente com a diretora, para ela deixar a gente levar os livros didáticos para a sala ambiente de história e ficava lá nos nossos armários para que a gente pudesse usar em sala de aula, mas muitos livros ficavam encaixotados, porque a diretora não deixava usar. A gente usava como? Eu e o Chico, a gente sempre usava assim, a gente escolhia textos pra que o aluno pudesse ler aquele texto. A gente não usava necessariamente a sequência do livro, nem os exercícios, mas tinha fontes históricas, tinha alguns bons textos, isso facilitava. Você não ia passar texto na lousa, não tinha condições de xerocar textos, então a gente sempre ficou na condição assim de usar o livro de história como um material de apoio, pensando no nosso aluno que não tirava xerox que não tinha livro. Mas adotar a gente nunca adotava. Quando teve essa política de compras, a gente tentou escolher um que mais se aproximava, mas sempre com essa ideia a gente escolhia o livro que tinha mais fontes históricas. Então, a gente não usava essa sequência. Eu saí em 2000 do Estado e essa política se tornou mais forte após esse período. O interessante que eu e o Chico, a gente estudou juntos, a gente é muito amigos até hoje. E eu estudei no mestrado a reforma curricular do ensino de história de (19)87 que só saiu em (19)92 da proposta curricular e que falava do trabalho por eixos temáticos. E a gente organizou o material na escola por eixos temáticos que não trabalhava de forma linear. Então a gente também organizou didático, montou uma apostila, trabalhando exatamente como propunha lá de organizar assim, terra e trabalho, movimentos sociais e trabalho. Então a gente organizou os conteúdos não tinham linearmente. E a gente usava o livro didático só para buscar os textos de apoio. Até por uma questão financeira, nossa e do próprio aluno. Mas adotar, nunca adotamos.

Viviane Freitas

Você conseguiu perceber ou mesmo descortinar as ideologias que se mostravam subjacentes nos livros didáticos? Em caso afirmativo, você

concordava com elas? E se, discordava, como você combatia essa ideologia no seu cotidiano como docente.

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu peguei bem uma fase de transição mesmo do ensino de história, pra você ter ideia na primeira escola que eu trabalhei, a gente tinha livro didático lá do Sergio Buarque de Yolanda, pensa isso, tinha livro didático, era um livro bem antigo mesmo. E ele vinha com uma outra visão, que naquele momento estava sendo questionada, discutida. A maneira como era organizado, o ensino e os livros didáticos transmitiam isso. Separava Brasil do resto do mundo, criava uma certa confusão na cabeça da criança mesmo, porque você estudava Brasil 5ª e 6ª série antiga e moderna e depois contemporânea na 8ª. E parecia assim que o Brasil estava aqui, e eu não localizava ele quando eu estava estudando moderna por exemplo, quando eu estava estudando contemporânea, então aí tem uma visão, tem uma visão ideológica, eurocêntrica, tem uma visão de mundo aí, tem uma visão de quem são os sujeitos, então a maneira como o livro didático é organizado. Porque isso também é importante de você ver. Muitas vezes as pessoas vão olhar a ideologia no livro didático e elas se apegam aos textos, ao conteúdo dos textos. Mas no nosso caso da história, a maneira como os conteúdos são selecionados e organizados, eles revelam muito dessa ideologia, então não é só no conteúdo do texto escrito, às vezes no conteúdo do texto escrito não tinha nenhum equivoco muito grande, mas é claro eu enxergava ali quem estava sendo priorizado. Como eu dizia a você, o que a gente tentava fazer, usava o livro didático apenas como material de apoio mesmo. Então, eu preparava as aulas não seguindo o livro didático nem o roteiro, nem a sequência, mas tinha os textos base lá como uma fonte histórica e a gente descontruía essa fonte, eu levava outras fontes. É engraçado que hoje eu penso como era a vida do professor antes da internet, antes do computador né, a gente foi ter o computador em (19)97, quando eu entrei no mestrado com uma internet bem limitada. Então eu preparava as aulas usando jornais revistas, eu ia para a biblioteca, eu comecei a dar aula de história eu era estudante ainda, então eu pegava as fontes com os meus professores e levava para os alunos para eles analisarem também. Eu me lembro uma vez que eu levei uma fonte para discutir o papel da mulher na

sociedade colonial e achei que eu estava arrasando porque eu estava levando uma fonte para trabalhar com meus aluninhos da 5ª série, e saia umas coisas bem legais, ai uma hora ama menina falou assim pra mim, alguma coisa, mais ou menos assim: nossa pro é verdade, olha a vida da mulher na colônia, imagina a vida das escravas. Aí depois eu me toquei, que na verdade a fonte que eu levei falava das mulheres brancas na colônia, eu naquele momento eu queria discutir a relação do machismo, mas eu não tinha me atentado que na verdade eu estava falando de uma mulher, e a aluna percebeu, e falou assim, essa situação das senhoras é ruim, imagina a situação da escrava, da mulher escravizada. E como ela conseguiu chegar a esse questionamento? Porque a gente trabalhava com fonte o tempo todo, com debate com questionamento, então sim, é claro que eu percebia a ideologia subjacente, tanto que no meu mestrado eu fui discutir o ensino de história. Mas como eu disse a você, no nosso caso, eu acho que isso está muito forte, mas não só nos conteúdos dos textos, mas na forma como os conteúdos são selecionados e reorganizados, essa sequência Brasil 5ª e 6ª série, antiga e moderna, era quase só antiga na 7ª e contemporânea na 8ª não chegava na Segunda Guerra, porque nunca dava tempo do professor avançar. Essa divisão já criava uma série de equívocos na cabeça dos alunos e uma forma de pensar e de compreender os processos históricos, então eu tentava quebrar com essa organização.

Viviane Freitas

Seu posicionamento sobre essa questão mudou do inicio de sua carreira para esse momento presente? Em caso afirmativo, o que fez você pensar de outra forma? Sobre as políticas dos livros, teve alguma mudança?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Não, acho que não mudou. É interessante isso, depois eu fui fazer o mestrado em História da Educação, o doutorado também, então no mestrado e no doutorado eu fui para a área de educação. Sempre pesquisas ligadas a história, eu podia ter feito um mestrado ligado a história, um doutorado ligado a história e eu fui fazer História da Educação, porque a minha experiência profissional sempre me levou a um questionamento das formas como as coisas aconteciam, das relações professor aluno, das relações de trabalho, das

condições de trabalho, das questões metodológicas mesmo do ensino de história, então eu acho que a minha experiência docente, ela me trouxe todos os questionamentos ali, que eu carrego até hoje. Que determina o que eu faço. Então é interessante, porque eu trabalho mais na pedagogia do que na história, eu coordeno a pedagogia. E eu não sou pedagoga, mas eu acho que as minhas discussões em educação são muito sólidas pela minha experiência como professora de história da rede pública. E toda essa prática que a gente ia tentando construír, e descontruir ali. A minha visão sobre os livros didáticos permanece a mesma. O que mudou foi a forma como o livro didático vem sendo tratado, então você tem ai o Plano Nacional dos Livros Didáticos que eles passam por uma avaliação um pouco mais intensa, você tema a ideia da comercialização, o livro é uma mercadoria, então se ele avança ou não, isso tá ligado a ideia dele como mercadoria. Mudam as propostas, o livro muda pra se adequar porque ele precisa continuar sendo vendido. Não é porque o dono da editora é avançado, ou coisa desse tipo, ele incorpora as mudanças que estão acontecendo na área para que ele possa continuar vendendo seus livros. A minha posição sobre o livro didático é aquela, ele não deveria ser adotado, mas que você poderia ter como material de apoio, principalmente pensar nas condições econômicas da escola, do professor e do aluno. Que eu adoraria se eu tivesse uma máquina de xerox, pra poder levar, ou como se dizia na minha época passar o ponto na lousa. Não posso ficar falando quatro hora para uma molecadinha de 5ª a 8ª, então precisa de um material de apoio. Mas um material de apoio que seja de fato isso, e não aquela rigidez, do controle. A minha posição sobre o s livros didáticos é que eles não deveriam existir como algo a ser adotado. É uma mercadoria, então ele se modifica para atender as regras da própria lógica do mercado para continuar sendo vendido. Mas sim ele avançou, ele contém menos erros, porque hoje existem mais formas de controle sobre esses livros. Mas eu vejo os professores bastante dependentes, até por conta, principalmente da área das humanidades, você tem cada vez menos tempo de aula. Quando eu dei aula no estado, por exemplo a noite, eu tinha uma aula por semana nos primeiros semestres de quarenta minutos, era quarenta e cinco no diurno e quarenta no noturno. Então eu não fazia chamada, não passava nada na lousa, porque quarenta minutos você mal dá boa noite né, você sai falando, é difícil sabe, você tem que ter um material para

trabalhar. As cosias não podem ser vistas isoladamente, eu não posso pensar no livro, isolado dessa minha condição de trabalho. Uma aula por semana, a noite com quarenta minutos, tem que ter alguma coisa para me ajudar, poder aproveitar melhor esse tempo.

Viviane Freitas

Você consegue se lembrar das questões relacionadas ao ensino e a aprendizagem de história que estava em pauta naquele período? Quais eram os debates que você pode acompanhar sobre essa temática, tais discussões mudaram a sua percepção sobre essa problemática naquele período inicial de sua vida docente?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu entrei no Estado em (19)93 o processo de reformulação do ensino de história começou na década de (19)80, houve uma reforma no estado de São Paulo, no Brasil inteiro, mas com força no estado de São Paulo e Minas, houve uma reforma curricular justamente na década de (19)80 e a proposta de história foi aprovada em (19)92, então veja, eu entrei na rede num momento, quando eu estava fazendo faculdade, eu estava fazendo a PUC, a gente tinha professores que inclusive participaram desse processo. A gente chama do período do Repensando, pois tinham vários livros Repensando a História, Repensando isso, Repensando aquilo. Então, a gente até brinca que esse período de mudanças curricular aí de reflexão da década de (19)80, muito forte, era um período conhecido como Repensando. Então eu já tinha essa reflexão do próprio curso que eu fazia na PUC que vinha trazendo isso. Eu trabalhava com a EJA, então eu também mesmo fora da minha experiência da EJA a gente vinha fazendo uma série de reflexões. A minha formação em história, eu ficava sempre num processo de reflexão sobre a educação. Então quando eu entrei em (19)93, eu entrei nesse processo de debate mesmo e de tentar fazer alguma coisa diferente. Eu tentei colocar em prática essa ideia de trabalhar com eixos temáticos, de colocar algumas das coisas que eu vinha discutindo em outros espaços, na universidade, em movimentos populares, na EJA, eu tentava colocar isso em prática em sala de aula. Então eu tenho assim hoje, olhando para esse momento, eu tenho a impressão que a minha

formação pedagógica ela se deu muito nessa prática mesmo de docência e nesses processos reflexivos com os colegas que também como eu, tinham uma vinculação muito forte com a nossa profissão. Então a gente tinha uma coisa assim, a gente é militante da educação e não é por uma questão de ser militante sindical apenas, a gente é militante da educação, de fazer alguma coisa diferente ali, então eu acho que isso meio que determinou a minha prática profissional e foi tão forte que eu fui estudar isso no mestrado. Então esse processo, eu entrei na rede em (19)93 e entrei no mestrado em (19)97 e o que eu fui discutir no mestrado, o ensino de história. Porque nesses anos anteriores, nesses quatro anos anteriores da minha experiência profissional surgiram vários questionamentos que eu queria agora entender de uma forma mais elaborada então eu tive muito vinculada a essa reflexão. Mas eu queria chamar a atenção para uma coisa que eu acho engraçado, em (19)93 eu dei aula de Educação Moral e Cívica que foi o último ano da disciplina, que era uma disciplina da ditadura né e eu dei aula de OSPB também que era Organização Social Politica Brasileira, então eu comecei dando aula de história e dava aula também dessas. A minha diretora que era super conservadora, professora de história, ela me deu um manual de como trabalhar Educação Moral e Cívica e aquele manual ela ganhou lá do Medici, não é possível. Super conservador e tal, aí eu falei tá ótimo, obrigada e tal e guardei. Aí a gente fazia debates e tal e tinha um livro do Frei Beto, um livro didático do Frei Beto de OSPB, ai eu fui numa editora e ganhei esse livro e eu usava ele , porque é um pouco aquela lógica assim. A disciplina OSPB e a disciplina de Educação Moral e Cívica, são disciplinas conservadoras do período da ditadura militar que tinha uma ideia de civismo e de obediência ao regime, mas o trabalho é seu e eu fui trabalhar e trabalhei outra coisa, com o livro do Frei Beto, era um caminho totalmente diferente daquilo que a ditadura propunha.

Viviane Freitas

Quais alternativas didáticas e pedagógicas lhe foram apresentadas e adotadas por você?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Uma coisa que eu queria observar é uma visão da didática separada. Aquela coisa do pedagoge, uma coisa separada e tal e a PUC era assim, tanto que na formação a gente fazia o bacharelado na história e a licenciatura a gente fazia na faculdade de educação, ajuntava aluno de física de geografia, e todo mundo odiava aquilo. Porque era uma coisa descolada do curso. Então você fazia o curso de história, amava história, mas você não tinha uma formação para ser professor. A licenciatura era separada, isso era uma tradição, e é uma tradição da PUC da USP. As universidades privadas não, porque o curso tem uma duração menor então tudo é licenciatura. O curso da UNINOVE é licenciatura, o curso da UNICID é licenciatura. Então está tudo ali misturado, e a formação pedagógica se da dentro do próprio curso. A minha formação era separada, bacharelado que era o coração e licenciatura que era a periferia, um acessório, só que como eu já vinha dentro de uma discussão em educação por causa da EJA me interessava a discussão pedagógica, mas ali o que mais me ajudou foi o debate mesmo . A possibilidade de debater as visões diferentes e ter a certeza de que eu era e queria ser professora. Então o fato de eu ser estudante e ao mesmo tempo professora me ajudou a fazer esses debates, esses diálogos, mas as coisas eram meio que separadas. E eu estou dizendo tudo isso para dizer assim, que a maneira de ensinar determinado conteúdo você não vai aprender num manual de didática, a maneira de ensinar um determinado conteúdo esta vinculado a sua área então não existe procedimentos que são comuns a todas as áreas. Que um pedagogo vem e me diz como ensinar. Como ensinar história quem tem que saber é quem é formado em história, porque os procedimentos são próprios da área. São procedimentos didáticos, metodológicos, são, mas eles não pertencem a pedagogia, eles pertencem a história. Por isso, essa formação pedagógica do professor ela tem que estar dentro do curso dele. Eu sou totalmente contra está separação, que a licenciatura fica a cargo da faculdade de educação, feitas por pedagogos que desconhecem a áreas específica de formação, então, embora eu tenha tido essa formação separada tradicional. A minha prática sempre foi entender, que a maneira de ensinar história está ligada a própria história e não a pedagogia.

Viviane Freitas

Naquele período como era seu posicionamentos em relação as questões de formação do individuo, levando-se em conta que entrava em pauta, com muita força, as propostas de reformas curriculares e concepções, como é o construtivismo, estavam em voga?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Uma questão é interessante, é o motivo. As coisas chegavam à escola como um certo modismo e aquela ideia do cumpra-se né. Um dos problemas da educação é a descontinuidade, cada governo que entrava queria deixar a sua marca. Então eles mudavam as terminologias, não é mais porque a gente está com o PSDB há quinhentos anos. Mas num processo descontinuidade de governo, cada governo que entra ele quer deixar a sua marca inclusive do ponto de vista pedagógico. Então, agora não é mais isso é aquilo. Então as propostas chegam à escola e o professor muitas vezes se posiciona daquela forma. Eu não sei, não vi e não gostei. Ele nega, nega. E de novo eu retomo aquela ideia assim, que você precisa preservar alguma coisa que não pode jogar fora a água a banheira e a criança, você preserva o bebê pelo menos, você tem que preservar alguma coisa. E com isso eu quero dizer que muitas vezes vem uma proposta inovadora, que é resultado de reflexões da área, mas a maneira como ela é, por exemplo, os parâmetros, eles traziam a ideia de eixos temáticos que essa era uma discussão que iniciou com os professores de história, com os acadêmicos, os professores universitários de história que trazia uma reformulação para o ensino de história, e tudo isso que depois foi condensado lá num forma de papel dos parâmetros curriculares de politicas públicas definitiva na escola e tipo, agora é assim que se trabalha. E aí os livros didáticos foram se adaptar a isso. Porque eles precisam ser vendidos, e foi jogado de forma tosca, sem compreender de fato o que estava sendo dito ali. Então, eu acho que a gente tem que pensar um pouco esse processo. Eu peguei todo o processo justamente da mudança, da reforma e pensando o que de diferente podia ser feito, levar para a sala de aula. E o que eu sinto é que as mudanças, elas chegavam de forma muito impositiva e como modismo, por exemplo, quando eu dava aula, pra pensar no construtivismo. Eu fiz magistério

e fui fazer estágio e eu estudava em uma escola modelo, pública na época na zona leste de São Paulo em são Matheus, que a gente tinha período de aula das sete da manhã até a uma da tarde. E o período da tarde, era quase uma escola de período integral, isso em (19)84, (19)85 e a gente fazia os estágios e outras atividades, então, eu passei esse período todo assim de formação mesmo. Só que eu não aprendi, pois estava chegando essa discussão do construtivismo aqui. Eu não aprendi isso muito firmemente ali, mas aí eu fui fazer estágio em uma creche e as professoras estavam desesperadas porque o diretor, numa creche era uma EMEI na época. O diretor tinha escondido o mimeógrafo, ele trancou o mimeógrafo na sala dele. Aí ele chegou para as professoras e falou assim, a partir de hoje vocês não podem mais entregar atividades mimeografadas para os alunos. Elas por quê? Por que a partir de agora nós vamos trabalhar com o construtivismo e no construtivismo a criança tem que construir tudo. Então você tem que dar uma folha em branco, você tem que tirar dela e não sei o que e tal, tal. Aí as professoras, obviamente, elas odiaram. Não sei o que é esse tal de construtivismo, mas já odeio, porque tirou o chão da professora, essa professora fez pedagogia ou magistério e passou quatro, seis anos da sua formação fazendo pastas com desenho e atividades didáticas. Então, elas imaginaram que iam chegar em sala de aula e aplicar todo aquele material e estava com a aula preparada para o resto da vida. Aí o diretor que também não estava entendendo nada ele esconde o mimeógrafo e diz pra elas a partir de hoje nós somos construtivistas. Nós não vamos mais usar mimeógrafos, percebe assim, então o problema é isso. Eu me posiciono favorável ao sócio construtivismo e tal né por uma questão pedagógica que eu acho que tem uma discussão muito importante por trás disso. Agora a maneira como isso chega à escola, dessa forma, então essas experiências chegam à escola dessa forma até hoje, tiram a sua base. E daqui quatro anos, isso já não serve mais. E dizem não vale mais nada isso que você sabe, a partir de agora é isso. É uma loucura.

Viviane Freitas

Na escola que você trabalhava havia representante dos docentes, funcionários e diretores nas associações em entidades sindicais representativas dos trabalhadores da educação (Apase, CPP, Afuse, Udemo, Apeoesp etc.)?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Nas duas primeiras escolas que eu trabalhei, tinha mais filiado do CPP, do Centro do Professorado Paulista, mas porque, por causa da colônia de férias. Aqueles professores que não tinha uma concepção da importância do sindicato e tal. E o CPP tinha uma ideia assim, de que tinha mais benefícios, então as pessoas se filiavam mais ao CPP. Eu desde que ingressei na rede eu me filiei a Apeoesp e a gente fazia campanha de filiação mesmo pra Apeoesp. E a discussão era, eu não vou me filiar a esse sindicato pelego, porque os Felicios, ou então aquela coisa, que beneficio eu vou ter, e ainda tenho que pagar. E você sabe que a Apeoesp como ela começou como associação e só depois pode se tornar sindicato, depois com a mudança na Constituição, e a Apeoesp nunca usou a ideia da contribuição sindical, aquele desconto obrigatório, então a renda da Apeoesp vinha sempre das filiações e ela tinha um número altíssimo de filiados, se eu não me engano chegou a ser o maior sindicato da CUT, eu não tenho essas informações precisa. Eu acho que em (19)93 era tinha assim também um número expressivo de filiados. E a nossa discussão era sempre que o sindicato é pelego, ok, mas a existência do sindicato é importante para os trabalhadores, e quem é pelego não é o sindicato, é a direção do sindicato. Então a gente pode ocupar a direção do sindicato, então a gente sempre fazia uma campanha de filiação com esse encaminhamento. A gente quer que você se filie, então se o cara vinha com esses papinhos furados, eu não vou me filiar porque o sindicato é pelego, não quero dar dinheiro para eles. Então, você precisa se filiar pra fazer justamente a oposição a essa diretoria e derrubar essa diretoria.

Viviane Freitas

Naquele período você identificava no dia a dia da escola um processo que mais tarde foi chamado de precarização do trabalho docente? Essa compreensão fez com que você se movimentasse, liderando ou sendo liderada, num processo de organização na escola?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Essas questões elas já se colocavam, se você pensar, era muito comum o professor trabalhar na rede pública estadual, na rede pública municipal e na rede particular. Tinham professores que davam mais de sessenta aulas, não sei como eles conseguiam fazer caber isso na jornada, saiam correndo, chegavam atrasados em outras escolas. Para que eles pudessem se sustentar. Um professor que dá em média sessenta aulas semanais que condição ele tem de preparar aula, de ler, de ir ao cinema, de ter uma experiência cultural, não sobra tempo para isso. Outra coisa que a gente observa também é aquilo que eu chamo de inflacionar o trabalho do professor, várias formas de controle, quantas targetas que se arrancavam lá, preencher diário. Tinha diretora, coordenadora que olhava seu diário quase que semanalmente, o prazo para entregar as targetas, as faltas, as notas. Inúmeras avaliações e tal. Só que o período que eu trabalhei, essas coisas eram um pouco mais soltas. E com as tecnologias isso foi piorando né, a tecnologia não livrou a gente do trabalho, pelo contrário, ela criou uma sobre carga de trabalho. Por exemplo, no ensino privado a gente faz a chamada presencial, no papel e depois a gente precisa lançar essa chamada no sistema, então isso acaba inflacionando. Então o tempo que eu teria pra ler e estudar, eu estou dando conta da burocracia. E por exemplo, em relação às professoras PEBI o trabalho delas chega a ser mais inflacionado ainda porque tem, a coordenadora quer olhar todo o andamento. Hoje eu conheço pouco como a rede se organiza hoje, mas o próprio trabalho do coordenador, do supervisor, diretor, então tem plano disso, plano daquilo. O plano precisa ser lançado, o supervisou vai lá pra validar o plano de melhorias disso e daquilo, depois o supervisor volta pra ver se o plano foi cumprido. Então, perde-se um tempo muito grande com essas coisas, que inflaciona o trabalho do professor e ele é desviado daquilo que é central no seu trabalho. A fase que eu atuei no estado havia né, claro isso, mas o controle ainda não estava posto. Eu vejo que nos últimos anos eles profissionalizaram, eles têm formas de controle hoje muito mais efetivas né, o que precarizou o trabalho do professor. O professor perde mais tempo com as tarefas burocráticas do que naquilo que é mesmo o eixo central do seu trabalho, mas sim a gente já vinha fazendo essas discussões lá, das nossas condições de trabalho, tanto que se percebe no movimento sindical que inicialmente as greves, as lutas eram sempre por salário e aos poucos a greve é por condições de trabalho. Então

não é só salário, é por condições de trabalho. E a gente participou ativamente dessas discussões porque eu peguei muito a transição.

Viviane Freitas

Você tem lembranças de pautas de reuniões nesse período, tais como violência na escola, os processo de ensino aprendizagem, as condições do trabalho docente e as políticas públicas para a educação?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Pautas próprias da escola não.

O que é interessante né, as reuniões feitas dentro da escola, que poderiam ser espaços de debates, elas acabavam ficando muito informativas, datas, tem que fazer isso, tem que fazer aquilo. Eu sempre achei que era um tempo perdido muito grande. Eu peguei a implantação do HTPC quer era Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo que muitos professores chamavam de horário de tempo perdido. Porque de fato, era um espaço que podia ser discutido tanta coisa. E você ficava ali, só informes, cumprimento de regras, a partir de agora é isso, a partir de agora é aquilo. Como e sempre trabalhei em escolas que a gente conseguiu montar um movimento de professores a gente tentava pautar um pouco essas reuniões discutindo outras questões também. Um das questões que aparecia era justamente mudanças curricular mesmo, as mudanças nos processos de avaliação. Então esse era um debate bem forte, porque mexe com as crenças dos professores. Tinha professores avançados, progressistas em vários aspectos mas quando ia debater avaliação, ai o negócio ficava complicado. Por exemplo, dentro da escola a gente tentava pautar esses HTPCs discutindo questões de interesses mesmo da própria categoria, como a avaliação, currículo e também questões de trabalho do professor. No sindicato, o que eu acho, que inicialmente as discussões eram muito separadas, eram muito mais em ponto de vista do salário, por salário e tal, e depois ela evolui um pouco para discussões ligada um pouco mais para as condições de trabalho. E as questões pedagógicas em si que poderiam ser discutidas também pelo sindicato, elas eram discutidas de forma isolada, ou seja, não se fazia uma vinculação de como a condição de trabalho implica na adesão ou

não a uma metodologia, a uma política, então a gente ficava muito fechado naquele mundinho discutindo salário e plano de carreira e esquecia, esquecia não. Mas secundarizava essas discussões. Via com um certo preconceito, algumas discussões pedagógicas porque elas não estavam relacionadas a outras questões políticas maiores. Eu achava que isso era muito separado, por isso que eu tentava aproveitar os HTPC e reuniões de planejamento no início do ano pra fazer. E foi assim que a gente conseguiu conquistar os professores. Discutindo a partir daquilo que parecia mais importante para ele que estava em sala de aula, ai você vai puxando outras questões maiores.

Viviane Freitas

Você é capaz de recompor essa organização no seio escola?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu sempre fui representante de escola RE, membro do conselho, então quando ia ter eleição para RE a gente ia colocava nomes, debatia e tal. Pra eleger para o conselho também, tirar quais eram as nossas prioridades. Um pouco a lógica era assim, vamos aproveitar todos os espaços que são institucionalizados. Então, se tem o conselho tem que escolher o membro do conselho, então, vamos fazer desse momento um momento de debates. Vamos levar essas questões para conselho. Sem ser muito corporativo, então muitas vezes no conselho tem lá professores extremamente reacionários, eu não estou do lado dele só porque ele é professor, eu estou do lado do aluno. Porque eu acho que a questão está mais colocada para o aluno, então a defesa que eu tinha que fazer é ali. Então a gente tentava aproveitar todos os espaços para trazer esses debates. Sempre com essa vinculação, questões pedagógicas, questões políticas.

Viviane Freitas

Qual foi o seu papel organizativo na escola em que você trabalhava?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu fui RE e sempre tinha um núcleo e fui membro de conselho sempre, então eu fazia questão de participar de todas as instâncias comunicativas ali. Mas

para, além disso, a gente também tentava se aproximar desses professores com projetos diferenciados pra quebrar um pouco aquela coisa de só vem aqui quando é pra eleger pro sindicato e tal. E a gente parava a escola em greve, tentava convencer e todo esse processo.

Viviane Freitas

A compreensão dessa situação contribuiu para que você participasse de situações e engajamentos mais amplos, até chegar ao sindicalismo?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Neste caso foi o inverso né, já entrei, quando eu entrei em (19)93 eu já tinha uma experiência de militância do movimento estudantil, do movimento da Pastoral da Juventude, no movimento popular. Então é uma postura de atuação política nos diferentes espaços. Então quando eu entrei no estado a primeira coisa já foi buscar os instrumentos e espaços de representação, sendo RE e sendo membro de conselho. Mas não é uma luta isolada, sempre com outros, então já buscava quem era seu parceiro ali e já ia pra cima pra que a gente pudesse participar do conselho de escola, para que a gente pudesse sair como RE. Então eu acho que nesse caso, é o processo contrário, eu já entrei com a experiência de militância, já entrei disputando espaços.

Viviane Freitas

Você participava de reuniões locais, fóruns em regionais, congressos estaduais, nas nacionais, nas sub-sedes sindicais? Quais debates se davam naquele momento, quais temas eram discutidos de forma mais acalorada, quais concepções e conteúdos, as pautas eram nacionais, internacionais... Você seria capaz de recompor esses momentos?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Acho que não plenamente assim. Eu fui sempre a base, eu não era a liderança. Aí uma atuação local de garantir a escola. Como representante de escola, eu participava das atividades da sub sede, da regional levando as pautas da escola. E fui aos congressos da Apeoesp como representante. Mas a minha atuação sempre foi uma atuação de base, de garantir a escola de participar

desses momentos e trazer para a escola. O que era uma discussão forte, que era a ideia de uma unidade dos trabalhadores em educação, de tentar criar, no entanto, que foi criada a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e eu acho que foi uma discussão muito forte que eu peguei no período era essa. Primeiro dessa concepção de que todos são trabalhadores em educação, porque está todo mundo separado né, funcionários, professores, diretores, supervisores, tudo separado, cada um na sua instituição e uma dificuldade de se reconhecer como trabalhadores da educação. Então, uma discussão forte era essa que essa unidade. Então tinham questões que eram mais da área como um todo que num estavam particularizadas só na docência, ou só na supervisão, ou só como funcionário. Claro que cada segmento tinha sua pauta específica, uma realidade e situações diferentes, mas também tinham coisas em comum. Então eu peguei esse processo da busca da unidade dos trabalhadores em educação. E uma das principais questões é a própria ideia de construir uma visão que você é um trabalhador em educação. Porque tem uma coisa de status também, vaidade, imagina o diretor, o supervisor é um trabalhador em educação tanto quanto um funcionário administrativo, mexia muito com essas vaidades. Eu me lembro que essa era uma pauta muito forte e extra, um pouco fora disso, era os próprios rachas, novas articulações de uma criação de uma frente de esquerda. Então os grupos que atuavam no sindicato paralelamente eles também se reuniam e discutiam coisas para além do sindicato. Mas eu participei disso de forma muito incipiente, pequena mesmo, como uma professora que está lá iniciando nessa carreira. Então a minha atuação sempre foi mais voltada para a escola, embora eu participasse desses espaços também.

Viviane Freitas

Você participava de algum grupo político? Qual era, e quais eram as concepções desse grupo? Havia um questionamento sobre o imperialismo, e também sobre o avanço neoliberal no Brasil, assim como em toda a América Latina?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Na verdade assim, a gente tinha um, a gente era identificado no sindicato como os independentes. Porque era assim, pessoas que não estavam ligadas a nenhuma tendência, tinha o pessoal da Causa Operária, pessoal do COC, pessoal da Articulação que depois teve lá o pessoal da Nova Esquerda, da Convergência. Então você tinha pessoas com vinculações políticas externas que atuavam dentro do sindicato como grupo, tinha um grupo lá que a gente era chamado de os independentes, não estávamos vinculados a nenhuma tendência, a nenhum grupo externo mas que nos aproximávamos dentro do sindicato. Depois esse grupo hoje eu não tenho proximidade com eles, mas hoje eles construíram um grupo chamado FOS, Frente de Oposição Sindical, dois representantes desse grupo é a Silvana Soares que foi compor a diretoria, quando teve o processo de paridade, ela é uma liderança, ela esta no FOS e o Severino Honorato, eles eram duas lideranças de base que hoje se articulam num grupo que se chama Frente de Oposição Sindical. Inicialmente eu participei de umas discussões com o Tonhão que era de Diadema, que estamos com o grupo do Tonhão e é engraçado, era umas discussões, mas não tinha uma, não fechava, até por questões de estratégia, mas a gente teve uma proximidade com eles inicialmente, então a atuação era muito mais assim, essa ideia de independente, a gente via a atuação de um grupo organizado dentro do sindicato mais a gente não tinha uma vinculação orgânica em nenhum grupo. Mas a gente se identificava como independente e se aproximava, faziam umas reuniões, umas discussões de todas essas questões que estavam em pauta, as analises de conjuntura, a gente lia os boletins das tendências para tentar entender como é que eles estavam refletindo sobre diferentes contextos. Mas a gente era independentes, meio que disputados pelas tendências, eram independentes, mas com uma certa marca, então por exemplo, eram trotskistas, independentes por que não estavam vinculadas a nenhuma tendência fora do sindicato, como essas que eu citei. E futuramente foi criada uma tendência, não sei se a gente pode chamar de tendência, foi criado um grupo organizado que resultou desse processo que é o FOS.

Viviane Freitas

Alguma vez você foi eleita membro do Conselho de Representantes (CR) da Apeoesp? Nos conte, então, um, pouco essa experiência.

Maria Heloisa Aguiar Silva

Não. Não fui, como eu falei, eu fui aquela militante de base, não tinha essa atuação maior, máximo era ser representante de escolas na sub sede.

Viviane Freitas

Você consegue nos recompor como se deu esse processo organizativo que culminou nas greves de 1991 e 1993?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Em (19)91 eu não estava na rede, eu entrei em (19)93, eu vou te fala muito do que a gente via, aquela coisa de tentar recompor uma memória, da experiência que eu tive a mais de vinte anos, então a greve, ela terminou as vésperas do feriado de dois de novembro, e tinha começado em setembro, eu não me lembro ao certo, ela começou bem no início do semestre. E o que foi muito louco assim, a gente vinha no processo no ano de (19)93 porque teve uma grande greve em (19)89, eu não estava na rede, eu estava entrando na faculdade, mas a gente da faculdade ficou apoiando a greve de (19)89, e depois essa grande greve em (19)93, que acho que superou em um dia a de (19)89, ou não superou em um dia, tem um mérito muito próximo a de (19)89 e a de (19)93. Aconteciam várias reuniões na sub sede, pressão do CR, eu namorava o Severino e depois eu fui morar junto com ele, então eu ia com ele, e já ficava para noite. Os CRs aconteciam sempre ali na quadra dos bancários, então a gente vinha de um processo de muitas discussões nos CRs pressionando para tirar greve, por questões de salário mesmo, eu não lembro quais eram as condições de salário, não posso nem lembrar comparativamente porque eu tinha acabado de entrar na rede. Mas eu me lembro que os professores faziam uma relação comparativa com os anos anteriores, então uma situação que estava piorando, então havia essa movimentação nas regiões pressionando. E a diretoria segurava tudo pelo interior, quando ela queria que alguma coisa fosse aprovada ela enchia os ônibus e trazia o pessoal do interior, quando ela não queria que não fosse aprovado, ela não mandava ônibus para o interior para o pessoal não vir. Na greve de (19)93, na minha percepção, de professora, ela teve um certo espontaneismo, me

pareceu uma coisa que eles não conseguiram barrar, não conseguiram segurar, não foi uma coisa que a diretoria foi lá e articulou, ou que a oposição foi lá e articulou muito bem articulado. Não, ela teve um certo espontaneísmo, a coisa estava tão grave. Sim, Havia as articulações regionais na sub sedes com mais frequência, os debates, as necessidades de greve e tal, e a pressão no CR eu não lembro ao certo, eu fui no CR no dia que deflagrou a greve, eu acho que eu estava na PUC ainda, eu estava em aula, eu estudava de manhã, mas eu me lembro que eles chamaram a assembleia, o Roberto deve ter falado isso, eles chamaram assembleia para o sindicato dos bancários, achando que não iam ninguém, e ai eu tinha vinte e três anos, pensa, eu morava com meus pais, uma meninoca, ai não tinha celular, não tinha nada, ai eu falei para o Severino ele estava no CR, a gente se encontra lá, eu vou sair da PUC, eu saio cedo e já vou pra lá. Quando desci no metrô na Sé, eu já não conseguia chegar, eu desci no metrô Sé meio dia, uma hora, eu não consegui chegar no sindicato dos bancários, tomou toda aquela região, foi uma coisa que ninguém tinha dimensão que aquilo ia acontecer. Eu não lembro o que aconteceu no resto do dia, se a greve foi deflagrada naquele dia, como foi a assembleia em si. Eu só lembro que eu não conseguia chegar porque as ruas ficaram tomadas, ou seja, por isso que eu acho que teve um caráter meio espontâneo. A direção não imaginou que as sub sedes tinham se organizado e vieram em peso, o professor da escola, a base veio ai o negócio explodiu. Ninguém estava preparado para aquele movimento, não foi uma coisa que a gente ia dizer vamos fazer uma greve, ela tem força para o mês vamos conseguir parar cem por cento, foi uma loucura. Mas havia tendo uma preparação, mais a discussão eram salariais, o tempo todo. A greve acontecia ou não da capacidade de um lado ou de outro organizar, é claro que a oposição tinha mais dificuldade de organizar porque a diretoria tinha um aparato à mão. A diretoria tinha certeza que não ia acontecer porque eles não construíram para que acontecesse. A oposição construiu para que acontecesse, mas ela também não conseguia saber, a nossa força era muito menor que a deles. Então, o que eu vejo de um lado a direção que não estava construindo aquela greve. Quando a direção quer, ela mandava ônibus, consegue a ponte, paga tudo, ai vem todo mundo, vem a base para votar. Quando ela não quer, ela não manda, não constrói e tal. A oposição ela faz de tudo para construir, mas ela não tem o aparelho, por

isso que eu acho que teve um caráter espontâneo também, tem um trabalho da oposição na construção, tem um trabalho de omissão da direção, e no meio disso tem uma base que emerge, que explode e que a gente não acreditou, e é isso, umas das cenas mais bonitas que eu já vi na minha vida, você desce do metrô e você não consegue andar mais, eu fiquei parada no metrô, na saída do metrô Sé, cheguei um pouquinho na esquina da rua do sindicato dos bancários, forçando a barra, desesperada porque eu tinha que me encontrar com meu namorado, mas eu não encontrei, encontrei no final.

Viviane Freitas

Como você via esse processo de maturação da greve?

Maria Heloisa Aguiar Silva

A gente vinha construindo pela base, mas sempre com aquele medo, se a diretoria não quer, não acontece. Foi a minha primeira experiência, mas pelo que eu vi das pessoas que tinham muita experiência, se a diretoria não quer, não acontece, mas a gente vai pra cima. E eu acho que tem uma força de uma categoria que estava sufocada mesmo. Então, explodiu.

Viviane Freitas

Professora Heloisa, quando você começou a trabalhar na escola pública era algo visível a diferença entre os professores “mais velhos” e a “nova geração” que chegava para desempenhar o trabalho docente? Em caso afirmativo, como essas diferenças se manifestavam, na postura profissional, nas roupas e indumentárias que as professoras usavam, na forma de falar ou de discutir as questões políticas gerais do cotidiano?

Maria Heloisa Aguiar Silva

A sim, eu entrei, eu tinha vinte e três anos, cara de moleca, mulher e tudo, aí você tinha lá uma parcela grande de professores que estavam lá a muito tempo, aqueles professores estáveis que nunca tinham passado por concurso, se apegavam ao cargo como se fosse, umas relações mesquinhas dentro da escola, era uma coisa muito, era deplorável. Umas relações muito machistas que sempre me irritou muito, Tinha professores que falavam de futebol o tempo

todo, e se as mulheres falavam de alguma outra coisa ou de uma roupa eles, elas só sabem falar de novela, e eles sabem falar do que? Qual a grandiosidade da temática deles em detrimento das de algumas professoras, eram a realidade delas, a casa, os filhos. Então era uma relação muito medíocre, sabe? Emburrecedora dentro da escola, eu percebia isso, eu era estudante, dava aula e tinha aulas livres, e sim, parecia haver uma certa disputa. A postura, as roupas, sentar em cima das carteiras, eu sempre dei aula em cima da mesa, alguns professores passavam, olhavam, questionavam, a minha relação próxima com os alunos, eu ia pro bar beber com os alunos, e aqueles comentários né. Eu sei que a pergunta tem um caráter político, mas só pra você perceber que assim, o nível da percepção, que tinha também uma ideia, me falta a palavra agora mas meio que desmerecer. E como a gente tinha uma atuação política, tentar assim, queimar pelo pessoal. Então, eu dividia um apartamento com uma amiga que eu conheci na escola, eu tinha que morar em algum lugar, eu fui morar sozinha, não tinha dinheiro para pagar apartamento sozinha, fui dividir o apartamento com ela. E tinha um professor de geografia lá que ele ficou falando para todos alunos que a gente tinha um caso, e não tínhamos, mas poderíamos ter, mas não tínhamos, mas ele falava. Ah, vocês gostam delas, mas olha o que elas. Ai eu lembro que um dia nos chamamos ele na sala dos professores, ai eu falei você quer sair comigo? E a Andréia falou, e comigo você quer sair? E ele respondeu. Nossa, porque vocês estão falando assim comigo? Aí a gente falou. Porque você está falando da nossa orientação sexual. Então eu acho que você quer sair com alguma de nós e acha que isso é importante. Ai ele, imagina, eu não falo não. Era um professor mais velho, mais podia ser um moleque também, mas essas relações eram muito fortes dentro da escola. O fato de você ter uma atuação política, eles tentavam buscar coisas para tentar destruir, não que isso destrua a reputação de alguém, mas na mentalidade conservadora dele isso era uma forma de destruir a reputação. Ou professores traziam livros e iam a você, conhece e tal. Você sabe né, você é mulher, você tem que ser muito melhor que o homem para ser minimamente boa, então você acaba desenvolvendo estratégias para sobreviver nesse mundo. E acaba muitas vezes sendo arrogante, então eu sempre fui muito boca dura mesmo, de não deixar passar essas discussões. Eu acho que uma coisa muito forte nas relações

estabelecidas ali era esse machismo mesmo. Então, não era só o fato da gente ser professora nova chegando na escola. O fato da gente chegar assim na escola, então tinha sim, muita diferença, e essa relação era muito mais pesada para quem era mulher. Pelo menos eu sentia assim, mas eu briguei muito.

Viviane Freitas

Havia um entendimento por parte dos professores mais antigos que estavam vivendo um processo de crescente perca da sua autonomia docente?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu acho que alguns professores eram tão anestesiados. O mau professor, no geral ele é muito hipócrita, ele finge concordar com tudo e ele vai para a sala de aula e faz do jeito dele. Então, era engraçado porque tinha um debate sobre mudanças que estavam acontecendo nos aspectos pedagógicos, mudou as formas de avaliação, mudou a relação com o currículo e tal. E o professor em vez de debater e até estar ao nosso lado para entender o que significava a perda da autonomia. Não, este parecia concordar com todas as propostas vidas do governo, mas na sala de aula ele era o primeiro a não cumprir, se isolava lá, parecia anestesiado, apático, distante. Ele concordava nas reuniões com as políticas vindas do governo e na sala de aula ele fazia o que queria. Como eu te falei, eu peguei uma transição, o controle ele não estava tão efetivo, os mecanismos de controle não eram ainda tão efetivos. E é engraçado, a maioria dos professores da escola não eram professores efetivos, e a gente não tinha medo, e hoje os professores falam, não sou efetivo, não posso entrar nessa briga. No período que eu lecionei quase ninguém era efetivo e a gente entrava em todas as brigas, então eu não sei esse professor antigo conservador e tal se ele tinha tanta percepção da autonomia que ele estava perdendo, porque geralmente quando esses debates eram travados, a tendência era eles se posicionarem ao lado das propostas vindas do governo. Ele não fazia. Não fazia, nem aquilo que era interessante de ser feito. E dizia para gente parar, para que debater? Vocês são muito novas e folgadas. E a nossa questão não eram nem vou fazer ou não vou fazer. Era discutir o que aquilo representava, entender o porquê daquilo.

Viviane Freitas

Esses professores se percebiam como trabalhadores, de que forma essa compreensão se manifestava ou não (por exemplo, esses professores, ditos mais experientes, recomendavam a filiação sindical e a participação da categoria nas manifestações e atos organizativos pelos sindicatos ou pela Apeoesp)?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu trabalhei em três escolas, as três na mesma região, na zona sul de São Paulo, periférica, ou seja, as escolas mais centrais eram as escolas que tinham os professores efetivos, que escolhidas às ditas melhores escolas. As escolas periféricas tinham muitos professores ainda estudantes que pegavam o que sobrava. A experiência que eu tive, eu não acho legal associar a ideia que tempo de serviço com conservadorismo, eu por exemplo, dou aula a quinhentos anos e nem por isso eu sou conservadora, então eu não gosto de fazer uma relação direta entre o tempo que você está, a idade, ao conservadorismo, mas as experiências que eu tive nessas três escolas, sim. Como eu falei, eles tinham um certo status, eles sentiam que tinham um certo status, porque, quem era essa molecada que estavam chegando? Eram tudo, estudantes, que tinham aulas livres e que tinham as mesmas atribuições, mas eram tudo estudantes na sua maioria, e eles tinham o status de serem estáveis. Que depois da Constituição de (19)88 criou-se a figura dos estáveis aqueles que não eram concursados, mas também não eram como a gente que podiam ser dispensado a qualquer momento. Então eles tinham um certo status ou se apegavam a isso, a um status imaginário que eles criaram, então ele criavam uma certa hierarquia simbólica, se sentiam um pouco superiores, mas no fundo nós, estávamos todos nas mesmas condições. O que eu acho que, não, eles não chamavam para sindicalização, para nada. Eram os novatos que faziam isso, muito pelo contrário, além de não chamar, boicotavam e tentavam destruir qualquer política de adesão ao sindicato. Mas são experiências que eu tive ali, e a gente aos poucos foi tentando buscar uma maior adesão. Eu acho que a greve é um processo formativo, educativo, muito grande. A escola mais conservadora que eu trabalhei foi a de (19)93 e a gente

conseguiu a adesão de cem por cento, por dois meses. A outra escola que era a segunda, a escola que eu amava, a gente conseguiu a adesão de noventa por cento em uma greve, a gente não conseguiu a adesão de cem por cento claro, que era outro contexto. Mas eu acho que a greve é um processo formativo, muito interessante, aqueles que a gente menos acreditava eles aprenderam e cresceram neste processo. Eu acho que esses professores naquela época, essa divisão entre os estáveis e os outros se colocavam em uma posição superior, se deram, se atribuíram um certo status, eles viviam disso.

Viviane Freitas

Como seus colegas reagiam ao saber que você havia ocupado a Alesp para defender os interesses da categoria?

Maria Heloisa Aguiar Silva

A greve acabou as vésperas do feriado, não me lembro, se era dois ou quinze de novembro. Quando a greve acabou, a minha escola já estava assim com pouquíssima adesão, tanto que ela se estendeu, a ocupação estendeu a greve, porque ela ia terminar antes da ocupação, mas deu aquela esticada. Logo depois encerrou o ano letivo, os professores lá, eles apoiaram bastante a gente, porque eu e o Severino dávamos aula na mesma escola e ocupamos a Assembleia, então a escola tinha dois professores dentro da ocupação. Então de certa maneira, eles nos apoiaram, mesmo aqueles que tinham voltado. Criou uma solidariedade que a gente não imaginava, a minha experiência é especificamente naquela escola. Criou uma solidariedade que eu nem imaginava. Era o primeiro ano que eu e o Severino estávamos dando aula naquela escola, a gente conseguiu uma adesão de cem por cento, durante dois meses praticamente, depois foi reduzindo aos poucos essa adesão, e aqueles que voltaram a trabalhar, de certa maneira era como se eles tivessem uma dívida com a gente. A gente permaneceu até o final e eles meio que apoiavam junto aos alunos ali. Os alunos foram lá na Alesp visitar a gente, foi professor visitar a gente lá. Quando a gente voltou, eles ajudaram bastante. Toda a dificuldade criada pela direção, eles tentaram nos ajudar bastante para que a gente conseguisse repor as aulas. Então, a experiência que eu tive me

surpreendeu mesmo, eu acho que, teve uma certa dívida assim, eles voltaram e foram solidários a gente que permaneceu até o final. Mas eu achei que, eles foram visitar lá na Alesp e levaram alunos, eu achei isso muito significativo.

Viviane Freitas

Você vivenciou algum tipo de sanção moral pelo fato de ter tido a disposição de ocupar a Alesp?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Provavelmente!

Viviane Freitas

Diretamente?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Assim, tem aquela coisa de família, mas também meus pais sempre souberam lidar com isso. Eu sempre fui muito clara nos meus posicionamentos e meus pais sempre me defenderam muito nesse sentido. Tudo começou muito cedo. Com quinze anos, então, tem aquela coisa da família falar olha a sua filha, olha isso é perigoso, olha aquilo, aquilo outro. Mas falavam pra ele e não pra mim. E os professores da escola eu tive a experiência da solidariedade e se alguém falou, não foi diretamente para mim, pode ter sido para algum outro professor. Pelo menos eu registrei muito mais, os aspectos positivos de solidariedade e até de orgulho dos alunos, tendo orgulho de terem dois professores lá dentro assim. Eu registrei muito mais essa experiência positiva. E é uma história que eu sempre gostei de dizer, de contar. Aqui mesmo para os meus alunos, onde eu posso, eu conto.

Viviane Freitas

Alguns de seus colegas a considerava uma baderneira pelo fato de estar entre os professores que haviam organizado e participado da ocupação da Alesp?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Todos nós éramos considerados baderneiros. Foram muitos momentos na greve também, eu não lembro em qual greve que foi se naquela mesmo teve isso, mas uma tentativa inicial de invasão da Secretaria da Educação, não lembro se foi antes, ou se foi numa outra greve. Eu lembro do Tonhão, chutando a porta da Secretaria da Educação para tentar. É foi numa outra greve, tanto é que depois eles cercaram de grade a Secretaria da Educação lá na República porque tinha sempre essa possibilidade de invasão. Teve acampamento, então, eu sempre estive do lado daqueles que tinham uma ação mais efetiva ali. Por que têm aquelas tendências que ficam só na reflexão teórica, no debate e tudo e só vão para o vamos ver. Não vão à linha de frente, vão depois que a base invadiu e as coisas explodiram, aí eles vêm para teorizar, sobre o que de fato aconteceu ali. Então, eu sempre estive próxima de pessoas que de fato são consideradas baderneiras. Mas não só os meus colegas professores, não sindicalizados, mas a própria direção do sindicato tinha essa visão da gente. Então eram coisas com as quais a gente convivia direto. Mas como eu falei pra você eu registrei só essa solidariedade. Essa ideia do baderneiro era estava em todas as greves que eu participei. Porque aborda várias situações, tentativa de invasão da Secretaria, tentativa de invasão novamente da Alesp quando o Covas fez, a história que ele levou um tapa na nuca e os meninos ficaram presos. Então, era do lado dessas pessoas que eu estava o tempo todo. Então, para a direção do sindicato, nós éramos os baderneiros, para alguns colegas também. Alguns achavam assim, isso é coisa dessa molecada louca, também tinha essa vinculação com os mais jovens.

Viviane Freitas

Como se deu a ocupação da Alesp pelos professores? Você consegue recompor esse momento da história da educação?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu queria tentar, por que tem alguns casos que se misturam na minha cabeça. Depois você pode dar uma confirmada. Mas assim, o que eu me lembro. No dia da ocupação a gente estava lá na frente, eu não sei se era ata ou assembleia e dentro da Assembleia, estava tendo uma votação, não lembro do que, pois eu estava ligada na greve. Mas o Erasmo Dias que comandou a invasão da PUC

ele ia falar. Ele era deputado, então ele ia falar, e eu sempre estive muito próxima do pessoal da PUC, porque a gente tinha um grupinho fechado ali do pessoal da PUC que fazia história, sociais, filosofia e tal. E a gente tinha combinado que naquele dia, iríamos entrar na sessão plenária para fazer um protesto contra o Erasmo Dias, isso é uma marca na PUC, até hoje. Todo mundo que é da PUC que é de esquerda tem a invasão da PUC como uma coisa forte ali na nossa história. A PUC foi invadida em (19)77, professores presos, alunos presos também. Tinha muitos espiões, pessoas que entravam como se fossem alunos e eram espiões e quem determinou a invasão foi o Erasmo Dias. E que comandou foi o, esqueci o nome dele, que depois virou deputado. O Tuma que era o chefe da polícia. Ele era persona não granta, então não podia entrar na PUC. Polícia não podia entrar na PUC, depois da invasão. Tanto que a maconha corria solta pelos corredores da PUC no período que eu estudei na década de (19)90, porque tinha essa coisa. É um trauma, e é um marco na história. A invasão da PUC. Aí onde estava o Erasmo Dias, não tinha ainda essa política do escracho que hoje é uma coisa mais comum. Mas a gente tinha combinado de entrar e, na invasão eu já estava lá dentro. Por que a gente estava na plenária. E aí é aquela coisa, todo mundo começou a falar, todo mundo ficou de costas, vaiando e tentando impedir a fala dele, tinha vários estudantes da PUC que estavam lá.

E eu lembro que o Severino entrou correndo, e ele entrou passando mal por causa de bomba de gás, meio que histérico, gritando. Ele participou da invasão, só que ele correu e subiu para a plenária. Ele contou para a gente que estava acontecendo à invasão. A gente sai da plenária. E quando a gente sai a gente vê que tem, tem uma foto que você deve ter visto, muito linda assim, que todos os andares estavam meio que ocupados. Então eu não vi, a invasão, depois você vê em jornal. Em vídeo tudo um momento que os vidros quebram, a porta abre e as pessoas entram. E entrou meio que, não tem como você voltar para trás, você tem que ir para frente e invade né. Então eu vi, eu tive uma visão privilegiada. Eu não invadi, eu já estava lá dentro por conta dessa questão. E depois as coisas foram meio que se organizando, as pessoas foram saindo, muitas pessoas foram saindo e alguns ficaram, eu não tenho muita ideia de quantidade, de quantos que nós éramos, me pareceu que nós éramos

muitos. Não sei se você vai perguntar alguma coisa depois, mas eu já vou contemplar aqui daquele fato, daquela experiência minha naquele momento.

Eu fiquei nós fomos ficando até anoitecer, mas algumas pessoas precisaram sair ninguém estava preparado para ficar lá dentro. Nem sabia que ia invadir. Não foi um ato organizado, assim vamos nos preparar para invadir. Mas era uma possibilidade, tanto que muitas pessoas já estavam lá dentro e muitas pessoas tiveram que sair, tinha filhos ela teve que sair pra ver e depois voltar. Eu tive que sair para falar com os meus pais que eu ia ficar fora de casa um período e tal, então eu me lembro disso assim, daquele dia, daquela loucura de ver do lado de dentro já. Mas eu não vi a invasão em si. Aí a gente esperou anoitecer e aí algumas pessoas foram saindo aos poucos durante toda noite e madrugada. Aí eu fui em casa, mas foi o tempo de pegar roupas, eu fui pra casa, peguei, conversei com meus pais com a minha irmã, arrumei as coisas e voltei outro dia cinco, seis horas da manhã. Aí já estava tudo cercado. Tudo isso para que ninguém mais entrasse só que as pessoas continuaram entrando, e a gente entrava pela janela do banheiro. Então, sempre tinha alguém no banheiro masculino, era um banheiro que ficava num canto e alguns criavam determinadas situações de chamar a atenção. Então, não era um cerco muito organizado, no segundo dia. Então, precisávamos saber se aquele povo tinha força para permanecer lá dentro, tanto tempo. Eu lembro que simularam uma gritaria lá no canto e algumas pessoas correram e pularam a janela e entraram. É uma coisa bem assim, uma janela meio alta, eu pequenininha, alguém veio de trás te apoia com o pé e te joga para dentro e quem está lá dentro te puxa, você sai com a barriga ralada assim no vidro, então várias pessoas entraram de volta, entraram pela janela, eu sei que os três dias seguintes pelo menos. E aí já estava claro que a gente ia permanecer lá dentro. Então eu não invadi, eu já estava lá dentro, sai e aí eu invadi sozinha no segundo dia (risos) pela janela.

Viviane Freitas

Você recorda quantos dias permaneceu naquele recinto? E quais foram as condições encontradas durante a ocupação?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu não lembro quantos dias nós ficamos lá, eu não lembro mesmo. Para mim parecia uma eternidade. A gente dormia pelos corredores, mas depois começou a entrar colchonetes, as pessoas iam levar roupas, shampoo, escova de dentes. A gente ficava pelos corredores mesmo e gabinetes que estavam aberto, a gente ficava neles. Era uma Assembleia, não tinha muito onde ficar e o que fazer. O Erasmo Dias ele entrou porque ele era coronel, imagina ele deve ter entrado armado. Eu lembro assim de estar no corredor, ninguém hostilizou ele, até com medo dele dar um tiro. Mas ele entrou pelo corredor, e foi, foi até o gabinete dele. Assim, eu sou macho quero ver quem vai me impedir. Dentro de uma Assembleia que estava invadida, invadida não. Ocupada por professores. Então, juro eu não lembro se foram quinze dias, dez. Pra mim foi uma eternidade. É uma sensação de que o tempo se arrastou lá dentro. Não dá para comparar, obviamente, mas é uma ideia de cárcere de você estar preso. Você está preso, porque eu entrei no outro dia, mas eu não podia mais sair, porque se eu saísse, eu não entraria mais. Então tinha uma sensação de cárcere sabe, de você estar presa, então você perde um pouco a noção de tempo. E muitas coisas aconteceram, nesse curto espaço de tempo. Hoje eu acho curto espaço de tempo.

Viviane Freitas

Você se sentiu aterrorizada de alguma forma durante a ocupação?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Sim. Sabe o que acontecia, a gente se juntava em grupos, então tinham comissões que tinham que ficar acordado a noite, as pessoas ficavam andando, porque a gente tinha medo da Assembleia ser invadida pela tropa de choque, da gente ser retirados, então tinha um clima assim de a qualquer momento eles vão invadir, vão nós tirar daqui, tinha um certo terror entre nós mesmos, assim a gente esperava todo dia o momento que ela seria desocupada. A gente não conhecia todo mundo, então a gente tinha muito medo de ter infiltrados, esse era um medo que perseguia os movimentos no final da década de (19)80 e início da década de (19)90. Como eu disse inicialmente que ainda os aparelhos de repressão não estavam todos desmontados. A gente tinha muito medo do infiltrado. Então, a gente tinha

dificuldade de ter amizade com quem a gente não conhecia e ficava. Tinha um climão de solidariedade, mas meio que a gente se fechava nos grupos e tentava ver se alguém conhecia alguém. Então era sempre assim, eu ficava lá com o meu grupinho da PUC e que também estava pessoas da minha região que era a zona sul e quando alguém se aproximava, a gente tentava saber de onde era, porque a gente ficava meio que numa paranoia, aquela pessoa eu nunca tinha visto aqui, acho que ela chegou agora, será que. Então sabe assim? Tinha umas paranoias assim. Tanto que quando eu entrei, no outro dia, porque eu era namorada do Severino, porque eu era conhecida e foi um cara lá no banheiro me resgatar, porque eu combinei com ele que eu voltaria no outro dia bem cedo e ia tentar entrar por lá, por alguma janela. Então, eles ficaram na espreita esperando que eu fosse entrar, porque também as pessoas não iam colocar para dentro qualquer um. Então eu tinha muito medo disso. A gente é, você está num ambiente que você não conhece, as escadas, então a gente mal ia no banheiro. Mas também tinham atividades culturais, então o pessoal fazia grupos de teatro, fazia atividades. Para você não pirar! Você está sem televisão, sem rádio, você fica numa piração ali, então a rede de solidariedade que se criou de fora, ajudou muito a centrar a cabeça da gente que estava lá dentro. Porque você fica pilhado que alguma coisa possa acontecer. O fato do Erasmo Dias ter entrado lá também e ninguém hostilizou ele, mas aquilo deu uma amedrontada, pelo menos para mim, para quem estava no corredor quando ele passou. Eu tinha medo também de figuras assim entrar e ter uma ação violenta.

Viviane Freitas

Como transcorriam os dias durante a ocupação, existiam atividades rotineiras, foram organizados eventos, atos durante o desenvolvimento dessa ocupação política que foi a ocupação da Alesp?

Maria Heloisa Aguiar Silva

A gente fazia, tinha lá os grupos que puxavam o teatro, que puxavam música. Reuniões o tempo todo, as tendências lá representadas fazia reuniões o tempo todo. Avaliavam o que estava acontecendo, mas tinha essa coisa da limpeza de cuidar da limpeza, de alguns grupos. Porque a gente ia recebendo das

pessoas, tinha gente que mandava o baralho, mandavam coisas. O pessoal jogava, a gente tentava fazer tipo, cada um na sua área, às vezes puxar um debate, a gente tentava ocupar o tempo mesmo, então criava-se atividades. Mas a gente ficava muito olhando o que estava acontecendo do lado de fora. Eu não sei quantas pessoas estavam lá. A gente ficava muito observando que o que estava do lado de fora, porque a impressão que eu tinha que o número de pessoas do lado de fora era maior do que o do lado de dentro. Então assim como nós permanecemos ocupando, algumas pessoas permaneceram cotidianamente ali do lado de fora. Então isso era uma coisa importante pra gente. Sabe olhar a madrugada inteira as pessoas estavam lá do lado de fora. Vindo gente. O dia que eu olhei e tinham alunos meus do lado de fora e professores do meu colégio, aquilo era fantástico! Eu nossa, continuo aqui um mês. O pessoal da PUC mesmo, os meninos vinham, só pra você ter uma ideia, veio um grupo de alunos representando a PUC. O pessoal das humanas principalmente, eles trouxeram algumas coisas para a gente e perguntaram o que a gente estava precisando. Eles negociaram com os professores para não colocar falta pra gente pra dar os trabalhos pra gente depois, tanto que a gente não foi reprovado no semestre. Porque não foram só esses nove dias, foi todo o processo da greve , eles negociaram com os professores lá. Essa relação foi muito importante pra gente sabe. E acontecia isso da gente criar grupos de diferentes regiões pra conhecer criar dinâmicas para que as pessoas pudessem se conhecer, mas o que mais aconteciam eram atividades como o teatro, música, jogos e reuniões. E teve muitas paquera e namoro, dever ter saído muitos casamentos lá de dentro (risos) esse seria um outro processo da pesquisa, mas com certeza..(risos) Porque as pessoas acabam meio, é aquela coisa meio BBB. Pouco tempo, mas intenso. E são amigos que você leva. Aquelas pessoas que estavam lá, criou-se um vinculo.

Viviane Freitas

Você participou de alguma reunião ou encontro realizado clandestinamente, para discutir ou preparar a ocupação da Alesp? Em caso afirmativo, o que te marcou mais na organização e no desenvolvimento dessa ação até então inusitada dos professores paulistas?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu tinha que ter perguntado isso para o Severino. Eu não me lembro da gente ter preparado a ocupação. Eu lembro que a gente fazia reuniões dos grupos, então, por exemplo, eu não era do grupo do Tonhão, mas frequentemente a gente se reunia e ele tinha muito a ideia de ocupar a Secretaria da Educação, mas não uma ocupação prolongada. Tipo vamos entrar, vamos ficar. Eu não lembro exatamente, além dessa ação de ocupar a Secretaria ter uma ação de ocupação organizada. Essa ideia de ocupar um espaço era uma discussão que não aparecia, mas era também uma discussão de acampar. O que aconteceu, qual era o nível, a gente estava chegando no fim da greve, e a greve estava se esvaziando, e a gente precisava criar uma situação de pressão para dar fôlego para a greve, que a greve estava sendo derrotada, do ponto de vista da sua pauta. E uma greve derrotada, é um processo de formação né, mas pelo total de reivindicação era uma greve derrotada. Então precisava dar uma ressignificada para ela. Então, essa discussão eu não me lembro. E assim ela não era clandestina, era dos grupos. Então a gente discutia com o nosso grupo de independentes, a gente discutia com o Tonhão, às vezes a gente conversava com outros grupos, mas sinceramente eu não lembro que tenha uma ação planejada. Tanto que a maneira como ela aconteceu não foi planejada, foi, e a quantidade. Não se organiza uma ocupação com setecentas pessoas. Nada foi tão organizado naquela greve. Teve um caráter muito espontâneo e forte. Esse é um dado que eu acho que precisa ser considerado.

Viviane Freitas

Você presenciou ou participou de algum acontecimento desagradável ou preocupante durante os dias que esteve ocupando a Assembleia Legislativa?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Não sei se eu deveria dizer, mas o que eu acho muito desagradável foi a entrada do Erasmo Dias. Revela o nível dele achando que bem coisa de militar, de coronel. Achar que poderia entrar ali, aquela casa não era mais dele, naquele momento, nunca deveria ter sido, mas pelo mesmo naqueles nove dias, aquela casa não era mais dele. Outra coisa desagradável eram as

disputas políticas, as discussões às vezes elas ficavam muito acaloradas, porque a gente tinha muito medo de invadir. Mas uma questão que também aparecia lá, tinham policiais lá dentro. E o pessoal dizia muito que algumas professoras estavam se relacionando com os policiais lá dentro, e isso virou um debate e tal, que você está se relacionando com a pessoa que está ali para te reprimir, eles não iam pensar duas vezes na hora de agir, é uma coisa assim, falavam, eu não vi. Mas aquilo ficou muito forte lá. Então deve ter acontecido, e era muito desagradável, desnecessário. Outra coisa também é que a gente tinha dificuldade de se comunicar com quem estava lá fora. A Bebel que depois virou a presidente do sindicato, na greve de (19)93 era ficava fazendo a ponte entre o lado externo e o interno. Então cartas que vinham de fora ela que trazia. Às vezes ela ficava correndo ia até a porta grita, voltava gritava, então ela cuidava desses processos de chegar as coisas. E a diretoria ela não queria aquilo. Primeiro que ela não queria, porque ela ia gastar dinheiro também, porque ela teria que bancar uma infra e bancou. Então a diretoria desde o início ela queria o fim daquela ocupação. Então ali naquele processo de contato ela criou dificuldades sim para a gente que estava lá dentro, para alguns grupos representantes, meio que também para fazer com que aquilo acabasse logo. Ela bancou, ela bancou, porque foi obrigada, ela não ia se posicionar contra, ia abandonar a gente. Mas às vezes, a gente tinha medo de ficar abandonado lá dentro pela própria diretoria. Não aconteceu isso. Mas esse era um medo que a gente tinha e a gente percebia algumas dificuldades que eles criavam para algumas pessoas, algumas situações desagradáveis.

Viviane Freitas

Professora, você tem lembranças de como se deu o desalojamento dos professores, de que maneira eles foram retirados da Alesp? Houve algum acordo da direção com as forças repressivas ou o desalojamento dos professores se deu de forma violenta?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Foi de uma forma violenta não tem jeito. Mas foi feito um acordo sim. Algum dia antes já vinha uma discussão de que olha não tem jeito eles vão invadir, eles vão invadir a qualquer momento eles vão invadir. Então precisa estar preparados, e às vezes tinha assim, ah eles vão invadir e a gente vai resistir, essa era discussão que tomou conta assim dos três dias que antecederam a desocupação. Esse era o debate, eles vão invadir, eles não vão deixar a gente aqui por muito tempo. E o que a gente vai fazer? Ah vamos resistir, então tinha um pessoal que a vamos pegar os extintores de incêndio, vamos montar brigadas, vamos ficar sentados juntos no chão, se quiserem tirar a gente, vai ter que tirar carregando no colo. Então, as pessoas ficavam discutindo isso. O que vamos fazer? Por que, que eles vão invadir é certo. E aí como que nós vamos nos posicionar? Só que não havia, as pessoas tinham medo, tinha todo tipo de gente ali dentro, a gente nunca tinha feito aquilo. Eu nunca tinha feito aquilo. Então tinha uma decisão coletiva, mas tinha um medo individual também lá no intimo, porque a gente não sabia mesmo o que poderia acontecer. A gente tinha medo, sempre teve de uma traição da diretoria. A gente não confiava na diretoria. Mas eles foram negociando isso. Que a gente vai ter que desocupar e vamos negociar essa desocupação. Olha que a ocupação o que ela podia conseguir ela já conseguiu que é visibilidade que é solidariedade e tal já conseguiu. Ficar aqui dentro agora é só um desgaste. Então tinha uma conversa de precisa desocupar, precisa negociar essa desocupação. Tanto é verdade que no momento da desocupação a gente foi reunido no auditório lá na plenária, todo mundo. A própria diretoria, o povo já foi conduzindo a gente pra ser, pra ir para um lugar, então não ficou o povo disperso e cada um saiu correndo. As pessoas foram sendo conduzidas para a plenária.

Viviane Freitas

Quem estava conduzindo para a plenária?

Maria Heloisa Aguiar Silva

A própria diretoria, vamos fazer uma reunião, vamos para a plenária. Então não foi uma coisa que também foi pego de surpresa. Estar todo mundo dormindo. Meio que estava, mas aí eles viram a tropa de choque e disseram agora vai desocupar, então vamos para a plenária para pensar como vai se dar isso. Mas nesse processo que a gente está, eu não tenho certeza absoluta dos mínimos detalhes mas eu visualizo tudo isso que eu estou falando para você. Pode ter alguma inconsistência aí. Por que a gente via a movimentação policial. Mas aí quando você vê toda uma tropa pesada você sabe que o pior vai acontecer. Então as pessoas vão para a plenária para pensar e agora? Sentar no chão, mas logo vem a polícia também, não vem a tropa logo de imediato, aí eu não lembro se alguém da polícia falou, mas estava dado que tinha que sair. E aí nesse processo de sair a gente foi conduzidos por uma fila. Então ficava, não ficou a tropa dentro, ficou um policial filmando ou mais e conduzindo as pessoas para irem pegando suas coisas e saindo, filmando todo o processo e você vai saindo em fila indiana mesmo. Quando você chega assim na saída tem um corredor super apertado com a tropa de choque de um lado e do outro, e você é meio que exprimido pelos escudos e aí eu lembro que a gente estava saindo assim com seus amigos, as pessoas, e quando você vai passar nesse corredor, é horrível! Uma imagem horrorosa! A tropa bate os pés no chão, bate no escudo, aquele som, é um som que é uma pressão psicológica mesmo para assustar. Eu lembro que a gente estava nesse corredor eu tomei um susto, tinha um amigo nosso mais velho e ele nesse corredor, ele meio que chutou a canela, é aquelas coisas assim sabe quando você está de madrugada, sei lá que horas. Ele chutou a canela lá do policial aí eu só sei que eles pressionaram com o escudo. Então a gente saiu meio que empurrado mesmo. No caminho, no caminho nem tanto, os policiais estavam filmando e ninguém estava resistindo. E não tinha como resistir porque ia ser uma carnificina. Era muito grande o corredor, então o momento mais tenso era esse corredor, e esse corredor e eles estavam meio que te empurrando mesmo. E assim que a gente saiu lá fora algumas pessoas correram para a avenida e tentaram parar a avenida, mas parou, eu não lembro que avenida que era aquela. Aí tentou parar um pouco ali, só que de madrugada, os carros vinham a milhão ali. Mas param um pouco uma pista ali. Era aquela ideia ali, de chamar a atenção da imprensa, que aquela ação tivesse alguma repercussão ainda. Então foi

violenta sim. Mas ela teve essa, que eu me lembro foi isso, saiu todo mundo chorando e com medo mesmo, os caras de filmando, a tropa, essa é a imagem que eu tenho. A gente ficou um tempo lá fora e depois a gente foi. Eu não lembro se eu voltei pra casa, mas eu acho que no outro dia a gente foi pra algum outro lugar, todo mundo foi, tinha deputados, outras pessoas apoiadoras, mas eu não lembro que lugar era esse. Não sei se a gente foi para o sindicato, não sei.

Viviane Freitas

Houve algum confronto lá fora?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Confronto não. Por que aí a gente foi para outro lugar. Teve umas pessoas que tentaram parar uma pista de madrugada, mas foi uma coisa espontânea, histérica de algumas pessoas.

Eu lembro que esse dia foi um dia que a gente não dormiu, seguiu pela madrugada, pra tomar as decisões que precisamos tomar.

Viviane Freitas

A ocupação da Alesp, em sua opinião qual importância para a greve de 1993?

Maria Heloisa Aguiar Silva

A greve vinha num processo de encerramento, ela começou, foi uma greve de quase cem por cento, uma coisa inusitada. Ela permaneceu com esse índice por muito tempo, depois caiu um pouco esse índice, mas ainda era um índice muito alto, o índice de adesão da greve era altíssimo. Mas ela vinha dando sinais de fim. E a ocupação, ela conseguiu chamar novamente atenção da população para a greve, ela reforçou a disponibilidade de luta da categoria, ela forçou a diretoria a se posicionar ainda a favor da greve da sua continuidade, quem era a diretoria para chamar o fim da greve. Então assim, eu acho que a ocupação, usando um termo, era meio que trucou o governo e a diretoria. Agora vocês que vão ter que fazer alguma coisa aí, por que do nosso lado aqui. Então foi isso, uma disposição de luta, que a gente não imaginava, forçou

a diretoria a permanecer do lado da luta e da greve. O governo teve que negociar. Ele já estava numa fase de não querer negociar, e ele teve que negociar, ela deu uma sobrevida para a greve. Mas do que tudo isso, foi um aprendizado, uma formação, ninguém sai do mesmo jeito daquela experiência. Uma greve tão longa, com tanto enfrentamento, com tanta luta. Uma greve, um marco importantíssimo na história da educação brasileira, do funcionalismo público e acaba dando sinais para outras categorias da importância de lutar e de fazer uma luta mais combativa, com ações. Acho que isso é legal também, um formato muito engessado de greve e a ocupação ela mostrou. Tanto que depois dessa greve numa outra ocupação como esta, mais acampamentos e outras situações como essa. Ela apontou alguns caminhos, eu vejo dessa maneira.

Viviane Freitas

E o que explica, então, o seu esquecimento por parte dos ativistas e da construção da memória social do próprio sindicato?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu acho assim, é aquela ideia que a memória também tem uma relação de poder. O que é dado a esquecer e o que é lembrado. A diretoria ela só assumiu porque ela foi trucada. Ela não tinha saída, ela tinha que bancar. A diretoria não ia chamar aquela greve. Não organizou a assembleia que chamou a greve. Ela não contava que a categoria ia ter tanta disposição de luta e para permanecer tanto tempo em greve. Quase três meses em greve e de forma tão combativa e no final da greve, uma ocupação, com uma grandiosidade dessa. Ela foi obrigada a se manter do lado dessas pessoas. O que eu quero dizer assim, não houve uma organização dessa memória, porque barraram, deveria constar nos laudos do próprio sindicato, contar e contar e tal. Se depender da memória individual de cada um ela vai se perdendo, porque não tem uma memória organizada, existe uma memória subterrânea, ela tá aí, ela pode emergir, com o seu trabalho você vai contribui com isso. Mas você percebe a própria organização dos dados e das informações. O sindicato tinha que ter copilado esses dados naquele momento, quantas pessoas invadiram? Tinha que ter em boletim. Não sei você pode procurar lá na Apeoesp se tem algum

boletim informativo, mas deveria, deveria ter um boletim informativo daquele momento. Deveria ter uma copilação das notícias publicadas sobre a greve e sobre a ocupação. Talvez você encontre informações na grande imprensa, mas não encontra na imprensa sindical, nos boletins. Então isso mostra, uma preocupação em não registrar. Por que eles não bancaram aquilo. O que eles bancaram foi o que eles foram obrigados. E nós do outro lado individualmente, nós fomos lá em grupos que tem sua organização, mas não pra construir sua própria memória, você tem uma disposição para a luta. Quando eu saio de lá, eu lembro, eu estudava na PUC de manhã, eu comecei a repor aula. Eu te falo do feriado porque eu dei aula no feriado, repondo aula eu dava aula das três as sete nesse colégio, eu estudava na PUC de manhã, saia da PUC correndo, comia no ônibus, no período de reposição, chegava lá pra repôs aula da uma as três, aí dava aula normal das três as sete e ainda repunha aula das sete as oito e pouco. Aí eu te falo da solidariedade, funcionários que não tinham que ficar na escola, mas eles ficam pra garantir que a gente conseguisse repor as aulas. Então, eu tinha condições de repôs assim, nos intervalos, da uma as três depois das sete e de final de semana, e nos feriados. Professores que já tinham reposto foram lá ajudar a gente com atividades culturais. Então, nós também não registramos, porque nós saímos de lá pra repor as aulas, imagina o desconto de quase três meses? Então tinha vaquinha do sindicato. Então ninguém registrou, ficou muito na memória individual de cada um. Mas eu ainda acho que o sindicato tinha uma responsabilidade de naquele momento registrar pelos menos os dados. Não registrou porque aquilo não era um fato importante para eles, considerados por eles. Eles podiam até capitalizar para eles, mas nem isso eles fizeram. Eu acho uma pena. Mas eu penso que o seu trabalho tem uma contribuição fundamental.

Viviane Freitas

Usar uma tática, até aquele, mormente, presente nos movimentos fabris, dos sem terras, estudantis, mas, pouco usual nas lutas perpetradas pelos trabalhadores da educação?

Maria Heloisa Aguiar Silva

É interessante, porque também coincide com a ascensão das lutas do funcionalismo público. A gente estava num momento que as lutas estavam num processo decaindo e o funcionalismo público com uma luta em ascensão. E no caso da nossa categoria

Tinha uma questão numérica que eu acho que é importante é uma categoria gigantesca que naquele momento ela tinha um índice de filiação muito alto, então do ponto de vista quantitativo a gente estava ali, despontando, como uma categoria gigante, como uma categoria sindicalizada com um número expressivo e que estava despontando. As condições de trabalho estavam se apertando mais ainda pro nosso lado. Eu acho que o contexto histórico favoreceu isso, a gente há pouco tempo tinha se tornado um sindicato, então, todo esse contexto ele contribuiu para o acirramento da lita também. Pessoas que vão atuar em escolas são oriundas de outros movimentos, então isso também, você tem lá na categoria pessoas que eram operários, militantes de movimentos populares, movimentos estudantil, assim como é o meu caso, nós somos professores naquele momento, sindicalizados. Mas nós trazemos a experiência de outras atuações politicas, então eu acho que isso contribuiu. Mas como eu disse desde o início, tem uma espontaneidade aí desde o início, e tem uma outra coisa também, ser uma categoria grande a tendência é começar a manter uma atuação mais forte no sindicatos, os vários grupos e tendências. Não tem só um professor que é filiado a uma tendência, ele começa a ter professor de várias tendências. E esses grupos começam a ver esse à força desse movimento de professores e da sua atuação política.

Viviane Freitas

Em sua análise, qual foi o significado desse movimento para que esses trabalhadores se vissem como parte do mundo do trabalho?

Maria Heloisa Aguiar Silva

É um pouco a ideia que você é colocado diante da sua condição. O professorado tem uma coisa mesmo de ver a partir de um status imaginário. Sou professor, com aquela visão romanceada da profissão, de uma forma que o professor às vezes descola da realidade. Mas o contexto o coloca diante

dessa situação que ele é trabalhador. E como trabalhador ele tem que lutar pelas suas condições, de trabalho mesmo, então eu acho que o movimento ele contribui também para gerar um pouco essa consciência de que ele é trabalhador, de que ele não está isolado. Eu acho que ela (ocupação) contribuiu inclusive para ajudar a construir a unidade dos trabalhadores. A ideia dos trabalhadores em educação, por que, como eu te falei tinha uma solidariedade também, a gente dependia dos funcionários para manter a escola aberta, então é um pouco aquela ideia. O professor é um pouco vanguarda dentro desse movimento, dessa ideia de trabalhadores em educação. Que já é importante. E a greve e esse movimento de ocupação em si, ele contribuiu sim para fortalecer a unidade da ideia de trabalhadores em educação. Para o cara se reconhecer como trabalhador, ele se reconhece como um trabalhador da educação e que tem outros. Eu lembro que na nossa greve a AFUSE estava lá presente, então acho que esse movimento em algum momento ali, ele contribuiu para gerar a unidade dos trabalhadores em educação e isso fortaleceu essa ideia, abriu as portas para que isso pudesse acontecer, mesmo com todos os tropeços e dificuldades.

Viviane Freitas

Professora, você gostaria de acrescentar alguma informação, episódio que eu não perguntei, mas que você considera importante?

Maria Heloisa Aguiar Silva

Eu acho que o que tem que ser levado em consideração é a ideia da solidariedade de quem estava do lado de fora. A água, as pessoas, tinha um corredor de água, as pessoas iam pegando água e levando para a gente. A gente olhava para quem estava do lado de fora e isso fortalecia. As pessoas iam lá, família, professores, colegas de outras instituições, representantes de sindicatos, alunos, as pessoas iam lá prestar solidariedade, então um movimento que consegue gerar isso na sociedade por si só, ele é vitorioso, isso é fundamental. Outra coisa que eu acho importante, é marcar sim que a diretoria foi acuada nesse processo, que ela só agiu por que ela foi acuada, ou seja, a base, não a base isoladamente, claro que tinham lideranças, mas a diretoria foi obrigada a conduzir um processo que ela discordava. E como eu já

falei tenho o maior orgulho de ter participado, isso marcou e marca até hoje a minha atuação como professora e por onde eu passo, conto para todos os meus alunos e alguns ficam um pouco assustados e dizem, nossa você é tão quietinha e fez isso? Tem uma coisa de representatividade também nisso, você se reconhece, eles vem um professor aqui dentro da universidade que atuou e teve esse tipo de participação. Isso é uma coisa que precisa ser contado.

Viviane Freitas

Eu gostaria de agradecer a entrevista em meu nome e do professor Carlos Bauer!

APÊNDICE D

Termos de anuências das entrevistas

Roberto Felício

Mauro Puerro

Maria Heloisa Aguiar Silva

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Roberto Felício,

Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa "CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a precarização do trabalho docente e a ocupação da ALESP em 1993". Este estudo tem como objetivo reconstruir uma parte da história da educação brasileira e analisar questões que permeiam as transformações ocorridas nesse período estudado.
Os resultados desta investigação poderão contribuir para o aprofundamento de estudos e iniciativas destinadas a valorização e desenvolvimento profissional docente no Brasil.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevista com professores e pessoas que estavam envolvidas nesse episódio, sendo dirigentes sindicais ou outros tipos de envolvimento que possam contribuir de forma qualitativa na reconstrução desse momento da educação brasileira e da história dos professores da rede pública paulista. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Os riscos de exposição dos participantes nessa pesquisa serão minimizados através da total garantia de sigilo, assegurando sua privacidade. As gravações em áudio serão usadas unicamente para organização, tratamento e análise das informações pelo pesquisador e utilizadas somente para esta pesquisa em questão. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos participantes que tiverem interesse de recebê-las.

Está pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos participantes deste estudo por meio do telefone: 55 11-98554-9507 ou e-mail vivi_freitas13@yahoo.com.br

Carlos Bauer e Viviane Freitas, responsáveis por esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo "CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a precarização do trabalho docente e a ocupação da ALESP em 1993.". Os resultados desta investigação poderão contribuir para o estudo mencionado.
Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizadas, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.

Roberto Felício — Assinatura

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Mauro Puerro,

Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa "CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a precarização do trabalho docente e a ocupação da ALESP em 1993". Este estudo tem como objetivo reconstruir uma parte da história da educação brasileira e analisar questões que permeiam as transformações ocorridas nesse período estudado.
Os resultados desta investigação poderão contribuir para o aprofundamento de estudos e iniciativas destinadas a valorização e desenvolvimento profissional docente no Brasil.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevista com professores e pessoas que estavam envolvidas nesse episódio, sendo dirigentes sindicais ou outros tipos de envolvimento que possam contribuir de forma qualitativa na reconstrução desse momento da educação brasileira e da história dos professores da rede pública paulista. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Os riscos de exposição dos participantes nessa pesquisa serão minimizados através da total garantia de sigilo, assegurando sua privacidade. As gravações em áudio serão usadas unicamente para organização, tratamento e análise das informações pelo pesquisador e utilizadas somente para esta pesquisa em questão. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos participantes que tiverem interesse de recebê-las.

Está pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos participantes deste estudo por meio do telefone: 55 11-98554-9507 ou e-mail.vivi_freitas13@yahoo.com.br

Carlos Bauer e Viviane Freitas, responsáveis por esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo "CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a precarização do trabalho docente e a ocupação da ALESP em 1993.". Os resultados desta investigação poderão contribuir para o estudo mencionado.
Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizadas, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.

Mauro Puerro

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO – UNINOVE

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Maria Heloisa Aguiar Silva

Gostaríamos de convidá-lo para participar voluntariamente da pesquisa "CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a precarização do trabalho docente e a ocupação da ALESP em 1993". Este estudo tem como objetivo reconstruir uma parte da história da educação brasileira e analisar questões que permeiam as transformações ocorridas nesse período estudado.
Os resultados desta investigação poderão contribuir para o aprofundamento de estudos e iniciativas destinadas a valorização e desenvolvimento profissional docente no Brasil.

A coleta de dados dessa investigação consiste na realização de entrevista com professores e pessoas que estavam envolvidas nesse episódio, sendo dirigentes sindicais ou outros tipos de envolvimento que possam contribuir de forma qualitativa na reconstrução desse momento da educação brasileira e da história dos professores da rede pública paulista. Também é resguardada ao entrevistado a garantia de receber esclarecimentos sobre a metodologia desta pesquisa, antes e durante o seu curso.

Os riscos de exposição dos participantes nessa pesquisa serão minimizados através da total garantia de sigilo, assegurando sua privacidade. As gravações em áudio serão usadas unicamente para organização, tratamento e análise das informações pelo pesquisador e utilizadas somente para esta pesquisa em questão. Após o término da pesquisa, as gravações permitidas serão devolvidas aos participantes que tiverem interesse de recebê-las.

Está pesquisa não resultará em nenhuma despesa financeira aos participantes, assim como também não haverá nenhuma compensação financeira pela sua participação. Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias. Se forem necessários maiores esclarecimentos, me coloco a disposição dos participantes deste estudo por meio do telefone: 55 11-98554-9507 ou e-mail:vivi_freitas13@yahoo.com.br

Carlos Bauer e Viviane Freitas, responsáveis por esta pesquisa.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, para ter ciência do estudo "CONFLITO, RESISTÊNCIA E SOLIDARIEDADE NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA PAULISTA. Um estudo sobre a precarização do trabalho docente e a ocupação da ALESP em 1993." Os resultados desta investigação poderão contribuir para o estudo mencionado.
Ressalto que ficou claro para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizadas, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos necessários no percurso do estudo. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa, tendo clareza de que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades se for esse o meu desejo, como também autorizo a divulgação pública do meu nome próprio no corpo do trabalho e em suas referências.



Maria Heloisa Aguiar Silva

ANEXO A

Panfleto produzido por professores que faziam parte da oposição dentro da Apeoesp durante a greve de 1993 e a ocupação da Alesp.

É possível vencer
Fora Fleury
A GREVE CONTINUA

Ultrapassamos os 60 dias de greve e muitos companheiros questionam se conseguiremos dobrar o governo e romper o impasse nas negociações. Fleury tem bancado até o momento sua intransigência, apostando no cansaço dos professores, buscando esvaziar a greve..

Porém, afirmamos que é possível vencer. Há uma tremenda crise nesse governo. Há fissuras e cansaço do lado de lá. As disputas internas no PMDB em torno das eleições presidenciais minam as bases de Fleury. O episódio da compra de deputados do PSD desgasta tremendamente este governo. E nossa greve incide com muita força nesta situação. O apoio conquistado na população isola Fleury e em última instância é o que faz com que a imprensa não possa nos atacar.

Podemos dobrar a intransigência do comprador de deputados. Para isso, precisamos, em primeiro lugar, manter nossa greve, e retomar as ações contundentes que fizemos desde o início.

Para fazer Fleury recuar:

OCUPAR A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA E NÃO SAIR DE LÁ ATÉ ARRANCAR PROPOSTA DECENTE

Além de manter a greve, neste momento de impasse nas negociações é preciso uma demonstração de força dos professores. Que 20 deputados tenham entrado com um projeto de lei com a proposta do TRT, mais nossos adendos, e vários deles, incluindo a liderança do PMDB, estarem tentando intermediar as negociações são uma demonstração de crise entre os adversários. Não temos nenhuma ilusão que o legislativo resolva nossos problemas. Temos que confiar somente na nossa mobilização.

Nesse momento de impasse, mais que nunca precisamos retomar as ações contundentes do início da greve, revertendo o esfriamento das nossas ações nos últimos 15 dias.

A ocupação de um orgão público, no caso o Legislativo, jogará o impasse para as mãos de Fleury. Por isso não podemos ter nenhuma vacilação e implementarmos esta ação. Insistimos que a radicalização, quando de milhares, do conjunto, nos fortalece. Não concordamos com ações de meia dúzia, mas também não temos acordo com o discurso que a diretoria da Apeoesp veio construindo nos últimos quinze dias contra qualquer radicalização. Isto enfraquece o movimento e as negociações. É o curso que quer o governo: que fiquemos no assembleísmo e que nos cansemos com ações mornas, enquanto ele enrola nas negociações.

A ocupação da Assembléia dá uma perspectiva clara para nosso movimento e criará um enorme fato político. Foi com uma ação como esta que os professores do Paraná conseguiram derrotar seu governo em 88, depois de uma longa greve em que não só não havia propostas, como demissão de grevistas. Ao ocuparem por três dias o Legislativo forçaram o governo a recuar e solucionar o impasse.

Por isso, se não houver proposta que nos atenda: **Ocupação da Assembléia Legislativa!**

CUT PRECISA ORGANIZAR SOLIDARIEDADE ATIVA JÁ

Nós da oposição temos insistido, que é importante a presença da CUT nas assembléias, etc, mas que é insuficiente. Insistimos que a CUT precisa organizar uma solidariedade ativa. Mais ainda diante do impasse atual, quando o ano letivo está ameaçado por responsabilidade de Fleury.

Esse governo faz demagogia e tenta responsabilizar os professores pelo ano letivo ameaçado. A população está do nosso lado.

É preciso transformar esse apoio em ações de solidariedade, pois esse enfrentamento já transcende o limites da nossa categoria.

É decisivo que todos os sindicatos da CUT sigam o exemplo do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos, que convocou assembléias nas portas das principais fábricas esta semana, para arrecadar fundo de greve e propor uma paralisação em solidariedade aos professores contra Fleury. Em Dracena, o comércio paralisou por uma hora.

Insistimos que o mesmo precisa ser feito no ABC e nos demais setores organizados. Se os trabalhadores da Autolatina, por exemplo, parlisassem ainda que por meia hora ou mesmo quinze minutos, isso significaria um golpe enorme no governo. Mexeria com a grande patronal, com a Fiesp, e abriria um precedente gravíssimo para a classe dominante. Representaria uma força tremenda do nosso lado que certamente nocautearia Fleury. E mais ainda agora, quando a classe dominante vive uma crise política enorme, não só a nível do governo estadual, como a nível federal, com o escândalo que abala o Congresso.

UNIDADE CONTRA O GOVERNO

Chega de atacar professores

Infelizmente, nas últimas assembléias a diretoria da Apeoesp tem utilizado o microfone para atacar professores e não debater propostas, inclusive fugindo do tema em debate.

Nós defendemos o direito de qualquer professor ou corrente de opinião expressar suas posições em panfletos ou no microfone, inclusive avaliando criticamente decisões de assembléias anteriores. No entanto, discordamos de panfletos que não reconheçam decisões tomadas anteriormente.

Ao mesmo tempo, é lamentável que a diretoria se utilize de tais panfletos para buscar "bodes expiatórios".

Como já manifestamos de outras vezes, não concordamos com ações isoladas, mas também somos radicalmente contrários a que a diretoria de nossa entidade ataque setores de professores.

Atitudes como estas jogam contra a unidade da categoria, fundamental para a nossa vitória. Não é hora de divisão. Temos que construir a vitória do movimento, e discutir o que é melhor para vencer Fleury.

A diretoria, em particular, tem que aprender a ser direção do conjunto e tem a responsabilidade de conduzir democraticamente as assembléias.

Pelo atendimento de nossas reivindicações

Greve até a vitória

Fora Fleury e PMDB

MOVIMENTO DE OPOSIÇÃO À DIRETORIA DA APEOESP

ANEXO B

JORNAL FOLHA DE S.PAULO

19/08/1993 até 06/11/1993

Greve pára os professores de São Paulo

Adesão foi de 60% da rede estadual segundo a Apeoesp; categoria reivindica reajuste salarial de 187%

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Professores da rede estadual de São Paulo iniciaram ontem uma greve por prazo indeterminado. A Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) avalios em 60% a média de adesão ao movimento no primeiro dia. Escolas tradicionais, como a Brasílio Machado (Vila Mariana, zona sul) e a Albino César (Tucuruvi, zona norte), fecharam com menos de 30% das aulas previstas.

Até o fechamento desta edição, a Secretaria de Estado da Educação não tinha um levantamento da paralisação. O secretário, Fernando Morais, passou a tarde no Palácio dos Bandeirantes, onde houve reunião para discutir a questão salarial dos funcionários estaduais. Desta reunião, poderia sair algum novo índice de reajuste para os docentes estaduais —que em julho foram aumentados em 10,25%, contra uma reivindicação de 187%, para corrigir perdas desde março de 1987.

Os professores —220 mil ao todo no Estado— fazem reuniões regionais hoje para decidir sobre a continuidade do movimento. Amanhã, há uma assembléia na praça da República (região central de São Paulo). "Se o governo não oferecer nada, a greve certamente vai continuar", afirmou Roberto Felício, 41, presidente da Apeoesp —que é filiada à CUT.

Hoje também está prevista uma paralisação, por 24h, de professores municipais, igualmente por questões salariais. O piso salarial por 20 horas de aulas por semana está em CR$ 6,9 mil no Estado e CR$ 7,9 mil no município. O Sipeem (Sindicato dos Profissionais de Educação no Ensino Municipal) convocou um ato em frente à Secretaria Municipal de Educação, na r. Joaquim Eugênio de Lima (zona oeste), às 10h30, seguida de passeata até a Câmara Municipal (região central).

Na Escola Estadual Dr. Edmundo de Carvalho —conhecida como Experimental da Lapa, na zona oeste— alunos do Cefam (Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) fizeram manifestação porque não receberam este mês o salário mínimo pago pelo governo. Foram recebidos à tarde na Delegacia de Ensino, onde foi dito que o atraso se deve à conversão dos valores de cruzeiros para cruzeiros reais. Segundo o governo, esses salários serão pagos "em breve".

GREVE NA REDE DE SP

- **Quem são:** 220 mil professores de 1.º e 2.º graus da rede estadual
- **Decisão:** em assembléia nesta-feira passada, dia 13, com cerca de 10 mil docentes, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** política salarial que repositia, mês a mês, a inflação; reajuste de 187% para repor perdas desde o governo Quércia (1987)
- **Contra-proposta:** 10,25% de aumento este mês; reposição, em setembro, das perdas desde março
- **Piso salarial:** CR$ 6,9 mil, por 20 horas-aula semanais, em julho

Banorte

EXTRATO DO BALANÇO - 1º SEMESTRE 1993
(PELA CONVENÇÃO INTEGRAL)
(VALORES EM MILHARES DE CRUZEIROS)

ATIVO 30.06.93 — PASSIVO 30.06.93

CIRCULANTE E REALIZÁVEL A LONGO PRAZO ... 68.101.788.279
DISPONIBILIDADES ... 638.197.640
APLICAÇÕES INTERFINANCEIRAS DE LIQUIDEZ ... 3.675.112.225
TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS ... 3.243.935.241
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS E INTERDEPENDÊNCIAS ... 14.050.000.000
OPERAÇÕES DE CRÉDITO ... 39.104.581.870
OUTROS CRÉDITOS ... 10.888.580.000
OUTROS VALORES E BENS ... 802.700.687
PERMANENTE ... 8.115.347.941
TOTAL DO ATIVO ... 71.287.287.120

CIRCULANTE E EXIGÍVEL A LONGO PRAZO ... 65.378.322.840
DEPÓSITOS ... 53.686.748.734
CAPTAÇÕES NO MERCADO ABERTO ... 2.207.284.282
RECURSOS DE ACEITES E EMISSÃO DE TÍTULOS ... 344.201.211
RELAÇÕES INTERFINANCEIRAS E INTERDEPENDÊNCIAS ... 5.137.325.000
OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS ... 3.940.221.500
OBRIGAÇÕES POR REPASSES DO PAÍS E DO EXTERIOR ... 3.745.556.705
OUTRAS OBRIGAÇÕES ... 5.732.771.220
RESULTADOS DE EXERCÍCIOS FUTUROS ... 5.215.760
PATRIMÔNIO LÍQUIDO ... 5.875.775.897
TOTAL DO PASSIVO ... 71.287.287.120

DEMONSTRAÇÃO SINTÉTICA DO RESULTADO
(PELA CONVENÇÃO INTEGRAL)
(VALORES EM MILHARES DE CRUZEIROS)

RECEITAS DA INTERMEDIAÇÃO FINANCEIRA ... 5.176.556.223
DESPESAS DA INTERMEDIAÇÃO FINANCEIRA ... (1.265.656.511)
RESULTADO BRUTO DA INTERMEDIAÇÃO FINANCEIRA ... 3.702.951.712
OUTRAS RECEITAS/DESPESAS OPERACIONAIS ... (2.852.132.017)
RESULTADO OPERACIONAL ... 821.498.695
RESULTADO NÃO OPERACIONAL ... (322.282.435)
RESULTADO ANTES DA TRIBUTAÇÃO ... 499.216.260
BÔNUS D LUCRO ... 750.150.475
IMPOSTO DE RENDA ... 318.287.641
CONTRIBUIÇÃO SOCIAL ... 117.599.182
LUCRO LÍQUIDO ... 297.345.037
NÚMERO DE AÇÕES ... 77.324.350
LUCRO LÍQUIDO POR AÇÃO - CR$ 1,00 ... 4.657,27
VALOR PATRIMONIAL POR AÇÃO - CR$ 1,00 ... 99.650,99

CONTADOR: MARCOS ANTÔNIO PRETO RIBEIRO
CRC-PE nº 15.150

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Jorge Amorim Bezerra da Silva — Diretor-Presidente
Antonio Machado Guimarães
César Frederico Queiroz de Andrade
Manoel Victor Tallies Moreira
Robert Antony Ivan Shorto
Vice - Presidentes

DIRETORIA
Álvaro Antônio Cavalcanti Calado
Carlos Augusto Nogueira Ramos
Carol Weber
Helena Ventura Torres
Heráclito Ricardo Ferreira Filho
Jacques Machado da Cunha Moraes
Jonas Torres
José Antônio Herbst
José Mendes de Lacerda
Miguel Antônio de Aguiar Medrado
Paulo Roberto Freire Vilar

A íntegra das demonstrações financeiras, está publicada nas edições de 10 de agosto de 1993 dos jornais Diário Oficial do Estado de Pernambuco e Jornal do Commercio - PE.

Atas, Editais e Avisos

SINDICATO DOS CONDUTORES DE VEÍCULOS RODOVIÁRIOS E TRABALHADORES EM EMPRESAS DE TRANSPORTES RODOVIÁRIOS E ANEXOS DE OSASCO E REGIÃO.
Rua Presidente Castelo Branco, 84, Osasco - Fone- 705.6333. ELEIÇÕES SINDICAIS - AVISO. Faço saber aos que o presente virem ou dele tiverem conhecimento que nos dias 27 e 28 de Setembro do 1.993, será realizada no sede deste sindicato e nas locais onde houver associados, eleições para composição do Diretoria, Conselho Fiscal, Delegados Representantes junto a Federação e seus respectivos suplentes e o Conselho de Delegados, observado o registro de chapas ao representado a Secretaria da Entidade, no horário das 8:00 às 16:00 horas, no período de 15 (quinze) dias, a contar da publicação deste AVISO. O Edital de Convocação da eleição encontra-se afixado no sede desta entidade. Osasco, 19 de Agosto de 1.993 - Ismaraldo Nunes da Silva - Presidente

SECRETARIA MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MATERIAIS
Acha-se aberta licitação na modalidade de TOMADA DE PREÇOS, para o seguinte objeto: 032 — Proc. 03.002.364-93/94 — contratação de serviços técnicos profissionais especializados em auditoria médico assistencial; abertura dia 03.09.93 às 09:30 h. — O edital poderá ser adquirido pelos interessados no horário das 10 às 16 h. até o último dia útil que anteceder a licitação mediante o recolhimento da importância de CR$ 100,00 por meio de guia de arrecadação que será fornecida no DEMAT. 21, 3 Alameda Santos, 2359/64 — 1º andar.
S. P. 13.08.93 — DEMAT
(a) MARCOS ARTUR EDDOY - Diretor de Divisão - DEMAT. 2
PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

BANCO DO ESTADO DO PARANÁ S.A.
EXTRAVIO DE TALONÁRIOS DE CHEQUES
Por motivo de roubo de talonários de cheques das Agências CAMPINAS (Campinas -SP), SANTO AMARO e SANTO ANDRÉ (Região Metropolitana São Paulo), ficam cancelados os talonários contidos nas seguintes séries e numerações:
- SÉRIE QV dos números 690761 à 691200
- SÉRIE QV dos números 693301 à 693540
- SÉRIE QV dos números 697621 à 697920
- SÉRIE AE dos números 162581 à 163200
- SÉRIE AE dos números 167901 à 168200
- SÉRIE AE dos números 178941 à 179220

COMPANHIA BRASILEIRA DE MATERIAIS CORRAÇÃO
CNPJ nº 53.214.108/0001-08
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
Ficam convidados os Srs. Acionistas desta sociedade a reunirem-se no dia 31 de agosto de 1993, na sede social à Av. Duque de Caxias, 61 - 2º - bairro "B" - São Paulo - SP, às 16:00 horas para participarem de Assembléia Geral Extraordinária a fim de tratar do seguinte ordem do dia: A) — Leitura, discussão e votação do Relatório da Diretoria, das Demonstrações Financeiras encerradas em balanço levantado em 30.06.93; B) — Aprovação da Correção do exercício inventário do Capital Social; C) — Alteração do Capital Social ao novo padrão monetário do país; D) — Incorporação ao Capital Social do reserva de correção monetário do Capital Social no valor de CR$ 10.209.258,41 (dez milhões, duzentos e nove e nove mil, trezentos e cinquenta e oito cruzeiros reais e quarenta e um centavos) e outras reservas disponíveis no exercício de CR$ 6.208.241,59 (seis milhões, duzentos e oito mil, quinhentos e quarenta e um cruzeiros reais e cinquenta e nove centavos) com o consequente aumento do Capital Social para CR$ 16.460.000,00 (dezesseis milhões, quatrocentos e sessenta mil cruzeiros reais) e alteração do valor nominal das ações de CR$ 0,45 (quarenta e três centavos) para CR$ 2,19 (dois cruzeiros reais e dezenove e vinte centavos) e reformas estatutárias; E) — Alteração do objetivo social adaptando-se o consolidar e exercer atividades de TRADING, alterando-se a denominação social para CORRAÇÃO TRADING S.A. F) — Alteração da redação dos artigos 1º, artigo 3º e artigo 5º dos Estatutos Sociais; G) — Outros assuntos de interesse social. São Paulo, 16 de agosto de 1993 a) João Jorel Zorll Presidente

COMUNICAÇÃO DE EXTRAVIO
LASCOM COMPUTAÇÃO LTDA. Estabelecida à Avenida Brigadeiro, 2122, Shopping Brigadeiro Loja 13, Jardim Paulista — São Paulo SP inscrita no CGC/MF n. 57.513.486/0001-45, Inscrição Estadual Isento, 111.788.286/116, Comunica a Extravio do Talonário de Nota Fiscal de Venda ao Consumidor série D-1 n. 0045 a 0050 inclusive em branco. São Paulo, 19 de agosto de 1993.

EDITAL
Acha-se aberto no Diretorio de Pessoal da Polícia Militar do Estado de São Paulo à Av. Cruzeiro do Sul, 2630 - 4º Andar - sala 418, São Paulo-SP, o TP nº 0371083, encerramento em 01/09/93, às 10:00h para compra de gêneros alimentícios para PMESP. Edital à disposição no endereço acima das 2º a 6º feiras das 09:00hs às 16:00hs. FONE: 223-0466 - Ramal 149.

BEMGE SEGURADORA S.A.
"A BEMGE SEGURADORA S/A., atendendo cumprir seu compromissado contratual, convoca o Sr. DENILSON CAVALEIRO DA SILVA, a manter contato com nos áreas de sinistro em Belo Horizonte/MG, através dos telefones números: (031) 299-1600, 299-1603, 339-1791, para tratar de assunto concernente ao furto do veículo Monza SL/E 2.0, placa ZL-0335, ocorrido em 06.08.93, na cidade de São Paulo".

Declaração à Praça
Rio, Angela de Arruda, RG. 9.248.736, CIC. 761.594.269-34, declara que o TL. de Disp. nº 105027 e 108241 foi furtado em 16/08/93, conf. Declaração do 27 DP de 04 deste de 17/08/93

COMUNICADO DO EXTRAVIO
CLÍNICA DE RELOJOS DE LIMA CGC 68.462.729/0001-73, CGF 9.561.278-6, comunica o extravio de Livro Modelo 01 nº 1.

DECLARAÇÃO À PRAÇA
Ana Bonavides Rodrigues — RG. 612.048 — solteira, CIC. 766.352.018-15, Declara a furto de 01 talão de cheques da Bco. do Brasil Ag. 1616-2 (conta 998231-x/0001-x) e de Ag. 0203-5 do Bco. do Brasil, compost. de nºs 310078 a 310080, e mais 02 Talões do Bco. Real Ag. 1553 compost. de nºs 010532 a 010599.
Confirma BO nº 05378/93 do 007 DP.
São Paulo, 19 de agosto de 1993.

Declaração à Praça
Comunicamos o extravio das Notas Fiscais, nº 1 a 150, série B-1, da Emma Prius Engenharia Elétrica SC Ltda. CGC: 058.711.547/0001-03. São Paulo, 10 de Agosto de 1993.

ATA DE ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA DE 24 DE MAIO DE 1993
BANCO SAFRA S.A.
CGC 62.160.187/0001-10
Ata da 24 de maio de 1993, as nove horas, na sede social, da 17 horas, reuniram-se acionistas do Banco Safra S.A., representando 100% (cem por cento) do Capital Social com direito a voto. Assumiu a presidência dos trabalhos o Sr. Jacob João Safra Hafa, e convidou a mim, Armando Helio Mauricio Cardoso, para secretaria. CONVOCAÇÃO E ORDEM DO DIA: esta assembléia foi convocada por carta encaminhada aos Srs. Acionistas para deliberar sobre a seguinte ordem do dia: 1) Aumento do capital social mediante subscrição em dinheiro; 2) Consequentes alterações do Estatuto Social. DELIBERAÇÕES: a) Aprovaram por unanimidade, a elevação do Capital Social para Cr$ 69.480.497.291,91 (sessenta e nove bilhões, quatrocentos e oitenta milhões, quinhentos e noventa e sete mil, trezentos e noventa e um cruzeiros, noventa e um centavos), mediante subscrição e integralização de 20.203.837 (vinte milhões, cento e três mil, oitocentos e sete e nove) novas ações no valor de Cr$ 19.122.843.000,00 (dezenove bilhões, cento e trinta e dois milhões, novecentos e quarenta e três mil e cinco e dois cruzeiros), passando a ser a seguinte a redação do artigo 5.º do Estatuto: Artigo 5.º. O Capital Social, totalmente subscrito e realizado, é de Cr$ 69.480.497.291,91 (sessenta e nove bilhões, quatrocentos e oitenta milhões, quinhentos e noventa e sete mil trezentos e noventa e um cruzeiros, noventa e um centavos), dividido em 72.715.687 (setenta e dois milhões, setecentos e quinze mil, seiscentos e oitenta e sete) ações ordinárias sem valor nominal. b) Presentes todos os acionistas, mui/unanimidade deles manifestando intenção de subscrever qualquer parcela do aumento de capital, as novas ações emitidas foram, com a concordância de todos, subscritas e imediatamente integralizadas em moeda corrente pel Senhor Antonio Administrador de Consórcios S.C. Ltda., CGC 48703.510/0001-17, estabelecida na Av. Rio Branco, 600, sobrado, neste ato representado por seu sócio-gerente João Jorel Zorll, cuja qualidade resta devidamente comprovada. Finalmente, procedeu à consolidação do novo estat. para atualizá-lo em face das alterações ora procedidas. Nada mais havendo para tratar e ninguém mais desejando fazer uso da palavra, foi encerrada a Assembléia da qual foi lavrada a presente ata. São Paulo, 24 de maio de 1993. João Jorel Zorll, Armando Helio Mauricio Cardoso, Ivan Zorll, Jorel João Zorll Helio, Antonio Carlos Zorll, Hernando Ivan Zorll, Ivan Zorll Júnior, Zorll S.A. - Empreendimentos Imobiliários por seu representante legal Ivan Zorll, Santo Amaro Administradora de Consórcios S.C. Ltda. por seu representante legal João Jorel Zorll.
A presente é cópia fiel de transcrita no livro de sociedade. São Paulo, 24 de maio de 1993.
a) Jorel João Zorll Helio
Presidente
a) Armando Helio Mauricio Cardoso/OAB/SP 13.445 - Secretário - SECRETARIA DA JUSTIÇA E DEFESA DA CIDADANIA JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO. CERTIFICO O REGISTRO SOB O NUMERO 109.590/93-7 a) JESSY REBELLO LOPES SECRETÁRIA GERAL



Estudantes no prédio do Ministério da Educação no Rio

UNE invade Ministério da Educação no Rio

Da Sucursal do Rio

Estudantes invadiram ontem o prédio do Ministério da Educação no Rio, em protesto contra o aumento das mensalidades, o corte de verbas para a educação e a revisão constitucional. A invasão foi liderada pelo presidente da UNE (União Nacional dos Estudantes), Fernando Gusmão.

Estava programada apenas uma passeata pela avenida Rio Branco. Ao chegarem perto do ministério, os estudantes decidiram invadir o prédio. Foram ocupados o segundo andar e o terceiro andar do edifício, onde fica o gabinete do ministro, Murílio Hingel.

Encarregado do policiamento na área da manifestação, o capitão da PM Plácido de Lima avaliou em cerca de 500 os estudantes presentes. Segundo o presidente da UNE, 8.000 manifestantes participaram do ato, cujo objetivo era pressionar o presidente Itamar Franco a limitar por decreto-lei os reajustes das mensalidades.

Antes de ir embora, Gusmão atacou o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. "Vamos dar um pé na bunda do Fernando Henrique", discursou.



IMIGRAÇÃO VIA SATÉLITE

Uma entrevista via satélite com os cientistas de Washington Hasia Diner e Alan Kraut encerrou ontem no Memorial da América Latina em São Paulo ciclo de conferências "Fazer América", sobre imigração.

A família de
MARIA LIGIA CHAVES DA ROCHA
agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião do seu falecimento e convida parentes e amigos para a Missa do 7º Dia que será celebrar AMANHÃ, sexta - feira, dia 20/08/93, às 19:15 horas, na Igreja de Santa Terezinha, à Rua Maranhão, 617 - Higienópolis.

Greve deixa 2 milhões sem aulas em SP

Dados do governo e do sindicato dos professores mostram que paralisação cresceu no segundo dia do movimento

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Aumentou ontem a adesão à greve de professores da rede estadual de São Paulo, iniciada na quarta-feira. Pelos números da Secretaria de Estado da Educação, o aumento foi de 1% na Grande São Paulo e de 12% no interior, contra 10%, em média, anunciados pela Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). A rede estadual tem 6 milhões de estudantes em 6.300 escolas.

Ontem funcionaram normalmente 64% das escolas da Grande São Paulo e 68% das escolas do interior, segundo o governo. Pelo levantamento da Apeoesp —que é filiada à CUT—, a paralisação atingiu cerca de 70% dos 220 mil professores estaduais. A Secretaria da Educação diz que estão totalmente paradas 10% das escolas de São Paulo e 5% do interior e, parcialmente, 36% e 27%, respectivamente. Por esses dados apresentados pelo governo, o número aproximado de alunos prejudicados pela greve de ontem chega a 2 milhões.

Hoje haverá assembléia, na praça da República (região central de São Paulo), onde a continuidade do movimento será votada. A previsão da Apeoesp é que a assembléia reúna entre 30 mil e 40 mil professores. Várias regionais do sindicato anunciaram ter alugado ônibus para levar professores do interior para a capital. Até o final da tarde, havia resultado de cerca de 50% das assembléias regionais: todas pela manutenção da greve.

Os professores reivindicam uma política salarial que reponha, mês a mês, as perdas com a inflação. Além disso, querem um reajuste de 187% nos salários atuais para repor perdas desde março de 87. O governo deu 10,25% de reajuste em julho, o que deixou o piso salarial em CR$ 6,9 mil —o pior salário do governo Fleury, segundo a Apeoesp —dado que não foi negado, até agora, pelo governo.

A expectativa de que o governo estadual anunciasse algum novo índice de reajuste para os professores ainda ontem não se confirmou, apesar de ter havido várias reuniões da equipe de política salarial do governo esta semana no Palácio dos Bandeirantes.

GREVE NA REDE DE SP

- **Quem são:** 220 mil professores de 1.º e 2.º grau da rede estadual
- **Decidiu:** em assembléia quarta-feira passada, dia 11, com cerca de 10 mil docentes, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** política salarial que reponha, mês a mês, a inflação; reajuste de 187% para repor perdas desde o governo Quércia (1987)
- **Contra-proposta:** 10,25% de aumento sem reposição, em setembro, das perdas desde março
- **Piso salarial:** CR$ 6,9 mil, por 20 horas-aula semanais, em julho



Sala de aula vazia na escola Gean Mermoz, na zona sul



Assembléia de professores municipais em frente à Câmara

Municipais fazem protesto

Da Reportagem Local

Professores da rede municipal de São Paulo fizeram ontem um ato em frente à Secretaria de Educação para ter acesso ao texto do projeto que reestrutura a carreira dos professores e cria a carreira dos funcionários de escola. O projeto vem sendo discutido entre a prefeitura e os sindicatos das categorias.

Representantes do Sinpeem (Sindicato dos Profissionais em Educação do Ensino Municipal) foram recebidos pelo secretário da Educação, Sólon Borges dos Reis, que prometeu entregar o texto final na próxima segunda ou terça-feira. A prefeitura deverá apresentar o projeto à Câmara Municipal no próximo dia 26.

Pela reestruturação proposta no projeto da prefeitura, o piso dos professores municipais aumentará de CR$ 7,8 mil para CR$ 17,6 mil, diz Claudio Fonseca, presidente do Sinpeem.

Entre 300 e 600 pessoas estiveram no ato ontem de manhã. Segundo Fonseca, 65% dos 43 mil profissionais de ensino paramentem ontem, e, segundo a assessoria de imprensa da secretaria, cerca de 40 das 700 escolas da rede municipal pararam à tarde, quando foi realizada a assembléia em frente à Câmara Municipal.

Itamar assina MP para mensalidade de agosto

Da Sucursal de Brasília

O presidente Itamar Franco assinou ontem uma MP (Medida Provisória) regulamentando o reajuste das mensalidades escolares do mês de agosto. A MP determina que ao valor cobrado em julho seja somado o resultado do seguinte cálculo: a mensalidade de janeiro multiplicada pelo fator 1,41 (que equivale a 30% do INPC acumulado nos seis primeiros meses do ano).

O cálculo será o seguinte: uma escola que cobrava em janeiro Cr$ 2 milhões (o que significa hoje CR$ 2 mil), por exemplo, deverá multiplicar esse valor por 1,41, o que dá CR$ 2,8 mil. Esse valor é somado à mensalidade de julho. Se em julho o estabelecimento cobrou CR$ 8 mil, a mensalidade subirá em agosto para CR$ 10,8 mil.

A novidade é que o presidente resolveu parcelar essa diferença —no caso, os CR$ 2,8 mil— em seu número três parcelas iguais. Ou seja, em agosto o estudante vai pagar de fato apenas a mensalidade de julho mais um terço do reajuste. Em setembro, caso não haja alteração na legislação vigente, o estudante vai pagar o novo valor mais um terço do reajuste. Em outubro, isso se repete.

As escolas particulares que já cobraram a mensalidade de agosto reajustadas acima do que a MP permite terão que devolver a diferença. A irregularidade mais freqüente é que alguns estabelecimentos aplicaram o fator 1,41 sobre a mensalidade de julho e não sobre a de janeiro.

O presidente e o ministro da Educação, Murílio Hingel, se reuniram ontem com líderes estudantis. Itamar disse aos estudantes que vai enviar ao Congresso o projeto de lei que estabelece a política definitiva de reajustes das mensalidades nos próximos dias.

Informação à vista, preço a prazo.
Assine 4 meses de Folha



Faça uma assinatura da Folha. Você e sua família receberão 4 cadernos diários e mais 6 semanais. Além destes, o Folhão de domingo, que contém vários cadernos especiais, incluindo roteiros e classificados. Aproveite!



Garanta 4 meses de Folha e economize 20% sobre os exemplares avulsos. Oferecemos também outros planos e prazos de pagamento em até 5 vezes. Confira você mesmo. Ligue já.



30 60 90

Você pode ganhar até 30, 60 e 90 dias para pagar sua assinatura pelo cartão. São 3 parcelas iguais e sem juros! Aceitamos todos os cartões. Mas se você preferir, o pagamento poderá ser efetuado através de cobrança bancária. Confira conosco o melhor plano para você.

Cartão Clubefolha

Ao tornar-se um assinante, você receberá o exclusivo Cartão Clubefolha. Use este cartão para garantir uma economia de até 50% de desconto em diversos locais como: videolocadoras, restaurantes, teatros etc. Quinzenalmente, aos sábados, você receberá com o seu exemplar um caderno especial com as informações importantes sobre as melhores ofertas. Não perca!



Ligue já:

222-2000 (Grande SP)

0800-15-8000 (Demais cidades - ligação gratuita)

FOLHA
Não dá pra não ler.

A Folha atende de 2ª a 6ª, das 7 às 22h, e aos sábados, das 8 às 20h.

Exemplo explicativo à assinatura. *Preços válidos para SP. R$ 300. FB nas Cruzeiros Reais.

SEMANA PROMOCIONAL CLAMOR



Cômoda sapateira com gaveta e espelho
à vista CR$ 6.300,00





Cadeira de balanço em imbuia com molas
(assento e encosto em palhinha)
2x CR$ 5.950,00

Mesa redonda com tampo de vidro e 4 cadeiras estofadas
(estrutura pintada em spray cor preta)
2x CR$ 11.450,00





Mancebo em cerejeira
(suporte em imbuia)
à vista
CR$ 3.800,00

Bicama em magno
(com cama embutida de rodízios)
(Também nas opções: cerejeira e post-forming branco)
2x CR$ 5.300,00

Colchão de espuma Clamor (0,78)
2x CR$ 730,00

PLANTÃO DE VENDAS AOS DOMINGOS: LJ. PINHEIROS - R. TEODORO SAMPAIO, 1650 DAS 9:30 ÀS 19:00

PINHEIROS: R. TEODORO SAMPAIO, 1650 - OSASCO: R. ANTONIO AGU, 430
SANTO AMARO: AL. SANTO AMARO, 205 - GUARULHOS: R. JOÃO GONÇALVES, 110
SANTANA: R. VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, 2317 - SAÚDE: AV. JABAQUARA, 976/988

OFERTAS VÁLIDAS ATÉ 29/08/93. CRÉDITO SUJEITO À ANÁLISE DO ESTOQUE
FORMA DE PAGAMENTO: 2X (1+1)

ENTREGAMOS NO LITORAL E NO INTERIOR

TELE MÓVEIS 282-9411 212-3456

MÓVEIS CLAMOR

Professores decidem continuar em greve

Governo afirma que a paralisação é "precipitada"

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Professores da rede estadual de São Paulo decidiram ontem em assembléia manter a greve iniciada na quarta-feira passada. O público que foi à reunião ocupou todo o espaço livre em frente à Secretaria de Estado da Educação, na praça da República. A estimativa da Polícia Militar foi de 800 pessoas em média na praça; a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado) calculou em 20 mil a 30 mil.

Pouco antes de os professores se reunirem, o secretário da Educação, Fernando Morais, divulgou nota aos professores em que classifica a greve como uma "ação precipitada". Segundo a nota, o governo "concedeu nos meses de agosto e setembro aproximadamente 129% de aumento ao magistério, se os índices inflacionários se mantiverem nos mesmos níveis de hoje". Em agosto, diz o texto, o reajuste será de 20%.

"Isso é menos do que a inflação de cada", afirmou o presidente da Apeoesp, Roberto Felício, 41.

Morais volta a afirmar que a queda na arrecadação do ICMS impossibilita a "recuperação salarial desejada por todos". Apesar disso, afirma na nota, "em 21 dos 29 meses do governo Fleury, o salário esteve acima do que era pago em março de 1991". Segundo a Apeoesp, o salário de julho foi o mais baixo do governo Fleury: piso de CR$ 6,9 mil por 20 horas semanais de aula.

Após a reunião de sete Conselho de Representantes, eneste da estadual, a Apeoesp diminuiu a percentagem de adesão que apresentou ao dia anterior: de 70%, em média, para 62%. Na estimativa do governo a greve aanterou: estem funcionaram normalmente 57% das escolas da Grande São Paulo (contra 64% anteontem) e 67% das do interior (contra 68%).



Assembléia de professores ontem na praça da República

MP não altera mensalidades

Da Sucursal de Brasília

Os sindicatos e federações de escolas particulares consideram inócua a MP (Medida Provisória) publicada no "Diário Oficial" de ontem, que abre um início da lei das mensalidades escolares. De acordo com as entidades, o que a MP faz é estabelecer o índice de reajuste que já estava sendo aplicado — incidir 30% da inflação de janeiro a julho sobre a mensalidade de agosto (cerca de 140,96%). Essa mesma regra está prevista na lei 8.170 e 8.178/91.

O Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor do Ministério da Justiça considerou a "insatisfatória" a MP. "Não há pusição para as escolas que cobraram aumentos mensais, acima da inflação, nem uma forma de compensação dos pais que foram lesados por isso", diz Elisa Martins, chefe do Departamento.

O secretário-executivo do Ministério da Educação, Rubens Vianello, confirmou que a MP baixa apenas regulamentar o índice de correção. A única modificação que a MP faz em relação à lei anterior é que o u o diferença entre as mensalidades de julho e agosto deve ser parcelada.

Se a escola já cobrou esta diferença integralmente, segundo Vianello, os pais têm duas opções: aceitar o reajuste ou negociar.



MINERAÇÃO

Governo diz que Roraima depende do garimpo

Secretário da Fazenda sustenta que a retirada dos garimpeiros comprometeu a economia do Estado

A ÁREA DA RESERVA IANOMÂMI É DE

94 mil

km², equivalente a três vezes a área da Bélgica

OS IANOMÂMIS SÃO CERCA DE

9 mil

índios

ALDEIAS IANOMÂMIS SÃO CERCA DE

110

espalhadas pela reserva

RIQUEZAS MINERAIS NA RESERVA IANOMÂMI



AMÉRICO MARTINS
Enviado especial a Boa Vista



A economia de Roraima depende em grande parte da exploração mineral. Com a repressão à atuação dos garimpeiros na reserva ianomâmi, coordenada pela Polícia Federal e pela Funai, a atividade econômica no Estado caiu assustadoramente.

Segundo o secretário da Fazenda de Roraima, Leocádio Vasconcelos, a diminuição do garimpo "comprometeu a economia do Estado, não pela tributação direta, mas sob a forma de incremento da economia". Para ele, é "incontestável" que a criação da reserva ianomâmi prejudicou a economia da região.

Um documento oficial do governo do Estado — o Plano de Desenvolvimento de Roraima — destaca que a crise econômica foi "agudizada" pela "desativação" do garimpo. No documento, o governo estadual volta a condenar a demarcação da reserva ianomâmi, pois ela "congelou" cerca de 40% do território.

Na área há uma grande concentração de ouro. Os minérios são a questão central da discussão sobre a reserva indígena. O Estado é rico ainda em bauxita, cobre e minerais radioativos. As principais reservas de ouro e diamantes ainda não estão dimensionadas. O governo estadual estima que a capacidade produtiva de ouro chegue a 3 toneladas por mês. A de diamante, chegaria a 40 mil quilates por ano.

A Constituição permite a exploração mineral em reservas indígenas, desde que homologada pelo Congresso. No entanto, a lei complementar que deveria regular o assunto não foi aprovada, e desde então o Departamento Nacional da Produção Mineral não autorizou nenhuma lavra nas reservas.

Atualmente, a arrecadação de Roraima com a extração mineral é irrisória, segundo o secretário. Segundo dados do governo, o comércio representa cerca de 85% da arrecadação própria do Estado, cujo montante deve alcançar CR$ 130 milhões em agosto. A atividade agropecuária é outra fonte de rendimentos. Respondo por 13% da arrecadação própria de Roraima.

Mesmo depois de ser deixado de ser um território, Roraima mantém ainda uma grande dependência do governo federal. O repasse dos recursos do Fundo de Participação dos Estados — determinado pela Constituição — para Roraima só não de agosto deve atingir cerca de CR$ 820 milhões. Sem essa verba federal, que representa 86% dos seus recursos, a economia do Estado estaria completamente paralisada.

Com a intensificação da atividade dos garimpos, a partir de 1987 (ano da invasão da reserva ianomâmi), a arrecadação própria do Estado cresceu muito. Em 1987, Roraima arrecadou Cr$ 65,2 milhões (em valores de 91). Esse número foi crescendo até 1990, quando atingiu o patamar de Cr$ 9,2 bilhões. A repressão aos garimpos, intensificada a partir de 90, começou a comprometer a economia local e a arrecadação de 1991 baixou para Cr$ 8,9 bilhões (sempre em valores de 91).

O chefe do Gabinete Civil de Roraima, Erel de Moraes, diz que o governo está investindo em outras áreas além da agropecuária. "Além de ser o único Estado do país a construir uma hidrelétrica com recursos próprios", afirma.

Invasão é estimulada por políticos, diz bispo

Do enviado especial a Boa Vista



O bispo de Roraima d. Aldo Mogiano, em Boa Vista

O bispo de Roraima, d. Aldo Mogiano, disse que os políticos do Estado incentivam os garimpeiros para invadir a reserva dos índios ianomâmi. Segundo ele, "todos sabem" que esse tipo de incentivo sempre ocorreu. O bispo diz que os políticos utilizam o argumento de que os garimpeiros podem ser livre acesso à área porque são brasileiros dentro do território nacional.

D. Aldo Mogiano tem se dedicado em seu trabalho à frente da diocese de Roraima pela defesa que faz dos índios. A diocese definiu três pontos como prioritários para sua atuação. Uma delas é a questão indígena — as outras duas são os problemas urbanos de Boa Vista e a formação educacional na região.

O bispo tem pelos contatos entre garimpeiros e índios. Segundo ele, o resultado de um encontro sempre é prejudicial aos indígenas. Por sua atuação, d. Aldo Mogiano vem sendo muito criticado. Muitos políticos locais e os próprios garimpeiros o acusam de defender a chamada "internacionalização" da Amazônia.

Segundo o bispo, alguns políticos locais disseram que ele deu uma entrevista profetizando a chacina dos yanomâmi - dias antes de ela ocorrer. D. Aldo Mogiano nega essa versão. Ele também diz que não tem o menor fundamento a acusação de que a Igreja atua defendendo interesses de supostas "internacionalização" da Amazônia. Na última sexta, o Papa voltou de Roma. Na Itália, ele foi recebido pelo papa João Paulo 2º, com quem tratou de assuntos da diocese. Ao final da reunião, o papa mandou uma benção aos índios.

D. Aldo Mogiano acha que os corpos dos ianomâmis podem ser encontrados ainda. Mesmo com os cadáveres indígenas de incineração dos corpos, ele crê que seja possível encontrar alguns ossos. Segundo ele, é provável também que os corpos estejam pendurados em árvores, dentro de redes — outro costume entre os indígenas, segundo o bispo.

(Américo Martins)

COMUNICADO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

129% DE AUMENTO PARA OS PROFESSORES

1. O Governo do Estado comunica que concederá ao magistério, nos meses de agosto e setembro, um aumento de 129% — mantidos os atuais índices inflacionários. No mês de agosto o aumento concedido ao magistério será de 20%, já incluídas aí as duas referências prometidas para este mês.

2. O Governo do Estado comunica também que decidiu aumentar, a partir do mês de setembro, em 400%, o valor facial do vale-alimentação, que passará de CR$ 31,00 para CR$ 124,00.

São Paulo, 20 de agosto de 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

UNDIME SÃO PAULO

Repercussão é discreta, diz o Itamaraty

Da Sucursal de Brasília

A repercussão do massacre dos ianomâmis é considerada "discreta" pelo Itamaraty. Segundo a assessoria do órgão, na imprensa norte-americana, um "acontecimento" para o Ministério das Relações Exteriores, apenas dois jornais — um de Nova York e outro de Miami — publicaram reportagens sobre a morte dos índios.

Até sexta-feira, às 18h o presidente Itamar Franco ainda não tinha se manifestado sobre o massacre dos índios. Em uma entrevista coletiva, o porta-voz disse apenas que ainda "esperava informações do governo de Roraima, Mauricio Correia".

A assessoria de imprensa que a imprensa nacional começou a dar ao assassinato dos ianomâmis pode aumentar a repercussão na imprensa internacional. O Itamaraty acredita que isso não vai acontecer porque os correspondentes que estavam no Brasil já enviaram suas reportagens.

O Itamaraty foi informado que a missão brasileira junto às Nações Unidas tem recebido diversos telefonemas e pedidos de informação. A maior parte dos telefonemas é feita por pessoas físicas que pretendem se baseiam se informar sobre o episódio. As informações mais detalhadas, com cópias de jornais brasileiros — principalmente da **Folha** — têm sido requisitadas por ONGs (Organizações Não Governamentais) norte-americanas.

Maiores jornais dos EUA dão destaque

Do Washington

Notícias sobre a chacina dos índios ianomâmi em Roraima apareceram ontem em dois dos mais importantes diários dos EUA: "The New York Times" e "The Washington Post". O "Post", em texto de Jeb Blount despachado do Rio, afirma que "relatos de massacres [de ianomâmis] remontam a 1987 mas ninguém jamais foi punido por eles".

Blount entrevistou o deputado Fabio Feldman, que lhe declarou: "Recebi que a única maneira deveres encontrar acabando e com a total destruição dos ianomâmis". Feldman também denunciou ao "Post" militares e políticos de Roraima por criarem um "clima de impunidade" na região amazônica.

No "Times", que trata do caso pela segunda dia seguido, a chacina aparece ontem na página 3, uma dos mais nobres do jornal. O texto, assinado pelo correspondente James Brooke, tem o título "Ataque contra índios brasileiros é o pior desde 1910". As informações de Brooke ao escrever o texto eram de que o número de mortos no massacre havia subido de 30.

A avaliação de que essa é a maior chacina de índios brasileiros em 83 anos foi feita a Brooke pelo antropólogo e senador Darcy Ribeiro. O "Times" também cita a Anistia Internacional, segundo a qual nenhum julgamento foi realizado para apurar outros casos de assassinatos de ianomâmis ocorridos nos últimos anos (CELS).

Expressão de Opinião

GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ

NOTA OFICIAL

O Governo do Estado do Pará, diante da publicação de Decreto homologatório de demarcação de terras indígenas, e de Portarias do Ministro da Justiça que declaram de **posse permanente** várias áreas do território paraense, e isto após e apesar de expediente encaminhado ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República no último dia 18, vem publicamente manifestar seu protesto a respeito desses fatos, esclarecendo o que se segue:

I — Inicialmente reitera sua inquestionável solidariedade às causas da comunidade indígena, principalmente quanto à demarcação de suas terras, porém jamais concordando com toda e qualquer **ampliação** socialmente injustificada — como no presente caso - que **aumenta** de 655.000 hectares para mais de SEIS MILHÕES DE HECTARES as áreas das tribos **Menkragnoti** e **Ba**[illegible] (quinhentos e oitenta e oito índios), o que resulta em mais de 10 MIL HECTARES por índio, se estabelecermos uma relação entre a área demarcada e o número de silvícolas nela existentes;

II — Preocupa ao Governo do Estado a **ampliação** desmesurada das referidas áreas, posto que nas mesmas já existem **propriedades privadas** e **posseiros** e, desde já, responsabiliza as autoridades federais pelos inevitáveis **consequências** — quase sempre violentas — dos conflitos que poderão daí advir; como lamentavelmente agora ocorreu em Roraima, sem registro de episódios semelhantes no país;

III - Manifesta igualmente seu repúdio à violência ocorrida em Roraima contra grupos indígenas e, ao mesmo tempo, aguarda e apuração dos fatos e a punição imediata dos responsáveis pelo deplorável acontecimento;

IV - Na defesa do patrimônio coletivo, conclama os Poderes Constituídos e os diversos segmentos da sociedade - particularmente a representação parlamentar do Pará no Congresso Nacional - a permanecerem vigilantes quanto à influência de interesses estranhos (internos e externos) nos processos demarcatórios de terras indígenas; e

V - Declara sua decisão de não se conformar com a supressão de grande parte das terras mais ricas do Estado do Pará, de protestar contra a violência aos princípios federativos e à autonomia estadual e que defenderá, pela via judicial - até a última instância - a integridade do território paraense.

Belém, 21 de agosto de 1993.
JADER FONTENELLE BARBALHO
Governador do Estado do Pará



O bicheiro Ivo Noal, que está foragido

POLÍCIA

A Justiça de São Paulo acatou ontem pedido de habeas corpus de Ivo Noal.

PÁG. 7



Policiais tentam conter manifestantes, em SP

EDUCAÇÃO

Professores da rede estadual de SP protestaram ontem na Autolatina.

PÁG. 3



Meninos de rua simulando morte no protesto

VIOLÊNCIA

Termina em briga protesto que marcou um mês da chacina de menores na Candelária.

PÁG. 7

FOLHA INFORMAÇÕES

Educação
Saiba todos os detalhes sobre o projeto que vai incentivar a leitura de jornal nas escolas
Ligue para:
(011) 224-4301

O PERSONAGEM

Maria Bethânia deixa Instituto do Coração



A cantora Maria Bethânia (foto) recebeu alta ontem às 11h30 e deixou o Instituto do Coração à tarde, segundo a assessoria de imprensa do hospital. Bethânia foi internada na última sexta para uma cirurgia ginecológica, realizada na manhã do sábado.

Polícia descobre escuta telefônica no Guarujá

Juízes e promotores do Guarujá pediram ao Tribunal de Justiça do Estado a nomeação de um juiz para acompanhar investigações sobre cerca de 16 escutas telefônicas descobertas pela Polícia Civil. Os "grampos" estavam ligados aos telefones do Fórum e das casas dos juízes, promotores e delegados da cidade. A informação é do delegado titular do 1º Distrito do Guarujá, Luiz Maurício Blureck.

SENA

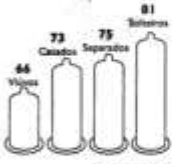
CONCURSO 284
Dezenas sorteadas
07, 21, 37, 38, 40 e 42
Prêmio principal
CR$ 41,9 milhões

LOTO

CONCURSO 1.028
Dezenas sorteadas
03, 31, 47, 52 e 86
Prêmio da quina
CR$ 16,2 milhões

INDIFOLHA

SOLTEIROS TÊM MAIS MEDO DA AIDS
Em %



Secretário quer 'merenda de segunda'

Responsável pelo abastecimento diz que 'pobre não distingue arroz de primeira e de terceira'



Crianças comem sopa de legumes servida ontem na merenda da Escola Municipal Brigadeiro Faria Lima, na Aclimação

ALEXANDRE SECCO
Da Reportagem Local

O novo secretário do Abastecimento de São Paulo, Waldemar Costa Filho, responsável pela alimentação de 700 mil crianças matriculadas nas escolas e creches municipais, defende que a prefeitura compre alimentos da "segunda" para a merenda. "Comida de primeira é uma piada", disse. Ele quer instituir a compra de "comida de segunda" para economizar dinheiro. Sua meta é fazer da merenda de São Paulo "a melhor do Brasil" dentro de 45 dias, com "produtos de época e mais variedade".

Costa Filho, nomeado em 29 de julho pelo prefeito Paulo Maluf, também propõe premiar com cinco litros de leite os alunos que, ao final do mês, não tiverem nenhuma falta em aula. "A idéia ainda está na cabeça. Tenho medo, as pessoas podem pensar que é eleitoral", afirmou o secretário.

Quando assumiu a pasta, no lugar de Américo Utumi, Costa Filho disse não entender "nada" de abastecimento. No dia seguinte, prometeu um programa "dentro de 15 dias". "Não tenho culpa se só falo o que sinto", justificou. Costa Filho afirma que agora já conhece tudo o que se faz na secretaria. Ele acha que falar em "merenda de segunda" vai lhe causar problemas e teme ser mal interpretado na proposta do prêmio em leite aos alunos assíduos.

O secretário acha demagogia o discurso da merenda com produtos de primeira qualidade. "Nunca estive comido de primeira na prefeitura, mas ninguém morreu disso." Costa Filho lembrou que em sua casa só se come arroz "extra", mas, para ele, "pobre come muito bem arroz de terceira, não dá nem para distinguir".

Ele diz que a prefeitura poderá "economizar um absurdo" com a compra de alimentos de segunda. O secretário disse que estudou um artigo analisar o arroz distribuído atualmente na merenda. O arroz, segundo ele, é uma mistura de produto indiano, equatoriano e vietnamita. "As crianças já estão comendo arroz de terceira qualidade e nem estão percebendo, como eu não percebi, quando provei a merenda de uma escola", disse.

Outro motivo que, segundo o secretário, justifica a compra de alimentos de segunda, é evitar que a prefeitura seja enganada. Ele deu um exemplo: o governo compra carne de boi (mais macia e cara), paga pela carne de boi e recebe carne de vaca (mais dura e barata). "É claro que agora vamos comprar carne de vaca."

Até o final do ano, ainda de acordo com o programa do governo, a Secretaria de Abastecimento deve entregar três mercados reformados (São Miguel Paulista, Central e da Penha). Costa Filho também quer vender novo produtos da cesta básica no mercado direto do produtor para o consumidor.

'Proposta' divide mães e crianças

'Ninguém é cachorro para aceitar comida de segunda', diz mãe de aluna

Da Reportagem Local

A idéia de comprar "alimentos de segunda" para a merenda dividiu as mães e alunos da rede pública municipal. Para os alunos de séries altas, Rodrigo Domingos Silvio, 13, e Carlos Alexandre da Silva Leal, 13, o secretário de Abastecimento está certo. Silvio diz que os colegas "jogam comida fora". Silva Leal acredita que "para ir ao lixo comida de segunda serve". Os dois estudam na Escola Municipal Brigadeiro Faria Lima, na Aclimação (zona sul).

Maria Soares de Araújo, mãe de Katy, aluna da sexta série, condenou a proposta: "ninguém é cachorro para aceitar comida de segunda". Ela diz que a filha não gosta da comida da escola. "Não é como a de casa", reclamou Katy. Leticia Vali da Silva, 10, aluna da quarta série, achou a proposta "péssima". "Eles querem piorar...", estranhou. A menina gostou da idéia do prêmio em leite. Disse que este ano só faltou uma vez à aula, pois estava doente. "Se tiverem leite não faltaria", disse.

Para Maria dos Reis, mãe da aluna da quarta série Isis Oliveira, 10, a proposta do secretário é boa. Maria acredita que, se a prefeitura pode economizar comprando "comida de segunda", "é válido". "As crianças nem percebem", disse. Isis gosta da comida da escola.

Ontem as crianças da escola Faria Lima comeram sopa. Pela manhã ganharam bananas. Para a merenda da tarde e da noite as bananas acabaram. Costa Filho disse que as crianças recebem arroz-doce e gelatina de sobremesa e comem algum tipo de carne todo dia. Na escola, o arroz doce não é sobremesa, é a refeição do dia. O cardápio de hoje deve ter leite e bolacha.

ISTO É WALDEMAR



O secretário Costa Filho

"*No caso da carne, todos estão comendo carne de vaca. A vaca leva de 15 a 18 anos para morrer. É uma carne dura. O brasileiro é trouxa por natureza. Se não fosse trouxa, não estaríamos passando uma situação dessas... todo mundo aguenta, ninguém faz nada...*"
(Sobre produtos para a merenda escolar)

"*No afã de comprar tudo de primeira, nunca estrou comida de primeira na prefeitura, mas também nunca ninguém falou isso. Quando a criança sair da escola vai sentir falta dessa comida de hoje e vai tentar roubar para conseguir comer o mesmo que comia na merenda do município.*"
(Sobre a qualidade da merenda)

"*O que eu disser é sincero, eu não escondo nada. O povo não tem obrigação de me dar crédito. A merenda eu conheci. Sobre abastecimento eu já sei o bastante... conheço todo o serviço... não entendo nada de abastecimento mas estou conhecendo...*"
(Sobre assumir a Secretaria de Abastecimento sem experiência na área)

LIGUE JÁ - 0800 - 114255

@gradiente — 40 PEÇAS
COM TOCA DISCOS LASER — ACOMPANHA RACK
CONJUNTO INTEGRADO GRADIENTE DS-660 COM TOCA DISCOS LACER CDP-4000 - CONTROLE REMOTO
À vista: 59.760, ou 2 x s/ 33.900,

@gradiente — 4 CABEÇAS — 30 PEÇAS
VÍDEO CASSETE GRADIENTE DS-404 - 4 CABEÇAS - CONTROLE REMOTO
À vista: 33.500, ou 2 x s/ 19.000,

@gradiente — 40 PEÇAS
TV COR GRADIENTE 2011 - 20 POLEGADAS CONTROLE REMOTO
À vista: 30.940, ou 2 x s/ 17.550,
20" MONITOR CONTROLE REMOTO VHF/UHF

CENTRO: AV. BRIGADEIRO LUIS ANTÔNIO, 1760/50 - RUA SANTA IFIGÊNIA, 367 - RUA MARIA MARCOLINA, 705 - RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 48
CASA CENTRO
SHOPPINGS: IBIRAPUERA-IGUATEMI-CENTER NORTE-LAR CENTER-MORUMBI INTERLAGOS-JARDIM SUL-WEST PLAZA-TAMBORÉ-LESTE ARICANDUVA-PINHA

EDUCAÇÃO

Professores protestam na festa do Fusca

Grevistas aproveitam a presença de Itamar e Fleury em São Bernardo para apresentar reivindicações



Cães da polícia latem para professores que protestavam contra política educacional

Da Reportagem Local

Professores da rede de ensino do Estado de São Paulo, em greve desde quarta-feira passada, fizeram manifestação ontem de manhã em frente à Autolatina, em São Bernardo do Campo (Grande São Paulo). O presidente Itamar Franco e o governador de São Paulo, Luis Antonio Fleury Filho, estavam no local para a solenidade de relançamento do Fusca.

Os professores —que reivindicam reajuste salarial de 187%— foram mantidos a cerca de 500 metros do portão por onde passaram as autoridades. Houve um princípio de tumulto quando os manifestantes —300, segundo a PM; 1.000, segundo o sindicato dos professores— saíram em passeata em direção ao centro de São Bernardo do Campo.

Oitenta homens do Batalhão de Choque contiveram a saída dos professores, que colecionaria com a das autoridades. Houve troca de empurrões e correria. Os policiais soltaram cavalos e cães na operação.

Por intermédio do presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, Vicente Paulo da Silva, a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado) fez chegar cartas ao presidente Itamar e ao governador Fleury. Na carta a Itamar o sindicato faz um balanço da situação de educação no Brasil. A Fleury, a Apeoesp reivindica a "imediata abertura de negociações, rompidas desde o início da paralisação.

Números

A Apeoesp não fechou ontem uma avaliação da adesão à greve —sexta-feira passada, cálculos que 62% dos professores estavam parados. Segundo o governo, estariam funcionando normalmente 60% escolas da Grande São Paulo e 66% das do interior.

A Secretaria de Estado da Educação veiculou anteontem e ontem em jornais e na televisão sua proposta para os professores: reajuste de 129% até setembro (20% em agosto) e aumento de 400% no valor do vale alimentação, em setembro. A proposta mantém a política salarial do governo de repor as perdas salariais do semestre em março e setembro.

A GREVE NO ENSINO DE SP

- Quem são: 220 mil professores
- Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo, filiado à CUT e a CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação)
- Início: quarta-feira, dia 18
- Adesão: na sexta-feira 62% das escolas, em média, segundo a Apeoesp; 43% e 33% das escolas (com paralisação parcial ou total) na Grande São Paulo e interior, respectivamente, segundo o governo
- Próxima assembléia geral: quinta-feira, dia 26, às 14h, no Palácio dos Bandeirantes
- Reivindicações: reajuste de 187% para repor perdas desde março de 1987; política salarial que recomponha, mês a mês, as perdas com relação entre outros
- Contraproposta: política salarial que repõe semestralmente (março e setembro) as perdas (reajuste de 129% em setembro [20% em agosto] e mais vale alimentação de CR$ 31,00 para CR$ 124,00
- Alunos: 6 milhões (6.300 escolas)

Professora protesta desde 63

Da Reportagem Local

A professora Gloria Aparecida Shimabuco, 57, tem 33 anos de profissão. Recebeu em julho CR$ 12 mil do Estado por jornadas diárias das 7h30 às 11h e das 13h às 16h30. Para reforçar o orçamento, ela trabalha na rede municipal à noite, das 18h às 22h.

Gloria participa de protestos por melhores condições de salário e ensino desde 1963, quando Adhemar de Barros era o governador de São Paulo. "Naquela época, as professoras iam às reuniões de tailleur e brincos de ouro". Ela vestia no protesto de ontem a roupa que usou em sua formatura, em 1956 —uma boca negra preta.

Carregava placa com uma mensagem, segundo diz, inalterada em anos de pauscota —"a vida do professor está um quadro negro". Gloria se aposentou em junho de 1979. Reingressou na carreira dois meses depois por concurso.

"O Maluf, então governador, cortou cinco referências (gratificações) do funcionalismo. Decidi continuar na ativa", diz Gloria, licenciada em matemática e educação artística. Ela não sabe quando se aposentará de fato e diz que a situação dos professores "despenca acentuadamente" nos últimos 15 anos.



Paulo Cardim, da federação de faculdades particulares

Escolas ameaçam com 'desobediência civil'

Da Sucursal do Rio

A Fiep (Federação das Instituições de Ensino Particulares) classificou ontem de "ilegal" a MP (Medida Provisória) que fixou regras para o reajuste das mensalidades escolares em agosto. Em uma nota distribuída ontem, a Fiep, que diz representar 35 mil escolas e 21 sindicatos, afirma que as escolas não podem cumprir as determinações e que restará "a provável desobediência civil para garantir a sua sobrevivência".

O secretário-executivo do Ministério da Educação, Rubens Vianello, disse através de sua assessoria que "quando se ameaça com provável descumprimento da lei, mas é problema da Justiça, pois as leis foram feitas para serem cumpridas". Para Vianello, o STF (Supremo Tribunal Federal) é que decide se uma MP é ou não constitucional.

O presidente da Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior do Sul e Sudeste, Paulo Cardim, 45, acha que a MP apenas reforça o que os MEC e INSS devem ser aplicados à entrada em vigor de janeiro não à de julho. "Nós nunca tivemos dúvida quanto a isso", diz ele.

Segundo a Fiep, a MP viola regras constitucionais legais. De acordo com o presidente da entidade, José Zenker, as regras fixadas "colocam em risco a saúde financeira das escolas particulares, na medida em que o reajuste de agosto será pago em três vezes, quando já se amontoam perdas registradas durante todo o primeiro semestre". Paulo Cardim também é contra: "É a institucionalização do caloteio", diz.

A Fiep se reúne amanhã em Brasília. A entidade também critica a MP que proíbe sanções contra alunos inadimplentes. "O governo, indiretamente, está estimulando o calote", diz em nota.

Para Vianello, "existem mecanismos para se cobrar dívidas que não são a punição imediata".

HIPERMERCADO eldorado

O ELDORADO PAMPLONA DEIXA POR MENOS.

A 3ª FEIRA ESTÁ COM OS PREÇOS LÁ EMBAIXO.

MERCEARIA

Arroz tipo 1 Suprassa pct 5 kg	189,00
Óleo de milho Milleto fr 900 ml	109,00
Macarrão c/ovos Premiata pct 500 gr	23,90
Molho tomate refog. pedaços Tomatelli fr 350 gr	35,90
Ervilha Peixe lt 200 gr	23,90
Milho Verde Peixe lt 200 gr	28,90
Sardinha Coqueiro lt 135 gr	24,90
Maionese Maionegg's pt 500 gr	79,90
Creme Leite Alimba Leve 3 Pague2 tp 250 gr	81,90
Achocolatado Nescau lt 500 gr	89,90
Café moído Pelé pct 500 gr	117,90
Pão de Mel Prink pt 700 gr	189,00
Chocolate Nestlé Suflair c/2	42,90
Cereal Superbom Corn Flakes cx 200 gr	99,00
Biscoito Nabisco Triggy Cracker pct 200 gr	65,90
BEBIDAS	
Refrigerante Brahma Pet 2000 ml	79,00
Cervejo Malt 90 gfa 600 ml (só líquido)	29,00
LIMPEZA E HIGIENE	
Detergente líquido Limpol fr 500 ml	23,90
Detergente em pó Omo Dupla Ação cx 1 kg	139,50
Shampoo Karina Leve 3 Pague 2 500 ml	169,00

PERECIVEIS

Contra Filé, Alcatra kg	268,00
Coxão Mole, Coxão Duro e Patinho kg	248,00
Presunto Cozido Sadia pça/kg	349,00
Requeijão Cremoso Danone copo 250 gr	139,00
Creme Vegetal Alpina pt 500 gr	59,00
Creme Vegetal Claybom pt 500 gr	69,00
Queijo Petit Suisse Danoninho bj 360 gr	129,00
Queijo Parmesão ralado Teixeira pct 100 gr	70,00
Leite Longa Vida Leca s/desnatado 1000 ml	49,00
Leite Longa Vida Parmalat Dieta 1000 ml	49,00

BAZAR

Hollywood KS pct c/ 10 maços	739,00
Free KS pct c/ 10 maços	679,00
Marlboro FT pct c/ 10 maços	840,00
LM KS pct c/ 10 maços	649,00
LM FT pct c/ 10 maços	670,00
Poll Mall KS/Box pct c/ 10 maços	575,00
Viceroy Slims pct c/ 10 maços	575,00

O MINISTÉRIO DA SAÚDE ADVERTE: FUMAR É PREJUDICIAL À SAÚDE.

AUTOMOTIVOS

Kit Shampoo L/pneu Protect "grátis 1 silicone"	199,00
Cera cremosa Grand Prix Johnson	299,00
Limpador c/brilho Grand Prix Johnson	159,00
Cera tradicional Grand Prix Johnson	179,00

Comprando com o cartão Eldorado, você tem até 10 dias para pagar sem encargos financeiros.



Solicite o seu na loja Eldorado mais próxima de você ou ligue para 0800-152152

O CARTÃO ELDORADO É CONCEDIDO C/EXCLUSIVIDADE PARA OS ASSOCIADOS CREDICARD MASTERCARD

OFERTAS VALIDAS DIA 24/08/93

EXCLUSIVAS PARA A LOJA PAMPLONA

NÃO VENDEMOS NO ATACADO

AQUI TA MAIS BARATO — HIPERMERCADO eldorado — COMPRE ESSA IDEIA

Pamplona

Rua Pamplona, 1.704 - Tel.: 887-0877

CL

NOVO MINISTÉRIO

Itamar nomeia Ricúpero para pasta da Amazônia

Atual embaixador do Brasil nos EUA se diz 'muito honrado'



Rubens Ricúpero, ministro nomeado para a Amazônia

Da Sucursal de Brasília

O ministro Extraordinário para Articulação de Ações na Amazônia Legal será o atual embaixador do Brasil em Washington, Rubens Ricúpero, 56.



O convite foi feito ontem pelo presidente Itamar Franco, por telefone, e aceito pelo diplomata. Itamar deu o telefonema durante a reunião com os ministros Fernando Henrique Cardoso (Fazenda), Alexis Stepanenko (Planejamento) e os ministros militares.

O Palácio do Planalto ainda não divulgou o nome do substituto de Ricúpero em Washington. Um dos mais cotados é o do embaixador brasileiro em Londres, Paulo Tarso Flecha de Lima.

A nomeação de Ricúpero para o novo ministério pode significar o início do rodízio dos embaixadores brasileiros no exterior.

Ricúpero poderá contar apenas com um chefe de Gabinete, dois assessores, um adjunto e uma secretária. Ainda não foi definição quanto à sede. O ministério não terá orçamento próprio.

Ainda não foi marcada a posse e nem o retorno do embaixador para o Brasil. A criação do novo ministério foi aprovada pelo Conselho de Defesa Nacional, em reunião com Itamar, na qual foi discutida a questão do massacre dos índios ianomamis, em Roraima.

Ricupero se declarou "muito honrado com a deferência do presidente Itamar Franco". Ricupero não deu entrevistas ontem, mas pediu ao encarregado de relações com imprensa da Embaixada, Roberto Ardenghy, que transmitisse essas afirmações.

Colaborou CARLOS EDUARDO LINS DA SILVA, de Washington

Ministros discutem Sipam

Da Sucursal de Brasília

O governo fez ontem a primeira reunião para definir de onde tirar o dinheiro para financiar a implantação do Sipam (Sistema de Proteção da Amazônia) que deve custar aproximadamente US$ 1,2 bilhão. Até a semana passada, o governo esperava gastar US$ 500 milhões implantando apenas parte do Sipam —o Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia), que é uma rede composta por 17 radares.

Participaram da reunião no Planalto o presidente Itamar e os ministros Fernando Henrique Cardoso (Fazenda), Alexis Stepanenko (Planejamento), Zenildo de Lucena (Exército), Lélio Lobo (Aeronáutica) e Ivan Serpa (Marinha). Stepanenko deve fazer novos encontros setoriais com os ministérios militares para tratar do assunto.

Foram estudadas ontem as possibilidades de financiamento externo. A SAE tenta viabilizar um financiamento de cerca de US$ 300 milhões junto ao G-7, que reúne os sete países mais ricos (EUA, Canadá, Japão, Alemanha, Grã-Bretanha, Itália e França), para a parte considerada "civil" dos projetos de vigilância da Amazônia.

Embaixador é experiente

De Washington e da Sucursal de Brasília

O embaixador do Brasil em Washington, Rubens Ricúpero, 56, foi um dos negociadores do Tratado de Cooperação Amazônica, firmado em 1977 entre os países amazônicos para resolver problemas econômicos, de navegação, demarcação de fronteiras e proteção ambiental da região.

Paulista, formado em direito pela USP, embaixador de carreira, Ricúpero chefiou o Departamento das Américas no Itamaraty —que também trata de questões sobre a Amazônia— de 81 a 85. Em seguida, tornou-se assessor para Assuntos Internacionais do ex-presidente José Sarney.

Em 1988, foi para Genebra chefiar a missão brasileira junto aos organismos internacionais sediados naquela cidade. Marcou sua passagem com discursos agressivos contra os subsídios concedidos pela Comunidade Européia a seus produtos básicos e as pressões norte-americanas contra as importações do Brasil. Embaixador nos EUA desde 91, Ricúpero foi convidado para o Ministério do Trabalho e cotado para o Ministério da Fazenda, em substituição a Gustavo Krause. Preferiu ficar em Washington.

Barbalho critica ministério

Da Sucursal de Brasília



Governador Jáder Barbalho

O governador do Pará, Jáder Barbalho (PMDB), criticou ontem a criação pelo presidente Itamar Franco do Ministério Extraordinário para a Amazônia Legal. Na opinião de Barbalho, o presidente está tratando o problema da Amazônia "emocionalmente". "Essa foi uma idéia sem sentido prático e objetivo", disse ele.

Barbalho defendeu que no lugar de criar um ministério específico para a Amazônia o governo deveria recuperar a Sudam (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) para coordenar o desenvolvimento da região.

O governador ironizou a decisão ao deixar o Ministério da Fazenda: "Se é para criar ministério a cada incidente, deveria ter criado também o Ministério da Candelária".

O governador do Amazonas, Gilberto Mestrinho (PMDB), afirmou que é favorável ao ministério extraordinário, desde que seja para tratar apenas de questões federais na região. "Esse ministério não pode ferir a autonomia dos Estados", disse Mestrinho.

O deputado federal Fábio Feldman (PSDB-SP) criticou a iniciativa: "Não vejo porque se deve criar um ministério da Amazônia. O governo deveria criar condições para que órgãos como a Sudam e o Ibama fossem mais eficientes. Com relação à sugestão de que o nomeado seja o general Fernando Uruguaiano Vaz, vou sugerir que o PSDB deixe o governo caso o seu nome seja confirmado".

D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, disse que "a criação do ministério é a expressão da importância nesse momento. É a atenção às populações indígenas ameaçadas por grandes de garimpeiros e que precisam de uma decisão eficiente. Espero que este gesto seja capaz de trazer uma fiscalização, vigilância e atendimento às reais necessidades dos índios. É um gesto. Vamos ver se é eficaz".

Segundo o deputado José Genoíno (PT-SP), a "preocupação do governo com a questão da Amazônia" é correta: "É necessário uma política própria que leve em conta a proteção com o meio ambiente, os índios e fronteiras. Tenho dúvida se a criação do ministério é o melhor caminho".

Um pacote incluindo software, hardware e serviços com preço baixo e 60 dias para você testar. Gostou? Então veja no caderno de informática.

IBM

PUBLICIDADE

COMUNICADO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

129% DE AUMENTO PARA OS PROFESSORES

1. O Governo do Estado comunica que concederá ao magistério, nos meses de agosto e setembro, um aumento de 129% sobre os salários de julho — mantidos os atuais índices inflacionários. No mês de agosto o aumento concedido ao magistério será de 20%, já incluídas aí as duas referências prometidas para este mês.

2. O Governo do Estado comunica, também, que decidiu aumentar, a partir do mês de setembro, em quatro vezes o valor facial do vale-alimentação, que passará de CR$ 31,00 para CR$ 124,00.

São Paulo, 20 de agosto de 1993.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

GOVERNO DO SÃO PAULO

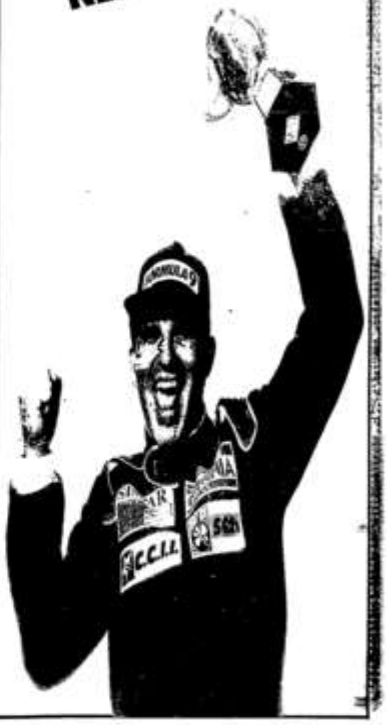
FÓRMULA 9

MELHOR QUE A FÓRMULA 1.

MELHOR QUE A FÓRMULA INDY.

É A NOVA FÓRMULA PARA VOCÊ TER SEU PRÓPRIO APARTAMENTO DE 3 DORMITÓRIOS.

LARGADA DIA 28 NESTE JORNAL.



Shutterstock Corel 150019

FOLHA DE S.PAULO

Concluído às 23h30

Diretor de Redação: Otavio Frias Filho ★ São Paulo, sexta-feira, 27 de agosto de 1993 ★ Um jornal a serviço do Brasil ★ Ano 73 ★ Nº 23.522 ★ Al. Barão de Limeira, 425 ★ CR$ 50,00

FIM-DE-SEMANA



Beatriz Segall em cena da peça "Guerra Santa", que estréia hoje - Pág. 4-3



Maxi Priest está no festival de reggae que ocorre hoje e amanhã em SP - Pág. 4-4

MPB se reúne em show contra fome

Show contra a fome vai reunir domingo, em São Paulo, Chico Buarque, Caetano Veloso, Djavan, João Bosco e Paulinho da Viola. PÁG. 4-4

Amanhã, Folha avalia os cinemas

Ganhe amanhã caderno com a avaliação do Datafolha sobre as condições de projeção, conforto e segurança de 103 salas de cinema de São Paulo.

SHOW

- **Sunsplash Reggae Festival** No Reggae Night, Hoje se apresentam Shank, Paralamas e Maxi Priest. Amanhã, Gil, Olodum e Jorge Benjor
- **Rick Wakeman** O ex-tecladista do Yes toca com seu filho hoje e amanhã no Olympia

CINEMA

- **"Presidente por um Dia"** Kevin Kline assume a Casa Branca e Sigourney Weaver é a primeira-dama
- **"Sedução - Belle Époque"** Na Espanha pré-franquista, um jovem se envolve com quatro irmãs



O ator Kevin Kline interpreta um americano comum que chega à Casa Branca por acaso na comédia "Presidente por Um Dia", que estréia hoje nos cinemas - Pág. 4-3

Itamar faz ameaça a governadores

Em represália às ações dos Estados contra o IPMF, presidente avisa que as verbas federais podem ser retidas

BRASIL

Opinião da Folha

Leia na pág. 1-2 os editoriais "Desprotação eleitoral", co-brando avanços na legislação; "Mais imposto", criticando-o; e "Miopia nas adições", pedindo mudança na lei.

SÃO PAULO

Mulher com HIV indeniza marido

A brasileira Lucicone Geraldo foi condenada pela Justiça dos EUA porque transmitiu o vírus ao ex-marido. PÁG. 3-11

BOA NOTÍCIA

Descoberta ajuda a tratar malária

A falta de uma proteína nas células vermelhas do sangue impede a ação do parasita *Plasmodium vivax*, causa mais comum de malária. Cientistas descobriram que o parasita se liga a essa proteína e pesquisam como bloqueá-la para evitar o aparecimento da doença. PÁG. 2-11

ORIENTE-SE

DÓLAR* Compra de 26/08, em CR$

Paralelo	99,00 /101,50
Turismo	96,50 / 99,50
Livre	99,834 / 99,835
Preç. dólar comercial**	85,711
Dólar comercial**	85,771

* Compra e venda especialmente
** Compra e venda

UFIR CR$ 54,23	POUPANÇA 34,8509%

Ensolarado

Mínima prevista	Máxima prevista
13°	25°
Ontem: 13,4°	Ontem: 24,2°
Há um ano: 7,9°	Há um ano: 21,2°

Seções

1 brasil — esporte
2 dinheiro — 4 ilustrada
mundo
tudo junto

Esta edição tem
64 Páginas
15 de Acessórios São Paulo
e de Esporte Especial
444.602 exemplares



Professores estaduais caminham pela avenida Morumbi observados pela Polícia Militar

O presidente Itamar Franco ameaçou reter as verbas federais para os governadores que recorrerem à Justiça contra o IPMF. O porta-voz Francisco Baker disse que Itamar, após conversa com o governador Luiz Antonio Fleury (SP), afirmou: "Talvez, quando os governadores solicitarem verbas do governo federal, elas também estejam sub-júdice". Baker confirmou que a Advocacia Geral da União estuda propor ao STF ação declaratória de constitucionalidade do imposto do cheque. Os governador de São Paulo, Bahia, Paraná e Rio Grande do Sul conseguiram liminares. A Justiça Federal de São Paulo recebeu ontem 262 mandados de segurança contra o IPMF no seu primeiro dia. PÁG. 2-3

Fipe espera inflação perto de 34% no mês

A taxa de inflação em São Paulo atingiu 33,4% na terceira quadrissemana deste mês. A aceleração foi de 0,68 ponto percentual sobre os 32,72% registrados na segunda quadrissemana, mostra a Fipe. A inflação deve fechar o mês próxima dos 34%. O ministro Fernando Henrique Cardoso (Fazenda) considerou "previsível" a alta apontada pela Fipe. No Senado, o presidente do Banco Central, Pedro Malan, descartou queda rápida dos juros. Brasil



O atacante Bebeto dá um voleio no treino em Teresópolis

Professores paulistas e PM entram em choque

Professores da rede estadual e a Tropa de Choque da PM se enfrentaram ontem durante manifestação perto do Palácio dos Bandeirantes. A PM usou bombas de fumaça para dispersar os cerca de 10 mil professores —20 mil, segundo os manifestantes. Pelos menos 13 pessoas ficaram feridas. Os professores estão em greve há oito dias por aumento salarial. O conflito começou quando eles romperam isolamento feito pela polícia. PÁGs. 3-1 e 3-3

Zenildo diz que não há ameaça de um golpe

O ministro do Exército, general Zenildo de Lucena, descarta a possibilidade de um golpe militar no Brasil. "Das Forças Armadas não partirá nenhum movimento para derrubar o atual governo", afirmou ele à **Folha** em sua primeira entrevista exclusiva. O ministro compara a questão dos ianomâmis ao separatismo da Bósnia e critica as dimensões da reserva. Em sua avaliação, é "área demais para pouco índio". PÁG. 1-8

PF solicita ajuda nas apurações da chacina

AMÉRICO MARTINS
Enviado especial a Boa Vista

A Polícia Federal em Roraima pediu oficialmente colaboração dos militares na busca de evidências do massacre ianomâmi. O Exército trabalha com a informação de que o conflito entre garimpeiros e índios começou em junho na Venezuela. Os 60 soldados e oficiais do 4º Pelotão Especial de Fronteiras em Surucucu podem ser enviados para a maloca Haximu. PÁG. 1-11

Parreira avisa hoje se usa Raí contra Bolívia

O técnico Carlos Alberto Parreira decide hoje se escala Raí contra a Bolívia no domingo pelas eliminatórias da Copa. O capitão do time está machucado na coxa. Palhinha deve ser seu substituto no meio-campo. O técnico cancelou o treino físico de hoje por considerar que os jogadores já estão em forma. Esporte

Planalto veta fim da prisão a sonegadores

O presidente Itamar Franco vetou ontem artigo do projeto aprovado pelo Congresso que acaba com a prisão e o processo judicial contra sonegadores que quitarem seus débitos. O artigo foi proposto pelo senador Gilberto Miranda (PMDB-AM). O veto foi pedido pelo ministro Fernando Henrique Cardoso (Fazenda). PÁG. 1-4



Oswaldo Rosário, morte esmagada, CPI, [illegible]

Oswaldo trazida da aldeia Homoxi, na reserva ianomâmi em Roraima, é mostrado no Instituto de Criminalística da Polícia Federal, encarregado de realizar a perícia - Págs. 1-10 e 1-11



Jennifer Stewart, ontem, ao chegar a São Paulo

FANTASIA

Chega a SP a atriz Jennifer Stewart, que interpreta a Estátua da Liberdade.

PÁG. 12



O aeroporto de Viracopos, em Campinas, SP

TRANSPORTE

O aeroporto de Viracopos, em Campinas, está operando 11 novas linhas essa semana.

PÁG. 3



A mulher de Pádua, Paula Thomaz, com o filho

DANIELLA

A mulher de Guilherme de Pádua disse que o ator é 'psicopata e assassino'.

PÁG. 9

FOLHA INFORMAÇÕES

Educação

Saiba todos os detalhes sobre o projeto que vira transformar a leitura de jornal nas escolas

Ligue para:

(011) 224-4301

O PERSONAGEM

Privatização da Dutra atrai 23 empresas



Vinte e três empresas interessadas no processo de privatização da Dutra —que liga São Paulo ao Rio— retiraram ontem os editais de licitação na Divisão de Cadastro do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. O ministro dos Transportes, Alberto Goldman (foto), anunciou a privatização dos serviços da rodovia no início do ano.

O NÚMERO

25

...telefones para cada 100 moradores é a média das linhas instaladas em Ribeirão Preto (SP), a maior do país. A média nacional é de 7 por 100 habitantes. A Companhia Telefônica de Ribeirão Preto entrega hoje o telefone número 100.000.

Projeto favorece professor aposentado

A Prefeitura de São Paulo enviou ontem à Câmara projeto que altera a carreira dos cerca de 53 mil funcionários da Educação no município. Oenvais beneficiados são os professores que se aposentaram antes de dezembro de 83. Um aposentado, que recebe hoje CR$ 26.286,00, receberá CR$85.800,00 (226% a mais). Segundo o vereador Miguel Colasuonno (PPR), 54, líder do governo na Câmara, há consenso a favor do projeto.

Presos fogem de DP no norte de São Paulo

Vinte e quatro presos fugiram ontem do 12º DP, no Pari, zona norte de São Paulo. Com o auxílio de uma "terceira", corda improvisada feita com peças de roupa, os presos fugiram de três celas depois de serrarem as grades. Até o final da tarde de ontem, seis presos haviam sido recapturados pela polícia.

LOTO

CONCURSO 1.029

Dezenas sorteadas
14, 34, 39, 53 e 65
Prêmio da quina
CR$ 6,7 milhões

INDIFOLHA

RECIFENSES TÊM MAIS MEDO DA AIDS

Quantos têm medo, em %



Professores e PM entram em choque

Polícia usa bomba de fumaça para dispersar manifestantes que passaram por cordão de isolamento



Manifestantes tentam depredar carro da Tropa de Choque da Polícia Militar no Morumbi



Policiais perfilados para impedir o acesso dos professores ao Palácio dos Bandeirantes



Grevistas ontem munidos de pedaços de pau e pedras durante o confronto com a polícia

Da Reportagem Local

A Tropa de Choque da Polícia Militar usou ontem bombas de fumaça e de efeito moral para dispersar a manifestação de professores da rede estadual de São Paulo a 500 metros do Palácio dos Bandeirantes (sede do governo). Os manifestantes —cerca de 10 mil, segundo a PM, e 40 mil, segundo o sindicato dos professores— reivindicavam reajustes mensais e 187% de reposição salarial.

O conflito aconteceu quando um grupo de professores passou pelo cordão de isolamento formado por 21 policiais. Os manifestantes caminharam em direção ao tenente bloqueio atirando pous e pedras na tropa de choque. Um carro blindado tentou dispersar a manifestação com jatos de água, sem sucesso.

Duas pessoas pularam no carro e tentaram arrancar as grades de proteção do pára-brisa. A polícia reagiu com várias bombas de fumaça e de efeito moral (que apenas fazem barulho e não são soar explosivo). Pelo menos 13 pessoas ficaram feridas —dos manifestantes e três PMs. Uma pessoa foi presa.

Após serem dispersos, manifestantes com restos coberta por caminhões voltaram a jogar pedras. A PM respondeu com bombas. Os organizadores da passeata tentaram formar um cordão para impedir que os manifestantes entrassem em choque com a polícia.

Uma cerca foi derrubada e várias pessoas subiram um barranco para furar o bloqueio policial por outra rua. Após o distúrbio, uma comissão de parlamentares, representantes dos professores e líderes da CUT (Central Única dos Trabalhadores) foi recebida no palácio pelo secretário de Governo, Cláudio Alvarenga. O governo apresentou proposta de reabrir negociações.

Os professores estão em greve há oito dias e decidiram ontem continuar o movimento. Segundo o presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Roberto Felício, a reação dos professores foi uma consequência "das péssimas condições salariais e do aparato de guerra montado pelo governo".

(Luis Eduardo Leal e André Lozano)

LEIA MAIS sobre a manifestação 6 pág. 3-1

PM atua com 500 homens

Da Reportagem Local

O secretário estadual de Governo, Cláudio Alvarenga, recebeu uma comissão de professores, acompanhada de representantes de entidades sindicais e deputados estaduais do PT, PC do B e PMDB.

A reunião começou às 17h30 e só às 18h25 não havia terminado. O governo propôs que a Apeoesp fosse recebido hoje pelo secretário de Educação, Fernando Morais. O governador Luiz Antonio Fleury Filho se disse a se reunir com uma comissão de deputados e sindicalistas até terça-feira.

Enquanto a reunião acontecia, os professores permaneciam concentrados. Eles também avançaram o limite estabelecido pela PM, a uns quilômetro do palácio. Alguns manifestantes atiraram pedras sobre os policiais.

(LHA)





OS PROFESSORES ESTÃO HÁ

8

dias em greve

A POLÍCIA ENVIOU

500

policiais da tropa de choque para a frente do palácio

A GREVE NO ENSINO DE SP

- **Quem são:** 220 mil professores
- **Entidade:** Apoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), filiada à CUT e à CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação)
- **Início:** quarta-feira, dia 18
- **Adesão ontem:** 70% dos docentes, em média, segundo a Apoesp; 51% e 40% das escolas (com paralisação parcial ou total) na Grande São Paulo e interior, respectivamente, segundo o governo
- **Reivindicações:** reajuste de 187% para repor perdas desde março de 1987; política salarial que reponha, mês a mês, as perdas com inflação; entre outras
- **Contrapropostas:** política salarial que repõe semestralmente (março e setembro) as perdas; reajuste de 129% até setembro (20% em agosto); eleva vale alimentação de CR$ 31,00 para CR$ 124,00, em setembro
- **Alunos:** 4,5 milhões (4.500 escolas)

EDUCAÇÃO

Fleury se recusa a receber professores

Comissão de grevistas foi recebida pelo secretário de Governo, Cláudio Alvarenga, que definiu ato como 'político'

Prejuízo é dos alunos

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

A semelhança das cenas de enfrentamento ontem no Palácio dos Bandeirantes com as de maio de 1989 mostra que nem o governo nem os professores conseguiram, em cinco anos, encontrar formas de melhorar o ensino do Estado.

Os professores voltam a recorrer à greve como principal arma de pressão. Os prejuízos para os alunos são irreparáveis: a reposição de aulas é fraca, quando não, inexistente. Foram 25 dias parados no ano passado; três meses em 1989; uma semana e meia, até agora.

O governo, por sua vez, não formula uma política salarial que garanta o mínimo de estabilidade ao orçamento dos professores. Após 25 dias de greve no segundo semestre de 1992, o governador Luiz Antonio Fleury Filho reajustou os salários para o valor que tinham no início de sua gestão. Prometeu que faria isso a cada seis meses.

Mas, dois meses antes do prazo se completar, os salários chegam ao nível mais baixo deste governo: piso de CR$ 6,9 mil; em uma "escola-padrão", com formação universitária, um docente pode receber pouco mais de CR$ 20 mil. Como o governo estadual tem, desde a gestão Quércia, dado aumento diferenciado para os servidores estaduais, o setor que faz mais "barulho" é o que acaba com os melhores reajustes. Daí à greve é um passo.



Manifestante segura pedaço de pau durante manifestação de ontem por melhores salários



Professores derrubam grade de um terreno no Morumbi para fugir de choque com a PM

LUIS HENRIQUE AMARAL
Da Reportagem Local

O governador Luiz Antonio Fleury Filho se recusou ontem a receber a comissão de grevistas e sindicalistas que foi ao Palácio dos Bandeirantes tentar negociar um acordo salarial. O secretário de Governo, Claudio Alvarenga, informou à comissão que Fleury não negocia com funcionários em greve. A assessoria do governador informou que ele tinha uma agenda "pré-estabelecida", da qual não constava o encontro.

Alvarenga afirmou que a manifestação foi "um ato absolutamente político", pois "o governo vem reajustando os professores acima da inflação". Disse também que a polícia sempre será chamada para "que não haja ameaça à ordem ou quebra da autoridade". Segundo ele, Fleury "não abdica do princípio de autoridade".

Negociação

Às 17h30, uma comissão representando os grevistas se encontrou por uma hora e meia com Alvarenga. O governo apresentou duas propostas. A primeira é realizar hoje uma reunião de negociação entre o secretário da Educação, Fernando Morais, e os representantes da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). A segunda é promover um encontro, na terça-feira, entre Fleury, deputados e sindicalistas, desde que o sindicato dos professores não participe.

As propostas do governo foram levadas para os manifestantes, que estavam a 500 metros do palácio. Em votação, eles aceitaram se encontrar hoje com o secretário Morais, mas decidiram que a reunião com Fleury só vai acontecer se também forem recebidos os representantes dos professores.

Participaram da reunião o presidente da Central Única dos Trabalhadores, Jair Meneguelli, a vice-presidente da Apeoesp, Eneide Moreira Lima, o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD, Vicente Paulo da Silva, sócio de deputados estaduais do PT, PC do B e um do PMDB.

Após a reunião, o secretário Claudio Alvarenga afirmou que, com o aumento de 33% que será concedido em setembro, os professores tiveram aumento acumulado de 1.083,33% no período de um ano "contra uma inflação de 864,89%".

Interior participa do protesto

Da Folha Vale
e da Folha ABCD

A paralisação dos professores no Vale do Paraíba (região leste do Estado de São Paulo) atingiu ontem 6.753 dos docentes, segundo a DRE (Divisão Regional de Ensino). O número representa uma adesão de 39,19% da categoria ao movimento na região.

Ontem, a greve conseguiu paralisar totalmente 29 escolas. Outras 271 estabelecimentos de ensino estavam funcionando apenas parcialmente. A Apeoesp (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) divulgou que 80% da categoria na região estava parada.

A Apeoesp organizou ontem a ida dos seus representantes e professores para participar da assembléia e da manifestação em São Paulo, em frente ao Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi.

Na última quarta-feira, os professores em greve paralisaram a via Dutra, no km 152, em São José dos Campos. A manifestação durou cerca de vinte minutos.

Na região do ABCD, a Apeoesp avalia que a greve estaria atingindo cerca de 70% dos professores da rede estadual. Os professores da região também participaram do manifesto realizado ontem no Palácio dos Bandeirantes.

Grevista compara salário a preço de abacaxi

Da Reportagem Local

O professor Cícero Benedito, 35, chamava atenção no protesto com um paletó rosa e preto com vários tiquetes-refeição pregados. Benedito anunciou, em cartaz preso ao peito, que era um "professor que tinha virado suco de abacaxi". Segundo ele, a hora-aula dos professores da rede estadual de 1º grau vale CR$ 69,00 menos que o preço de um abacaxi (CR$ 70,00).

"Se pechincharmos um pouco, conseguimos comprar uma fruta ao final de uma hora de aula", disse. O professor de história Marcelo Sabino, 34, ganhou em julho CR$ 21.000,00 por 44 horas semanais de aula. Ele recebe um adicional de 30% por trabalhar em escola padrão e outros 30% por dedicação exclusiva.

"O meu salário base é CR$ 10.000,00", disse. Sabino tem 12 anos de profissão e trabalha nos ensinos de 1º e 2º graus. Próximo ao cordão de isolamento da polícia, Sabino era um dos poucos que parecia evitar o confronto. "Os PMs são trabalhadores como nós, ganham menos e estão sujeitos a tiros e a situações tensas como essa".

Um policial militar próximo a Sabino disse que ganhava CR$ 14.000,00 por mês. Segundo o sindicato dos professores, com o reajuste de 20% anunciado pelo governo para agosto, o piso salarial da categoria passa para CR$ 8.300,00. "É menos que o salário mínimo de CR$ 9.000,00 anunciado pelo governo federal para setembro", diz Sabino.

A Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) reivindica piso de um salário mínimo do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) —CR$ 31.000,00 em julho. "Resolveria a minha vida", disse a professora Suely Gomes Bruno, 46, que recebeu em julho CR$ 6.900,00 por 20 horas semanais. (LHA)



PM bloqueia passagem de professores ao Palácio dos Bandeirantes durante a greve de 89

Confronto entre grevistas e PM repete cenas de 89

Na época, Fleury era secretário de Segurança Pública

Da Reportagem Local

Na greve de 1989, Luiz Antonio Fleury Filho era secretário da Segurança Pública. Nesta, ele é governador do Estado.

Em 1989, o aparato policial montado no Palácio dos Bandeirantes —1.300 homens, 50 camburões e dois caminhões lança-água— conseguiu retardar o confronamento inútil, que acabou acontecendo uma semana depois, na avenida Paulista. Outrem, apesar do aparato semelhante, o choque entre professores e polícia foi perto do Palácio dos Bandeirantes —como, em 1988, com os docentes da Universidade de São Paulo.

A presidência da Apeoesp, durante a greve de quase três meses em 89, estava com João Felício. Hoje, a Apeoesp tem à frente seu irmão, Roberto Felício. Ambos reivindicam uma política salarial que mantenha os salários dos professores estáveis. E, como o então governador Orestes Quércia, Fleury propõe índices de reajuste isolados. (FR)

HIPERMERCADO eldorado

NAS COMPRAS ACIMA DE 2.600, PAGUE COM CHEQUE PARA 06/09, SEM JUROS.

MERCEARIA
Açúcar refinado União pct 1 kg 33,90
Nescau lata 500 gr 85,50
Maionese Hellmann's vd 500 gr 99,00
Biscoito recheado Passatempo pct 200 gr 49,00
Bombom especialidades Nestlé 400 gr 159,00
Óleo de soja Eldorado lata 900 ml 66,00

PERFUMARIA E LIMPEZA
Creme dental Kolynos Super Branco 90 gr 29,90
Absorvente Sempre Livre Alette c/10 159,00
Amaciante Baby Soft 2000 ml 110,00
Álcool Vogel 1000 ml 39,00

PERECÍVEIS
Lingüiça de pernil kg 169,00
Margarina Doriana pt 500 gr 99,00
Moela congelada Sadia 750 gr 90,00
Requeijão Cremoso Rei cp 250 gr 119,00
Carne seca a granel kg 290,00
Iogurte polpa Pauli bj c/6 unid. 129,00

BAZAR
Guarda-napo Suple 22 x 22 c/50 unid. 10,90
Rolo de alumínio Reds 30 x 7,5 39,90
Filtro de papel Melitta 103 69,00
Esponja Esfrebom (Leve 4 Pague 3) 45,90
Lixeira c/ pedal Viel 399,00

CONFIRA ESTAS E MUITAS OUTRAS OFERTAS

Comprando com o cartão Eldorado, você tem até 10 dias para pagar sem encargos financeiros.

Solicite o seu na loja Eldorado mais próxima do você ou ligue para 0800-121121

O CARTÃO ELDORADO É CONCEDIDO E ADMINISTRADO PELA DE ADMINISTRADORA CREDICARD MASTERCARD

OFERTAS VÁLIDAS NOS DIAS 27 E 28/08/93
EXCLUSIVAS PARA O HIPERMERCADO CENTER NORTE

AQUI TEM MAIS BARATO COMPRE ESSA IDÉIA eldorado

Center Norte
Av. Mayrink Veiga, s/nº - tel.: 959-3777

EDUCAÇÃO

Adesão à greve dos professores cresce 10%

Movimento aumenta após choque com a PM, segundo avaliação do governo e do sindicato; negociações não avançam

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Aumentou em 10% a adesão à greve dos professores na rede estadual de São Paulo após o enfrentamento, anteontem, entre manifestantes e a Polícia Militar, próximo ao Palácio dos Bandeirantes (sede do governo). Foram feridas treze pessoas (três PMs).

Segundo o governo, a paralisação atingiu —total ou parcialmente— 62% das escolas da Grande São Paulo e 63% no interior (veja quadro abaixo). Para a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), a greve chegou a 80% dos 220 mil docentes. Pelo menos quatro milhões de alunos perdem aulas com o movimento, iniciado há dez dias.

O secretário da Educação, Fernando Morais, 47, recebeu ontem diretores da Apeoesp —como ficou acordado em reunião de professores, parlamentares e sindicalistas com o secretário de Governo, Claudio Alvarenga, após o confronto com a polícia. Do encontro de ontem —das 18h às 20h— não saiu qualquer acordo.

Morais afirmou que a reunião não foi de negociação —já que "Fleury não negocia com grevistas". Mas se disse "decepcionado": "As reivindicações são exatamente as mesmas de antes".

"Decepção" também foi o termo usado pelo presidente da Apeoesp, Roberto Felício, 41, ao sair do encontro: "Gostaríamos que o governo tivesse apresentado uma nova proposta". Não foi marcada nova reunião. O sindicato reivindica 128% além dos 129% de aumento prometidos pelo governo até setembro. O governo diz que a queda na arrecadação de impostos impossibilita aumentos maiores.

O secretário de Segurança Pública, Michel Temer, marcou encontro com dirigentes da Apeoesp na segunda-feira para tentar evitar o ato marcado para o dia 2, na avenida Paulista. Felício, da Apeoesp, disse que "deverá haver a reunião", mas manteve a convocação ao ato na Paulista.

O líder do governo na Assembléia, Uebe Rezeck, 57, afirmou que, de janeiro deste ano a setembro, os professores serão reajustados em 1.083% enquanto a inflação ficará em 894%. Segundo a Apeoesp, o salário de julho foi o pior da gestão Fleury.



Manifestação de professores anteontem, perto do Palácio dos Bandeirantes, no Morumbi

A GREVE NO ENSINO DE SP

- **Quem são:** 220 mil professores
- **Entidade:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), filiada à CUT e à CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação)
- **Início:** quarta-feira, dia 18
- **Adesão anteontem:** 70% dos docentes, em média, segundo a Apeoesp; 51% e 60% das escolas (com paralisação parcial ou total) na Grande São Paulo e interior, respectivamente, segundo o governo
- **Reivindicações:** reajuste de 128% até setembro, além do que o governo propõe; política salarial que reponha, mês a mês, as perdas com inflação, entre outras
- **Contraproposta:** política salarial que repõe semestralmente (março e setembro) as perdas; reajuste de 129% até setembro (30% em agosto); abono vale alimentação de CR$ 31,00 para CR$ 124,00, em setembro
- **Alunos:** 6,5 milhões (6.300 escolas)

Grupo lança Jatene à reitoria da USP

Da Reportagem Local

Um abaixo-assinado de 57 professores titulares da Faculdade de Medicina da USP lançou ontem o nome do ex-ministro da Saúde, Adib Jatene, às eleições para reitor da universidade. Até agora, havia sete candidaturas declaradas às eleições —que terão o primeiro turno no dia 21 de setembro e o segundo no dia 5 de outubro.

Os 57 assinantes são membros da congregação da faculdade —que tem 88 representantes. O documento foi elaborado após reunião da congregação, presidida por Jatene, diretor da Medicina. Ele não retornou os recados deixados pela Folha no início da tarde com sua secretária e no Centro Cirúrgico da USP.

Adib Jatene não teve seu nome citado durante a disputa —com acusações entre oposição e situação— que culminou na renúncia do ex-reitor Roberto Leal Lobo e Silva Filho, em 4 de agosto.

São candidatos: Celso Beisiegel, ex-pró-reitor de Graduação, Walter Colli, do Instituto de Química, Erney Camargo, ex-pró-reitor de Pesquisa, Flávio Fava de Moraes, diretor-científico da Fapesp, Antonio Junqueira de Azevedo, diretor da Faculdade de Direito, Franco Lajolo, ex-pró-reitor de Pós-Graduação, e Antonio Massola, coordenador do Centro de Computação Eletrônica.

Atas, Editais e Avisos

GUARANY S.A. CRÉDITO, FINANCIAMENTO E INVESTIMENTOS
ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA E EXTRAORDINÁRIA REALIZADA EM 30 DE ABRIL DE 1993.

[illegible]

DECLARAÇÃO À PRAÇA

Nós, M.Fiori CIA Ltda, declaramos que foram extraviadas as notas fiscais - fatura nº 7450/ 7451/ 7452.
São Paulo, 27 de agosto de 1993.

VALMET DO BRASIL S.A.
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

[illegible]

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DA ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MATERIAIS
COMUNICADO Nº 83/93

[illegible]

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

MERIDIONAL
O BANCO COM A FORÇA DA UNIÃO

TOMADA DE PREÇOS Nº TP 238/643/93
EXTRATO DE EDITAL

O BANCO MERIDIONAL DO BRASIL S.A. torna pública a realização de Tomada de Preços com o objetivo de selecionar e contratar empresa especializada para a prestação de serviços de transporte de documentos para o Centro Bauru/SP e Agência Marília/SP. O inteiro teor do edital e seus anexos, que são obrigatórios a todos os participantes da licitação, encontram-se à disposição dos interessados na Rua General Câmara, 156 - 11º andar — Porto Alegre/RS e, também, na Rua Boa Vista, 200 - 8º andar — São Paulo/SP, devendo as propostas ser apresentadas até as 18 horas do dia 14.09.93, em Porto Alegre/RS.

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO

Pão de Açúcar Distribuidora
PÃO DE AÇÚCAR S.A. - DISTRIBUIDORA DE TÍTULOS E VALORES MOBILIÁRIOS

RELATÓRIO DA DIRETORIA — BALANÇO PATRIMONIAL — DEMONSTRAÇÃO DAS MUTAÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO — DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO — DEMONSTRAÇÃO DAS ORIGENS E APLICAÇÕES DE RECURSOS — NOTAS EXPLICATIVAS — PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

[illegible]

CLV

Fleury impõe condição para receber grevistas

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

O governador Luiz Antonio Fleury Filho disse ontem que receberá a direção das entidades que estão em greve na rede estadual de ensino, se houver alteração do local previsto para a assembléia de amanhã —a avenida Paulista (região central de São Paulo). A proposta foi feita à Comissão de Educação da Assembléia, que foi ao Palácio dos Bandeirantes (sede do governo) pedir reabertura de negociações.

O presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), Roberto Felício, 41, disse que só aceita se reunir com Fleury se a mudança de local for incluída na pauta de negociações. Ele aguardava no Palácio dos Bandeirantes a possibilidade de ser recebido pelo governador, junto com a direção da Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino).

A posição dos grevistas foi levada ao governador às 18h30 pelo presidente da Comissão de Educação, o deputado Mauro Bragato. Para Fleury assumir sua proposta, segundo Bragato —que é "da bancada do PMDB, mas a favor da negociação"—, Fleury "reconhece o direito dos sindicatos fazerem manifestações na Paulista, mas acha que isso prejudica o trânsito de ambulâncias de hospitais da região".

"O governador também disse que, se a assembléia for na avenida, não vai haver policiamento ostensivo, só de trânsito", afirmou Bragato. "Já tivemos uma lição", acrescentou, referindo-se ao enfrentamento entre policiais militares e professores na assembléia de quinta-feira passada no Palácio dos Bandeirantes, quando 13 pessoas ficaram feridas.

Pouco depois da reunião com a comissão, Fleury recebeu a direção da Udemo (o sindicato dos diretores), junto com o secretário da Educação, Fernando Morais. A Udemo apresentou a mesma proposta defendida pela Apeoesp.

O encontro do governador com a Udemo gerou atrito entre professores e diretores. "A Udemo, além de não fazer greve, se reúne sozinha com Fleury", afirmou Felício. De manhã, ele falou com o presidente da Udemo, Roberto Torres Lima, pedindo que a entidade só falasse com Fleury se fosse acompanhada dos outros sindicatos em greve.

A paralisação —total ou parcial— atingiu ontem 78% das 4.384 escolas do interior, segundo a Secretaria da Educação, e 66% na Grande São Paulo. A Apeoesp estima que 85% dos 220 mil professores estão em greve. Mais de 4 milhões de alunos estão perdendo aulas há 15 dias.

Estatais vão financiar 12 projetos de cultura em SP

Da Reportagem Local

O secretário estadual de Cultura, Ricardo Ohtake, anunciou ontem que as oito maiores empresas estatais de São Paulo irão patrocinar 12 projetos culturais no Estado entre setembro de 93 e outubro de 94.

O investimento nos projetos será de aproximadamente US$ 4,5 milhões —que sairão do Banespa, Metrô, Nossa Caixa-Nosso Banco, Eletropaulo, Cesp, CPFL, Comgás e Sabesp.

A Secretaria de Cultura do Estado coordenará a distribuição das verbas entre os vários projetos.

Dos 12 projetos, o mais importante é o que pretende recuperar salas de cinema em 41 municípios do interior, começando por Adamantina.

Há, ainda, planos para um festival de dança e teatro amadores que mobilizará 25 pólos culturais regionais.

O pacote ainda prevê a apresentação de grupos sinfônicos no litoral, a publicação de livros sobre o Estado de São Paulo, o reaparelhamento de 20 orquestras paulistas e a promoção de workshops musicais.

Atas, Editais e Avisos

TELECOMUNICAÇÕES DE SÃO PAULO S.A. - TELESP
EMPRESA DO SISTEMA TELEBRÁS
MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

AVISO DE EDITAL
TOMADA DE PREÇOS TAO-0767/93B

Objeto: 330 u chassi RR-27M e 340 u tampão RR-27. Condições exigidas para habilitação: apresentar os documentos Certificado Específico para Habilitação, Certidão Negativa de Débito (CND). Edital completo: retirar na R. São Joaquim, 69 - térreo, São Paulo/SP, das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00 hs., nos dias úteis. Entrega e abertura das propostas: dia 17/09/1993, às 15:00 horas, no endereço acima citado. Valor total estimado: CR$ 7.060.126,28 (sete milhões, sessenta mil, cento e vinte e seis cruzeiros reais e vinte e oito centavos). Base: 08/93. São Paulo, 01/09/93 José Luiz Cabrino - Gerente de Divisão. Edital nº 193/93.

TELECOMUNICAÇÕES DE SÃO PAULO S.A. - TELESP
EMPRESA DO SISTEMA TELEBRÁS
MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

AVISO DE EDITAL
TOMADA DE PREÇOS TAO-0773/93B

Objeto: [illegible]. Condições exigidas para habilitação: apresentar os documentos Certificado Específico para Habilitação e Certidão Negativa de Débitos (CND). Edital completo: retirar na R. São Joaquim, 69 — térreo, São Paulo — SP, das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00 hs., nos dias úteis. Entrega e abertura das propostas: dia 17/09/93, às 16:00 horas, no endereço acima citado. Valor total estimado: CR$ 3.132.200,00 [illegible]. Base: 08/93. São Paulo, 01/09/1993. José [illegible] — Gerente da Divisão de Obtenção de Materiais não Estocados. Edital nº 194/93.

BONAMA ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS S/C LTDA.
BALANÇO PATRIMONIAL EM 30 DE JUNHO DE 1993 (Valores em Cr$)
[illegible]

DEMONSTRAÇÃO DAS VARIAÇÕES NAS DISPONIBILIDADES DO GRUPO CONSOLIDADO
[illegible]

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO
[illegible]

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS
[illegible]

PARECER DE AUDITORIA
[illegible]

DIRETORIA
LUIZ VISCARDI
LUIS FRANCISCO VISCARDI
CONTADOR
CARLOS ALBERTO CAVALHEIRO GOMES
TC CRC/SP [illegible]

CONSÓRCIO NACIONAL MASSEY FERGUSON LTDA.
C.G.C. nº 45.793.385/0001-65
RELATÓRIO DA DIRETORIA
Cinco anos de atividade e liderança no segmento: mais de 32.000 tratores Massey Ferguson entregues em todo o país, [illegible]. A Diretoria

BALANÇO PATRIMONIAL EM 30 DE JUNHO DE 1993 - Em milhares de cruzeiros
[illegible]

Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido - Em milhares de cruzeiros
[illegible]

Demonstração do Resultado semestre findo em 30 de junho de 1993 - Em milhares de cruzeiros
[illegible]

Demonstração das Origens e Aplicações de Recursos semestre findo em 30 de junho de 1993 - Em milhares de cruzeiros
[illegible]

Demonstração consolidada dos recursos de consórcio em 30 de junho de 1993 - Em cruzeiros
[illegible]

Demonstração das Variações nas disponibilidades de Grupos semestre findo em 30 de junho de 1993 - Em cruzeiros
[illegible]

Notas Explicativas da Administração às Demonstrações Financeiras em 30 de junho de 1993 - Em milhares de cruzeiros
[illegible]

DIRETORIA
HENRIQUE MOTTIN - Diretor Financeiro
ELEODILDO JOÃO LORENZETTI - Diretor Comercial
GERSON APARECIDO GOMES - Téc.Cont. CRC/SP [illegible]

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES
Aos Senhores Quotistas e Administradores Consórcio Nacional Massey Ferguson Ltda.
[illegible]

Price Waterhouse
Auditores Independentes - CRC-SP - 160
Wilson [illegible]
Sócio Contador CRC-SP - [illegible]



Teixeira, que se acidentou com garrafa

JUSTIÇA

Um motorista aposentado ganha US$ 25 mil em ação contra a Coca-Cola.

PÁG. 10



O jovem Alvinar Pereira da Silva, no DP

POLÍCIA

Jovem é preso em flagrante após matar namorada em "roleta russa", na zona sul.

PÁG. 8



Peixes morrem à margem da represa

AMBIENTE

Estado suspende bombeamento para Billings, em função da poluição.

Pág. 7

3

FOLHA DE S.PAULO

são paulo
inclui cotidiano

Quinta-Feira, 2 de setembro de 1993 | 1

O PERSONAGEM

Prefeitura indica novos maestros da Sinfônica



O cargo de regente titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo já não está vago. Seus ocupantes passam a ser os maestros Isaac Karabtchevski (foto) e John Neschling. O anúncio foi feito ontem pela Secretaria Municipal de Cultura. Eles assumem em fevereiro de 1994.

O NÚMERO

2.5

...toneladas de maconha foram apreendidas ontem pela Polícia Civil, em um forno da empresa Maflersa, em Jacareí (SP).

INDIFOLHA

CRESCE ALFABETIZAÇÃO NO ESTADO DE SP

% de alfabetização na população total

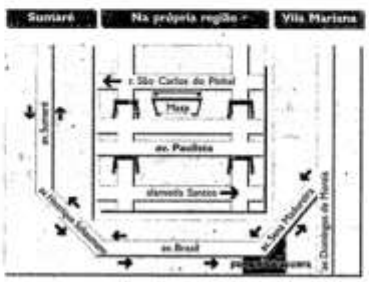


Fonte: Secretaria de Estado da Educação - SP, 1993

Crise na Educação derruba secretário

Fernando Morais sai em meio à greve na rede; Carlos Estevam Martins é o novo titular da pasta

ALTERNATIVAS PARA O TRÂNSITO DA PAULISTA





O cientista político Carlos Estevam Martins, novo titular

Governo faz nova proposta

Da Reportagem Local

O governo marcou ontem sua proposta de reajuste salarial aos professores. Em vez de 20% em agosto, dá 32%. Em setembro, no lugar de um reajuste de 90%, dá 73%. A proposta mantém o reajuste anunciado de 129% nos dois meses, com 10,25% a mais em agosto e a menos em setembro.

Também foram anunciados reajustes de 10,25% (duas referências) acima do aumento geral dos servidores estaduais de outubro a dezembro, e de 15,76% (três referências) de janeiro a março —quando haverá reposição das perdas com a inflação no semestre. O funcionalismo não tem reajuste geral desde outubro do ano passado.

"A antecipação significa que o pior de agosto vai de CR$ 8,2 mil para cerca de CR$ 9 mil, o que ainda é muito pouco", diz o presidente da Apeoesp, Roberto Felício, 41. "De outubro a dezembro, o governo só nos garante 10,25% por mês, enquanto a inflação está em 35%", afirmou Felício. Segundo ele, a decisão sobre a proposta será tomada hoje às 15h na assembléia no vão livre do Masp (Museu de Arte de São Paulo), na avenida Paulista (região central).

De acordo com o secretário da Segurança Pública, Michel Temer, "não foi qualquer intenção de utilizar a Tropa de Choque" durante a assembléia de hoje na Paulista. Na última quinta-feira, durante passeata dos professores na Praça dos Bandeirantes, no Morumbi, um confronto entre a Polícia Militar e os grevistas deixou 13 pessoas feridas.

Temer acrescentou que espera que "a manifestação seja pacífica, sem perturbação da ordem pública". "Do contrário, a Polícia Militar poderá interferir", afirmou o secretário.

Martins trabalhou com Quércia

Da Reportagem Local

O novo secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, 59, ocupou o mesmo cargo de abril de 1990, durante o governo Quércia, até a posse de Fernando Morais. Dirigiu da Fundap (Fundação para o Desenvolvimento da Administração) e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Martins entrou em 1990 na secretaria anunciando uma "modernização administrativa".

Ontem à noite, a direção da Apeoesp não lembrava quando havia sido um gestão tem quais tinham sido suas realizações —positivas ou negativas. Ele disse à **Folha**, ao assumir o cargo pela primeira vez, que "a greve não é o caminho para se alcançar objetivos que são do interesse de todos os que militam na educação". Mas não enfrentou nenhuma grande paralisação.

Martins é filiado ao PMDB de São Paulo e começou sua carreira política como assessor do atual ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, em 1978. Em 1985, coordenou o programa de Cardoso nas eleições para a Prefeitura de São Paulo.

Ele foi o quarto secretário da Educação de Quércia a assumir no lugar de José Goldemberg, que havia deixado o cargo para ser secretário de Ciência e Tecnologia do governo Collor. Em 24 de julho de 1990, assinou um decreto proibindo o seu chefe de gabinete, Antonio Ferrari Bins, de autorizar entrevistas de funcionários da rede. Até então, um decreto de julho de 1987 impedia que qualquer servidor da secretaria desse entrevistas caso não fosse autorizado pelo secretário ou o chefe de gabinete. Martins enfrentou o governo Collor em 1991 quando este anunciou a obrigatoriedade de ano letivo de 200 dias. O ano letivo de São Paulo já estava montado com 180 dias. (FM).

FERNANDO ROSSETTI

Da Reportagem Local

Fernando Morais, 47, anunciou ontem à noite sua demissão como secretário de Estado da Educação de São Paulo, em meio a uma greve de professores da rede que já dura 16 dias. Ocupava a pasta desde o início do governo Fleury e tinha como programa a chamada "reforma do ensino público do Estado". Segundo ele, a renúncia foi motivada pela dificuldade de aplicação da reforma. Assume o posto Carlos Estevam Martins, secretário da Educação no governo Quércia (*leia texto ao lado*).

Morais disse à **Folha** que o quadro na arrecadação de impostos no Estado "obrigou a fazer ajustes no cronograma da reforma". Segundo ele, o ajuste principal é no cronograma de transformação das escolas normais em "escolas padrão". Até agora, 1.306 das escolas da rede se tornaram "padrão" —passaram por reformas estruturais, receberam equipamentos e têm professores que recebem 30% a mais no salário. O projeto anuncia que serão as 8.500 escolas serão "padrão até o final do governo".

"O programa para o qual eu vim para a secretaria não é mais d' mesmo e acho que deve ter outra direção", afirmou o ex-secretário. Segundo ele, a carta de demissão foi entregue a Fleury no último dia 10, três dias antes dos professores decidirem em assembléia o início da atual paralisação. No segundo semestre do ano passado, Morais enfrentou outra greve, de 25 dias. "O movimento grevista não tem nada a ver com minha demissão", disse.

O presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), Roberto Felício, 41, afirmou que "a demissão comprova que Fleury não está cumprindo com sua promessa de ter a educação como prioridade do governo". Segundo Morais, sua saída se deu "sem nenhum arrependimento em relação com Fleury".

LEIA MAIS

sobre crise na educação Leia p. 3-8

LIGUE JÁ - 0800 - 114255

BRASTEMP — Não tem comparação. — 45 PEÇAS



FORNO MICROONDAS BRASTEMP 28 litros

Oferta Especial

Consul — 392 LITROS — 35 PEÇAS



REFRIGERADOR CONSUL RD 40G-BIPLEX

À vista: 63.990, ou 2 x de 36.300,

PHILCO — 40 PEÇAS

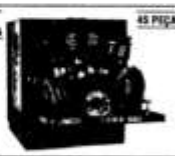
TV COR PHILCO-HITACHI 20B30 20 POLEGADAS - CONTROLE REMOTO



À vista: 35.960, ou 2 x de 20.400,

Continental — DIGITAL ELETRÔNICA — 45 PEÇAS

LAVALOUÇA CONTINENTAL COMPACTA



À vista: 25.910, ou 2 x de 14.700,

SONY — COM LASER — 35 PEÇAS



CONJUNTO INTEGRADO SONY DYNAFORCE LBT-4WVF TOCA DISCOS LASER CDP-M270R - CONTROLE REMOTO

À vista: 59.050, ou 2 x de 33.500,

SONY — CAPACIDADE PARA 5 DISCOS LASER — 45 PEÇAS



TOCA DISCOS LASER SONY EARBOUDSEL CDP C-502 M CONTROLE REMOTO

Oferta Especial

MOTOROLA — SUPER LEVE — 40 PEÇAS

TELEFONE CELULAR MOTOROLA POCKET CLASSIC - 1205 - VIP



GRÁTIS ECONOMIZADOR DE BATERIA

Oferta Especial

Preços promocionais válidos até 04.09.93. Após esta data informações nos preços correrão. Forma de pagamento: (1+1).

CENTRO
AV. BRIGADEIRO LUIS ANTÔNIO, 1760/DE - RUA SANTA IFIGÊNIA, 267
RUA MARIA MARCOLINA, 755 - RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 48

CASA CENTRO

SHOPPINGS
IBIRAPUERA-VILA TEREMI CENTER NORTE - LAR CENTER-MORUMBI-INTERLAGOS
JARDIM SUL - WEST PLAZA - TAMBORÉ-LESTE ARICANDUVA-PENHA

EDUCAÇÃO

Professores param rodovias no interior

Em protesto contra os baixos salários, pelo menos 1.100 grevistas interromperam o trânsito nas estradas estaduais

Da Reportagem Local

Os professores da rede estadual de São Paulo, em greve por melhores salários há 16 dias, interromperam ontem o trânsito em diversas rodovias do Estado. As paralisações, decididas depois do confronto entre grevistas e PMs na quinta-feira passada no Palácio dos Bandeirantes, ocorreram nas rodovias Washington Luís, Régis Bittencourt, Marechal Rondon, Anchieta, Tamoios e Dutra.

Segundo dados da polícia, pelo menos 1.100 pessoas participaram das paralisações. Não foram registradas confrontos graves entre policiais e manifestantes.

Norte

Os professores da região de São José do Rio Preto bloquearam ontem por 30 minutos o trânsito na Washington Luís. Segundo a PM, 500 professores participaram do bloqueio. Para a Apeoesp (Sindicato dos Professores da Rede Oficial de Ensino do Estado), o protesto reuniu 1.000 pessoas.

A rodovia Marechal Rondon foi interditada às 13h, na altura do km 330, próximo ao trevo de entrada de Araçatuba, por mais de 150 professores, segundo o coordenador regional da Apeoesp, Marcos Alves. Para a polícia, 100 professores participaram do ato.

Vale

Professores da rede estadual paralisaram ontem o tráfego na via Dutra, em Guaratinguetá, e na rodovia dos Tamoios, em Caraguatatuba. Segundo a polícia, a manifestação envolveu 300 pessoas na Dutra e 200 na Tamoios.

Segundo o inspetor da Polícia Rodoviária, Reinaldo Reis, a paralisação durou 20 minutos e provocou congestionamento de um quilômetro nos dois sentidos da Dutra na altura do km 63.

Sudeste

Os professores da região de Campinas se reuniram por volta das 5h no km 98 da Anhanguera, mas não chegaram a invadir a pista. Pela manhã, o comando da PM decidiu impedir a interdição da rodovia. A Apeoesp decidiu realizar o ato na avenida Lix da Cunha, em Campinas. Cerca de 3.000 professores, segundo a Apeoesp, e 1.500, segundo a PM, participaram da passeata.

ABCD

Em São Bernardo do Campo, segundo a Apeoesp, cerca de 3.000 pessoas —entre pais, alunos e professores— participaram de uma passeata que saiu do Sindicato dos Metalúrgicos (centro) e foi até o km 23 da Anchieta. Segundo a Dersa, o trânsito foi bloqueado 30 minutos, provocando congestionamento de três quilômetros.



Passeata para o trânsito na Washington Luís, norte de SP



Professores paralisam a via Dutra no km 63, em Guará

A PARALISAÇÃO NA REDE

- Quem são: 220 mil professores e 1.500 supervisores de ensino
- Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), filiada à CUT, e Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino)
- Início: quarta-feira, dia 19
- Adesão segundo (30/8): 65% dos docentes, em média, segundo a Apeoesp; 59% e 68% dos turnos (com paralisação parcial ou total) na Grande São Paulo e interior, respectivamente, segundo o governo
- Reivindicações: reajuste de 139% até setembro, além do que o governo propõe; política salarial que reponha, pelo menos, as perdas com inflação entre outras
- Contraproposta: política salarial que repõe semestralmente (março e setembro) as perdas; reajuste de 129% até setembro (20% em agosto); cesta vale-alimentação de CR$ 31,60 para CR$ 124,80, em setembro
- Alunos: 6,5 milhões (6.500 escolas)

DONA NILCE FEZ A FESTA NO ANIVERSÁRIO DO PÃO DE AÇÚCAR E LEVOU PARA CASA UM BMW OK.

Nilce Cecília da Silva, moradora em Santos, ganhou um automóvel BMW zerinho no Concurso do Aniversário Pão de Açúcar.

E A FESTA CONTINUA. DE SETEMBRO A DEZEMBRO TODO DIA É DIA DE MUITOS PRÊMIOS NO PÃO DE AÇÚCAR.

VENHA VOCÊ TAMBÉM PARTICIPAR DA MAIOR PROMOÇÃO DO VAREJO BRASILEIRO.

Pão de Açúcar

Mais Qualidade Pertinho de Você.

Greve continua em Ribeirão

Da Folha Nordeste

Na assembléia realizada ontem à tarde na Escola Estadual Otaniel Mota, em Ribeirão Preto, região nordeste de São Paulo, foi decidida a continuidade da greve dos professores estaduais da região. Segundo estimativa da subsede de Ribeirão Preto (Sindicato dos Professores da Rede Oficial de Ensino do Estado), 500 professores participaram da assembléia. A greve na região completa hoje 16 dias.

Depois de decidirem pela continuidade do movimento, os professores organizaram uma manifestação no centro da cidade. O ato foi em protesto contra os baixos salários pagos aos professores pelo governo estadual. Durante a manifestação no centro de Ribeirão não houve confronto entre os policiais e os manifestantes.

A subsede da Apeoesp em Ribeirão Preto estima que 815 dos 1.500 professores da região estão em greve. Atualmente, a paralisação abrange aproximadamente 74% da categoria. Segundo a Divisão Regional de Ensino, o alcance da greve é menor. A divisão acredita que 60% dos professores da região de Ribeirão Preto estão paralisados.

Segundo o conselheiro da Apeoesp, João Ailton Lemes Pereira, 30, mais seis escolas aderiram ontem ontem ao movimento. Pereira afirma que 26 escolas estão totalmente paralisadas na região. Ainda segundo o conselheiro, em cerca de 30 escolas a greve é parcial.

Aproximadamente 100 professores de Ribeirão Preto devem participar hoje da passeata às 15h na avenida Paulista, região central de São Paulo.

Na cidade de Sertãozinho, os professores também se organizaram para participar da assembléia dos grevistas marcada para hoje na Paulista. Cerca de 40 professores saíram de Sertãozinho em comboio para São Paulo.

PROMOÇÃO DIET CALOI NA CICLOVIA



CALOI MOUNTAIN BIKE OSAKA
PROMOÇÃO DIET - 18 PEÇAS



CALOI MOUNTAIN BIKE ALUMINUM
PROMOÇÃO DIET - 20 PEÇAS



CALOI MOUNTAIN BIKE ASPEN WAY I
PROMOÇÃO DIET - 30 PEÇAS

- Promoção preços DIET em toda linha CALOI
- Crédito imediato em até 3 pagtos
- Revisão de montagem na hora
- Concórcio Nacional Caloi

Linha especializada importada

Disk CICLOVIA
CONCESSIONÁRIAS CALOI

BRIGADEIRO 289.0144 - 285.6416
SANTANA 290.1599 - 290.1070
MORUMBI 533.5771 - 542.3654
FÁCIL ESTACIONAMENTO

Pfizer LABORATÓRIOS PFIZER LTDA.

NOVOS TELEFONES

Comunicamos a alteração nos números dos telefones da nossa sede em Guarulhos-SP, a partir do dia 8 de setembro de 1992, com a implantação do Sistema DDR - Discagem Direta à Ramal:

PABX 964-7344
FAX CENTRAL 964-7474

• Divisão Farmacêutica	964-7333	Fax 964-7300
• Divisão Agropecuária	964-7444	Fax 964-7400
(Telemarketing)	0800-11-1919	
• Divisão Médica	964-7575	Fax 964-7580
• Food Science Group	964-7555	Fax 964-7550
• Bovenáltico	964-7666	Fax 964-7660
• Compras	964-7591	Fax 964-7670
• Crédito e Cobrança	964-7307	Fax 964-7360

Números "DDR" de outros departamentos serão informados via telefônica (PABX).

EDUCAÇÃO

Professor estadual vive proletarização

Roberto Felício, presidente do sindicato da categoria e ex-mecânico, diz que educador chegou ao fundo do poço

Protesto marca desfile do dia 7

Da Reportagem Local

Os professores da rede estadual de São Paulo, em greve há 18 dias, decerto realizar protestos durante os desfiles do dia 7. As nove subsedes da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) decidiram convocar os profissionais da capital para o desfile da avenida Tiradentes, na Luz (região central).

A proposta é exibir as organizações com cartazes pretos e faixas de protesto. O preto foi a cor escolhida na última manifestação dos professores, na última quinta-feira. O sindicato pretende contactar os organizadores da concentração para que os professores também possam desfilar.

A Apeoesp está convocando os profissores a se reunirem na estação do metrô Ana Rosa, às 7h30, para seguirem para o desfile.

Os professores de Campinas pretendem participar como "ovos-ôcos" da parada militar. Uma comissão da categoria esteve reunida ontem com os organizadores do desfile na cidade.

A Apeoesp estima que 95% dos 220 mil professores estaduais já tenham aderido à greve, situação o funcionamento de 6.682 escolas. Segundo a Secretaria de Estado da Educação, a paralisação atinge total ou parcialmente 71% das escolas da Grande São Paulo e 77% das escolas do interior. Os professores querem 187% de reposição. O governo oferece 129%.



Roberto Felício, 41, presidente da Apeoesp, na escola Brasílio Machado, na Vila Mariana

Deputado quer volta de diálogo

Da Reportagem Local

A Comissão de Educação da Assembléia Legislativa do Estado votou a pedir ontem que o governador Luiz Antonio Fleury Filho reabra negociações com os grevistas. O pedido já havia sido formulado na terça-feira passada.

Segundo o deputado Mauro Bragato (PMDB), presidente da comissão, a idéia é marcar uma reunião de Fleury com a comissão e diretores dos três sindicatos em greve (Apeoesp, Apase e Udemo) "para elaborar um cronograma de negociações".

A PARALISAÇÃO NA REDE

- Quem são: 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.900 diretores de escola.
- Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo); Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apase) e dia 1 de setembro (Udemo)
- Adesão: dia 1º: 71% das escolas da Grande São Paulo e 68% do interior têm paralisação total ou parcial, segundo o governo; 95% dos professores, segundo a Apeoesp
- Reivindicações: reajuste de 128% até setembro, além do que o governo propôs; piso salarial que represente, mês a mês, as perdas com inflação entre outras
- Contrapropostas: 22% de reajuste em agosto, 73% em setembro (129% nos dois meses); 10,25% por mês sobre do reajuste geral do funcionalismo de outubro a dezembro e 10,76% de janeiro a março; reposição das perdas com inflação em março
- Alunos: 6,3 milhões (4.500 escolas)

BERNARDO CARVALHO
Da Reportagem Local

No liderança da manifestação que ocorreu na quinta-feira, segundo a polícia, 60 mil professores em greve pelas ruas da cidade, estava um homem de 41 anos, filho de pais semi-analfabetos do interior de São Paulo, que já foi escolástico, professor de desenho e química e chegou a lecionar mais de 60 horas semanais para conseguir sustentar a família.

"Houve uma proletarização da classe. Hoje a chamada vanguarda acaba adequando seu próprio discurso a esse empobrecimento. E com isso há uma radicalização. Chegamos ao fundo do poço. Qualquer ação é mais contundente. Há um sentimento de angústia, de desespero, porque o salário não dá mais para sustentar as pessoas. Tanto faz receber esse salário ou não. Mas esse desespero nos recondus a mobilização. Conseguimos fazer os professores se organizarem a cabeça", diz Roberto Felício, eleito em julho presidente do sindicato dos professores do Estado, a Apeoesp.

Felício acredita na autonomia das várias formas de organização da sociedade civil. "O sindicato precisa ser autônomo. Como presidente, não sou filiado a partido nenhum. Como cidadão, sou filiado ao PT", diz. Seu militantismo hoje é exclusivamente sindical. "Faço parte deste, deste novo momento do movimento sindical. Quando falo do professor que os professores ganham, como falo do de sete. Dividi-se carreira, mas todos ganhando muito mal", diz. O piso para professor estadual em julho era de CR$ 6.908,00. A média dos professores hoje ganha hoje entre CR$ 20 mil e CR$ 25 mil. A maioria tenta dobrar a jornada de trabalho. "Há uma perda da qualidade. Tem que trabalhar mais. Lêem pouco. O conhecimento do professor fica estanque no que aprendeu nos primeiros anos de magistério".

Há outros aspectos dessa proletarização da educação. "Os alunos também não são os mesmos. Milhares de crianças abandonam as escolas para ingressarem no trabalho mais cedo. A deterioração das profissões clássicas, que exigem uma educação, aponta para uma visão da escola como inutilidade. O próprio professor é em mau exemplo para os alunos, que podem ganhar mais no comércio", diz.

Felício tem dois filhos adolescentes em escolas públicas. "Quando fazem perguntas sobre a greve, vêem que é também como os alunos que perguntam aos professores se vai haver greve ou não, porque estão querendo para não ir à aula, porque a escola virou uma coisa triste", diz o sindicalista, que mantém os filhos na rede estadual por convicção. "Se eu tivesse condições financeiras, talvez mudasse de opinião."

O sindicalista discorda do mito de que a rede particular assegura um ensino de melhor qualidade. "São umas poucas escolas particulares que são melhores. 80% é ruim mesmo. Os professores da rede particular são em geral os mesmos da pública. Além disso, tanto o professor quanto o aluno da rede pública têm mais liberdade de opinião e expressão e isso forma a cidadania", diz.

Felício cita países como Itália, Alemanha, Japão e até Coréia do Sul como exemplos de investimento do Estado na educação. Para ele, no Brasil, não é dado aos filhos da classe trabalhadora, que financiam o ensino público, o direito de participação e produção na cultura. "O problema é amplo. As crianças da escola pública falam errado, porque os pais falam errado. Mesmo pais são quase analfabetos. Mas pra eu o que chamam de gíria de rua, capitular. Morei em vilas até os seis anos. Há uma grande diferença entre a minha experiência e a dos meus filhos. Minha primeira profissão é professora de português. Meus filhos falam menos errado que meninos da periferia", diz.

SAÚDE

Governo quer regulamentar os planos de saúde particulares

Da Sucursal de Brasília

O governo quer criar uma regulamentação básica para os planos de saúde particulares. O projeto é voltado ao prazo de carência, incluir a obrigatoriedade de assistência a doenças crônicas e rever o atendimento dispensado aos associados com mais de 70 anos. Os aumentos das mensalidades passariam a ser determinados por uma câmara setorial.

A proposta será encaminhada pelo ministro da Saúde, Henrique Santillo, ao Conselho Nacional de Saúde. Segundo o deputado Murilo Pereira Lima (PMDB-PE), presidente da Comissão de Seguridade da Câmara, o governo se compromete a modificar as regras dos planos de saúde em favor dos associados.

"O Estado não tem recursos para buscar a saúde para a população e estraga 33 milhões de brasileiros —total de associados aos planos— à sanha dos grupos econômicos que têm a maior margem de lucratividade que já vi", disse Murilo. Ele defende que as medidas entrem em vigor através de decreto presidencial. "Demoraria muito para tramitar no Congresso", declarou.

Segundo Murilo, a idéia de negociar os reajustes mensais através de câmaras setoriais partiu dos próprios convênios. "Vou tratar com o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, a revogação da portaria que concede às empresas liberdade de reajustar suas mensalidades", disse o deputado.

ADMINISTRAÇÃO

Jornal da CMTC diz que aumento de tarifa foi abaixo da inflação

Da Reportagem Local

A CMTC (Companhia Municipal de Transportes Coletivos) escolhe os índices mais convenientes para mostrar que o reajuste das tarifas é menor que a inflação.

O "Jornal do Ônibus", folheto publicado pela empresa para fixação nos ônibus, traz as seguintes informações em sua última edição: a tarifa foi reajustada em 2.215,54% entre setembro de 92 e setembro de 93, enquanto o IGP-M teve variação acumulada em 2.308,59% e o IPC 2.421,09% —os dois índices usados são da Fundação Getúlio Vargas, acumulados entre agosto de 92 e agosto de 93. O folheto informa os passageiros sobre o aumento em vigor a partir do último dia 29 de agosto, que levou a tarifa para os atuais CR$ 44,00.

Pelos números escolhidos pela empresa, os aumentos concedidos pelo prefeito Paulo Maluf teriam ficado abaixo da inflação. A CMTC usou índices inflacionários de agosto até agosto, e correção das tarifas de setembro a setembro.

O IGP-M/FGV dos últimos 12 meses —setembro de 92 a agosto de 93— ficou em 1.800,67% e o IPC/FGV em 1.781,50%. A variação da tarifa em 12 meses ficou em 2.100% (de 8 de setembro de 92, quando custava CR$ 2,00, até 29 de agosto último, reajuste válido para setembro, quando a tarifa subiu para CR$ 44,00). Para chegar aos valores que usou para publicação no "Jornal do Ônibus", a CMTC preferiu usar a variação dos índices em 13 meses.

A diretoria financeira da CMTC admite que aos índices usou critério definido. Os do FGV, por exemplo, estão sendo usados esta vez, porque são mais "confiáveis", explica a diretoria.

Ainda segundo a diretoria financeira da empresa, a forma de cálculo usada evita distorções pois compara "13 reajustes acumulados com 13 índices inflacionários". Não existe explicação para o uso de "13" reajustes, ao invés de 12, como é o comum.

A correção das tarifas de acordo com a inflação foi prometida pelo prefeito Paulo Maluf no começo do seu governo. Depois da promessa, o prefeito reajustou além da inflação. Aparentou o aumento para explicar que o cálculo deveria sempre ser feito com base em 12 meses.

NÚMEROS DA CMTC E OS ÍNDICES DO MERCADO

Tarifa
2.215,54%
variação acumulada entre 8 de agosto de 93 e 29 de agosto de 93

IPC/FGV*
2.421,09%

IGP-M/FGV*
2.308,59%

* entre agosto de 92 e agosto de 93

Tarifa
2.100%
variação entre 8 de setembro de 92 e 29 de agosto de 93

IPC/FGV
1.781,50%

IGP-M/FGV
1.800,67%

Libor*
1.561,74%

* variação entre 8 de setembro de 92 e 29 de agosto de 93

Depois de lotar os shows e encher as pistas, ele vai esvaziar as bancas.

JORGE É DEZ



Uma revista semanal pelo preço de jornal.

REVISTA DA FOLHA

A maior revista de São Paulo. Todo domingo no Folhão.

CLIX

FERIADO

Professores tentam bloquear o acesso ao litoral

Protesto ocorreu no período de maior movimento na Tamoios; Dutra teve 90 carros por minuto no início da noite

Chuva 'esfria' as locações

Do correspondente no litoral norte

Os corretores de casas de veraneio estão exigindo pagamento antecipado para o feriado prolongado. Eles querem evitar prejuízos com o cancelamento das reservas caso chova na região. Segundo o corretor Airton Mesna, de Ubatuba, quem deixa para receber no momento em que o cliente entra no imóvel pode correr o risco de cancelamento por causa de chuva. Segundo ele, dificilmente se consegue alugar um imóvel no feriado, principalmente se o tempo estiver ruim.

A corretora Sandra Martins, de São Paulo, aproveita o feriado da Semana da Pátria para conquistar clientes para a temporada de verão. Sandra alugou 16 apartamentos em um condomínio fechado na praia de Pulsa; em São Sebastião, concedendo um desconto de US$ 5 nas diárias. As diárias são de US$ 30, mas ela dá desconto para que os turistas garantam a reserva para a temporada.

Outra medida adotada pelas imobiliárias e corretores anfitriões é o cadastro de clientes.

A procura de casas para o feriado ainda não está grande no litoral norte. Ainda há casas para alugar em Ubatuba e Caraguá. Em Ubatuba, a imobiliária BR tem casas na praia do Itagaí a CR$ 12 mil para os quatro dias do feriado e casas na praia do Lázaro, com diárias de CR$ 2.000 a CR$ 3.000. Em Caraguá, uma casa na praia Martim de Sá tem diárias a US$ 35.



Professores fazem protesto na rodovia dos Tamoios, em Paraibuna, na véspera do feriado

Free-Lance para a Folha

Um grupo de 130 professores e alunos de Paraibuna fizeram ontem às 18h, horário de maior movimento de carros que deviam para o litoral norte neste feriado, um protesto contra a política salarial do governo do Estado, na lateral da rodovia dos Tamoios. Parte dos professores tentou invadir a pista São José-Caraguá, mas desistiu da idéia com a chegada de dois carros da Polícia Rodoviária Estadual.

Os professores começaram o protesto na praça da igreja Matriz e foram em passeata pelas ruas da cidade até a Tamoios. Eles levaram cartazes, batucam panelas e gritaram frases contra o governador Luiz Antonio Fleury Filho. A Polícia Rodoviária Estadual informou que no início da noite de ontem passava em média 20 carros por minuto na estrada e a previsão era de que 60 mil carros usassem a Tamoios ontem.

Na via Dutra, a Polícia Rodoviária Federal registrava a passagem de 90 carros por minuto às 19h. O policial rodoviário João Otaviano Miranda disse que o normal é a passagem de 20 carros por minuto na Dutra. Até o início da noite foram registrados dois acidentes "pequenos" na estrada. A estimativa era de que 140 mil carros passassem ontem pela Dutra.

Segundo Miranda, no tarde de ontem foram apreendidos quatro carros em mal conservação e com documentação irregular. Para a fiscalização na via Dutra durante o feriado, a polícia está usando 301 patrulheiros, 99 carros, 35 baffoneiros e seis radares.

No km 164 da via Dutra, em *Jacareí*, conhecido como "trecho da morte", a Defesa Civil montou plantão ontem das 17h30 às 23h, com uma equipe de seis homens, incluindo o Corpo de Bombeiros, carros, ambulância e pá carregadeira para atendimento de urgência em casos de acidentes. Hoje, o plantão volta a funcionar das 7h às 15h, e na terça das 15h às 23h.

Na rodovia Oswaldo Cruz, que liga Taubaté a Ubatuba, e na SP-123 (Taubaté-Campos do Jordão), o movimento de carros ainda era considerado normal até o início da noite de ontem. O soldado da Polícia Rodoviária Estadual Ivo Martins de Barros Júnior disse que a fiscalização foi intensificada a partir das 14h.

PONTOS CRÍTICOS NAS ESTRADAS



● VIA DUTRA
1- km 103 (Guaratinguetá) - cruzamento da Transbrasiliana e Dutra
2- do km 170 ao km 161 ("Reduto da Morte", em Jacareí) - acesso a D.Pedro e a Tamoios
3- do km 72 ao km 60 (antes Aparecida e Guaratinguetá) - cruzamento grande fluxo de carros
4- km 81 - serra do Lorena

● RODOVIA DOS TAMOIOS
5- km 7 mais 500 m (São José) - curva
6- km 48 (Paraibuna) - ponte e curva acentuada
7- do km 67 ao km 83 (Caraguatatuba) - serra

● SP- 123
8- km 1 - trecho engatado ao o km 3 (Obra de conservação da rod. Carvalho Pinto)
9- km 39 (serra) - pista com cruzamento mudado e curva acentuada
10- km 48 (serra) - acidente

Ônibus

Passagens para Minas esgotam

Free-Lance para a Folha

As passagens de ônibus para Ubatuba, Juiz de Fora, Pouso Alegre e Brazópolis (MG) acabaram na tarde de ontem. Havia apenas passagens para a saída de hoje. Até às 14h de ontem, restavam poucas passagens para Belo Horizonte (MG).

O funcionário da empresa de ônibus Util, Edvaldo de Souza afirmou que para Belo Horizonte só havia lugares nos carros das 9h e 20h30. A passagem custa CR$ 1.487. Para Caraguatatuba, a empresa Atlântico está com ônibus de hora em hora, das 6h às 21h. O preço da bilhete é de CR$ 452. Para São Sebastião, a passagem custa CR$ 353 e havia lugares até à tarde de ontem nos ônibus das 7h, 11h, 13h e 15h.

Os turistas que pretendem passar o feriado em Campos do Jordão podem encontrar lugares vagos nos horários das 7h30, 9h30 e 11h30. Para São Paulo não há problemas de passagens. A Pássaro Marrom está operando com carros de dez em dez minutos e o bilhete custa CR$ 379.

O funcionário da empresa Sampaio, Roberto de Souza, disse que para o Rio de Janeiro saem dez carros hoje, sendo três extras. O primeiro horário é 7h e a passagem custa CR$ 941.

O QUE ABRE E FECHA NO FERIADO

Em São José, Taubaté, Guaratinguetá, Jacareí, Cruzeiro, Caraguatatuba, Ubatuba e Campos do Jordão

ABASTECIMENTO

Supermercados
quinta-feira - não abrem
sexta-feira - só abrem os Americanos
sábado - abrem normalmente
domingo - não abrem

Feiras
sábado - funcionam
domingo - funcionam
segunda - funcionam
terça - funcionam

TRANSPORTES

Ônibus
sábado - funcionam com redução da frota
domingo - funcionam com redução da frota
segunda - funcionam com frota normal
terça - funcionam com redução de frota

COMÉRCIO

Lojas
sábado - funcionam
domingo - funcionam só em Campos do Jordão e litoral
segunda - funcionam
terça - funcionam só em Campos do Jordão e litoral

Shoppings
sábado - funcionam
domingo - funcionam só áreas de alimentação e lazer
segunda - funcionam
terça - funcionam só áreas de alimentação e lazer

SAÚDE

Estado
Prontos-socorros e hospitais atendem casos de emergência e urgência; atendimento ambulatorial não funciona; postos de saúde não abrem. O atendimento é normal na segunda-feira.

Município
Prontos-socorros e hospitais atendem casos de urgência e emergência; atendimento ambulatorial não funciona; postos de saúde não abrem. O atendimento é normal na segunda-feira.

SERVIÇOS

Postos de combustíveis
sábado - funcionam
domingo - brotinho
segunda - funcionam
terça - facultativo

Bancos
segunda - não funcionam
domingo - não funcionam
segunda - funcionam
terça - não funcionam

Correios
sábado - funcionam das 8h às 12h
domingo - não funcionam
segunda - funcionam
terça - não funcionam



Barcos ancorados no Saco da Ribeira, em Ubatuba

Receita veta uso de barcos retidos pelas blitze no litoral

Do correspondente no litoral norte

Os barcos que foram apreendidos pela Receita Federal na blitz realizada em agosto nos iates, marinas e garagens náuticas da região não poderão ir ao mar no feriado prolongado. A orientação foi feita pela Receita aos administradores das marinas. Os barcos estão retidos e impedidos de serem utilizados até que seus proprietários sejam identificados e apresentem documentação exigida pela Receita.

Segundo o inspetor da Receita em São Sebastião, Celso Fernandes, 40, 80 barcos estão retidos no píer do Saco da Ribeira, em Ubatuba. Fernandes disse que caso o píer fique os barcos o administrador poderá ser responsabilizado.

Prefeitos do Codivap pedem desconto de 9% no FPM ao INSS

Free-Lance para a Folha

O prefeito de Queluz, Mário Fabri Filho (PMDB), disse que os prefeitos da região encaminharam proposta para o superintendente do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) no Estado, Milton Moreti, para realizar desconto mensal de 9% do FPM (Fundo de Participação aos Municípios). Em contrapartida, as prefeituras deixariam de ter o desconto do INSS em folha.

O pedido foi feito ontem em reunião do Codivap (Consórcio de Desenvolvimento Integrado do Vale do Paraíba), em Cachoeira. Fabri Filho disse que Moreti vai encaminhar a proposta ao Ministério da Previdência. Participaram da reunião nove prefeitos (Caraguatatuba, Ubatuba, Guaratinguetá, Barão de Basto do Taquaral, Monteiro Lobato e Cruzeiro).

QUELUZ

Recurso do PMDB tenta reintegrar 60 demitidos

Do correspondente em Lorena

O vereador de Queluz Lauriado Garcez (PMDB), 39, disse que a bancada do partido vai entrar com uma ação na Justiça contra o prefeito Mário Fabri Filho (PSD) para reintegração dos funcionários concursados que foram demitidos. As demissões promovidas pelo prefeitura no início da semana atingiram 130 dos 420 funcionários municipais.

Segundo Garcez, pelo menos metade dos demitidos era de funcionários concursados e não poderia ter sido mandada embora. Ele disse que a bancada do partido, que tem quatro dos nove vereadores na Câmara, está preparando a ação que será encaminhada ao fórum na semana que vem. O prefeito Mário Fabri Filho e o chefe de gabinete, José Celso Bueno, foram procurados pela **Folha**, mas a informação foi de que estariam viajando.

Garcez afirmou que a ação visa reintegrar cerca de 60 funcionários concursados que foram demitidos. Ele disse que os funcionários interessados na readmissão devem procurar os vereadores para dar seus nomes. "O prefeito deverá ter demitido apenas os recém-contratados e não os funcionários concursados", afirmou Garcez.

O vereador disse que encaminhou ontem uma petição à Promotoria Pública para solicitar a proibição da Apae. Segundo ele, o prefeito demitiu cinco funcionários da entidade, o que deverá prejudicar o atendimento às crianças. "Foi cortado também o auxílio dado ao asilo."

Na última quarta-feira, o juiz Paulo Nemer Fifuo concedeu liminar cancelando leilão público que seria realizado pela prefeitura. Fabri disse que iria leiloar quatro caminhões e uma máquina de terraplenagem para pagar os débitos trabalhistas dos demitidos.

Recontagem dos votos de Caraguá será analisada pelos partidos

Do correspondente no litoral norte

Os partidos políticos de Caraguatatuba que consegueram a recontagem de votos das eleições de 92 reúnem-se hoje às 10h na sede da Associação Comercial para discutir a nova apuração. Estarão reunidos representantes do PMDB, PSD, PDS, PTR, PSDB, PTB, PFL e PRP. No dia 13, os partidos se reúnem com o juiz eleitoral, Wilson Lima da Silva, para definir as regras da apuração, marcada para dia 22.

Na reunião de hoje, os partidos vão definir pedidos que serão encaminhados ao juiz. O presidente do PMDB, Silvio Ferreira, 50, quer que seja facilitada a fiscalização. Os partidos gostariam que a recontagem fosse feita uma a uma, mas Silva já adiantou que isso não ocorrerá.

Os partidos pretendem sugerir a inversão das juntas apuradoras.

DINHEIRO PÚBLICO

Câmara envia parecer sobre contas à Justiça

Do correspondente no litoral norte

A Câmara de Caraguatatuba vai encaminhar dentro de dez dias ao Ministério Público a rejeição do parecer do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo sobre as contas da prefeitura e da Câmara no ano de 91. Segundo o diretor-administrativo da Câmara, José Milton da Silva, a rejeição do parecer tornaria inelegíveis o então presidente da Câmara Tiago Santana e o ex-prefeito José Bourabeby.

Silva explicou que para quem já exerceu cargo público ter contas aprovadas é uma das exigências da lei eleitoral. Silva disse ainda que Santana e Bourabeby podem recorrer da decisão da Câmara apresentando recurso para a Comissão de Justiça e Redação. Se o recurso for aprovado, o parecer do Tribunal seria novamente votado.

Silva adiantou ainda que Santa e Bourabeby também podem recorrer na Justiça. Santana e Bourabeby são foram localizados ontem pela **Folha** para comentar o assunto.

O Tribunal aprovou as contas, mas recomendou que fosse regularizada a contratação de 147 servidores feitas por Bourabeby em período eleitoral. O Tribunal pediu ainda que os vereadores devolvessem CR$ 126,4 mil recebidos a mais em 91. Outra sugestão feita pelo Tribunal é que fossem evitados os gastos supérfluos na Câmara. Em 92, na despedida do vereador Geraldo Nogueira, a Câmara gastou Cr$ 64 mil (valor da época) com flores e Cr$ 53 mil (valor da época) com salgadinhos.

O atual presidente da Câmara, Wilson Rangel (PMDB), disse que este tipo de gasto não tem ocorrido. Ele informou que em agosto a despesa totalizou CR$ 3,8 milhões, incluindo a folha de pagamento dos 17 vereadores e dos funcionários.

CLX

Professores prometem protesto em desfile

Grevistas devem comparecer vestidos de preto às comemorações do Dia da Independência em todo o Estado

CET interdita ruas até 15h

Da FT

A partir da 0h de hoje, as avenidas Sezefredo Passos —desde a Brás Leme—, Tiradentes, Presidente Vargas —desde a Senador Queiroz— e Olavo Fontoura —desde a Casa Verde até a Santos Dumont— ficam interditadas pela CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) para a realização do desfile de 7 de Setembro. O desfile ao longo da Tiradentes (sentido sul) será das 9h30 às 13h. A interdição acaba às 15h.



Professores preparam faixas na subsede da Apeoesp em Santana, zona norte de São Paulo

Da FT

Os professores da rede estadual de ensino, em greve há três semanas, prometem protestar hoje contra o governo em todos os desfiles comemorativos do Dia da Independência no Estado. Na capital, pelo menos 500 grevistas, os previstos na Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), devem ir ao desfile na avenida Tiradentes (região central), às 9h30, vestidos de preto e com fitas nas cores verde e amarela. O governador Luiz Antonio Fleury Filho vai assistir ao desfile.

Os grevistas vão se reunir a partir das 7h30 na estação Armênia do metrô. "Vamos tentar desfilar atrás de alguma escola, mas, se a PM não permitir, vamos protestar nas arquibancadas mesmo", afirmou Carlos Manoel Ribeiro, conselheiro da Apeoesp.

Segundo a Apeoesp, 95% dos 220 mil professores da Estado estão em greve. Segundo o último balanço da Secretaria de Estado da Educação, divulgado na semana passada, a paralização atinge 71% das escolas da Grande São Paulo e 77% das escolas do interior.

Os desfiles do 7 de Setembro que aconteceriam hoje em São Bernardo e Diadema foram cancelados por causa da greve dos professores da rede estadual. Nas outras cidades do ABCD a programação será normal. Este será o primeiro desfile realizado em São Bernardo nos últimos dez anos. O cancelamento foi decidido na terça-feira à tarde. O prefeito Maurício do Desfile pela ausência dos 34 escolas escalados que participariam do evento. Os organizadores calculavam um total de 4.000 participantes.

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 220 mil professores, 1.300 supervisores de ensino e 5.200 diretores de escola
- **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo); Aguas (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Aguas) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão dia 1º:** 71% das escolas da Grande São Paulo e 82% do interior (dos paralisação total ou parcial, segundo o governo; 90% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** reajuste de 130% até setembro, além do que o governo propõe; política salarial que repunha, pelo menos, as perdas com inflação; entre outros
- **Contraproposta:** 32% de reajuste em agosto, 73% em setembro (129% nos dois meses), mais 10,38% por cada ponto do reajuste geral do funcionalismo de outubro a dezembro e 13,76% de janeiro a março; reposição das perdas com inflação em março
- **Alunos:** 6,3 milhões (6.500 escolas)

OKTOBERFEST



FESTA DO CHOPE

A 5ª Oktoberfest de Campos do Jordão (SP) começa dia 22 de outubro e vai até 1º de novembro. A festa tem seu custo estimado em US$ 80 mil. Durante o evento devem ser consumidos 20 mil litros de chope (foto).

AMBIENTE

Incêndio atinge parque na serra da Mantiqueira

Da Folha Vale

Um incêndio atingiu, entre as 18h de sábado e o início da tarde de ontem, parte da vegetação do Parque Estadual de Campos do Jordão (SP), o único na Serra da Mantiqueira. Segundo o diretor do parque, João Evangelista de Melo Neto, 38, o fogo se alastrou por cinco hectares da área de reflorestamento do Pinus e já foi controlado. O parque tem 8.350 hectares de área de preservação ambiental.

Segundo Melo Neto, as árvores da área de reflorestamento que foram atingidas não correm risco de morrer. Ele afirma que o fogo foi rasteiro e não chegou à copa das árvores. O diretor disse que os prejuízos não foram maiores porque o fogo atingiu áreas de capoeira (vegetação rasteira) e não chegou às áreas de mata fechada.

Cesp captura onças para monitoramento

Da Agência Folha, em Presidente Prudente

A Companhia Energética de São Paulo (Cesp) capturou na última semana duas onças na área do Mato Grosso do Sul que será inundada em 1985 pelo lago da hidrelétrica de Primavera (780 km a oeste de São Paulo). A operação deverá prosseguir nos próximos dez dias. A empresa pretende capturar mais cinco animais.

As onças, depois de anestesiadas, recebem coleiras com transmissor de sinais de rádio. Elas serão monitoradas até o enchimento do lago, quando poderão ser removidas de área. Os animais capturados são duas fêmeas. Uma pesa, 37 kg, 1,65m, tem entre 3 e 4 anos. A outra, pintada, 78 kg, 1,76m, tem idade aproximada de 9 anos.

O biólogo Peter Crawshaw Jr., do Ibama, é quem comanda a operação de captura.

Informação à vista, preço a prazo.

Assine 4 meses de Folha

SÓ ATÉ AMANHÃ

Informação

Faça uma assinatura da Folha. Você e sua família receberão 4 cadernos diários e mais 6 semanais. Além destes, o Folhão de domingo, que contém vários cadernos especiais, incluindo roteiros e classificados. Aproveite!



Apenas 3x de 1.288,00*

Garanta 4 meses de Folha e economize 20% sobre os exemplares avulsos. Oferecemos também outros planos e prazos de pagamento em até 5 vezes. Confira você mesmo. Ligue já.

3x SEM JUROS NO CARTÃO

30 | 60 | 90

Você pode ganhar até 30, 60 e 90 dias para pagar sua assinatura pelo cartão. São 3 parcelas iguais e sem juros! Aceitamos todos os cartões. Mas se você preferir, o pagamento poderá ser efetuado através de cobrança bancária. Confira conosco o melhor plano para você.

Cartão Clubefolha

Ao tornar-se um assinante, você receberá o exclusivo Cartão Clubefolha. Use este cartão para garantir uma economia de até 50% de desconto em diversos locais como: videolocadoras, restaurantes, teatros etc. Quinzenalmente, aos sábados, você receberá com o seu exemplar um caderno especial com as informações importantes sobre as melhores ofertas. Não perca!



Ligue já:

222-2000 (Grande SP)

0800-15-8000 (Demais cidades - ligação gratuita)

FOLHA

Não dá pra não ler.

A Folha atende de 2ª a 6ª, das 7 às 22h, e nos sábados, das 8 às 20h.

Desconto válido à assinatura. *Preços válidos para SP, RJ, MG, PR com Crendinet Bank.

CIDADES



Cerca de 44 mil veículos retornaram pelo sistema Anchieta/Imigrantes (foto) ontem do litoral — Pág.2

POLÍTICA



Djalma Bom (foto), presidente do PT de S. Bernardo, investiga Laurentino Hilário — Pág. 3

ESPORTES



Luiz Pereira estréia hoje no São Bernardo (foto) contra o Garça, pela 2ª Divisão — Pág. 4

7
último caderno

folha abcd sp

FOLHA DE S.PAULO

Terça-Feira, 7 de setembro de 1993 1

Santo André ★ São Bernardo do Campo ★ São Caetano do Sul ★ Diadema ★ Mauá ★ Ribeirão Pires ★ Rio Grande da Serra

FILME

'O Silêncio dos Inocentes' em Diadema



O horror e suspense de "O Silêncio dos Inocentes", que deu a Anthony Hopkins o Oscar de melhor ator de 91, fica em cartaz no Centro Cultural de Diadema de quinta, dia 9, a domingo, dia 12. As sessões serão realizadas às 19h, com entrada franca. Os ingressos devem ser retirados antecipadamente.

TEATRO

Comédia estréia no Carlos Gomes

A comédia "Vibrações Femininas", que conta a história de duas mulheres que decidem escrever um texto e encená-lo, estréia hoje no Cine-Teatro Carlos Gomes, em Santo André. A direção é de Reinaldo de Moraes e o elenco conta com Aurora Paz e Gel de Souza. Em cartaz até quinta, às 20h30.

O PREÇO

250

cruzeiros reais custa o ingresso para o musical infantil "Os Saltimbancos", inspirado em "Os Músicos de Bremen", conto dos Irmãos Grimm. A última apresentação é hoje, às 16h, no Teatro Cacilda Becker (praça Samuel Sabatini, 55), em São Bernardo.

MÚSICA

Grupo Lírico se apresenta na sexta

O Grupo Lírico do ABC se apresenta na sexta-feira, dia 10, às 20h, na sede social da Associação Nipo-Brasileira (r. 1º de Maio, 56), em Ribeirão Pires. O ingresso será em forma de gêneros alimentícios.

Greve dos professores faz Diadema e São Bernardo cancelarem desfile

As prefeituras das duas cidades suspenderam o evento pela falta de participação de estudantes

Free-lance para a **Folha**

Os desfiles de Sete de Setembro, que aconteceriam hoje em **São Bernardo** e **Diadema**, foram cancelados por causa da greve dos professores da rede estadual. Nas outras cidades do ABCD, a programação será normal. Este seria o primeiro desfile realizado pela Prefeitura de São Bernardo nos últimos dez anos.

O cancelamento foi decidido na sexta-feira à tarde. O prefeito desistiu do desfile pela ausência das 34 escolas estaduais que participariam do evento. Os organizadores calculavam um total de 4.000 participantes. Nos últimos dez anos não foram realizados desfiles em São Bernardo por não serem obrigatórios, segundo Artur Calazans, 61, prefeito da cidade entre 83 e 88. Já Maurílio Soares (PT), 54, prefeito de 89 a 92, disse que os desfiles lembravam comemorações do período militar.

O cancelamento do desfile de Diadema foi decidido na quinta-feira, em reunião da delegacia de ensino e o prefeito José de Filippi Júnior (PT). Segundo a assessoria de comunicação da prefeitura, a cidade realiza desfiles de Sete de Setembro desde a década de 70. O primeiro cancelamento aconteceu este ano pela falta de participação dos estudantes.

As prefeituras de **Santo André, São Caetano e Mauá** decidiram manter as comemorações, mesmo sem poder contar com a participação dos alunos das escolas estaduais. Os destaques vão ficar para atletas, bandas e policiais militares.

Apesar do cancelamento dos desfiles de São Bernardo e Diadema, os professores aproveitam a data para protestar contra os baixos salários. A decisão de realizar atos de protesto durante as comemorações de hoje foi tomada em assembléia estadual organizada pela Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado) na última quinta-feira, em São Paulo.

NÚMEROS DA GREVE

- **Nº de professores:** cerca de 15 mil na região
- **Piso atual*:** CR$ 9.139
- **Reivindicações:** reajuste de 187% sobre o salário de julho, reposição mensal da inflação e aplicação do 30% do ICMS no ensino público
- **Contraproposta:** reposição semestral das perdas, reajuste de 129% até setembro, elevação do valor alimentação de CR$ 31 para CR$ 124 (em setembro), aumento de 10,25% de outubro a dezembro e 15,76% de janeiro a março de 94
- **Data-base:** março



Professores de Santo André preparam material de protesto para participarem do desfile



Professores bloquearam avenida de Santo André na quinta

Grevistas de Santo André e Diadema 'enterram' Fleury

Eles querem a reabertura das negociações

Free-lance para a **Folha**

Em ***Santo André****, os professores da rede estadual da cidade e dos 60 alunos de* ***Diadema*** *vão se vestir de preto ou usar tarjas pretas para "enterrar" o governador Luiz Antonio Fleury Filho durante as comemorações de Sete de Setembro, em protesto aos baixos salários.*

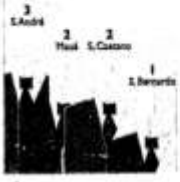
"Também elaboramos um ofício, que pretendemos entregar amanhã (hoje) ao vice-prefeito José de Anchieta (PMDB), para que interceda junto ao governador pedindo reabertura das negociações salariais", afirmou Valdivina Francisca Tertuliano, *conselheira regional da Apeoesp em Santo André.*

Rosana Viana Torres, conselheira da Apeoesp em Diadema, também vai participar do protesto em Santo André. Ela acredita que a manifestação dos professores, mesmo pacífica, vai atrapalhar o desfile. "Vamos estar diante da sociedade e dos representantes da disciplina reivindicando os problemas que atingem a educação hoje. Mas nem tudo são flores", disse. A Secretaria Estadual de Educação não funcionou ontem, dia de ponto facultativo para órgãos públicos.

ESPECIAL

SANTO ANDRÉ TEM MAIS COMISSÕES DE INQUÉRITO

Na região, este ano



Protestos continuam amanhã

Free-lance para a **Folha**

Os professores das escolas estaduais de **São Caetano** devem realizar reuniões de esclarecimento sobre a greve com pais e alunos das 25 escolas da cidade a partir das 8h do hoje, em vez de participar do desfile cívico da cidade. "A data já estava reservada em calendário para comemorações do Sete de Setembro. Resolvemos aproveitar para discutir a paralização com os pais, nos vestidos de preto, em sinal de protesto", afirmou a coordenadora da subsede da Apeoesp de São Caetano, Vera Lúcia Severiano.

Os protestos dos professores continuam amanhã, quando as cinco subsedes do ABCD realizam assembléias regionais. Em **Santo André**, a assembléia será às 14h, no Sindicato dos Metalúrgicos. "Em seguida, saímos em passeata, provavelmente pelo centro da cidade. Devemos fechar a via expressa Perimetral, como na última quarta-feira", afirmou o coordenador da subsede, Jurací Lopes Duarte, 45.

Os professores de São Caetano farão assembléia às 14h30, no Sindicato da Construção Civil e anteaçam parar a av. Goiás. As subsedes de **Diadema** e **São Bernardo** fazem assembléia unificada, às 15h, na Praça da Matriz, em São Bernardo. Elas decidem na hora como será a manifestação de protesto.

Comemoração tem início às 8h

Free-lance para a **Folha**

As comemorações de Sete de Setembro em **Santo André** começam às 8h, com hasteamento e juramento à bandeira. O desfile cívico está programado para as 9h30, na av. Apiaí. A greve não atrapalhou as comemorações na cidade porque não estava programada participação de estudantes das escolas estaduais.

Desfilam hoje a corporação da Polícia Militar, o Corpo de Bombeiros, Sesi (Serviço Social da Indústria) e esportistas dos cursos da prefeitura, natação do Carrefour, basquete feminino da Lazis, basquete masculino da Unisesc, grupos da terceira idade, Força Expedicionária Brasileira, Banda Lira de Santo André, escoteiros, colônia japonesa, Guarda Municipal e Tiro de Guerra.

Em **São Caetano**, está programado hasteamento da bandeira às 8h, no Palácio da Cerâmica. Às 9h, começa o desfile na avenida Fernando Simonsen, em frente ao Espaço Verde Chico Mendes. O evento terá participação da Corporação Musical da cidade, Corpo de Bombeiros, Polícia Militar, colégios municipais e particulares, grupos de escoteiros e patrulheiros mirins.

O hasteamento da bandeira em **Mauá** será às 9h, na avenida Portugal. O desfile terá participação da PM, Corpo de Bombeiros, Guarda Municipal, Guarda Infanto-Juvenil e escoteiros.

Avenida Apiaí vai ser interditada

Free-lance para a **Folha**

A av. Apiaí, no bairro Silveiras, em **Santo André**, estará bloqueada hoje para a realização do desfile de Sete de Setembro. As alternativas para os motoristas, segundo o Departamento de Serviço de Trânsito, são as avenidas paralelas Natal e D. Pedro 2º, sentido centro-bairro, e av. Andrade Neves, para o sentido contrário. A av. Apiaí continuará interditada parcialmente até quinta-feira, para limpeza e retirada das arquibancadas. A Prefeitura de **São Caetano** informou que não será necessário interditar a av. Fernando Simonsen.

Professores de Rio Preto fazem protesto no 7 de Setembro

Free-lance para a Folha

Professores e alunos das escolas da rede estadual de Rio Preto programaram uma manifestação de protesto contra o governo do Estado durante o desfile de 7 de Setembro, que acontece hoje pela manhã na avenida Bady Bassit. Os professores estão em greve há 19 dias por causa da política salarial do governo.

Segundo Edivaldo dos Santos, 22, presidente da Ubes (União Municipal de Estudantes Secundaristas), os estudantes vão fazer um enterro simbólico do governador Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB) durante a manifestação.

Racha na PM

O tenente Dário do Nascimento, 46, disse ontem que a PM não vai permitir que os professores da rede estadual, em greve há 19 dias, participem do desfile. "A participação dos professores não consta do cronograma do desfile. Vamos fazer um cordão de isolamento para impedir a manifestação", afirmou.

Nascimento foi contestado pelo tenente Geraldo Pavam, 47. Ele disse que os professores estão autorizados a participar do desfile. "Eles estão garantidos pela Constituição", afirmou. Pavam pediu para que as declarações de seu colega de farda fossem "desconsideradas".

A Folha procurou ouvir o coronel Ailton Ferraz da Silva, comandante do policiamento da área do interior para comentar as declarações de seus subalternos, mas ele não foi encontrado. Segundo sua mulher, Aurelaci Ferreri da Silva, 47, o coronel passou no sítio da família e só retornou à noite.

"Se forem impedidos de desfilar de preto, vamos montar outra estratégia de protesto. Vamos para a arquibancada e nos manifestar pacificamente com cartazes e faixas", afirmou Valmir Pereira, 33, conselheiro da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) de Rio Preto.

Em Rio Preto, a greve dos professores paralisou totalmente 44 das 53 escolas da cidade. As restantes estão funcionando parcialmente. Cerca de 40 mil alunos, segundo a Apeoesp, estão sem aulas. A Divisão Regional de Ensino não divulga os números da paralisação.

Mais de cem professores da rede estadual de ensino de Araçatuba deverão participar hoje do desfile cívico em comemoração ao dia 7 de setembro. Eles deverão desfilar de preto, levar cartazes e faixas sobre a crise na educação e deverão fazer o percurso em silêncio. A informação foi divulgada ontem pelo coordenador da Apeoesp, Marcos Francisco Alves, 42.

O tenente Samuel Souza Nunes, 44, da Polícia Militar, que esteve de plantão ontem, disse que já tinha conhecimento do protesto dos professores. "A participação dos professores no desfile não deverá causar em nada o esquema de segurança para o desfile."

Os professores de Araçatuba estão em greve há 19 dias. Na cidade, cerca de 95% dos 4 mil professores aderiram ao movimento. No primeiro dia de greve, a adesão foi de 50%. Na região de Araçatuba, a adesão é de 90%.

RAIO X DA GREVE

- Nº de professores: 13.626
- Nº de escolas: 373
- Nº de alunos: 267.554
- Sindicatos: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), filiado à CUT
- Piso salarial: CR$ 6.900 por 20 horas/aula semanais, em julho
- Reivindicações: 187% de reposição salarial, piso de Dieese (CR$ 40 mil), investimento de 30% do ICMS e reajuste mensal pela inflação
- Contraproposta: 129% em duas vezes (20% em agosto e 90% em setembro) e não-alienação de CR$ 124 para setembro

Fonte: Governo do Estado, Secretaria de Educação, Diretoria Regional e Apeoesp

Fazenda
Página especial de produtos, serviços e outras utilidades para o agropecuarista.
Para anunciar ligue: (0172) 32-9511

Solução Inteligente de Abastecimento de Água no Campo e na Cidade.
Caixas Metálicas:
• Rapidez na Construção
• Durabilidade
• Revestimento Antiferruginoso
• Alta Qualidade
Poços Semi-Artesianos
MATERIAIS ELÉTRICOS | MATERIAIS HIDRÁULICOS | MÁQUINAS E FERRAMENTAS
Av. Bady Bassit, 4800 - Fone(0172) 33-9375 - Rio Preto - SP

SOCIAL

Cida Caran



A ninja Fabiana Cruz capricha no perfil em tarde de tortas de chás em Rio Preto



O industrial Ricardo Novelli desligou o ventilador para conferir noite do coquetel no Automóvel Clube

Fogos
O empresário Vrahkos Porto estará participando de 17 a 23 de setembro, em Santa Cruz de La Sierra, de uma feira de fogos de artifício.

Fim-de-semana
O desembargador Régis Fernandes de Oliveira estava com sua mulher, Marilena, em Monte Apazível, para o final de semana prolongado.

Grelha
José Gildo D'Stefano e Wilsinir de Sousa colocaram a cerveja no congelador e prepararam recepção em grande estilo aos amigos que foram assistir ao desfile da festa do peão de Guapiaçu.

Chapéu
O empresário Avelino Frigério decidiu montar o diabeiro.

★

Ela costurou a costura Roberta Miranda para um show dia 18 na festa de aniversário de Neide Guarnetti e Silvio Seba.

Grinalda
Cristina Ogar e Paulo Biazgis marcaram encontro no altar do Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração da Redentora no dia 1º de outubro, com festa após a cerimônia no salão do Rio Preto Automóvel Clube.

Lobby
Empresários em crescer o rapaz do gaudério que ligará Bolívia a São Paulo, um grupo de empresários estará reunido hoje com o prefeito Manoel Antunes.

Ventilação
A empresária da moda Patrícia Engreio Dias decidiu diversificar seus negócios.

★

Ela vai inaugurar as quintas-feiras uma filial da Novelli Pais e Filhos em Rio Preto.

Pijama
O desembargador Régis Fernandes de Oliveira vai requerer seu privilegio dias a aposentadoria.

★

Antes mesmo dela chegar, ele começou a pedir votos para se eleger deputado federal e escolheu Monte Aprazível como base.

VIA ANDREA
Confecções e calçados masculinos
ROUPAS DE PURO LINHO BRASPÉROLA
MELHOR PREÇO, PRAZO E QUALIDADE
Rio Preto Shopping Center
Loja 79
Tel.: (0172) 27-1122

O QUE ABRE E FECHA NO FERIADO

Em Rio Preto, Araçatuba, Catanduva, Votuporanga, Fernandópolis, Jales e Pirassol

Supermercados: terça - fecham	Feiras: terça - funcionam
Ônibus: terça - funcionam	Aeroportos: terça - funcionam
Lojas: terça - fechem	Shoppings: terça - funcionam só os cinemas
Estado: Prontos-socorros e hospitais atendem casos de emergência e urgência; atendimentos ambulatorial não funcionam; postos de saúde não abrem.	Município: Prontos-socorros e hospitais atendem casos de urgência e emergência; atendimentos ambulatorial não funcionam; postos de saúde não abrem.
Postos de combustíveis: terça - funcionam	Bancos: terça - não funcionam
	Correios: terça - não funcionam

TRABALHO ESCRAVO

Fazendeiros recebem multa de CR$ 555 mil

Da correspondente

A subdelegada do Ministério do Trabalho de Araçatuba, Ivone dos Santos Munhoz, 43, multou os proprietários da fazenda Santa Izabel em CR$ 555 mil. Eles são acusados do uso aprisionar a documentação de contratação de 23 trabalhadores rurais.

A Delegacia de Investigações Gerais abriu inquérito para apurar se os bóias-frias trabalhavam em regime de escravidão. A pena para esse tipo de crime é de dois a oito anos de reclusão. Procurados pela Folha desde domingo, os donos da fazenda não foram encontrados para comentar a decisão do subdelegado.

Na sexta-feira, a subdelegada Ivone Munhoz interditou o alojamento que abrigava os 23 bóias-frias. Segundo ela, o local não apresentava "condições mínimas" para abrigar pessoas.

De acordo com Ivone, os trabalhadores ficavam em barracos cobertos por lonas e dormiam sobre sacos de estopa. O alojamento não tinha sanitários. Os trabalhadores já retornaram para seu Estado de origem, a Bahia.

Domingo, o gerente da fazenda Santa Izabel, Paulo Camargo, foi procurado durante o dia, por telefone, mas não foi localizado. Celso Camargo, que se identificou como filho de Paulo, disse que o pai estaria em Auriflama e que não havia previsão de quando iria retornar para Araçatuba.

Também procurado por telefone, ontem e anteontem, o arrendatário Nacir Massa não foi encontrado em Auriflama. O proprietário da fazenda, Vicente de Almeida Prado, também não foi localizado pela reportagem.

Um funcionário da fazenda, que se identificou apenas como Dodu, disse não saber onde Prado poderia ser encontrado.

Torneio premia 8 'tweeter-boys' de Rio Preto com US$ 420

Free-lance para a Folha

Oito "tweeter-boys" —aficionados em som para carros— ganharam US$ 420 (CR$ 42 mil no câmbio comercial) em dinheiro, como prêmio dado pela comissão organizadora do 1º Campeonato de Sonorização em Carros de Rio Preto. O campeonato foi realizado anteontem na Represa Municipal. A potência de som somada dos 70 carros chegou a 35 mil watts.

Os primeiros quatro colocados na categoria CD foram premiados com US$ 70 (CR$ 7.000). Os vencedores foram: Lucas Santos (D-20, placa BKE 9899), Alexandre Machado (Gol, placa BKB 0570), Fábio Henrique (Gol, placa BHD 0900) e Márcio Canedo (Kadett, placa BGW 6853).

Na categoria toca-fitas, o prêmio foi de US$ 35 (CR$ 3.500) para os quatro primeiros.

Feira de Catanduva espera 100 mil visitantes

Free-lance para a Folha

Mais de 100 mil pessoas devem visitar a 5ª Feira Comercial e Industrial de Catanduva, que prossegue até domingo, no Recinto de Exposições João Zanco-ner, segundo expectativa da comissão organizadora.

O prefeito Carlos Eduardo de Oliveira Santos (PMDB), 46, disse que foram gastos em torno de US$ 90 mil (CR$ 9 milhões no câmbio comercial) na organização da feira. O evento dirá de ser realizado durante cinco anos consecutivos devido aos altos custos.

Foram contratadas dez atrações musicais para animar a feira. Hoje, às 20h, acontece o show sertanejo de César e Paulinho. As próximas apresentações são do Grupo Nós, Jair Rodrigues, Roberta Miranda, Capitul Inicial e Christian e Ralf.

Hoje o ingresso será vendido pela metade do preço, de CR$ 200,00 por CR$ 100,00, para atrair os visitantes. A permanência para todos os noites da feira custa CR$ 1 mil.

Parisi inicia preparação de Lei Orgânica

Free-lance para a Folha

A população de Parisi poderá fazer, a partir da próxima sexta-feira, sugestões ao anteprojeto da Lei Orgânica do Município. Parisi é uma das cidades emancipadas no final do ano passado na região. As sugestões populares precisam de 5% das assinaturas dos eleitores do município.

A Câmara de Parisi deve começar a votar o projeto a partir do dia 10 de novembro. A promulgação da Lei Orgânica está prevista para 5 de dezembro.

MORTES

As necrologias publicadas nesta edição não gratuitas, podendo ser providenciadas pelo telefone (0172) 32-9955.

Rio Preto

AIDE FONTOURA DA SILVA — Aos 48, casada com Aladio Pires da Silva. Corretor Municipal de Conselheiro Municipal de Conselheiro Rio, PTB.

TORELLO JOÃO COLOMBINI — Aos 87, viúvo. Deixa seis filhos. Comércio Municipal de Reservação, em Rio Preto.

MARIA APARECIDA DOS SANTOS — Aos 58, solteira. Comércio de Presidente.

MAURILIO REGGIO — Aos 72, desquitado. Deixa quatro filhos. Comércio Municipal em Olímpia.

ROSALINA MARIA DE JESUS — Aos 39, solteira. Comércio São João dos Rios Preto.

JOÃO FERNANDES FILHO — Aos 74, viúvo. Deixa seis filhos. Comércio Municipal de Uchoa.

FRANCISCO FERNANDES DA SILVEIRA — Aos 68. Comércio Municipal de Rio Preto.

BARBARA MARTINS — Aos 91, casada. Deixa nove filhos. Comércio de Presidente Prudente.

JOSÉ RODOLFO PINTO PURLAN — Aos 62, casado com Wilma Pereira Purlan. Comércio Municipal de Olímpia.

Mirassol

MANOEL GARCIA TELLES — Aos 91, viúvo. Deixa quatro filhos. Comércio Municipal de Mirassol.

JOSÉ CUPERTINO PIRES — Aos 70, casado com Maria Municipal de Mirassol.

Fernandópolis

SEBASTIÃO GONÇALES — Aos 78, casado. Deixa nove filhos. Comércio Municipal de Fernandópolis.

N. Horizonte

DANTE BONI — Aos 79, solteiro. Comércio Municipal de Monte Horizonte.

ANTONIO GARCIA MARINS — Aos 65, viúvo. Comércio Municipal de Nova Horizonte.

Rio Preto

TERTULIANO DE VASCONCELOS — Aos 74, casado. Deixa seis filhos. Comércio Municipal de Uchoa.

S. Adélia

MAURO GOMES — Aos 54, casado. Deixa dez filhos. Comércio Municipal de Auriflama.

folha norte
Redação: Luiz Antonio de Oliveira, 444 - Rio Preto - CEP 15015-040 - Tel.: (0172) 32-9955 - Publicidade: (0172) 32-9955 - Assinaturas: (0172) 32-9955 - Circulação: (0172) 32-9955 - Fax: (0172) 32-9997 - Telex: (0172) 32-9955

7 DE SETEMBRO

Só 20 professores saem de luto no desfile

Grupo de mulheres grita e aplaude soldados do Tiro-de-Guerra, considerados 'corajosos e bonitos'

CENAS DE UM FERIADO ANUNCIADO

Free-lance para a Folha

O desfile de 7 de Setembro em Ribeirão Preto foi marcado por dois tipos de manifestação. A primeira foi a passeata feita pelos professores da rede estadual de ensino, em greve há 21 dias, e a outra foi o entusiasmo de um grupo de meninas pelos "garotos do Exército".

Entre frases e faixas, os professores protestaram contra a violência do ato público em São Paulo, no último dia 26, quando grevistas e policiais entraram em choque. Segundo a Apeoesp (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), apenas 20 professores compareceram à manifestação. A expectativa era de que 400 participassem do desfile. A vereadora e coordenadora regional da Apeoesp, Jousa Leal Garcia, desfilou com cartazes claros e jeans, levando um bolão preto.

Regina Marcas, mãe de alunos da rede estadual, foi assistir ao desfile com os dois filhos, Eduardo e Gustavo Marcas. Segundo ela, os professores encontraram o momento exato para o ato público. "Eles gastam pouco e merecem apoio", afirmou.

Segundo dados da Apeoesp, 85% dos 7.000 professores de Ribeirão estão em greve. Hoje os professores se reúnem na EEPSG Otoviel Mota para fazer uma avaliação do movimento. Amanhã a assembléia será no Vale do Anhangabaú, em São Paulo.

Quando os integrantes do Tiro-de-Guerra desfilaram seus uniformes pela avenida, um grupo de meninas gritou e aplaudiu os chamados "garotos do Exército". "Eu apoio a greve dos professores, mas o que gostei foi do desfile do Tiro-de-Guerra. Os soldados são lindos e bravos", disse Bianca Martins, 24.

"Também um pouco, tanto que estou curtindo uma paquera cívica", disse Carolina Pastine, 17, enquanto tentava chamar a atenção de um dos militares.

"Eu estou aqui para paquerar os militares. Eles são corajosos" disse Yara Perro, 22.Segundo a Polícia Militar, 3.500 pessoas assistiram ao desfile.



Militares da tropa do Tiro-de-Guerra desfilam pela avenida Pascoal Inocchi, em Ribeirão



Garotos de skates e patins brincam na América Brasiliense

O feriado em Ribeirão Preto foi marcado pelo desfile da manhã na avenida Pascoal Iuvechi, com direito a protesto de professores grevistas contra o governo estadual e suspiros de adolescentes diante dos jovens fardados do Tiro-de-Guerra. À tarde, as ruas quase desertas viraram pista para passeios de bicicleta, skate, patins ou até mesmo a pé. Valeu também tomar um chopinho ou um sorvete aproveitando o último dia do feriado prolongado.



Professores estaduais em greve desfilam em Ribeirão Preto

Adolescente é morto na zona norte com tiros na mão, braço e pescoço

Free-lance para a Folha

O ajudante geral Júlio César Lima Magri, 16, foi morto com três tiros ontem, às 0h45, na rua Itapicuru, próximo ao número 1.200, no Ipiranga, zona norte de Ribeirão Preto. A polícia não tem pistas do assassino. A DDD (Delegacia de Investigações Gerais) começa hoje a investigar a morte do rapaz.

Segundo a mãe de Magri, Maria Helena Lima Magri, 34, seu filho era viciado há um ano e meio em cocaína. Ela disse que seus vizinhos disseram que um rapaz negro, com tatuagens pelo braço, estava procurando pelo seu filho.

Magri foi baleado na mão esquerda, no braço direito e no pescoço. O funileiro Laurival Magri, 37, pai do rapaz, disse que o filho costumava dormir fora de casa. Ele afirma que ia sempre buscar o filho na região onde o crime ocorreu.

Ontem, às 6h10, a Polícia Militar encontrou o corpo de Tarcísio Delfino da Rocha, 43, em um terreno baldio no bairro Parque Ribeirão Preto, na zona oeste da cidade. Ao lado de Rocha, foi encontrado um paralelepípedo manchado de sangue.

Oito rapazes roubam 3 bicicletas e agridem ciclistas em Ribeirão

Free-lance para a Folha



Silon (esq), Mayko e Leandro, que tiveram as bikes roubadas

Um grupo de oito garotos, alguns menores e todos bem vestidos, praticou um "arrastão" no bairro Parque das Andorinhas, zona norte da cidade, na noite de anteontem. O grupo levou três bicicletas tipo mountain bike de quatro ciclistas do bairro que faziam um passeio noturno. Um dos ladrões estava armado com um revólver. Duas das vítimas foram agredidas.

O roubo de bicicletas se tornou um dos crimes mais praticados em Ribeirão este ano. A polícia diz que são roubadas entre duas e três bicicletas por dia na cidade. Nos finais de semana, a média pode passar de dez. A maioria dos casos envolve menores.

Segundo o encarregado de almoxarifado Silon Borges do Prado, 20, uma das vítimas do anteontem, o grupo costuma andar junto para evitar os assaltos. "Os ladrões se aproximaram e, com um chute no pescoço, me derrubaram da bicicleta. Não tive o que fazer. Eles estavam armados. O pior é que tinha acabado de pagar a bicicleta", afirmou.

O estudante Giovani DeBiase, 18, teve também o pior de três levados pelos ladrões. Todos os ladrões usavam boné, calças jeans e camisetas. Três fugiram com as bicicletas pela estrada de terra que liga os bairros Jardim Procópio e Alexandre Balbo. A outra vítima foi Leandro Amaral Siqueira, 18.

UMA HORA E MEIA DE GARGALHADAS

MARCOS PLONKA
(SAMUEL ELKOSTAIN)

E

JOÃO ELIAS
(SALIM MOSHIBA)

No Melhor dos Shows de Humor:



"DOIS PELO PREÇO DE UM!"

LOCAL: Ribeirão Preto - Teatro Municipal - Tel. (016) 625-6841
DIAS: 08, 09 e 10 de Setembro HORA: 21 horas

LOCAL: Araraquara - Teatro Municipal - Tel. (0162) 36-5183
DIA: 11 de Setembro HORA: 21 horas

LOCAL: Jaboticabal - Clube de Campo Dr. La Franchi - Tel. (0163) 23-1555
DIA: 12 de Setembro HORA: 21 horas

PATROCÍNIO: rodobens CONSÓRCIO DE IMÓVEIS

A Solução para sua Casa Própria.

APOIO: STREAM PALACE HOTEL hedonê Livraria-Papelaria

IPMF



Valdir Barbosa (foto), dono de imobiliária, adaptou a cobrança de taxas para fugir ao IPMF - Pág. 2

POLÍTICA



O prefeito Magalhães Teixeira (foto) se diz surpreso com críticas do vereador Carlos Sampaio - Pág. 3

FUTEBOL



O técnico Givanildo (foto), do Braga, diz que está satisfeito com empate em 0 a 0 com Botafogo - Pág. 4

6
1º caderno

folha sudeste sp

FOLHA DE S.PAULO

Quarta-Feira, 8 de setembro de 1993 1

Campinas ★ Jundiaí ★ Piracicaba ★ Rio Claro ★ Americana ★ Limeira ★ Bragança Paulista ★ São João da Boa Vista ★ Atibaia ★ Araras ★ Pirassununga ★ Mogi Guaçu ★ Mogi Mirim ★ Amparo ★ Itatiba ★ Itapira ★ Leme

Venha conhecer no Compex o Centro de Soluções Avançadas
EXICOT
HEWLETT PACKARD
compex

Professores criam 'batalhão de choque'

Grevistas usam cópia de equipamento da PM em protesto na avenida central de Campinas

LILIAN PRIMI*
Free-lance para a Folha

Os professores da rede estadual, em greve há 20 dias, fizeram ontem uma intervenção no desfile oficial de 7 de Setembro, em Campinas. Não houve tiroteio. Na realização da manifestantes e da PM, o ato reuniu cerca de 500 professores, que jogaram pétalas de flores do alto dos prédios e fizeram um desfile alternativo com destaque para o pelotão de choque da educação: 15 professores com escudos feitos em cartolina, iguais aos usados pelo Batalhão de Choque da PM e lápis no lugar do cacetete.

O desfile oficial começou às 9h30, com as corporações militares e bombeiros, seguidos de alunos e professores de 12 escolas da rede pública. Os professores que iveram que acompanhar os alunos saíram com tarja preta nos braços.

Nas calçadas da avenida Francisco Glicério, mais manifestantes seguraram faixas de protesto. O cordão dos professores só saiu depois de encerrado o desfile oficial, já no final da manhã, cerca um espaço de 100 metros do último bloco do oficial, conforme recomendação da PM.

O primeiro bloco trouxe as bandeiras do Brasil, de São Paulo e Campinas, seguidas pelo carro da morte, uma alegoria montada sobre um Karmann Ghia vermelho com caixão e a figura da morte (uma professora vestida com fantasia em papel crepom). "É a morte da educação", explicou Elza de Lima, 47, conselheira da Apeoesp (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo).

Atrás do carro, um bloco de bandeiras e outro com faixas de protesto e em seguida, o caminhão secou. Uma sala de aulas ambientada foi montada na carroceria de um caminhão velho.

Para explicar a escala, um bloco de professores com lupa atrás, com as faixas históricas da Apeoesp, que lembram as greves e movimentos pela educação feitas desde o governo de Paulo Maluf (1979-1982). "Nosso salário na época da posse do Maluf era de cinco salários mínimos. Hoje é de 1,49", diz Elza.

O bloco destacou, além de Maluf, os ex-governadores Franco Montoro (1982-1986), Orestes Quércia (1987-1990) e o atual, Luiz Antonio Fleury Filho, como os vilões da educação.

Atrás do bloco histórico, os professores aposentados, com faixas e blocos de professores "armados" com livros, canetas e lápis, e o "pelotão de choque na educação". Encerrando o desfile, um bloco de alunos e pais com faixas de agradecimento.

O desfile parou em frente ao palanque das autoridades e Lindabel Cardoso, diretora da Apeoesp, cobrou do prefeito de Campinas, José Roberto Magalhães Teixeira, apoio e ajuda no encaminhamento das negociações com o governo estadual.

Magalhães disse que só fará isso caso seja convidado oficialmente pelos grevistas e com a condição de que Fleury aceite sua participação como intermediador. Uma faixa contra a reunião considerou foi criticada por Magalhães. "Eles não deveriam misturar militância política com o movimento de reivindicação", disse. Magalhães diz achar justa a greve.

* Colaborou ROSANA SPINELLI, free-lance para a Folha.

NÚMEROS DA GREVE

- Nº de professores: 12 mil
- Nº de escolas: 140
- Nº de alunos: 140 mil
- Piso salarial*: CR$ 6.900, em julho
- Reivindicações: 187% de reposição salarial, piso do Dieese (CR$ 31 mil em julho), investimento de 30% da ICMS e reajuste mensal pela inflação
- Contraproposta: 129% em duas vezes (30% em agosto e 99% em setembro)
- Decisão: em assembléia com 10 mil docentes segundo a Apeoesp.
- Adesão: 95% segundo grevistas. Governo não fez avaliação.
- Sindicato: Apeoesp, filiada à CUT.

* por 12h trabalhadas



Professores desfilam imitando Batalhão de Choque da PM pela avenida Francisco Glicério



Mariana Ferreira Paiolini, 7, abriu com passo de balé o desfile oficial de 7 de Setembro, no centro de Campinas

Direção do IAC negocia demissões amanhã com o governo do Estado

Free-lance para a Folha

Os diretores do IAC (Instituto Agronômico de Campinas) vão se encontrar amanhã com o secretário de Governo, Cláudio Abrantes. Os diretores estão demissionários e adiaram a entrega dos cargos, que deveria acontecer na quarta-feira passada, devido a essa reunião. O secretário prometeu uma solução para os salários dos funcionários de apoio à pesquisa para o IAC e Ital (Instituto de Tecnologia de Alimentos).

Na semana passada, depois de 20 dias de paralisação no atendimento ao público no IAC, o governo concedeu isonomia salarial dos pesquisadores do Instituto com os que trabalham nas universidades estaduais, com reajustes médios de 150%.

Os servidores de apoio, que ganham CR$ 6.900 (70% dos 1.800 servidores), ficaram sem proposta. O IAC entrou em greve geral e os diretores adiaram a entrega dos cargos. Caso o governo não apresente uma solução, eles prometem se demitir.

OS FUNCIONÁRIOS ESTÃO PARADOS HÁ

32

ADESÃO AO MOVIMENTO DE

100%

O IAC enfrenta falta de verbas desde o governo de Paulo Maluf (1979-1982). Em 1991, o Instituto quase teve que fechar por falta de pesquisadores, recursos para dar continuidade aos trabalhos e pessoal de apoio. Os funcionários fizeram um movimento chamado SOS IAC e conseguiram evitar a falência.

Os salários, no entanto, continuam baixos. Segundo Otávio Ticelli, diretor-geral substituto do IAC, um diretor tem anos os servidores se mobilizam a cada dois meses. A intenção da diretoria é implantar uma política salarial que evite esse problema pelos próximos anos.

No Ital, os funcionários acompanham o movimento, com paralisação desde o dia 8 de agosto e greve desde quarta-feira passada. A direção não colocou seus cargos à disposição. O movimento abrange 10 dos 17 institutos de pesquisa do Estado de São Paulo.

CINEMA

"Feitiço..." brinca com o tempo



O filme "Feitiço do Tempo", com direção de Harold Ramis, tem sessões hoje às 17h, 19h e 21h no Galleria 4 do shopping Galleria, em Campinas. A comédia tem Bill Murray e Andie MacDowell (foto) nos papéis principais e mostra um apresentador da TV que vive o mesmo dia várias vezes.

JAZZ

Totem tem noite de Jazz

O músico Marcelo Calderazzo se apresenta hoje, às 21h30, no Totem Bar (rua Conceição, 525), em Campinas. O show é o primeiro do projeto Primeira Jazz Totem, que vai ter atrações todas as quartas. Os ingressos custam CR$ 200,00.

VÍDEO

Barcelona é tema de vídeo

O vídeo "Um Olhar Sobre Barcelona" tem exibição hoje e sexta, às 12h30 e 18h, no Centro de Informática e Cultura 2 (avenida Moraes Salles, 1.373), em Campinas.

EXPOSIÇÃO

Salão tem mostra em restaurante

A exposição "O Melhor do Humor, No Almoço e No Jantar" mostra trabalhos dos cartunistas Angeli, Zélio e Ziraldo, entre outros. A mostra é paralela ao 20º Salão de Humor de Piracicaba. A exposição pode ser vistada das 11 às 23h.



PARAÍSO



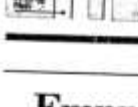
Uma das sete baias para ônibus em construção na avenida 23 de Maio

Pontos da 23 de Maio terão baias para ônibus

Da Reportagem Local

A Prefeitura de São Paulo está construindo sete baias para ônibus na avenida 23 de Maio. Cada baia fica com uma faixa extra, construída sobre a calçada, com comprimento médio de 45 metros. Servem para retirar da pista os ônibus que param nas operações com passageiros.

Quando as obras terminarem —previstas para o final de outubro— todos os pontos de ônibus da avenida 23 de Maio serão transformados em baias, o que deve melhorar o trânsito no local. Todas baias já estão em construção. A quarta começou a ser construída ontem. Fica entre o viaduto Jacuípi e a rua Joinville, no sentido centro-bairro. As obras devem durar 45 dias, período em que ficará interditada a alça de acesso da rua Tuiuti para a 23 de Maio. Para chegar à avenida, os motoristas devem usar as ruas Pirapora e Joinville (veja mapa).





PINHEIROS



Funcionário do Aeroanta lambe cascudo que vive em aquário poluído

Ecologistas retiram peixes de aquário sujo em boate

Da Reportagem Local

Técnicos da Prefeitura de São Paulo e ativistas do grupo ecológico WSPA (World Society for the Protection of Animals) vão retirar um cágado e dez peixes que vivem em um aquário da casa noturna Aeroanta, em Pinheiros. Segundo a WSPA, os frequentadores da boate jogam cigarros e bitas no aquário. O cágado e os peixes —seis cascudos e quatro carpas— serão levados a um parque municipal, onde ficarão sob observação. Segundo Mylai Elizabeth Schlittler, da WSPA, o cágado está magro —por falta de alimentação— e as carpas estão com fungos —devido à poluição do aquário. Segundo Gleto Romano, assessor de imprensa do Aeroanta, a casa sempre fez limpezas periódicas no aquário. "Os animais estão com boa saúde", disse. "O aquário fica na fachada da casa e nem todos respeitam os animais", afirmou.



SANTANA

Empresa traz ao Brasil cosméticos anti-poluição

Da Reportagem Local

A empresa Phytoervas lança hoje na Cosmética —feira de produtos de higiene e de beleza que acontece até domingo no parque Anhembi— uma linha de maquiagem e um creme hidratante que, afirma o laboratório, protegem contra a poluição das grandes cidades. Segundo Cristiana Arcangeli, presidente da Phytoervas, testes realizados na França comprovaram a eficácia dos cosméticos contra a poluição. "São produtos naturais com partículas muito finas que formam um filme protetor. Os agentes agressores não conseguem penetrar na pele", disse.

Os produtos com a marca Clarins são importados da França pela Phytoervas, que detém exclusividade de venda no país. A linha de maquiagem incorpora 80 cores de batons e 20 de sombras. Cada item custa entre US$ 20,00 e US$ 30,00. O creme hidratante custa US$ 25,00. Estão à venda no estande da Phytoervas na feira, em lojas de departamento ou perfumarias. Em São Paulo, podem ser adquiridos no Mappin, na Mesbla, no Eldorado e na loja Phyta do Shopping Iguatemi.

Cosméticos à base de produtos de beleza e higiene. Parque Anhembi, avenida Olavo Fontoura, 69, Santana. De hoje a domingo, das 14h às 22h.



Cosméticos anti-poluição



CENTRO

Professores mantêm greve com passeata e panelaço

Da Reportagem Local e da FT

Os professores da rede estadual de ensino fazem hoje manifestação ao centro de São Paulo, a partir das 15h. As entidades que congregam os professores, em greve há 23 dias, esperam reunir mais do que as 60 mil pessoas que compareceram ao ato da última quinta-feira, na avenida Paulista. A concentração será no vale do Anhangabaú, onde estão previstos assembléia e um "panelaço". Depois, haverá passeata até a praça da República.

A manifestação de hoje ocorre cinco horas após reunião no Palácio dos Bandeirantes entre o secretário de Governo e os dirigentes das entidades que congregam os profissionais do ensino público (Apeoesp, Apase e Udemo). O governador Luiz Antonio Fleury Filho não vai comparecer à reunião. Os professores reivindicam reposição salarial de 187%, majoritos previstos de acordo com a inflação, piso equivalente ao salário mínimo do Dieese (CR$ 41 mil, em valores de agosto) e 30% do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus. O governo oferece 129% de reposição salarial. Segundo a Secretaria Estadual da Educação, a paralisação atinge 63% das 2.298 escolas da Grande São Paulo e 80% das 4.364 escolas do interior. Pelo menos 4,5 milhões de alunos estão sem aulas.



Professores na avenida Paulista



EDUCAÇÃO

A expectativa de uma nova le

JOSÉ RUBENS RESELATTI

Em 1987 já nos advertíamos pel "que a forma pela qual a saú sidade brasileira vinha sendo c cebida e gerida de constituía um mecanismo de alta influên na produção de alterações en cristalização do sistema educa nal do país". Destacávamos q para uma universidade entend como um núcleo de produção divulgação do conhecimento, c ensino e pesquisa voltados para problemas da população, a leg lação era insuficiente e inadeq da. Era visível a necessidade um conjunto de leis que leva em conta a realidade contempo nea e regulasse as questões educ cionais em nível nacional, isto a Lei de Diretrizes e Bases Educação nacional (LDB). Hoj com a proposta de LDB encam nhada ao Senado pela Câmara presenciamos um acesso na di ção das reformas pleiteadas. primeiros delas se refere à concep ção de universidade, enquanto in tituição que tem por atribuição desenvolvimento da pesquisa, d ensino e da extensão, de maneir indissociável.

Uma outra reforma é relativa a processo de reconhecimento de uma instituição como "universidade". Diner o que deve ser uma instituição social, estabelecendo critérios para reconhecê-la como tal e diferenciá-la das demais, no contexto do caos em que encontra o sistema organizacional do país, não deixa de ser um ato de ousadia. A divisão de responsabilidades entre a União, Estados e municípios, levando em conta o desenvolvimento do ensino básico da região, representa algo racional em razão à ebulição desordenada do sistema de educação. A reordenação das regras que pautam as ações do governo ao negociar os serviços das entidades privadas de ensino, cria condições para dificultar as que se interessam pelo problema, das que se utilizam dele para mercantilizar o ensino em benefício próprio.

Mas quem (os o que) propiciou esses avanços na proposta de LDB? O processo de participação, conduzido com algum cuidado, é o fator determinante de tais resultados. A própria experiência da gestão da universidade pública no país é um dado a ser considerado, no sentido de ter fornecido elementos de análise e profissionais que auxiliassem no processo de elaboração da nova proposta.

Não existe a ingênua expectativa de que o texto seja aprovado na íntegra. Mas, é necessário que sejam preservados e implementados os aspectos fundamentais da proposta (entre eles a autonomia das universidades federais), permitindo, talvez, concluir que a percepção da sociedade brasileira e de alguns de seus representantes no Parlamento, no que tange aos assuntos educacionais, sofreu um significativo grau de evolução.

JOSÉ RUBENS RESELATTO, 30, é diretor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

POLÍCIA 190
DISQUE SAÚDE 1520
BOMBEIROS 193
AMBULÂNCIA 192
PRONTOS-SOCORROS
Centro - tel. 228-7122
Norte - tel. 959-3613
Sul - tel. 549-0344 e 276
tel. 578-5111
Leste - tel. 204-4911 e 206-9600
Oeste - tel. 263-9370 e 4430
TÁXI
Rádio Táxi - Tel. 251-1733
Luxo Táxi - Tel. 845-4299 e 226-4799
Ligue Táxi - Tel. 873-2000
Cooperlux 941-3558
ESTRADAS



FOLHA DE S.PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

Folha • Folha Reportiva • Folha da Manhã • Folha da Noite

AGENDA

ODONTOLOGIA - Congresso internacional sobre avanços na área. Hoje. Tel.(011)222-5544

MEDICINA - Congresso de cirurgia para clínicos. De hoje a sábado. Tel(011)232-3141

CANCEROLOGIA - Reunião anual com temas como o estigma do câncer na sociedade. De hoje a sábado. Tel.(011)239-9131

DIREITOS AUTORAIS - Curso sobre direitos à imagem para artistas e comunicadores, na FPU. Às quintas e sextas-feiras. Tel.(011)270-3433

CRIAÇÃO - Oficina teórico-vivencial sobre artes e os quatro elementos, da professora Cecyla Borell. Hoje. Tel.(011)571-9772

CULINÁRIA - Curso de comida com pressa, de Wilma Kovesi. De hoje até 30 de setembro. Tel.(011)282-9131

VÍDEO - Cursos de vídeo de curta duração na Oficina Cultural do Tatuapé Raul Seixas. Começa hoje. Tel.(011)217-0963

VINHO DO PORTO - Leilão no Solar do Vinho do Porto. Hoje às 20h30. Tel.(011)815-5577

MITOLOGIA AFRO-BRASILEIRA - Palestra na Sociedade Teosófica. Hoje às 20h. Tel(011)35-0452.

SECURITIZAÇÃO - Palestra de Norma Barbosa sobre recebíveis locais. Hoje no Rio Palace. Tel.(011)874-1177.

RESPIRAÇÃO HOLOTRÓPICA - Palestra sobre um método de exploração interior, na Pólis Athena. De amanhã a domingo. Tel.(011)283-0857

MASCULINO E FEMININO - Palestra de Craig Gilmore e May Ean sobre reconciliação entre os sexos. Amanhã na Pólis Athena. Tel.(011)288-7358.

XAMÃ - Primeira jornada da Paz Gaia, dirigida por Carminha Levy. De amanhã a domingo. Tel(011)822-4992

ORQUÍDEAS - Exposição de flores no Shopping Jardim Sul. Começa amanhã. Tel.(011)844-1000

PSICANÁLISE Curso de formação da terapeutas. Inscrições até amanhã. Tel.(011)864-2230

ACONTECEU HÁ 10 ANOS

"A Itália rendeu-se incondicionalmente aos aliados" era a manchete da Folha no dia 9 de setembro de 1943. O armistício assinado dia 3 começou a vigorar na tarde do dia 8.

A CIDADE É SUA

Leitora quer informações sobre multas

A leitora Giselle Muniz Storer reclama que perdeu tempo quando foi licenciar o veículo e telefonou para o Detran para saber se havia alguma multa. Segunda a leitora, a atendente informou que não constava nada e quando ela comparecu ao guichê apareceu uma multa. "Fiquei indignada por ter perdido tempo ligando para um serviço de informações que não funciona." A leitora chegou a perguntar se não seria mais lógico desativar tal telefone.

Resposta

O diretor do Departamento Estadual de Trânsito, Cyro Vidal da Silva, informou que o telefone pertence ao serviço de informações ao público do DSV. O diretor esclareceu que não possui um sistema de informações das multas do Detran/Dersa/DER e que, até o final do ano, estará integrado. Consideramos a crítica da leitora Giselle válida e indefinada.

Cartas para "A Cidade É Sua/Via São Paulo" devem ser enviadas para a Secretaria de Redação (Alameda Barão de Limeira, 425, 3º andar, Campos Elíseos, São Paulo SP, CEP 01290-900), com nome e endereço completos, CIC, RG, endereço e telefone do reclamante.

Professores decidem continuar em greve

...isão foi tomada em assembléia no Anhangabaú; governo inicia oficialmente negociação com grevistas no sábado



...embléia de professores ontem no Anhangabaú (centro)



Rosimeire, Sônia, Luciene e Rosângela, estudantes, no ato

Da Reportagem Local

Os professores estaduais, em greve há 24 dias, decidiram ontem em assembléia no vale do Anhangabaú (região central de São Paulo) continuar o movimento. Também marcaram para a avenida Paulista a próxima assembléia, que será realizada na próxima quinta-feira. Segundo a Polícia Militar, dez mil pessoas participaram do ato. O sindicato dos professores estimou o público em "mais de cem mil".

Representantes da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e da Udemo (sindicato dos diretores de escola) estiveram reunidos ontem no Palácio dos Bandeirantes com o secretário de Governo, Cláudio Alvarenga.

Segundo Roberto Felício, 41, presidente da Apeoesp, "o governo oficialmente iniciou negociações com os professores". Felício considera a decisão um "avanço" porque o governo virou se recusando a negociar com os grevistas. "Fica a expectativa de que o governo comprove com atos concretos sua intenção de negociar."

Nova reunião foi marcada para amanhã, às 10h, com o secretário da Educação, Carlos Estevam Martins —que tomou posse ontem. Martins disse que verificará quais são "as reivindicações dos professores, o que pode ser flexibilizado e o que são pontos cruciais". "A intenção é atender a essa necessidade crucial, que é o resgate da capacidade salarial dos profissionais", disse.

Os professores encerraram o ato no Anhangabaú com uma passeata até a Secretaria da Estado da Educação, na praça da República (região central). A professora Celina Bessa, 29, foi ferida na cabeça quando os manifestantes tentaram abrir uma faixa de seis metros de extensão na escadaria do prédio Caetano de Campos. Uma das extremidades da faixa ("Secretaria da Educação fechada para balanço") atingiu uma luminária que caiu sobre a professora. Ela foi levada para a Santa Casa.

Na quinta-feira passada, os professores fizeram assembléia na avenida Paulista, apesar de o governo ter tentado evitar a utilização do local. Ontem, o comando de greve sugeriu que a assembléia fosse marcada para perto do Palácio dos Bandeirantes, onde os professores estiveram em choque com a polícia há duas semanas. Com a abertura das negociações, a idéia foi abandonada.

•TRÂNSITO - A passeata entre o Anhangabaú e a praça da República causou congestionamentos de 7,8 quilômetros nas ruas próximas ao trajeto dos professores. Entre as 17h25 e as 18h30, as avenidas Mercúrio e Senador Queirós ficaram paradas. Na avenida São João, o trânsito ficou lento entre a avenida Ipiranga e a rua Conselheiro Crispiniano. A ligação ficou congestionada em toda sua extensão. Na rua da Consolação, houve engarrafamento entre a avenida São Luís e a rua Antônio Carlos.

•REPERTÓRIO DOCENTE - Com quatro pessoas em menos de um mês, o movimento dos professores já teve um repertório de canções. O principal conteúdo do som, além de levar cada handebau que toca "Ei, você aí, me dá um dinheiro aí...", também reproduz uma nova versão da música "Another Brick in the Wall", do grupo Pink Floyd: "Ei, teacher, vem pra cá logo!". Outro sucesso: "Abre a porta e a janela e vem ver quem é que eu sou. Sou aquele professor que o Fleury xingou."

...studante critica supervisor

Da Reportagem Local

...estudante Luciene Alves dos ...s, 19, que cursa o 3º ano ...efam (Centro de Formação e ...fissionamento do Magistério), ...esteve à assembléia dos pro... ...es no Anhangabaú. "É importante tomar consciência dos ...lemas da profissão antes ...e de exercê-la. O que pegou ...professores não dá para esquecer."

...iciene e as amigas Sônia, ...meire e Rosângela —que es... ...m no Cefam— concordam, ...m, que alguns professores ...riam "pagar para dar aulas". ...correm alunos do 3º série do ...grau encontraram erros dos professores no quadro negro", diz Rosimeire Gomes, 17.

As estudantes dão uma aula semanal com a supervisão de professores. "Já vi professor dizer 'mais grande' e 'mais maior' sem que pudesse corrigi-lo, porque se tratava do meu supervisor", diz Luciene. Ela conta que só aprendeu a escrever a locução "de repente" quando entrou no curso de magistério, cujo nível é de 2º grau. "Durante todo o 1º grau escrevi 'de repente' junto e com dois 'r' sem que nenhum professor me corrigisse", diz Luciene, que sempre estudou em escolas públicas.

...ovo secretário toma posse

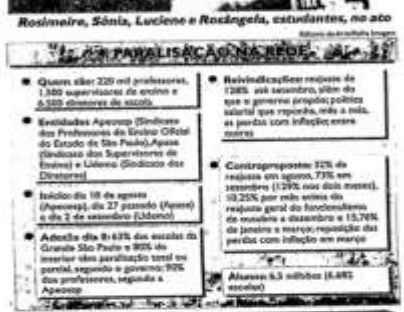
Da Reportagem Local

...professor de filosofia da USP ...los Estevam Martins, 59, to... ...e posse ontem como secretário ...dual da Educação, no Palácio ...Bandeirantes. Ele ocupou o ...go por 11 meses na gestão ...ércia e substitui Fernando Mo..., que sairá há uma semana.

...Martins disse que pode rever o ...ano do "excesso padrão", que ...ou melhorias na rede. "Vamos ...ntar as mudanças físicas e nos ...concentrar nas pedagógicas", ...mou ele.

...o secretário-interino, Patrício ...Prado Filho, se reunia ontem ...s representantes dos professo... ...grevistas, deputados estaduais ...secretário de Governo, Cláu... Alvarenga, o clima que ainda ...há nova proposta salarial.

...Martins somou posse ontem, ...u só recebe o cargo de Prado ...e. Segundo ele, isso não seria ...a maneira de evitar o encontro ...s professores em passeata. ...Quando foi secretário, a transmissão de cargo também foi um ...após a posse."



Porto Seguro

SOL, MAR, E DIVERSÃO O ANO TODO!!

PARTINDO DE CONGONHAS EM VÔO DIRETO. BOEING 737-500 DA RIO-SUL. "O mais moderno e avançado boeing em operação no Brasil." O melhor serviço de bordo.

8 DIAS

Saídas: Sábados e Domingos Set./Out.

INCLUSO: Passagem aérea, hospedagem em hotéis de praia com café da manhã e 7 refeições (jantar).

Hotel CASABLANCA*** c/ ótimo serviço de praia, etc.

Hotel PARADISE***** c/ praia privativa, quadra de tênis, exuberantes jardins internos, e parque aquático c/ 700 mts.

Hotel PORTO SEGURO PRAIA***** c/ piscina, sauna, quadra de tênis, serviço de praia, etc.

PASSEIOS: Cidade Alta e Baixa, Coroa Vermelha, e praias de Cruzeiro, Curuípe, Muntal, Ponte Grande e Taperapuã.

SUPER PROMOÇÃO
PARA SAÍDAS 19 E 26/AGOSTO
COMPRANDO HOJE CR$ 28.045,00
CHEQUE PARA DAQUI 15 DIAS
+ CR$ 28.045,00
PARA 45 DIAS DA COMPRA
OU À VISTA
PREÇO HOSPEDANDO HOTEL PORTO SEGURO PRAIA

PROMOÇÃO! ATÉ 6 PARCELAS IGUAIS, FINANCIAMENTO CVC OU CI SEU CARTÃO DE CRÉDITO. SENDO 1º PAGTO. NO ATO E DEMAIS C/ SEU CARTÃO AMERICAN EXPRESS, CREDICARD, DINERS, SOLLO OU TURISCARD CVC.

CVC
889-7011 231-1222 259-8255

CARIBE IRRECUSÁVEL



Olha só o preço de um cruzeiro de altíssimo padrão pelo Caribe a bordo do Crown Jewel:

Preços por pessoa:
US$ 1.875,00 para Cabine Interna
US$ 2.125,00 para Cabine Externa
3º e 4º passageiros por apenas US$125,

PROMOÇÃO:
Passagem aérea S.Paulo/Miami/S.Paulo para 1º e 2º passageiros na cabine.

E olha só a mordomia:
Só 800 passageiros a bordo;
Saída de Ft. Lauderdale;
Serviço exclusivo com padrão CUNARD

Consulte seu agente de viagens, ou ligue:
OREMAR (011) 258-1244

PACOTES DE SETEMBRO

QUE TAL UM DESCANSO DEPOIS DAS FÉRIAS?

JAMAICA
A Nova Onda do Caribe
Saídas todas as 5ªs feiras
Hotel Holiday Inn
Preço US$ 896
Hotel Grand Lido
Sistema ALL INCLUSIVE
Preço US$ 1.070 SuperClubs

SAÍDA ESPECIAL 30/SETEMBRO
Hotel Holiday Inn
Preço US$ 800 ou 15X US$ 62

ARUBA
Saídas: Sábados e Terças
6 dias/5 noites
Hotel Aruba Royal Resort
Preço US$ 926
8 dias/7 noites
Hotel Aruba Royal Resort
Preço US$ 949

CANCUN/MIAMI
By Varig
Saídas todos os Domingos
3 dias - Miami - Hotel Sheraton Brickell
6 dias - Cancun - Hotel Marriott
Preço - Parte aérea + terrestre - US$ 1.729
Câmbio turismo

ARUBA/CURAÇAO
Saídas: todas as Terças
6 dias/5 noites
Hotel Aruba Royal Resort - Aruba - 3 noites
Hotel Holiday Beach - Curaçao - 3 noites
Preço US$ 1.040

CANCUN
Saídas: Set. 16, 23 e 30
Out. 14 e 21 - Nov. 4, 18 e 25
Hotel Cancun Playa
Preço US$ 898

PARADERO
Saídas todas as 6ªs feiras
Hotel Bellamar
Preço US$ 599
Hotel Super Clubs Varadero
Sistema ALL INCLUSIVE
Preço US$ 1.090 SuperClubs

BARBADOS
Saídas todas as 6ªs feiras
Hotel Heywoods
Preço US$ 958
SAÍDA ESPECIAL 10/SETEMBRO
Hotel Barbados Beach Village
Preço US$ 800 ou 15X US$ 62

Preço por pessoa acomp. duplo/café da manhã. Financiamento com cartão de crédito sem acrésc. Validade Setembro/93.
Consulte seu agente de viagens ou nossos representantes.

DIMENSÃO Turismo
VOCÊ FAZ O CLIMA

CENTRO EMPRESARIAL 545-6101
Atendimento às Agências: 545-2240 ou ramal ABAVI 913

ESCOLA PÚBLICA

Alunos se dividem na greve de professores

Estudantes da rede estadual enfrentam paralisação há um mês e acham que a briga com o governo 'vai longe'

Entenda a paralisação

Da Redação

Cerca de 220 mil professores da rede estadual de ensino de São Paulo estão em greve há 27 dias e decidiram continuar a paralisação. A decisão foi tomada em assembléia no Vale do Anhangabaú na última quinta-feira.

A principal reivindicação dos professores é um reajuste de 128% neste mês. O governo propôs 32% de reajuste sobre o salário de agosto e 71% em setembro. O acordo entre governo e professores, segundo Roberto Felício, presidente do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado, "está avançado".

Há duas semanas, uma manifestação dos professores em frente ao Palácio dos Bandeirantes terminou em choque com a PM. O secretário de Educação Fernando Morais se demitiu. Na última quinta, o professor de filosofia da USP Carlos Estevam Martins assumiu o posto.



Marcelo Castellar trocou o Brasílio Machado pelo colégio Objetivo por causa da greve

SILVIA CARONE
Da Reportagem Local

Estudantes de escola pública sofre. A única vantagem, ao que parece, é não ter que pagar mensalidade. O resto é muito difícil: falta tudo, de cadeira a bibliotecas, de bons professores a passe de ônibus para poder chegar até a escola. E, de um mês para cá, falta aula também.

Alguns alunos ficam bravos com a greve, outros entram na briga com o governo exigindo salários melhores para seus professores. Outros simplesmente desistem do ensino gratuito e decidem encarar os preços das escolas particulares, como os irmãos Marcelo e Rodrigo Castellar, que na semana passada começaram as aulas no colégio Objetivo, depois de anos estudando no Brasílio Machado.

Marcelo tem 17 anos e está no 2º colegial. Acha que a greve "ainda vai longe" e por isso decidiu junto com os pais que o melhor seria mudar para uma escola paga. Mas ele não ficou muito contente com a idéia: se pudesse —ou melhor, se desse pé—, ele continuaria no Brasílio. "Gostava muito de lá."

Sobre apoiar ou não a greve, Marcelo acha que é uma questão de "ponto de vista". "Os professores estão no direito deles. Todo mundo sabe como eles ganham pouco, mas para os alunos é muito ruim."

Não é o que diz uma outra aluna do Brasílio. Para Adriana Imparato, 17, a maior parte dos alunos é a favor da greve. "A gente acha que a questão dos salários não é só um problema dos professores, é dos alunos também. Aliás, a população inteira é afetada, porque essa é uma questão política", diz ela. A amiga Alessandra Araújo completa: "Os alunos não querem só apoiar, querem participar. Nós estamos planejando um acampamento em frente à Secretaria de Educação, para pressionar o governo." Adriana e Alessandra fazem parte do movimento Juventude Revolução, que existe há cinco anos.

Leopoldina de Medeiros, 13, também está do lado dos professores na greve. Ela fica irada com os alunos que estão contra. "Só os riquinhos não apóiam a greve. Eles acham que, como os pais deles têm dinheiro, todo mundo tem." Leopoldina entrou para a União da Juventude Socialista no ano passado, levada pela mãe. "Decidi entrar depois das passeatas pelo impeachment. Foi aí que eu vi o poder da juventude", diz, balançando uma bandeira na assembléia dos professores no Vale do Anhangabaú, quinta-feira passada.

VIDA DE PEÃO



Na hora de entrar, o garoto morde a boca e faz de tudo para controlar o boi enlouquecido

"Para ser peão é preciso força e muita humildade", diz tropeiro

Da Folha Nordeste

No interior do Brasil, ser peão é uma carreira promissora, que pode trazer fama e muito dinheiro. Mas para se tornar peão só existe um jeito: montar em cima do boi e aprender, na raça, a dominá-lo. Não existem escolas oficiais de montaria.

Quem tem menos de 18 anos e quer competir em rodeios deve, em primeiro lugar, arrajar uma autorização por escrito dos pais —os clubes de montaria não se responsabilizam por possíveis acidentes.

As regras de montaria são iguais às dos peões profissionais. Os animais escolhidos para os peões teens também estão começando a competir. As montarias são apenas em bois: bezerros de até 15 meses para os mirins (de 10 a 14 anos) e garrotes com 18 meses para os juniores (de 14 a 16 anos). Acima de 18 anos, em garrotes, o peão já é considerado profissional.

O peão deve ficar pelo menos 8 segundos em cima do lombo do animal. As montarias são classificatórias e o peão vai somando pontos. Quem tiver mais pontos é o ganhador.

Hoje, segundo o tropeiro Milton Colenghi, não existe escola para peões, a não ser uma ou outra em algumas cidades —que são são oficiais. "A maioria aprende montando mesmo".

Colenghi avisa a quem pretende começar que não existe regra fixa para conseguir ficar os oito segundos firme em cima do bicho: "O boi é imprevisível e a cada dia pula de um jeito. Mas a humildade é a coisa mais importante para o peão", dita o tropeiro.

Ele acredita que poderá fazer com que os rodeios mirim e infantil sejam um mercado promissor para os garotos a "com prêmios bons. "Se for assim, sempre vão aparecer peões novos e talentosos. Isso significa patrocínio garantido para quem é jovem", diz Colenghi.



O pãozinho não segurou direito e acabou levando um tombaço na arena de Barretos

LANÇAMENTO

Crias barulhentas do Ministry começam a aparecer no Brasil

ALEX ANTUNES
Especial para a Folha

Sai no Brasil o álbum ao vivo do Ministry, "In Case You Didn't Feel Strewing Up", de 1990. Para quem tem os dois discos anteriores, "The Land of Rape and Honey" e "The Mind is a Terrible Thing to Taste", não é grande novidade: as músicas são conhecidas, é as versões de estúdio já eram bem pauleira (se você não tem os outros, aí sim é boa pedida).

"In Case..." na verdade é mais interessante na sua versão em vídeo, que mostra uma engabanda (dez pessoas se dividindo entre cinco guitarras, três teclados, duas baterias, um baixo —e quatro vocalistas) dando um show com uma cerca de arame fechando a frente do palco, contra a qual se atira um público furioso.

Mas também é um disco importante porque marcou uma tendência: a do surgimento de um novo gênero de rock, híbrido de punk, metal, eletrônico e industrial. "In Case..." é não só a origem do próximo álbum do grupo americano, "Psalm 69", como também do trabalho de outras bandas.

Mais incrível ainda é que vários desses "herdeiros" foram lançados no Brasil. O Nine Inch Nails tem seu segundo disco —o mais pesado— disponível no Brasil. Chama-se "Broken". O "dono" da banda, Trent Reznor, é um tarado que faz questão de morar na mansão hollywoodiana em que a atriz Sharon Tate (mulher do cineasta Roman Polanski) foi trucidada pela gangue do maluco Charles Manson.

Também dentro desse estilo está o trio Prong, de Nova York, que faz (tem surgido sem teclados) um rock pesado e elaborado, com toques de som "industrial". O melhor disco deles é "Prove You Wrong", exatamente o que foi lançado no Brasil no ano passado. As letras são meio filosóficas, mas a música é uma cacetada brutal.

O mais recente a surgir nessa praia foi o quinteto californiano Fear Factory. O primeiro disco deles, "Soul of a New Machine", foi gravado como quarteto, mas logo em seguida o músico responsável pelos samplers foi integrado à banda, que pirou com a eletrônica.

Mais difícil de achar, e bem esquisitão, é o disco do grupo francês Treponem Pal, de 89, que saiu só em vinil. Vale a pena procurar. E o próximo que deve ser lançado, por estes dias, é o Skrew, duo que gravou com uma máquinha da Al Jourgensen, do Ministry.

Nova geração de 'Jornadas' terá longa-metragem

Da Redação

Para o final do ano que vem (mais longe, né?) está programado o primeiro longa metragem com a nova geração de "Jornada nas Estrelas". O filme deve ser da Paramount e deve promover o encontro entre as duas Enterprise, a de James T. Kirk e Jean Luc Picard. A reunião deve acontecer depois de uma volta no tempo que carrega a tripulação mais nova para os domínios de Kirk. Claro, os dois capitães se envolvem em encrencas juntos.

O roteiro do novo filme está sendo elaborado por Ron Moore e Brannon Braga e a encomenda foi feita pela Paramount ao produtor-executivo da série Rick Berman, o responsável por seis anos consecutivos da segunda turma da Enterprise no ar.

A idéia é que Berman escreva dois scripts e o melhor vire o filme de cinema. Um terceiro roteiro também será apresentado para apreciação da Paramount.



REPÓRTER-FOLHATEEN

A **Folha** está selecionando currículos de profissionais interessados em disputar uma vaga de repórter do Folhateen. Exige-se dos candidatos domínio das línguas inglesa e portuguesa, além de experiência com textos jornalísticos. Dá-se preferência a quem tenha ou esteja cursando pós-graduação e conheça o Novo Manual da Redação.

Os currículos devem ser enviados aos cuidados da Secretaria de Redação, à al. Barão de Limeira, 425, 4º andar, CEP 01290-900, São Paulo, SP, sob a sigla C-569, até o dia 17 de setembro.

FOLHA DE S. PAULO



Aparecida Padovan entrega panfletos para professores em greve

Apeoesp teme esvaziamento da greve e recorre à panfletagem

Free-lance para a **Folha**

Professores em greve da rede estadual de ensino fazem panfletagem hoje nas 53 escolas de Rio Preto. Segundo a coordenadora da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) Aparecida Padovan, 48, o objetivo da panfletagem é fazer com que os grevistas continuem mobilizados. A paralisação entra hoje no 26º dia.

As negociações entre o governo e os professores não avançaram. Aparecida disse que a reunião com o secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, 59, "não deu em nada".

"A impressão que a gente tem é de que o governo está 'empurrando com a barriga' para esvaziar o movimento."

Governo e representantes dos grevistas devem se reunir novamente amanhã para iniciar novas negociações.

Os professores reivindicam reposição de 187% de perdas salariais, piso salarial de CR$ 40 mil, reajuste mensal e o pagamento dos dias parados. O governo oferece 129% mais 15 referências salariais a serem pagas de outubro a março de 94.

SOCIAL

Cida Caran



A ninfeta Patrícia Estracelli retoca o batom para assuntar em encontro de jovens de Rio Preto

Opera

O vereador Carlos Eduardo Peitosa assustou os funcionários da Câmara de Rio Preto na sexta-feira. Ele apareceu vestido de terno às 7h. Todos acharam que ele tinha passado a noite no plenário.

Biquinho

João Carlos Belmonte Silva prova que gosta de viver perigosamente. Longe dos olhos dos fiscais ele radicalizou nas manobras com seu jet ski durante a semana na represa de Barbosa.

Molho

O empresário Eduardo Malaf foi obrigado a se afastar do circuito rio-pretense.

•

Ele foi mais uma das vítimas da violência que chegou na cidade.

Tesoura

Depois da imagem anos 60, Marco Antônio Rocha retoma o visual bem comportado dos anos 90. Passou a tesoura nos caracóis e assumiu de vez os cabelos curtos.

Família

O irriquieto Lilício Pereira Júnior não deixou por menos, veio morar em São Paulo.

•

Como não vai poder estar hoje em Rio Preto para comemorar seu apaga-velas, requisitou a mamma Marisa e o filho Diego para uma visita em sua casa paulistana.

Sol

O empresário Luiz Carlos Junqueira fugiu de Rio Preto para ver de perto o que as baianas têm.

Glacê

A superlativa Janaína de Freitas caprichou na sessão proteína ontem em sua casa para comemorar mais um aniversário. Com tantas mulheres pra lá de estonteantes, o churrasco rolou até altas horas da noite.

Vinil

Em meio a distorções e raridades musicais, Rubens Sanches Filho resolveu levantar a poeira de sua Gramophone, lá pelos lados da Maréchal. A loja de discos dos mais descolados mudou todo o visual depois de uma reforma completa.



Preparada para exibir o look, Patrícia Fleury veste xadrez para badalar na boate Bloom

VEÍCULOS USADOS CANGURU
PROCEDÊNCIA GARANTIDA!

SANTANA CL	92 / 92	Gas.	Branco
QUANTUN GLS	92 / 92	Gas.	Vermelho Colorado
QUANTUN GLS	92 / 92	Gas.	Azul
PARATI CL 1.8	92 / 92	Gas.	Vermelho Montana
PARATI CL 1.8	92 / 92	Gas.	Verde
SANTANA GLS	89 / 90	Gas.	Cinza
GOL CL 1.6	92 / 92	Gas.	Branco
GOL CL 1.8	92 / 93	Gas.	Branco
APOLLO GLS	91 / 92	Gas.	Azul
APOLLO GL	91 / 91	Gas.	Prata
KOMBI STD	88 / 88	Alc.	Branca
KOMBI PICK-UP	91 / 91	Gas.	Branca
ESCORT L	91 / 92	Gas.	Prata
PRÊMIO CS	85 / 86	Alc.	Prata

Canguru
R. Bernardino de Campos, 4465
Redentora - S. J. Rio Preto - S.P.
Fone: (0172) 33-0444
GRUPO FARIA

SHOPPING

Lojas de piscinas dão descontos de 20%

Free-lance para a **Folha**

Quem pretende comprar uma piscina para enfrentar o verão em Rio Preto pode obter descontos de até 20% em duas lojas da cidade. Além do desconto no preço à vista, também existe o preço parcelado em até três vezes.

Na Belaqua, por exemplo, uma piscina da marca Vinil (6m x 3m) está sendo vendida com 15% de desconto no preço parcelado. O interessado pode pagar três parcelas de CR$ 68 mil. O preço de mercado são três parcelas de CR$ 80 mil. A promoção vai até o dia 15.

A Aguazul está vendendo a piscina Nova Fibra (2,2m por 1,3m por 0,4m) com 9,45% de desconto no preço à vista. De CR$ 12,48 mil, ela está sendo vendida por CR$ 11,3 mil.



Piscina que está em promoção na Aguazul, em Rio Preto

MORTES

As comunicações publicadas nesta coluna são gratuitas, podendo ser transmitidas pelo telefone (0172) 21-9033.

Mirassol

ANTONIO DA SILVA — Aos 92, solteiro. Cemitério Municipal de Mirassol. **ÂNGELA MARIA VILLA** — Aos 27, solteira. Cemitério Municipal de Mirassol. **JOÃO JOSÉ PEREIRA** — Aos 67, viúvo. Deixa 11 filhos. Cemitério Municipal de Mirassol.

Icém

LÁZARO JORGE DA SILVA — Aos 74, casado. Deixa 8 filhos. Cemitério Municipal de Fronteira.

Rio Preto

MARTA MARIA DOS SANTOS — Aos [illegible], solteira. Cemitério Municipal de Fernandópolis.

De anteontem

Mirassol

FRANCISCA GARQUE ASTERO — Aos 84, viúva. Deixa [illegible] filhos. Cemitério Municipal de Bálsamo. **LUIZA DO NASCIMENTO LOPES** — Aos [illegible], casada. Deixa [illegible] filhos. Cemitério Municipal de Mirassol.

Santa Adélia

ANTÔNIO DONIZETE GARCIA — Aos 33, casado. Deixa filhos. Cemitério Municipal de Santa Adélia.

Rio Preto

ANACLETO ANTONIO DOS SANTOS — Aos 83, casado. Deixa quatro filhos. Cemitério São João Batista, em Rio Preto. **ZACARIAS JOÃO BITENCOURT** — Aos 61, solteiro. Deixa quatro filhos. Cemitério Municipal de Fronteira. **MARIA GOMES DA SILVA** — Aos 57, solteira. Deixa cinco filhos. Cemitério São João Batista, em Rio Preto. **DETER GARCIA FILHO** — Aos 33, casado com Mara Amaral Garcia. Deixa dois filhos. Cemitério São João Batista, em Rio Preto. **WALDEMAR ARELHANO** — Aos 49, casado. Deixa três filhos. Cemitério de Cosmorama. **SEBASTIÃO SOARES** — Aos 74, casado. Deixa três filhos. Cemitério São João Batista, em Rio Preto.

Jales
O Ministério da Educação liberou a construção de um Ciac (Centro de Apoio Integral à Criança) em Jales. A obra está orçada em US$ 2.000 (CR$ 314 mil no câmbio comercial). O Ciac será construído no conjunto habitacional Jacob e vai atender cerca de mil crianças.

Santa Fé do Sul
Policiais da Dise (Delegacia de Investigações sobre Entorpecentes) prenderam o [illegible] acusada de tráfico, Ângela Maria de Oliveira, residente em Jales. Segundo a polícia, ela foi detida no trevo da rodovia Euclides da Cunha com 110 gramas de cocaína.

Palmeira d'Oeste
Começa no dia 16 a 17ª Festa do Peão e a 4ª Feira da Uva, no recinto de exposições de Palmeira d'Oeste. Segundo a comissão organizadora, foram investidos US$ 50 mil nos dois eventos. A abertura da festa será feita pela dupla sertaneja Tonico & Tinoco.

Fernandópolis
Uma quadrilha levou CR$ 23 mil em sacos de café e implementos agrícolas da cerealista Nelson Pannegiani. Segundo o delegado Orestes Cardoso Neto, 37, não há pista dos assaltantes. Os ladrões entraram pelo teto da empresa na madrugada de sábado.

Nhandeara
Os funcionários do Banco do Brasil de Nhandeara começaram a arrecadar tíquetes de alimentos para usar na compra de gêneros alimentícios para famílias carentes. Segundo Gilmar Mendes Filho, 38, cada funcionário do banco vai doar dois tíquetes para a campanha.

Monte Aprazível
O prefeito de Monte Aprazível, José Viana Arruda, 40, foi internado na Santa Casa na noite de sexta-feira com vômitos e diarréia. Depois de ficar sem repousar, foi liberado ontem pelo médico. Procurado em sua chácara, Arruda não quis dar entrevista.

Votuporanga
Quinhentos idosos de nove municípios da região participaram de carreata na manhã de sábado em Votuporanga para comemorar o encontro regional do idoso. Eles percorreram a principal rua da cidade em direção ao Terceira Gislaio, onde aconteceu o show da Terceira Idade.

Araçatuba
Um homem não identificado ameaçou de faca ontem, às 15h, a comerciária Ivonete Vital dos Santos, 24. Segundo ela, o assaltante roubou sua bicicleta, na rua Renato Prado, em Araçatuba. Esse é o terceiro furto de bicicleta na cidade em setembro, segundo a polícia.

Tanabi
O Fundo Social de Solidariedade de Tanabi recebeu do governo do Estado uma verba de CR$ 25 milhões. Segundo a presidente do fundo, Lúcia da Silveira, 47, a verba será destinada à compra de eletrodomésticos e cobertores para o Lar São Vicente de Paula, que atende 44 idosos.

Ilha Solteira
A prefeitura aguarda a nomeação de um engenheiro agrônomo para inaugurar a Casa da Agricultura, segundo o vice-prefeito Vinício do Nascimento (PL). Ele afirmou que a cidade tem condições de produzir hortaliças e frutas, mas faltam recursos e assistência técnica.



José Bonifácio
As 300 crianças que participam da campanha de prevenção contra a dengue vão visitar hoje as casas dos conjuntos habitacionais de José Bonifácio. Elas realizam um arrastão para eliminar os mosquitos **Aedes aegypti**, transmissores da dengue e da febre amarela.

Novo Horizonte
A Santa Casa atendeu no fim-de-semana três casos de atropelamento. Benedito Fernandes, 52 e Edson Carlos Ferreira, 18 tiveram traumatismo craniano. Karen Cristina Bressler, 6, vítima do terceiro atropelamento, ficou sob observação e foi dispensada.

Ibirá
O prefeito de Ibirá, Alberto Franquini, 45, disse ontem que o secretário de Habitação, Arnaldo Jardim, vai liberar uma verba para que a prefeitura conclua 70 casas populares. As obras, segundo o prefeito estão paradas há dois anos. Ele irá a São Paulo receber a verba.

Nova Granada
Mais de 300 pessoas participaram sábado à noite da festa de encerramento do 14º Torneio de Gado Leiteiro, promovido pelo Banco do Brasil. Os 24 produtores inscritos receberam prêmios. Foram vencedores Sérgio Machado da Silva e Adão Carlos Cristiano.

Mirassol
O Comitê de Combate à Fome e Miséria de Mirassol arrecadou CR$ 330 mil num leilão de gado realizado no recinto de exposições. O dinheiro será usado na compra de medicamentos e cestas básicas para 300 famílias carentes da cidade.

Potirendaba
O consumo de medicamentos caiu cerca de 20% este mês em relação ao mesmo período de agosto, segundo Aloísio Paron, proprietário da Farmácia Avenida. O motivo, afirma, são os aumentos praticados pelos laboratórios. Segundo ele, as farmácias estão dando descontos.

Catanduva
A polícia investiga a morte de Orlando da Silva, que foi encontrado em sua residência ontem às 12h. Segundo o delegado, João Pasquaro, 34, a necrópsia vai verificar a causa da morte do aposentado. Silva morava sozinho e a denúncia de sua morte foi feita por vizinhos.

Urupês
A Polícia Civil ainda não tem pistas dos ladrões que furtaram 30 caixas de limão de 2 propriedades rurais do distrito de São João do Itaguaçu. Os crimes aconteceram na madrugada de sexta-feira. As 30 caixas de limão foram avaliadas em CR$ 39 mil pelos fazendeiros.

folha norte
Redação: [illegible]
[illegible]

CLXIX

Professores organizam acampamento de vigília

Barracas vão ser armadas em frente à delegacia de ensino

Free-lance para a **Folha**

Os professores da rede estadual que estão em greve em Ribeirão Preto e região vão fazer hoje um acampamento de vigília, das 8h às 18h, em frente à Delegacia Regional de Ensino de Ribeirão.

De acordo com a Apeoesp (Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), 72% das escolas de Ribeirão estão paradas. A greve entra hoje em seu 27º dia de duração.

A delegacia de ensino tem outros números para a greve. Segundo a delegacia, das 610 escolas estaduais de Ribeirão e região, 65 estão com funcionamento normal, 425 têm paralisação parcial e 116 estão com as atividades totalmente suspensas. De acordo com a delegacia, 69,67% das escolas têm paralisação parcial e 19,01% estão em paralisação total.

A Apeoesp não tem uma previsão do número de professores que vão participar da vigília de hoje. Lauro Fernando, conselheiro regional da Apeoesp, afirma que todos os 3.500 professores da rede estadual estão convidados a levar barracas, cadeiras de praia, cartazes, chapéus e faixas de protesto para a vigília. Fernando afirma que serão distribuídos panfletos e cartas à população para esclarecer a posição dos professores na greve.

Às 20h de hoje haverá uma reunião em São Paulo para decidir os caminhos do movimento. A reunião vai contar com a presença do secretário de Educação do Estado, Carlos Estevão Martins, da Comissão de Educação da Assembléia Legislativa e de representantes da Apase (Associação dos Profissionais de Supervisores de Ensino), da Apeoesp e da Udemo (União dos Diretores do Magistério Oficial).

Para Márcio Ribeiro de Souza, 36, professor de ciências e biologia da EEPSG Meira Júnior, os professores têm de continuar no movimento para que as reivindicações sejam atendidas. "Se desistirmos agora, toda a nossa luta vai para o lixo", diz.

RAIO X DA GREVE*

- **Escolas:** 64
- **Total de alunos:** 73 mil
- **Total de professores:** 3.500
- **Adesão:** 72%, segundo a Apeoesp e 50% segundo a Divisão Regional de Ensino
- **Piso salarial:** CR$ 6,9 mil (jornada de 20 horas semanais)
- **Reivindicações:** Reposição de 188,46% e reajuste mensal
- **Contraproposta:** 20% em agosto e 90% em setembro

* [illegible]

Manual do vestibular da Fuvest já está à venda no banco por CR$ 300

Free-lance para a **Folha**

Começaram ontem as vendas do manual da Fuvest e as inscrições para o Vestibular 94 nas agências do Banespa e do Banco do Brasil de Ribeirão Preto e região. Cada inscrição custa CR$ 3,9 mil e o preço do manual é de CR$ 300,00.

Cerca de 100 mil candidatos devem disputar 8.391 vagas em cinco universidades vinculadas à Fuvest.

A USP (Universidade de São Paulo) oferece 6.892 vagas (81,1% do total). A UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), vai abrir 940 vagas. A Escola Paulista de Medicina vai oferecer 259 vagas. A Fundação Getúlio Vargas abre 200 vagas e a Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, 100 vagas.

A UFSCar está distribuindo gratuitamente a revista "Vestibular 94", que orienta os vestibulandos na escolha profissional. A publicação está sendo distribuída em cursinhos e escolas do interior e da capital.

João Batista de Oliveira Guimarães, 31, do Banespa de Ribeirão, disse que ontem foram vendidos cerca de 800 manuais da Fuvest. Ele disse que os interessados não vão enfrentar filas. "Temos um caixa exclusivo para atender os vestibulandos", afirmou.

Locais de venda do manual da Fuvest: [illegible]

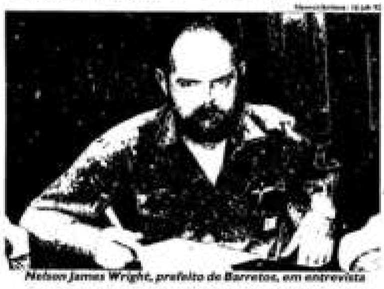
Juiz condena ex-prefeito de Barretos por contrato ilegal

Da correspondente em Barretos

O ex-prefeito de Barretos, Milton Ferreira, 57, foi condenado pelo juiz da 2ª Vara Cível, Fábio Quadros, a restituir aos cofres públicos o dinheiro gasto na contratação de mais de cem funcionários durante período pré-eleitoral. Ferreira disse que não pretende recorrer da decisão.

A ação foi movida pelo promotor Carlos Alberto Salles Ursaia, 51, depois que o Tribunal de Contas constatou a irregularidade. As contratações feitas pelo ex-prefeito e seus assessores aconteceu entre julho e dezembro de 1.988. Segundo Ursaia, além de ser proibido contratar servidores em período pré-eleitoral, em outubro do mesmo ano foi promulgada a nova Constituição, que proíbe a contratação sem concurso público.

O ex-prefeito disse que não pretende recorrer da decisão por considerar correta a lei que proíbe a contratação em período pré-eleitoral. Ferreira disse que não tinha alternativas e precisava fazer as contratações. "A maioria era de pessoas para a limpeza pública, que na época era um serviço feito pela prefeitura. Eu não podia deixar a cidade suja", afirma Ferreira.



Nelson James Wright, prefeito de Barretos, em entrevista

Empresário processa prefeito de Barretos

Da correspondente em Barretos

O empresário Bernardo Barbosa Ferreira, 42, entrou com uma ação popular na 3ª Vara Cível de Barretos contra o prefeito Nelson James Wright (PSDB), 39. Ferreira quer que o prefeito devolva o equivalente a CR$ 1,3 bi (antigos) aos cofres públicos que foram pagos à empresa Braservice. A prefeitura nega a acusação de contratação irregular.

A Braservice foi contratada sem licitação para fazer o recadastramento imobiliário da cidade, em fevereiro deste ano. A prefeitura informou na época que contratou a empresa por ela ser especializada no ramo.

Os vereadores não aceitaram a justificativa e, no início de julho, pediram a apuração das responsabilidades e a demissão dos envolvidos. Na ocasião, foram demitidos o procurador jurídico José Antônio Rodrigues e o secretário de Finanças Horácio Targas.

Wright não foi localizado ontem pela reportagem da **Folha**. Segundo o assessor de imprensa da prefeitura, Luiz Carlos Messias, Wright estava viajando.

SOCIAL — Conceição Mascarenhas



Elismar Pedrinho, a bordo de sua bela semambaia natural, participa de agitos no Clube Mascagni de Jaboticabal

Casarão

O médico José Antônio Maciel balançou os coqueiros com superjantar para comemorar seu aniversário na última sexta-feira. Sua mulher Silvia foi anfitriã nota 10 na bonita casa de Ribeirão Preto.

Maria Bonita

A sofisticada boutique "História" de Eliana Kalldás, no RibeirãoShopping, acabou de rechear suas prateleiras com a coleção primavera/verão 93/94. Vale dizer que os modelitos estão de capotar.

Mangueira

O vice-presidente nacional da Esso, Diocleciо Dantas de Araújo Filho, esteve em Ribeirão Preto na última sexta visitando o terminal de petróleo. Almoçou no Holiday Inn com uma pá de gente importante, incluindo o prefeito Antônio Palocci Filho e o vereador Plauto Garcia Leal.

*

O ponto interessante na visita ficou por conta de um incêndio simulado no posto de Quico Café, com direito a Corpo de Bombeiros, Polícia Militar e muito mais.

Porcelana

A ala feminina de São Carlos tira as jóias do cofre depois de amanhã para um sofisticado chá, na sede do Rotary Clube, em benefício do Asilo Maria Jacintha. Zaira Back, Marisела Teixeira e Neide Barros pilotam o lance.

Cálculos

O diretor da Faculdade de Engenharia de Barretos, Sidney Motta, já acionou as turbinas para a organização da Semana de Engenharia, de 20 a 25 de outubro. Entre os palestrantes convidados está o secretário de Energia do Estado, Luiz Carlos Santos.

Cortinas

A superelegante Valdete Pereira de Almeida está vibrando com o sucesso do tênis Falcon Flex fabricado em sua indústria "Roberto" em Franca. No varejo anexo à fábrica é um verdadeiro entra e sai do pessoal que curte os modelos importados.



André Biagi, manda-chuva da Coca-Cola em Ribeirão, discursa para convidados na festa armada em sua empresa

Tonel

A bonita Cristina Alves Pereira, uma das manda-chuvas da Casa das Bebidas em Ribeirão Preto, participou do 4º Leilão de Vinho do Porto promovido pela Silmar importadora pelos lados do 4º Centenário no Ibirapuera, em São Paulo. O xot foi em benefício da fundação Dorina Nowill para cegos.



Heloisa Junqueira ensaia um vôo rasante durante sessão comes e bebes no S/A pelos lados da Barão, em Ribeirão

Organizadores esperam 5.000 hoje no encerramento da MeccFranca

Do correspondente

Termina hoje a MeccFranca (Feira de Máquinas, Equipamentos, Couros e Componentes para Calçados), que está sendo realizada desde domingo em Franca. Segundo os organizadores, 3.200 pessoas visitaram até ontem a feira. Para hoje, a expectativa é que a feira tenha 5.000 visitantes. A MeccFranca acontece no Parque de Exposições Amélio Pizzo.

A feira —que está aberta ao público das 10h às 19h— reúne 75 expositores, sendo 45 indústrias de máquinas e 30 de componentes para calçados.

De acordo com Ênio Klein, diretor da Fenac —empresa que organiza a feira—, os estandes mais visitados são os empresas de máquinas do Japão, França e EUA. Entre as empresas brasileiras, as que mais estão se destacando na feira é a Máquinas Peppi, de Franca.

Outra atração são as seis máquinas importadas da Itália. Os expositores ocupam um espaço de 2.000 m² e o investimento na feira foi de US$ 150 mil (cerca de CR$ 15,4 milhões pelo câmbio comercial).

Segundo Klein, não há uma estimativa do volume de negócios que estão sendo realizados na MeccFranca. Ele afirma que muitos negócios são fechados em até seis meses após a feira.

Uma das maiores empresas que estão participando da MeccFranca é a International Shoe Machine, dos Estados Unidos. Os três maquinários importados custam, em média, US$ 45 mil (cerca de CR$ 4,6 milhões).

SINDICATO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO, DO COMÉRCIO ATACADISTA E DO COMÉRCIO VAREJISTA DE JABOTICABAL E REGIÃO

Eleições Sindicais

AVISO

Em cumprimento do disposto nos Arts. 73º e 68º, do Estatuto Social da Entidade, comunica que foi registrada uma chapa única como concorrente à eleição a que se refere o Edital de Convocação publicado no dia 7 de setembro de 1993, neste jornal: PARA DIRETORIA: BENEDITO OCLAVIO FREZZAS; SIDNEY ROBERTO DONADON; MILTON BAROSSI; SUPLENTES DA DIRETORIA: HUGO CAMPOS NETTO; JOSÉ ADÃO FIRMINO; [illegible] EDSON BATISTA DE ANDRADE; CONSELHO FISCAL: ANTONIO MARCHI FILHO; MATHEUS SAMPAIO NETTO; PAULO EDUARDO BRUNINI; SUPLENTES DO CONSELHO FISCAL: JOSÉ CARLOS PEREIRA DE ALMEIDA; JOSÉ HUMBERTO SCACALOSSI; LEANDRO CESAR NOGUEIRA; DELEGAÇÃO FEDERATIVA: BENEDITO OCLAVIO FREZZAS, MILTON BAROSSI; SUPLENTES DA DELEGAÇÃO FEDERATIVA: ANTONIO MARCHI FILHO, SIDNEY ROBERTO DONADON. A eleição será realizada no dia 01 de outubro de 1993, das 9:00 às 17:00 horas, [illegible]

Jaboticabal, 14 de setembro de 1993

MILTON BAROSSI

Presidente

folha nordeste

Redação e Publicidade: [illegible] Ribeirão Preto [illegible]

MORTES

Bebedouro

MARIA DE LOURDES PEREIRA - Aos 41, casada com Jorge Luiz Ferreira. Cemitério Municipal.

Guaíra

EDSON BARCELOS - Aos 23, solteiro, filho de [illegible]. Cemitério Municipal.

Nova Europa

ANTONIO RA[illegible] [illegible]

Porto Ferreira

CRISTALINO GOMES FERREIRA - Aos 46, solteiro. [illegible] Cemitério Municipal.

Ribeirão Preto

EDNA GRAS[illegible] - Aos 44, [illegible]

JOÃO BATISTA DE SOUZA - Aos 56, casado [illegible]

NEUSA FADOVINE COGNOLATE - Aos 77, [illegible]

A FAMÍLIA DE

† **WALDO SILVEIRA**

agradece as manifestações de pesar recebidas pelo seu falecimento e convida amigos e parentes para a MISSA DE 7.º DIA, a realizar-se no dia 14 DE SETEMBRO (terça-feira), ÀS 18:30 HORAS, na Igreja Nossa Senhora de Fátima (Estigmatinos), à Rua Conde Afonso Celso, n.º 1.282.

VIOLÊNCIA NO TRÂNSITO

PM de Rio Preto registra 21 atropelamentos em 12 dias

No último final de semana, quatro pessoas foram vítimas de acidentes

Free-lance para a **Folha**

A violência do trânsito de Rio Preto registrou 21 atropelamentos nos 12 primeiros dias de setembro, o mesmo número de vítimas verificado em 30 dias de setembro de 92. Só este final de semana, foram atropeladas 4 pessoas.

Segundo o comandante do policiamento de trânsito, Cláudio Rosauro Furlaneto, 38, a violência no trânsito de Rio Preto é culpa de pedestres e de motoristas desatentos. Uma das ocorrências de atropelamento deste final de semana teve desdobramento e virou caso de lesão corporal *(leia texto nesta página)*.

O número de acidentes com vítimas registrado no primeiro semestre deste ano foi 10.495% maior em comparação ao verificado no mesmo período de 92. Foram 779 acidentes contra 705.

Segundo balanço do 17º Batalhão da Polícia Militar, só foi verificado queda no número de ocorrências em julho. Em julho deste ano, houve 128 acidentes com vítimas a 344 sem vítimas. No mesmo mês de 92, foram 145 com e 346 sem vítimas.

Os números voltaram a crescer em agosto, quando foram verificados 38 atropelamentos (aumento de 80% em relação a 92), 126 acidentes com vítimas (4 a mais que 92) e 391 sem vítimas (número 19,6% superior).

Segundo a PM, a maioria das vítimas é criança. Sábado, a estudante Vanessa Pereira da Silva, 10, foi atropelada por um Fusca quando atravessava a rua 9, no Eldorado. No mesmo bairro, o estudante Wilson Aparecido Dias, 13, ainda não atropelado duas horas antes por uma bicicleta quando atravessava a rua Francisco Carraretto.

Pai faz 'caçada' a motociclista

Free-lance para a **Folha**

O corretor de veículos Dervaldo Josias Mariano, 30, foi indiciado pela polícia, acusado de ter ferido a estudante Lilian Regina Sales, 15. Ele teria batido com uma Kombi na traseira da moto placa BHV 2680, onde estava a garota. A moto era conduzida pelo auxiliar de contabilidade Paulo Sérgio Marques da Silva, 22.

Mariano disse que tudo começou quando via a filha Vanessa, 4, ser atropelada por Silva, em frente a sua casa, no bairro Solo Sagrado, em Rio Preto. O acidente aconteceu às 15h30 do anteontem. "Ela atropelou a menina e fugiu!", afirmou o corretor de veículos. Vanessa sofreu ferimentos leves.

Mariano estava em sua Kombi placa BHD 9213, quando presenciou o atropelamento. Ele seguiu ele seria autor em perseguição a Silva. Chegou perto e bateu na traseira da moto com o carro, derrubando Lilian.

No boletim de ocorrência consta que Mariano provocou "de propósito" a queda da estudante. Lilian foi levada a um pronto-socorro e medicada.

Em seguida, Silva teria procurado pela Kombi de Mariano. Encontrou-a estacionada e jogou o auto na lateral do carro, amassando o veículo.

Duas pessoas se afogam em em Araçatuba

Da Correspondente

Duas pessoas morreram afogadas no final de semana em Araçatuba. O corpo do auxiliar de serviços gerais Miguel Chessa, 42, foi resgatado às 20h10 de sábado no ribeirão Santa Fé.

O corpo do aposentado Benedito Faustino da Silva, 57, foi encontrado às 21h50, no ribeirão Baguaçu. A partir da próxima semana, o Corpo de Bombeiros deve iniciar uma campanha nas escolas para evitar novos afogamentos.

Operário é baleado por camareira

Free-lance para a **Folha**

A camareira do Motel Treviso, Cleusa Francisca Xavier, 48, foi presa em flagrante anteontem, acusada de tentativa de homicídio.

Segundo a polícia, ela teria ido à casa do operador de estofamento Luiz Alves Moreira, 37, e dado disparos em sua direção. Ele foi ferido e está internado na Santa Casa de Rio Preto. A polícia não sabe o motivo da briga entre os dois.

Representantes dos grevistas se reúnem com secretário da Educação

Free-lance para a **Folha**

Representantes dos professores e dos diretores da rede estadual de ensino se reúnem hoje com o secretário Estadual da Educação, Carlos Eduardo Estevam, para uma nova rodada nas negociações da greve no setor, que entra hoje no 26º dia. A reunião acontece às 10h na Secretaria da Educação, em São Paulo.

Em **Rio Preto**, a paralização dos professores atinge 90% das 53 escolas, segundo a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). Nos cálculos da entidade, 40 mil alunos estão sem aula por causa da greve. A Divisão Regional de Ensino (DRE) não divulga balanço do movimento.

Os professores de Rio Preto realizam uma nova assembléia regional amanhã, às 9h, na Câmara, para decidir os rumos do movimento. Após a assembléia, está previsto uma manifestação em frente ao prédio da prefeitura. "Queremos que, além dos professores, outros segmentos da sociedade participem", afirmou o conselheiro Valmir Pereira, 33.

A adesão à greve dos professores aumentou em **Araçatuba** e **Birigui**, segundo a DRE. Em Birigui, a adesão à greve subiu de 72,2% para 81,1%. Em Araçatuba ela passou de 75% para 78%, totalizando 1.345 professores. Para a Apeoesp, a greve tem a participação de 95%.



Professores em greve há 26 dias devem receber nova proposta

Amanhã, os professores de Araçatuba vão coletar dinheiro na avenida Brasília, em frente à prefeitura. A verba será destinada à manutenção do movimento. "A Apeoesp está sem dinheiro para mandar professores para as assembléias em São Paulo", afirmou Kátia Sousa, 26, conselheira da entidade.

Segundo a Delegacia de Ensino de **Votuporanga**, 76% dos 1.000 professores das 40 escolas de 9 municípios da sub-região estão paralisadas. Para a Apeoesp, a greve atinge 80% dos professores estão sem trabalhar. Eles fazem uma manifestação hoje na praça central para ganhar apoio de pais de alunos.

SOCIAL

Cida Caran



Encantando os redutos jovens da cidade, Silvia Menezes faz uma incursão na boate Bloom

Pênalti

O ex-ministro Antonio Cabrera está sem imposse. Ele acaba de receber do convite da ONU para presidir o Conselho Mundial de Segurança Alimentar, com sede em Nova York.

*

Se Cabrera aceitar, ele ficará ausente do Brasil por seis meses.

Pincel

O ateliê Espaço Livre abre vernissage hoje no Automóvel Clube com trabalhos de artistas plásticos coordenados por Mario José Abaderes Fonseca.

Fita

A revenda de carros Nissan agendou a inauguração em Rio Preto para o final deste mês.

*

Ela será batizada com o nome de Kinei Veículos Ltda.

Brigadeiro

O industrial Waldecyr Pinatto vai dizer bíblias por algum dias. Ao lado da darling, Cecília, ele arma festa sábado para o pimpolho Pedro.

Business

A empresária do setor de modas Rosely Strioni não se contentou com as duas lojas em Rio Preto.

*

Nos próximos dias, ela inaugura em Gretinha, onde vai inaugurar mais uma filial.

VIA ANDREA
Calça Puro Linho Brasiléria 3.590 à vista
Camisa Puro Linho Brasiléria 3.590 à vista
Rio Preto Shopping Center Loja 79
Tel.: (0172) 27-1122

Adolescentes furtam loja de Rio Preto

Free-lance para a **Folha**

A Slave Confecções, loja de Rio Preto, foi furtada na madrugada de sábado por três adolescentes. Carlos Rene Domingues, 30, sócio da Slave Confecções, conseguiu recuperar toda a mercadoria. Ele e sua cadela Debie conseguiram deter R.O.N. e C.A., ambos com 16 anos, até a chegada de policiais militares. O terceiro adolescente conseguiu escapar.

MORTES

As comunicações publicadas nesta coluna são gratuitas, podendo ser transmitidas pelo telefone (0172) 23-9933.

Rio Preto

CARLOS CANDEU — Aos 76, viúvo. Deixa sete filhos. Corpo no Velório Municipal. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Rio Preto.

CLÁUDIO ZIBIANI — Aos 53, casado com Margarida Bueno Ziviani. Deixa cinco filhos. Corpo no Velório Municipal de Rio Preto. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Rio Preto.

AUGUSTA CONCEIÇÃO — Aos 89, viúva. Deixa 11 filhos. Corpo no Velório Municipal de Rio Preto. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Rio Preto.

Santa Adélia

MARIA ANGELINA CERON BONESSO — Aos 81, viúva. Deixa cinco filhos. Corpo no Velório Municipal de Santa Adélia. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Santa Adélia.

LUCIANA MARIA LAVAZI BUDOM — Aos 34, casada. Deixa quatro filhos. Corpo no Velório Municipal de Santa Adélia. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Santa Adélia.

CELESTINO DE QUEIROZ — Aos 88, sem informações.

Mirassol

AUGUSTA ANTONIA DE JESUS — Aos 83, viúva. Deixa seis filhos. Corpo no Velório Municipal de Mirassol. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Mirassol.

ANTONIO DA SILVA — Aos 52, solteiro. Corpo no Velório Municipal de Mirassol. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Mirassol.

ANGELA MARIA VILLA — Aos 37, solteira. Corpo no Velório Municipal de Mirassol. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Mirassol.

JOÃO JOSÉ PEREIRA — Aos 47, viúvo. Deixa 13 filhos. Corpo no Velório Municipal de Mirassol. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Mirassol.

Icém

LAZARO JORGE DA SILVA — Aos 74, casado. Deixa 8 filhos. Corpo no Velório Municipal de Icém. Sai hoje às 16h, para o Cemitério Municipal de Icém.

ASSUNTO DA REGIÃO

Jales
A cooperativa Aviejal (Associação dos Viticultores de Jales) começa a exportar esta semana 2.500 caixas de uva por semana à Argentina. Segundo o presidente Keiti Takinami 51, em outubro os produtores da região devem iniciar a exportação para a Europa.

Votuporanga
O presidente da Associação Comercial de Votuporanga, João Mariano Lemos, 53, disse ontem que a entidade vai investir CR$ 1,3 milhão para realizar a semana da criança, que acontece de 1 a 12 de outubro. "O objetivo é aumentar em 20% as vendas com o Festival da Criança."

Tanabi
O Banco do Brasil doou à Santa Casa um computador AJX-413. Segundo o superintendente administrativo do hospital, Antonio Lopes Lopes, 47, o computador será utilizado na expedição de guias de internação e folha de pagamento.

Ibirá
O prefeito Alberto Franchini discutiu ontem com assessores técnicos o orçamento para o próximo ano. Segundo o diretor financeiro, Miguel dos Santos, a previsão de gastos para 94 deverá ficar pronta até o final do mês, quando se espera o prazo para que seja sobremodo à Câmara.

Santa Fé do Sul
A Câmara vai votar esta semana o projeto de ampliação do horário comercial para os supermercados e mercearias. Os comerciantes enviaram um pedido de autorização aos vereadores para a abertura do comércio aos sábados, das 13h às 18h.

Araçatuba
O pão foi o produto da cesta básica que apresentou maior variação de preço entre os dias 1 e 11, segundo pesquisa feita pela Centro de Estudos Econômicos Tolando, registrando alta de 14,25%. A variação média no período foi de 4,84% e, na semana anterior, de 7,06%.

Ilha Solteira
Os portadores de diabetes do município ficarão sem a primeira reunião de fundação do Clube dos Diabéticos. Os membros da entidade vão orientar a população sobre a doença e as formas de tratamento. As duas unidades de saúde da cidade têm cadastrados 80 pacientes de diabetes.

Nova Granada
Na próxima quita-feira, às 14h, a fábrica pretende o leilão dos bens móveis e imóveis penhorados da Granada Armazéns Gerais. O lance inicial é de US$ 2,4 milhões (CR$ 256,7 milhões). Se os lances não atingirem o valor da avaliação, no dia 27 será feito novo leilão.

Palmeira d'Oeste
O Grupo Arte de Palmeira d'Oeste vai participar da 17ª Festa do Peão e 4ª Festa da Uva, que começa no dia 16 e vai até o dia 19. O grupo vai expor e vender trabalhos artesanais produzidos por seus integrantes e também terá uma barraca para vender lanches e salgados.

Mirassol
José João Pereira, 62, morreu atropelado domingo pela manhã ao atravessar a linha férrea, no km 17. Ele foi apanhado pelo trem conduzido por Marcelino Chiquito, que ia em direção a Rio Preto. O delegado Edson Antônio Ensanguido abriu inquérito para apurar responsabilidades.

Fernandópolis
O motorista José Sarandrio, 25, teve duas costelas fraturadas em um caminhonete ao atropelar um cavalo no km 531 da rodovia Euclides da Cunha, perto de Fernandópolis. O motorista nada sofreu. O acidente aconteceu às 22h do anteontem.

Potirendaba
Os professores das três escolas estaduais da cidade decidiram ontem retornar as aulas a partir do hoje. Os professores estavam em greve há 26 dias, reivindicando aumento de 129% de reposição salarial e reajustes mensais de acordo com a inflação.

Nhandeara
Professores de duas das quatro escolas estaduais de Nhandeara resolveram retornar às aulas depois de duas semanas em greve por melhores salários. Eles discordaram do resultado de uma assembléia com outras das escolas, que optaram pela continuidade da greve.

Catanduva
Ladrões estouraram esse final de semana as loja Hervesiro, no centro da cidade, de onde levaram cinco aparelhos e uma máquina da marca Matsilese. Segundo o delegado Rosalino Barbosa, 51, houve a participação de pessoas de dentro da loja no furto.

Monte Aprazível
O médico Nivaldo Montoro, 38, coordenador de Saúde de Monte Aprazível, disse ontem que o prefeito José Viana Arrais, 62, já voltou ao trabalho. Viana foi internado na Santa Casa terça-feira à noite com "inadequação alimentar" e liberado no domingo.

José Bonifácio
Treze pessoas viajam para a Santa Casa local Osvaldo Barbosa Lourenço e Avelenia Sanches Lourenço, vítimas de capotamento. O acidente ocorreu na SP-424, próximo ao trevo de Pirajuba. Com ferimentos graves, Avelenia foi transferida para o Hospital de Base de Rio Preto.

Novo Horizonte
Foram abertas ontem na Casa da Agricultura as inscrições para o curso de fabricação artesanal de produtos derivados de leite. O curso, que acontece nos dias 21 e 22, oferece 20 vagas. Novo Horizonte produz 3,853 milhões de litros por ano.

Urupês
O vice-presidente da Associação de Rodeios de Urupês, Carmine Perasso, 65, disse ontem que o orçamento previsto para a organização da 21ª Festa do Peão de Rodeio no município é de cerca de CR$ 2 milhões. O evento acontece do dia 22 ao dia 26.

ADMINISTRAÇÃO

OAB quer deter criação de 'Rota' municipal

Entidade alega que Guarda Municipal não pode fazer policiamento ostensivo, atribuição exclusiva da PM

Sindicato é contra rondas

Da Reportagem Local

O presidente do Sindicato dos Guardas Civis Metropolitanos, Júlio César Kiel, entregou ontem à OAB-SP um dossiê elaborado pela entidade que demonstra, segundo o sindicato, que a Ronda não é necessária.

Segundo Kiel, a GCM está com falta de efetivo. Ele sugere que os guardas que forem contratados devem ser deslocados para a porta de escolas, creches e aos parques públicos. "Não adianta montar uma nova unidade se existem escolas e creches sem policiamento", disse o sindicalista.

A Guarda Civil Metropolitana tem hoje um efetivo de 3.600 policiais. O governo promete chegar aos 5.000 guardas civis até o final do ano. (AL)



Treinamento de guardas civis no centro de tiro no Belenzinho, zona norte de São Paulo

ANDRÉ LOZANO
Da Reportagem Local

A Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-SP) estudará a forma jurídica capaz de impedir a criação da Ronda (Rondas Municipais). A **Folha** adiantou ontem que o prefeito Paulo Maluf quer implantar essa nova unidade com características militares dentro da Guarda Civil Metropolitana. A Ronda está sendo chamada pelos próprios guardas civis de a "Rota da GCM".

O novo grupamento terá 300 guardas de elite uniformizados com boinas e coturnos. Os policiais circularão em peruas Veraneio iguais às da PM.

O advogado Jairo Fonseca, membro da Comissão de Direitos Humanos da OAB, disse que a entidade poderá alegar a inconstitucionalidade da medida. Segundo ele, o policiamento ostensivo é garantido só à PM. A OAB também estuda a possibilidade de mover ação contra a prefeitura, caso haja prejuízo em razão do desvio de função da GCM.

O comandante da Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), tenente-coronel Ivan Marques de Almeida, considerou "desnecessária" a Ronda. "A Rota se encarrega das rondas. Se a Guarda Civil se preocupasse em guardar o patrimônio público já seria uma grande coisa", disse. Almeida tem "dúvidas se os policiais da Ronda seriam capazes de enfrentar uma ocorrência violenta".

Maluf disse ontem que em outubro colocará os primeiros carros da Ronda nas ruas. "Nós já asseguramos a compra de autorrádio, mediante concorrência pública. Já temos uma turma de policiais da Guarda Civil Metropolitana muito treinada", disse. "Não teremos mais de 100 viaturas rondando ostensivamente a periferia".

Maluf disse que a Ronda será "um serviço de segurança que representa, na verdade, uma complementação, uma ajuda, ao que a Polícia Civil e a Polícia Militar fazem." O deputado estadual Cunha Lopes (PPR) afirmou que o prefeito tomou uma "atitude inteligente ao criar a Ronda". Segundo ele, a nova unidade da Guarda Civil poderá substituir a Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) "que está descaracterizada, pois está proibida de se envolver em ocorrências violentas".

EDUCAÇÃO

Governo mantém proposta e greve faz 29 dias



Homem dança para professores reunidos em frente à secretaria na praça da República

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Não houve nova proposta do governo ontem à noite na segunda reunião de negociação de uma política salarial entre as três entidades em greve na rede estadual de ensino e o secretário da Educação, Carlos Estevam Martins.

O governo manteve a proposta feita no sábado passado: atrelar os reajustes da Educação à arrecadação do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços), para evitar grandes oscilações nos salários, como ocorre com as três universidades estaduais paulistas. A greve completa um mês amanhã.

"Isso avança pouco ou nada. O governo deve propor a porcentagem do ICMS que será dada à Educação", afirmou a secretária-geral da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial), Jane Branchamp, 44. "É incredível!", disse o presidente da Apeoesp, Roberto Felício, pouco depois da reunião —que terminou às 23h35. "O governo anuncia sua disposição em negociar mas não apresenta uma proposta concreta", acrescentou.

Foi marcada nova reunião de negociação para hoje, às 19h.

Grevistas fazem ato na Paulista

Da Reportagem Local

Professores da rede estadual de ensino fazem assembléia nesta tarde na avenida Paulista (região central), para decidir se mantêm a paralisação. É a segunda assembléia na Paulista —uma das principais avenidas da cidade— desde o início da greve.

Antes da reunião na Paulista, duas semanas atrás, o governo tentou convencer os professores a não fazer a assembléia no local. Uma semana antes, havia acontecido o confronto entre professores e a Polícia Militar, no Palácio dos Bandeirantes (sede do governo), que deixou 13 pessoas feridas. Desta vez, não houve tentativa de mudar o local.

A greve está atingindo cerca de 5 milhões de estudantes —de 6,5 milhões. Segundo o governo, 68% das escolas da capital estão total ou parcialmente paralisadas e 84% no interior. A Apeoesp calcula amanhã, após reunião com delegados regionais, a abrangência da greve. Na segunda-feira, 95% dos 220 mil professores pararam, segundo o sindicato. (FR)





•Drogas - A PF do Mato Grosso investiga a denúncia de que servidores do Instituto Nacional de Seguridade Nacional (INSS) estariam transportando cocaína de Campo Grande para Três Lagoas (MS). O INSS também abriu sindicância. A denúncia foi feita pelo ex-auditor do INSS em Três Lagoas, José Mendes de Moura, assassinado em 12 de maio.

•Aviões - O vice-presidente da Téxi Aéreo Marília (TAM) e da Brasil Central, Luiz Peixoto, disse anteontem que o grupo "determinou que os aviões que voam na Amazônia sejam abastecidos com menos combustível". A medida visa evitar roubos de aviões. Na semana passada um avião Cessna Caravan da TAM foi roubado e levado para a Colômbia.



ABRA
SUA PRÓPRIA EMPRESA!
VISITANDO O
SALÃO INTERNACIONAL PEQUENAS MÁQUINAS, GRANDES NEGÓCIOS
14 A 17 DE SETEMBRO 93
SÃO PAULO MART CENTER
16 ÀS 22 HORAS
Rua Chico Pontes, 1500 - Vila Guilherme - SP
Máquinas • Equipamentos • Ferramentas • Serviços
Venha ao Salão e conheça as linhas especiais de financiamento do BANCO DO BRASIL e do BRADESCO para você que quer montar o seu próprio negócio, ampliar ou diversificar os já existentes.
Inscreva-se na Recepção
Patrocínio: ABIMAQ SINDIMAQ
Apoio: FOLHA DE S.PAULO
Organização e Promoção: LEMOS BRITTO CONGRESSOS E FEIRAS
SEBRAE SP

IMPOSTOS

Receita conclui 1ª fase da blitz em empresas

O delegado-regional espera arrecadar CR$ 3 milhões com a operação realizada em 31 cidades da região

'Operação é um transtorno'

Da Reportagem Local

A contabilista Selma Peixoto, proprietária do escritório de contabilidade Teorema, de Franca, afirma que a blitz realizada pela Receita Federal é um verdadeiro "transtorno". Ela diz que é preciso dar atenção aos fiscais, o que acaba atrasando os serviços no escritório.

Segundo Peixoto, os fiscais entregaram um disquete que precisa ser preenchido com informações sobre seus clientes. O prazo para a entrega é de 30 dias. Ela afirma que tem apenas dois clientes que possuem débitos com a Receita.

José Romagnoli, proprietário do escritório Delfronza, de Batatais, diz que também levou poucos clientes que devem para a Receita.



O delegado da Receita Federal, Francisco Nalini, durante entrevista em seu gabinete

CLÁUDIA COLLUCCI

Da Reportagem Local

A delegacia regional da Receita Federal em Ribeirão Preto concluiu hoje a primeira fase do zona blitz realizado em 560 escritórios de contabilidade e 573 empresas de 31 cidades da região. O delegado-regional da Receita, Francisco Sérgio Nalini, 43, estima que essas empresas devem CR$ 3 bilhões em impostos para o governo federal.

Ontem, os fiscais da Receita divulgaram os primeiros resultados da blitz. Das 321 empresas visitadas, os fiscais encontraram indícios de irregularidades em 137. Também já foram visitados 315 escritórios de contabilidade. A estimativa é que cada escritório represente 30 empresas.

Segundo Jair Tolentino da Silva, 49, chefe da equipe de fiscalização, 30 fiscais estão trabalhando na operação. Silva afirma que, nessa primeira fase, os fiscais pedem a relação dos clientes dos escritórios de contabilidade e solicitam os anexos das empresas que possuem débitos com a Receita.

Depois de constatada a sonegação, a Receita vai notificar a empresa, que terá uma semana para propor suas condições de pagamento. A dívida poderá ser parcelada em até 60 meses no caso de a proposta de pagamento ser aceitável.

Segundo Silva, a empresa notificada que não saldar seus débitos com a Receita estará sujeita a poderá responder a um processo na Procuradoria Geral da República.

Os fiscais têm ordens também de vistoriar os equipamentos de informática das empresas e apreendê-los, caso se confirme que são contrabandeados.

Segundo José Luiz Romagnoli, 42, proprietário do escritório de contabilidade Delfronza, de Batatais, que foi vistoriado quanto aos fiscais da Receita, a blitz é necessária. Ele diz que hoje há uma carga tributária muito grande que confunde os contribuintes.

Romagnoli afirma que muitos dos sonegadores são pessoas que estão com processos na Justiça questionando a legalidade ou não da cobrança de impostos. Ele diz que recebeu um disquete dos fiscais e agora tem 20 dias para informação a relação dos clientes.

Professores da rede estadual vão em comboio à assembléia em SP

Free-lance para a Folha

Os professores da rede pública estadual de ensino de Ribeirão Preto, que completam 29 dias em greve, seguem hoje às 8h para São Paulo em caravana. Eles vão se reunir com outros manifestantes das cidades vizinhas e de outras regiões para formar um "comboio" que chega à capital pela rodovia dos Bandeirantes.

A Apeoesp (Associação dos Professores de Ensino Oficial do Estado de São Paulo) estima que das 62 escolas, 39 estão totalmente paradas, 9 parcialmente paralisadas e 14 em funcionamento. Na cidade, 77% das escolas continuam em greve.

A DRE (Divisão Regional de Ensino) apresenta outros números: 7,6% das escolas totalmente paradas, 79,4% parcialmente paralisadas e 12,8% em funcionamento normal. A DRE inclui 16 escolas da região num total de 78. Já a Apeoesp só contabiliza 62.

Na reunião de anteontem em São Paulo não foi feito nenhum acordo. O coordenador regional da Apeoesp, Antônio Carlos Oliveira, disse que o governo "endureceu" e não levou nenhuma proposta para os professores. No início da tarde, outra reunião seria realizada. Segundo Oliveira, pouca coisa pode surgir desta encontro.

Os professores fizeram ontem uma assembléia às 15h para decidir os rumos da greve e das manifestações. No final da tarde, uma passeata ocorreu no centro da cidade onde os professores levaram cartazes e faixas com as reivindicações.

Bancários de Ribeirão entram em "estado de greve" e podem parar

Free-lance para a Folha

Os bancários de Ribeirão Preto e região decretaram "estado de greve", após uma reunião realizada na sede do Sindicato dos Bancários anteontem à noite. Uma nova reunião seria realizada ontem, às 20h, na sede do sindicato, mas não havia terminado até o fechamento desta edição.

José Maurício Farias, 36, diretor do Sindicato dos Bancários de Ribeirão Preto, afirma que o estado de greve significa que a categoria pode dar início ao movimento a qualquer momento, isenta da responsabilidade de realizar as 72 horas de pré-aviso a que a Constituição Brasileira obriga os grevistas.

Os bancários estão reivindicando um reajuste mensal de 100% da inflação do mês anterior para todos os níveis da classe e um aumento de 5% para 9,5% do índice de produtividade pago pelos banqueiros.

Luciana Rodrigues Paiva, 30, assessora de imprensa do Sindicato dos Bancários, afirma que irão participar da reunião todos os bancos privados e estatais, com exceção do Banespa, Caixa Federal e Banco do Brasil, que estariam realizando negociações internas. Paiva afirma que a cidade tem 8.000 bancários.

Pela contraproposta feita pela federação, o piso passaria de 21 mil, aforecido anteriormente, para CR$ 22 mil. O da escriturário teve aumento de CR$ 29 mil para CR$ 32 mil e, o de caixa, de CR$ 38,4 mil para CR$ 41 mil.

Conselho propõe a distribuição de US$ 9,6 milhões em projetos

Free-lance para Folha

O Conselho Municipal do Orçamento Participativo se reunia no início da noite de ontem para discutir a distribuição de US$ 9,6 milhões nos chamados "Projetos Regionais". O orçamento global previsto pelo Executivo para 1994 é de US$ 80 milhões.

Pelo projeto proposto pelo prefeito Antônio Palocci (PT), 32, US$ 2 milhões seriam destinados ao abastecimento de água e pavimentação na periferia. Aproximadamente US$ 1 milhão à construção de cinco obras viárias.

Para os programas de habitação, instalação da guarda-municipal e construção de um centro administrativo ficariam reservados US$ 5,4 milhões. A reforma do teatro Pedro 2 consumiria US$ 1 milhão e o restante seria gasto nos corredores com ônibus assistenciais. Caso o município consiga sucesso na tentativa de obter recursos externos, estes investimentos poderão crescer de US$ 9,6 para US$ 12 milhões.

A última reunião do Conselho Municipal do Orçamento Participativo deve acontecer amanhã, quando as propostas mais polêmicas, como a possível redução da verba da Câmara -de 5,29% para 2,5% - para 94 serão discutidas.

A proposta de redução defendida pelo Conselho irritou o presidente do Legislativo. "Quem decide o orçamento é a Câmara", disse. A Câmara Municipal deve votar o projeto do Executivo para o Orçamento de 94 até o final deste mês.

Ribeirão e Olímpia recebem verba do Ministério do Bem-Estar Social

Do correspondente

O ministro do Bem-Estar Social, Jutahy Magalhães Júnior, liberou, ontem em Brasília uma verba de CR$ 25 milhões para a Prefeitura de Ribeirão Preto realizar obras de ampliação na rede de esgoto. Mais US$ 1 milhão (cerca de CR$ 117 milhões) será liberado para obras de infra-estrutura de lotes urbanizados destinados às famílias de baixa renda. Em Olímpia, a verba liberada foi de CR$ 129,4 milhões.

Segundo a assessoria de imprensa da Prefeitura de Ribeirão, os CR$ 25 milhões deverão ser liberados na próxima quarta-feira e a outra verba tem um prazo máximo de 45 dias de liberação.

Segundo falou Palocci anteontem, a liberação dos recursos do governo federal é o resultado de uma política do governo municipal de buscar recursos para solucionar problemas crônicos na cidade.

Em Olímpia o prefeito José Carlos Moreira (PMDB) mantem um corrêrio na última terça-feira com o mesmo ministro, prevendo uma verba de CR$ 129,4 milhões para a ampliação do abastecimento de água do município e para a construção de uma nova estação de tratamento.

O prefeito afirma que CR$ 45,3 milhões, relativos à primeira parcela da verba, já foram liberados. "Ainda nesta semana deveremos iniciar a licitação para a execução dos serviços de construção da estação", diz.

Moreira afirma que esta nova estação de tratamento, que deve ser construída em 36 meses, deve solucionar o problema de abastecimento da cidade por vinte anos.

São Carlos anuncia a contratação de 300 para frentes de trabalho

Do correspondente em São Carlos

O projeto do vereador de São Carlos, Lucas Perroni Júnior (PSD), 31, que prevê a contratação de frentes de trabalho de 300 funcionários, foi aprovado em votação na última segunda-feira por 13 votos a favor e 6 contrários. Com as contratações, a prefeitura vai arcar com mais 300 funcionários além dos 2.600 existentes.

Segundo o vereador, os novos empregados vão receber CR$ 14 mil e irão a função de realizar trabalhos de limpeza nas margens dos córregos da cidade. Perroni Júnior afirma que as frentes de trabalho têm o objetivo de combater o desemprego na cidade.

Os integrantes dos grupos, que serão recolhidos através de uma triagem na prefeitura, serão contratados por seis meses, prorrogáveis por mais seis. O prefeito Rubens Massucio Robinho (PTB), 47, e o vereador negam que o projeto seja inconstitucional.

Para Perroni Júnior, o projeto é oportuno e oferece solução imediata para os problemas na cidade. "Ao invés de pagar uma empreiteira para limpar as margens dos córregos, vamos utilizar frentes de trabalho que significam uma economia para a cidade."

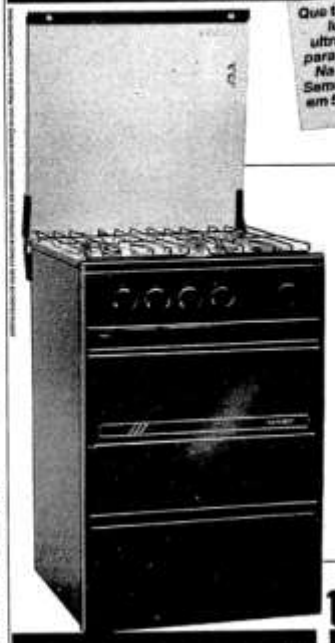
Para Robinho, o projeto é importante e as frentes de trabalho serão necessárias para a realização de obras emergenciais.

A proposta original previa a contratação de 200 funcionários.

O vereador Anuzite Martins de França (PDT), 46, votou contrário ao projeto. "Deveriam ser buscadas propostas mais criativas de combater o desemprego na cidade, através da criação de outras atividades", diz.

SE O QUE É BOM NÃO TEM QUE SER CARO, NA BRASIMAC É MAIS BARATO AINDA.

Que tal um fogão Semer novinho no lugar daquele fogão velho e ultrapassado que já está pedindo para ser trocado ai na sua cozinha? Na Brasimac, você compra o seu Semer Star pelo menor preço e paga em 5 vezes pela menor taxa de juros do mercado.



FOGÃO SEMER STAR
- Mesa inox
- Tampa de vidro
- Queimador gigante
- Multicontrole de temperatura no forno
- 4 Bocas
- 05 peças

À VISTA 11.950,
ou 4.260,
Total a Prazo 21.300,

6 Bocas
- 45 peças

À VISTA 18.950,
ou 6.750,
Total a Prazo 33.750,

semer
BOM NÃO TEM QUE SER CARO

BRASIMAC

• Ribeirão Preto: R. Benjamin, 870 • Matriz: R. João Pessoa, 1.021 • Barretos: R. 20, 309 • Bebedouro: R. Cel. João Manoel, 400
• São Joaquim da Barra: R. São Paulo, 1.910 • Olímpia: R. Gal. Osório, 211 • Fernandópolis: Pça. 15 de Março, 61 • Taquaritinga: R. Prudente de Moraes, 1

Governo rompe negociações com professores

Assembléia na Paulista mantém greve, que completa 31 dias; direção do movimento ocupa gabinete da Educação

GREVE ATUAL COMEÇOU HÁ

31 dias

GREVE DE 92 DUROU

25 dias

GREVE DE 91 DUROU

23 dias

Manifestação pára o trânsito

Da Reportagem Local

A manifestação dos professores parou o trânsito nas regiões central e sul de São Paulo. A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) registrou 23 quilômetros de congestionamentos ligados diretamente à concentração na avenida Paulista e à passeata pela rua da Consolação.

O congestionamento de ontem foi menor que o causado pela mobilização do dia 2 de setembro —41 quilômetros. Segundo a CET, as avenidas mais prejudicadas foram a Paulista, Rebouças, Eusébio Matoso, Ipiranga, São João, Rio Branco, Bandeirantes, energia1 Pinheiros e rua da Consolação. O pico do congestionamento foi às 18h, quando os professores já estavam na praça da República.

Os motoristas ficaram irritados com a manifestação. O capitão da Polícia Militar Moura Neves quase foi atropelado pela Caravana placas SW-2277, quando bloqueava o acesso da rua Peixoto Gomide à avenida Paulista, por volta das 15h. O motorista da Caravana provocou um grupo de professores e avançou o bloqueio da polícia. Invadiu a Paulista e estacionou em um prédio. A PM não conseguiu prendê-lo.

O técnico de segurança do trabalho Carlos Fernandes Ferreira, 45, ficou parado quase uma hora na rua Bela Cintra, à espera do fim da passeata. Perdeu mais uma hora entre o Ipiranga (zona sul) e a avenida Paulista, distância que costuma percorrer em meia hora. "Não adianta dar voltas. É melhor parar e economizar gasolina", disse.

A Polícia Militar registrou quatro acidentes nas redondezas do Masp, onde foi realizada a assembléia, entre as 16h e 16h30. Estava chovendo e foram atacados pedestres e motoristas.



Assembléia dos professores na av. Paulista, às 16h40



Bloqueio por causa do ato desvia o trânsito pela al. Santos



A passeata dos professores foi até a praça da República...



...onde um grupo quebrou o vidro da porta da secretaria

Da Reportagem Local

O governador Luiz Antonio Fleury Filho rompeu negociações ontem com os professores da rede estadual de ensino em greve há 31 dias. A atitude foi tomada depois que dez dirigentes das entidades que lideram o movimento decidiram não sair do gabinete do secretário da Educação.

A ocupação começou entre-meio. Os grevistas entraram na sala de reuniões do gabinete para uma rodada de negociações. As lideranças resolveram ficar no local porque não receberam uma "proposta concreta" do governo.

Apesar do rompimento, a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores) decidiram ontem, às 22h50, permanecer no gabinete.

Às 15h, o presidente da Apeoesp, Roberto Felício, iniciou uma greve de fome. Ao mesmo tempo, na avenida Paulista (região central), a assembléia dos professores decidiu manter o movimento. O ato reuniu 5.000 pessoas, segundo a PM, e 120 mil, segundo a Apeoesp. A greve é a mais longa do governo Fleury.

A próxima assembléia foi marcada para quinta-feira no Palácio dos Bandeirantes (sede do governo), onde há 22 dias houve confronto entre PM e grevistas. O secretário de Governo, Cláudio Alvarenga, disse que a PM não vai permitir a assembléia. Ele acrescentou que vai descontar os dias parados dos grevistas.

Segundo Alvarenga, o rompimento também se deve a restrições orçamentárias. Anteontem, o governo detalhou a proposta feita sábado: vinculação da folha de pagamento da Educação a 26% da arrecadação líquida do ICMS.

A direção das entidades em greve —que representam 220 mil professores, 6.500 diretores e 1.500 supervisores— afirma que a proposta não melhora os salários. A secretaria diz que a folha de pagamentos tem ficado entre 24% e 26% do ICMS. Os grevistas querem 128% a mais de aumento do que os 129% dados pelo governo em agosto e setembro.

Após a assembléia, uma passeata foi até a praça da República (centro). Na chegada à Secretaria da Educação, um grupo de professores que defendia a invasão do edifício quebrou o vidro de uma porta. A levando foi descartada pela assembléia. A segurança do prédio chamou a Tropa de Choque. Não houve confronto.

Cerca de 5 milhões de estudantes estão perdendo aulas.

Grevistas fazem fotos da passeata

Da Reportagem Local

Professores do interior que vêm às assembléias de São Paulo não esquecem de trazer a câmera fotográfica. "Eu acho registrar os fatos mais interessantes do nosso movimento", disse o professor Orlando (não quis revelar o sobrenome), de Pindamonhangaba (140 km a nordeste da capital).

"O dinheiro que a gente gasta só dá para comprar um filme", reclamava Carlos Augusto Marchese, de Mococa (270 km ao norte), enquanto acionava sua Yashica na rua da Consolação.

> *"Chegou a hora. Chegou o dia. Dá aumento ou renuncia.*
>
> *Não tem Maluf, não tem Fleury. Os professores vão invadir o Morumbi.*
>
> (Slogans gritados pelos professores ontem)

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Entidades** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão:** dia 9: 62% das escolas da Grande São Paulo e 80% do interior têm paralisação total ou parcial, segundo o governo; 90% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** reajuste de 128% até setembro, além do que o governo propôs; política salarial que repunha, mês a mês, as perdas com inflação; eleições diretas
- **Contrapropostas:** 33% de reajuste em agosto, 73% em setembro (129% nos dois meses), 10,39% por mês acima do reajuste geral do funcionalismo, de outubro a dezembro e 15,76% de janeiro a março; reposição das perdas com inflação em março
- **Alunos:** 6,5 milhões (6.682 escolas)

> *Temos um problema urgente a enfrentar, que é melhorar os salários imediatamente. Eu gostaria de dar uma garantia nesse sentido.*
>
> (Carlos Estevam Martins, secretário da Educação, ao assumir o cargo seis semanas atrás)

Os personagens da crise



GREVE DE FOME

Roberto Felício, 41, assumiu a presidência da Apeoesp um dias antes do início da greve. Pleou "animado" com a reabertura das negociações, após duas semanas de paralisação. Ontem, "decepcionado", iniciou greve de fome.



SEM NEGOCIAÇÃO

Um dia antes do início da greve, o governador Luiz Antonio Fleury Filho disse que não negociava com grevista. Após o confronto entre a PM e professores no Bandeirantes, abriu negociações. Ontem, fechou de novo.



MARTINS ASSUME NA GREVE

Carlos Estevam Martins, 59, assumiu a Educação, em meio à greve, para fazer contas na "reforma do ensino" que Fernando Morais recusou. Diz que quer garantir salários estáveis e que "luta" por isso.

EDUCAÇÃO

Pais fazem abaixo-assinado a favor da greve de professores

Documento será encaminhado ao governador Luiz Antônio Fleury Filho

Free-lance para a Folha

Pais de alunos de escolas estaduais em greve vão fazer um abaixo-assinado que será enviado ao governador Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB). O documento pede uma solução para a greve dos professores.

Uma comissão de pais da escola-padrão Cenobelino de Barros Serra realizou uma assembléia ontem, às 17h30, na Câmara, para discutir uma solução para a paralisação dos professores.

Segundo Alice Vasconcelos Ribeiro, 45, mãe de dois alunos, a assembléia foi para sensibilizar os pais. "Essa situação de desrespeito do governador aos professores não pode continuar. Queremos que os professores voltem às aulas, mas o governo tem que atender suas reivindicações."

Alice afirmou que, além dos abaixo-assinados, os pais também vão enviar telegramas para o governador e secretário da educação como forma de pressionar.

Lennice Maria das Neves Pereira, 40, mãe de dois alunos, disse que os pais estão entrando em contato com políticos da região e entidades que tenham representação no governo para pedir apoio. "Os professores estão certos em fazerem greve. Eles ganham um salário de fome. Mas as crianças não podem ser prejudicadas", afirmou Lennice.

Para a empresária e mãe de três alunos, Márcia Regina Jordão Campos, 36, é importante a participação dos pais. "A escola pública é nossa, nós temos que tomar conta dos nossos interesses, e a educação é prioridade."

Márcia disse que a mobilização dos pais não pára por aqui. "A greve é apenas mais um problema que se repete todos os anos. Temos que solucionar este problema e muitos outros que atingem a escola pública."

Grevistas mantêm paralisação

Free-lance para a Folha

Professores de Rio Preto e região estiveram ontem em São Paulo participando de assembléia estadual realizada na avenida Paulista. O professores decidiram pela continuidade da paralisação. A greve entra hoje no 29º dia.

Anteontem, representantes dos grevistas e o secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, fizeram a quarta reunião de renegociação de propostas. Segundo a assessoria de imprensa da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), o secretário não apresentou nova contraproposta. A assessoria informou que o presidente da Apeoesp, Roberto Felício, irá fazer uma greve de fome em protesto contra a política salarial do governo.

Segundo a coordenadora da Apeoesp, Maureen de Andrade Leão Cury, 49, das 53 escolas de Rio Preto, 905 estão sem aulas. Cerca de 40 mil estudantes são prejudicados. Na região, que abrange 27 municípios, 80% das 120 escolas estão sem aulas. As duas delegacias de Ensino não têm o levantamento da paralisação até as 18h.

Hoje, às 14h, os professores realizam, na Câmara, uma assembléia para avaliarem o movimento e repassarem as informações da assembléia estadual.

SOCIAL Cida Caran



A blondie Cristiane Voltarelli capricha no perfil para encontro noturno na boate Bloom

Guardanapo

O empresário Joaquim Mendonça Ribeiro vai tirar um dia de férias e parte para Santos. Ele participa do coquetel de posse da nova diretoria do Secovi (Sindicato das Empresas de Compra, Venda e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais), que acontece no Clube Monte Líbano.

Pó de arroz

Os socialites de Novo Horizonte prometem parar amanhã. Tudo para assistir à coroação da casamenteira do presidente do Clube do Rodeio, Rubens Scaranzato, com Andarei Bissi.

Retorno

A estado de Rio Preto per longo tempo, Jorge Mariano Marcondes Ferraz acabou recebendo um tratador com'ele para voltar. Ele assume a vaga de Vicente Colonna na revendedora de carros Mitsubishi.

SEMPRE Coca-Cola



A modelete Eduara Gonçalves prepara autográfio para o fã clube da noite rio-pretense

Termina em Rio Preto a Semana do Coração

Free-lance para a Folha

A 13ª Semana do Coração de Rio Preto termina hoje. Até quarta-feira, 6.400 pessoas compareceram aos postos de medição para conferir a pressão arterial. Segundo os organizadores do evento, 600 tinham a pressão alta, um dos principais fatores de risco para o funcionamento do coração.

José Carlos Nicolau, vice-presidente da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo, disse que o número de pessoas que procuraram os postos de medição indica a preocupação em manter a pressão sob controle. Os postos de medição estão instalados no calçadão e no terminal rodoviário até as 18h. No Rio Preto Shopping Center, eles funcionam das 10h às 22h.

Simpósio

O 8º Simpósio do Instituto de Moléstias Cardiovasculares sobre Cardiopatias começa hoje, às 14h. Rio Preto deve atrair médicos da especialidade na região. O presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia, José Ramires, falou ontem sobre a insatisfação entre o convênio de alimentos cicos em gestantes e infantos.

Segundo ele, o hábito alimentar da região não tem influído para aumentar o nível de colesterol na população. "O hábito de comer carne não é mal se for a expandido de uma dieta de vegetais", afirmou.

Os 196 médicos residentes do Hospital de Base de Rio Preto podem paralisar as atividades em outubro. A paralisação seria estadual. Os residentes se dizem insatisfeitos com a bolsa de estudo e a remuneração paga pela Fundap, atualmente em CR$ 49.392,12.

Segundo Soraya Rassi Dafico, presidente eleita da Associação (Associação dos Médicos Residentes da Fundação Faculdade Regional de Medicina), a paralisação seria decidida numa reunião das associações de residentes em São Paulo na primeira quinzena de outubro.



Enfermeira medo pressão na praça Dom José Marcondes

Incêndio destrói duas lojas em Araçatuba

Da correspondente em Araçatuba

Um incêndio de origem desconhecida destruiu na noite de anteontem o prédio que abriga a Art's Estofados. O prejuízo, segundo o proprietário da loja, Olímpio Targas Aranda, 42, passa de CR$ 15 milhões.

Além da Art's Estofados, a loja ao lado, Scala Lataria, também foi atingida pelo fogo. Segundo o dono da Scala, João Marcos Chiqueto, 27, o prejuízo foi de CR$ 10 milhões. As duas lojas tinham seguro contra incêndio.

Ninguém pessoa ficou ferida devido ao incêndio. O Corpo de Bombeiro trabalhou mais de duas horas para controlar o fogo.

Secretários estaduais visitam a região hoje

Free-lance para a Folha

O secretário estadual do Meio Ambiente, Edis Milaré, estará em Rio Preto hoje para a abertura do curso de Direito Ambiental que vai acontecer no auditório da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). O curso termina amanhã.

Durante o curso vão ser recebidas sugestões para o anteprojeto do Código Ambiental Brasileiro. Uma comissão de juristas deve terminar a elaboração do anteprojeto em junho do próximo ano.

Rio Preto é a primeira cidade do Estado onde o curso está sendo realizado. Depois ele vai acontecer em Ribeirão Preto e Bauru.

O secretário estadual da Saúde, Cármino Antônio de Souza, também estará na região hoje. Às 10h, ele vai participar da inauguração de 70 leitos em enfermaria da Santa Casa de Santa Fé do Sul. Para essa obra, foram investidos CR$ 1,1 milhão, segundo a secretaria de Saúde. Logo depois, às 10h30, Souza se reúne com aproximadamente 40 prefeitos da região na AABB (Associação Atlética Banco do Brasil).

À tarde, o secretário vai estar em Rio Preto. Ele visita, às 15h, o Hospital de Base da Faculdade Regional de Medicina (Funfarme). Segundo a secretaria, o Estado repassou CR$ 23 bilhões para o hospital em 93.

Depois, Souza vai até o Instituto Espírita Nosso Lar e à Prefeitura do Rio Preto, onde deve atender os prefeitos da região.

Caravana vai à capital para dar apoio a Fleury

Free-lance para a Folha

O prefeito de Rio Preto, Manoel Antunes (PMDB), secretários, vereadores e personalidades da cidade e região viajaram ontem para São Paulo. Eles foram entregar um documento de apoio com aproximadamente 400 assinaturas ao governador Luiz Antônio Fleury Filho, que quer o rompimento do PMDB com o governo federal. A entrega do documento estava prevista para às 18h, no Palácio dos Bandeirantes.

Segundo o líder do PMDB na Câmara de Rio Preto, Dourival Lemes, 43, aproximadamente cem pessoas iriam participar da caravana em São Paulo. Foram reservados quatro ônibus para a caravana.

O prefeito de Paulo de Faria, Enis Fonseca (PMDB), iria participar da entrega do documento em São Paulo. Segundo o chefe de gabinete da prefeitura, Luiz Antônio Borges Gouvêia, 46, o prefeito aproveitaria uma viagem já prevista a São Paulo para também manifestar apoio ao governador.

Lemes disse que um dos itens do documento pede a Fleury que apresente uma proposta de governo para o presidente Itamar Franco. "Devemos apresentar uma proposta mesmo estando fora do governo", disse Lemes.

O vereador Caio Urbinati (PFL), 39, disse que o partido em Rio Preto apóia a posição do governador. "É preciso que São Paulo seja tratado com respeito pelo governo federal", disse Urbinati.



Peixinho Choperia

Além de curtir uma música de boa qualidade todos os finais, no happy hour, o Peixinho Choperia reserva sempre para seus clientes verdadeiras surpresas nas porções, que levam qualquer um ao delírio: um ótimo de frios, aves, lombinho e o festival de porções de peixes de água doce ou salgada. Das 18:00 hs às 21:00 hs, tem chorinho, das 21:00 hs em diante o melhor da MPB.

R. Capitão José Maria, 647 - Esq. Av. Artur Nonato
F: (0172) 27.3044 - Rio Preto.

MORTES

As comunicações publicadas nesta coluna são gratuitas, gentileza dos funerais pelo telefone (0172) 22-9955.

Rio Preto

JOAZI VIEIRA MARCELINO — Aos 56, casado com Rosa Pereolino. Deixa oito filhos. Corpo no Velório Municipal de Paraíso. Sepultamento no Cemitério Municipal de Paraíso.

JOÃO RIBEIRO MOTA FILHO — Aos 46, casado com Maria de Deus Correia Mota. Deixa dois filhos. Corpo no Velório Municipal de Santa Fé do Sul.

DELFINA FEDOZZI BATISTELLA — Aos 87, viúva. Deixa quatro filhos. Corpo no Velório Municipal de Rubinéia, em São Paulo.

PEDRO ALVES DERVINHO — Aos 43, casado com Marina Sanz Dervinho. Deixa um filho. Corpo no Velório Municipal de Uru.

APARECIDO RODRIGUES DA SILVA — Aos 39, casado com Terezinha de Fátima Oliveira. Corpo no Velório Municipal de Paraíso.

Araçatuba

ANGELO PACCIELLI — Aos 55, casado com Dejanira Olinda Lima Paccielli. Deixa um filho. O corpo foi cremado no cemitério Municipal de Pac, em Araçatuba.

Catanduva

CÂNDIDO MARTINS — Aos 78, casado com Rosa Pigini. Deixa oito filhos. Corpo no Velório Municipal de Catanduva. Sepultamento no Cemitério Municipal de Catanduva.

J. Bonifácio

MARGARIDA MARQUES — Aos 53, casada. Deixa dois filhos. Corpo no Velório Municipal de José Bonifácio.

N. Granada

SANTOS VALVERDE — Aos 93, viúvo. Deixa filhos. Cemitério de Nova Granada.

Rio Preto

HEITOR DE FARIAS — Aos 65, casado. Cemitério São João Batista, em Rio Preto.

Neves Paulista

VALENTINA HERNANDES — Aos 88 anos, viúva. Deixa filhos. Cemitério de Neves Paulista.

folha norte

EMPREGOS

Região tem poucas oportunidades de trabalho

55% dos entrevistados pelo Datafolha no dia 10 de março se dizem insatisfeitos com mercado de trabalho

LILIAN PRIMI
Free-lance para a Folha

Pesquisa feita pelo Datafolha no dia 10 de março revela insatisfação dos moradores da região de Campinas quanto à oportunidade de emprego. A maioria (55%) afirma que a região é ruim ou péssima quanto às oportunidades de trabalho que oferece, 30% dizem que é regular e apenas 14% consideram boa ou ótima. Em São Paulo, o índice de insatisfação é de 41% (ruim ou péssima), contra 28% que definem como boa ou ótima e 30% como regular.

PESQUISA

DATAFOLHA

Os técnicos e pesquisadores que trabalham na área vêem uma contradição nesse índice pelo menos em relação a Campinas. "É uma cidade que registra crescimento econômico mesmo em épocas de crise. Encaro o índice de insatisfação como reflexo da crise, que atinge todo o país", diz Fátima Infante Araújo, 39, chefe do Departamento de Indicadores Socioeconômicos do Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados).

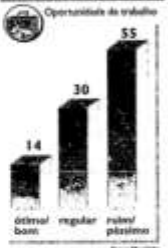
Para Fátima, esse "mau humor" é conjuntural. "A situação de emprego está ruim, quando a pessoa tem um trabalho o salário não é satisfatório e ainda tem a onda de insatisfação que é nacional. Mas a cidade em si oferece condições muito melhores do que a capital, por exemplo", diz.

A pesquisa foi feita nas regiões da Grande São Paulo, Ribeirão Preto, Oeste, Litoral e Vale do Paraíba. Os números mostram pouca variação, confirmando a tese da pesquisadora sobre a insatisfação geral da população.

O maior índice de insatisfação aparece no Litoral e Vale do Paraíba, onde 64% da população consideram ruim ou péssimas as oportunidades de trabalho. "Essa região sofre com a crise em alguns setores, como na indústria de armamentos, mas também tem seu bom potencial", diz Fátima.

AVALIAÇÃO DA REGIÃO

Oportunidade de trabalho



Fonte: Datafolha

Aurea Maria Querido Davanzo, diretora do Departamento de Planejamento da Prefeitura de Campinas, explica que a cidade vive uma conjuntura de crise. "Até meados da década de 80 o interior de São Paulo não foi atingido pela crise. Hoje já temos problemas sérios. Os indicadores de desemprego são fortes, há uma situação dramática nessa área. Mas é conjuntural, assim como a insatisfação", diz.

A cidade tem um potencial de crescimento que, segundo Aurea, pode ser liberado com um mínimo de recuperação. "Nesse caso, os primeiros a serem absorvidos seriam os profissionais especializados", diz.

Recuperação

Os empresários da região preveem um prazo de dois anos para que a economia da região se recupere. Esses dados foram levantados por pesquisa do Datafolha publicada no último dia 5. A pesquisa mostrou que 56% dos 83 empresários e executivos ouvidos na região planejam investimentos e 38% pretendem gerar empregos até 1995.



Marcela Moretti, estudante da Puccamp, ao lado do balcão do bar Cenário onde trabalha

Personagem

Estudante de economia trabalha como caixa

LARISSA PURVININI
Free-lance para a Folha

Marcela Moretti Miranda, 20, é estudante do 2º ano de economia na Puccamp, um pouco grande parte do dia longe dos livros, atrás do balcão do bar e churrascaria Cenário, onde trabalha como caixa, em Campinas.

Assim como 55% dos entrevistados pela pesquisa do Datafolha, que avaliam as oportunidades de trabalho na região como ruins ou péssimas, ela reclama da falta de oportunidades de trabalho na cidade e afirma, que se tivesse uma chance, preferia ter um trabalho relacionado com sua área de estudo. "As empresas oferecem poucas oportunidades para os estudantes", afirma.

Ela diz que não arriscou trocar seu emprego, que lhe vale registro em carteira e um salário fixo, por um estágio em uma empresa. "As empresas contratam por um período de no máximo um ano, mesmo que você tenha um bom desempenho, eles acabam te mandando embora", afirma.

Marcela afirma que Campinas é uma "cidade pequena" e as vagas são poucas para os estudantes que querem ingressar no mercado de trabalho. "É muita gente para pouca vaga", diz.

Professores 'acampam' no centro de SP

Free-lance para a Folha

Os professores grevistas da rede estadual prometem fazer uma vigília na porta da Secretaria da Educação, na Praça da República em São Paulo, até que o governo apresente uma proposta de reajuste salarial. A decisão foi tomada anteontem à noite, quando o comissão de negociação enfrentou mais uma rodada de discussões com o secretário de Governo, Cláudio Alvarenga, e saiu sem uma proposta.

A comissão se encontra a noite da sala no final da reunião, que começou às 20h15. Os três representantes da Apeoesp (Associação dos Professores no Ensino Oficial do Estado de São Paulo), cinco da Apase, (Associação dos Supervisores de Ensino) e dois da Udemo (União dos Diretores do Magistério Oficial) passaram a noite na sala e até as 17h20 de ontem, quando esta edição foi concluída, não tinham saído.

Do lado de fora, um grupo de professores e diretores da Apeoesp decidiu acompanhar a vigília e passou a noite nos bancos da praça da República.

Os professores realizaram mais uma assembléia ontem no Masp (avenida Paulista, em São Paulo) e desceram depois em passeata para a Secretaria da Educação, na Praça da República, onde vão permanecer em vigília.

A Polícia Rodoviária de Campinas escoltou os ônibus que saíram da região levando professores para a assembléia, em São Paulo. Na rodovia dos Bandeirantes a polícia acompanhou 17 ônibus e na Anhanguera, 15. O número total de ônibus que saíram da região, segundo a polícia, pode ser maior, já que muitos viajaram sem escolta.

O presidente da Apeoesp, Roberto Felício, convocou uma greve de fome às 15h de ontem, como protesto à falta de propostas concretas por parte do governo. Ele promete manter o protesto até que o governo mude sua postura. A greve completa hoje 40 dias.

Petroleiros

Os petroleiros de Campinas aprovaram anteontem em assembléia a paralisação de 24 horas na Replan (Refinaria de Paulínia) na próxima terça-feira e greve a partir do dia 28. O calendário foi proposto pela plenária nacional da categoria, realizada no último final de semana no Rio de Janeiro, e envolve todas as refinarias brasileiras. A Replan tem 1.070 empregados e é responsável por 30% da produção nacional de derivados de petróleo.

Os funcionários do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal esperam até o próximo dia 22 a abertura de negociações com a direção das duas instituições. Até lá, a categoria marcou a distribuição de panfletos, mas não fará paralisações nas agências.

Servidores de Campinas têm aumento de 69,17%

Free-lance para a Folha

A Prefeitura de Campinas vai conceder um reajuste aos servidores municipais este mês. O índice varia de 61,35% a 69,17%. Com o reajuste o piso da categoria passará de CR$ 9.073,15 para CR$ 14.639,25. A folha de pagamento líquida ficará em torno de CR$ 600 milhões, segundo a assessoria de imprensa da administração.

Os percentuais correspondem a 19,82% de resíduo inflacionário de maio a julho, 31,79% de repasse da inflação de agosto e os primeiros parcelas de perdas salariais de 91 e 92, 2,12% e de 0 a 4,84%, respectivamente.

Ontem o secretário de Recursos Humanos, Januário Montone, reuniu a bancada do PSDB, em seu gabinete, para explicar os índices que serão concedidos aos servidores. O valor será pago no próximo dia 30.

A política salarial na prefeitura foi definida em maio pela lei 7397/93, que concede reajustes mensais, reais as perdas inflacionárias no quadrimestre. A recuperação das perdas de 91 serão pagas em seis parcelas e a de 92 em duas parcelas, uma agora e outra em janeiro de 94.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PIRASSUNUNGA
TOMADA DE PREÇOS Nº 019/93 - EDITAL
OBJETO: Aquisição de tubos simples de Concreto., ENCERRAMENTO: 30/09/93 às 14:00 Horas, Os interessados poderão obter o Edital no seu inteiro teor no Setor de Material.
Pirassununga, 09 de Setembro de 1.993.
LUIZ GONZAGA ANDRADE
Presidente -

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL
MINISTÉRIO DA FAZENDA
LICITAÇÃO DE JÓIAS
A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL - SUREG CAMPINAS comunica que no dia 22.09.93 venderá, pelo maior oferta e através de propostas fechadas, jóias referentes a contratos de penhor vencidos até 22.08.93, no Posto de Penhor Padroeira.
Local: Rua do Padroeira, 515/519 - Jundiaí/SP
Abertura das Propostas: 12h30
Exposição e Recebimento das Propostas: das 10 às 12 horas

Região arrecada 70 toneladas de alimentos

Free-lance para a Folha

Cerca de 70 toneladas de alimentos foram arrecadadas até agora nas principais cidades da região dentro da campanha nacional Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, idealizada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.



A maior parte da arrecadação foi realizada em Jundiaí. Até hoje, espera-se uma arrecadação total de 30 toneladas. A expectativa inicial era de 80 toneladas.

Henrique Carlos Pavia Parra, 36, um dos coordenadores da campanha, disse que a decepção foi grande. Segundo ele, a coleta foi fraca nos locais de maior poder aquisitivo, como a Feira da Amizade, Max Shopping e junto aos supermercados. "A conscientização está relacionada à necessidade", disse.

A partir da semana que vem, o comitê de Jundiaí vai fazer um balanço geral e iniciar uma série de debates sobre o miséria em cada um dos bairros da cidade. Para enfrentar o desemprego, as entidades que participam do movimento sugeriram ao prefeito André Benassi (PSDB) a criação de hortas comunitárias em terrenos baldios da prefeitura.

Segundo o secretário de Obras, Geraldo Cenacciato, a idéia pode até ser encampada pela prefeitura, mas precisa ser analisada a partir de uma proposta "mais sólida".

Em Campinas, foram arrecadadas cerca de 37 toneladas de alimentos. Funcionários, professores e alunos da Puccamp doaram cinco. A maior arrecadação ficou por conta do sindicato do Banco do Brasil: foram coletadas 27 toneladas entre os seus funcionários.

Segundo José Roberto Delboni, um dos coordenadores do comitê do sindicato dos eletricitários, a unificação dos comitês de Campinas e o lançamento oficial da campanha na cidade deve se realizar com um concerto da Orquestra Sinfônica Municipal até o final do mês. Os ingressos para o concerto serão alimentos não-perecíveis.

Em Rio Claro, o comitê conseguiu apenas 500 quilos de alimentos. Segundo uma das coordenadoras, Cláudia Bortolozzi, as entidades participantes se recusaram outras para chegar em dia de coleta e realizar uma "arrecadação ostensiva".

O comitê de Americana foi fundado há duas semanas e fez a sua primeira arrecadação anteontem à noite, nas ruas show. Cerca de 500 quilos foram coletados.

Piracicaba está fazendo sua coleta esta semana. Ontem, em reunião com as entidades participantes, foram definidas as estratégias de atuação.



Funcionários da Puccamp encaminham para distribuição os alimentos arrecadados



Ana Luiza Bardella, que corria no Central Park

VIOLÊNCIA

Filha do empresário Cláudio Bardella é espancada em Nova York.

PÁG. 5



O jogador de vôlei Maurício, no 89º DP

POLÍCIA

O jogador de vôlei Maurício foi assaltado anteontem à noite em Moema.

PÁG. 5



A prefeita Luiza de Maia apresentou propostas

TRANSPORTE

Governo e empresas estão estudando 14 propostas para reduzir o custo das tarifas.

PÁG. 7

FOLHA INFORMAÇÕES

Educação

Saiba todos os detalhes sobre o projeto que vai incentivar a leitura de jornal nas escolas

Ligue para:

PM expulsa professores do centro

Polícia dispersa grevistas com bomba de gás; governo diz que agressão partiu dos manifestantes



Policiais carregam professor que fazia vigília em frente à Secretaria da Educação (centro)

Da Reportagem Local

A Polícia Militar dispersou ontem com bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral a vigília de professores da rede estadual de ensino de São Paulo em frente à Secretaria de Educação, na praça da República (centro).

Os policiais agrediram os grevistas com cassetetes e prenderam oito pessoas. A ação aconteceu por volta de 1h. O secretário de Segurança Pública, Michel Temer, disse que a agressão partiu de alguns manifestantes.

LEIA MAIS

sobre a greve Lpág. 3-3

Aumenta o número de casos de cólera na PB

A Secretaria da Saúde da Paraíba fez uma revisão nos casos de cólera registrados este ano no Estado e constatou um aumento de 260 entre os dias 9 e 14 deste mês. Foram confirmadas 36 mortes por cólera desde o início do ano. Até ontem, foram confirmados 3.881 casos de cólera.



APROVEITE.
3 DORMS. (1 SUÍTE)
OU 2 DORMS. NO
ALTO DE SANTANA
PELO PLANO
MELHOR.

Veja na página central do 1º caderno.

PLANO MELHOR



SE VOCÊ SE SENTE INSEGURO NA HORA DE COMPRAR...

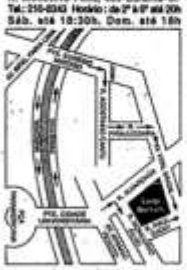
QUEIMA TOTAL DE INVERNO



VENHA PARA A LUIGI BERTOLLI.

Você que deixa tudo para a última hora, um aviso: esta é a última hora.

R. Mooconho Filho, 485-Butantã-SP
Tel.: 210-8343 Horário: de 2ª à 6ª até 20h
Sáb. até 18:30h. Dom. até 18h



OFERTAS FEMININAS

CALÇA GABARDINE DE LÃ
A PARTIR DE 1.911,00 À VISTA
OU 3 X 910,00 (1+2)
TOTAL 2.730,00

CAMISA ESTAMPADA
A PARTIR DE 1.440,60 À VISTA
OU 3 X686,00 (1+2)
TOTAL 2.058,00

CAMISA DE CAMBRAIA DE ALGODÃO
A PARTIR DE 1.146,00 À VISTA
OU 3 X 546,00 (1+2)
TOTAL 1.638,00

MACACÃO LINHO
A PARTIR DE 1.124,20À VISTA
OU 3 X 535,33 (1+2)
TOTAL 1.606,00

CAMISA DE SEDA MISTA
A PARTIR DE 2.688,00 À VISTA
OU 3 X 1.280,00 (1+2)
TOTAL 3.840,00

SWEATER E CARDIGAN
A PARTIR DE 1.393,00 À VISTA
OU 3 X 663,00 (1+2)
TOTAL 1.989,00

BERMUDAS VÁRIOS TECIDOS
A PARTIR DE 619,00À VISTA
OU 3 X295,00 (1+2)
TOTAL 885,00

BLAZER DE GARBARDINE DE LÃ
A PARTIR DE 3.654,00 À VISTA
OU 3 X 1.740,00 (1+2)
TOTAL 5.220,00

OFERTAS MASCULINAS

GRAVATAS DE SEDA
A PARTIR DE 1.281,00 À VISTA
OU 3 X 610,00 (1+2)
TOTAL 1.830,00

CAMISA SOCIAL TRICOLINE
A PARTIR DE 1.470,00 À VISTA
OU 3 X 700,00 (1+2)
TOTAL 2.100,00

CALÇA GABARDINE
A PARTIR DE 1.911,00 À VISTA
OU 3 X 910,00 (1+2)
TOTAL 2.730,00

CAMISA CHAMBRAY M/L
A PARTIR DE 1.260,00 À VISTA
OU 3 X 600,00 (1+2)
TOTAL 1.800,00

SWEATER
A PARTIR DE 990,00 À VISTA
OU 3 X 471,33 (1+2)
TOTAL 1.414,00

Ofertas válidas até o final do estoque.

Além destas ofertas, descontos de 30 a 50%.



A LOJA DAS FÁBRICAS
Luigi Bertolli
MARCAS DE QUALIDADE PREÇOS DE FÁBRICA

Fleury se reúne hoje com os professores

É a primeira vez que o governador se encontra com os grevistas desde o início da paralisação, há 35 dias



O publicitário Gilberto dos Reis que disputa hoje a final do campeonato de pizzaiolos

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

O governador Luiz Antonio Fleury Filho se reúne hoje às 18h com a direção das três entidades em greve no ensino estadual de São Paulo. É a primeira reunião dos sindicatos com o governador desde o início da greve, há 35 dias, e uma reabertura oficial das negociações. Elas foram rompidas na última quinta-feira depois da ocupação de uma sala do gabinete da Secretaria da Educação pelos dirigentes da greve.

Na sexta-feira de madrugada, os grevistas foram postos para fora da secretaria pela PM, que disparou uma vigília de cerca de 60 pessoas em frente ao edifício com bombas de gás e efeito moral. A operação deixou três feridos.

Tanto o governo quanto os professores "atrasaram" o tom de suas críticas. O secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, 59, evitou dizer explicitamente que a reunião do governador com os professores estava condicionada à não-realização da assembléia da próxima quinta-feira no Palácio dos Bandeirantes.

Nas palavras do secretário: "O objetivo da assembléia no palácio era conseguir a audiência com o governador. Essa reunião torna sem sentido a manifestação." Já o presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), Roberto Felício, 41, não descartou a possibilidade de realença do local da assembléia.

"Nosso objetivo é que tenhamos uma resposta concreta do governo", afirmou Felício. "Poderemos até chamar uma reunião extraordinária do Comando da Greve para discutir o local da assembléia, caso as negociações tragam propostas que atendam minimamente às nossas reivindicações", acrescentou.

Segundo Martins, a reabertura das negociações ocorreu porque "as entidades voltaram à sua situação de normalidade". "Elas estavam ocupando ilegalmente uma sala da secretaria", afirmou.

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 230 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Aguse (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apeoesp) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão de 1a:** 77% das escolas da Grande São Paulo e 89% do interior com paralisação total ou parcial, segundo o governo; 90% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** reajuste de 126%, até setembro, além do que o governo propõe, política salarial que repondo, mês a mês, as perdas com inflação acima previsto
- **Contraproposta:** 33% de reajuste em agosto; 77% em outubro (129% nos dois meses); 10,16% por mês acima do reajuste geral do funcionalismo de outubro a dezembro e 13,76% de janeiro a março, vinculados, em 94, ao fim do pagamento da Educação a 26% do ICMS
- **Alunos:** 4,1 milhões (6.682 escolas)

Pizzaiolos amadores duelam para ver nome em cardápio

Coelho, lagosta e escargot recheiam pizzas exóticas

VICTOR AGOSTINHO
Da Reportagem Local

Dezesseis pizzaiolos amadores disputam hoje a final do 1º Grand Prix São Jorge de pizzas. Essas 16 receitas foram escolhidas, durante quatro meses, entre mil sugestões. Os primeiros quatro colocados, além de prêmios, poderão ter suas receitas incluídas no cardápio da pizzaria Criaul.

Cada concorrente terá que fazer, sem ajuda de assistentes, massa, recheio e cobertura de sua pizza. Cinco "quesitos" serão analisados pelos jurados: habilidade no forno, apresentação, cozimento da massa, equilíbrio dos ingredientes e gosto.

Pizzas pouco ortodoxas chegaram à final. Entre as receitas excêntricas estão as de sorvete (de chocolate), carpaccio, maçã coco gorgonzola, alcachofra, lagosta com queijo brie, salmão defumado, escargot com camembert e coelho.

Marcelo Fraiser, dos Três, inscreveu duas receitas e conseguiu classificar a sua Bertigiola com Pimentões. "Estou desapontado para fazer a massa. Em casa, é minha mulher que quase sempre cuida desta parte."

Igreja é contra MP das mensalidades escolares

Da Sucursal de Brasília

Controladores de boa parte da rede privada de ensino, a Igreja Católica teme este semestre fazer com que o governo federal reedite idéia e respeito da MP (Medida Provisória) que não deixa as escolas punirem os alunos inadimplentes. A MP, batizada pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) de "medida provisória do calote", foi reeditada outem no "Diário Oficial".

Odivio Torrelio, assessor da CNBB, entregou outem aos documentos ao Palácio da Alvorada, residência oficial do presidente. Segundo Torrelio, o documento —cuja íntegra ele não quis revelar— reitera a preocupação da CNBB com a situação das escolas particulares. Usando uma expressão que, segundo ele, foi criada por parlamentares, Torrelio definiu a medida como "MP do calote". A CNBB estuda que a medida incentiva os estudantes contra o pagamento das mensalidades. Antes da MP, as escolas podiam proibir os alunos inadimplentes de fazer provas.

USP começa hoje a eleger o novo reitor

Da Reportagem Local

O primeiro turno das eleições para reitor da USP ocorre hoje das 9h às 13h. Os oito nomes que disputam o segundo turno devem ser definidos ainda hoje.

Votam 1.368 eleitores. Há nove candidatos declarados: Adib Jatene, Antônio Joaquim de Azevedo, Antonio Marcos de Aguirra Massola, Celso Beisiegel, Ernesto Cazargo, Flávio Pava de Moraes, Franco Lajolo, Jacques Marcovitch e Walter Colli.

Juiz mantém julgamento do caso Adriana Caringi

O juiz-corregedor do Tribunal de Justiça Militar, coronel Antônio Augusto Neves, indeferiu o pedido do advogado da família Caringi, Abdalla Achcar, para adiar o julgamento do cabo Marco Antônio Furlan. Atirador de elite da PM, Furlan é acusado de matar Adriana Caringi.

Nova droga ajuda no tratamento da Aids

Chega ao Brasil uma nova droga para pacientes com Aids o imunodeprimidos. O Ambisome, produzido pelo laboratório Vestar Inc., dos Estados Unidos, é recomendado para tratamento de infecções causadas por fungos, muito comuns em portadores do vírus HIV e de difícil segmentação.

Acusados de matar a mãe são julgados em SP

Começou ontem e deve terminar hoje em Olímpia (SP) o julgamento de Antônio Domingues Thereza Filho, 29, e Paulo César Domingues Thereza, 28. Eles são acusados de matar a tiros a mãe, Leila Aidar Thereza, em 1988. O advogado de acusação é Antônio Cláudio Mariz de Oliveira.

STF reforça segurança para interrogar mafioso

A segurança do STF (Supremo Tribunal Federal) será reforçada hoje, a partir das 10h, durante o interrogatório do mafioso Italiano Marco Puglisi. A PM vai reforçar a segurança externa do prédio e a PF e os agentes do STF se responsabilizarão pela segurança dentro do prédio.

Servidores da Saúde realizam assembléia

Os servidores da rede estadual de saúde realizam amanhã, às 10h, uma assembléia para decidir se entram em greve. Segundo Mônica Valente, presidente do sindicato da categoria, é grande a chance de haver greve, pois o governo não apresentou nenhuma contraproposta.

Homem é atropelado por trem no Ipiranga

O desempregado José Odair Espírito Santo, 45, foi atropelado outem às 7h na estação Ipiranga por um trem da CBTU. Espírito Santo ficou preso sob o trem e teve de ser retirado pelos bombeiros. Foi levado para a Santa Casa com ferimentos na bacia, mas está fora de perigo.

SACOLÃO DO PREÇO INVENCÍVEL

SÃO MAIS DE 40 ITENS EM FRUTAS, LEGUMES E VERDURAS PARA VOCÊ ECONOMIZAR.

CR$ 39,00 kg

Pão de Açúcar
Mais Qualidade Pertinho de Você.

CONSULTE PARTICIPANDO
PROMOÇÃO HOJE É DIA DE PRÊMIOS

Ofertas válidas de 21 à 25/09/93, ou enquanto durar o estoque para as lojas do Pão de Açúcar e Pão de Açúcar Superloja do Estado de São Paulo. Após esse período os preços voltam ao normal. Em respeito aos nossos clientes, não vendemos no atacado para comerciantes.

O MENOR PREÇO OU A DIFERENÇA EM DOBRO

EDUCAÇÃO

Fleury se reúne com grevistas no Palácio

Lideranças dos professores têm encontro marcado hoje com secretários do governo para discutir contraproposta

Da Reportagem Local

O governo do Estado de São Paulo marcou novas negociações com os professores estaduais em greve há 36 dias. O governador Luiz Antonio Fleury Filho se reuniu das 21h42 às 22h32 no Palácio dos Bandeirantes com representantes do sindicato dos professores (Apeoesp), dos diretores (Udemo) e dos supervisores (Apase).

Participaram também da reunião os secretários estaduais da Administração, Fazenda e o da Educação, Carlos Estevam Martins. Não se falou em sensatem contraproposta real. O presidente da Apeoesp, Roberto Felício, disse que foi uma reunião política, para marcar a reabertura das negociações. Às 12h de hoje, deverá haver um novo encontro entre os secretários que participaram da conversa de ontem com o governador e os sindicalistas, na Secretaria da Administração.

O encontro foi adiado por algumas horas para aguardar a chegada do governador Luiz Antonio Fleury Filho, que saiu às 18h30 de Brasília. A reunião anterior à de ontem havia sido na quinta-feira, às 23h, na Secretaria da Educação.

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 350 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Reivindicações:** reajuste de 130% até setembro, além do que o governo propôs; política salarial que repondo, mês a mês, as perdas com inflação; eleições diretas
- **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores da Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Contraproposta:** 32% de reajuste em agosto, 7,5% em setembro (129% em dois meses), 10,25% por mês acima do reajuste geral do funcionalismo de outubro a dezembro e 13,76% de janeiro a março; vinculação, em 94, do bolo de pagamento da Educação a 26% do ICMS
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão dia 20:** 77% das escolas da Grande São Paulo e 81% do interior têm paralisação total ou parcial, segundo o governo; 90% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Alunos:** 6,5 milhões (6.682 escolas)

Como o governo não apresentou contraproposta, os grevistas decidiram permanecer dentro do prédio da secretaria, de onde foram expulsos pela tropa de choque da Polícia Militar à 1h.

Ontem às 17h os professores fizeram um ato na Assembléia Legislativa em protesto contra a violência da polícia. Os professores querem 128% de reajuste além dos 129% que o governo está concedendo.

O movimento foi normal ontem nas escolas municipais de São Paulo. A greve de um dia dos professores não afetou as aulas. Os grevistas realizaram uma manifestação em frente à Câmara Municipal.



O secretário municipal Zulauf planta muda de jequitibá observado por Édis Milaré (à dir.)

Jequitibá homenageia ambientalistas mortos

Dos 11 ecologistas homenageados, 4 foram assassinados

Da Reportagem Local

Uma muda de jequitibá-rosa, a maior árvore nativa da Mata Atlântica, foi plantada ontem, Dia da Árvore, no parque Ibirapuera, zona sul de São Paulo. A árvore, espécie Curitibana legalis , é uma homenagem da organização SOS Mata Atlântica a 11 ambientalistas mortos, 4 dos quais assassinados em consequência de suas atividades.

Pás de terra sobre a muda foram jogadas pelo superintendente da SOS Mata Atlântica, João Paulo Capobianco, e pelos secretários municipal e estadual da área, Werner Eugenio Zulauf e Édis Milaré.

Alguns dos homenageados são o especialista em recursos hídricos Fernando Victor de Araújo Alves; Pérsio Lucas, sócio-fundador da União dos Defensores da Terra; o seringueiro Chico Mendes; José Simão Lauriado, defensor do Parque Estadual da Serra da Térrica; Paulo César Vasto, biólogo, e Augusto Ruschi, ornitólogo.

Fava de Moraes é o mais votado no 1º turno da eleição na USP

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

O diretor-científico da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), Flávio Fava de Moraes, foi o mais votado entre os primeiro turno das eleições para reitor da USP, com 653 votos. Em segundo lugar ficou Ernay Camargo, que foi pró-reitor de Pesquisa do ex-reitor Roberto Leal Lobo e Silva Filho, com 546 votos, seguido do ex-ministro da Saúde Adib Jatene, com 395.

Votaram ontem 1.208 eleitores, de 1.368 previstos. A abstenção foi menor do que nas eleições passadas, 11% contra 15%.

O diretor da Faculdade de Direito, Antonio Junqueira de Azevedo, teve 89 votos e ficou fora da lista de oito nomes que vai para o segundo turno no dia 5 de outubro.

"Os outros retirantes que vão ao segundo turno são: Walter Colli, do Instituto de Química (259 votos), Franco Lajolo, expró-reitor de Pós-Graduação (161), Jacques Marcovitch, diretor do Instituto de Estudos Avançados (126), Celso Beisiegel, expró-reitor de Graduação (124), e Antonio Marcos Massola, diretor do Centro de Computação Eletrônica (111).

Houve 881 votos em branco e 144 nulos. Cada eleitor votava em três nomes. No segundo turno, votam cerca de 250 pessoas, que formam uma lista tríplice. Esta é enviada ao governador do Estado, Luiz Antonio Fleury Filho.

Saúde faz assembléia hoje e pode fazer greve

Os servidores da rede estadual de Saúde realizam hoje, às 10h, em frente à Secretaria Estadual de Saúde, uma assembléia para decidir se entram em greve. O dia da provável paralisação ainda não foi definido. O governo não apresentou nenhuma proposta.

Ricúpero quer relatório de queimadas no Norte

O ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Rubens Ricúpero, disse que solicitou ao Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) um levantamento das queimadas registradas este ano na Amazônia. O objetivo é checar se as informações sobre o aumento das queimadas em 1993 em relação ao ano passado são verdadeiras.

Ministério divulga edital para privatizar rodovia

O Ministério dos Transportes espera privatizar 8.000 quilômetros de rodovias federais até o início de 94. O governo deve transferir para a iniciativa privada os serviços de exploração, manutenção e pavimentação das estradas. A segunda etapa do processo de concessão foi realizada ontem em Brasília com a presença do ministro Alberto Goldman.

Governo quer construir anel rodoviário na capital

O presidente da Dersa (Desenvolvimento Rodoviário S.A.), Antônio Márcio Mora Ribeiro, disse ontem que o governo da São Paulo estuda a construção de um anel rodoviário em torno da capital. O projeto tem um custo de Us$ 2,2 bilhões e será viabilizado com a participação da iniciativa privada.

Irmãos são condenados pela morte da mãe

Os irmãos Antônio Therezo Filho, 29, e Paulo César Domingues Therezo, 28, foram condenados ontem em Olímpia (SP) a 18 e 15 anos de prisão respectivamente por terem matado a mãe, Leila Aldar Therezo. Leila morreu com três tiros na porta de sua casa, em junho de 88.

Baleia surge morta na areia em Praia Grande

Uma baleia com mais de dez metros e cerca de 15 toneladas apareceu morta na manhã de ontem em Praia Grande (SP). Ela estava na faixa de areia já em avançado estado de decomposição. O biólogo Luiz Alceu Pereira, 47, disse que a baleia era provavelmente da espécie Fin.

FESTIVAL DA CARNE
PÃO DE AÇÚCAR. O MENOR PREÇO OU A DIFERENÇA EM DOBRO.



COXÃO MOLE
COXÃO DURO
E PATINHO
(EM CORTES)
319,kg

CONTRAFILÉ,
ALCATRA
E LAGARTO
(EM CORTES)
349,kg

CONTINUE PARTICIPANDO
PROMOÇÃO HOJE É DIA DE PRÊMIOS

Pão de Açúcar
Mais Qualidade Pertinho de Você.

Ofertas válidas de 20 a 25/9/93, ou enquanto durar o estoque para as lojas do Pão de Açúcar e Pão de Açúcar Superloja, do Estado de São Paulo. Após esse período os preços voltam ao normal. Em respeito aos nossos clientes, não vendemos no atacado para comerciantes.



O Barão Vermelho, que toca no Sesc Interlagos

LAZER

Fim-de-semana na cidade tem maratona, passeio ciclístico e shows.

PÁG. 8



A especialista norte-americana Peggy Brich

AIDS

Especialistas apontam falhas de diálogo na prevenção da doença entre adolescentes

PÁG. 4



Instalação danificada do prédio na região central de SP

ADMINISTRAÇÃO

A prefeitura interdita o edifício Júlia Cristiannini, onde moram 1.500 pessoas.

PÁG. 5

CONSÓRCIO
STREET SHOPPING
SANTA IFIGÊNIA
PLANOS DE 6, 12 E 25 MESES
SEM JUROS
LIGUE JÁ:
(011) 259-9422
uniaens SONY

FMU FIAM FAAM
VESTIBULAR 94
* ADMINISTRAÇÃO * CONTABILIDADE * DIREITO * ECONOMIA * LETRAS * PSICOLOGIA * MATEMÁTICA * PEDAGOGIA * SERVIÇO SOCIAL * JORNALISMO * RELAÇÕES PÚBLICAS * PROPAGANDA * EDUCAÇÃO ARTÍSTICA * HISTÓRIA * GEOGRAFIA * MÚSICA * EDUCAÇÃO FÍSICA.
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: RUA TABAIS, 100 - LIBERDADE
FONE: 270-0433

FOLHA INFORMAÇÕES

Educação
Saiba todos os detalhes sobre o projeto que vai interativar a leitura do jornal nas escolas
Ligue para:
[illegible]

O PERSONAGEM

Dutra terá 10 pistas perto de Guarulhos



Está prevista para hoje, em Guarulhos, a assinatura do contrato para a ampliação da Dutra. O ministro dos Transportes, Alberto Goldman (foto), deve estar presente. A rodovia terá dez faixas entre Guarulhos e o aeroporto de Cumbica.

Técnicos desenterram veleiro de duna no RS

Um veleiro, provavelmente utilizado para transportar escravos, está sendo desenterrado na praia de Mostardas (RS). Segundo técnicos, o barco naufragou há um século.

LOTO

CONCURSO 1.036
Dezenas sorteadas
18, 46, 48, 51 e 54
Prêmio(s) pago(s)
CR$ 10 milhões

INDIFOLHA
APOIO A FUMAR EM RECINTOS FECHADOS
Total de favoráveis entre publicados até 9:
27 (90%)
10 (10%)

Professores mantêm greve recorde

Paralisação de 38 dias é a maior da gestão Fleury; decisão foi tomada em assembléia no Morumbi



Cordão de isolamento montado pela polícia durante a assembléia dos professores da rede estadual ontem no Morumbi

LUÍS EDUARDO LEAL
Da Reportagem Local

Os professores estaduais de São Paulo, em greve há 38 dias, decidiram ontem manter a paralisação, em assembléia em frente ao ginásio do Morumbi. Segundo a Polícia Militar, 8.000 pessoas participaram da manifestação. A Apeoesp (sindicato dos professores) estimou a presença de 100 mil pessoas. É a maior paralisação do governo de Luís Antonio Fleury Filho. Em 92, os professores pararam 25 dias.

A situação ficou tensa quando um grupo de aproximadamente 150 pessoas rompeu o cordão de isolamento da polícia e avançou em direção à Tropa de Choque. A PM mobilizou 900 homens, três carros de choque e vários cães e cavalos para evitar que os manifestantes chegassem ao Palácio dos Bandeirantes.

Há um mês e polícia dispersou com bombas de gás e efeito moral manifestantes que tentaram se aproximar do palácio. Nova ação policial aconteceu na madrugada da última esta-feira, quando a PM retirou professores que faziam vigília em frente à Secretaria Estadual da Educação.

A Apeoesp conseguiu controlar os ânimos e evitar novos confrontos com a polícia. Os carros de som pediam que os manifestantes tivessem calma e esperassem o retorno da comissão que foi recebida no palácio pelo secretário de Governo, Cláudio Alvarenga.

"Uma assembléia sem representatividade quer desestabilizar o movimento, prejudicando as negociações", disse o presidente da Apeoesp, Roberto Felício.

Alvarenga relatou à comissão a última proposta do governo (leia texto abaixo). "Essa proposta não nos era um ponto fundamental, que é o estabelecimento de uma política salarial para os próximos meses", disse Felício.

Os representantes da Apeoesp, Udemo (sindicato dos diretores) e Apase (sindicato dos supervisores) voltam a se reunir com o governo na segunda-feira. A próxima assembléia acontece na quinta, às 14h, na praça da República.

> "*Os professores verificaram que o governo do Estado de São Paulo chegou ao seu limite financeiro nas negociações. Realmente não temos como pagar um centavo a mais do que foi oferecido*"
>
> (do Luís Antonio Fleury Filho, governador do Estado de São Paulo, sobre a decisão dos professores estaduais de manterem a greve)

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 350 mil professores, 6.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão:** dia 23: 71% dos alunos da Grande São Paulo e 80% do interior sem paralisação total ou parcial, segundo o governo; 90% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** reajuste de 130% até setembro, além do que o governo propõe; política salarial que reponha, mês a mês, as perdas com inflação entre outros
- **Contraproposta:** 32% de reajuste em agosto, 73% em setembro (139% nos dois meses), 10,25% por cada ponto do reajuste geral do funcionalismo de outubro a dezembro e 13,76% de janeiro a março; vinculação, em 94, da folha de pagamento da Educação a 26% do ICMS
- **Alunos:** 6,3 milhões (6.682 escolas)

GREVE JÁ DURA

38

dias na rede estadual de ensino de São Paulo

ESTÃO SEM AULAS

5

milhões de alunos



Manifestante segura cartaz que ironiza a atuação da Polícia Militar



A professora Judith Lima entrega uma rosa para um policial militar

Líder reclama de 'radicais'

Da Reportagem Local

O que seria uma marcha de milhares de professores em direção à sede do governo acabou sendo o capítulo-chave, segundo Roberto Felício, de "uma minoria radical e sem representatividade". Contra a deliberação da assembléia —esperar o retorno da comissão que foi ao palácio—, cerca de 150 pessoas ultrapassaram o cordão de isolamento.

"A solução é a conflito", gritava a professora Nícia Vilela, que tentou "enfrentar" sozinha a tropa de choque perfilada. Foi agarrada por colegas e, mais calma, ficou a uns cinco chamando os professores de "bonitões".

A professora Judith Lima —com vinagre umedecendo lenço de proteção de choque e máscara antigases— entregou algumas rosas aos soldados. "Violência é colocar contra policiais em uma assembléia de professores a pagar salários de fome". Ela é graduada em história e recebeu CR$ 15 mil em agosto.

O comandante da Tropa de Choque, Carlos Melo, afirmou que soldados à paisana identificaram um "cabeção de negro" (bombeiro casaco) entre os manifestantes. Melo chegou a dizer que o conflito era "insano", mas nenhum incidente foi registrado.

LEL

Negociação avança lentamente

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Enquanto a greve avança para a sexta semana, as negociações caminham lentamente. Ontem, o governo admitiu pela primeira vez repor o valor aquisitivo dos salários a cada três meses. Até então, a proposta era de que isso ocorreria a cada seis meses.

Com o reajuste deste mês —um semestre após a última reposição integral—, os salários chegariam a um patamar que, em potencial, pode até desmobilizar a greve: o piso por 40 horas semanais é de CR$ 38 mil. O problema é que de outubro a dezembro o governo garante 10,25% de aumento ao mês, com uma inflação na casa dos 30%. Outras propostas —como a vinculação dos salários a uma porcentagem do ICMS— só valem para 1994.

Na segunda-feira, há nova reunião de negociação. O governo deverá manter, em linhas gerais, as propostas que vem apresentando —há mais de um ano Fleury diz que a queda na arrecadação de impostos impede aumentos maiores. E as lideranças, apoiadas na manter paralisação do atual governo, insistirão em uma "política salarial que garanta, mês a mês, reposição das perdas".

É uma "queda de braços" que promete só ser vencida pelo cansaço de um dos lados.

Ano letivo pode não ser cumprido

Da Reportagem Local

Uma coisa é certa nesta greve: os dias perdidos de aula terão uma reposição feita.

Movimentos de pais e mães —como o Pró-Educação— "compram briga" com os professores ao assumir posição contrária às greves. Mas são eles que, na volta às aulas, demonstram que a reposição é uma farsa —aulas são marcadas em fins de semana e até vistas a museus comuns.

O governo diz que o ano não está perdido. Mas os 200 dias de aulas previstos pela lei só serão alcançados com sobressaltos.

EDUCAÇÃO

Apeoesp anuncia piquetes para impedir aulas

Demora no acordo salarial e ameaças de diretores podem enfraquecer o movimento, segundo a Apeoesp

Professores fazem 'bicos'

Free-lance para a Folha

Professores estão fazendo "bicos" para garantir o sustento durante a paralisação da categoria. A Secretaria da Educação informou que não irá pagar os dias parados dos professores em outubro.

A professora de inglês e português Marjori Bastos Pontes Gestal, 27, disse que agendou até o final de outubro três aulas particulares por dia. Cada hora/aula custa CR$ 500 por aluno. "Com o bico, vou conseguir pagar contas vencas no próximo mês, caso o governo decida não reembolsar os dias parados", disse Marjori. Ela está em greve há 30 dias.

A professora Adriana C., 26, de matemática, vai ganhar um salário mínimo para trabalhar como vales de uma padaria de Rio Preto. "Estou evitando qualquer tipo de gasto para guardar dinheiro", disse ela.



Os irmãos Fernanda e Wader Barbara Júnior têm aula particular com a professora Marjori Gestal

Free-lance para a Folha

Grupos de grevistas vão fazer piquetes na entrada das escolas estaduais de Rio Preto para impedir o retorno dos professores e alunos às aulas na próxima segunda-feira. A categoria está em greve há 39 dias e decidiu em assembléia realizada anteontem em São Paulo manter a paralisação.

A consultoria da Apeoesp Elizabeth Amarante Rocha, 44, disse que alguns professores devem voltar às atividades por causa das ameaças de diretores e à demora do acordo salarial com a Secretaria da Educação.

O consultório da Udenio, José Antônio Vieira, 52, disse que 60% dos diretores das 67 escolas de Rio Preto, Bady Bassit e Potirendaba aderiram ao movimento. "Mas alguns podem nos professores que retornarem às classes."

O comando de greve marcou caravanas e um "buzinaço" em frente às escolas que abandonarem a greve. "Estamos preparando um esvaziamento para manter a coesão do movimento", disse Elizabeth. Em **Mirassol**, os professores estão fazendo visitas de casa em casa para orientar os pais de alunos sobre a paralisação.

A greve na rede de ensino da região atinge 85% da categoria em 114 escolas, segundo a Apeoesp. Somente em Rio Preto, há 35 mil estudantes parados, segundo a UME (União Municipal dos Estudantes). Os professores reivindicam aumento salarial de 128% até setembro e política salarial que repunha não a soma as perdas com a inflação.

A contraproposta do governo é de 129% de reajuste (agosto a setembro), 10,25% por todo o mês de outubro a dezembro e 15,78% de janeiro a março, além da vinculação, em 94, do folha do pagamento da Educação a 25% do ICMS.

A continuidade da greve dos professores a partir da próxima semana vai afetar as férias escolares dos alunos das 114 escolas-padrão. Segundo Vieira, são 94 mais sábados e feriados suficientes para a reposição das aulas. As escolas-padrão têm hoje 101.707 alunos e 25% a mais de dias letivos que as demais escolas.

Os pais de alunos realizaram anteontem uma missa na Catedral de Rio Preto em apoio à greve. Em outros igrejas da cidade também foram feitos atos públicos a favor da categoria. Em Araçatuba foi feito um forró para arrecadar dinheiro para o fundo de greve.

PARALISAÇÃO JÁ DURA

39

dias nas escolas da rede estadual de ensino de Rio Preto e não há previsão para a volta às aulas.

Receita descobre empresa que não declara imposto de renda desde 88

Da Redação

Fiscais da Receita Federal realizaram ontem blitze em 45 indústrias de Rio Preto. A operação foi parte da segunda etapa do plano de combate à sonegação em Rio Preto.

Não foi divulgado o balanço das blitze, mas a **Folha** apurou que pelo menos uma empresa investigada ontem não estaria declarando IR (Imposto de Renda) desde 1988.

As empresas receberam ontem da Receita uma lista com documentos que deverão ser entregues num prazo de 15 dias.

"Caso não seja entregue, a Receita vai lavrar autos de infração e multar as empresas", afirmou a delegada Alberina Santos de Lima.

Escola de Pais faz seminário na cidade

A Escola de Pais faz dois seminários sobre relacionamento de pais e filhos hoje, às 14h, e amanhã, às 9h, na Faculdade de Economia Dom Pedro 2º, em **Rio Preto**. O objetivo é aumentar o número de participantes da entidade, que nasceu no século passado na França.

Pereira Barreto cria banco de mudas

A Secretaria da Agricultura de **Pereira Barreto** criou um banco de mudas de frutas para doar a produtores, que assinam termo de compromisso garantindo a restituição das mudas em dobro no prazo de dois anos. As primeiras 3.500 mudas foram destinadas ao complexo hortifrutigranjeiro.

Assembléia define salário na Citrovita

Assembléia realizada ontem entre a Citrovita e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Alimentação de **Catanduva** definiu que o piso salarial da categoria a partir de setembro será de CR$ 23 mil. As horas extras serão pagas com o adicional de 60% nas 2 primeiras horas.

Unesp discute bebidas em outubro

A Unesp (Universidade Estadual Paulista) realiza em **Rio Preto**, entre 4 e 7 de outubro, a 7ª Semana de Engenharia de Alimentos para reciclagem e atualização de conhecimentos. Nos dias 8 e 9, acontece o 1º Seminário na área de Bebidas e Similares.



Vista de Pereira Barreto, que ficou sem luz por causa de vendaval

Pereira Barreto fica sem luz durante vendaval

Free-lance para a Folha

Pereira Barreto ficou parcialmente sem energia elétrica na quinta-feira à tarde em consequência de um vendaval. O setor arrancou a cobertura de zinco de um armazém de mil metros quadrados da Cooperativa Agrícola Tietê.

A cobertura bateu em três postes de eletricidade, interrompendo o abastecimento de 5% dos moradores por 10 minutos, segundo informações da Companhia Energética do São Paulo (Cesp). Não houve feridos.

O vendaval ocorreu às 17h10 e durou cinco minutos, de acordo com o sargento Adriano Oliveira da Silva, 44, do 2º Pelotão da Polícia Militar de Pereira Barreto. Ele diz que os ventos passaram de 100 quilômetros por hora. Além de derrubar os postes, a cobertura de zinco danificou a caminhonete D-20 placas BQP 1667, de Paranaíba (MS), que estava estacionada ao lado do armazém.

Segundo informações do Instituto de Pesquisas Meteorológicas da Unesp em Bauru, os ventos fortes ocorreram apenas numa área restrita de Pereira Barreto e podem ter sido causados por uma frente fria que permanece estacionária sobre o Centro e Sul do país.

Unicamp recebe inscrições para vestibular em Rio Preto até amanhã

Free-lance para a Folha

Os candidatos a uma das vagas da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) devem fazer as inscrições para o vestibular hoje e amanhã, das 8h às 16h, nas Faculdades Integradas Rio-preto. Em todo o país devem ser feitas em torno de 35 mil inscrições.

Para a inscrição, o candidato deve apresentar a ficha autenticada pelo Banespa e a carteira de identidade.

Dos 1.300 manuais de inscrições recebidos pelo Banespa de Rio Preto, 800 já foram vendidos. O manual custa CR$ 300 e a inscrição, CR$ 1.900.

A Unicamp oferece 1.990 vagas em 41 cursos. As provas da primeira fase serão realizadas no dia 28 de novembro. Os locais das provas serão divulgados no dia 21 de novembro.

O CARRO MAIS ECONÔMICO DO MERCADO

VEM AÍ

AGUARDE!

NA PRÓXIMA VEZ QUE VOCÊ FOR A São Paulo, fique hospedado NA SUA CASA.

Practical Life Morumbi: um apartamento com serviços de mordomias, faxineira, lavanderia, central de congelados e encomendas. Nem na casa da sua mãe você é tratado tão bem.

- 1 e 2 dormitórios
- Entrega das chaves com apenas 10% de sinal
- Gerador de energia
- Central de telefonia
- 2.700 m² de jardins e área de lazer

Rua Dep. João Sussumu Hirata, 681

APARTAMENTOS PRONTOS COM 80 MESES PARA PAGAR.

PRACTICAL LIFE MORUMBI

Tels. (011)545.1305 / 64.0277

Incorporação e Vendas: Panamby

HOJE É UM DIA DE GRANDES NEGÓCIOS PARA QUEM ANUNCIA NO CLASSIFOLHA NORTE SP

Anuncie na próxima quinta-feira e sábado por apenas CR$ 250,00.

classifolha (0172) 33-3330

EDUCAÇÃO

Grevistas tentam manter movimento com 'arrastão'

Professores e governo fazem uma nova rodada de negociações

Free-lance para a **Folha**

Professores da rede estadual de ensino de **Rio Preto** fizeram ontem um "arrastão" em algumas escolas para convencer os professores, que voltaram ao trabalho, a retornarem à greve. A categoria está parada há 42 dias.

Segundo a coordenadora da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) Aparecida Padovan, 48, alguns professores retornaram ao trabalho para descaracterizar o abandono de emprego. "Eles vão até a escola para assinar o ponto e depois retornam ao movimento."

Aparecida disse que os professores já estão cansados da greve. "É claro que neste momento a categoria está cansada, além da angústia que a defasagem salarial provoca. Mas vamos continuar até conseguirmos nossas reivindicações", afirmou ela.

Os professores reivindicam uma política salarial, reposição de perdas salariais calculadas em 183%, piso do Dieese (CR$ 41 mil em agosto), reajuste mensal de acordo com a inflação.

O governo ofereceu 129% e 15 referências salariais a serem pagas de outubro a março de 94. Representantes dos grevistas e do governo estiveram reunidos ontem, na Secretaria de Administração para uma nova rodada de negociações.

Segundo a Apeoesp, 85% dos professores de Rio Preto estão paralisados. As duas delegacias de ensino não informaram o balanço da greve.

Na região de **Catanduva**, segundo o sindicato, 90% dos professores continuam parados. Segundo a Delegacia de Ensino, 70% dos 1.200 professores estão em greve.

NÚMEROS DA GREVE

- **Número de professores:** 17 mil
- **Número de escolas:** 376 escolas em 98 municípios
- **Sindicato:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), filiado à CUT
- **Piso salarial:** CR$ 9.118,00 por uma jornada de 20 horas semanais
- **Reivindicações:** 128% de reposição de perdas salariais, piso do Dieese (CR$ 41 mil em agosto), investimento de 30% do ICMS, reajuste mensal pela inflação e pagamento no último dia útil do mês.
- **Contraproposta:** 129% (32,3% em agosto e 73% em setembro) e 15 referências a serem pagas de outubro a março de 94.

Os grevistas de **Votuporanga** realizaram ontem uma assembléia para avaliar o movimento. Segundo a Apeoesp, 85% dos professores aderiram. Pelo levantamento da delegacia de ensino, 68% dos 1.025 professores da região de Votuporanga estão sem dar aulas.

Os grevistas fazem amanhã, às 9h, na Câmara de Rio Preto, uma assembléia regional para avaliar o movimento e o resultado da reunião com o governo.



Comissão de grevistas fazem 'arrastão' em escola de Rio Preto

Professores fazem piquetes

Da correspondente em Araçatuba

Professores de **Araçatuba** fizeram ontem piquetes nas escolas onde a adesão dos professores não é total ao movimento de paralisação. A subsede da Apeoesp admitiu que alguns professores voltaram ao trabalho, mas afirmaram que a adesão é de 90%. Para a Delegacia Regional de Ensino, a greve atinge 65% dos professores.

Vários alunos retornaram às escolas na esperança da volta dos grevistas. "O governador mandou que eles voltassem hoje (ontem)", disse Marco Antonio de Mello, 11, estudante do EEPG Ana dos Santos Barros, na periferia da cidade.

Ontem à tarde, os professores fizeram novamente uma vigília na Igreja Nossa Senhora Aparecida. Além dos grevistas, pais de alunos e alguns estudantes participaram da missa.

Um ato público estava marcado para a noite de ontem, em solidariedade à greve dos professores, em frente à EEPSG Manoel Bento da Cruz. O grêmio estudantil convocou todos os alunos.

Hoje, às 17h, os professores devem fazer um ato público na Câmara. O diretor estadual da Apeoesp Clarismindo de Castro, 43, disse que todas as entidades de classe foram convidadas.

PROFESSORES GANHAM PISO DE

9.118

cruzeiros reais, por uma jornada de 20 horas semanais na rede estadual de ensino.

SOCIAL



Plugada durante reunião de profissionais da prancheta, Cristiane Roncato mostra que é adepta do decote

Hambre

Os cabelos de Rio Preto prometem passar o chapéu em favor da campanha contra a fome. Rui Asa Branca disse que vai distribuir a renda do 1º Asa Branca Rodeo Life às famílias carentes da cidade.

•

Eles disseram que vão sair montados a cavalo distribuindo comida pelos bairros da cidade.

Argolas

Cada dia que passa os amigos ficam de lado.

•

É que Fernando Martins anda cada vez mais dedicando seu tempo a Astrid Ribeiro.

•

Principalmente depois que apareceram as alianças nos respectivos dedos do casal.

Aquático

Foi com muita música, comandada por profissionais da noite de Rio Preto, que o Monte Líbano inaugurou o conjunto de piscinas de biribol.

Moldura

A artista Pi Zampieri alçou vôo. Suas telas e esculturas em bronze e gesso disputam a atenção de empresários e políticos na galeria Performance, em Brasília.

•

Em outubro, Pi leva seu trabalho para o MAC (Museu de Arte Contemporânea) de Campinas.

Pincel

Cristina Bassit confere a produção de artistas contemporâneos de São Paulo "in loco".

•

Ela está preparando a agenda de exposições da Galeria A2 para 94.

VIA ANDREA
confecções e calçados masculinos
Calça Puro Linho Braspérola
Os melhores preços
Camisa Puro Linho Braspérola
Os melhores preços
Rio Preto Shopping Center
Loja 79
Tel.: (0172) 27-1122

CONFECCIONISTA

POLO

Esta é uma oportunidade de você conhecer o trabalho do Polo de Modernização para Eficiência Coletiva do Setor do Vestuário da Região de São José do Rio Preto que seus colegas vem desenvolvendo.
E também de fazer sua adesão dentro do projeto ou dos projetos que são mais próximos das necessidades de sua empresa.
Participe.

Data: 29 de Setembro de 1993
Local: Palestra Esporte Clube
Rua João Mesquita, 2831 - Rio Preto

PROGRAMAÇÃO

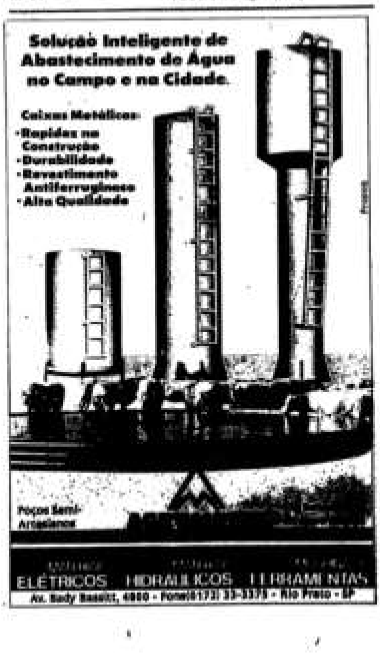
19:30hs às 20:00hs - Recepção aos participantes
20:00hs às 20:15hs - Abertura
Dra. Agnes Ezabella
20:15hs às 21:00hs - Apresentação dos projetos
21:00hs às 22:00hs - Adesões ao projeto
22:00hs - Jantar de encerramento da Solenidade

Realização:
SEBRAE SP Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de São Paulo

Participação:
SINDIVEST Sindicato da Indústria do Vestuário de São José do Rio Preto

Apoio:
folha norte sp

Fazenda
Página especial de produtos, serviços e outras utilidades para o agropecuarista.
Para anunciar ligue: (0172) 32-9511



MORTES

As comunicações publicadas nesta coluna são gratuitas, podendo ser transmitidas pelo telefone (0172) 32-9511.

Rio Preto

MANOEL LOTERIO — Aos 53, solteiro. [illegible]

MARIA GOMES DE SOUZA — Aos 48, casada com [illegible]

LOURDES PRATES VIEIRA PAULINELLI — Aos 51, casada com [illegible]

AMÉLIA FERNANDES DE MENEZES — Aos 75, casada com [illegible]

MARIA DOLORES — Aos 80, [illegible]

VICTÓRIO BOTTARO — Aos 77, casado com [illegible]

folha norte sp
Redação: Luís Antonio da Silveira, 946, São José do Rio Preto - CEP 15015 - [illegible]

GREVE

Professor teme perder salário e vende até alho

Paralisação completa 43 dias; grevistas relizam uma marcha hoje em São Bernardo para arrecadar fundos

Free-lance para a **Folha**

Os professores da rede estadual no ABCD, em greve há 43 dias, temem o atraso do pagamento dos dias parados. Como garantia, estão intensificando a diversificando as atividades do "fundo de greve" (arrecadação do verba para manter o movimento). Hoje, os professores e pais de alunos da EEPG Prof. Faustino Pinheiro Silva, no Jardim Nossa Senhora de Fátima, em **São Bernardo**, vão vender alho de porta em porta para o "fundo".

A marcha dos professores começa às 12h30 pelo bairro Demarchi e deve terminar na entrada da Autolatina. Até os faróis vão virar postos de venda. "Reforçamos nosso trabalho com o fundo de greve para o caso de não recebermos parte do salário. Estamos muito preocupados", afirmou a assistente de direção da escola, Maria da Graça Sena-sioni, 43, que participa das atividades com os professores.

Além da venda do alho, os professores da escola estão vendendo rifas de cesta básica a CR$ 100, organizaram uma festa do pastel para o próximo sábado e já conseguiram o salão paroquial emprestado para fazer uma festa com outras escolas do bairro.

Em **Diadema**, os professores estão vendendo doces em duas barracas armadas no centro da cidade. Na sexta-feira, os pais dos alunos da EEPG Ministro Quintanilha Ribeiro, no Jardim Presidente, levam alimentos para o fundo de greve e arrecadam dinheiro e alimentos na Metalúrgica Bündes.

A assessoria de comunicação da Secretaria de Educação informou que não há definição sobre o pagamento ou desconto dos dias parados. Na greve do ano passado, o governo descontou os dias parados e vinculou o pagamento à reposição de aulas.

A região mantém os índices de paralisação registrados na semana passada, segundo a Apeoesp. Em **Santo André**, 95% dos professores estão parados. Este índice é de 90% em **São Bernardo, Mauá** e **Diadema**, de 85% em **São Caetano** e de 80% em **Ribeirão Pires** e **Rio Grande da Serra**.

Em São Bernardo, o comando de greve da Apeoesp (Sindicato dos Professores da Rede Oficial de Ensino) acusou o diretor da EEPSG Lopes Trovão, Antonio Marchetti, de ter mantido os alunos trancados na escola das 9h às 11h45 (eles deveriam ser dispensados às 10h45) para evitar a entrada dos professores no local. A escola estava fechada na parte da tarde e Marchetti não foi localizado. A Delegacia de Ensino da cidade, a Divisão Regional de Ensino e a Secretaria da Educação não foram informadas do ocorrido.

NÚMEROS DA GREVE

- **Nº de professores:** cerca de 13 mil na região
- **Piso atual*:** CR$ 9.139
- **Reivindicações:** reajuste de 128% em setembro, reajuste mensal da inflação e aplicação de 30% do ICMS no ensino público de 1º e 2º graus
- **Contraproposta:** reajuste de 129% até setembro, elevação do vale alimentação de CR$ 31 para CR$ 134 (em setembro), aumento de 10,25% de outubro a dezembro e 15,76% de janeiro a março de 94
- **Data-base:** março

* por 30h semanais — Fonte: Apeoesp



As irmãs Débora Cristina e Cíntia Fanin, de Santo André, aproveitam a greve azer teatro

Estudantes usam tempo para aulas de teatro

Free-lance para a **Folha**

Débora Cristina Fanin, 9 e a irmã Cíntia, 12, estão aproveitando a greve dos professores para estudar e fazer curso de teatro. Elas estão na 4. e 6ª séries da EEPSG Professor Gabriel Oscar, escola padrão em Santo André.

"Minha professora de matemática não está em greve porque não vai poder repor aulas. Então, assisto aulas de segunda à quinta-feira. Também estudo. Todos os dias, pego uma lição. E entrei no teatro, que faço duas vezes por semana. Só brinco de ver em quando", diz Cíntia.

As irmãs afirmam que concordam com a greve dos professores. "Eles têm direito de fazer greve porque ganham pouco. Não vou ligar de repor aulas nas férias", afirmou Débora. Cíntia também não se importa com a reposição das aulas, desde que não passe o ano.

Elizângela Castro, 11, aluna da 5ª série, está tendo aulas de português e educação artística. "Faço lição, mas fico brincando a maior parte do tempo", afirmou.

Petroleiros de Mauá suspendem paralisação

Free-lance para a **Folha**

Os petroleiros da Refinaria de Capuava (Recap), em **Mauá**, decidiram suspender temporariamente a greve programada para ontem. O Sindicato dos Petroleiros de Mauá não aceitou a proposta da Petrobrás, mas aceitou um pedido da Federação Única Cutista dos Petroleiros que desaconselhou a paralisação. A federação representa os sindicatos de petroleiros do país.

Segundo Diego Hernandez, 35, tesoureiro do sindicato, a entidade recebeu segunda-feira, às 23h, um comunicado da federação com a proposta da Petrobrás, que admite apenas a volta dos funcionários demitidos durante o Plano Collor. O reajuste anual de 100% da inflação e a participação na produtividade da empresa, duas reivindicações da categoria, não foram atendidas.

Hernandez afirmou que a greve não está alfinetada, apenas suspensa.

Atlas faz reunião com empregados na DRT

Free-lance para a **Folha**

A Atlas Copco, empresa de **Diadema** que fabrica máquinas para a construção civil, levou ontem à Justiça do Trabalho a greve de seus funcionários. A informação é da comissão de fábrica da empresa e não foi confirmada por uma diretoria, que não retornou as ligações da **Folha**.

Os trabalhadores estão parados desde a segunda-feira da semana passada, em protesto contra 90 demissões ocorridas no dia 17. Ontem, as duas partes se encontraram sob a mediação da Delegacia Regional do Trabalho para tentar um último acordo. A reunião não havia terminado até as 19h.

Segundo informou Alzino Nunes, 39, membro da comissão de fábrica da Atlas, o movimento reivindica a readmissão imediata dos empregados demitidos. Em contrapartida, sóvale a criação de um programa de demissões voluntárias.

Empreiteira entra na Justiça contra grevistas

Free-Lance para a **Folha**

O Grupo OK, empreiteira de **São Bernardo** que emprega 1.100 trabalhadores, entrou com recurso no tribunal Regional do Trabalho contra a greve dos operários da construção civil. A greve, que começou há uma semana, paralisa atualmente 2.000 dos 6.000 operários que trabalham em São Bernardo e **Diadema**, segundo avaliação do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Construção Civil e Mobiliário.

O diretor do Grupo OK, Raimundo Matos, 37, declarou ter tomado a medida por considerar que o sindicato desrespeitou o acordo coletivo da categoria, firmado há um mês. "Os trabalhadores de São Bernardo já ganham 16% a mais do que seus colegas de São Paulo", disse.

O diretor de imprensa do sindicato, Brás Queiroz de Souza, 38, informou que 2.000 trabalhadores já voltaram ao trabalho por terem fechado acordo com suas empresas.

ACONTECE

Os horários e preços desta seção foram fornecidos pelos promotores dos eventos. É recomendável confirmar as informações por telefone antes de ir de casa

SINTONIA DE AMOR	🙂	**Sleepless in Seattle**. EUA, [illegible]. Com Meg Ryan e Tom [illegible]. ABC 1 (Shopping Mappin ABC, tel. [illegible]). 13h, 17h, 19h e 21h. De segunda a quinta: CR$ 300. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 350.
O ÚLTIMO GRANDE HERÓI	😐	**Blood In Blood Out**. EUA, 1993. Direção: Taylor Hackford. Mappin ABC 3 (Shopping Mappin ABC, tel. 440-1024). 13h30, 17h, 20h30. De segunda a quinta: CR$ 300. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 350.
OPERAÇÃO RICARDO EX 3	😐	**Beat of the Beat 3**. EUA, 1993. Direção: [illegible]. Com [illegible]. (Shopping Mappin ABC, tel. [illegible]). [illegible]. sábado, domingo e feriados: [illegible].
A FIRMA	😐	**The Firm**. EUA, 1993. Direção: Sidney Pollack. Com Tom Cruise. Studio Center (rua Campos Sales, 98. Tel. 449-6689). 13h30, 18h20 e 21h. Preços: segunda a quinta CR$ 150. Sexta e domingo: CR$ 200.
INTRODUÇÃO NO CANAL DO SEXO	😐	**Filme pornográfico**. [illegible]. A partir das 13h. CR$ 60.
A FIRMA	😐	**The Firm**. EUA, 1993. Direção: Sydney Pollack. Com Tom Cruise. Vitória 1 (r. Baraldi, 745. Tel. 443-1698). 18h e 21h. Sábado e domingo: 15h, 18h e 21h. Preços: segunda a quarta CR$ 150. Quinta a domingo: CR$ 200.
FUGA MORTAL	😕	**Indian Tribe**. EUA, 1993. [illegible]. 745. Tel. 442-1698). 19h e [illegible]. CR$ 150. Quinta a domingo: [illegible].
KUNDIWA		O artista plástico e diretor de Vigilância Sanitária reúne 30 pinturas e desenhos figurativos e abstratos, em aquarela e Caran D'Ache, Marusen Galeria de Arte (av. Kennedy, 706, loja 9-10-11, Golden Shopping, **São Bernardo**). Até dia 30 de setembro.
SMOKIN		[illegible].
ANEDINO FERNANDES		Exposição permanente do artista, formado na Alemanha, que combina cerâmica em cursos de artes plásticas. Museu Barão de Mauá (av. Dr. Getúlio Vargas, 374). De terça a sexta, das 8h às 18h e aos [illegible].

	😐	**Switch**. EUA, 1993. Direção: [illegible]. Com [illegible]. Shopping Mappin ABC, tel. [illegible]). [illegible]. CR$ 150. Quinta a domingo e feriados: CR$ 200.
PROPOSTA INDECENTE	😐	**Indecent Proposal**. EUA, 1993. Direção: Adrian Lyne. Com Demi Moore e Robert Redford. Cancor ABC 3 (Boa Shopping, av. Barão de Mauá, 30. Tel. 458-9068). 14h30, 16h45, 19h e 21h15. De segunda a quinta: CR$ 350. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 400.
		Filme pornográfico. [illegible].
O BEIJO DA MULHER PIRANHA	😐	**Filme pornográfico**. Ruddy Center 1 (av. Caminho do Mar, 3438. Tel. 457-7093). Segunda a quinta 13h30, 17h30. Sexta a domingo às 13h30, 17h30 e 19h30. CR$ 130. Sexta a domingo: CR$ 160.
		[illegible].
O GUARDA COSTAS	😐	**The Bodyguard**. Com Kevin Costner e Whitney Houston. Ruddy Center 1 (av. Caminho do Mar, 3438. Tel. 457-7093). De sexta a domingo às 18h e 20h. De domingo a quinta às 18h e 20h. CR$ 130. Sexta a domingo: CR$ 160.
		[illegible].
DRAGÃO - A HISTÓRIA DE BRUCE LEE	😐	**Dragon - The Bruce Lee History**. EUA, 1993. Com Jason Lee, Tyrodiar (av. Barão de Mauá, 188. Tel. 450-1689). 20h. Sábado às 19h e 21h. Domingo às 15h, 19h e 21h. Preço: CR$ 150.
		[illegible].
MOSTRA DE SERIADOS ANTIGOS		Mostra de seriados antigos, como "Perdidos no Espaço", "Tarzã", "Nacional Kid" e outros filmes das décadas de 60 e 70 e clássicos dos anos 40. Auditório João Domingues Tavares (r. Bueno, 31, **São Bernardo**). Terças-feiras, às 14h e às quintas-feiras, às 20h. Grátis.
		[illegible].
DE IDOS DE 32		Direção: Carlos Augusto Calil. Documentário sobre a bailarina de Arte Moderna de 32. Dia 7 às 19h30. Centro Cultural Diadema (r. Graziosa, 300). Grátis.

😐 SOM 😕 REGULAR 😞 RUIM

Fleury pede fim da greve dos professores

Apelo foi feito ontem durante reunião com sindicalistas, que decidem hoje em assembléia se mantêm a paralisação

Da Reportagem Local

O governador Luiz Antonio Fleury Filho fez um apelo aos representantes dos professores, em greve há 44 dias, para que a paralização seja suspensa e se estabeleça um calendário de negociações. O objetivo, segundo o governador, é que não se comprometa o ano letivo.

A reunião terminou às 23h20 de ontem. Além da Fleury, participaram representantes dos professores, supervisores de ensino, diretores de escolas, os secretários Miguel Tebar, da Administração, e Carlos Estevam Martins, da Educação. O governo se comprometeu a estudar proposta de piso de dois salários mínimos por 20 horas de trabalho semanais.

Roberto Felício, presidente da Apeoesp (sindicato dos professores), disse que "o comprometimento do ano letivo não pode ser atribuído aos professores". Fleury ficou na reunião até as 21h30. O governo estuda a possibilidade de o Conselho Estadual de Educação fixar a matrícula mínima a ser dada nas escolas para que não se perca o ano letivo.

Ele disse que será negociada a reserva de uma porcentagem do ICMS para a educação no orçamento de 94. Hoje às 15h os professores fazem assembléia na praça da República. Depois seguem em passeata até o vale do Anhangabaú.

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 220 mil professores, 1.800 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto passado (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão:** dia 28: 66% das escolas da Grande São Paulo e 81% do interior são paralisação total ou parcial, segundo o governo; 95% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** reajuste de 120% até setembro, além do que o governo propõe; política salarial que repunha, pelo menos, as perdas com inflação; anos sabáticos
- **Contraproposta:** 33% de reajuste em agosto, 71% em setembro (129% nos dois meses), 10,25% por mês acima do reajuste geral do funcionalismo; de outubro a dezembro o IGPM, em 94, do início do pagamento da folha; a 30% do IGPM
- **Alunos:** 6,3 milhões (6.683 escolas)



Passeata da UNE na praça da República, no centro de SP

Estudantes criticam a revisão

Da Reportagem Local

Estudantes conhecem e partidos políticos organizam somos uma passeata contra a revisão constitucional pelas ruas do centro de São Paulo. Os manifestantes acreditam que a revisão tem "o objetivo de eliminar os direitos sociais garantidos na Constituição de 88."

Segundo a CET (Companhia de Engenharia de Tráfego), cerca de 600 pessoas participaram da manifestação. Elas foram por volta das 17h da praça da República até a praça da Sé.



Eneide Lima, Murilio Hingel (Educação), Dimenstein e José Mascardo (Cultura) no debate

Debate marca lançamento do livro de Gilberto Dimenstein na Folha

Da Redação

A educação é a principal saída para a falta de cidadania existente no país, concluiu ontem o debate de lançamento do livro "O Cidadão de Papel", de Gilberto Dimenstein. O evento, realizado no auditório da **Folha**, teve a participação do ministro da Educação, Murilio Hingel, do ministro da Cultura, José Jorbaina Mascardo, e da vice-presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Eneide Moreira Lima.

O lançamento do livro "O Cidadão de Papel" foi uma iniciativa do programa **Folha Educação**, um conjunto com a Editora Ática. Dimenstein, diretor de Sucursal da Brasília, apresentou, no início do debate, a problemática que levou à elaboração de seu livro: "Quando se discute cidadania, o importante é a capacidade de se viver decentemente em um lugar." Para ele, "o Brasil está na fase da barbárie". "O círculo vicioso da miséria só tem uma saída, que é o investimento —não específico— em educação."

Liderança de greve que já dura 43 dias na rede pública paulista, Eneide afirmou que em 15 anos houve em São Paulo 18 greves. "Se tem uma coisa que é difícil na vida do professor é ter que paralisar sua atividade", afirmou. "Mas não há como sobreviver em nossas condições", disse.

O ministro da Educação destacou o problema da qualidade da educação, que atende 87% da população entre 7 e 14 anos, mas só consegue fornar 22% dos brasileiros no 1º grau. A qualidade, segundo ele, "exige um bom professor". Hingel afirmou que chegar a isto "ultrapassa a capacidade do sistema federal".

"Há uma revolução no Brasil", disse o ministro da Cultura. Para ele, exemplos disso são o trabalho de Herbert de Souza no combate à fome. "Através de uma mudança de comportamento podemos mudar o país, e vejo muitas possibilidades nisso", afirmou.

TIETÊ

Poluição por indústrias no rio diminui em um terço

Da Reportagem Local

Diminuiu em quase um terço a poluição industrial lançada no rio Tietê na região da Grande São Paulo, segundo dados da Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental). A medição que indica a queda na poluição é relativa a dados registrados pela companhia em 1990.

Já são 538 as indústrias que instalaram equipamentos para tratar seus poluentes, que são compostos basicamente de metais, fenóis e cianetos.

O projeto de despoluição do rio Tietê tem como meta que, até o final de 1994, as principais indústrias poluidoras tratem seus dejetos antes de lançá-los no rio ou, na melhor hipótese, ao rede de esgotos.

São 1.250 as indústrias cadastradas, responsáveis por 90% da poluição inorgânica que é lançada no rio Tietê.

A última empresa a inaugurar seu sistema de tratamento foi a Alumasa, que investiu US$ 1,6 milhão na construção de duas estações em seu parque industrial na Lapa, zona oeste de São Paulo.

Congresso - A Câmara Municipal aprovou ontem, por 30 votos a 10, a destinação da Cr$ 10 milhões (US$ 60 mil) para a realização do 30º congresso da Ubes (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas) no Anhembi em outubro. O projeto é de autoria do prefeito Paulo Maluf. Só o PT votou contra. Os vereadores do PSDB não votaram a favor da maioria dos vereadores dos demais bancadas votou pela aprovação. Os petistas defendiam que a prefeitura deveria colaborar fornecendo a infra-estrutura.

Jornal - O Sindicato dos Vendedores de Jornais e Revistas de São Paulo distribuiu ontem uma nota comemorativa do Dia de Jornaleiro. A data é comemorada hoje. Na nota, o sindicato diz que o jornaleiro é "o amigo que está em cada esquina". Segundo o sindicato, existem no Estado de São Paulo 12.500 bancas. Desse total, 6.000 estão localizadas na capital. O restante está distribuído pelas cidades do interior.

COMERCIAL EDUARDO
"SÓ ATÉ SÁBADO"



RÁDIO GRAVADOR ESTÉREO CCE CS-3200
. Duplo cassete deck
. Reprodução consecutiva de fitas
. Duplicação de fitas em menor tempo
À vista 6.780,



RÁDIO GRAVADOR ESTÉREO CCE CS-90X
. Jovem e versátil
. Karaokê
. Microfone externo
. Duas cores: vermelho e amarelo
À vista 6.150,

cce

STEREO MUSIC CENTER SMC-5710
. Compacto e moderno
. Entrada para TV, Vídeo ou Compact Disc Player
À vista 13.570,

Despachamos para todo o Brasil
Preços de atacado



olivetti

CALCULADORA OLIVETTI DIVISUMA 812
. Super silenciosa com impressão de altíssima qualidade
. Display gigante de 12 dígitos
À vista 13.890,



MÁQUINA DE ESCREVER OLIVETTI LETTERA 82
. Totalmente portátil, ótima para anotações domésticas e trabalhos escolares
À vista 12.980,

Comercial Eduardo
O Paraíso do Som

Matriz: Rua Com. Afonso Kerlakian, 75 (Galeria Pagé)
Filial: Shopping 25 de Março
Fones:(011) 229-1333/227-9777
Fax:(011) 229-0880

FUNDO GRIFFO DE INVESTIMENTOS EM QUOTAS DE FUNDOS DE APLICAÇÃO FINANCEIRA

(ADMINISTRADO PELA HEDGING-GRIFFO CORRETORA DE VALORES S.A.)

CGC. 65.470.282/0001-65

DEMONSTRAÇÕES DAS EVOLUÇÕES DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO DOS SEMESTRES FINDOS EM 30 DE JUNHO DE 1993 E 1992

	1º Semestre 1993	1º Semestre 1992
Patrimônio líquido em 1º de janeiro (580.743.02[illegible] cotas a Cr$ 4.289,70372 por cota)	2.501.113	369.674
Cotas emitidas: 44.840.440,1350 cotas 1992 e 10.904.872,3851 cotas 1993	59.151.784	33.403.836
Cotas resgatadas: 43.180.044,2542 cotas 1992 e 10.557.440,4945 cotas 1993	(57.172.415)	(30.180.394)
Variação no resgate de cotas	2.374.250	(2.217.310)
Patrimônio líquido antes do resultado do período	7.099.298	1.617.607
Resultado do Período		
Receitas		
Rendas de Aplicações em Fundos de Aplicação Financeira	10.893.436	2.154.780
Despesas		
Despesas administrativas	86.251	4.187
Taxa de administração	196.719	35.640
Despesas de publicação	10.853	—
Resultado do período apropriado a resultados acumulados	10.691.113	2.114.953
Patrimônio líquido no final do semestre/período (1.235.874,0647 cotas a Cr$ 1.374,4874 por cota em 1992, 1.844.174,6151 cotas em 1993	15.420.256	4.111.236

As notas explicativas integram as demonstrações contábeis

DEMONSTRAÇÕES DAS COMPOSIÇÕES E DIVERSIFICAÇÕES DAS APLICAÇÕES

Especificação	R$/US Cotas	%
Cotas de Fundos de Aplicação Financeira		
Fundo BDN de Aplicações Financeiras	3.886.462	19,04
Investidor Fundo de Aplicações Financeiras	3.673.259	18,04
Nacional Fundo de Aplicações Financeiras	4.266.035	20,30
Banoffis Fundo de Aplicações Financeiras	3.681.540	21,61
Safra Fundo de Aplicações Financeiras	4.209.117	20,98
Total das aplicações	19.675.913	100,00
Valores a pagar (taxa de administração)	(21.657)	
Patrimônio líquido	19.654.256	

As notas explicativas integram as demonstrações contábeis

NOTAS EXPLICATIVAS ÀS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS SEMESTRES FINDOS EM 30 DE JUNHO DE 1993 E 1992

1. **Principais Práticas Contábeis**
As principais práticas contábeis adotadas para a contabilização das operações e para a elaboração das demonstrações contábeis emanam das normas e instruções do Banco Central do Brasil, consubstanciadas no Plano Contábil das Instituições do Sistema Financeiro Nacional - COSIF.
As aplicações são cotas de Fundos de Aplicação Financeira são demonstradas ao custo de aquisição, acrescido das valorizações patrimoniais, apropriadas diariamente até a data de balanço.

2. **Distribuição de resultados**
Os resultados auferidos são incorporados ao patrimônio líquido com a correspondente valorização das cotas, à medida de sua realização, de maneira que todos os cotistas participem proporcionalmente à quantidade de cotas possuídas.

3. **Taxa de administração**
A taxa de administração é calculada na base de 1/360, sobre o valor diário do patrimônio líquido do Fundo. Essa remuneração é paga ao Administrador mensalmente.

HIROTO YANAGISAWA
Contador - CRC-SP nº 48.901

PARECER DOS AUDITORES INDEPENDENTES

Aos Administradores e Cotistas do Fundo Griffo de Investimentos em Quotas de Fundos de Aplicação Financeira (Administrado pela Hedging Griffo Corretora de Valores S.A.) São Paulo - SP

1. Examinamos a demonstração da composição e diversificação das aplicações do Fundo Griffo de Investimentos em Quotas de Fundos de Aplicação Financeira, em 30 de junho de 1993 e a demonstração de evolução do patrimônio líquido correspondentes ao semestre findo em 30 de junho de 1993 e 1992, elaboradas sob a responsabilidade de sua administração. Nossa responsabilidade é a de expressar uma opinião sobre essas demonstrações contábeis.
2. Nossos exames foram conduzidos de acordo com as normas de auditoria e compreenderam: (a) o planejamento dos trabalhos, considerando a relevância dos saldos, o volume de transações e o sistema contábil e de controles internos da entidade; (b) a constatação, com bases em testes, das existências e das operações que suportam os saldos e as conformações contábeis divulgadas, e; (c) a avaliação das práticas e estimativas contábeis mais representativas adotadas pela administração do fundo, bem como da apresentação das demonstrações contábeis tomadas em conjunto.
3. Em nossa opinião, as demonstrações acima referidas representam adequadamente, em todos os aspectos relevantes, a posição patrimonial e financeira do Fundo Griffo de Investimentos em Quotas de Fundos de Aplicação Financeira, em 30 de junho de 1993 e a evolução do patrimônio líquido correspondente aos semestres findos em 30 de junho de 1993 e 1992, de acordo com os princípios de contabilidade emanados da Legislação Societária.

10 de agosto de 1993

TUFANI, REIS & SOARES Auditores Independentes
CRC-SP nº 10.166

Francisco de Paula dos Reis Junior
Contador
CRC-SP nº 130.268

João da Rocha Soares
Contador
CRC-SP nº 120.438

EDUCAÇÃO

Professores votam por mais 7 dias de greve

Assembléia ontem na praça da República resolveu pela manutenção do movimento, que já dura 45 dias

Da Reportagem Local

A greve dos professores da rede estadual de São Paulo vai durar pelo menos 52 dias. Assembléia ontem na praça da República (região central de São Paulo) decidiu manter por mais uma semana o movimento —iniciado há 45 dias.

As negociações recomeçaram de novo, após a reunião anteontem do governador Luiz Antonio Fleury Filho com diretores da Apeoesp (Sindicato dos Professores), da Apase (sindicato dos supervisores) e da Udemo (sindicato dos diretores).

O secretário da Administração, Miguel Tobar, divulgou nota às 18h dizendo que o governo não pode dar reajuste maior do que o já oferecido. Dez minutos depois, a assembléia votou a manutenção da greve. Tobar propôs continuar —sem greve— a negociação para vincular o orçamento da Educação a uma porcentagem da arrecadação do ICMS.

"Já temos mais de 30 horas de negociação e não avançamos nada", afirmou Roberto Felício, 41, presidente da Apeoesp (entidade filiada à CUT). O maior entrave nas negociações são os meses de outubro a dezembro. O governo garante 10,25% de reajuste por mês. Os professores querem reposição das perdas com a inflação mês a mês.

O cálculo de participantes na assembléia continua pouco científico: dependendo do comandante da PM consultado, havia de 5.000 a 12 mil pessoas no ato. A Apeoesp calculou 30 mil.

O governo diz que 70% das 6.300 escolas não têm greve, 20% estão totalmente paradas e 60% parcialmente. A Apeoesp diz que 70% estão paradas na capital e 80% no interior. Esses números indicam que pelo menos 3 milhões de estudantes perdem alguma aula com a greve.

Tribunal julga hoje legalidade

Da Reportagem Local

O Tribunal Regional do Trabalho deve julgar hoje a legalidade da greve dos professores. O secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, diz que a iniciativa foi do Ministério Público Federal do Trabalho.

Martins afirma que o ano letivo terminaria em 23 de dezembro, se as aulas recomeçassem hoje. Como a greve foi mantida, Estevam disse que vai consultar o Conselho Estadual de Educação. A liderança da greve afirma que a reposição será discutida quando a paralisação acabar.

Fundação dá prêmios para engenheiros em SP

A Fundação Moinho Santista entregou ontem os prêmios "Moinho Santista" e "Moinho Santista Juventude" 1993, nas áreas de lógica matemática e engenharia aeronáutica, com a presença do governador Luiz Antonio Fleury Filho, no Palácio dos Bandeirantes.

Pedágio aumenta em estrada estadual

Veículos de dois eixos passam a pagar CR$ 340 a partir da 0h de hoje em pedágios das estradas estaduais paulistas. Na rodovia dos Trabalhadores, a única em que há pedágio nos dois sentidos, o preço é o mesmo. As travessias por balsas também estão mais caras.

Data de proibição de pesca vai ser unificada

Sete Estados com rios limítrofes —Paraná, São Paulo, Minas, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Tocantins— passarão a ter datas iguais de proibição da pesca: 1º de novembro de 93 a 31 de janeiro de 94. O objetivo é proteger a piracema (desova dos peixes).

Marginal Tietê vai ter trecho fechado amanhã

A Secretaria Municipal de Transportes interditará para obras a partir das 13h de amanhã até as 12h de domingo a pista local da Marginal Tietê no sentido Penha-Lapa. O trecho começa 250 metros após a ponte Piqueri e vai até o acesso à rodovia dos Bandeirantes.

STJ mantém condenação de Rabelo por tráfico

O STJ (Superior Tribunal de Justiça Federal) decidiu ontem manter o processo contra Abdiel Rabelo, preso em São Paulo com 554 quilos de cocaína. O TRF (Tribunal Regional Federal) de São Paulo cancelara o processo em que Rabelo foi condenado a 24 anos de prisão.

TRT destitui funcionário que denunciou corrupção

O Tribunal Regional do Trabalho (TRT) de Minas Gerais decidiu na manhã de ontem destituir do cargo o diretor de distribuição do órgão, Ari Portilho, que denunciou atos de corrupção e nepotismo no órgão. Ele "decaiu na confiança", segundo nota dos juízes. Portilho diz que vai recorrer da decisão.

Atas, Editais e Avisos

CMTC — COMPANHIA MUNICIPAL DE TRANSPORTES COLETIVOS - CMTC

AVISO

[illegible]

COMPANHIA HIDRO ELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO

[illegible]

SECRETARIA DOS NEGÓCIOS EXTRAORDINÁRIOS

COMUNICADO

O Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente comunica a abertura de licitação para REGISTRO DE PREÇOS nos termos da legislação em vigor: PROC. 02-003.326-93*68; MODALIDADE: Concorrência 1/93; OBJETO: Fornecimento de protetores de árvores confeccionados em polietileno de alta densidade-PEAD ou polipropileno-PP, preferencialmente reciclados, monocromático na cor preta e em outras cores; [illegible]

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DAS ADMINISTRAÇÕES REGIONAIS
COORDENADORIA GERAL DE LICITAÇÕES
EDITAIS DE LICITAÇÕES

TOMADA DE PREÇOS 45/SAR/COGEL/OS/93. [illegible]

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

DECLARAÇÃO À PRAÇA

[illegible]

CONDOMÍNIO VILLA REAL

Edital de Convocação

Assembléia Geral Extraordinária

[illegible]

JUÍZO DE DIREITO DA DÉCIMA VARA CÍVEL

[illegible]

LAMANTA S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE FIBRAS TEXTEIS

ATA DAS AGOE REALIZADAS EM 28.05.93

[illegible]

DECLARAÇÃO À PRAÇA

[illegible]

DECLARAÇÃO À PRAÇA

[illegible]

Proposta do TRT agrada professores de SP

Categoria faz assembléia extrordinária na segunda e pode decidir por fim de paralisação que já dura 46 dias

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Os professores da rede estadual de São Paulo farão uma assembléia extraordinária na segunda-feira para decidir se suspendem ou não a greve, diante das propostas de conciliação feitas ontem à tarde pelo TRT (Tribunal Regional do Trabalho). A assembléia terá as 14h, na sede do Arthur Azevedo (região central de São Paulo). A paralisação na rede já dura 46 dias.

No entanto, -que deverá ficar de vez fora- o juiz e vice-presidente do TRT da 2ª região, Jamil Zanini, propôs, após ouvir as partes, voltar a cumprir a vinculação de 1º e 2º graus a 35% da cota do governo estadual na arrecadação do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços). Atualmente, a Educação estadual recebe em média 28% do ICMS -este ainda é menos superior-, mas não há vinculação a uma porcentagem fixa.

Nas negociações até agora, o governo chegou a admitir vincular 30% do ICMS para 1º e 2º graus. A mesma vinculação foi rejeitada pela Assembléia Legislativa no ano passado. Na proposta do governo, a alteração da aplicação deves ocorrer -isto é, só o governo gastou menos o que deve ou -uma vez feita anualmente, o que permitiria grandes variações ano a ano. O juiz propôs que essa atualização ocorra mensalmente.

O secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, disse na tarde que consultará o governador Luiz Antonio Fleury Filho a aprovação à proposta até segunda-feira à tarde. "Hoje eu não tenho autoridade nem capacidade técnica para tomar uma decisão", afirmou.

O mesmo prazo -até segunda-feira à tarde- foi estabelecido para os professores. O presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), Roberto Felício, se comprometeu com o juiz a defender na assembléia de segunda-feira a proposta do TRT, que inclui o fim da greve.

"A proposta não é ideal, mas é a melhor que aparece até agora", afirmou Felício durante a reunião. A meta, ele disse que vai defender na assembléia extraordinária o fim imediato da greve, se o governo aceitar a proposta. A posição do governo só deverá ser conhecida após o término da assembléia dos professores.

O TRT -órgão do Ministério Público Federal- chamou a audiência para julgar a legalidade da greve. O pedido foi do procurador do Ministério Público Federal do Trabalho Oswaldo Bolão. Segundo ele, "o Ministério Público do Trabalho é o órgão a quem cabe a defesa dos interesses da sociedade". Ele classificou a situação resultante da greve de "convulsão social".

O juiz também propôs que nos meses de outubro, novembro e dezembro deste ano os professores devem receber aumento salarial proporcional ao aumento na arrecadação do ICMS. Isso, além dos dois referidos (10,25%) ao mês que o governo já vinha pagando. O último trimestre do ano em geral tem aumento significativo na arrecadação do principal imposto que compõe o orçamento estadual.

Além disso, o juiz quer que o prazo de recomposição do valor aquisitivo dos salários dos professores seja reduzido para quatro meses. O governo Fleury tem feito isso a cada seis meses, usando como indexador o IPC da Fipe.

Quanto à reposição das aulas, o TRT diz que os professores que cumprirem o programa pré-determinado não devem ter descontos nos salários. As faltas dos professores decorrentes da greve seriam descontadas mediante a reposição das aulas.

Os diretores, que também estão em greve, farão reunião segunda-feira à tarde e os supervisores, terça-feira do mesmo.



Julgamento da legalidade da paralisação dos professores da rede estadual de ensino de São Paulo, que já dura 46 dias

A PARALISAÇÃO NA REDE

- **Quem são:** 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Entidades Apoiam:** Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apeoesp (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto passado (Apeoesp) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Adesão dia 28:** 66% dos alunos da Grande São Paulo e 82% do interior (em paralisação total ou parcial, segundo o governo; 85% dos professores, segundo a Apeoesp
- **Reivindicações:** reajuste de 118% até setembro, além de que o governo proponha política salarial que repasse, mês a mês, as perdas com inflação) entre outras
- **Contraproposta:** 33% de reajuste em agosto, 73% em setembro (129% até dois meses), 10,25% por mês salário do restante geral do funcionalismo de outubro a dezembro e 15,76% de janeiro a março; vinculação, em 94, do bolo de pagamento da Educação a 30% do ICMS
- **Alunos:** 6,3 milhões (5.682 escolas)

Intervenção do TRT é inédita

Da Reportagem Local

A interferência da Justiça do Trabalho -ligada à União- em uma greve envolvendo funcionários públicos estaduais é inédita. O juiz Jamil Zanini usou a expressão "comoção social" três vezes para fundamentar a audiência no início da tarde de ontem.

O pedido do Ministério Público do Trabalho era de que, se não se chegasse a uma proposta de conciliação aceita por ambas as partes, haveria o julgamento da legalidade da greve. Com o compromisso assumido pelas partes de apresentar suas posições até segunda-feira, o julgamento foi adiado.

Antes as partes questionarem, no início da audiência, a competência da Justiça do Trabalho em intervir nessas negociações. Segundo o advogado Walter Costa Jr., há diferentes entendimentos sobre a competência ou não da Justiça do Trabalho em casos como esse. Mas o dever de julgar uma proposta conciliatória.

Se uma das partes não aceitar e o juiz ferir seu julgamento, cabe recurso. "O caso pode chegar até o Supremo Tribunal Federal", disse Costa Jr. O juiz Zanini afirmou que se não houver acordo na fase de conciliação, a decisão final sobre a questão pode levar meses. (FR)

O baixinho gastaria apenas 1.350,00 cruzeirinhos reais para anunciar no classificado por palavra do Folhão.

KAISER é uma grande cerveja.

E, por 50% a mais, o baixinho também publicaria seu anúncio em mais um dia da semana com o Palavra Conjugada.

Com o Folhão você paga 270,00 cruzeiros reais por palavra. Anuncia o que quiser, com quantas palavras você quiser. E sabe quanto vai custar o seu classificado antes mesmo de ligar para o Folhão. A primeira palavra funciona como título: aparece em letras maiúsculas e negrito. E depois você decide o que escrever e quanto pagar. Em outras palavras, é você que manda no seu classificado. Basta ligar para anunciar. Ligue (011) 222-4000, de segunda a sexta, das 8 às 2 da manhã. Sábado e domingo, das 8 às 18 horas. A Folha é o jornal que vende mais exemplares. No Folhão, o seu classificado vende mais rápido e melhor. Você anuncia agora. Mas só paga depois. Via conta telefônica, você ganha no prazo e na facilidade. Via cartão de crédito, você pode pagar em até 30 dias. Via banco, você é que escolhe a agência da sua preferência. Resumindo, domingo é dia de Folhão. E agora, com Palavra Conjugada, você só paga 50% a mais para anunciar também em outro dia da semana: terça, quinta ou sábado.

Para você anunciar ligue
222-4000 Folhão

ALTERNATIVA PARA CHEGAR À BANDEIRANTES



CET interdita pista da marginal Tietê de hoje às 12h de domingo

Da Reportagem Local

A CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) interdita entre às 15h de hoje e às 12h de domingo a pista local da marginal Tietê (sentido Penha/Lapa) para a realização de obras no acesso à rodovia dos Bandeirantes. A interdição da pista local será total no trecho entre a ponte do Piqueri e a ponte dos Bandeirantes.

A interdição ocupará uma extensão de 250 metros. O último acesso da pista local à expressa antes dos bloqueios está situado a 200 metros da ponte do Piqueri. Não haverá alteração na pista expressa. Os motoristas que não conseguirem pegar esse acesso para a pista expressa deverão seguir pela rodovia dos Bandeirantes até o quilômetro dois, onde há um retorno para a marginal.

Há também um caminho alternativo para a rodovia dos Bandeirantes pelo acesso à ponte do Piqueri (veja quadro). Técnicos e operadores da CET estarão orientando o trânsito no local. Serão instalados também cavaletes, placas de advertência, faixas e sinalização noturna. No trecho interditado pela CET passam 2.000 veículos por hora nos fins-de-semana.

O acesso à avenida Jaceguai Kubitschek (sentido marginal Pinheiros-Bandeirantes) também estará bloqueado a partir de hoje. A interdição, por 120 dias, será feita para dar continuidade às obras do túnel sob o rio Pinheiros.

•Fecha quartel - A Polícia Militar realizou a Operação Fecha Quartel ontem em Pinheiros (zona oeste de São Paulo). Participaram 50 policiais militares, que em dez carros patrulharam o largo de Batata, rua Teodoro Sampaio e Pinheiros. Duas pessoas foram presas durante a operação.

•Acidente - Um caminhão tombou ontem na marginal Tietê e derrubou areia na pista, provocando um congestionamento de cerca de dois quilômetros. O acidente foi às 11h25, na pista expressa, a cem metros da ponte da Casa Verde, sentido Lapa-Penha.

COMPANHIA MUNICIPAL DE TRANSPORTES COLETIVOS
C.G.C./M.F. Nº 60.498.417/0001-09
AVISO - ERRATA
CONCORRÊNCIA Nº 028/93
A Publicação no jornal Folha de São Paulo, dia 01/10/93 ao item 2 - CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO, subitem 2.1 - onde se lê: CR$ 23.000.000,00 (vinte e três milhões de cruzeiros reais).
Leia-se CR$ 10.000.000,00 (dez milhões de cruzeiros reais). Os demais itens e subitens permanecem inalterados.
WILSON CARDONARI
Presidente da Comissão Permanente de Licitações

Unicef lança cartão de filho de famosos

Da Reportagem Local

Os filhos de Gilberto Gil, Maitê Proença, Regina Casé e mais sete crianças "bem-nascidas" estão retratados na série de cartões "Olhe pra mim" que o Unicef lança segunda-feira no Shopping Iguatemi. Os cartões são reproduções de aquarelas do artista plástico Maria Dora Tardivo.

Foram postos à venda 30 mil unidades, a CR$ 140,00 cada, em um quiosque do shopping. A série é financiada pela Giovanna Baby, American Express e Cartão Sollo.

CRISE NA EDUCAÇÃO

Greve de professores faz pais transferirem alunos do Estado

Famílias temem reprovação devido à paralisação das escolas há 46 dias

Free-lance para a Folha

Os pais de alunos da rede estadual de ensino, em São José dos Campos, estão tentando a transferência de seus filhos para as escolas particulares para garantir o ano letivo. Os professores estaduais estão em greve há 46 dias e não há previsão de acerto ao trabalho (veja texto nesta página). O Estado pode reprovar os alunos, por falta de tempo para aulas de reposição.

O aluno Bruno Bessa, 12, foi transferido da escola estadual do bairro Vista Verde para uma escola particular na Vila Adyana na última semana. Sua mãe, Adelaide Bessa, 42, disse que facilidade de horário do trabalho era de ser "sacrificada" com a transferência. Ela teve de desembolsar CR$ 14 mil reais.

A psicóloga Virgília Alves Feitosa, 40, disse que teve somente a transferência de seu filho porque falta de vagas na rede particular. "Os diretores das escolas alegam que os alunos da rede estadual têm o mesmo direito de estudar, mas não é justo para a maioria deles que na próxima série que for fazer", disse a mãe do aluno Bernardo Vieira, 12.

A aluna Sheila Lucia Santos, 17, que cursa o último ano do 2º grau, e pensa em fazer vestibular em 94, disse que está "se vendo" para a greve terminar o mais rápido possível. "Para uma aluna de 8ª série bom para entrar o vestibular no final do ano". Sheila afirmou que "não tem condições de estudar sozinha em casa". Segundo ela, é necessário a ajuda dos professores para o entendimento da matéria.



Adelaide Bessa olha para o filho Bruno, que foi transferido de escola estadual para a rede particular

Greve afeta 25% do ano letivo

Free-lance para a Folha

O supervisor de ensino Francisco Silva, 50, da 1ª Delegacia de Ensino de São José, disse que 25% do ano letivo (180 dias já está perdido e que não há possibilidade de recuperação. "Vivemos um bom ano de greve, um professor estabelecido no mesmo ano", afirmou.

A professora de matemática Matsu Periotti Scarcovi, 40, da EEPSG Maria Luiza Medeiros, disse que seis alunos do terceiro ano do curso Magistério estão deixando de aprender regra de três simples e composta e porcentagem.

Um aluno de 8ª série está perdendo aulas sobre as modificações no leste europeu e sobre as supermercadorias dos Estados brasileiros (explicação sobre o desenvolvimento no sul do país e atraso no norte e nordeste), segundo o professor de História e Geografia Ademar Pitillo da Mota, 47.

O diretor do Colégio Olavo Bilac Josué Norberto Santos, 64, disse que a difícil a adaptação de um aluno de escola pública na particular. "Não são desenvolvidos os programas de adequação porque geralmente não temos vagas nesta época do ano". Segundo ele, em 94 as vagas no período noturno já foram preenchidas.

Metade da rede está paralisada

Free-lance para a Folha

A DRE (Divisão Regional de Ensino) informou que a greve tem adesão de 52,4% (9.045) dos professores do Vale do Paraíba e litoral norte, regionais da Diretoria sexta-feira. São 37 escolas totalmente paradas, 342 parcialmente e 74 em funcionamento normal. O número de alunos sem aula ultrapassa 200 mil.

Em São José, a greve atinge 2.749 (57,6%) professores. As escolas paradas são 15 contra 23 funcionando normalmente e 37 parcialmente. Segundo o Apoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), a adesão é de 90%.

BOMBAS NA DUTRA

Delegado pede reforço para jogo do Flamengo

De correspondente em Lorena

O delegado de Quelux, Mozart Ribeiro Alves, 26, pediu à Polícia Rodoviária Federal que fique alerta ao movimento de torcidas de torcidas organizadas hoje na via Dutra. O motivo é o jogo entre Flamengo e Corinthians, em São Paulo, pelo Campeonato Brasileiro. É a primeira vez que Flamengo volta a São Paulo depois do atentado ocorrido na via Dutra, em julho.

Um ônibus com bombas incendiárias (coquetéis molotov) ficaram feridos 28 torcedores.

O delegado disse que em duas semanas deve prender um torcedor acusado pelo atentado. Ele não revelou o nome do suspeito, mas disse é quarto torcedor do Vasco. Desde o início de agosto, estão presos em Quelux Roberto Monteiro Soares e Adson Clarkon Caparo, presidente e integrante da torcida Força Jovem do Vasco, respectivamente. O juiz Paulo Nunes Filho, de Quelux, negou dois pedidos de relaxamento da prisão feitos pelos advogados dos acusados.

Carro capota e fere duas pessoas na pista SP-Rio

Da Reportagem Local

Duas pessoas ficaram gravemente feridas em um acidente de carro ocorrido sexta-feira madrugada no km 99 da rodovia Dutra (BR-116), na altura do viaduto de Piraisonzhagaba. O Escort (placa TT-6250, de Petrópolis-RJ), dirigido por Jaime Mustafa, se desgovernou ao ser fechado e capotou na margem da pista sentido São Paulo-Rio.

Não houve congestionamento no local do acidente, segundo a Polícia Rodoviária Federal. O motorista do Escort sofreu apenas ferimentos leves.

Foram internadas em estado grave na Santa Casa de Piraisonzhagaba Karina Kaiser Pereira, 25, e Júlia Barico Miranda, 31, ambas residentes na cidade de Londrina (PR). Equipes do Corpo de Bombeiros e Anjos do Asfalto resgataram as vítimas das ferragens. Funcionários da Santa Casa, que não se identificaram, informaram que o estado de saúde de Karina e Júlia era grave até as 12h30 de ontem.

O veículo que fechou o Escort até ontem à tarde ainda não havia sido identificado pela polícia rodoviária. O trecho em que ocorreu o acidente não é considerado perigoso pela Polícia Rodoviária.

ECONOMIA

Vendas do comércio de São José caem 4,54%

Free-lance para a Folha

As vendas do comércio de São José dos Campos caíram 4,54% em agosto, em relação ao mesmo período de 92, segundo pesquisa do Sindicato do Comércio Varejista. O que puxou a baixa foram os setores de autopeças e acessórios para carros (-35,60%), produtos de farmácias e perfumarias (-29,54%) e vestuário (-34,82%).

Os setores que conseguiram boa margem de vendas foram utilidades domésticas (77,21%) e aparelhos de cine-foto-som e discos (68,88%).

Luciana Fisher, responsável pela pesquisa, afirmou que se a inflação se estabilizar os cerca dos 30% o comércio no geral pode fechar 93 com uma queda de 6% em relação às vendas do ano passado. Segundo ela, caso a inflação subs demais, a expectativa do Sindicato é uma queda nas vendas de 15% a 20% nas lojas de finais de ano (Natal e Ano Novo) podem colaborar para a recuperação do comércio."

SÓCIAL



A publicitária Cristiane Marcos aperfeiçoou o auê pós-estadalho no Rush Bar, em São José dos Campos

Recusa

A Câmara de São José dos Campos recusou para uma proposta feita na última sexta pelo vereador Luiz Paulo Costa (PSB). Os colegas de trabalho de Costa se encarregaram a mandar um cartão de agradecimento ao quatro ex-secretários vetados pelo prefeito Angelo Guaiaqum (PT).

Costura

O empresário e candidato à presidência da Associação Comercial de Caraguatatuba Manoel Luiz Ferreira se reuniu ontem com o prefeito Nabor Teodoro. Ele vai acompanhado pelos vereadores Paulo Kauri e João Sementão. O tête vai discutir com o prefeito o apoio à candidatura de Ferreira. Ele disputa a presidência com o candidato do atual diretoria, Antônio Carlos Silva.

Fantasia

O clube Luso-Brasileiro, em São José dos Campos, já está colocando seus sócios de olho nas fantasias para o próximo ano e apostar os narbiles para o carnaval 94.

Música ao VIVO
FAROL do RIO Jacareí
Churrascaria F: 52-1100



Vera Lúcia Ili Nagode transborda seu lado mais comportado em parada no Café Matinee, em São José

Sobre escolas e cursos

MARIA APARECIDA SANTOS JULIÃO

Jovens e pais têm sido atraídos por anúncios e mais anúncios oferecendo oportunidade de estudos em escolas com os mais diversos cursos. Há muitas escolas com programas sérios e bem planejados, não visando apenas lucro, e que produzem ótimos resultados educacionais. Devidamente regularizadas não oferecem profissionais com documentação, mas se não houver pesquisa adequada pais e alunos poderão passar por muitos dotes de tristeza e desapontos.

Anteriormente convivem os cursos livres e os autorizados. A autorização de funcionamento de escolas particulares cuja cursos de educação infantil (escolas maternais, jardins da infância, creches e instituições equivalentes), de primeiro grau (de primeira a oitava séries), de segundo grau (de primeira a terceira séries), habilitações profissionais (habilitação específica para magistério, contabilidade, processamento de dados etc) e cursos supletivos, no Vale do Paraíba e litoral norte são de competência da Divisão Regional de Ensino de São José, órgão regional da Secretaria de Educação. Ela está subdividida em seis delegacias.

A supervisão de tais escolas e cursos, quando devidamente autorizados são de competência das delegacias de ensino em área de sua jurisdição.

Alguns estabelecimentos escolares com os denominados cursos livres (supletivo, datilografia, transações imobiliárias, auxiliar de enfermagem, digitação etc) não pertencem à nossa área de competência quanto à autorização de funcionamento, nem de supervisão, funcionam à margem do sistema de ensino regido pela Secretaria de Estado e do Conselho Estadual de Educação (parecer CEE nº 1.077/92).

Existe legislação federal, estadual e municipal básica para autorização de funcionamento de escolas particulares, cursos e habilitações profissionais que deve ser seguida e observada em detalhes pelo mantenedor e dirigentes responsáveis, principalmente a Del. CEE 26/86.

O atual expediente por departamentos da prefeitura para funcionamento de estabelecimento, com finalidade escolar, em determinado local e tempo, não implica que a escola esteja regularizada e que possa expedir transferências, certificados ou diplomas que assegurem a continuidade de estudos ou da série ou sistema de ensino do Estado.

Cabe diretamente aos interessados verificar com atenção em quais escolas ou cursos estão se matriculando. Trata-se de responsabilidade jurídica assumida diretamente com o mantenedor que oferece o serviço, mas que implica em cumprimento da legislação vigente quanto às partes pedagógica, física e humana.

MARIA APARECIDA SANTOS JULIÃO, 47, é escritora, professora de história e supervisor técnico de ensino aposentada do DRE de São José dos Campos

PELO PREÇO DE UM FREEZER...

VOCÊ PROTEGE SEU FREEZER, SUA FILMADORA SUA SEU VIDEOCASSETE, SE COMPUTADORES AS JÓIA SEU APARELHO DE SOM, SU MÁQUINA FOTO-GRÁFICA SEUS RELÓGIOS, SUAS OB ARTE, O CASACO PELE, R SEU VÍDEO GAME, O C O MICRO-ONDAS, SUA GE MÁQUINA DE ESCREVER OGÃO, A TAPEÇARIA.



Você não precisa entrar numa fria para depois se prevenir.

PATROL A PATROL tem um sistema de segurança para proteger tudo o que é especial para você.

TEL.: 0123 22-8389 22-9166 21-7825

• "RETÃO DA MORTE" — A Prefeitura de Jacareí informou que pretende manter convênio com a Ekttorgada para manutenção da iluminação do "retão da morte", na via Dutra. O trecho a ser iluminado, em 90 dias, vai do km 149 ao km 161.

• COMBATE À FOME — A Sociedade de Amigos de Bairro de Santana, em São José, organiza hoje pela manhã um postare eletrônico para arrecadar alimentos. Os mantimentos serão doados ao Comitê de Combate à Fome.

folha vale
Av. Manuel Bueno Goes, 28 - São José dos Campos, CEP 12.240-370. Redação: tel.: (0123) 41-2455. Fax (0123) 41-3023. Publicidade: tel.: (0123) 41-1000. Serviço ao Assinante: tel.: (0123) 21-5600.
Este caderno circula com a edição de Folha nas seguintes cidades: Aparecida, Arujá, Barretos, Caçapava, Cachoeira Paulista, Campos do Jordão, Caraguatatuba, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Igaratá, Itabirá, Jacareí, Lagoinha, Lorena, Monteiro Lobato, Mundo Novo, Natividade da Serra, Paraibuna, Piedade, Pindamonhangaba, Piquete, Queluz, Quatinga, Redenção da Serra, Rivera, Roseira, Santa Branca, Santa Isabel, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luiz do Paraitinga, São Sebastião, Silveiras, Taubaté, Tremembé e Ubatuba.

MORTES

São José

MARIA APARECIDA ZANDONADI - Aos 70, solteira. Corpo velado na Matriz São Dimas. Sepultamento hoje, às 10h, no Cemitério da Vila Industrial.

BENEDICTA MARIA DE JESUS - Aos 79, viúva. Corpo velado na Capela Mortuária do Cemitério Santo Antônio. Sepultamento hoje, às 10h, no Cemitério da Vila Industrial.

BAPTISTA MARIA DE JESUS - Aos 76, viúva. Corpo velado na Capela Mortuária do Cemitério Santo Antônio. Sepultamento hoje, às 10h, no Cemitério da Vila Industrial.

DA SILVA - Aos 77, viúvo. Corpo velado na Capela Mortuária do Cemitério Santo Antônio. Sepultamento hoje, às 10h, no Cemitério da Vila Industrial.

MARIA CONCEIÇÃO - Aos 89, viúva. Corpo velado na Capela Mortuária do Cemitério de Cachoeira (SP). Sepultamento hoje, às 10h, no Cemitério da Vila Industrial.

JOÃO PRATA - Aos 71, casado. Corpo velado na Capela Mortuária do Cemitério de Cachoeira (SP). Sepultamento hoje, às 10h, no Cemitério da Vila Industrial.

As concessionárias publicadas nesta seção têm granulas e prêmios em seus veículos para testar. (0123) 41-3455.

Estado recusa proposta e greve de 49 dias continua

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

O governo do Estado recusou ontem a proposta de conciliação do TRT (Tribunal Regional do Trabalho) para acabar a greve na rede de ensino de São Paulo, que já dura 49 dias. A proposta de conciliação foi formulada na sessão extraordinária [illegible] convocada no fim-de-semana e realizada ontem à tarde [illegible] no Anhangabaú, [illegible] de São Paulo.

No final da tarde, a direção [illegible] levou a proposta de assembléia aos professores, que aguardavam no Anhangabaú para decidir se votariam ou não a paralisação. Pouco antes, representante da Procuradoria Geral do Estado [illegible] que não cabia "abrogação" do Estado [illegible] do TRT a proposta do governo. [illegible] TRT não [illegible] competente para julgar questões [illegible] relações salariais entre o governo e servidores, [illegible] 21 a proposta é [illegible] exclusivamente para o Estado. O secretário de Educação, Carlos Ilderim Martins, alertou que, se o TRT mudasse em aspectos [illegible] do movimento estadual, "tal [illegible] inviabilizar a federação".

Com a revelação da posição do governo, os professores decidiram dar voz com a ausência do TRT — manter a greve. A procuradora do Ministério Público Federal do Trabalho que estava com pedido de liminar para julgamento da greve, Oksana Boldo, considerou a posição do governo "inflexível". Para Oksana, a situação revoltante da paralisação é de "comoção social" —daí manter o pedido de julgamento da greve.

Pela proposta de Zanni, os salários deveriam ser aumentados na mesma proporção que aumentar a arrecadação do ICMS nos próximos três meses. Haveria reajuste de 10,25% no mês nesse trimestre —o governo só garante os 10,25% no mês. A partir de 94, o Estado deveria investir 33% do ICMS em educação de 1º e 2º graus —o governo já admitiu os mínimos 30%. Além disso, a cada quadrimestre seriam repostas as perdas provocadas pela inflação —o governo vem fazendo isso a cada seis meses.

Com a recusa do governo, o processo recebe hoje um relator e deve ir, ainda semana, a uma sessão especializada —composta de dez juízes. A sessão pode estabelecer multas às partes —caso a greve seja considerada abusiva— e, inclusive, determinar intervenção no sindicato que [illegible] a greve, a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo). Zanni não acenou o pedido de fixação para que a greve fosse declarada abusiva. "Isso será apreciado na sessão especializada", disse.

Os professores realizam assembléia geral da categoria na próxima sexta-feira, às 14h, em frente ao Masp (região central).



Assembléia extraordinária dos professores estaduais de São Paulo em greve realizada ontem no Anhangabaú (centro)

Editoria de Arte/Folha Imagem

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	TRT	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação + 100% a mais de reajuste que os 139% concedidos em agosto/setembro Em 94, 30% do ICMS para 1.º e 2.º graus - excluídos aposentados	Reposição a cada quatro meses das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe + 10,25% mais % de aumento na arrecadação do ICMS, por mês, set./dezembro Em 94, 33% do ICMS para 1.º e 2.º graus - excluídos aposentados	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe + No mínimo, 10,25% ao mês até dezembro e 15,76% ao mês entre janeiro e março Em 94, entre 26% e 30% do ICMS para 1.º e 2.º graus - excluídos aposentados

- **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo); Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- **Quem são:** 220 mil professores, 1.300 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
- **Escolas:** 6.602

* Reposição de todos os segmentos [illegible] após [illegible] da negociação

Interferência do TRT é inédita

Da Reportagem Local

A interferência inédita da Justiça do Trabalho em uma disputa entre servidores do Estado e o governo de São Paulo acabou fortalecendo a greve dos professores e enfraquecendo a posição do governo nas negociações.

Na última sexta-feira, o Tribunal Regional do Trabalho apresentou uma proposta conciliatória para tentar encerrar a greve dos professores do Estado, que já dura 49 dias. A proposta fez com que os professores convocassem uma assembléia extraordinária para ontem. O presidente da Apeoesp, Roberto Felício, se compromete a defender a proposta do TRT durante a assembléia.

A Apeoesp aceita a proposta e ontem responde a paralisação. O governo não — como vem alardeando desde julho — quis nem mais dialogar. A [illegible] assistam ao mesmo espetáculo.

Segundo o juiz Jamil Zanni, que fez a proposta de conciliação, "o procedimento da Justiça do Trabalho não tem o propósito de atender ou desatender qualquer movimento".

O juiz argumenta que " a Justiça do Trabalho está preocupada em cumprir as partes e satisfazer também os anseios que levaram à greve". (Fernando Rossetti)

USP faz hoje segundo turno de eleição para escolher novo reitor

Da Reportagem Local

A Universidade de São Paulo (USP) define hoje os três nomes que serão levados ao governador do Estado, Luiz Antonio Fleury Filho, para que ele escolha o novo reitor da universidade. O governador diz que vai escolher o candidato mais votado, como [illegible] tradicionalmente. A lista tríplice será definida a partir das 14h, quando ocorre o primeiro escrutínio do segundo turno da eleição. O resultado deve sair antes das 18h.

No primeiro turno, no dia 21 de setembro, foram selecionados os seis mais votados entre nove candidatos. O diretor-científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do São Paulo e professor-titular do Instituto de Ciências Biomédicas, Flávio Fava de Moraes, foi o mais votado.

O novo reitor deve assumir o cargo imediatamente depois da escolha do governador. Roberto Leal Lobo, que tinha mandato até janeiro de 1994, pediu demissão do cargo de reitor no dia 4 de agosto. Em caso de renúncia, o vice-reitor, Hoy Laurenti, só pode assumir o cargo por 60 dias.

Votação

O colégio do primeiro turno era de 1.368 eleitores. Hoje votam 247 membros do Conselho Universitário e representantes nos órgãos centrais de administração da USP.

O colégio eleitoral do primeiro turno difere quantitativa e qualitativamente do de hoje. O primeiro turno equivale a uma votação na Câmara dos Deputados —o número de votos é mais ou menos proporcional ao tamanho das diversas faculdades. O colégio eleitoral do segundo turno equivaleria ao Senado, com representação equivalente das faculdades. A mudança no colégio eleitoral pode modificar o resultado do primeiro turno. Candidatos que obtiveram apoio concentrado em poucas e grandes faculdades (Medicina e Filosofia), por exemplo, podem ver sua votação minguar hoje.

Os eleitores podem votar em três nomes. Para que seja elaborada a lista tríplice é preciso que os candidatos obtenham 50% dos votos mais um. Não ocorrendo essa maioria, podem ser realizados um segundo e terceiro escrutínios. Nesse último, são escolhidos os candidatos mais votados.

QUEM SÃO OS CANDIDATOS

No segundo turno* da eleição para reitor da USP

Reitorável	Votos do 1º turno	Reitorável	Votos no 1º turno
Flávio Fava de Moraes diretor-científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Professor-titular do Instituto de Ciências Biomédicas.	653	**Franco Maria Lajolo** pró-reitor de pós-graduação na gestão Lobo. Professor-titular da Faculdade de Ciências Farmacêuticas.	161
Ernesy de Camargo Pfeiffer pró-reitor de pesquisa na reitoria de Roberto Leal Lobo. Professor-titular do Instituto de Ciências Biomédicas.	546	**Celso Beisiegel** Pró-reitor de graduação na gestão Lobo. Professor-titular da Faculdade de Educação.	124
Adib Jatene Ex-ministro da Saúde no governo Collor. Professor-titular da Faculdade de Medicina.	395	**Jacques Marcovitch** diretor do Instituto de Estudos Avançados. Professor-titular da Faculdade de Economia e Administração.	124
Walter Colli Ex-diretor e professor-titular do Instituto de Química.	259	**Antonio Marcos Massola** diretor do Centro de Computação Eletrônica da universidade. Professor-titular da Escola Politécnica.	111

*Dos primeiro turno foram classificados os seis candidatos mais votados. Para o segundo turno, porém, a lista tríplice é elaborada com base nos votos dos candidatos que obtiveram 50% mais um dos votos válidos. Caso nenhum candidato atinja esse índice, são escolhidos os três mais votados

Candidatos

Os nomes mais votados no primeiro turno, Flávio Fava de Moraes e Ernesy de Camargo Pfeiffer, pró-reitor de pesquisa na gestão Lobo, são apontados como favoritos. Adib Jatene, que entrou na disputa poucos dias antes do primeiro turno e foi o terceiro mais votado, é considerado um "azarão" com chances.

Uma das questões que deve dividir o eleitorado entre Fava e Ernesy é a da integração universidade-sociedade, especialmente a integração universidade-empresa. Ernesy, seguindo a orientação implantada na gestão Lobo, tenderia a estimular esse tipo de integração (assumindo, através de convênios, os pesquisadores podem receber verbas de fora da USP para realizar pesquisas contratadas).

Entre os candidatos que não se classificaram nos três primeiros lugares na primeira votação, Walter Colli, professor-titular do Instituto de Química, é apontado como o único com algumas chances de figurar na lista tríplice. Franco Lajolo, da Farmácia, Jacques Marcovitch, da Economia, Celso Beisiegel, da Educação e Antonio Massola, da Escola Politécnica, estariam fora da disputa.

Lajolo, Beisiegel e Massola foram apontados, antes do primeiro turno, como candidatos da reitoria —fariam parte de um esquema para favorecer o outro suposto candidato do ex-reitor Lobo, Ernesy de Camargo. As denúncias motivaram a demissão de Lobo. Os candidatos ligados ao ex-reitor negaram as acusações, mas Beisiegel afirmou que apoiava o candidatura Ernesy. (Vinicius Torres Freire)

Projeto pretende 'inundar' salas de aula do Nordeste com livros

RICARDO BONALUME NETO
Da Reportagem Local

É a pedagogia do desespero. Para tentar melhorar um pouco a qualidade do ensino básico no Nordeste, o governo federal vai simplesmente despejar livros em grande quantidade nas salas de aula e ver o que acontece. O "Projeto Nordeste" do Ministério da Educação, com apoio do Banco Mundial, vai entregar milhões de livros a crianças das primeiras quatro séries do 1º grau e basicamente deixá-las lendo (*leia texto abaixo*). Os professores receberam um treinamento sumário para poderem usar esse material didático.

"A capacidade de leitura de crianças que não fazem nada além de ler em classe, meia hora por dia, aumentou dramaticamente", diz Tony Read, consultor do MEC, comentando um experimento feito no Pacífico Sul adequadamente chamado "book flood" ("inundação de livros").

As dimensões do projeto assustaram até mesmo os livreiros. Eles foram informados sobre os planos do governo em uma reunião recente em São Paulo. A reação mais comum foi de confusão. Para comprar os livros, um pacote de dúzias e dúzias de títulos de leituras suplementares e obras de referência, o governo vai abrir uma licitação internacional, como é praxe nos contratos com o Banco Mundial. Os livreiros temem uma enxurrada de livros importados. As regras que o MEC está estudando para fazer a seleção são extremamente complexas.

A Câmara Brasileira do Livro acha que o modo de escolha tende a privilegiar o livro barato feito por grandes empresas. Para Jaime Pinsky, diretor da câmara, o projeto marginaliza as pequenas editoras que não têm gráfica própria. Read prevê que cada livro de leitura suplementar terá uma tiragem de cerca de 300 mil exemplares.

Segundo Antonio Augusto de Almeida Neto, coordenador do projeto, o MEC deverá fazer uma avaliação por amostragem do impacto deste "inundação" no desempenho dos alunos nordestinos.



Hingel, que quer elevar a taxa de matrícula no Nordeste

Banco Mundial concedeu US$ 418,6 milhões

ELVIS CESAR BONASSA
Da Sucursal de Brasília

O Brasil tomou um empréstimo de US$ 418,6 milhões junto ao Banco Mundial (Bird) para aplicar em educação no Nordeste, de 1ª a 4ª série. Somados aos recursos próprios que o governo será obrigado a aplicar junto com o empréstimo, o valor atinge US$ 736 milhões. O dinheiro será usado principalmente na reforma e construção de salas de aula e aquisição de livros didáticos e de leitura complementar.

É um grande projeto para milhões e empreiteiras. Do ponto de vista educacional, é um salto no escuro. Os professores da região têm baixa qualificação, frequentaram 1º grau incompleto. A idéia é torná-los "técnicos" no uso de determinados livros didáticos e de leitura.

O ministro da Educação, Murílio Hingel, afirma que a construção e reforma de salas de aula têm o objetivo de aumentar as taxas de matrícula na região. Segundo o ministro, a média nacional de crianças entre 7 e 14 anos matriculadas no 1º grau é de 87%. No Nordeste, a média é 77%.

O processo de treinamento pretende atingir 625 mil pessoas —entre professores, supervisores e diretores da rede pública. Cada um terá, de acordo com o projeto, 40 horas de treinamento.

Os livros para o Nordeste chegarão em quantidade de cinqüenta 90 livros de leitura para cada sala de aula nos nove Estados nordestinos, mais dois livros didáticos por aluno de 1ª e 2ª séries e quatro livros didáticos para 3ª e 4ª séries. Um total aproximado de 100 milhões de exemplares, durante cinco anos.

Segundo o ministro, os livros adquiridos através do projeto Bird serão escolhidos por uma comissão do próprio MEC. Definidos os títulos, será aberta a licitação internacional. Essa licitação permitirá a associação de editoras estrangeiras com nacionais.

RIBEIRÃO PRETO



30 presos da cadeia pública estão trabalhando em oficina de couro, funilaria e fábrica de blocos - Pág. 3

BEBEDOURO



A Câmara aprovou projeto do prefeito Bastos —foto— que reajusta salário dos servidores - Pág. 2

SÃO CARLOS



Louise Cardoso no filme 'Leila Diniz' que vai ser exibido no aniversário da Sessão Maldita - Pág. 2

6

folha nordeste sp

FOLHA DE S.PAULO

Quarta-feira, 6 de outubro de 1993 1

Ribeirão Preto ★ São Carlos ★ Araraquara ★ Franca ★ Barretos ★ Jaboticabal ★ Bebedouro ★ Sertãozinho ★ São Joaquim da Barra ★ Matão ★ Batatais ★ Taquaritinga ★ Ibitinga ★ Orlândia

SHOW

Gilberto Gil canta em Barretos



Já estão à venda os ingressos para o show "Parabolicaras" do cantor e compositor baiano Gilberto Gil —foto—, que acontece amanhã, às 21h, no Jóquei Clube de Barretos. Os ingressos custam CR$ 500,00 e podem ser adquiridos na Secretaria Municipal da Cultural, no Cine Barretos, nas bilheterias do Jóquei e em cinco lojas da cidade.

EXPOSIÇÃO

Marp mostra arte brasileira

Acontece até o dia 22 deste mês, das 9h às 17h, no Marp (Museu de Arte de Ribeirão Preto), a exposição "Arte Brasileira", com abstrações geométricas das décadas de 50 e 60. O Marp fica na rua Barão do Amazonas, 325. A entrada é franca.

INSS

Previdência pára em Ribeirão

Os 300 funcionários da Previdência Social em Ribeirão Preto paralisam hoje suas atividades em adesão ao "Dia Nacional de Luta contra a Revisão Constitucional e por Melhoria Salarial". Não estarão funcionando hoje os postos do INSS das ruas Amador Bueno e Lafaiete. Amanhã, o atendimento será normal.

ERRAMOS

Por um erro de montagem, saíram trocadas as fotos do banquete à do trabalhador rural na alto da página 6-1 de ontem.

A foto do artista Fayza publicada na página 6-8 de ontem é de Osmir Ferro.

Professores recorrem aos pais de alunos

Reunião hoje define formas de pressionar governador para atender reivindicações e encerrar greve

SIMONE PAIVA
Free-lance para a Folha

Professores, diretores e supervisores da rede estadual de ensino de Ribeirão Preto e região recorrem aos pais de alunos para pressionar o governador Luiz Antônio Fleury Filho a acenar com reivindicações e pôr fim à greve que completa hoje 50 dias.

Os pais e professores se reúnem hoje nas escolas para decidir que tipo de apoio pode ser dado ao movimento. Segundo o presidente da Associação dos Pais da escola estadual Otoniel Mota, Edson Antônio Luiz Roncel, 48, os pais devem fazer uma manifestação nas ruas e escrever uma carta ao governador reivindicando melhores salários aos professores (*veja texto nesta página*).

O presidente-regional da Udemo (Sindicato dos Diretores Estaduais), Walter Colombini, 45, afirma que os alunos podem perder o ano, se a greve não terminar até sexta-feira. Colombini espera que 8.000 pais participem da reunião hoje nas escolas.

Neura Marcondes, 45, mãe do aluno Wenceslau Marcondes, 17, que faz o 2º colegial do E.E. Santos Dumont, diz que apóia a greve, mesmo que o filho perca o ano letivo. "Acho que os professores são dignos de um salário melhor e não existe outro meio para se reivindicar que não seja a greve", afirma.

Já para um policial —não quis se identificar— que tem dois filhos na escola Cid Oliveira Leite, os professores têm direito de reivindicar melhores salários, mas deveria haver outros tipos de manifestação. "Eles devem fazer barulho, brigar por melhores salários só que sem prejudicar os alunos. Educação é como polícia e saúde: serviço essencial. Não pode parar".

Seis alunos entrevistados nesta se declaram favoráveis à greve. Eles apóiam o movimento, mas já estão com medo de perder o ano e as férias de dezembro. "Mesmo que as aulas sejam repostas, eu considero o ano perdido. No final do ano nós não teremos base de nada", disse Priscila Albuquerque, 16, do Cid Oliveira Leite.

Para Wenceslau Marcondes, os alunos sempre saem perdendo com a greve. Ele disse que o governador está intransigente. "Duvido duzido que os professores sejam atendidos. A greve não vai dar em nada, e os alunos mais uma vez vão sair perdendo."

A Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) de Ribeirão estima que 65% dos 3.500 professores aderiram ao movimento.

Segundo estatística da Apeoesp, das 60 escolas de Ribeirão, 34 estão totalmente paralisadas, 10 trabalhando com todo o efetivo e no restante, o movimento é parcial.

A DRE (Divisão Regional de Ensino) não tem uma estimativa de professores parados no município de Ribeirão. Os números da DRE mostram que entre 78 escolas da microrregião de Ribeirão, 7 estão totalmente paradas, em 47 o movimento é parcial e 24 escolas não aderiram ao movimento.



Edson Roncel e seu filho Thiago olham cadernos e livros em sua casa, em Ribeirão Preto

Associação quer reunir 6.000 em manifestação pró-greve

Pais estão preocupados com os filhos desocupados

Free-lance para a **Folha**

Edson Antônio Luiz Roncel, presidente da Associação de Pais e Mestres da Escola Estadual Otoniel Mota disse que pretende reunir pelo menos 6.000 pais de Ribeirão Preto para fazer uma manifestação em apoio à greve dos professores, diretores e supervisores da rede estadual de ensino.

Roncel tem dois filhos em escola pública, Fabiana Roncel, que faz magistério na escola Otoniel Mota e Thiago Luiz Roncel, 15, que estuda na escola Raul Pernoto. "Nosso apoio é para forçar o governador a pagar melhores salários aos professores", diz.

Segundo ele, a principal dificuldade dos pais, neste período de greve, é controlar os filhos dentro de casa. "Os meninos estão dormindo até tarde e passando o dia na rua."

Com seus filhos, Roncel diz que Fabiana está frequentando cursos e Thiago às vezes tem aula. Ele afirma que a reivindicação da Associação dos Pais e Mestres não é só melhorar o salário dos professores, e sim, a qualidade do ensino.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	SNE	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação	Reposição a cada quatro meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe
120% a mais de reajuste que os 129% concedidos em novembro/outubro	18,25% mais 5% de aumento na arrecadação do ICMS, por mês, até dezembro	Nos próximos 10,35% no mês até dezembro e 15,76% ao mês entre janeiro e março
Em 94, 30% do ICMS para 1.º e 2.º grau - excluídos aposentados	Em 94, 33% do ICMS para 1.º e 2.º grau - incluídos aposentados	Em 94, entre 26% e 30% do ICMS para 1.º e 2.º grau - incluídos aposentados

- Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- Quem são: 47.334 professores, 980 supervisores de ensino e 900 diretores de escola
- Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 passado (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
- Escolas: 610 no regime

* Reposição de salário e pagamento dos dias parados dependem das negociações

Alunos procuram particulares

Free-lance para a **Folha**

A greve da rede estadual provocou uma corrida às escolas particulares, que estão registrando em média, em Ribeirão Preto, cinco solicitações diárias de transferências de alunos. Os alunos mais interessados em se transferir para o ensino pago são os que estão no terceiro colegial e temem perder o ano e o vestibular.

Apesar da grande procura, poucos são os casos de alunos transferidos, principalmente porque a maior parte dos colégios só aceitou transferência até agosto. Outro problema que está dificultando a mudança de escola é a falta de nota do 3º bimestre.

Segundo a secretária do colégio Santa Úrsula, Maria José Santos Araujo, 44, desde o início da greve quatro alunos da rede pública se transferiram para a escola. A escola ainda aceita transferência.

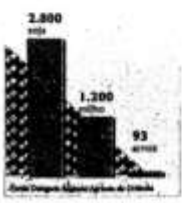
A secretaria do COC (Colégio Oswaldo Cruz) diz que mais de cinco pais ligam todos os dias pedindo uma vaga para transferir seus filhos. A escola já encerrou as transferências.

A assistente de direção Maria Aparecida Silva, 50, do Instituto Educacional Metodista de Ribeirão, diz que a procura tem sido grande, mas a maioria desiste quando é informada sobre o valor da mensalidade (de CR$ 3.000 a CR$ 12 mil).

INDIFOLHA

ORLÂNDIA PLANTA MAIS SOJA

Em mil quilos



REPERCUSSÃO

Fernando Álvaro Cardoso da Silva, 48, presidente da Associação dos Pais e Mestres da escola Maria Júnior - "A última esperança do professor é o nosso apoio. Eles estão sem saída e o governador está intransigente. Temos que fazer um ato público em apoio aos professores. Não é possível que nossos educadores passem fome. Vamos marcar uma audiência com Fleury."

Shirlei Vieira, mãe de alunos da Oliveira Leite - "As crianças estão sendo muito prejudicadas. Eu posso colocá-los em escolas particulares, mas fico pensando naquelas pessoas que não tem renda. Eles estão sujeitos a ter filhos sem ensino básico."

Durval da Silva Júnior, 55, pai de aluno da escola Santos Dumont. "Os meus filhos não vão ter base para prestar vestibular. Não adianta cursinho. O que interessa é o básico. Sou favorável ao movimento, acho justa as reivindicações, apoiar dos 50 dias sem aula. Acho um absurdo que o governador não tenha encontrado uma definição."

Diógenes Henrique Simões da Silva, 17, cursa o 3º colegial da escola Santos Dumont - "Eu acho justa a greve dos professores. Eles ganham muito mal. Mesmo sabendo que eu corro o risco de perder o ano e não conseguir passar no vestibular, sinto que é minha obrigação apoiá-los."

Edson José de Leme, 54, diretor da escola Gleta Alcântara. "A nossa única alternativa seria o apoio dos pais. Talvez assim o governador aceite nossas reivindicações. O que nos anima é o apoio que a população vem nos dando."

Gisele Souza, 16, aluna da escola Otoniel Mota. "Já não agüento mais ficar sem fazer nada. Eu não consigo estudar e darmos aí tarde. Apoio a greve e a luta dos professores, mas acho que já chegou a hora de um acordo com o governador Fleury. Alguém tem que ceder, senão a gente vai perder o ano."

Greve ameaça inscrição em faculdades

Aluno aprovado no vestibular da Fuvest pode não ter certificado de conclusão do 2º grau para fazer matrícula

Da Reportagem Local

A greve no ensino público de São Paulo começa a ameaçar a inscrição dos vestibulandos da rede estadual em uma faculdade no ano que vem. Isso, se o estudante conseguir passar no vestibular, mesmo estando sem aulas já há 51 dias. A inscrição para quem passar no vestibular da Fuvest é no início de fevereiro e exige certificado de conclusão do 2º grau. Nesta data, o ano letivo pode ainda não estar concluído.

"Agora, além do medo de não passar no vestibular, tem o de não poder fazer a matrícula", diz o estudante William de Oliveira, 18, aluno da Escola Estadual Manuel Cirdião Buarque, na zona oeste de São Paulo.

O secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, diz que, se as aulas forem retomadas ainda esta semana, a reposição vai até o dia 30 de dezembro, com um "currículo mínimo". Mas, até ontem, não havia surgido propostas alguma dos dois lados em negociação que permitisse prever o fim da greve. Há nova reunião hoje entre governo e professores.

Martins promete contratar professores de emergência se a greve não terminar. Novo problema: "Só tivemos dois meses de aula de português este ano. A escola não consegue contratar um professor qualificado", diz Aledyson Marques, 17, colega de William.

Candidato ao curso de psicologia na USP e música popular na Unicamp, Marques diz que só está estudando música. "Se eu estivesse na escola haveria mais motivação para estudar", afirma. "É difícil estudar sozinho, a gente perde a noção do que é importante", diz William.

O secretário da Educação afirma que a prioridade será para os alunos da 3ª série do 2º grau. "Se uma greve provoca danos irreparáveis para todos, para os alunos de séries terminais (8ª série e 3º do 2º grau) é muito pior", afirma a presidente da Apase (sindicato dos supervisores de ensino, Ana Maria Quadros.

Pelos dados governo, a greve atinge —total ou parcialmente— 66% das escolas da Grande São Paulo e 71% das do interior. A Apeoesp (sindicato dos professores) calcula que a adesão a greve está entre 75% e 80%.



O estudante William de Oliveira, que tem medo de não poder se matricular na faculdade

Negociações prosseguem hoje

Da Reportagem Local

Está marcada para hoje, às 12h30, nova reunião entre lideranças dos professores em greve e o secretário da Administração, Miguel Tabar.

Fleury determinou a reabertura das negociações depois que o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) fez uma proposta de acordo para colocar fim à greve.

Na sexta-feira passada, o juiz Jamil Zonsar, do TRT, propôs que o Estado devolva 23% da arrecadação do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços) ao ensino de 1º e 2º graus.

Os professores aceitaram a proposta. O governo a rejeitou e não reconhece a competência jurídica para julgar a greve dos professores.

O governo disse que pretende conseguir o fim da greve antes de que o TRT chegue à sua decisão final sobre o assunto. O secretário Tabar disse, no ensaio, que o "Tesouro estadual vai falir" se conceder o que os professores estão reivindicando.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	TRT	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação	Reposição a cada quatro meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe
130% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro	No mínimo, 16,25% ao mês até dezembro e 15,76% ao mês entre janeiro e março	No mínimo, 16,25% ao mês até dezembro e 15,76% ao mês entre janeiro e março
Em 94, 30% do ICMS para 1º e 2º graus - excluídos aposentados	Em 94, 33% do ICMS para 1º e 2º graus - incluídos aposentados	Em 94, entre 26% e 30% do ICMS para 1º e 2º graus - incluídos aposentados

- Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)
- Querem cerca de 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
- Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 3 de setembro (Udemo)
- Escolas: 6.682
- Alunos: 4,3 milhões

PARALISAÇÃO COMEÇOU HÁ

51 dias

GREVE MAIS LONGA DURou

82

dias em 1989



Fleury e Flávio Fava de Moraes, o reitor nomeado da USP

Fleury nomeia Fava como reitor da USP

Dia da posse ainda está indefinido

Da Reportagem Local

O governador Luiz Antônio Fleury Filho assinou ontem o ato nomeando o professor Flávio Fava de Moraes, 55, como reitor da USP (Universidade de São Paulo). Fava foi o primeiro colocado no segundo turno das eleições, realizadas anteontem.

A comunidade acadêmica elege uma lista de três nomes, a partir da qual o governador escolhe o nome do novo reitor. Legalmente, o governador do Estado tem direito de escolher qualquer um dos três, independentemente da votação que eles tenham obtido. Desde o fim do regime militar tem sido escolhido o nome mais votado.

Posse

A data da posse ainda está indefinida, pois antes que Fava assuma o reitorado, a Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) tem que escolher seu novo diretor-científico - cargo ocupado há oito anos pelo futuro reitor da USP. Seguindo o rotor eleitoral, a escolha do novo diretor-científico da Fapesp vai levar, no mínimo, um mês.

Ontem, o conselho da Fapesp que elege o diretor abriu o processo de sucessão de Fava.

O reitor nomeado formou-se em odontologia na USP. É professor-titular de histologia no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB), que dirigiu entre 1982 e 1986. Fava deu aulas na Universidade de Michigan (EUA), como professor visitante, em 1971 e 1972. Em 1984 e 1985 dirigiu a Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest).

Grandes Ofertas de Pequenas Empresas

Todas as ofertas desta seção são de Indústrias de até 100 funcionários. Portanto, são ofertas especiais, que geralmente não aparecem em nenhum outro veículo.

SÓ BREKE
BASE DE TROCA
RECONDICIONADO 50% MAIS BARATO
Cilindros Mestres de Freio (Sumitomo), Pinça Cilindro de Rinda e Setor Posto
Peças e Serviços p/ Caminhões
AV. LINS DE VASCONCELOS, 2.497 V. MARIANA
F.: 571-0957

Erotic Shop
Atelier Eliana
Lingerie especializada em Modelos Eróticos, Lingeries e Produtos - SEM SEGREDOS
Babydoll, Camisolas, Baby, Body, Bustiês, Conjuntos, Sutiãs, Tanga, Vestidos, Cintas
Al. Santos em Limeira, 912
Campos Elíseos - CEP 01202-000
FAX FONE: (011) 223.1735

ENTRE P/ O 1º MUNDO
UTILIZANDO OS SECADORES DE MÃO DRYQUICK 1800 NA SUA EMPRESA, RESIDÊNCIA, CLUBES, RESTAURANTES, HOSPITAIS, CLÍNICAS OU ESCOLAS
É MUITO MAIS ECONÔMICO E HIGIÊNICO DO QUE AS TOALHAS DE PAPEL
KOMFORT
SHOW ROOM: 853-0932
FÁBRICA: 492-2217
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SE COMPROMISSO E VERIFICARÁ AS INÚMERAS VANTAGENS

LAREIRAS E Cchurrasqueiras
pré fabricadas
Kits Completos.
Coifas Sob Encomendas
Construímos em Casas Habitadas ou Não
CONSTRUFLAMA
Rua Branca de Neve, 402 Cidade São Antônio (SP)
Tels: 548-3071 548-6401

BANHO DE PINGOS?
ISSO NÃO É MAIS PROBLEMA
PRESSURIZE SEU CHUVEIRO OU DUCHA COM HI-FLUX
• FÁCIL INSTALAÇÃO
HI-FLUX
946-2048

USOU, TÁ LIMPO.
MasterSux suporta tudo que você já viu.
✓ Leve
✓ Prático
✓ Potente
✓ Fácil de usar e guardar.
ASPIRADOR/ JATEADOR DE AR
Ligue e faça seu pedido (011) 574-0110

GANHE DINHEIRO FAZENDO FRALDAS DESCARTÁVEIS E ABSORVENTES FEMININOS
Seja dono do seu próprio negócio e ganhe muitos milhões sem sair de casa
TEMOS SELADORA E GUILHOTINA
MÁQUINA DE FAZER FRALDAS DESCARTÁVEIS E ABSORVENTES
Fornecemos todo o maquinário, de primeiríssima qualidade para a confecção dos produtos
R. Vergueiro, 6408 - Alto do Ipiranga Fone: 915-8344
R. Tiho, 416 - Lapa Fones: 864-8503/263-1311

Para anunciar nesta seção ligue: 224-3440
Ganhe 50% de desconto se a sua Empresa for filiada ao SIMPI
(Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo).

Para anunciar nesta seção ligue: 224-3440
Ganhe 50% de desconto se a sua Empresa for filiada ao SIMPI
(Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo).

ACESSÓRIOS PARA FILMADORAS
ELETRÔNICA SANTA INÊS
Tel/Fax: (011) 267-3058/267-9094

VIOLÊNCIA
Não espere acontecer
Disque-Segurança
871-3341
Vigilantes de Alto Nível para: Bancos, comércio, condomínios, escolas, eventos, hospitais, indústrias, residências etc.
RESIDENTAR SEGURANÇA ESPECIALIZADA

CXC

EDUCAÇÃO

Professores rejeitam proposta do governo

Decisão de manter greve foi tomada em assembléia na Paulista; secretário apresenta regras para reposição de aulas



Passeata de professores estaduais em greve desce às 17h a Brigadeiro Luiz Antonio em direção à Assembléia Legislativa

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Continua o impasse na greve dos professores da rede estadual de São Paulo, iniciada há 53 dias. A assembléia geral de ontem votou a manutenção do movimento, rejeitando nova proposta do governo. O TRT (Tribunal Regional do Trabalho), que na semana passada apresentou uma proposta que poderia acabar com a greve, desistiu de intermediar a disputa(*leia texto ao lado*).

O secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, baixou ontem resolução na qual determina os procedimentos para a reposição de aulas. O texto da resolução não leva em conta que há uma greve que atinge total ou parcialmente 66% das escolas da grande São Paulo e 73% das do interior, segundo dados do próprio governo. Os dados da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) indicam greve em 70% da rede, em média —10% a mesma que na semana passada.

Pela resolução de Martins, as unidades escolares devem convocar os Conselhos de Escola para definir os métodos de reposição de aulas. O Conselho de Escola é convocado pelo diretor. Dos 6.300 diretores, 60% estão em greve, segundo a Udemo (sindicato dos diretores). O governo também publicou ontem no "Diário Oficial" projeto de lei que reajusta em 50% o salário dos delegados de ensino —em cargo político, cujos 136 ocupantes são nomeados pelo governo.

A medida foi vaiada pela assembléia e criticada pelas lideranças grevistas. "Acho até muito justo que os delegados de ensino recebam um aumento desses, mas não agora, quando o governo recusa reajustes maiores para o restante do magistério", afirmou Ana Maria Quadros, presidente da Apase (sindicato dos supervisores), entidade que tem delegados de ensino filiados.

Anteontem, o governo anunciou o reajuste que estava propondo aos professores até dezembro: de duas referências (10,25%) para 45% do aumento nominal da arrecadação do ICMS (o que representa cerca de 16% ao mês, pela média dos últimos meses). O governo também propôs negociar na Assembléia Legislativa a aprovação de destinação de 30% da arrecadação do ICMS de 1994 para o ensino de 1º e 2º graus.

A assembléia dos professores ontem começou na avenida Paulista (região central de São Paulo), às 14h, votou a continuidade da greve, esperou a decisão do TRT —que saiu em torno das 16h— e seguiu em passeata até a Assembléia Legislativa (zona sul), pela avenida Brigadeiro Luiz Antônio. Segundo a Polícia Militar, 10 mil pessoas participaram. A Apeoesp calculou 60 mil.

TRT não vai julgar greve

Da Reportagem Local

O TRT (Tribunal Regional do Trabalho) decidiu ontem por nove votos a um não julgar o dissídio entre professores e governo do Estado de São Paulo.

A decisão foi baseada em parecer do relator, o juiz Wilma Nogueira de Araújo Vaz da Silva. Ela considerou que a forma como o Ministério Público Federal do Trabalho pediu o julgamento da greve não autorizava o TRT a fazê-lo.

Segundo o relatora, o Ministério Público deveria ter entrado com uma ação civil pública —já que alegava prejuízo aos alunos e "comoção social" com a greve. Desta forma, o TRT não teve sem que decidir se era competente ou não para intermediar o dissídio professores-governo estadual.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês dos perdas com a inflação a partir de outubro (38% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro for 94, 30% do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe. No máximo 15% ao mês até dezembro e 15,76% no mês entre janeiro e março. Defender na Assembléia 30% do ICMS para 1º e 2º graus até 94
● Segundo a Apeoesp: a greve atinge, sem relida, 70% das escolas na zona-leste, diz a	● Segundo o governo: 66% da rede, de 3º e 74% do interior tinham greve total ou parcial no dia 8
● Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quem são: 220 mil professores, 1.300 supervisores de ensino e 6.800 diretores de escola
● Paralisação: 6.682	● Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
	● Alunos: 6,5 milhões

*Reposição de aulas e pagamento dos dias parados dependem das negociações

PARALISAÇÃO COMEÇOU HÁ

53
dias, até 18 de agosto

GREVE MAIS LONGA DUROU

82
dias, em 1989

"*São muito poucas as escolas que estão em greve. Já dá para começar a reposição, mesmo em escolas que estão parcialmente paradas. Eu fiz minha parte determinando o procedimento de reposição. Agora, a responsabilidade é dos professores.*

(Carlos Estevam Martins, 58, secretário da Educação, sobre a resolução baixada ontem estabelecendo o procedimento para a reposição de aulas)"

Fuvest divulga número recorde de inscrições

da Reportagem Local

O número de inscritos para os exames da Fuvest 94 é o maior já registrado num concurso vestibular no país. São 140.232 inscritos para as provas de 1ª fase, dia 5 de dezembro, antes divulgada ontem pela Fuvest.

Este é o primeiro balanço das inscrições que aconteceram em todo o Estado nos dois últimos domingos. O resultado aponta um aumento de 27,6% de inscritos em relação ao vestibular do ano passado, com 109.870 candidatos.

O crescimento mais explosivo ocorreu no interior, onde se apresentaram 43.715 candidatos, 50% a mais que em 93. Além da inauguração de postos de inscrição em São José do Rio Preto, Sorocaba e Taubaté, os seis postos no interior tiveram um aumento médio de inscrições de 18%. Na capital o aumento foi de 19%.

Santa Casa critica unificação de exames

Da Reportagem Local

A proposta da Secretaria de Saúde estadual paulista de unificar os exames de residência médica no estado a partir de 94 foi criticada pela Santa Casa de São Paulo, que mantém uma faculdade de medicina. Em uma carta aberta ao governador Luiz Antonio Fleury Filho, o professor e provedor da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, Waldemar de Carvalho Pinto Filho, diz que a unificação atiraria o candidato "nos vale comum, em concorrência inútil", correndo o risco de ir para uma instituição de padrão inferior (*leia a íntegra da carta abaixo*).

A residência médica tem uma parte básica do ao mínimo dois anos e mais tempo para uma especialização posterior. A residência é feita pelos médicos recém-formados depois de prestarem exames. Cada hospital faz sua própria seleção. A Secretaria de Saúde pretende unificar esses exames, mas datazendo de lado certas instituições, como os Hospitais das Clínicas da USP em São Paulo e em Ribeirão Preto.

A unificação facilitaria o ingresso na residência dos alunos de faculdades que não dispõem de hospitais-escola. Inclusive por não terem essas instalações, essas faculdades são consideradas de segunda. As instalações "de padrão inferior" referidas por Carvalho Pinto Filho.

Parte do pagamento dos residentes no estado é feito com verba estadual. De acordo com a proposta da secretaria, só receberia essa verba o hospital que se comprometesse com o exame unificado. Carvalho Pinto Filho afirma que a Santa Casa preferiu não receber esse auxílio a ter de aceitar a "ingerência" externa. Com isso poderá diminuir o número de residentes da Santa Casa.

Para Berilo Langer, professor titular da Faculdade de Medicina da USP, a unificação é uma espécie de "impraticabilidade" que não resolve o problema do ensino médico, apenas empurra os alunos gerais abaixo dos hospitais. "Toda escola médica deveria ter como requisito indispensável um hospital de ensino para residência", diz.

Leia íntegra do documento

Leia a seguir a íntegra da carta ao governador de São Paulo:

Carta aberta ao governador do Estado:

A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo dirige-se a vossa excelência, à população de São Paulo e à comunidade acadêmica ligada à área médica para expressar a preocupação da instituição diante do recente Residência Médica anunciada para 1994 pela Secretaria de Estado de Saúde.

Senhor governador: a Residência Médica é, hoje em dia, complemento obrigatório do ensino de graduação em medicina, indispensável para sua capacitação clínica. Ela une treinamento, o médico recém-formado vai se dispersar com os mais diversos desafios a se apresentar à sua frente: urgência, atendimento e competência. Como efeito, ele passa seis anos sem conviver com os problemas próprios daqueles a quem, integrando-se aos padrões de atuação de uma escola, assimilando, ao mesmo, o seu método que, no caso da Santa Casa, tem 400 anos.

Paradoxalmente a pretendida unificação, no tocante do ingresso na Residência, vai ser o candidato atirado em vala comum, nos concorrentes inúteis, onde vale as minoria, arriscando-se a perdas a respeito da seu aprendizado. Indo, quem sabe, para outra instituição de padrão inferior. Por outro lado, alunos de variada procedência virão fazer a Residência na Santa Casa, agumas com grande esforço, obrigados na prática a uma verdadeira recicligem do curso de graduação, com perda de tempo e prejuízo para o conjunto. Tal fato já ocorre, senhor governador, com os alunos que ingressaram em nossa casa de Residência, aprovados em exame teórico, mas despreparados na nosso prático. Na verdade tivessem que subsar o curso de graduação.

A unificação, só em nossa sociedade, seria, em tese, admissível se todas as instituições formadoras dos médicos a congregasse dos mesmos homens de igual nível.

Para agravar a situação, abrigam-se as cegões para uma melhora unificação, como, por exemplo, para o Hospital das Clínicas da USP (Capital e Ribeirão Preto), Unicamp, Unesp, Hospital do Servidor Público e Centro Médico da Polícia Militar, mantidos pelo particulares.

Nosso nível de excelência —perdoe-me a falta de modéstia— tem sido reconhecido além fronteiras. Nossos padrões de procedimento científicos e hospitalar situam-se em posição de destaque. Por que, então, a descontinuidade?

Nossos alunos, ao final do curso de graduação, são avaliados por padrões elevados e nossos residentes, ao final dos cursos, ocupam ótimos ou primeiros lugares na admissão de títulos de especialistas.

Respeitamos, cegonhas senhor governador, a unificação nos termos propostos; são e acreditamos porque nossa consciência e nossos compromissos com a verdadeira formação do médico exigem que assim seja, para não maiores males passado nem futuramos nossa honra.

Até quando, senhor governador, a Santa Casa continuará sendo ignorada, singularizada e atingida?

Lembremo-nos todos, a Santa Casa existe e confunde-se com a grandeza de São Paulo.

Vossa excelência, senhor governador, está mais uma vez, com o poderes decisão.

Prof. dr. Waldemar de Carvalho Pinto Filho, provedor.

Atas, Editais e Avisos

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTOS

- TOMADA DE PREÇO: 20/93
- OBJETO: AQUISIÇÃO E INSTALAÇÃO DE SOFTWARE.
- ABERTURA: dia 25.10.93, às 10:30 hs.
- MAIORES INFORMAÇÕES SERÃO FORNECIDAS AOS INTERESSADOS NO DEPTO. DE ADMINISTRAÇÃO, à RUA XV DE NOVEMBRO, 160/350 - 2º andar, SANTOS.

Santos, 8 de outubro de 1993.
COMISSÃO DE LICITAÇÃO

Comunicado à Praça

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO

COMPANHIA METROPOLITANA DE HABITAÇÃO DE SÃO PAULO - COHAB/SP
ERRATA DE AVISO DE EDITAL

A Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo-COHAB-SP, torna público que ficam retificadas as publicações veiculadas pela Imprensa Oficial e diário contendo o seguinte:
CONCORRÊNCIA SP 007/93 - P.O. nº 072/93 - Objeto: aquisição de empreendimento habitacional a construir, localizado no Distrito de Jaguara, Município de São Paulo, e não como consta.
Ficam inalteradas as demais disposições. São Paulo, 08 de Outubro de 1.993.

CENSURA PÚBLICA

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA 6ª REGIÃO



Ex-professora de Fleury acha greve 'justa'

Olinda Tavares afirma que se não tivesse se aposentado também participaria da paralisação que já dura 54 dias

'Os salários estão baixos'

Da Folha Norte

Leia trechos da entrevista com Olinda Maria Tavares:

Folha - Qual a sua opinião sobre a greve dos professores?

Olinda Maria Tavares - A greve é justa porque existem professores ganhando muito pouco. Greve é um direito constitucional.

Folha - A sra. acha que o governador poderia atender às reivindicações?

Olinda - Olha, ele não tem culpa se os salários estão tão baixos. É muito baixo mesmo.

Folha - Se a sra. ainda estivesse, teria greve?

Olinda - Eu, certamente que sim. Iria me solidarizar com a categoria deste ser também. Mas eu me aposentei com muita satisfação, não. Sabe por quê? Foi numa boa, ninguém me deu ordem alguma.



Olinda Tavares, ex-professora de Fleury, em seu apartamento em São José do Rio Preto

RICARDO FELTRIN
Free-lance para a Folha Norte

No dia-dia de 91, a professora Olinda Maria Tavares alfabetizava crianças em uma das favelas de Nova Alsácia. Olinda afirma que todos os dias uma das moradoras saía até chegar a escola sala de aula um barraco. Ela diz que muitas vezes foi perseguida e teve de fugir de bala e pedras no passo, que ocorriam diariamente entre os traficantes rivais.

Um dos alunos de Olinda era um garoto que ela descreve como "inteligentíssimo" e "o melhor da classe". Luiz Antonio Henry, 11 anos, foi morto na favela. A professora conseguiu transferir o menino para Rio Preto.

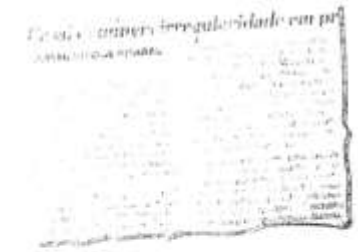
Quatro décadas depois, a ex-professora de Olinda é um dos professores em greve da rede estadual de ensino. Na última [illegible] de paralisações em São José do Rio Preto, são 54 dias. "A greve é justa", diz a ex-professora de 91.

Ela afirma que, se ainda lecionasse, também estaria em greve. "Eu estaria em greve, sim. A classe tem de ser ouvida. Mas não sou nem [illegible] sentia uma certa dor na consciência."

A dor na consciência veio [illegible] pela lembrança de seus alunos. "Eu abandonei", que, segundo ela, [illegible] de 91 na favela, [illegible] um pelo menos [illegible] na rede estadual de ensino. "O Dia do Professor é um [illegible] de tristeza."

Há cerca de cinco anos, a professora aposentada vive [illegible]. Ela vive de um [illegible] de 150 mil [illegible] de São José do Rio Preto.

BOLETIM DE OCORRÊNCIA



AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição não a mês dos perdas com a inflação o partir de outubro (28% o mês de reajuste que vai 12% concedidos em agosto somente o Dir 94, 20% do ICMS para o ensino de 1 a 2. graus	Reposição a cada seis meses dos perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe [illegible] 13% ao mês, no determinado a 15,1% [illegible] Orlando Assembléia 80 [illegible] para 1 a 2. graus em 94
● Segundo a Apeoesp: a greve segue, em media, 78% dos escolas na capital e no ABC	● Segundo o governo: 66 dos 91 [illegible] de 3º e 74% dos escolas [illegible] geral na capital e no ABC
● Entidades Apoiam (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) Apoio (Entidades dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quase [illegible] 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.900 diretores de escola
	● Iniciou no 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Udemo) e dia 2 de setembro (Udemo)
● Paralisou 6.682	● Abriu 6.5 [illegible]

* Reposição de salário e piso; nova data-base [illegible]

Marca do destino

MIGUEL REALE JÚNIOR

Você lembra aquele casal que estava aqui no Fórum há uns meses? Os pais das crianças que foram adotadas pelo alemães?

Ah, aquele casal! Claro que lembro. A história toda ainda está dando o que falar.

E. Foi bom que um funcionário do Cartório Social os alertou sobre a [illegible] ao Centro e depois providenciou a adoção.

Mas aqui, em pouco dias não avaliam um documento, aqui no Fórum?

— Assim até. Melhor decidir não avaliam, não. Colocam a impressão do polegar. Os dois são analfabetos, você sabe. E aí vem [illegible] interessante.

— Interessante? O que é que pode ter de interessante nessa história? A coisa é muito triste.

— É triste. Mas também interessante. O que eu quero contar é o seguinte: depois que estiveram aqui, ligou [illegible] o documento. Achei estranho. Não pelo que dizia. Afinal, era uma autorização, nada de maior. Mas o que me chamou a atenção foram as marcas dos dedos. Sendo analfabetos?

— Em dezenas, acredito. Mas nessa coisa de ler o futuro na palma das mãos não acredito. Muito menos quando se trata de impressão digital.

— Bem, eu também não acreditava. Eu pelo menos não acreditava. Mas olhando a marca daqueles dedos, tive uma sensação estranha. Marca de dedo em documento é coisa comum aqui no Fórum, analfabeto não falta nesse país. Mas o que me chamou a atenção é que aqui se podia distinguir as linhas dos impressões digitais. Estavam borradas, confusas. Por quê? Por causa dos dedos: dedos [illegible], dedos sauranos. Dedos de quem lavou, de quem não sabe o que faz. E aí lembrei aquela passagem da Bíblia, aquela em que Deus coloca a sua marca na testa de Caim. A marca de Deus era inconfundível. Porque Deus não treme e nem sua. Deus, quando decide, está decidido. E naquela marca não havia a hesitação da mesma alvenia. Havia segurança, havia [illegible]. E eu pensei: eles vão voltar aqui. Eles vão querer os filhos de volta.

— Aconteceu muitas vezes, doutor. Aconteceu talvez com os filhos deles também.

— A mesma coisa...

— A mesma que não precisava usar a impressão do polegar. A mesma que sabiam assinar.

— É. A mesma que sabiam assinar o nome.

TAPETES PERSAS
COMPARE E COMPRE NA L'HASTA
ECONOMIZE US$ 10,00/m²
TAPETE BOKHARA
60 x 90 cm ou 80 x 120 cm ou 95 x 150 cm
O MENOR PREÇO PUBLICADO US$ 59,99/m²
PREÇO L'HASTA US$ 49,99/m²
SÓ ATÉ QUINTA-FEIRA 14/10/93
TAPETE BOKHARA
SALA DE JANTAR
O MENOR PREÇO PUBLICADO US$ 132,00/m²
PREÇO L'HASTA US$ 63,50/m²
ECONOMIZE US$ 68,50/m²
200 x 300 cm
250 x 350 cm
TODOS OS TAPETES COM CERTIFICADO DE AUTENTICIDADE E GARANTIA
ECONOMIZE ATÉ US$ 70,00/m²
A MELHOR SELEÇÃO EM:
TAPETE PERSA KIRMAN
DE US$ 259,00 POR US$ 219,99/m²
TAPETE PERSA MOUD
DE US$ 299,00 POR US$ 229,99/m²
TAPETE PERSA TEBRIZ
DE US$ 135,00 POR US$ 89,99/m²
L'HASTA®
ORIENTAL RUGS
A CASA DO TAPETE PERSA NO BRASIL
AL. GABRIEL MONTEIRO DA SILVA 756
TEL.: 64-6460 - 881-9116
HORÁRIO
2ª à 6ª: 10:00 às 19:30 h
SÁBADO HORÁRIO ESPECIAL: 10:00 às 17:00 h
NESTA 2ª FEIRA ESTAREMOS ABERTOS

FAÇA SEUS ÓCULOS NA REGARDER E DEIXE DE VER PREÇO EM DOBRO

Para você que já está com a vista cansada de ler o ver preço alto, o regarder apresenta uma Promoção Definitiva: a tabela de preços caiu pela metade. Isso a gente conseguiu enxugando a estrutura, modernizando o sistema e oferecendo descontos significativos, que são repassados diretamente a você, nosso cliente. Venha o Regarder conferir de perto como é válido o resultado de tudo isso sem acharia. Volou o preço! De agora em diante, onde você vê $$ lá fora, aqui você só vai ver $. E, neste mês, você participa de 20 sorteios, podendo receber um dobro o que gastou e ainda concorre a TOP PREMIOS no dia 20 de outubro.

Cupom 10% LENTES DE CONTATO GELAT.(par) Preço de Tabela CR$ 6.900,00 Preço Promocional CR$ 6.210,00 GANHE CR$ 690,00

Cupom 10% LENTES PROGRESSIVAS VARILUX Preço de Tabela CR$ 14.980,00 Preço Promocional CR$ 13.480,00 GANHE CR$ 1.500,00

Cupom 10% ÓCULOS BAUSCH & LOMB CELEBRITIES Preço de Tabela CR$ 8.980,00 Preço Promocional CR$ 8.080,00 GANHE CR$ 900,00

VALIDADE ATÉ 16/10/93
CUPOM 10%
SEUS ÓCULOS EM 1 HORA.
REGARDER ÓTICA
Rua 24 de Maio 37
Rua São Bento 340
Rua Libero Badaró 644
Rua Voluntários da Pátria 3205
Av. Cel Sezefredo Fagundes 2123
Av. Eng. Luiz Antonio 2691
Av. Adolfo Pinheiro 384 - Lj 48
Shopping Leste Aricanduva - Lj 49
Av. Otto Baumgart 550 - Próx. Center Norte
Campinas/SP - Rua Lomas, 933 Tel.: 32.3387
TEL.: 37-9514

Governo dá indulto a 25% de presos do país

Decreto assinado pelo presidente Itamar Franco vai beneficiar 30 mil detentos, que serão soltos no Natal

Franco de Campos é vetado por tribunal

Órgão barra candidatura a juiz

Da Reportagem Local

O Tribunal de Justiça de São Paulo vetou ontem a candidatura do ex-secretário Pedro Franco de Campos para o cargo de juiz. Em sessão secreta, o Órgão Especial do Tribunal de Justiça —cúpula do Judiciário, formado por 25 desembargadores— não incluiu o nome de Pedro Franco na lista tríplice que será enviada ao governador Luiz Antonio Fleury.

Secretário da Segurança Pública na época do massacre do Carandiru, há um ano, Pedro Franco foi recentemente indicado para o cargo de juiz do 2º Tribunal de Alçada Civil, em lista sêxtupla formada pelo Ministério Público. Agora, a partir da lista tríplice elaborada pelo Órgão Especial, Fleury escolhe um nome para a vaga de juiz. A indicação do ex-secretário pelo governador era tida como certa caso o nome fosse aceito pelo tribunal.

Na semana passada, diversas entidades de defesa dos direitos humanos elaboraram manifesto contrário à indicação de Pedro Franco. Magistrados e advogados também se opuseram ao ex-secretário, pois entendem que ele não pode ser indicado para o tribunal enquanto não terminarem as investigações sobre o massacre.

"O tribunal homem a magistratura", disse Mario Antonio Barbosa, 46, diretor do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana e da Comissão de Justiça e Paz. Pedro Franco não foi encontrado pela Folha até as 20h30 de ontem.



O ex-secretário da Segurança Pedro Franco de Campos

Da Sucursal de Brasília

O indulto de Natal deste ano —o perdão das penas de presos concedido pelo presidente da República— beneficiará 30 mil presos, quase 25% da população carcerária do país. O percentual é mais que o dobro do ano passado —9,8%. Em dezembro serão libertados detentos condenados a até seis anos de prisão, e não a apenas quatro anos, como nos indultos anteriores. Presos com Aids também ficam liberados de cumprir a pena.

Segundo o presidente do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, Edmundo Oliveira, a medida foi tomada depois de analisado um censo nos presídios que mostra que 72% dos presos praticaram crimes leves da ordem ou furto, com penas de 1 a 10 anos de prisão. O indulto também vai beneficiar criminosos que cumprem regime de liberdade condicional e reduzir as penas dos que têm mais de seis anos de prisão para cumprir.

O decreto que regulamenta o indulto, assinado pelo presidente Itamar Franco no dia 8, estabelece que para colocar um preso em liberdade as autoridades carcerárias estaduais devem comprovar o bom comportamento dos presos. Os condenados por crimes classificados como hediondos —tortura, tráfico de drogas ou terrorismo— e de pistolagem não serão beneficiados com o indulto.

Presos com Aids ou outras doenças graves vão escrever se desejam sair da prisão para que não se repita a experiência de outros anos, quando os presos não foram acolhidos pelos seus familiares. São Paulo tem o maior número de presos com Aids do Brasil. Somente no Estado cerca de 12,5 mil presos voltarão às ruas no Natal. Dos 126,1 mil detentos do país, 51 mil estão em São Paulo.

"Estamos alertando as autoridades sobre a necessidade de aplicar penas alternativas à cadeia", disse Oliveira. Além da prisão, o artigo 43 do Código Penal sugere apenas três outras condenações: prestação de serviços, suspensão temporária de direitos e limitação do fim-de-semana. O decreto vale apenas para o indulto desse ano.

(João Carlos Teixeira)

SAÚDE

Secretário é contra 'reserva' na residência

RICARDO BONALUME NETO
Da Reportagem Local

A Secretaria de Estado da Saúde de paulista defendeu a unificação do exame de revalidação médica, reagindo a uma carta do provedor da irmandade da Santa Casa de Misericórdia, Waldemar de Carvalho Pinto Filho, que afirmava que a prova unificada atinaria o médico recém-formado em "vala comum, em concorrência inútil". "Queremos evitar a reserva de mercado", disse o secretário Cármino Antonio de Souza. "60% das bolsas de residência do país são pagas pelo Estado de São Paulo", afirmou Souza.

Uma nota divulgada ontem pelo Conselho Federador de Profissionais para a Área de Saúde (Conferpas) lembra que a secretaria paga 4.000 bolsas de residência, a um custo de US$ 2,5 milhões por mês. "Algumas escolas interpretam a residência como se fosse uma extensão do curso de graduação", diz o secretário, se referindo à Santa Casa. "Mas é um estágio profissionalizante, não um curso."

A prova de primeira fase, em 12 de dezembro, será teórica e terá 150 questões de múltipla escolha. A segunda fase, a cargo das instituições que têm a residência, será mais prática e feita em janeiro. As duas notas serão somadas e a secretaria elabora a média final.

Estão excluídas do exame, pelo menos este ano, as quatro faculdades estaduais de medicina: a Unicamp em Campinas; da Unesp em Botucatu; e da USP em São Paulo e em Ribeirão Preto. O diretor da escola da Unicamp, Luiz Alberto Magna, representante das quatro junto ao Conferpas, diz que a opinião "consensual" das faculdades é a de esperar que a secretaria aprecente seu detalhe os motivos dessa unificação, para então decidirem se juntar ou não ao processo. A autonomia universitária permite essa opção.

Segundo Magna, os programas de residência ligados a essas faculdades têm um perfil distinto, pois visam a formação de especialistas, e não de médicos para o serviço público. Ele também é contra que as faculdades estabeleçam "reservas de mercado" para seus próprios alunos.

A unificação facilitaria o ingresso na residência dos alunos de faculdades que não dispõem de hospitais-escola. Justamente por não terem essas instalações, essas escolas são consideradas de segunda linha. De acordo com Carvalho Pinto Filho, esses alunos teriam até melhores chances em um teste teórico, pois têm menos tempo de aulas práticas em hospital e podem fazer apenas estudando. Ao ingressarem na residência de uma escola como a Santa Casa, teriam de fazer, na prática, "uma verdadeira reciclagem do curso de graduação".



O secretário de Saúde, Cármino Antonio de Souza

Hipertenso pode ter sal em dieta, diz pesquisa

Da FT

Pesquisa da Escola Paulista de Medicina revela que a utilização de drogas inibidoras de canais de cálcio —utilizadas em doenças do coração— podem beneficiar os portadores de pressão alta. O inibidor é capaz de diminuir a pressão arterial e liberar o excesso de sal retido pelos rins.

"A novidade é que esse medicamento continua ativo mesmo se o paciente continuar comendo sal", diz o presidente da Sociedade Internacional de Hipertensão, Artur Beltrame Ribeiro, que participa do 2º Congresso Brasileiro de Hipertensão.

Segundo ele, o inibidor impede a passagem de cálcio pela célula muscular lisa da parede do vaso sanguíneo. Atua também como diurético, liberando sal sem liberar potássio. "Não significa que o paciente pode comer sal à vontade", diz o médico. "O ideal é comer apenas três gramas de sal por dia."

Folha ganha prêmio com texto de saúde

Da Reportagem Local

O jornalista Cássio Leite Vieira receberá no próximo dia 22 em São Paulo o prêmio Associação Médica Brasileira de jornalismo sobre saúde, categoria cotidiano, com a reportagem "Anticorpos corroem artéria de superbactérias", publicada na Folha em 13 de dezembro de 1992. Leite Vieira trabalha atualmente na revista "Ciência Hoje". Na categoria especial, o prêmio será entregue a Antonio Carlos Prado e Bob Fernandes, da revista "Isto É", pela reportagem "Na Idade da Genética".

Saúde ameaça fazer greve a partir de hoje

Da FT

Os cerca de 80 mil servidores da rede estadual de Saúde podem começar uma greve por tempo indeterminado a partir de hoje, quando todo o funcionalismo do Estado promete parar por 24 horas contra a política salarial do governo. Os funcionários da Saúde fazem assembléia às 13h, em frente à Assembléia Legislativa. O funcionalismo reivindica reposição das perdas salariais e aumentos mensais. A Secretaria da Administração informou que pretende discutir as reivindicações.

HISTÓRIA



Carroça atolada no início da Fernão Dias, quase esquina com Teodoro Sampaio, em 1920

Movimento contra a extensão da Faria Lima mostra fotos antigas

Da Reportagem Local

Uma exposição fotográfica chamada "Retrato Vivo de Pinheiros" foi o forma que o Movimento Pinheiros Vivo encontrou para convidar a população do bairro a discutir a expansão da avenida Brigadeiro Faria Lima. Os painéis fotográficos contando a história do bairro ficarão expostos de hoje a 6 de novembro no Museu da Casa Brasileira (av. Brig. Faria Lima, 774).

Adriana Folgosi, uma das coordenadoras da exposição, conta que os moradores de Pinheiros participaram das pesquisas históricas e da confecção dos 12 painéis. Cada painel tem cinco ou seis fotos.

"Foi um trabalho realmente comunitário. Arrecadamos jornais para poder vender e conseguimos também o patrocínio de algumas escolas", disse Adriana, que acredita que a mostra não é só um "nome saudosismo".

O Movimento Pinheiros Vivo acha que a iniciativa pode "levar as pessoas a refletirem sobre a precipitação de projetos urbanísticos que carregam os vícios dos bairros".

Na exposição se misturam fotos antigas e atuais do bairro, que tem 433 anos de idade.

As fotos recentes foram feitas pelos moradores e, as históricas, fornecidas principalmente pelos arquivos da prefeitura.

A mostra faz parte do projeto Museu de Rua, coordenado pelo arquiteto Júlio Abe, e está sendo inaugurada na véspera da primeira audiência pública, na Câmara Municipal, que vai debater o projeto da Faria Lima.

EDUCAÇÃO

Secretaria permite que escolas substituam professores em greve

Da FT e
da Reportagem Local

As escolas estaduais já podem contratar substitutos dos professores em greve. A informação é da assessoria de imprensa da Secretaria Estadual da Educação. Segundo a assessoria, cada escola terá uma lista de candidatos a substitutos e pode encaminhar os nomes para o setor de recursos humanos da secretaria. Os salários serão pagos com o dinheiro descontado dos professores em greve. A paralisação já dura 58 dias.

A secretaria negou que a reposição de aulas deverá se estender até 1994, como afirmou na segunda-feira o secretário estadual da Administração, Miguel Tebar. Segundo a secretaria, as escolas devem cumprir resolução do secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, que prevê reposição até 30 de dezembro.

Lideranças partidárias da Assembléia Legislativa vão intermediar negociações entre governo e professores. Os principais pontos que serão negociados com o auxílio da Assembléia são: salários de outubro a dezembro, pagamento dos dias parados e a periodicidade de reposição total das perdas com a inflação, que atualmente ocorre a cada seis meses.

Novo caderno Consumo. Em defesa dos consumidores e no ataque com os consumistas.

Sábado é dia de passear no shopping. E é dia de fazer feira. Ou seja, não poderia existir dia melhor para sair o novo caderno da Folha. Caderno Consumo. Orientações práticas para o consumidor não se consumir por aí. Testes comparativos. Pesquisa de preços. Reportagens sobre os direitos dos consumidores. E, a seção Shopping, para o deleite dos consumistas.

FOLHA

CARAGUATATUBA



Carro-zero é por leilão na Rio-Santos; Câmara de Caraguá decide protestar por obras na rodovia — Pág. 2

SÃO JOSÉ



O banco Brasilinterpart vai pedir prazo de mais 45 dias para definir a compra da Engesa (foto) — Pág. 3

JOGOS ABERTOS



A nadadora Fabíola Molina ganhou quatro medalhas de ouro em provas individuais nos Jogos Abertos — Pág. 3

5

folha vale sp

Sexta-Feira, 15 de outubro de 1993 1

São José dos Campos • Taubaté • Guaratinguetá • Jacareí • Lorena • Cruzeiro • Caraguatatuba • Pindamonhangaba • Ubatuba • Caçapava • Campos do Jordão • Aparecida • S.Sebastião • Tremembé • Cachoeira Paulista

CINECLUBE

Fundação mostra 'Cinema Paradiso'



A Fundação Cultural Cassiano Ricardo, em São José, exibe hoje, às 20h, em sua sede de vídeo, o filme "Cinema Paradiso" (foto). A direção é de Giuseppe Tornatore. No elenco estão Philippe Noiret e Jacques Perrin.

CINECLUBE

Sesc exibe '1984 de Orwell'

O Sesc de São José dos Campos exibe hoje, às 19h30, o filme "1984 de Orwell". A direção é de Michael Radford. No elenco estão John Hart e Suzana Hamilton. O Sesc fica na avenida Adhemar de Barros, 999, Vila Adyana.

O NÚMERO

6

cartunistas participam da 3ª Mostra de Quadrinhos e Cartuns, promovida pela Fundação Cultural Cassiano Ricardo, em São José. O evento acontece a partir de hoje, às 20h, na fundação. A entrada é franca.

CINECLUBE

Projeto exibe 'Camille Claudel'

O Cineclube de Lorena exibe hoje, às 19h30, o filme "Camille Claudel". A direção é de Bruno Nuytens. No elenco estão Isabelle Adjani e Gérard Depardieu. A exibição acontece no Instituto Santa Teresa. A entrada é franca.

EXPOSIÇÃO

Galeria traz obras de Jardim

A Galeria Volpi, em São José dos Campos, está expondo as gravuras em metal de Evandro Carlos Jardim. A galeria fica no 2º piso do Shopping Center (rua Rubião Júnior, 94). A entrada é franca.

INDIQUE-SE

AUMENTA PRECIPITAÇÃO DE CHUVAS NO MÊS DE SETEMBRO

Na Vale do Paraíba, em mm



Greve afeta 190 mil alunos na região e Estado chama professores substitutos

Contratações começam na segunda-feira; comemorações do Dia do Professor são adiadas



Professores em greve fazem "barulhaço" em frente a Câmara de São José dos Campos

Free-lance para a Folha

A Divisão Regional de Ensino (DRE) do Vale do Paraíba e litoral norte vai contratar professores substitutos para a rede pública estadual a partir de segunda-feira. A substituição foi autorizada pelo governo do Estado como tentativa de não comprometer o ano letivo. Os professores vão repor os 58 dias de aula, perdidos com a greve, até o dia 31 de dezembro. O calendário escolar previa aulas somente até o 1º quinzena de dezembro.

Os professores substitutos serão selecionados através dos cadastros das delegacias de Ensino, feitos no início do ano. Nas 1ª e 2ª delegacias de São José, 9.536 professores estão na lista. O número de contratações temporárias não está definido.

"Estou torcendo para que a greve acabe antes do início das contratações dos substitutos. A contratação temporária não é a melhor remédio", disse o diretor da DRE, Sylas Eduardo Pucinelli, 54. Segundo ele, cerca de 190 mil alunos da região estão sem aulas. A greve tem adesão de 47,4% (8.182) dos servidores do Vale e litoral norte.

Em São José, 61 mil alunos estão sem aula por causa dos 2.427 (30,8%) professores parados, segundo a DRE. Para a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado), a adesão dos servidores é de 85%. Os professores decidiram ontem, durante assembléia regional, dar continuidade a greve por tempo indeterminado. Hoje, em São Paulo, haverá outra assembléia em nível estadual.

Os professores querem repasse integral da inflação, 128% e mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto e setembro e desvinculação de 94,30% do ICMS para os 1º e 2º graus. A contraproposta do governo, recusada pelos servidores, é de reposição semestral das perdas salariais, 10,25% no mês de reajuste até dezembro e 15,76% de janeiro a março. Em 94, o governo desvincula entre 20% e 30% do ICMS para os 1º e 2º graus.

Segundo a DRE, o salário inicial de um professor P-1 (primário é de CR$ 15,9 mil, o P-2 (ginásio) recebe CR$ 17,5 mil e um P-3 (2º grau) ganha CR$ 19,3 mil, por 20 horas semanais (16 aulas mais quatro horas de atividade em local livre).

Dia do Professor

Os professores da rede estadual de Ensino, em São José dos Campos, vão adiar as comemorações do "Dia do Professor" (dia 15 de outubro) para amanhã. A festa está marcada para as 20h do sábado, no Sindicato dos Metalúrgicos, com atividades culturais (apresentações de músicas, poesias, entre outros). O ingresso custa CR$ 150. Amanhã, várias igrejas da região estarão celebrando missa de ação de graças ao professor.

O dinheiro arrecadado com os ingressos será destinado ao "fundo de greve", para despesas com aluguel de carro de som, confecção de faixas, cartazes e panfletos.

A GREVE CHEGA HOJE A

58

dias, com adesão de 8.182 professores da região, segundo a DRE

OS ALUNOS PARADOS SÃO

61.000

em São José dos Campos, segundo informações da DER.

Escola recebe alunos do Estado

Free-lance para a Folha

A Escola de Desenvolvimento Infantil "Caminhos Dourados", de Pindamonhangaba, que em seus anos de funcionamento só ensinou crianças de até seis anos, começou um trabalho de "salas de reforço" para alunos de 1º grau da rede estadual. A diretora, Renata Fischer, 28, disse que a escola abriu mais três salas para atender especificamente alunos do Estado.

"Vários pais de alunos da rede estadual nos procuraram depois de duas semanas de greve. Resolvemos criar salas especiais para esses anos nas disciplinas de matemática, português e inglês", afirmou. 18 alunos estão sendo aulas, por CR$ 500 por aula.

Pais de alunos da rede estadual de ensino de Pindamonhangaba vão encaminhar, na próxima segunda-feira, um abaixo-assinado ao governador Luiz Antonio Fleury Filho (PMDB) pedindo a adoção de uma política salarial aos professores do Estado. Em cinco dias, já foram colhidas 15 mil assinaturas.

Uma das coordenadoras do abaixo-assinado, Carmem Lúcia Rezende Dias, 35, disse que o movimento tem como objetivo principal dar condições de trabalho ao professor e garantir o ensino dos filhos nos anos seguintes. "Nós, na qualidade de eleitores e contribuintes, temos poderes indiretos do governo."

Pais movem ação contra o governo

Do correspondente no litoral norte

Em São Sebastião, um grupo de 45 pais de alunos deve definir hoje os termos de uma ação coletiva contra o governo do Estado. O representante é liderado pelo vereador Carlos Baptista (PDT), 38. Segundo o vereador, a ação deve se basear na Constituição, que atribui ao Estado a obrigatoriedade de garantir o ensino público. Baptista disse que a via Elba Area Carta, 17, está com "problemas crescentes" por causa da greve.

A assessoria de imprensa da Secretaria da Educação do Estado não comentou o assunto.

Pesquisa tenta traçar o perfil do adolescente de Ubatuba

Do correspondente no litoral norte

Um total de 6.000 adolescentes de Ubatuba vão participar de uma pesquisa sobre sexo, drogas e Aids. A pesquisa foi desenvolvida pela Equipe de Prevenção e Atenção à Aids de Ubatuba, formada por médicos, psicólogos e professores. A pesquisa pretende traçar o perfil do adolescente e saber o conhecimento que ele tem sobre os tabus.

Segundo o coordenador da equipe, o psicólogo Toni Blanques, 33, a pesquisa com 54 questões foi desenvolvida em cinco meses. No questionário, os adolescentes são falar sobre sexo, as drogas mais usadas e como encaram a Aids. Blanques disse que o resultado da pesquisa será importante para direcionar programas de combate a Aids. A pesquisa será aplicada assim que terminar a greve dos professores.

Rede municipal abre vagas na pré-escola



Alunos da escola municipal Áurea Cancinho, em São José

Free-lance para a Folha

As inscrições para o pré escola (crianças de 3 a 6 anos) na rede municipal de Ensino começaram ontem e terminam no próximo dia 22, em São José dos Campos. A matrícula pode ser feita apenas com a certidão de nascimento da criança. Para os filhos de professores da rede, as matrículas serão feitas nos dias 25 e 26 e para os filhos de servidores, nos dias 3 a 8 de novembro. Os alunos que se inscreverem entre os dias 9 e 12 de novembro só poderão fazer matrículas em março ou agosto.

Para 94, a Secretaria Municipal de Educação prevê a implantação da "Supletivo 2" (curso supletivo de 5ª a 8ª séries). Até este ano, havia somente supletivo de 1ª a 4ª séries através da Dajan (Divisão de Alfabetização de Jovens e Adultos do Município). Segundo o censo escolar, realizado pela prefeitura em 90, 162 mil pessoas com idade superior a 14 anos não têm o 1º grau completo em São José.

O secretário da Educação, Moajir Pinto da Silva, 44, disse que no próximo ano 11 escolas da periferia vão funcionar no 1º curso noturno (período noturno). A medida foi tomada em conjunto com as delegacias de Ensino do Estado para tentar diminuir o déficit escolar em algumas regiões da cidade, principalmente na zona sul. Com a abertura de mais um turno, a rede poderá oferecer mais 5.545 vagas para o ensino de 1º grau.

A prefeitura está construindo mais uma EMEI (Escola de Educação Infantil), no Bosque dos Eucaliptos, com 12 salas. Com as reformas de ampliação nas escolas, surgem mais 1.575 vagas na rede. Para 94, a Educação passa a receber 25,9% do orçamento municipal contra 25% destinados este ano.

"Estamos provendo muitos pedidos de transferência dos alunos da rede estadual para a municipal, mas isso é praticamente impossível", afirmou o secretário. Segundo ele, 70% dos alunos de São José estão na rede estadual, 18% na municipal e 12% em escolas particulares.

SEM EDUCAÇÃO

Professores em greve fazem vigília no centro

Protesto para 'sensibilizar governo e sociedade' inclui cidades do interior de SP; paralisação dura 63 dias

11 MANIFESTAÇÕES

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Professores da rede estadual de ensino de São Paulo —em greve há 63 dias— realizam hoje vigília, das 9h às 18h, na praça da República, região central de São Paulo, e em municípios do interior do Estado. A atividade foi decidida na última assembléia dos professores, seria feita pausada.

"Queremos sensibilizar o governo e a sociedade sobre a nova situação e denunciar a falta de negociações", afirma o presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Roberto Felício, 41. O governo, por sua vez, responsabiliza os entidades que lideram a paralisação (Apeoesp, Udemo e Apase) pelos prejuízos que estão sendo causados a pais e alunos por causa da falta de aulas (três terços abolido).

O impasse entre professores e governo das últimas duas semanas: o governo diz que não tem mais dinheiro e propõe em torno de 16% de reajuste ao índice de março do ano que vem —enquanto a inflação está na casa dos 35% ao mês. Os professores querem estabilidade dos salários e pagamento dos dias parados com a greve.

Não há negociação desde quinta-feira retirada, quando o governo apresentou sua última proposta. Hoje, o líder do governo e do PMDB na Assembléia Legislativa, Uebe Rezeck, conversa de manhã com o governador Henry Maluf para tentar uma saída para o impasse. A Folha apurou que ha pelo menos dois deputados do PMDB preocupados com a repercussão que a crise terá nas eleições de 92.

Ontem à tarde, houve reunião entre o secretário da Educação, Carlos Roberto Mantelli, e secretários da área econômica do governo no Palácio dos Bandeirantes (sede do governo). Mas os resultados não foram divulgados.



PMs barram professores no Palácio dos Bandeirantes durante o primeiro ato violento



Professores ocupam pela primeira vez a avenida Paulista



Protesto no Anhangabaú

Desde que a greve começou, dia 18 de agosto, houve 11 assembléias gerais, 10 passeatas pelo centro de São Paulo, 53 horas de negociação, dois choques entre manifestantes e Polícia Militar —em 14 feridos—, uma intervenção inútil da Justiça do Trabalho e uma ação na Justiça comum

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de janeiro (38% a mais do reajuste que os 13% concedidos em agosto/setembro). Em 94, 36% do ICMS para o ensino de 1.º a 2.º grau	Reposição a cada mês metade das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe. No mesmo, 13% se não ela decorrente e 13,76% se não entre janeiro e março. Defender na Assembléia 36% do ICMS para 1.º e 2.º grau em 94
■ Segunda a Apeoesp: a greve atinge, em média, 70% das escolas na sexta-feira, dia 8	■ Segundo o governo: 50% da rede da SP e 60% no interior tiveram greve total ou parcial no dia 13
■ Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	■ Quem são: 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 4.500 diretores de escola
■ Reuniões: 6 até	■ Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
■ Horas: 53	■ Alunos: 6,3 milhões

*Segundo as datas e pagamentos das três entidades (Apeoesp, Apase e Udemo) organizadoras do movimento

Justiça deve avaliar quem é o responsável

Da Reportagem Local

De quem é a culpa pela greve? Essa questão entra oficialmente na pauta da Justiça esta semana. O governo irá, desde sexta-feira, uma ação civil pública na 8ª Vara da Fazenda Pública da Capital responsabilizando as entidades que lideram o movimento (Apeoesp, dos professores; Apase, dos supervisores; e Udemo, dos diretores).

Hoje à noite, pais de alunos se reúnem na Escola Estadual Zalécia de Barros (rua Nove de Julho, 1.000) para juntar dados para a ação que vão mover contra o governo. Se, por um lado, a Constituição obriga o governo a dar educação à criança de 7 a 14 anos, por outro, ainda não foi regulamentado o seu artigo que garante ao funcionalismo público o direito de greve.

Para o chefe de gabinete da Procuradoria Geral do Estado —que entrou com a ação contra os grevistas—, Alberto Henrique Bonsel, "a greve é ilegal e o Estado pretende a ação para responsabilizar os sindicatos". Diz o teor da ação: "Os interesses de uma categoria atingem os interesses da sociedade". E continua: "A greve violou os direitos essenciais da cidadania, todo o restante baniu ação".

A ação, no caso, seria uma multa cobrada aos três sindicatos para pagar os prejuízos causados.

Já o advogado Fabio Feldmann, coordenador do Conselho de Defesa do IIAB SP, que está trabalhando gratuitamente no caso, afirma que "o quadro é de um dano evidente causado aos pais e alunos". Ele aguarda a reunião de hoje de pais para avaliar os danos causados e formular uma ação contra o governo. FHC

Atas, Editais e Avisos

Sindicato dos Trabalhadores no Sistema de Operação, Fiscalização, Planejamento Viário e Urbano.
EDITAL DE CONVOCAÇÃO
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO
CENTRO DE SUPRIMENTO E MANUTENÇÃO DE MATERIAL DE TELECOMUNICAÇÕES

URBANIZADORA MUNICIPAL S.A. - URBAM - C.G.C. Nº 46.693.771/0001-17 - A Comissão Permanente de Licitações, faz público que encontra-se aberta tem que se abrir na Rua Rio Edwards, nº 100 - Vila Industrial em São José dos Campos/SP, a licitação abaixo descrita: Tomada de Preços nº 010/93 - Escritar o melhor programador para concessão de forma vendedor para serviços de limpeza. O local competirá aquilo em simpatia da URBAM, até o dia anterior à abertura dos envelopes, que se dará no dia 05 de novembro às 10:00 horas. Maeda Shikara - Diretor Presidente

GOVERNO DE SÃO PAULO
CONSTRUINDO UM FUTURO MELHOR

EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº: 229/93

Acha-se aberta na Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo, CONCORRÊNCIA Nº 229/93 - Processo Nº 637/93, para aquisição de Soro anti-CD, embalado em frasco de vidro com até 10 ml.
O edital na íntegra poderá ser adquirido até o dia 22/11/93 no Deptº de Licitações, à Av. Angélica Nº 2261 - 1º andar Higienópolis - São Paulo/SP, mediante entrega de 2º via do recibo de pagamento no valor CR$ 685,63 (seiscentos e oitenta e cinco cruzeiros reais e sessenta e três centavos) pagável na Tesouraria desta Fundação.
O recebimento dos envelopes ocorrerá dia 23/11/93 às 14:00 horas., no endereço acima, sala de Licitações - 1º andar.
Maiores informações pelo fone 258.0022 - Ramal 273/274.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE — PRÓ-SANGUE

GOVERNO DE SÃO PAULO
CONSTRUINDO UM FUTURO MELHOR

EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº: 276/93

Acha-se aberta na Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo, CONCORRÊNCIA Nº 276/93 - Processo Nº 967/93, para aquisição de Kit para determinação dos níveis séricos da proteína Beta2 - microglobulina (B2M), pelo método Radioimunoensaio (RIA).
O edital na íntegra poderá adquirido até o dia 22/11/93 no Deptº de Licitações, à Av. Angélica Nº 2261 - 1º andar Higienópolis - São Paulo/SP, mediante entrega da 2º via do recibo de pagamento no valor CR$ 685,63 (seiscentos e oitenta e cinco cruzeiros reais e sessenta e três centavos) pagável na Tesouraria desta Fundação. O recebimento dos envelopes ocorrerá dia 23/11/93 às 09:00 horas, no endereço acima, sala de Licit ações - 1º andar. Maiores informações pelo fone 258.0022 - Ra nal 273/274.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE — PRÓ-SANGUE

GOVERNO DE SÃO PAULO
CONSTRUINDO UM FUTURO MELHOR

EDITAL DE CONCORRÊNCIA Nº: 296/93

Acha-se aberta na Fundação Pró-Sangue Hemocentro de São Paulo, CONCORRÊNCIA Nº 296/93 - Processo Nº 1337/93, para aquisição de Tubo à vácuo, medindo aproximadamente 13 X 100, transparente, liso, incolor, com anticoagulante EDTA.
O edital na íntegra poderá ser adquirido até o dia 22/11/93 no Deptº de Licitações, à Av. Angélica Nº 2261 - 1º andar Higienópolis - São Paulo/SP, mediante entrega da 2º via do recibo de pagamento no valor CR$ 685,63 (seiscentos e sessenta e seis cruzeiros reais e quatro centavos) pagável na Tesouraria desta Fundação.
O recebimento dos envelopes ocorrerá dia 23/11/93 às 11:00 horas., no endereço acima, sala de Licitações - 1º andar.
Maiores informações pelo fone 258.0022 - Ramal 273/274.

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE — PRÓ-SANGUE

TINTAS GLOBAL S.A.
C.G.C. nº 67.463.004/0001-00
ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

COORDENADORIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ABANDONO DE EMPREGO

DECLARAÇÃO À PRAÇA

NEBRASKA PAPÉIS INDUSTRIAIS Ltda. torna público que requereu da CETESB a licença de instalação, para a fabricação de rebites, sito à Rua Xavier Curado, 388, Ipiranga - São Paulo.
São Paulo, 19 de outubro de 1993.

DECLARAÇÃO À PRAÇA
NOTÁRIO PEDRO BARTOS

IPE
ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA
CONVOCAÇÃO

INSTITUTO DE RESSEGUROS DO BRASIL
AVISO DE LICITAÇÃO
LEI 8666/93 DE 21.06.93
TOMADA DE PREÇOS 198 Nº 040/93
OBJETO: Contratação de Firma de Prestação de Serviços de Telefonista e Recepcionista
DATA/HORA: 10/11/93 às 11:00 hs.
LOCAL: R. Manoel da Nóbrega, 1280 1º andar Jd. Paulista São Paulo - SP
CADASTRAMENTO: Até o dia 03/11/93 as 16 hs. A entrega do Edital e demais esclarecimentos pelos telefones 289-0033 ramal 251 Rua Manoel da Nóbrega, 1280 - 6º andar - Jd. Paulista - São Paulo SP tel 885 2011 ramal 251
São Paulo, 14 de outubro de 1993
COMISSÃO DE LICITAÇÃO

GOVERNO DE SÃO PAULO
CONSTRUINDO UM FUTURO MELHOR

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO
EDITAL DE CONCORRÊNCIA

PRESCTER & GAMBLE DO BRASIL S/A - CGC/INF Nº 58.474.770/0001-06.
CONVOCAÇÃO - ASSEMBLÉIA GERAL EXTRAORDINÁRIA.

HOSPITAL MUNICIPAL

CEI recebe prontuários com cinco dias de atraso

Prazo para conclusão do relatório se encerra na sexta

Free-lance para a Folha

A Câmara de Santo André recebeu ontem, dez dias depois da decisão judicial que estabeleceu o prazo de entrega para quarta-feira passada, os prontuários dos pacientes do hospital municipal que contraíram infecção hospitalar. Os documentos deverão ser incorporados à CEI (Comissão Especial de Inquérito) que apura as responsabilidades sobre o surto de infecção que atingiu o hospital este ano.

Por causa do atraso na chegada da documentação, os vereadores Vanderlei Siraque (PT) e Astrogildo de Souza (PMDB) entraram hoje com um pedido de prorrogação de prazo para a comissão (*leia texto nesta página*).

Se não for prorrogada, a CEI deverá terminar nesta sexta-feira, menos de uma semana após receber parte da documentação necessária para as conclusões finais. Siraque, que é presidente da comissão, afirmou que com as informações já disponíveis é possível fazer um relatório, mas ele não será tão completo. "Seria necessária uma perícia nos prontuários", disse.

A vereadora Marly Cannavarosso (PSDB), também integrante da CEI, disse que os prontuários são essenciais. "Com esses documentos, teremos os nomes dos médicos que cuidaram dos pacientes e poderemos convocá-los para depor. Assim, descobriremos se a infecção foi a causa de morte daqueles pacientes contaminados", afirmou.

A entrega dos prontuários deveria ter acontecido na última quarta-feira. O oficial de Justiça encontrou dificuldades para lidar com a documentação e, por esse motivo, o procedimento foi atrasado.



Entrada do Pronto-Socorro Municipal de Santo André

Vereador pede prorrogação

Free-lance para a Folha

Dois vereadores vão solicitar hoje a prorrogação do prazo para a CEI sobre o hospital municipal. Vanderlei Siraque (PT) e Astrogildo de Souza (PMDB) alegarão o mesmo motivo em seu pedido — o atraso na entrega dos prontuários dos pacientes. Os dois vereadores são integrantes da comissão.

A CEI apura as responsabilidades sobre o surto de infecção hospitalar, causado pela bactéria *Pseudomonas sp*, que matou pelo menos seis pessoas e contaminou outras 15 entre os meses de maio e junho deste ano no Hospital Municipal de Santo André. Além da comissão, existe um inquérito na delegacia seccional da cidade para apurar se os pacientes morreram com infecção ou por causa dela.

Souza afirmou que a bancada governista não é favorável à ampliação do prazo da comissão. "Eu entendo que são necessários mais dias para a conclusão dos trabalhos", disse. Souza também pertence à bancada de sustentação do prefeito Newton Brandão (PTB).

Outra integrante da CEI, a vereadora Marly Cannavarosso (PSDB), disse ser favorável à ampliação do prazo para as investigações. "Eu pretendo votar a favor, vamos ver o restante do plenário", disse.

Estudantes de S. Bernardo formam comissão de apoio a professores

Free-lance para a Folha

Estudantes de São Bernardo formaram uma comissão para acompanhar a greve dos professores, que completa hoje 63 dias. Munidos de faixas e cartazes, eles participam das assembléias, atos públicos e atividades de arrecadação de fundos e alimentos do comando de greve.

Segundo o diretor da Umes (União Municipal dos Estudantes Secundaristas), José Antonio Cher Nunes, 18, cerca de 20 diretores e ativistas participam de todas as atividades dos grevistas. "Entendemos que a greve, além de reivindicar salários justos, é em defesa da educação e do ensino público de qualidade. E esses são os principais pontos de luta da Umes", afirmou Nunes.

Ele afirmou que não gostaria de perder o ano, mas isso não é o fundamental. "Nós que participamos do movimento pensamos que às vezes é preciso sacrificar uma coisa por outra melhor. Queremos aulas com qualidade. O que adianta continuarmos com as aulas que estivemos tendo?", disse.

Em Diadema, pais e alunos participam amanhã de vigília na Secretaria de Educação, em São Paulo, a partir das 10h. Eles vieram da praça da Moça, no centro, às 9h15. Os pais de alunos do bairro Promissão conseguiram um ônibus com a prefeitura para o transporte.

Pais de alunos das escolas estaduais do Santo André estão preparando faxs para ser enviado ao Ministério da Educação e ao presidente Itamar Franco protestando contra o descaso do governo em relação à greve dos professores. Segundo Damiana Brito Penin, mãe de aluno e coordenadora das manifestações de pais, o fax pedirá intervenção do governo federal na resolução da greve.

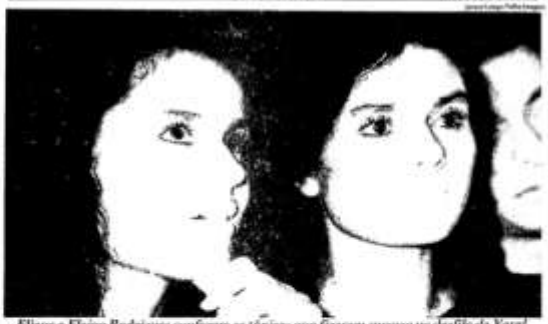
Segundo a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), a região tem cerca de 15 mil professores. De acordo com o sindicato, a paralisação atinge entre 60% e 80% das escolas da região. A Secretaria de Educação não tem levantamento sobre a adesão à greve no ABCD.



Estudantes com faixa de protesto na Apeoesp de S. Bernardo

SOCIAL

Laura Muller



Eliane e Elaine Rodrigues conferem as fêmeas que fizeram sucesso no desfile da Varal, que aconteceu na semana passada, na doceteria Twist's, que fica em São Caetano

Picanha

Vai ser na quinta-feira o jantar em homenagem ao Dia do Engenheiro Agrônomo, que é comemorado em 12 de outubro.

Os quitutes serão servidos na churrascaria Pinheirão, em São Bernardo, para uma lista de convidados pra lá de vips, escalocado pelo ex-ministro da Agricultura Barros Munhoz.

Sapatilha

Joyce Kennas é quem assumiu na primeira secretaria na Sese, em São Caetano.

Missão de sua posteridade para recheiar o workshop sobre jazz, que vai de graça para os dançantes de plantão.

Etique

A descolada André Nacif abre a loja Zegna, hoje, em Aparecida.

E leva abecedeiros para conferir o tarugo que vai marcar a estréia de rodeio.



Patrícia Escudeiro e César Rossi fazem um relax durante o desfile da butique Varal, realizado em São Caetano



Ana Paula Nasci faz um relax durante a apresentação de manequins que tomou conta da pista da Twist's, na semana passada, em desfile preparado por Luiz Bêber

Avenidas ficam sem iluminação em S. Bernardo até o fim do mês

Free-lance para a Folha

As avenidas Faria Lima e Lucas Nogueira Garcez, na região central de São Bernardo, estão com iluminação deficiente. Cerca de 800 metros da Faria Lima, entre os números 800 e 1.600, e parte da Lucas Nogueira Garcez estão sem luz. O problema deve continuar pelo menos até o fim do mês.

Segundo a Prefeitura de São Bernardo, as falhas na iluminação são causadas pelos roubos. Júlio César Borges, 36, diretor-técnico da EMTU (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos), que gerencia os trólebus, afirmou que o sistema de iluminação das duas avenidas será totalmente trocado.

"A Eletropaulo já iniciou a instalação da nova iluminação, com instalação de 1.664 luminárias nos 20 km de linhas de trólebus em São Bernardo e Santo André. O prazo dado para a reformulação de toda a iluminação é até dezembro. A iluminação da Faria Lima e Lucas Nogueira Garcez deve estar pronta até o fim do mês", afirmou.

Segundo Borges, para conseguir o sistema de iluminação atual seria gasto o mesmo tempo que levará a implantação do novo sistema.

Prefeito de Mauá pretende extinguir setor de habitação

Free-lance para a Folha

O prefeito de Mauá, José Carlos Grecco (PMDB), convive projeto de lei de extinção da Hadeca (Habitação e Desenvolvimento de Mauá) à Câmara na última sexta-feira. Segundo o presidente da Câmara, Clóvis Volpi (PSDB), os vereadores devem aprovar a extinção da Hadeca dentro de uns mês. A autarquia foi criada em 89 para cumprir a função de departamento de habitação. Não deverá haver dispensa de funcionários.

Segundo a assessoria de comunicação da prefeitura, a autarquia foi criada para resolver problemas de habitação da cidade e não cumpriu seu papel. Além disso, foi criada em março a Secretaria de Habitação, o que dispensa a existência de uma autarquia com a mesma função.

Desde o início do ano, a Hadeca estava sendo dirigida pelo secretário de Habitação, Oswaldo Coddo, que apóia sua extinção. "O secretário realizou estudos que comprovaram a inviabilidade de funcionamento da autarquia", afirmou o assessor da secretaria Luiz Augusto de Almeida.

Segundo o presidente da Câmara, Clóvis Volpi (PMDB), 45, a extinção deve ser aprovada

MORTES

Comunicações publicadas neste jornal (horizontais e colunas de 11 dia) são gratuitas, podendo ser transmitidas por telefone à redação da Folha ABCD sp — (011) 224-4155, 224-4171, 224-4121, 224-4145, 224-4127, 224-4147, 224-4171 com qualquer horário.

St. André

ESTEVAM CHARNEL 81 Desgraçado. Deus filhos Cemitério jardim da Colina. ALBERTINO JOSÉ DA SILVA, 77. Cemitério com Translado da Folha - Dores filhos. Cemitério 913 do Carmo. MANOEL ANIME SOARES FILHO. 11 Filho do Pilgrim Anne Soares e Cícero Regino Soares. Cemitério Vila Vitória, Mauá.

folha abcd sp

Redação: al. Barão de Limeira, 425, 3º andar - São Paulo - SP -CEP 01202. Telefones: 224-4107 — 224-4117 — 224-4127 — 224-4147. Fax: (SP) 224-4139. Telex: 1122950, 1124030, 1121793, 1122822. **Publicidade:** 224-4186 — 224-4187. Fax (011) 221-2077. **Circulação:** 224-4106. Fax: 224-4556.

Este número circulou junto da edição da **Folha** nas seguintes cidades: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra

CAIPILONA APRESENTA:
SULA MIRANDA
SEXTA ESPECIAL
22/OUTUBRO
22:00 H
ÚNICA APRESENTAÇÃO NO ABC
Av. Pereira Barreto, 1533
(Em frente ao Eldorado ABC em S.B.C.)
Informações e Reservas: 443-5151
PATROCÍNIO: primeiramão LORD jeans original
INGRESSOS ANTECIPADOS A VENDA NO LOCAL



Apanhadores de laranja de Araraquara iniciam greve

CARLOS CORRÊA
Correspondente em Araraquara

Os apanhadores de laranja da região de Araraquara entraram em greve ontem por tempo indeterminado. De acordo com a Feraesp (Federação dos Empregados Rurais Assalariados do Estado de São Paulo), 80% dos 20 mil apanhadores da região estão parados. Eles reivindicam que o preço pago pela caixa de laranja colhida passe de CR$ 9.000 para CR$ 20.000, retroativo ao último dia 1º.

De acordo com a Abrassucos (Associação Brasileira das Indústrias de Sucos Cítricos), a greve atinge menos de 2% dos trabalhadores. As indústrias, segundo a entidade dos apanhadores, estão oferecendo CR$ 17.000, a partir do dia 1 de novembro. A Abrassucos não confirmou a proposta, apesar de o presidente Sérgio Teixeira Mendes, 55, dizer ter ouvido a oferta "oficiosamente".

Mesmo assim, segundo o presidente da Feraesp, Elio Neves, 34, a proposta não se equipara à política salarial do governo, que concede reajustes da inflação do mês, menos 10%.

Segundo a federação, um apanhador de laranja tem um salário fixo de CR$ 12 mil por mês e colhe, em média, 60 caixas de laranja por dia. O trabalhador recebe um salário médio de CR$ 25 mil mensais.

Neves disse que a greve tem adesão dos apanhadores de Araraquara, Rincão, Taquaritinga, Matão, Américo Brasiliense, Ibitinga, Tabatinga, Boa Esperança do Sul e Dobrada. A Abrassucos não confirmou o número de trabalhadores.

Segundo o presidente da Abrassucos, que tem sede em São Paulo, o movimento dos apanhadores de laranja é "precipitado". "Já acertamos uma reunião para discussão de um aumento amanhã", disse.

O advogado que faz a negociação entre fazendeiros e os sindicatos, Mauricio de Campos Veiga, 43, disse que os trabalhadores sempre aproveitam as datas próximas ao acerto quadrienal para iniciar uma greve. Ele disse que uma reunião vai ser feita em São Paulo para discutir o acerto, que vai ser feito no próximo dia 1º.

RAIO X DA GREVE

- **Categoria:** 20 mil
- **Cidades:** Araraquara, Américo Brasiliense, Rincão, Itápolis, Tabatinga, Matão, Boa Esperança do Sul e Dobrada
- **Adesão:** 80%, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais
- **Reivindicação:** CR$ 20.000 por caixa de laranja colhida a partir do 1º de outubro
- **Contraproposta:** CR$ 17.000 por caixa a partir de 1º de novembro

SOCIAL



A atriz Daniela Molina arrasta os fanáticos e observa os detalhes das últimas novidades em couro de França

Sashimi

Ao sexta-feira, Sérgio Henrique de Souza vende o aventai e convida os Sesac de Barretos como prováveis delícias da culinária chinesa e japonesa.

Ofício

Nos últimos dias, Ivo Elaboque Junior passa as horas vadias nos espetáculos da Mostra de Teatro de Araraquara. O evento leva a assinatura da Fundart, presidida por Ivo.

Pinceis

Ana Maria Figueiredo prepara suas uma exposição. A partir de amanhã as telas de Nívea Martins recheiam as paredes do Espaço Cultural Eduardo Figueiredo.

Canarinho

Jane Dubra é a convidada do Música na UniverCidade, quarta-feira em São Carlos. A noite anda sem vinhos no Teatro Municipal.

Oficio

Sérgio Coelho, um dos primeiros a estudar a restauração do Teatro Pedro 2º de Ribeirão Preto, studou seu escritório de arquitetura para a avenida Itatiaia, na execução do Sustenid.

FM

Tem novidade também no rádio. Luis e Pedro Julião de Camargo assumiram a direção da nova Universal FM, rádio de alcance regional que já pode ser sintonizada no 106,7.

Telinha

Esta semana começou com um avalanche de novos programas nas TVs da região. Os novos televisivos são o deputado Lalo Oliveira —com seu programa de auditório na Clube—, mais Erica Andrade e Pit Meisnberg, cada uma com um programa na SBT.

Microfone

Pires Sabino dá um tempo a seus afazeres na secretaria de Negócios Jurídicos para dar uma palestra assunto na ACI sobre revisão constitucional.

Logo depois, o deputado Marcelino Romano Machado e os tributaristas Brasil Salomão e Antônio Carlos Beolo participam do debate.

Marcelino já deixou escapar que defende o fim de estabilidade para novos funcionários públicos.

Parceria

José Antunes Rodrigues, diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, abre amanhã as portas do suntuoso prédio da USP para mostra do artista plástico Delly Marques.

Enquanto isso, sua colega de campus Zilda Maria Mousinho, diretora da Faculdade de Odontologia, comanda a abertura do 15º Jornada Odontológica de Ribeirão Preto. O evento congrega profissionais de vários Estados brasileiros e de outros países.

Casal 20

Nicete Bruno e Paulo Goulart aventuram data para o apresentação de "Ui" no Teatro Municipal de São Carlos. Para alegria dos aficcionados, o casal sobe ao palco já no próximo domingo.



Ana Maria Balieiro concentra toda sua atenção nos mais quentes lançamentos da moda, na capital do calçado

Fleury analisa proposta feita pelos professores

Free-lance para a **Folha**

Os professores da rede estadual de ensino, em greve há 62 dias, esperam receber hoje o parecer do governador Luiz Antônio Fleury Filho (PMDB) sobre a proposta apresentada na última dia 15 de outubro em assembléia realizada em São Paulo.

Segundo o presidente da Udemo (Sindicato dos Diretores de Escolas Estaduais) de Rib. Preto, Walter Colombini, o líder do PMDB no Estado, Uebe Rezek, concordou com as reivindicações da categoria e compromete-se a entregá-las pessoalmente ao governador, que deve chegar hoje dos Estados Unidos.

A proposta do governo, apresentada por Rezek, define o reajuste de 15% (anteriormente oferecido por Fleury) mais 10,25%, que corresponderia a duas referências do salário de ingressário. Somados os índices, em outubro os professores terão um reajuste acumulado de 27%.

Para os meses de novembro e dezembro, o governo propõe aumento de 45% sobre a variação do ICMS do Estado (cerca de 18%) e reajustes as duas referências do mês anterior. Isto equivale a 30% de reajuste em cada mês. Segundo Colombini, as diretorias e entidades aceitaram a proposta, que inclui também a reposição dos dias parados.

Na próxima quinta-feira os professores vão se reunir na Assembléia Legislativa para definirem se a greve continua. "De qualquer forma não podemos mais terminar o ano letivo em 93. Ainda que a greve acabasse hoje, as aulas devem prosseguir até o dia 10 de janeiro", diz Colombini.





O operário Jailson Santos na frente da escola de eletricista

Canteiro de obras abre curso de alfabetização

Free-lance para a **Folha**

O Sinduscon (Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de São Paulo), em parceria com a Secretaria da Habitação e o Senai (Serviço Nacional da Indústria), inaugurarão ontem em Ribeirão o projeto Canteiro-Escola, que vai alfabetizar e qualificar os operários nos canteiros de obras.

Além da alfabetização, a escola vai ter cursos de eletricista, pintor, carpinteiro e ferreiro, entre outros. Cada turma terá no máximo 12 alunos.

Segundo o diretor regional do Sinduscon, Paulo Tadeu Rivalta de Barros, 44, o sindicato firmou um contrato com as construtoras para que dispensem uma hora para que trabalhadores que se inscreveram nos cursos, que até ontem eram 48.

Luciano Leal Campos, 20, é servente de pedreiro nas obras do CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano). Ele chegou da Bahia há seis meses e está inscrito no curso de pintor e eletricista da escola. "É um projeto muito importante", disse.

Escola de São Carlos dá cursinho gratuito

Free-lance para a **Folha**

O Centro La Salle, de São Carlos, está oferecendo aulas gratuitas aos estudantes que pretendem fazer vestibular no final desse ano.

Segundo Mônica Ruggiero, 24, uma das coordenadoras do curso, o projeto funciona há uma semana e vai até o início dos vestibulares, em dezembro. "Esta é uma forma que encontramos para contribuir com a formação dos alunos no momento em que ele mais precisa", afirma.

As aulas são ministradas de manhã e à noite e já estão inscritos 60 alunos, a maioria da rede pública.

Um estudante que preferiu não se identificar, aluno da escola pública Álvaro Guião, disse já ter feito simulado no La Salle. "Isso é ótimo, porque com a greve dos professores estamos perdendo muitas matérias que vão cair no vestibular", afirma.

CARTAS

Afogado

"Meu filho Nagi de Paula morreu no último dia 12 vítima de afogamento no Clube Vale do Sol. Sinto-me na obrigação de esclarecer os fatos que provocaram a morte. Chegamos ao clube na última terça-feira e encontramos o local fechado. Soubemos depois há mais de quatro anos e não recebemos nenhum recado nem vimos nenhum cartaz informando que o clube estaria fechado. Não houve qualquer tentativa, tanto que os pedaços de polícia que estiveram lá só apareceram porque receberam um alerta que um funcionário estaria sendo agredido. Quando chegamos ao clube, vimos que havia realmente pessoas conversando do lado de fora. O funcionário não sofreu qualquer agressão. Como disse então que houve invasão? Fomos informados no local que o clube não abriria e ficamos esperando uma família de amigos que nos encontraria lá. Eles, que não são associados, pagaram CR$ 700,00 para entrar. Luiz Carlos Ferreira, Zilda Pereira Ferreira e Zilmara Dias Pereira foram os amigos que pagaram para entrar e depois ajudaram a socorrer meu filho. Resumindo, a partir do momento que liberamos o clube, eles deviam ter advisado ao grupo de funcionários. E um absurdo manter o local com apenas um funcionário. Houve negligência de segurança e de direção."

José Carlos Pereira, pai de Nagi de Paula, que morreu afogado, é auxiliar de rede da Cesorp.

MORTES

Bonfim paulista

MARIO SIMÕES - Aos 67, casado com Amélia Simões Carneiro. Velório: Matriz.

Matão

COSMO DOMINGOS RIGONHA - Aos 93, casado com Pierina Rizetto. Deixa 10 filhos. Cemitério Municipal.

Ribeirão Preto

CONCEIÇÃO DA SILVA GARCIA - Aos 73, casada com Claudio Quadros Garcia. Deixa 6 filhos. Cemitério Ana Paiser.

MARIO SIQUEIRETO - Aos 71, casado com Pia Siqueireto. Deixa 4 filhos e netos. Cemitério da Saudade.

Sertãozinho

VICTORIO BONATO - Aos 77, viúvo de Catarina Perri Bonato. Deixa 4 filhos. Cemitério Municipal.

folha nordeste

Redação e Publicidade: Rua Marechal Floriano, 788, Sumaré, Ribeirão Preto, CEP 14.025-010. Redação/Telefone: (016) 623-2294, FAX: (016) 623-2175. Publicidade: (016) 623-9900. Circulação e Assinaturas/Atendimento ao Assinante/Telefone: 623-9900.

Juíza responsabiliza Estado por greve

Paralisação de professores da rede estadual completa 64 dias; Justiça indeferiu ação movida contra sindicatos

Grupo de pais vai à Justiça

Da Reportagem Local

A 7ª Vara da Fazenda Pública do Estado começou a julgar ontem o pedido de liminar de um grupo de pais, representando cerca de 500 alunos do Colégio Bezerra Brasileiro em Perdizes (zona oeste), contra a assinatura dos contratos de matrícula. O contrato fixa um preço para a anuidade escolar que é dividido em 12 parcelas reajustadas mensalmente pela inflação. O preço médio da anuidade no colégio é CR$ 5,20 mil.

Os pais querem que as leis nº 8.170 e nº 8.178 regulem o preço das mensalidades. As leis determinam reajuste duas vezes ao ano, em março e agosto, pelo reajuste salarial dos professores, mais INPC acumulado. Se perder na Justiça, o colégio deve aceitar a matrícula dos alunos e recorrer da decisão, disse o tesoureiro Eufrásio Manoel da Cruz. O mesmo grupo de pais questionou na Justiça no ano passado os contratos já assinados e pagos as mensalidades em julho.

O vice-presidente do Sieeesp (Sindicato dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de São Paulo), Sérgio Arouel, afirmou que o procedimento do Bezerra Brasileiro está dentro da lei. Segundo ele, os contratos estabelecem a proposta educacional e seus custos, e foram apresentados 45 dias antes do início da matrícula.



Adriana Belarmino dá palestra a bibliotecários na Folha

Folha realiza oficina sobre arquivo de jornal

Evento faz parte de projeto educacional

Da Reportagem Local

O Projeto Folha Educação realizou ontem no auditório do prédio da Folha a terceira oficina "Organização e Função da Hemeroteca Dentro da Escola" com bibliotecários das 180 escolas de São Paulo que participam do programa.

O objetivo é incentivar a criação de hemerotecas —arquivos de jornais e outros periódicos— nas bibliotecas escolares. As atividades foram coordenadas por Adriana Belarmino, 29, formada em Biblioteconomia pela USP, com especialização em arquivo pelo Instituto de Estudos Brasileiros.

Em três horas, os bibliotecários puderam trocar experiências e aprenderam a montar a ficha padrão para hemeroteca. Segundo a coordenadora do Folha Educação, Flávia Andar, 30, foram respondidas três perguntas: o que, como e por que arquivar. Ela afirmou que o jornal é uma fonte atualizada e ágil para a pesquisa escolar, além de mostrar que o conhecimento é dinâmico, através da comparação da evolução dos fatos dia-a-dia.

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

O governo é responsável pela greve no ensino de São Paulo, considerou a juíza Teresa Cristina Motta Ramos Marques, da 8ª Vara da Fazenda Pública da Capital. Marques não aceitou (indeferiu) a ação movida na sexta-feira pela Procuradoria Geral do Estado contra os sindicatos que lideram o movimento (Apeoesp, dos professores, Udemo, dos diretores, e Apase, dos supervisores).

Segundo a juíza, "o único responsável pessoas particulares (pais e alunos) pela suspensão do ensino na rede pública estadual é o próprio Estado de São Paulo". A justificativa para indeferir a ação é que, como responsável, o governo não poderia mover a ação.

Ontem à tarde, foi colocada uma proposta que pode pôr fim ao movimento ainda esta semana. O líder do PMDB na Assembléia, Ulebe Bezerra, 64, disse que hoje à tarde deverá "ter alguma novidade". Segundo ele, a proposta em discussão com o governo tem três pontos principais: 1) pagamento parcelado da reposição de perdas (ou seja, não concordar em dar parados dos salários); 2) reposição integral do valor do salário a cada quatro meses (o governo vem propondo reposição octorenal); 3) reajuste salarial, de oito em dezembro, em torno de 60% do somente na arrecadação do ICMS (a proposta era de 45% deve aumentar, o que daria cerca de 16% por mês neste trimestre).

Segundo o governo, a greve —parcial ou total— atingiu 41% da rede da Grande São Paulo e 53% do interior. Uma vigília de professores na praça da República (região central de São Paulo) juntou, na madrugada, 200 pessoas.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro 126% a mais de reajuste que os 139% concedidos em agosto/setembro Em 94, 58% do ICMS para o ensino de 1.º e 2.º grau	Reposição a cada um meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe No mínimo, 15% ao mês até dezembro e 15,76% ao mês entre janeiro e março Defender na Assembléia 30% do ICMS para 1.º e 2.º grau, em 94
● Segundo o Apeoesp: a greve atinge, em média, 70% dos alunos no vasto Rio, 8	● Segundo o governo: 50% da rede de SP e 60% do interior estão em greve total ou parcial no dia 13
● Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quem são: 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 5.500 diretores de escola
	● Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 3 de setembro (Udemo)
● Escolas: 6.682	● Alunos: 6,5 milhões

*Apeoesp não aceita o pagamento nos dias parados dependendo das negociações

Sete países discutem política ambiental para região amazônica

Da Agência Folha, em Manaus

Deputados, senadores e executivos dos governos e entidades não-governamentais da Alemanha, Brasil, Colômbia, Peru, Venezuela, Bolívia e Equador iniciaram ontem reunião em Manaus (AM) para formação de uma política ambiental para os países da Amazônia. A reunião, com final prevista para amanhã, é promovida pela Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung, vinculada ao Partido Democrático Cristão da Alemanha, Associação das Universidades Amazônicas e pelo Instituto Brasileiro de Direito e Política Ambiental.

O diretor da Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung, Helmuth Wiesbrugger, disse ontem que na reunião está sendo discutida a possibilidade de assessorar a participação do setor privado e da população na formação da política ambiental em defesa da floresta tropical. Ele afirmou que o governo alemão tem grande interesse na floresta tropical.

Segundo Wiesbrugger, o chanceler alemão Helmuth Kohl pretende vir ao Brasil em 1994. US$ 90 milhões para aplicação em projetos de proteção à floresta tropical, mas até agora "só chegaram ao Brasil 60%" dos recursos prometidos. O restante está sendo discutido pelo parlamento.

Morador incendeia casa de pai-de-santo em AL

Os pais-de-santo Durval dos Santos e "Carlinhos", acusados de matar o menino Edealdo Lopes, 8, em um ritual de magia, tiveram ontem incendiadas suas casas em Murici (AL). Cerca de 3.000 pessoas foram ao DP onde estão presos para linchá-los. Foram impedidos pela polícia.

Anchieta-Imigrantes tem 7 acidentes e uma morte

A neblina e o tempo ruim provocaram sete acidentes antem no sistema Anchieta-Imigrantes, em São Paulo. Os choques, que envolveram 39 veículos, causaram a morte de uma pessoa. Os pedágios das rodovias ficaram bloqueados durante 80 minutos.

Mulher de Cid Moreira é herdeira de bairro no RS

A mulher do apresentador da Rede Globo Cid Moreira, a gaúcha Maria Urisene Nasatitzyk Moreira, foi reconhecida pela Justiça da cidade de São Gabriel, no Estado do Rio Grande do Sul, como herdeira de um bairro inteiro do município.

Ex-mulher sequestra e rouba comerciante

O comerciante José Alves Fernandes, 40, sequestrado anteontem em Pedro (SP), por sua ex-companheira, Zélia Moura da Silva, 33, e três jovens armados foi localizado pela polícia às 2h de ontem. Ele foi encontrado amarrado na casa de Zélia, na zona leste. Ela foi autuada em flagrante.

Secretaria confirma caso de cólera em Limeira

A Secretaria de Saúde de Limeira (SP) divulgou ontem a confirmação do primeiro caso de cólera na cidade. O caso foi confirmado no sábado, por meio de um exame feito pelo Instituto Adolfo Lutz, de Campinas. O secretário de saúde Fausto Antonio de Paula, 46, descartou o risco de epidemia.

Motoristas protestam contra assassinato

Um grupo de 400 motoristas e cobradores de ônibus de São Bernardo realizou ontem uma carreata com 40 ônibus em protesto pela morte do cobrador Nivaldo Alves de Alvarenga, 33. Ele foi assassinado anteontem durante um assalto na cidade.



EDUCAÇÃO

Ika Fleury afirma que também faria greve

Professores da rede estadual protestaram durante visita da mulher do governador a Rio Preto ontem

Movimento perde adesão

Free-lance para a Folha

A greve dos professores da rede estadual completa hoje 04 dias. Os números da paralisação variam em Rio Preto, segundo as delegacias de ensino. Para a Apeoesp, a queda foi pequena em relação à semana passada. A paralisação atinge atualmente 55% de categoria.

Pela listagem da 1ª Delegacia de Ensino, que abrange 33 escolas, cerca de 50% dos professores estão paralisados e somente escola está funcionando totalmente.

Para a 2ª Delegacia de Ensino, a queda foi maior. Das 37 escolas da sua área de abrangência, 15 estão funcionando normalmente e 22 parcialmente. Apenas 19% dos professores estão paralisados.



A primeira-dama Ika Fleury durante reunião com professores estaduais da região de Rio Preto

GUTO ROCHA
Free-lance para a Folha

A mulher do governador Luiz Antonio Fleury Filho, Ika Fleury, disse ontem em Rio Preto que, se fosse professora, também estaria em greve. Ela veio a Rio Preto para fazer a abertura de um curso sobre prevenção de drogas.

Professores da rede estadual de ensino fizeram um protesto durante a abertura do curso, realizado no Sesc. Os grevistas levaram cartazes e faixas de protesto contra a política salarial do governo.

Após o discurso de abertura feito por Ika Fleury, um grupo de professores levantou cartazes e as faixas. Os manifestantes gritaram "educação também é prevenção".

Ika disse que não esperava uma manifestação dos professores durante o evento. "Eu já havia prometido que receberia uma comissão de professores para uma reunião particular e estou retardo para que governo e professores entrem em acordo."

Depois do encerrar seu discurso, Ika Fleury recebeu uma comissão de professores numa reunião fechada. Ao final, disse que "o governador gostaria de pegar bem a todos os seus funcionários", mas "a questão é que houve uma queda na arrecadação do ICMS e o país enfrenta sua pior crise".

Ika afirmou que se fosse professora também teria entrado em greve. "Teria paralisado e já teria recorrido ao trabalho, porque o governo já fez quatro propostas e mostrou que não tem dinheiro para atender as reivindicações dos professores."

Maureen Leão Cury, 49, membro da executiva da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), disse que a reunião foi nada satisfatória. "As duas partes puderam expor suas posições."

A estudante Isabela Del Fiore, 10, entregou um bilhete para Ika pedindo uma solução para a greve. A primeira-dama do Estado respondeu dizendo que o governador não tem como atender o pedido dos professores.

Orçamento de Rio Preto deve ser votado amanhã

Free-lance para a Folha

A Câmara de Rio Preto deve votar amanhã o pedido de suplementação orçamentária feito pelo prefeito Mauro Antunes (PMDB) de CR$ 1,4 bilhão. Segundo o secretário de Finanças, Valdeir Justa, o pedido está sendo feito porque a prefeitura arrecadou mais do que o previsto feito no ano passado.

O secretário disse que o orçamento de 93 foi elaborado com previsão de inflação de 20% ao mês, enquanto que a inflação média superou os 30% ao mês.

Justa afirmou que o prefeito vai pedir urgência na aprovação da suplementação de verba para elaborar a folha de pagamento do funcionalismo deste mês, calculado em CR$ 180 milhões.

A Câmara de Votuporanga aprovou na sessão realizada anteontem à noite uma suplementação orçamentária de CR$ 73 milhões, atendendo pedido do prefeito Pedro Stefanelli Filho (PL).

IPTU vai seguir inflação em Fernandópolis em 94

Free-lance para a Folha

O IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) de Fernandópolis poderá ser pago em sete parcelas ou com desconto de 30%, quando o pagamento for feito à vista. As regras de pagamento do imposto em 94 foram aprovadas anteontem pelos vereadores, mas o valor do reajuste será definido em dezembro.

Segundo o diretor de Finanças, Alfredo Scarlatti Sobrinho, 58, o IPTU deve acompanhar o índice de inflação acumulado no ano, estimado em 2.200%. Ele afirmou que este ano a entrega dos 26 mil carnês deve ser antecipada, para que a prefeitura possa arrecadar dinheiro e fazer caixa nos primeiros meses de 94.

O vencimento da primeira parcela está previsto para 10 de janeiro e a distribuição dos carnês, a partir de novembro. Mas a impressão, que deve ser feita pela empresa Ceil, só deve começar após o término do recadastramento de todos os contribuintes.

Municipais aderem à paralisação

Free-lance para a Folha

Trinta professores das nove escolas municipais aderiram à greve dos funcionários da Prefeitura de Novo Horizonte. O prefeito João Cesar Scarcanezza, 42, disse estarem, através de sua assessoria de imprensa, que não negocia com os previstos por causa de supostos piquetes (pessoas contra os servidores que não aderiram ao movimento).

diretor do Sindicato dos Servidores Públicos e Municipais de Novo Horizonte (Sinser), Natalino Pinotaro, negou que os grevistas estejam fazendo piquetes.

O vereador de imprensa, Carlos Alberto Tupinambá, 32, disse que o prefeito vai pedir para o Tribunal Regional do Trabalho de Campinas (TRT) julgar a ilegalidade da greve. Segundo Tupinambá, a greve deve se prolongar porque o TRT tem prazo de 15 dias para marcar audiência.

O Sinser e a prefeitura informaram que 30% dos servidores aderiram à greve. A coleta de lixo domiciliar e o atendimento nos postos de saúde estavam funcionando com metade do quadro de pessoal.

Os servidores estão parados desde sexta-feira.

ACORDA!

CHEGOU A HORA DE COMPRAR SEU VOLKSWAGEN 0 KM.

MAIS BARATO QUE EM QUALQUER OUTRA CONCESSIONÁRIA!

A CANGURU E A FARIA COLOCAM 68 VEÍCULOS 0 KM COM PREÇOS INFERIORES AOS DA TABELA DE 13 DE OUTUBRO E EM CONDIÇÕES DE PAGAMENTO INACREDITÁVEIS.

SUPER VALORIZAMOS O SEU CARRO USADO!

EXEMPLOS DE PREÇOS À VISTA

GOL CL
Tabela: 1.526.812,00
CANGURU / FARIA:
1.199.000,00

SAVEIRO GL
Tabela: 2.005.485,00
CANGURU / FARIA:
1.599.000,00

KOMBI STANDARD
Tabela: 1.487.706,00
CANGURU / FARIA:
1.199.000,00

FUSCA, KOMBI e GOL
50% entrada +
50% após 30 dias

VOYAGE
40% entrada +
30 e 60 dias

SANTANA, QUANTUM e LOGUS
50% entrada +
30 e 60 dias

PRESTAÇÕES SEM JUROS E SEM CORREÇÃO!

COMPRE ANTES DO AUMENTO.

É SÓ ATÉ NESTA SEXTA 22/10 OU ENQUANTO DURAR O ESTOQUE.

EXEMPLOS DE PREÇOS A PRAZO

VOYAGE GL
Entrada: 942.000,00
+ 2 x iguais de
706.000,00
Total: 2.354.000,00

LOGUS CL
Entrada: 1.339.000,00
+ 2 x iguais de
670.000,00
Total: 2.679.000,00

QUANTUM CL
Entrada: 1.499.000,00
+ 2 x iguais de
750.000,00
Total: 2.999.000,00

Canguru
S. J. Rio Preto - S.P.
Fone: (0172) 33-0444

EMPRESAS DO GRUPO FARIA

Faria
Catanduva - SP
Fone: (0175) 22-2152

O MAIOR ESTOQUE, O MENOR PREÇO.

NESTA QUARTA, QUINTA E SEXTA ABERTAS ATÉ ÀS 8 DA NOITE.

Governo suspende negociação com professor

Secretário da Administração, Miguel Tebar, diz à direção dos grevistas que só negocia se acabar a paralisação

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

O secretário da Administração, Miguel Tebar, disse ontem que só vai retomar as negociações com os professores da rede estadual de São Paulo quando a greve —de 65 dias— for suspensa. A posição foi enviada por fax no final da tarde para os três sindicatos que falaram a paralisação (Apeoesp, dos professores, Apase, dos supervisores, e Udemo, dos diretores).

Hoje, os professores decidem em assembléia geral se mantêm a paralisação, na Assembléia Legislativa (região sul de São Paulo), a partir das 14h. Na assembléia de sexta-feira passada —quando se ouviram o local de hoje— alguns oradores defenderam a ocupação da Assembléia Legislativa para "pressionar os deputados a tomarem uma posição".

"A greve continua", afirmou o presidente do Apeoesp, Roberto Felício, 41, pouco depois de saber a posição do governo. Segundo ele, "há dois dias estavam na Assembléia Legislativa recebendo da liderança do PMDB indicações de que o governo faria nova proposta". "Agora vem isso. É uma falta de respeito", disse.

A posição do governo conflitou com declarações de parlamentares do PMDB, dadas ontem o amanhecer. O líder do PMDB na Assembléia, Uebe Rezeck, 37, afirmou à tarde para a **Folha** que o governo deveria ter uma proposta *até hoje* de manhã. Aparentemente, exclusive, as linhas gerais da suposta proposta governamental. Após ser informado da nova de Miguel Tebar, Rezeck disse: "Mesmo que o governo não negocie, nós, líderes da Assembléia, poderemos buscar uma proposta que agrade aos dois lados."

"É uma tragédia", afirmou Mauro Bragato, 37, também do PMDB e presidente da Comissão de Educação da Assembléia, sobre a posição de não negociar enquanto houver greve. "É duro entender a lógica do governo", disse. "Hoje (ontem) de manhã o governador me ligou para comunicar que estava trabalhando uma proposta", contou. "O Executivo está se fixando com a Comissão de Educação e com a Assembléia Legislativa", concluiu.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês dos perdas com a inflação, a partir de outubro (38% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro)	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe. Não mínimo, 15% ao mês até dezembro e 18,76% ao mês, entre janeiro e março. Defender na Assembléia 30% do ICMS para 1.º e 2.º grau, em 94
● Segundo a Apeoesp: a greve atingiu, em média, 60% das escolas na quinta-feira, dia 14	● Segundo o governo: 47% da rede de 3º e 56% do interior estava em greve total ou parcial na dia 20
● Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo); Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quase não 320 mil professores, 1.300 supervisores de ensino e 6.200 diretores de escola
● Recolher: 6.681	● Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
	● Alunos: 4,3 milhões

* Reposição de salário e pagamento dos dias parados (questões das negociações)

GREVE MAIS LONGA DUROU
82
dias, em 1989

PARALISAÇÃO COMEÇOU HÁ
65
dias, em 18 de agosto

Nova técnica usa anestesia local para transplantes de córneas

Da **Folha** Norte



Luiz Cherici faz transplante de córnea em José de Moraes

O funcionário público aposentado José de Moraes, 62, recebeu ontem córnea de um empresário de 24 anos, em transplante que usa a anestesia local. A cirurgia é saúda na região. A outra córnea foi usada em uma paciente de 30 anos, também em cirurgia que usou esse novo método.

O médico do Instituto de Olhos e responsável pela cirurgia, Luiz Cherici, 28, afirmou que a anestesia local evita que o paciente seja internado e reduz os custos da operação. Ele não revelou o preço do transplante.

Moraes disse que há 30 anos tem problemas no olho esquerdo. Segundo o médico, o paciente tinha leucoma, que é a perda da transparência da córnea, produzida por traumatismo. A visão tinha sido reduzida a quase 5%, depois que Moraes se acidentou com picha jorrado durante uma obra de asfaltamento. Moraes ficou três meses na fila para receber a córnea.

Cherici não recomenda a anestesia local em crianças. "Como o outro lado da vista estará funcionando, o paciente precisa ficar imóvel durante a cirurgia."



Maluf entrega a placa com o nome da avenida a Christina Caldeira, filha do empresário

COFRE PORTÁTIL E INTOCÁVEL



MULTI-USO

Prático e multifuncional. Um conceito revolucionário de segurança. Ativado através de controle remoto, com senha secreta. Superfície totalmente protegida por descarga elétrica. Funciona também como poderoso alarme inteligente.

Importado pela
PROMO-TECH

Conheça nossas novidades importadas exclusivas.

SHOW-ROOM
Rua Augusta, 675 - sobreloja
(perto do Shopping Iguatemi)
Tel: (011) 541-5337 - (011) 828-5827
Fax: (011) 542-1134

Fleury vai assinar pacote ambiental

Da Agência **Folha**, em Manaus

O governador Luiz Antônio Fleury Filho e o ministro do Meio Ambiente e da Amazônia Legal, Rubens Ricúpero, vão assinar pacote ambiental que inclui a criação do programa S.O.S. Mananciais Billings e do Parque Nascentes do Tietê. A informação foi fornecida ontem em Manaus (AM) pelo secretário do Meio Ambiente de São Paulo, Edis Milaré, 50, durante Seminário sobre Formação da Política Ambiental dos Países da Amazônia e da Alemanha.

Milaré disse que o S.O.S. é um programa de fiscalização para defesa da Billings.

Prefeito viaja para pedir empréstimos

Da Reportagem Local

O prefeito Paulo Maluf vai ficar 20 dias fora do país. Será a maior viagem desde que assumiu a Prefeitura de São Paulo, em janeiro. Ele embarca na semana que vem para Paris. Além da França, Maluf vai visitar Israel e Líbano.

Maluf vai ao exterior para tentar conseguir empréstimos para obras viárias e projetos nas áreas de saúde e meio ambiente.

O prefeito não depôs ontem no inquérito que apura as ameaças que ele teria sofrido do coordenador da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo, Paulo Comforto.

Paulo Maluf inaugura avenida em homenagem a Carlos Caldeira Filho

Da Reportagem Local

O prefeito Paulo Maluf inaugurou ontem a avenida Carlos Caldeira Filho, na zona sul de São Paulo. A nova avenida tem 3,2 km de extensão —outros 2,8 km ainda estão em obras— e liga a avenida Giovanni Gronchi à estrada de Campo Limpo. A obra vai melhorar o trânsito entre os bairros de Campo Limpo, Capão Redondo e Santo Amaro.

O empresário Carlos Caldeira Filho morreu em 79 anos em 13 de maio passado. Foi acionista e diretor-superintendente da Empresa Folha da Manhã S/A, que edita a **Folha**. Caldeira também foi prefeito de Santos (72 km a sudeste de São Paulo) e diretor da Companhia de Metropolitanos de São Paulo (Metrô).

Em 1º de junho passado, o prefeito Paulo Maluf homenageou Caldeira Filho dando o nome do empresário à avenida que estava sendo construída à margem do córrego Morro do S, que foi canalizado para evitar enchentes em uma área de 578 mil m².

Na cerimônia de inauguração da avenida estiveram presentes a filha única de Caldeira Filho, Maria Christina Caldeira, as irmãs Alice Caldeira Braga e Clélia Caldeira Prestes, além de outros parentes e amigos do empresário.

Maria Christina Caldeira recebeu do prefeito Paulo Maluf uma placa com o nome da avenida. "Estou certa de que ele ficará muito contente com esta obra que vai beneficiar muita gente e acabar com as inundações", disse.

Orçada em US$ 49,3 milhões, a avenida começou a ser construída no final da gestão de Jânio Quadros. A obra, que incluiu a canalização do córrego, foi dividida em três fases. A primeira, entre as avenidas João Dias e Giovanni Gronchi, foi concluída em agosto de 92. A segunda etapa foi inaugurada ontem. O último trecho deverá ficar pronto só o final do ano, compreende 2,8 quilômetros, ligando as estradas de Campo Limpo e de Itapecerica.



VERÃO SAUDÁVEL. RAIOS ULTRAVIOLETA E ÓCULOS ULTRA EM CONTA.

Óculos de sol Vac Dixit, vários modelos e cores. A partir de
CR$ 7.096,00
(10 com 50% de desconto)

Óculos de sol Bausch & Lomb, toda a linha Celebrities. De CR$ 20.780,00 por
CR$ 10.390,00

Óculos de sol Bausch & Lomb, linha Classic Collection, ouro, modelos Pilot, Oval, Rectangle, Frog. Tias De CR$ 25.100,00 por
CR$ 14.550,00

ÓCULOS DE SOL É NA FOTOPTICA.

FOTOPTICA

Preços válidos até 22.10.93, em cheque ou dinheiro, enquanto durar nossos estoques. Centro, bairros, shopping centers, Alphaville, Santo André, São Bernardo, São José dos Campos, Santos, Campinas, Sorocaba, Piracicaba, Ribeirão Preto, São José do Rio Preto.

CC

Professores recolhem comida para manter greve

A categoria está paralisada há 66 dias e corre o risco de o governo descontar os dias parados em setembro



Professores fazem assembléia na Câmara de Rio Preto e decidem continuar a greve

Free-lance para a Folha

Professores da rede estadual de ensino de Rio Preto começam hoje uma campanha para arrecadar alimentos para a categoria. Eles estão em greve há 66 dias. Uma comissão permanente do fundo de greve vai percorrer casas e empresas da cidade pedindo alimentos de cesta básica.

Segundo a coordenadora da Apoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Aparecida Padovan, 48, foram descontados dezoito dias de agosto. Ela disse que existe a ameaça de os dias parados em setembro serem descontados. "Muitos professores estão desesperados porque vivem apenas do salário do magistério."

Aparecida disse que esta medida é preventiva. "Primeiro vamos tentar parar para que os dias parados não sejam descontados", afirmou. Ela disse que os alimentos arrecadados serão distribuídos pelas escolas, que terão uma triagem dos professores mais necessitados.

Ontem, os grevistas fizeram uma assembléia regional na Câmara de Rio Preto e decidiram pela continuidade da paralisação. Segundo a Apoesp, a greve atinge 30% dos professores de Rio Preto. "Depois que uma juíza de São Paulo responsabilizou o Estado pela paralisação, professores que tinham voltado ao trabalho retornaram a greve", disse Aparecida.

GREVE MAIS LONGA DUROU

82

dias, em 1989

Pelo balanço da 1ª Delegacia de Ensino, das 31 escolas que abrange, 9 funcionam normalmente e 25 parcialmente. Para a 2ª Delegacia de Ensino, das 37 escolas que abrange, 24 estão paralisadas parcialmente e 13 funcionam normalmente.

Hoje, dos sete mil professores de Rio Preto, 50 [illegible] e Monte Aprazível vão para São Paulo participar da concentração estadual, que vai decidir o fim ou não da greve, às 14h, [illegible] Assembléia Legislativa.

Cetesb divulga amanhã laudo com a causa da morte de peixes

Free-lance para a Folha

A Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental) divulga amanhã o resultado da análise das amostras de água colhidas na terça-feira no rio das Onças, em Paraíso, onde foram encontrados milhares de peixes mortos.

O exame das amostras está sendo feito pelo laboratório da Cetesb em Ribeirão Preto. Os técnicos estão avaliando o nível de oxigênio e a carga orgânica do material colocado para apurar a causa da morte dos peixes.

O gerente de controle da Cetesb, José Antonio Facchini, 40, disse que os peixes podem ter morrido devido ao despejamento do lixo do leito do rio. Segundo Facchini, é isso é comum nesta época do ano. Ele afirmou que a consequência é a redução do oxigênio da água, causando a morte dos peixes.

Paralisação de servidores entra no 6º dia

Free-lance para a Folha

A greve dos funcionários municipais de Novo Horizonte completa hoje seis dias. A prefeitura pedia reforço policial para impedir protestos dos grevistas contra funcionários que não aderiram ao movimento.

O prefeito, João César Scaramazza, 42, disse que se recusa a negociar com os grevistas enquanto o TRT (Tribunal Regional do Trabalho) não se pronunciar. O Sindicato dos Servidores diz que o prefeito é "intransigente".

Desempregado é acusado de matar pedreiro

Free-lance para a Folha

O desempregado Dionísio Ferreira, 46, é acusado de ter matado, no início da noite de terça-feira, o pedreiro Alício José de Souza, 47. O crime teria ocorrido na esquina das ruas Padre Salesiano e Bartolomeu Bartarella, no bairro João Paulo 2º.

Segundo a polícia, Ferreira quase foi linchado pelas testemunhas. Em depoimento, Ferreira disse que cometeu o crime porque o pedreiro teria ofendido a esposa dele.

Polícia prende dois acusados de traficar drogas

Free-lance para a Folha

Policiais da Delegacia de Entorpecentes de Rio Preto prenderam ontem em flagrante Walter Bertolazzi Júnior, 28, e Odair Francisco Sales Lisboa, 36, acusados de tráfico de entorpecentes. Segundo a polícia, eles estavam com 122 gramas de cocaína.

A apreensão foi feita na residência e no bar Minha Deusa, de propriedade de Lisboa, no Jardim Paulista. Os dois estão detidos na Delegacia de Investigações Gerais.

Só a São Judas tem ofertas de verdade.

Você paga pouco e leva, com certeza, produtos da mais alta qualidade.

AZULEJOS / PISOS / REVESTIMENTOS

Azulejo Recel 20x20 A' 490,
Azulejo Incepa 15x20 A' 632,
Revestimento Samarsa 15x15 A' 399,
Revestimento Portinari 20x25 A' 789,
Piso Florâmica 20x30 A' 621,
Piso Ideal Padrão 20x30 C' 389,
Piso Sant'Ana 33x33 C' 548,
Piso Tatuí 20x20 Std. 409,

LOUÇAS INCEPA

Conj. de Louça Incepa Flamingo s/ bidê 5.490,

LOUÇAS TOPÁZIO

Conj. de Louça Topázio s/ bidê 5.490,

LOUÇAS IDEAL STANDARD

Conj. de Louça Ideal Standard Carina s/ bidê 5.290,

DIVERSOS

Kit Expamb. Acess. Crom. c/ Dourado 08 peças 5.734,
92 pçs Torneira bica alta móvel 1.600,
260 pçs Assento Cipla Atenas Branco 704,
35 pçs Assento Cipla Atenas Cinzento 704,
226 pçs Válvula de [illegible] 1.983,
100 pçs Armário 33x47 ..... 2.527,

CONSULTE NOSSOS VENDEDORES SOBRE A PROMOÇÃO DE TUBOS, CONEXÕES E FIOS.

OFERTAS À VISTA VÁLIDAS ATÉ 13/10/93.

RIO PRETO
Av. Murchid Homsi, 537
Fone: (0172) 24-1000

SÃO JUDAS TADEU
O Santo Forte da Sua Construção.

ARAÇATUBA
Rua Marcílio Dias, 2450
Fone: (0186)23-8001

Estoque, Variedade e Preços Baixos Desde 1978.

ÓTIMO ATENDIMENTO
FRETE GRÁTIS NUM RAIO DE 350 KM.
MAIS DE 12.000 ITENS
Parcele nesse ato no Switch. PEÇA LOGO SEU CARTÃO.

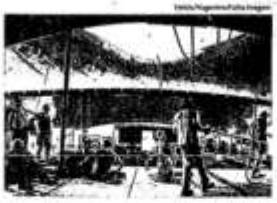
CCI

FOLHA DE S.PAULO

Edição São Paulo | São Paulo, sexta-feira, 22 de outubro de 1993 | Um jornal a serviço do Brasil | Ano 73 | Nº 23.570 | Al. Barão de Limeira, 425 | 0800-70-00

SP inaugura discoteca itinerante

Será aberta hoje a La Fiesta, discoteca itinerante que vai correr o país. A festa de abertura será no supermercado Pão Moderno (leste). PAG. 4-11



FIM-DE-SEMANA

Ilustrada circula com 30 páginas

A **Ilustrada** circula hoje com 30 páginas. No "Acontece", o destaque é o show "Lobo Solidário", que Edvaldo Santana vai apresentar até domingo na sala Guiomar Novaes. PAG. Esp. 1

Filme iraniano é destaque na mostra

"E a Vida Continua...", do iraniano Abbas Kiarostami, é o destaque de hoje da 17ª Mostra Internacional de Cinema, que mostra ainda outras três produções do Irã. PÁGs. 4-4 e 4-5



Cena do filme "Tina", biografia cinematográfica da cantora americana Tina Turner que estréia hoje em SP - Pág. 4-10

Brasil pede a extradição de PC



O senador Gilberto Miranda, da CPI, pôs no carro mala de dólares após achar US$ 900 mil na casa de José Carlos dos Santos, que recebia vez contas humorísticas no exterior - Pág. 1-5

O Brasil encaminhou ontem ao Reino Unido pedido de extradição do empresário PC Farias. Como revelou ontem a **Folha** pela primeira mão, PC está em Londres, de onde ligou para o jornal. Segundo o lugarmanty, a inevitabilidade do tratado de extradição entre os dois países não inviabiliza o pedido. A decisão cabe à Justiça britânica. O ministro Maurício Corrêa (Justiça) admitia que o antecedente de Ronald Biggs pode prejudicar a extradição. Biggs foi condenado no Reino Unido, mas a Justiça brasileira negou sua extradição. PC disse que dará a seu irmão, o deputado Augusto Farias, "informações pessoais" sobre a Comissão de Orçamento do Congresso, informa Xico Sá. Afirmou que a quebra de sigilo bancário pela CPI pode pôr o "pau de cabeça para baixo". De Londres, **Humberto Saccomandi** relata que PC negou o bigode, faz ioga e está dez quilos mais magro. Brasil

Rede Globo guarda furo e sai atrasada

NELSON DE SÁ

Era uma entrevista de cuspir inveja. Exclusiva. Mas a velha guarda empacotou da Globo jogou o furo de Roberto Cabrini na gaveta. Quero é capaz de tal bobagem também é capaz de uma avalanche de propaganda para esconder o erro. Também é capaz de mentir que teria revelado amanhecer o esconderijo de PC. PÁG. 1-8

Folha revela casos de desvio do Orçamento

A **Folha** relata dois casos de desvio de verbas do Orçamento. Em Serra Dourada (BA), US$ 1,1 milhão destinado ao município pelo deputado João Alves (PPR-BA) em 90 foi desviado pelo prefeito José Fugundes. Em Pernambuco, a construtora OAS recebeu US$ 535,7 mil em 92 sem fazer obra contratada entre o Estado e o Ministério da Ação Social. O deputado Ricardo Fiuza (PFL-PE) era o ministro. João Alves, acusado por José Carlos dos Santos de liderar a corrupção no Orçamento, depõe hoje na CPI. Brasil

BRASIL

Opinião da Folha

Leia na pág. 1-2 os editoriais "A caixa de Pandora", sobre a CPI do Orçamento; "Sem horizontes", acerca da economia; e "Meio passo", analisando MP sobre licitações públicas.

Voto de 94 pode ser em dois dias

PÁG. 1-10

DINHEIRO Nº 1-1

DÓLAR* Compra em 21/10 em Cr$

Paralelo	157,00 / 159,00
Turismo	153,50 / 159,00
Livre	158,650 / 158,695
Flut. diária média (mil)**	181,352
Dólar-médio de fato (fim)**	151,350

Hoje

LIFFR	POUPANÇA
Cr$ 93,19	38,961/45

TEMPO EM SP Nº 1-14

Ensolarado a instável

Mínima prevista	Máxima prevista
19°	30°
Ontem 18,6	Ontem 30,0
Há um ano 13,1	Há um ano 18,3

LOTO (acumulou!)

08 26 45 81 92

Seções

cad	esporte
2 dinheiro	4 ilustrada
mundo	5 ilustrada
3 são paulo	

Esta edição tem

70 Páginas

2 de Especial Achados e Texto 14 de Acessórios São Paulo 0 de Especial Esporte

458.621 exemplares

Itamar descarta nova alíquota para o IR

O presidente Itamar Franco vetou ontem novas alíquotas no IR de pessoas físicas. Após a reunião de Itamar com a equipe e ministros da área econômica, Fernando Henrique Cardoso (Fazenda) disse que a única mudança na tributação este ano atingirá o IOF. O governo pretende enviar ao Congresso projeto com dois terços impostos para 94 —sobre os ativos das empresas e as aplicações dos bancos em capital próprio. André Franco Montoro Filho deve deixar o comando da Comissão de Privatização. PÁGs. 1-13 e 1-14

Fórum se encerra com relato sobre novas mídias

No último dia do Fórum **Folha**, Walter Bender, do Massachusetts Institute of Technology, apresentou experimentos com mídias que recorrem à informática. O diretor de Redação da **Folha**, Otavio Frias Filho, acredita que o Fórum cumpriu propósito de estimular o debate jornalístico e permitir o contato entre experiências diversas. PÁG. 1-15

Aberta ação para cassar 3 deputados pessedistas

A Comissão de Constituição e Justiça da Câmara abriu processo de cassação de três deputados do PSD —Deuzeves Moura (PR), Nobel Moura (RO) e Itsuo Takayama (MT). Os dois primeiros são suspeitos de corrupção. Takayama admitiu que recebeu dinheiro para mudar de partido. Deuzeves acha "corriqueiro" trocar de sigla. PÁG. 1-10

Professores entram em choque com a polícia

Os professores da rede estadual paulista decidiram manter ontem a greve iniciada há 66 dias. Depois da decisão, eles ocuparam o prédio da Assembléia Legislativa. Houve choque com a Polícia Militar. Pelo menos 13 pessoas ficaram feridas. O governador Luiz Antonio Fleury Filho responsabilizou "baderneiros" pela invasão do prédio. PÁG. 3-1 e 3-3

Sonda acha que 'talvez' haja vida na Terra

Analisando dados sobre a Terra enviados pela sonda Galileu em 1990, cientistas concluíram que "talvez" haja vida no planeta e que somente na Austrália existe vida inteligente. A conclusão foi publicada na revista britânica "Nature". A pesquisa, liderada por Carl Sagan, queria testar as técnicas usadas na busca de vida em outros planetas. PÁG .1-16

Mais uma vez a Ford lança o melhor plano do mercado: Linha Ford 94 em 15 vezes sem juros com 30% de entrada.

sem juros

15X

Superfinanciamento Ford. Ford Versailles, Royale, F1000, Pampa, Escort XR3, Conversível e Ghia em 15 vezes sem juros (corrigidos pela TR+IOF), dando 30% de entrada. Plantão neste fim de semana.

Ford

CONCESSIONÁRIOS FORD



Carro dos assaltantes, segundo testemunhas

VIOLÊNCIA

Três homens encapuzados mataram com 15 tiros Adilson Antonio Lopes, em Taubaté.

PÁG. 5



Aviões da companhia aérea Rio-Sul

AVIAÇÃO

Rio-Sul coloca o Boeing 737-500 no vôo de Congonhas (SP) a Santos Dumont (RJ).

PÁG. 6



Passeio Ciclístico da Primavera, no Ibirapuera

LAZER

Programação da cidade para fim-de-semana inclui três passeios ciclísticos.

PÁG. 6

FMU FIAM FAAM
VESTIBULAR 94
INSCRIÇÕES ATÉ 29/10/93
• ADMINISTRAÇÃO • CONTABILIDADE • DIREITO • ECONOMIA • LETRAS • PSICOLOGIA • MATEMÁTICA • PEDAGOGIA • SERVIÇO SOCIAL • JORNALISMO • RELAÇÕES PÚBLICAS • PROPAGANDA • EDUCAÇÃO ARTÍSTICA • HISTÓRIA • GEOGRAFIA • MÚSICA • LICENCIATURA PLENA
INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES: RUA TAGUÁ, 580 LIBERDADE. FONE: 270-2477

Professores ocupam Assembléia

Grevistas invadem prédio, bomba de gás é jogada e manifestantes quebram vidros para respirar



Professores invadem sala onde ficam os quadros dos ex-presidentes da Assembléia Legislativa de SP e sobem nas mesas

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Depois de decidirem, às 17h, manter a greve iniciada há 66 dias, centenas de professores da rede estadual de São Paulo ocuparam ontem a Assembléia Legislativa, na zona sul. Até as 22h, ocorreram três confrontos principais com a PM (Polícia Militar), em entradas do edifício. Treze pessoas ficaram feridas —sete PMs e seis professores, além de pelo menos dez detentos, segundo a assessoria de imprensa da Presidência da Assembléia.

Até a conclusão desta edição, havia policiais do Batalhão de Choque em três das quatro entradas da Assembléia. Quem sai do prédio não pode mais retornar. O presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Roberto Felício, 41, estimou em "alguns milhares" o número de professores que ainda estavam na Assembléia, em "vigília permanente", às 22h.

Pouco depois de entrarem, os professores espancaram, no plenário da Assembléia, o deputado Toninho da Paremba (PMDB). Ele tentava barrar a ocupação do plenário —"reservado exclusivamente para deputados" — e defendia o fim da paralisação. Dois deputados do PT foram agredidos por policiais.

A decisão de ocupar a Assembléia foi tomada pelos cerca de 5.000 professores reunidos no estacionamento (ou 20 mil, segundo a Apeoesp). A assembléia começou a se concentrar no Hall Monumental —estrutura lateral da Assembléia, que dá para o estacionamento. Policiais impediam a passagem das pessoas do hall para dentro do prédio. Foram jogadas bombas de gás lacrimogêneo. Os vidros do segundo andar foram quebrados pelos ocupantes, que não conseguiam respirar.

Na confusão, professores invadiram o prédio pelo corredor que dá acesso à Galeria dos Ex-Presidentes. Mais de duas dezenas de quadros foram danificados e oito grandes espelhos foram quebrados.

LEIA MAIS sobre a greve dos professores à pág. 3-3

"O acontecimento da Assembléia demonstra que, se ele tivesse permitido manifestações diante do Palácio dos Bandeirantes, a grade teria sido derrubada e o palácio teria sido invadido... Isso não reflete o que são os professores de São Paulo."

Do governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury Filho, sobre os incidentes ocorridos ontem na Assembléia Legislativa.

"Já tivemos um número muito grande de funcionários públicos aqui e isso nunca aconteceu. No momento em que a polícia impede a passagem, ocorre o confronto. Isso é uma coisa lastimável. Mais lastimável ainda é a situação dos professores."

Do deputado estadual Beatriz Parra, do PT, sobre os incidentes ocorridos ontem na Assembléia Legislativa

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação a partir de outubro (28% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro) Em 94, 30% do ICMS para o ensino de 1.º a 2.º grau	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe Nos meses, 15% ao mês até dezembro e 15,76% ao mês entre janeiro e março Defender na Assembléia 35% do ICMS para 1.º e 2.º grau, em 94
● Segunda a Apeoesp a greve atinge, em média, 60% das escolas na sexta-feira, dia 15	● Segunda o governo: 42% da rede da SP e 36% do interior estiam greve total ou parcial na dia 20
● Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quem são: 330 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.500 diretores de escola
● Paralisa 4.682	● Inicia dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
	● Alunos: 6,3 milhões

* Reposição no salário e pagamento dos dias parados dependem das negociações

FOLHA INFORMAÇÕES
Educação
Saiba todos os detalhes sobre o projeto que vai transformar a leitura do jornal nos exames
Ligue para:
(011) 224-4301

LOTO

CONCURSO 1.043

Dezenas sorteadas

08, 65, 81, 26 e 92

Prêmio da quina

CR$ 20,9 milhões

GRANDE SP TEM MAIS PROFESSORES ESTADUAIS

186.404 estaduais



Fonte: Centro de Informações Educacionais - 1992

LIGUE JÁ: (011) 231-1544.
MESMO QUE VOCÊ ENCONTRE PREÇO MENOR, LIGUE PARA A GENTE.
DISCO COMPRAS BRASIMAC ELETRODOMÉSTICOS

A Brasimac é a maior rede de lojas de eletrodomésticos do interior de São Paulo e está entre os maiores revendedores dos mais conceituados marcas do mercado. Por isso, ela tem muito mais vantagens para oferecer a você. Através do Disco-Compras Brasimac, você faz mais compras pelo telefone com muito mais comodidade e segurança, e tem a garantia de menor preço à vista e de menor taxa de juros no pagamento parcelado. Tudo muito mais simples, rápido e seguro. Ligue e confira.



CALOI MOUNTAIN BIKE ALUMINUM ANDES SPORT 21 MARCHAS
• Quadro e aro de alumínio • Câmbio e freios Shimano • 15 peças
À VISTA $5.250,00
2x 31.700,00
Total a Prazo 63.400,00



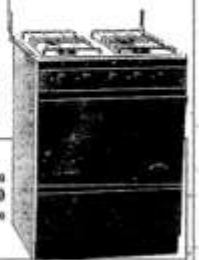
AUTO RÁDIO TOCA FITA TOJO TA-404
• Display de cristal líquido • Sistema de ganho compatível • Memorização automática • Auto-reverse, 15 watts • 20 peças
À VISTA 25.100,00
2x 14.400,00
Total a Prazo 28.800,00

TOJO



TURBO CIRCULADOR ARNO 40 CM
• Motor possante, silencioso • Grade rotativa regulável • 2 anos de garantia • 3 velocidades • 16 peças
À VISTA 6.500,00
2x 3.750,00
Total a Prazo 7.500,00

ARNO



FOGÃO DAKO GOL SUPER 4 BOCAS
• Tampo de vidro • 20 peças
À VISTA 15.700,00
2x 9.050,00
Total a Prazo 18.100,00

DAKO



CALOI CICLOCICLE PHYSICAL
• Selim com regulagem de altura • Guidão com movimento simultâneo ao pedalar • Velocímetro e timer eletrônico • 10 peças
À VISTA 30.900,00
2x 17.700,00
Total a Prazo 35.400,00



CALOI CECI ARO 26
• Selim em Integral Skin • Pedaleira com refletor • 20 peças
À VISTA 14.300,00
2x 8.200,00
Total a Prazo 16.400,00



SECRETÁRIA ELETRÔNICA GENTEK SE 1020
• Teclas para mesa ou parede • Adaptador para 110/220 volts • 10 memórias • Rediscagem • 10 peças
À VISTA 18.400,00
2x 10.550,00
Total a Prazo 21.100,00

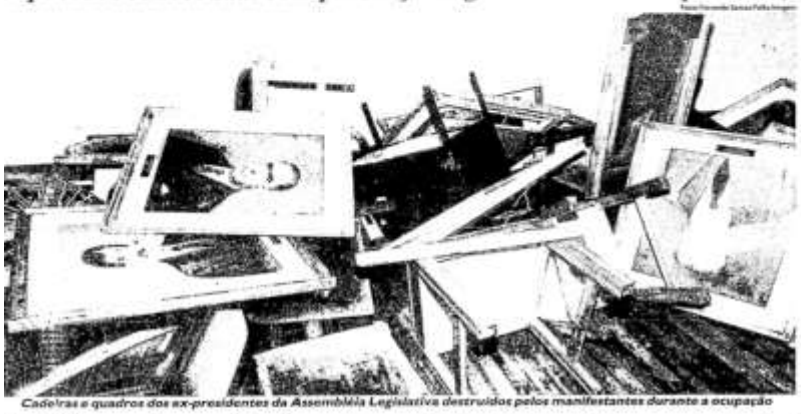
GENTEK
CONTROLE REMOTO

ENTREGA GRÁTIS (A PARTIR DE R$ 45,00) NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO. ENTREGA GRÁTIS EM 48h. É VOCÊ DO PRAZO O PRODUTO QUANDO RECEBE-LO EM SUA CASA. VOCÊ, MORADOR EM QUALQUER LUGAR, COMPRA SEM SAIR DE CASA. ESCOLHA O PRODUTO, FAÇA O PAGAMENTO EM DEPÓSITO BANCÁRIO E RECEBERÁ O PRODUTO VIA TRANSPORTADORA COM TODA SEGURANÇA E CONFORTO.

SEM EDUCAÇÃO

Professores fazem "vigília" no prédio

Deputados concordam com presença de grevistas em áreas públicas, mas querem o plenário desocupado



Cadeiras e quadros dos ex-presidentes da Assembléia Legislativa destruídos pelos manifestantes durante a ocupação

Da Reportagem Local

Os deputados estaduais fizeram um acordo com os professores em greve para permitir que eles fizessem uma "vigília" dentro do prédio da Assembléia, desde que desocupassem o plenário. A decisão foi de permitir o acesso dos professores às áreas "públicas". Apenas uma professora, Ana Maria Urbano, ficaria em vigília no plenário, às 23h45 de ontem.

Roberto Felício, presidente da Apeoesp, comunicou a decisão aos professores que ocupavam o plenário e a mesa da presidência da Assembléia a partir de 20h50. O sistema de som foi religado e ele tentou convencer os professores das diferenças entre "invasão" e "vigília". A assembléia de professores decidiu, à tarde, por fazer uma "vigília permanente" no prédio, até que o governo apresente uma proposta que possa ser aceita pelos professores.

O salão imediatamente atrás da mesa do plenário tinha sido arrebentado algumas horas antes. Os quadros dos ex-presidentes da Assembléia estavam espalhados pelo chão, espelhos e vidros quebrados. Um pesado busto de bronze de José de Anchieta fora levado até perto da mesa no plenário. Professores se divertiam gritando palavras de ordem e fazendo brincadeiras na mesa da presidência. "CPU/No salário do Fleury"; "Vamos anunciar abaixo a votar"; "PMDB/Nunca mais vai se eleger" eram algumas das frases gritadas, principalmente quando uma câmara de TV estava por perto. Uma bandeira vermelha do "Grêmio Livre E. Che Guevara" com um retrato do guerrilheiro cubano/argentino foi colocada junto à mesa da presidência.

O presidente da Assembléia, Vitor Sapienza (PMDB), não negociou diretamente com Felício. Uma delegação de deputados acertou o acordo com o líder grevista e levou o resultado da discussão a Sapienza. Os deputados asseguraram aos professores que a tropa de choque não entraria.

Felício tentava convencer os grupos de professores a saírem. Uma que saiu foi Salvia Cuevas, levando um dos abacaxis colocados sobre a mesa, para comê-lo durante a vigília. Um dos que não queria sair, às 22h, era Agnaldo Pacheco, que argumentava que o assembleísta não tinha decidido quais lugares eram permitidos, quais não.

Ika Fleury diz que faria greve

Da Folha Norte

A mulher do governador Luiz Antonio Fleury Filho, Ika Fleury, vai aderir à greve em São José do Rio Preto (455 km a noroeste de São Paulo) que, se for confirmada, começará em greve. Ela foi a Rio Preto para a abertura de um encontro sobre prevenção de drogas.

Professores da rede estadual fizeram um protesto durante a abertura do curso. Os grevistas levam cartazes de protestos contra a política salarial do governo.

Depois da cerimônia, Ika recebeu os professores. Disse que Fleury gostaria de pagar bem os funcionários", mas "houve uma arrecadação do ICMS".

Ika afirmou que se fosse professora também teria entrado em greve. "Teria paralisado e já teria retornado ao trabalho porque o governo já fez quatro propostas e mostrou que não tem dinheiro para atender as reivindicações."

•

Maureen Lélio Cury, 49, membro da executiva da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), disse que a reunião foi tensa, mas satisfatória. "As duas partes puderam expor suas posições". Ika disse que não esperava uma manifestação dos professores durante o evento. "Ficou resolvido para que governo e professores entrem em acordo", disse Ika.



Professores feridos durante o confronto com a polícia

Diretores voltam ao trabalho

Da Reportagem Local

Os diretores decidiram entrar de março voltar às atividades. "A nossa assembléia avaliou que são poderia decretar a continuidade do movimento porque a adesão estava muito baixa", afirmou o presidente do Udemo (sindicato dos diretores), Roberto Torres Lemo.

A reunião da Udemo —que teve 400 dos 6.500 membros presentes— decidiu também que os diretores não vão fazer o planejamento de reposição de aulas enquanto não for negociado com o governo o pagamento dos dias parados com a greve.

Ontem de manhã, o governo apresentou sua nova proposta desde que a greve começou. Coube ao secretário da Administração, Miguel Teber, havia afirmado que o governo não negociaria mais enquanto houvesse greve, a proposta foi passada por telefone, para a CUT (Central Única dos Trabalhadores), que a repassou às entidades.

A proposta não resolveu o principal entrave para o fim do movimento, os reajustes salariais desse último trimestre. O governo garante 55% do aumento da arrecadação do ICMS em novembro e dezembro —o que, de agosto para novembro, significou 19% de reajuste. Além disso, o governo disse que só em que vem destinará 32,5% da arrecadação do ICMS para o ensino de primeiro e segundo graus.



Secretário anuncia privatização de estradas

O secretário de Transportes do Estado de São Paulo, Wagner Rossi (foto), anunciou ontem o processo de privatização de três estradas. Já foi publicado o edital de licitação para a concessão, por vinte anos, da Castelo Branco, Anhanguera/Bandeirantes e Anhanguera/Bandeirantes.

Corrêa quer apurar tortura em Manaus

O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, anunciou a criação de uma comissão para apurar denúncias de tortura contra presos na Penitenciária Raimundo Pereira de Manaus (AM). O subsecretário de Justiça, Daniel Mar, diz que a criação do presídio deve deverá ser anunciada.

Maluf cria três novas administrações regionais

Foi publicado ontem no "Diário Oficial" o decreto do prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, criando as administrações regionais do Jabaquara, Itaquera/Arlindo Veiga e Itaquera/Guaianases. Em dez dias deve ser criada a administração regional de Taiaupé.

Incêndio em parque de Minas já dura 3 dias

Cerca de 90 homens do Corpo de Bombeiros e da Polícia Florestal tentavam ontem controlar o terceiro incêndio em 40 dias no Parque Estadual do Rio Doce, na região do Vale do Aço (MG). O novo incêndio começou na última segunda e está queimando área de vegetação rasteira e capô.

SAÚDE

Campanha vacina crianças contra paralisia

INCIDÊNCIAS DAS DOENÇAS NO ESTADO

Números absolutos em São Paulo

	poliomielite	sarampo	difteria	tétano
1986	7	7.000	63	132
1988	3		34	154
1990	2	-	28	133
1992	0	116	8	111

Fonte: Centro de Vigilância Epidemiológica do Instituto de Saúde do Estado de São Paulo

Da Reportagem Local

Amanhã é o dia da campanha nacional de multivacinação. Deverão ser vacinadas todas as crianças com menos de cinco anos de idade. O objetivo é erradicar a poliomielite (paralisia infantil). Também serão aplicadas também vacinas contra sarampo, difteria, tétano, coqueluche e tuberculose.

Para saber se os filhos devem ser imunizados, os pais devem levar as carteiras de vacinação aos postos que participam da campanha. Quem não tiver a carteira, pode tirá-la na hora no local da vacinação. A expectativa é que 18 milhões de crianças sejam imunizadas em 150 mil postos no país.

Os postos de vacinação irão funcionar das 8h às 17h. Eles serão instalados nas UBS's (Unidades Básicas de Saúde) e em escolas, igrejas, creches, centros comunitários e lojas. Na cidade do Rio, os 937 postos deverão atender 336 mil crianças.

Em São Paulo haverá ainda a aplicação da vacina tríplice viral, contra caxumba, rubéola e sarampo. No Estado devem ser vacinadas 3,5 milhões de crianças.

Apesar de não haver nenhum caso de poliomielite no país desde 1990, a doença ainda não é considerada erradicada, apenas "sob controle", segundo o presidente da Fundação Nacional de Saúde, Cândido Santiago. A paralisia infantil só pode ser contraída com a vacinação. Depois que a doença se desenvolve não há tratamento. Todas as crianças com menos de cinco anos devem ser vacinadas.

No Norte, Nordeste e Centro-Oeste do país, as mulheres em idade fértil, de 15 a 49 anos, vão receber a vacina contra o tétano neonatal, que atua recém-nascidos. A hepatite B será combatida na Amazônia Ocidental com a vacinação de menores de cinco anos. Nos Estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Tocantins, Maranhão e Pará também serão aplicadas doses da vacina contra a febre amarela.

A vacina contra o sarampo será aplicada em crianças da nove meses a 14 anos de idade. A doença pode provocar a bronco-pneumonia, uma das principais causas da mortalidade infantil.

No ano passado receberam a vacina cerca de 18.231.055 crianças de até cinco anos em todo o país. No Sudeste, 100% das crianças foram vacinadas. O menor índice ficou com o Estado de Roraima, onde apenas 51% dos menores de cinco anos tomaram a vacina.

DIA NACIONAL DE MULTIVACINAÇÃO

Acontece amanhã, 23 de outubro, em todo o país.

- **Doenças:** serão aplicadas vacinas contra paralisia infantil, tuberculose, coqueluche, tétano, difteria, caxumba, sarampo, rubéola
- **Quem pode tomar vacina:** todas as crianças com menos de cinco anos de idade não têm carteira de vacinação atualizada. Adultos também serão vacinados contra difteria e tétano.
- **Febre Amarela:** nos Estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Pará, Goiás e Maranhão, pessoas de todas as idades podem ser vacinadas contra a doença.
- **Mulheres:** de 15 a 49 anos, inclusive gestantes, serão vacinadas
- **Locais de vacinação:** além das UBS (Unidades Básicas de Saúde), haverá postos em escolas, igrejas, creches, centros esportivos, bóia e shopping centers. E em São Paulo, nas estações de metrô Santana, Sé, Jabaquara, Luz e Barra Funda.
- **Horário de atendimento:** todos os postos estarão aplicando as vacinas das 8h às 17h.
- **O que levar:** só a carteira de vacinação com o registro das doses já aplicadas. Quem não tiver a carteira ainda terá na hora.

FORAM DISTRIBUÍDAS

46

milhões de doses das vacinas contra poliomielite, sarampo, tríplice, BCG e anti-tetânica.

SERÃO MONTADOS

150

mil postos de vacinação em todo o país, sendo 14.500 na Grande São Paulo

Informe publicitário

Associação Médica Brasileira

NOTA OFICIAL

A Associação Médica Brasileira, diante da reedição por parte da Secretaria de Direito Econômico — SDE — de medida preventiva buscando proibir a classe médica de utilizar-se de sua Tabela de Honorários, sente-se no dever de fazer as seguintes esclarecimentos:

1. A SDE viu anulada pelo Ministro da Justiça, Dr. Maurício Corrêa, em setembro, a medida preventiva decretada contra a Associação Médica Brasileira, pelo fato de não ter considerado pedido de prova pericial da entidade. Apesar da decisão ministerial, o Secretário do Direito Econômico, Antonio Gomes, entende que a produção de provas solicitada é "impertinente e irrelevante". Sem considerar o pedido da defesa, o secretário reedita a medida preventiva e impõe multa diária sobre a entidade, mantendo o entendimento de que a Tabela de Honorários Médicos da AMB uniformiza preços.

2. A AMB ingressará novamente com recurso junto ao Ministério da Justiça, e insiste na importância da produção das provas solicitadas, convicta de que a Tabela de Honorários garante remuneração digna ao médico e atendimento de qualidade ao usuário. É impossível prestar assistência médica em nível científico razoável com preço abaixo do custo.

3. Os médicos, como prestadores de serviço, jamais podem promover a cartelização de preços, porque não se dedicam à mercantilização da Medicina.

4. Sendo produzidas as provas periciais e documentais requeridas, será demonstrado que as empresas de seguro saúde e de medicina de grupo criam tabelas e as impõem a médicos e usuários. Isso sequer foi considerado pelo senhor Secretário do Direito Econômico, fato que permite duvidar dos reais interesses envolvidos na questão.

5. A quem beneficia a decisão da SDE? Aos pacientes seguramente não, e tampouco aos médicos. Uma vez mais as empresas que vivem da exploração do médico são privilegiadas, e é isso que a AMB tem o dever de documentar e provar no curso do processo administrativo.

6. Espera-se que o senhor Ministro da Justiça determine o cabal esclarecimento desses fatos, evitando-se a perseguição institucional à classe médica e o dano ao direito do usuário de planos de seguro-saúde em ser ressarcido pelo custo real de seu atendimento.

São Paulo, 22 de Outubro de 1993.

Dr. Mario da Costa Cardoso Filho
Presidente

EDUCAÇÃO

Professores pedem dinheiro a vereadores

Quatro parlamentares fizeram doação aos grevistas

Free-lance para a **Folha**

Uma comissão de professores da rede estadual de ensino estiveram ontem à tarde na Câmara e na Prefeitura de Rio Preto para pedir aos vereadores e ao prefeito doações para o fundo de greve.

A comissão encontrou apenas cinco vereadores na Câmara e arrecadou CR$ 4 mil. O vereador Ulderico Barbosa (PPR) foi o primeiro a ser visitado. Ele doou um cheque de CR$ 1 mil para o fundo de greve. "Infelizmente todos os funcionários públicos estão em dificuldades e têm de ser solidários. A gente ajuda como pode", disse o vereador.

O vereador José Ferreira (PSP) não fez nenhuma doação mesmo o pedido para os professores voltarem na próxima quarta-feira, dia do pagamento. O vereadores Carlos Eduardo Feitosa (PSDB), José Carlos de Lima Basse (PT) e Carlos Arnaldo Silva doaram CR$ 1.000,00.



Professores no gabinete do vereador Carlos Feitosa

Segundo a conselheira da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Elizabeth Rocha, 44, disse que no prefeitura, a comissão foi recebida por um assessor do prefeito que marcou uma audiência com o prefeito Manoel Antunes para a próxima segunda-feira, às 17h30.

Segundo Elizabeth, o dinheiro arrecadado será doado para professores que têm o magistério como única fonte de renda. "Caso os dias parados não sejam descontados, essas doações serão entregues para entidades assistenciais de Rio Preto."

Servidores param em Araçatuba

Da correspondência em Araçatuba

Funcionários e servidores da rede estadual de Educação de Araçatuba e região paralisaram ontem suas atividades reivindicando melhores salários. É a terceira paralisação em seis meses. Segundo a diretora regional do Sindifesc (Sindicato dos Funcionários e Servidores dos Funcionários da Educação), Tânia Gomes Freire, 34, o movimento pode desencadear uma greve por tempo indeterminado.

A paralisação, que só conseguiu a adesão de 50% da categoria, termina hoje. Em maio os funcionários ficaram parados 21 dias.

Em Araçatuba há 400 servidores em escolas estaduais. Segundo Tânia, o salário médio de um servente é de CR$ 10 mil. Um escriturário ganha em média CR$ 18 mil.

SÓ CAMISAS
A CAMISA DE QUEM SABE...
... O QUE QUER!
R. Saudades, 1500 — BIRIGUI
Fone: (0186) 42.4033

CHOPP 68,00
HAPPY HOUR
DE DOMINGO A QUINTA ATÉ 21 HORAS
PEIXINHO CHOPERIA
Av. Artur Haneto com Capitão José Maria
São José do Rio Preto

CATEGORIA ESTÁ EM GREVE HÁ

66

dia, desde 18 de agosto.

SOCIAL

Filtro
Escoltando Ivanzir, Sabrina Fernandes aproveitou o tempo de vinda de uma longa maratona de sol e praia no Guarujá para fazer pré-stage em São Paulo. Tudo para comemorar o aniversário da rival paulistana Andréia.

Tribuna
Exemplo notável da construção civil e do mercado imobiliário nacional, reunidos até ontem em Campinas, o empresário Joaquim Mendonça Ribeiro foi o escolhido para falar sobre estratégias de mercado, tendo como base suas experiências no setor em Rio Preto.

•

Na lista dos presentes ao encontro, Rosteo Chap Chap, Luiz Alfredo Falcão Bauer e Tuno Jereissati.

Breakfast
A Associação Comercial e Industrial de Rio Preto comemora amanhã 73 anos de trabalhos com homenagem a empresários e nomes de cultura rio-pretense. A comemoração acontece pela manhã, no Centro de Convenções da entidade.

Parceria
Depois fornada há tempos, Neiva Regina Dradi e o cunhado Silvio Limão Garcia estão no comando da empresa Inter-Ativa —franquia rio-pretense da Getve, agência de empregos temporários.

Bolo de flores
Entre contas e créditos, Neide Rizzato, gerente do Banco Itaú de Rio Preto, comemorou hoje mais um aparecidas com os amigos na superagência do banco, na Bernardino de Campos.

Bells
No Sesc Catanduva já tem gente se organizando para o Natal. O grupo Alemãolendo está quase pronto para iniciar a segunda versão das mensagens cantadas, bastante requisitadas no final do ano passado.



Sempre com jeito de vanguarda, Alexakis George liga o radar na noite de inauguração da Louvre, em plena Rudy Ramos



Lícia Manzo faz sessão 'mamãe natureza' durante enquete organizado por Aureo Ferreira para o lançamento do Vectra



Atento ao movimento, Raualdo Jarinho confere temas da artes plásticas no vernissage do artista Valdenir do Bonfim

AS ÚLTIMAS DA REGIÃO

Jales
Uma exposição de obras de arte dos alunos do Colégio XV de Abril e Anglo Vestibulares foi inaugurada ontem durante da Semana Cultural do dois escolas. A exposição está aberta à visitação no pátio do prédio do Anglo, das 8h às 12h e das 14h às 16h.

Votuporanga
A escola Dinâmica, mantida pela Cooperativa de Ensino, vai comemorar o 1º aniversário de fundação amanhã com gincana entre os alunos, pais e professores. Segundo a diretora, Olga Furnas, a escola vai implantar o 2º colegial a partir da próxima ano.

Tanabi
A prefeitura está solicitando à Secretaria de Estado de Planejamento uma verba de CR$ 19,5 milhões. Segundo o prefeito Hilarair da Silveira (PMDB), 47, a verba será utilizada na pavimentação asfáltica de 16 mil m² de ruas no conjunto habitacional Domingos de Vasconcelos.

Ibirá
Os funcionários públicos municipais elegeram Paulo Afonso Ramos, Reginaldo Antônio Poloni e Carlos Roberto de Souza para o conselho gestor do Fundo de Seguridade Social da categoria. A eleição e a posse ocorreram na quarta-feira. A prefeitura de Ibirá tem 260 funcionários.

Santa Fé do Sul
A Polícia Civil e a Defesa do Meio Ambiente têm normas do simpósio de atualização para policiais, advogados e ambientalistas, no dia 26, às 20h, no clube Dedinho. As palestras vão ser dadas pela delegada da mulher Gislene Sarcentelli e pelo ambientalista Adilson Soriano.

Araçatuba
A Associação Protetora dos Animais está realizando campanha para aumentar o número de sócios-benfeitores. A presidente da entidade, Nanci Martines, disse que a APA não tem condições financeiras de se manter. A associação atende de cães e dez denúncias por dia.

Ilha Solteira
No domingo, a prefeitura promove competições de judô e provas de ciclismo como parte das comemorações dos 25 anos de fundação do antigo distrito de Pereira Barreto. Hoje, às 14h, na Casa da Cultura, será apresentada a peça infantil "Raios do Sol e Raios de Lua".

Nova Granada
O Centro de Saúde recebeu 1.400 doses da vacina contra a paralisia infantil para a vacinação de amanhã. O esquema de vacinação terá 12 pessoas voluntárias e 5 fixas. A previsão é de que 50 pessoas trabalhem durante todo o dia para vacinar as crianças do município.

Palmeira d'Oeste
O Conselho de Contribuintes da Fazenda de Palmeira d'Oeste está cadastrando famílias e empresas doadoras de alimentos. Segundo o coordenador do conselho, Luiz Antonio Gouveia, 31, já foram cadastradas 50 famílias. Ele disse que a meta é cadastrar pelo menos cem famílias.

Mirassol
A Associação Mirassolense de Proteção ao Ambiente realiza hoje, às 20h, na Câmara, a eleição da nova diretoria da entidade, segundo o coordenador João Abdala Thomé. A principal meta da entidade é a recuperação da gruta de Mirassol, uma área de lazer de este município.

Fernandópolis
A Secretaria de Projetos Educacionais do Ministério da Educação e Cultura (MEC) aprovou o projeto de construção de um Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente (Ciac). A obra está orçada em CR$ 300 milhões. O prédio vai ter 4 mil metros quadrados.

Potirendaba
A Associação Recreativa dos Tangarás já vendeu 140 das 160 mesas para o baile do Havaí, que acontece no dia 30, a partir das 23h30. As mesas custam CR$ 5.000 cada. O baile é um dos mais tradicionais da cidade. O preço dos ingressos ainda não foi definido.



Nhandeara
O delegado Antonio Marques dos Santos, 39, ouviu 23 depoimentos sobre as denúncias de roubos na Santa Casa de Macaubal. Ele está guardando documentos solicitados ao Ervas de Lavapanga para ouvir os depoimentos dos seis médicos e dos enfermeiros do hospital.

Catanduva
A Delegacia Agrícola está vendendo aos agricultores sementes de milho e arroz. O engenheiro agrônomo José Carlos Souza Ribeiro disse que o preço é subsidiado. A saca de 40 quilos de sementes de milho híbrido custa CR$ 4.000 e de arroz tipo sequeiro, CR$ 2.160.

N. Iorque Agrazível
A Casa da Agricultura promove na próxima semana curso para sangrador de seringueiras. Se não entrarão novas técnicas de sangramento e ao preço do látex. O curso é aberto para produtores e trabalhadores rurais que já tenham noção desse tipo cultura.

José Bonifácio
O grupo Teatral Campanha Dramática Laricas Rebeldes apresenta hoje, às 20h, na Praça da Matriz, a peça "Memórias Póstumas de Visor", com direção do rio-pretense Fabiano Amigone. A peça faz parte da Semana de Cultura e Arte, que começou na segunda-feira e termina amanhã.

Novo Horizonte
As comemorações dos 76 anos de emancipação política começam hoje, a partir das 21h, na escola Francisco Alvares Florence, com a exposição de 350 fotos antigas. A comemoração prossegue até o próximo dia 30. Novo Horizonte faz aniversário no próximo dia 28.

Urupês
A Câmara marcou sessão extraordinária para a próxima segunda-feira, às 20h, para votar o projeto concedendo aumento salarial de 25% para os funcionários municipais. A proposta é elevar o piso para CR$ 14,4 mil a partir de 1º de outubro.

MORTES

folha norte sp

HOJE É O ÚLTIMO DIA. LIGUE PARA O CLASSIFOLHA E ANUNCIE NESTE DOMINGO
Anuncie por apenas CR$ 270,00.
classifolha
(0172) 33-3330

Professores não serão expulsos, diz Assembléia

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Depois de um dia tenso, com ameaças de novos confrontos com a polícia, os professores da rede estadual de São Paulo receberam a garantia da Presidência da Assembléia Legislativa de que não serão retirados à força do prédio neste final-de-semana. Anteontem, mais de mil professores invadiram a Assembléia (na zona sul de São Paulo), após decidirem manter sua greve, iniciada há 67 dias.

Ontem à noite havia cerca de 400 professores no edifício, em "vigília permanente". As condições da "Casa" —como a Assembléia é chamada pelos deputados— estão precárias. Não há água —a presidência diz que uma bomba quebrou, mas deputados do PT e do PC do B sustentam que foi cortada—, os banheiros estão mal cheirosos e sem descarga, o PABX (telefone com ramais) foi desligado para ligações externas e a sujeira —de papel picado a cacos de vidro— se espalha pelos cinco andares do edifício (*leia texto abaixo*).

Ontem de manhã, o presidente da Assembléia, Vitor Sapienza —que no dia anterior chamou o Batalhão de Choque diante do tumulto—, ameaçava tirar os professores à força. Proibiu a entrada de qualquer pessoa não registrada na Casa. Muitos professores, achando que poderiam sair durante o dia e depois voltar, acabaram ficando do lado de fora. No início da noite, a Mesa Diretora da Assembléia divulgou nota onde diz que vai processar civil e criminalmente os responsáveis pela "lamentável invasão, com a prática de atos de vandalismo e a indiscutível agressão à instituição democrática". As duas sessões previstas para o dia foram suspensas.

Houve reuniões de lideranças partidárias durante todo o dia para contornar os problemas —por exemplo, tirar os professores à força ou não. No final, foi fechado o acordo de que os professores poderiam ficar. "Como é que nós vamos fazer xixi dentro sem banheiro e água", perguntavam várias professoras. Os deputados que estão apoiando o movimento (principalmente do PT, PC do B, PSDB e, do PMDB, Mauro Bragato) foram encarregados de acompanhar permanentemente os professores que ficarem dentro da casa e serão responsabilizados por qualquer dano.

Ao mesmo tempo, esses deputados buscavam reabrir negociações entre professores e governo para tentar dar um fim na paralisação na rede. O líder do PMDB na Assembléia, Uebe Rezeck, foi à tarde para o Palácio dos Bandeirantes (sede do governo). Enquanto isso, outros parlamentares articulavam sua participação em uma reunião no Bandeirantes. Isso só foi acontecer após as 22h45.

A reunião —da qual participaram membros da equipe econômica do governo e, pelo menos seis deputados— não havia terminado quando este caderno foi concluído.



Professores dormem num corredor da Assembléia Legislativa de São Paulo, que foi invadida por grevistas anteontem



Prédio da Assembléia mostra marcas da invasão



Grupo de professores na Assembléia, que está sem água



Grevistas dormem nas cadeiras da galeria do plenário

Martins nega nova proposta

Da Reportagem Local

Pouco antes de ser anunciada a reunião entre parlamentares e representantes da equipe econômica de Fleury no Palácio dos Bandeirantes, o secretário da Educação, Carlos Estevam Martins, 59, anunciou que não haveria uma nova proposta além da apresentada anteontem —e recusada pela assembléia dos professores.

Na quinta-feira de manhã, o governo ofereceu 10,25% de aumento em outubro; 50% de aumento da arrecadação de ICMS em novembro e dezembro (cerca de 19% de aumento ao mês); e 32,5% da arrecadação do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus em 1994 —o que incluiria o pagamento dos aposentados (ao contrário da proposta de 30% do ICMS defendida pelos professores). Os dias parados com a greve serão descontados em quatro parcelas mensais. As reposições serão adicional de 30%.

Na entrevista coletiva, Carlos Estevam Martins afirmou ainda que "É o PT que está em greve: a maioria esmagadora dos professores já saiu da greve". Segundo ele, mais de 60% dos professores estão trabalhando. A Apeoesp (sindicato dos professores) apresenta o mesmo número, só que para adesão à greve.

Pais apóiam movimento

Da Reportagem Local

Um grupo de cerca de 150 pais de alunos da rede estadual de ensino participou ontem à tarde de uma passeata no centro de São Paulo em apoio à greve dos professores. A passeata saiu da praça da Sé e seguiu em direção à praça da República, onde fica o prédio da Secretaria da Educação. Depois, os manifestantes foram para a Assembléia Legislativa.

Os manifestantes "ilhados" na Assembléia estão recebendo ajuda de diversos setores. Durante todo o dia de ontem, água e comida —doados por pais de alunos, por regionais da CUT e até por donos de supermercados— eram passados para os professores pela janela do gabinete da liderança do PT.

À noite, chegaram doações de álcool, desinfetantes, vassouras e outros materiais de limpeza —já que os funcionários da Assembléia foram mandados para casa. Uma mangueira de água, introduzida por uma janela, ajudou os ocupantes do prédio a limparem banheiros e tomarem banhos.

A ocupação recebeu apoio da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) —cuja presidente, Aziz Ab'Saber, visitou o local à noite—, de associações docentes da USP, Unesp, Unicamp, PUC/SP, entre outros.

> "O sistema de educação que está aí é falido, como os portos de Santos ou a ex-URSS. Esse é o drama. Todo mundo diz que o governo não pode gastar mais do que recebe. O problema é muito simples: o Estado de São Paulo está empobrecendo. Apesar disso, a maioria é obsoleta dos professores já saiu da greve. A intransigência é do caráter político."
>
> (Carlos Estevam Martins, secretário de Estado da Educação)

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro (38% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro). Em 94, 30% do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe. No mínimo, 10,25% em outubro e cerca de 19% em novembro e dezembro. Debater na Assembléia 32,5% do ICMS para 1º e 2º graus, em 94
● Segundo a Apeoesp: a greve atingiu, em média, 58% das escolas na quarta-feira, dia 21	● Segundo o governo: 52% da rede de SP e 54% do interior tinham grave total ou parcial no dia 22
● Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quem são: 220 mil professores, 1.300 supervisores de ensino e 6.300 diretores de escola
● Escolas: 6.682	● Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 17 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
	● Alunos: 6,5 milhões

* Reposição de salário e progressão nas tres parcelas dependem das negociações

> "Os professores hoje estão vivendo uma situação absolutamente dramática, de muita angústia, quase desespero. O que nos anima é a solidariedade humana dentro da categoria e da sociedade como um todo. Quando outras categorias se propõem a nos fornecer comida e água pela janela, isso mostra a janela e a beleza da nossa causa, a escola pública."
>
> (Roberto Felício, presidente da Apoesp —sindicato dos professores)

Unesp prorroga as inscrições para seus exames vestibulares

Da Reportagem Local

O prazo de inscrição para o vestibular da Unesp, Universidade Estadual Paulista, que se encerraria na próxima segunda-feira, foi prorrogado para quinta, dia 29. Até esse dia, os candidatos podem comprar o manual com a ficha de inscrição nas próprias pousas de inscrição (das 9h às 18h) ou nas agências autorizadas do Banespa por CR$ 300,00 e pagar a taxa de inscrição de CR$ 1.900,00. O vestibular é um dos maiores do país com 54.637 candidatos no ano passado.

Segundo a Vunesp, entidade responsável pelo vestibular da Unesp, a prorrogação se deve à greve dos professores estaduais. Com 40% dos candidatos oriundos das escolas públicas, os organizadores do vestibular estão de acordo a falta de informações dos alunos em relação aos exames, além de desânimo em função da da greve e do possível cancelamento do ano letivo.

"Nossa intenção com a prorrogação é não impor mais uma penalidade aos alunos da escola pública", diz Arthur Roquete de Macedo, reitor da Unesp. "Ao contrário, estamos fazendo o possível para que eles possam se informar e tenham mais tempo para avaliar se vale a pena fazer o vestibular".

Segundo o reitor, o novo prazo é definitivo. "A prorrogação por mais três dias é o limite para não comprometer o calendário geral dos vestibulares". A Unesp mantém o Disque Vestibular, linha exclusiva que informa endereços dos postos de inscrição e agências autorizadas do Banespa: tels. (011) 885-0265 e (011) 887-7536.

(José Edmardo Baravelli)

Ginásio do Estado comemora cem anos e pede ajuda de ex-alunos

Da Reportagem Local

O antigo e tradicional Ginásio do Estado —hoje Escola Estadual de Primeiro e Segundo Graus de São Paulo— está cadastrando ex-alunos para as comemorações de seu centenário, em setembro de 1994. A idéia é também criar um grupo de ex-alunos que possam cooperar com o colégio, diz a atual diretora Maria Tereza Venezini Sbrana.

Fundado oficialmente em 16 de setembro de 1894 como escola modelo, a instituição, que fica no parque D. Pedro 2º (região central de São Paulo), já teve quatro nomes: Ginásio da Capital do Estado de São Paulo, Colégio Estadual Presidente Roosevelt, Colégio Estadual de São Paulo e o atual.

Adesões

Os ex-alunos —deste último século— que quiserem participar das comemorações ou contribuir com a escola podem mandar seus dados (nome, endereço, telefone/fax, profissão, ano em que se formou no ginásio —atual 5ª a 8ª série do 1º grau— ou no colegial —atual 2º grau) para o próprio colégio: EEPSG de São Paulo, rua da Figueira, 500, Parque Dom Pedro 2º, 03003-000, São Paulo, SP. O telefone da escola é (011) 228-9904.

Um grupo de ex-alunos também está fazendo esse cadastramento e dando informações sobre as comemorações: Darwin Domingues (tel. 35-0019, fax 35-9757), Walter Merigo (543-9860) e Helena Maria Abraão (37-6586 ou 34-2183), todos de São Paulo.

Estas pessoas também estão recebendo sugestões de como melhorar a infra-estrutura do colégio.

FOLHA DE S.PAULO

Um jornal a serviço do Brasil ★ ★ ★

Publicado desde 1921

Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Diretor Presidente: Luiz Frias
Diretor Editorial: Octavio Frias Filho
Diretor: Pedro Pinciroli Jr.

Conselho Editorial: Luiz Alberto Bahia, Rogério Cezar de Cerqueira Leite, Marcelo Coelho, Josias de Souza, Plínio Sussekind [illegible]

O desafio ao Congresso

Em um momento em que [illegible] fácil criticar os congressistas [illegible] arrastados ao ponto mais baixo de seu prestígio, esse grave [illegible] se anima a fazer um [illegible] ainda que tímido, ao Parlamento. Mas os fatos desta semana sugerem que é justo dizer que o Legislativo reagiu com a indispensável rapidez à grave crise aberta com as denúncias do ex-funcionário federal José Carlos Alves dos Santos a respeito da Comissão de Orçamento.

No curto espaço de uma semana [illegible] as assinaturas necessárias para a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito [illegible] a CPI e se tomaram [illegible] depoimentos que, à primeira vista, parecem os mais importantes: o do denunciante e o do deputado João Alves (PPR-BA), [illegible] acusado no escândalo.

[illegible] mas ainda quando [illegible] considera como é traumático [illegible] os próprios pares [illegible] país de forte cultura corporativa como é o Brasil. O Congresso, além de responder com [illegible] ao escândalo, também foi [illegible] na proposição de punições para acusados em outro tipo de [illegible], a suposta compra de filiações de deputados por parte do PSD. Na quinta-feira, já estava pronto relatório que propõe a cassação dos mandatos de três dos principais suspeitos.

Seria, no entanto, de uma ingenuidade limítrofe à tolice supor que esses primeiros passos sejam satisfatórios. O caminho a percorrer para que se tenha, no Brasil, uma versão da "Operação Mãos Limpas", em curso na Itália, é enorme, complexo, multifacetado e necessariamente longo.

Até agora, a CPI sequer se aproximou de um ponto nevrálgico em toda a enorme rede de interesses escusos que é a execução orçamentária no Brasil. Afinal, a lei orçamentária é apenas autorizativa. Com base na mais intenções, deputados e senadores podem incluir na proposta orçamentária as emendas que bem desejarem, mas o dano aos cofres públicos, quando há irregularidades, só se concretiza de fato quando a verba é liberada.

Ora, a liberação não é uma decisão do Congresso, mas do Poder Executivo. Logo, se houve, como tudo indica, irregularidades na execução do Orçamento, há culpados tanto no Legislativo quanto no Executivo. Não estabelecer esse vínculo seria fazer apenas um terço da tarefa de que está incumbida essa CPI.

Da mesma forma, está ficando cada vez mais evidente que empresas privadas fazem parte do conluio nefasto que se vai expondo cristalinamente aos olhos do público. Em especial, a suspeita recai sobre as empreiteiras, muitas das quais já haviam sido citadas na CPI do caso Collorgate. Punir os corruptos é uma necessidade imperiosa, mas deixar impunes os corruptores seria frustrante para a opinião pública e abriria as portas para que, cedo ou tarde, os esquemas clandestinos se repetissem, mudando apenas parte dos personagens.

Por fim, não basta que se chegue aos culpados pelas irregularidades de anos anteriores. Talvez mais importante ainda seja estabelecer barreiras para evitar que elas se repitam eternamente. É evidente que seria esperar demais que o Brasil se transformasse no único país a eliminar a corrupção. Mas é razoável querer que se criem mecanismos capazes de impor barreiras que pelo menos a desestimulem ou minimizem.

Volta-se, nesse ponto, à questão do Estado. Gigante no tamanho, mas anêmico na sua capacidade de ação e fiscalização, precisa ser redimensionado por inteiro. Da mesma forma, é indispensável corrigir todos os inúmeros vícios que hoje infestam o sistema político-partidário.

O dilema do Legislativo, portanto, é claro. Deve escolher entre autopurificar-se e, ao mesmo tempo, purificar todo o sistema político-eleitoral ou sucumbir ao desgaste acumulado ao longo dos anos e que chegou agora ao paroxismo. A democracia brasileira agradecerá a escolha certa.

Educação violentada

Não bastasse o deprimente espetáculo de assistir ao titânico naufrágio do sistema educacional do Estado, a população paulistana foi obrigada, esta semana, a ver as deploráveis cenas de violência envolvendo policiais militares e professores, com um saldo de pelo menos 15 feridos.

Os docentes têm até o dever de chamar a atenção da sociedade para o seu movimento, na esperança de que esta pressione o governo para que se empenhe um pouco em procurar uma solução satisfatória. Entretanto, existem meios mais inteligentes e menos lesivos ao patrimônio público do que promover a invasão da Assembléia Legislativa com baderna e também danos materiais.

De qualquer forma, a explosão de violência no Parlamento paulista é apenas um sintoma extremamente lamentável de um problema maior e incomensuravelmente mais preocupante: a falência da rede de ensino estadual.

Hoje, a greve dos professores completa 68 dias, ou seja, estão prestes a perder o ano letivo cerca de 6,5 milhões de jovens. São extremamente graves os danos para cada um deles particularmente e também para o contribuinte, que, por um ano, forneceu recursos para manter todo o sistema educacional do Estado sem resultados concretos.

É claro que a profunda crise por que passa o ensino estadual não começou no governo de Luiz Antônio Fleury Filho. Ainda assim, quando um professor, responsável pela formação intelectual de toda uma geração de brasileiros, recebe CR$ 15.800 mensais por 20 horas de trabalho semanal —pouco mais do que um salário mínimo—, uma solução urgente precisa ser encontrada.

Seria de uma tremenda ingenuidade acreditar que todo o problema se resume aos parcos vencimentos do corpo docente. A educação em São Paulo, bem como em todo o Brasil, sofre dos mesmos e profundos males de que padece todo o setor público nacional. Trata-se da incompetência no gerenciamento dos recursos. De fato, quando o Estado é o administrador, reinam em geral o mau direcionamento de verbas, o desperdício, o empreguismo, quando não os casos de pura corrupção mesmo.

Se o fim da greve através de uma negociação que garanta ao professor uma remuneração minimamente mais justa sem comprometer as finanças do Estado é um imperativo emergencial, a solução para o problema da educação passa necessariamente por uma mudança na mentalidade de como gerir a coisa pública.



O fosso e o susto

Clóvis Rossi

SÃO PAULO — *Vou roubar, por ser pertinente, observação feita pelo Luís Nassif, em bate-papo na quinta-feira. O colunista da* **Folha** *observava que o conceito de ética da maior parte dos políticos não coincide com os padrões que a maior parte da opinião pública considera aceitáveis.*

É o caso das chamadas subvenções sociais. Conforme o noticiário da **Folha** *de ontem, todos os parlamentares indicam entidades para receber esse tipo de subvenção, com exceção dos do PT. É normal, portanto, do ponto de vista deles, o que, de resto, foi dito mais de uma vez pelo deputado João Alves, o principal acusado no escândalo do orçamento, ao longo de seu depoimento na CPI.*

Pode até parecer normal, pode ser até que algumas entidades beneficiadas sérias só sobrevivam graças a esse tipo de doação. Mas a maior parte do público não está mais disposta a aceitar tal tipo de "normalidade". Da mesma maneira, a intermediação de obras ou serviços para as regiões em que um determinado parlamentar tem base eleitoral é vista com naturalidade por políticos, mas não pela opinião pública.

A verdade é que se criou um fosso enorme entre representantes e representados, do qual resulta, entre outras coisas, uma injusta estigmatização dos políticos em geral. Qualquer deputado ou senador que, algum dia, tenha cruzado nos corredores do Congresso com o economista José Carlos Alves dos Santos, o denunciante dos escândalos, já passa a ser considerado suspeito. Se deu "bom dia" ao José Carlos, então, é culpado mesmo.

Está se aplicando à totalidade dos políticos uma inversão de um sagrado princípio do direito, segundo o qual todos são inocentes até prova em contrário. Hoje, no Brasil, se não se no Brasil, afinal, político é sinônimo de delinqüente, o que é um absurdo.

Mas é justo dizer que esse fenômeno só se consolidou por culpa dos próprios políticos. A CPI do orçamento oferece uma chance de ouro para mudar o quadro. Não basta punir um, dois ou 30 parlamentares eventualmente pilhados. É preciso uma revolução cultural na cabeça dos próprios políticos. Tomara que o susto seja capaz de produzi-la.

Como ganhar 56 vezes na loteria

Gilberto Dimenstein

BRASÍLIA — *Desculpem-me os religiosos, mas a coluna hoje vai fazer uma crítica a Deus. Convenhamos: ele está sendo injusto com os brasileiros, muito injusto. "Deus me ajudou e ganhei dinheiro", disse o deputado João Alves na CPI, ao explicar a multiplicação de sua fortuna. Realmente, só com inspiração divina alguém poderia ganhar, apenas neste ano, 56 vezes na Loto, Loteria Esportiva e Federal.*

Temos tanta gente passando fome, 32 milhões de indigentes, milhares de meninos de rua, batalhões de desempregados vagando pelas cidades. Por que, então, a ajuda celeste vem apenas para João Alves que, como deputado, ganha US$ 7.000 ao mês —e, até onde se sabe (e muito se sabe) nunca primou exatamente pela vocação espiritual, preso aos prazeres materiais.

Houve um tempo em que o milagre tinha de exibir cenas majestosas como a multiplicação de pães de cevada e peixe, distribuídos aos pobres. Aqui no Brasil, quase dois milênios depois, faz-se o milagre da multiplicação de prêmios de loteria — o problema é que, desta vez, não foram distribuídos aos pobres. Apenas a um seleto grupo, do qual o economista José Carlos Alves jura integrar.

De fato, o Brasil é uma terra de estranhos milagres. Fernando Collor se mostra indignado com a corrupção do Congresso. Antônio Carlos Magalhães que o sustentou até o último segundo se apresenta como campeão da moralidade pública, aproveitando o escândalo para ganhar espaço, de olho na sucessão presidencial. E PC manda seu irmão, o deputado ajudar Augusto Farias, prestar uma missão cívica e ajudar nas investigações.

A CPI tem dois caminhos: 1) investiga a fundo e acaba com a gatunagem, na qual até o nome de Deus é invocado; 2) acaba abafada pela galhofa e sua imagem coletiva acabará no mesmo nível de João Alves, correndo o risco de experimentar a ira dos manos.

PS — O Brasil pode ser mesmo terra de muitos milagres. Só que não existem santos.

O facão e o grito

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — *É por espírito de porco mesmo. Não tenho nada contra a publicidade mas não vou na onda. Quando vejo um produto muito badalado pela mídia, fico logo prevenido.*

Deu-se que, noite dessas, no intervalo de um filme, vi o anúncio de umas facas japonesas. Nem sempre aprecio a eficiência dos chamados nipônicos, não admiro sua culinária nem gosto do olhar oval das japonesas. Nunca fui além de Madame Butterfly, "bimba dagli occhi pieni di malia" —como a fez Puccini.

Eu devia estar desprevenido: o filme era bom e o intervalo me pegou no contra-pé. Um roliço japonês com suas expostas e suadas vindas fez misérias com as referidas facas e com o formidável facão que, sozinho, vale mais do que aqueles canivetes suíços de mil e uma utilidades. Dizem que os tais canivetes são o principal equipamento do pacífico exército da Confederação Helvética. Pois o facão que vi na TV deve ser o armamento mais poderoso do exército japonês. Entendi porque o Japão perdeu a guerra: os Estados Unidos já haviam fabricado a bomba atômica e a indústria japonesa ainda não chegara ao facão que agora é oferecido pelo reembolso postal.

As maravilhas de que é capaz são muitas e variadas: pode cortar a unha de gente e manilhas de ferro. Cabos de aço e fios de náilon —que em geral são complicados de cortar. Nunca perde o fio. Com ele se pode obter desde uma picanha bem fatiada até a transformação de um ferro de passar roupa em dois —não sei bem para quê.

No dia seguinte fiz o pedido. Recebi ontem o facão, acompanhado de seis faquinhas que fazem a mesma coisa em escala menor. Testei a potente arma num prego da estante de livros, cuja saliência já estragou um livro com dedicatória do Guimarães Rosa. Não houve jeito de eliminar aquela protuberância com o nipônico facão. À noite, vi o anúncio outra vez e descobri a razão: é que me faltou o grito —aquele grito medonho que o japonês dá no clímax dos esportes marciais. Para o facão funcionar em sua plenitude terei de dar o berro —e prefiro guardar o meu grito para outros espaços.

Acredite se quiser!

Antonio Ermírio de Moraes

Parece incrível. É só o tempo esquentar, encontro o Matias. E nessa semana esquentou mesmo... em Brasília e em São Paulo. Lá, um denunciante indiciado pela polícia pôs em perigo a vida do Congresso Nacional e da própria democracia brasileira. Em São Paulo, o parlamento estadual foi tomado de assalto por um bando —que se dizia de professores— que desonra boa parte do seu interior.

O Matias estava indignado. Ele havia lido o artigo de domingo nesta coluna. Ali, reconheci a justeza das partes em greve mas apelei para que professores e governantes tivessem um gesto de compreensão, um pouco mais de tolerância, menos ódio e menos confrontos, afinal, no meio deles estavam 6,5 milhões de crianças e jovens que precisam ser educados.

Assim que me viu, o velho Matias, na sua franqueza, foi logo dando a sua opinião. Os meus leitores já sabem que o Matias é um grande amigo, produtor agrícola. Homem que levanta às 4h, dorme às 10h, trabalha de sol a sol. Não tendo muito tempo para perder ele sempre vai direto ao assunto.

Antonio, com todo o respeito ao seu [illegible]. Realmente, a educação é a mais prioritária de todas as prioridades neste país. Eu [illegible]. Uma dúvida, porém, que [illegible]. Quando vi na televisão os professores depredando o prédio da Assembléia Legislativa, [illegible] para tirar essa prioridade [illegible]. Pobre juventude."

Eu disse [illegible] que os depredadores [illegible] professores. Mas, o Matias [illegible]. Foi logo dizendo que [illegible] a todas as [illegible] do bolso [illegible] dos educadores.

Não tive mais argumentos. Na verdade, é inaceitável um grupo que se diz educador e que tem a responsabilidade de educar oferecendo aquele triste exemplo. Nada justifica devastar o patrimônio público, em especial, a casa que representa o povo. Greve é um direito legítimo e amparado pela Constituição. Da mesma forma, o patrimônio público é protegido pela lei e demanda uma conduta civilizada por parte de todos.

Confundiu-se liberdade com anarquia. Democracia com baderna. Esqueceu-se que o usufruto da liberdade exige uma contrapartida de responsabilidade. Isso vale para os invasores da Assembléia e vale também para os parlamentares de Brasília e arruaceiros da Candelária, Vigário Geral, praia de Ipanema e tantos outros cantos do Rio de Janeiro.

O Brasil não pode continuar nessa trilha. Temos de pôr um basta nessa onda. Do contrário, estaremos empurrando o carro para o fundo do abismo. Aí, vamos ter saudades da liberdade que temos hoje. Mas, a liberdade é assim mesmo. É como a saúde. A gente só dá valor depois que perde.

Antonio Ermírio de Moraes escreve aos domingos nesta coluna.

FRASES

"Não tenho dinheiro. Sempre fui um intelectual e vocês vão ter uma surpresa."

João Alves, deputado federal pelo PPR-BA e principal acusado no escândalo do Orçamento, em entrevista ao "O Globo".

VERBAS

"A dificuldade na liberação de verbas e os problemas burocráticos estimulam a corrupção."

Paulo Lacerda, delegado que coordena as investigações do caso PC, ontem em "O Estado de S. Paulo".

PONTO DE VISTA

"Não há comparação entre o que eu fiz e o que ele fez."

Ronald Biggs, assaltante inglês, sobre João Alves, ontem no "Jornal da Tarde".

VIOLÊNCIA

"Aqui não há violência, eu nunca mandei um peão embora. Se roubar, quando o cara não tem jeito, a gente mata."

Paulo Monteiro, fazendeiro de [illegible], Alagoas, em "Veja".

BRAÇO DE FERRO

"As empreiteiras têm mais força do que qualquer governador."

Antônio Carlos Magalhães, governador da Bahia, ontem na **Folha**.



PREÇOS

Fazenda retoma idéia de prefixar inflação

Criar um indexador mensal torna-se a opção preferida depois da rejeição às duas moedas e âncora cambial

EDIANA SALLERONI
SONIA MOSSRI



FHC, que ainda espera ver aprovado o ajuste fiscal

FHC nega impostos de última hora

PAULO FRANCISCO
Da Agência Folha, em Natal

PRIVATIZAÇÃO

Avaliação prepara venda da Light e Escelsa

FRANCISCO SANTOS
da Sucursal do Rio

e MAURA FRAGA
Da Agência Folha, em Vitoria



Prédio da administração da Light, na região central do Rio

Brizola quer o controle

Da Sucursal do Rio

cotidiano



Professores levam garrafas de água para a Assembléia

Assembléia deve continuar ocupada

Presidente faz reunião hoje

Da Reportagem Local

MORTES

A família de
ARTHUR ORTENBLAD NETO
agradece o carinho e a amizade recebidos por ocasião de seu falecimento e convida para a Missa de 7º dia em sua memória, a realizar-se no dia 26, terça-feira, às 11h00 na Igreja São José, Rua Dinamarca, 32 — Jardim Europa — São Paulo — SP.

Os filhos, netos e bisnetos do saudoso
JERONYMO MAURI
Sensibilizados agradecem as manifestações de pesar recebidas e convidam parentes e amigos para a Missa de Sétimo Dia que será celebrada dia 26 de Outubro, amanhã, às 20:30 hs na Igreja São José, Rua Brigadeiro Jordão 560, Ipiranga.

MEIO AMBIENTE



O governo do Estado assina hoje termo de cooperação para fiscalização da Billings — Pág. 2

NEGÓCIOS



A Pirelli Cabos (foto), de Santo André, investiu US$ 20 milhões em cabos de fibra ótica — Pág. 4

ESPORTES



O Colgate-São Caetano perdeu ontem por 3 sets a zero para a equipe do L'Acqua di Fiori — Pág. 3

7

FOLHA DE S.PAULO

folha abcd sp

Segunda-feira, 7 de outubro de 1991

Santo André ★ São Bernardo do Campo ★ São Caetano do Sul ★ Diadema ★ Mauá ★ Ribeirão Pires ★ Rio Grande da Serra

SERIADO

Vesperal exibe "Zorro"



A sessão vesperal extra amanhã tem episódio do seriado "Zorro" (foto), produzido pela Walt Disney. A apresentação será às 14h, no Auditório João Domingues Tavares (r. Bauru, 21, Bairro Novo), em São Bernardo. A entrada é gratuita.

O NÚMERO

18

fotografias de Cibele Aragão (em preto e branco, tamanho 40 cm x 60 cm) e 18 poesias de Dalila Teles Veras (ampliados em papel vegetal) estão expostas em "Trabalho: Um Olhar Poético", no Sesc São Caetano (r. Piauí, 554).

VÍDEO

Diadema tem exposição

O Centro Cultural Diadema (r. Graciosa, 300) apresenta até quarta feira exibição de vídeos sobre a fabricação de instrumentos musicais. As sessões são realizadas às 19h no Espaço Cândido Portinari e fazem parte da exposição "Todos os Cantos da Terra", de instrumentos musicais artesanais.

TEATRO

Singular está em festival

O Grupo de Teatro do Singular, formado por alunos, ex-alunos e funcionários do Colégio Singular, estréia a peça "Fuenteovejuna" no Petzas (Festival de Teatro Amador de Santo André), no dia 31, às 20h30, no Cine-Teatro Carlos Gomes. Os ingressos custam CR$ 250 e CR$ 150 (antecipados, nas unidades do Singular).

INDIFOLHA

CAI O Nº. DE MORTES

Em Santo André



Produção das Balas Juquinha cai 40% com a greve dos professores

Resultados do 2º semestre ficarão abaixo do previsto devido à paralisação, diz gerente

Crianças se esquecem de comprar bala nas 'férias'

Free-lance para a **Folha**

A garotada confirma a tese da fábrica de Juquinha. Os estudantes de escolas estaduais realmente diminuíram os gastos de consumir os balinhas por causa da greve.

Diego Cesar Piccioli, 13, costuma comprar na escola as balas de iogurte da Juquinha quando tem dinheiro. "Mas eu só compro quando estou na escola", disse. Nesse período de férias forçadas, Diego disse que não está comprando as balas.

Apesar da mãe e da avó de Cinthia Cristina Fonin, 12, comprarem as balas em pacotes, a garota tem o costume de consumir os doces na cantina da escola. "Eu estou lá com o dinheiro, vejo a bala e compro." Sem aula, Cinthia parou de adquirir o produto. Ela disse que não tem costume de comprar as balas fora da escola.

A mãe Maria Lucia Bosaini, 41, disse que seus filhos Daniel, 12, e Fábio, 10, sempre compram balas na escola.



Diego Piccioli, 13, que deixou de comprar balas pela greve

FABIOLA SALANI

Free-lance para a Folha

A produção da fábrica de balas Juquinha, em Santo André, caiu 40% por causa da greve dos professores estaduais. Segundo Jorge Alves da Costa, 53, gerente de vendas da fábrica, o resultado do segundo semestre deve ser bem abaixo do esperado principalmente por causa da paralisação.

"Nosso cliente em potencial está em casa nesses dias livres. Quando a criança vai para a escola, ela está em trânsito e com dinheiro no bolso. Além disso, grande parte de nossas vendas acontece em cantinas escolares", disse Costa.

O faturamento que a Juquinha tinha previsto para 93 era de US$ 6 milhões (CR$ 951,8 milhões, pelo câmbio comercial). Deve alcançar US$ 5 milhões (CR$ 793,2 milhões). "A greve, ainda no período recessivo que estamos passando, fez nossa receita cair 20% em relação ao esperado. Também houve queda nas exportações", disse. Apesar da situação difícil, Costa afirmou que a produção deste ano crescerá 7% em relação ao ano passado.

"Hoje nós concentramos a distribuição em grandes atacadistas, como Makro e Lojas Brasileiras. Pretendemos começar uma distribuição nos supermercados por dificuldade de conseguirmos comunicação rápida no varejo", declarou o gerente. "O consumidor coloca a marca, mas não a encontra com facilidade", disse.

Segundo Costa, as vendas da fábrica se concentram, basicamente, na cidade São Paulo-Rio. "Somente em São Paulo, temos 212 pontos de venda no atacado e comercializamos de 100 a 120 toneladas por mês", disse. Esse total representa 25% da produção da fábrica. Para o gerente, o segredo do sucesso de balas mastigáveis é a agilidade. "Você tem que estar rapidamente nos pontos de venda."

RAIO X

- Nome: [illegible] Juquinha [illegible] Comércio Ltda.
- Localização: [illegible] Santo André
- Fundação: 1945
- Ramo de atividade: [illegible] e chicletes
- Faturamento previsto (93): US$ 6 milhões
- Funcionários: 100
- Produção mensal (média): 900 toneladas

Movimento faz 69 dias

Free-lance para a **Folha**

Os professores da rede estadual de ensino estão parados por melhores salários há 69 dias. Eles representam cerca de 15 mil na região. O movimento chegou a ter adesão de 95% dos professores no Estado e no ABCD, segundo a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo).

Eles realizaram mais de dez assembléias estaduais em São Paulo. Mas a falta de acordo com o governo, incidentes com a polícia e o medo de ter os dias parados descontados trouxeram muitos professores de volta às salas.

SÃO BERNARDO

Juiz determina despejo de 2.500 famílias

Free-lance para a **Folha**

Cerca de 2.500 famílias de São Bernardo, moradoras em áreas de proteção a mananciais, no bairro do Alvarenga, estão ameaçadas de despejo pela Justiça. No início do mês, 500 moradores do Parque dos Químicos receberam intimação do juiz da 5ª Vara Cível de São Bernardo, Maurício Florito, para desocuparem a área no prazo de 90 dias.

Outras duas sentenças judiciais foram expedidas contra moradores do Jardim Ipanema, que possui 1.300 famílias assentadas em cerca de 140 mil metros quadrados da área, e 570 famílias do Jardim Nova Canaã, que ocupam cerca de 145 mil metros quadrados em loteamento irregular.

A presidente da Associação dos Químicos, Maria das Graças de Oliveira, 57, afirma que a área do Parque dos Químicos não foi invadida pelos associados da entidade. "O terreno foi adquirido de proprietário particular e evitamos a construção de mais uma favela na cidade", disse Maria das Graças.

O vereador e advogado Edinho Montemor (PTB), que apóia o movimento de cooperativas habitacionais em São Bernardo, disse que o déficit de moradias na cidade ainda é de 40 mil unidades. "O número seria maior se não houvesse a ocupação organizada das áreas para a construção de moradias, através das cooperativas", disse Montemor. Para o vereador, a solução agora é a mudança na legislação de proteção a mananciais, para regularizar as moradias já construídas e a proibição da ocupação desordenada.

Em assembléia realizada outro na região do Alvarenga, cerca de 500 moradores se reuniram no Parque das Garças para protestar contra a decisão da Justiça de desapropriar as construções das áreas.



Moradores do Alvarenga em assembléia contra despejo

Prefeito proíbe nova construção

Free-lance para a **Folha**

O prefeito Walter Demarchi proibiu novas construções no Parque Ideal, na região do Bairro Alvarenga, em cumprimento à decisão da juíza substituta da 9ª Vara Cível, Teresa Cristina Tauhaseo Amaro.

A juíza notificou a prefeitura para não permitir novas edificações na área de manancial. Segundo a prefeitura, as novas construções estão proibidas. Caso a proibição não seja respeitada, a infratora poderá ser multada em cinco mil UFIR.

VACINAÇÃO

Resultado da campanha é o menor desde 88

Segundo a prefeitura, 74% das 88.204 crianças com menos de cinco anos foram vacinadas em Campinas

Esquema tem 1.400 pessoas

Free-lance para a **Folha**

O esquema montado pela Secretaria Municipal de Saúde para a realização da segunda etapa da campanha nacional de multivacinação envolveu 1.400 profissionais. Eles foram distribuídos nos 212 postos de vacinação montados na cidade.

A vigilância epidemiológica recebeu 120 mil doses de vacina contra a poliomielite e cerca de 60 mil doses de vacinas contra sarampo, coqueluche, difteria, caxumba e rubéola. Nos 11 municípios da Grande Campinas foram montados 517 postos de vacinação e distribuídas 140 mil doses de vacina Sabin, contra a paralisia infantil.

As campanhas contra a poliomielite eliminaram a doença no país. O último caso aconteceu em 89.



Patrícia Agostini Silva toma a vacina contra a poliomielite durante a campanha em Campinas

Free-lance para a **Folha**

O número de crianças vacinadas no sábado em Campinas, na segunda fase da campanha nacional de multivacinação foi o mais baixo desde 1988. Segundo dados parciais da Secretaria Municipal de Saúde, foram vacinadas 66.048 crianças, 74% das 88.204 com menos de cinco anos de idade residentes na cidade. A meta era vacinar 80% delas.

Segundo a secretaria, a chuva que caiu na madrugada e manhã de sábado foi a responsável pelo resultado abaixo das expectativas. Durante toda ao período da manhã, o movimento foi fraco nos postos de vacinação.

Até às 11h, apenas 9.017 crianças haviam tomado a vacina contra a paralisia infantil, segundo balanço parcial divulgado pelo comando central da campanha, instalado na Secretaria de Saúde. "Em comparação aos outros anos este número é baixo", disse Selma Regina Rodrigues Batista, do comando central. A saúde, entretanto, melhorou no tempo, houve filas em alguns postos.

Em relação à primeira fase da campanha, houve uma queda de 3,5 pontos percentuais no número de crianças vacinadas contra poliomielite. Em agosto, a cobertura foi de 79,5% das crianças.

A expectativa do secretário municipal de Saúde, Rogério de Jesus Pedro, era repetir este índice no sábado. "Consideramos este percentual bom para a cidade de Campinas", disse Jesus Pedro, na quarta-feira passada durante o anúncio da campanha.

No fim do dia, o comando central da campanha computou o uso de 11 mil doses da "Sabin" em crianças com menos de um ano, 34 mil doses em crianças de um a cinco anos e 7.958 em crianças com mais de cinco anos, que estavam com a carteirinha de vacinação atrasada.

Contra o sarampo, foram aplicadas 438 doses. Também foram usadas 3.650 doses da vacina tríplice, 1.066 da tríplice viral e 187 da BCG. Os dados finais da campanha serão divulgados esta semana.

Em Piracicaba e Rio Claro os resultados também ficaram abaixo das expectativas. Em Piracicaba, apenas 43.460 crianças, das 57 mil residentes na cidade foram vacinadas. Em Rio Claro, apenas 10.500 das 16 mil crianças foram vacinadas.

Professores em greve vendem doce em feira para arrecadar dinheiro

Free-lance para a **Folha**

Os professores iniciam hoje uma feira no Largo do Rosário para arrecadar fundos de greve. Em seis barracas, eles vão vender salgadinhos, doces e roupas usadas. A greve na rede estadual de ensino completa hoje 67 dias e a previsão é de que o movimento dure pelo menos mais uma semana.

Os professores ainda sabem quanto vão arrecadar com a feira. Para manter a greve, a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) tem recebido doações de outros sindicatos para manter o movimento.

"Recebemos dinheiro e alimentos do Sindpetro (Sindicato dos Petroleiros) e do Sempro (Sindicato dos Professores, ligado a escolas particulares)", diz Lindabel Delgado Cardoso, 32, diretora da Apeoesp. Segundo ela, a feira é uma forma de os próprios professores conseguirem manter o movimento.

O Governo do Estado informou que não negociaria com os professores em greve, mas ofereceu três propostas, que não foram aceitas pela categoria.



Lindabel Cardoso, diretora da Apeoesp, fala em assembléia

Mercado de hortifrútis apresenta alta de 3,72% na última semana

Free-lance para a **Folha**

O mercado hortifruti fechou com uma alta de 3,72% na última semana em Campinas, segundo a Ceasa (Centrais de Abastecimento S/A). As maiores altas foram a da batata (11,1%) e a do pimentão (11,1%). A abobrinha brasileira (55%) e a cebola (55%) tiveram as maiores baixas.

A caixa com 12 kg de pimentão passou de CR$ 900,00 para CR$ 1.000,00. Já a saca com 50 kg de batata, que estava sendo comercializada a CR$ 1.800,00 na semana retrasada, passou para CR$ 2.000,00 na última semana.

Por outro lado, a caixa com 20 kg de abobrinha brasileira passou de CR$ 900,00 na semana retrasada para CR$ 500,00 na última semana, segundo a Ceasa. A mesma queda teve a cebola. A saca com 20 kg passou de CR$ 1.000,00 para CR$ 550,00.

O preço da beterraba teve uma queda de 50%. A caixa com 23 kg passou de CR$ 900,00 para CR$ 600,00. Também em baixa, o preço da cenoura teve uma queda de 5,5%. Passou de CR$ 950,00 (caixa com 24 kg) para CR$ 900,00.

O tomate também teve queda no preço esta semana. A caixa com 23 kg do produto passou de CR$ 900,00 para CR$ 800,00, registrando uma queda de 12,5%. Também o pepino caipira teve queda. Segundo o Ceasa, o preço do produto passou de CR$ 1.000,00 (caixa com 24 kg) para CR$ 900,00.

A berinjela não teve alteração no preço na última semana na cidade. A caixa com 12 kg foi comercializado durante toda a semana a CR$ 900,00. O repolho também não registrou diferença no preço. A saca com 30 kg foi comercializada a CR$ 380,00.

O preço do chuchu teve uma queda de 12,5%. A caixa com 23 kg passou de CR$ 900,00 para CR$ 800,00. A alface lisa também teve queda no preço na última semana em Campinas, segundo o Ceasa. O engradado com 36 unidades passou de CR$ 1.150,00 para CR$ 900,00, registrando um índice de 21,7%.

Entre as frutas, a banana-nanica e a maçã nacional não registraram diferença no preço. A caixa com 21 kg de banana foi comercializada durante toda a semana a CR$ 800,00. Já a caixa com 20 kg de maçã permaneceu com o preço estável em CR$ 2.500,00.

O mamão havaí teve uma queda de 14,2% no preço. A caixa com 6,5 kg passou de CR$ 700,00 para CR$ 600,00.

A CEASA COMERCIALIZOU

1.500

toneladas de laranja entre 15 e 21 de outubro

MORTES

Vinhedo

JOÃO EMILIO, 70, casado com Aparecida Emilia Fonseca. Deixa filhos. Deixou em comércio Municipal de Vinhedo.

ANDREA WAGNER BENTO, 36, f. Rua do Arruda Wagner Bento e Vanice de Oliveira Andrade Bento. Deixou no comércio Municipal de Vinhedo.

SILVANA DE FÁTIMA AGOSTINHO, 19, f. Rua de Luiz Antonio Agostinho e Adelino Agostinho. Deixou no comércio Municipal de Vinhedo.

MILTON ALVES DOS SANTOS, 51, casado com Georgina Francisco Santos. Deixa 8 filhos. Deixou no comércio Municipal de Vinhedo.

Valinhos

ARISTIDES CRIVELARO, 64, casado com Benedita Crivelaro. Deixa filhos. Deixou no comércio Rua João Bassi.

LAIR ZAMUTE, 55, casado com Rita de Cássia Fernandes Zamute. Deixa filhos. Deixou no comércio Parque das Alamedas em Campinas.

As comercializações solicitadas verificação podem ser encontradas pelo telefone (0192) 34-1020.

folha sudeste

COMANDO GERAL
VALDENÊ AMORIM



HAJA BOLA
NA RÁDIO BRASIL

7:00h CAFÉ COM BOLA
Segunda à Sábado

11:30h BRASIL BOM DE BOLA 1ª EDIÇÃO
Segunda à Sexta

18:00h BRASIL BOM DE BOLA 2ª EDIÇÃO
Segunda à Sexta

Se ligue na nova programação Esportiva da Rádio Brasil

Rádio Brasil GLOBO

AM 1.270 AM1.270 AM1.270 AM1.270 AM1.270

LEILÃO OUSADIA

Leilão do Núcleo do Marchador da Alta-Mogiana



26 • OUTUBRO • 93
20 HORAS
ÁGUA BRANCA - SP

Venda de Coberturas
DIPLOMATA I.J.
Campeão Estadual de Marcha - ITAPARICA/92
Campeão Paraguaio de Pal - Superlongo/93
Grande Campeão da Raça - ITAPARICA/93
Grande Reprodutor: Filhos Campeões



ORIGINAL DE STA. LÚCIA
Campeão Paraguaio de Pal
Diversas Exposições
Pai de Inúmeros Campeões
Reservado Campeão Nacional Cavalo/90
Inscrito no Livro de Mérito da ABCCMM sob nº 41

35 machos e fêmeas
Animais adultos
mansos de sela

Animais oriundos dos criatórios de:
• Adauto Paiva Filho • Ademar de Oliveira Macedo
• Agro Pastoril Maria Carolina Ltda • Agnaldo Podrecchi
• Antonio de Padua Barros Cardoso • Antonio Justino Ribeiro Meirelles
• Arnaldo Landgraf • Carlos Ferreira da Rosa Junqueira Neto
• Carlos Roberto Ribeiro Meirelles • Elza Ribeiro Meirelles
• Guilherme Ribeiro Meirelles • Haroldo F. E. Junqueira • Haroldo Ruddy Mattei
• Lívia Maria Quinzo Paulino da Costa • Luiz Antonio C.M. Ribeiro Pinto
• Luiz Antonio Mello • Luiz Garcia Paiva • Maria do Carmo Pereira Santa Cruz
• Maria Magdalena Salles de Oliveira • Nilo de Barros Vinhaes
• Rodrigo Carril • Sebastião de Assunção Malheiro Neto

APOIO:

CCX

Professores temem ação da polícia na Assembléia

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Depois de uma reunião entre o presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Roberto Felício, e o presidente da Assembléia Legislativa, Vitor Sapienza, a água da Assembléia foi religada ontem às 22h30. A conversa, segundo a Apeoesp, foi para diminuir o clima de tensão. Houve a garantia de que os ocupantes não serão retirados à força do local.

As torneiras e privadas da Assembléia estavam sem água desde o início da invasão, no início das 17h30 de quinta-feira. Uma corrente humana com mais de cem pessoas garantia o abastecimento de água dos cerca de 400 professores que ocupam o local. Garrafas plásticas eram enchidas em uma torneira a cerca de 30 metros da entrada e passadas de mão em mão até o interior do prédio.

Segundo a Presidência da Assembléia, duas bombas de água quebraram, por causa de papéis jogados pelos professores durante a assembléia que decidiu fazer a "vigília permanente" ao local. A greve entra hoje no 20º dia. Deputados do PT e PC do B afirmam que "a água havia sido sido cortada". Os ramais da telefonia só estão recebendo ligações.

Ontem de manhã, Sapienza pediu em ofício que o governador Luiz Antonio Fleury Filho tomasse "as providências necessárias para garantir o livre exercício do Poder Legislativo".

O governador respondeu em nota à imprensa: "Quem determina e dá as ordens à força policial é a mesa da Assembléia, cabe ao próprio Legislativo determinar quais são as providências que julga". Depois disse, foi Sapienza quem requisitou policiais: "Meu cargo era no sentido de garantir a segurança da Assembléia".

Desde quinta-feira à noite, está impedido o ingresso de outros professores no prédio. Apesar disso, há manchas em que entram pessoas por janelas dos gabinetes do primeiro andar —o que tem mantido a média de 400 professores ocupando o prédio, já que alguns também saem.

Há temor constante de uma ação policial de desocupação. No sábado às 23h o efetivo do Tático Móvel foi transferido para o estacionamento da Assembléia. "Vamos ficar em vigília permanente, mesmo com esse terrorismo", afirmou o presidente da Apeoesp, Arnaldo. Já nova assembléia geral dos professores, quando a "vigília" poderá ser suspensa. A reunião será no estacionamento da Assembléia (como sul).

Do lado de fora do prédio, há outra vigília, que, ontem à tarde, reunia mais de 300 pessoas. Houve um ato ecumênico no estacionamento e novo abraço à Assembléia. Alimentos enviados por sindicatos, professores, lojistas, entre outros, garantem a comida. Dentro do prédio, os professores foram cadastrados e se dividiram em comissões: limpeza, alimentação, comunicação, saúde, organização e segurança.



Professores fazem corrente humana para fornecer água aos grevistas dentro do prédio da Assembléia Legislativa

Estudantes têm aulas em igreja

Da Folha ABCD

Alunos da 8ª série e do 3º colegial da rede estadual de Santo André (20 km ao sul de São Paulo) começaram ontem a ter aulas na igreja Nossa Senhora do Paraíso. A iniciativa foi de professores que continuam em greve, mas querem preparar os alunos para o vestibular e vestibulinhos.

"Mesmo se as aulas voltassem hoje, a reposição iria até depois do vestibulinho e do vestibular. Nossa intenção é continuar com essas aulas independente do fim da greve", afirmou a professora Ana Rosa Salgado.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe
130% e mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro	Não mexeu; 102,5% em outubro e cerca de 19% em novembro e dezembro
Em 94, 30% do ICMS para o ensino de 1.º e 2.º graus	Defender na Assembléia 31,5% do ICMS para 1.º e 2.º grau, em 94
Segundo a Apeoesp a greve atingiu, em média, 58% das escolas na quinta-feira, dia 21	Segundo o governo: 12% da rede do SP e 14% do interior tinham greve total ou parcial no dia 22
Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	Quem são: 330 mil professores, 1.300 supervisores de ensino e 4.300 diretores de escola
	Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
Escolas: 6.682	Alunos: 6,3 milhões

* Reposição de aulas e pagamento dos dias parados dependem da negociação

Pais dão aula em vez de professor

Da Folha Sudeste

Em Campinas (99 km a noroeste de São Paulo), um grupo de 64 pais de alunos tentou ontem a escola estadual Gustavo Morcondes, no bairro do Taquaral. Eles assumem o lugar dos professores mas dizem que não são contra a greve. "É um ato de protesto contra o governo", diz Anita Moraes, mãe de dois alunos.

A escola foi ocupada sem a presença de funcionário algum. Segundo a Cel (Coordenadoria de Ensino no Interior) as aulas dos pais não valem oficialmente.

Hellmann's gastaria apenas 8.10,00 cruzeiros reais para anunciar no classificado por palavra do Folhão.

A verdadeira maionese.

E, por 50% a mais, a Hellmann's também publicaria seu anúncio em mais um dia da semana com o Palavra Conjugada.

Com o Folhão você paga 270,00 cruzeiros reais por palavra. Anuncia o que quiser, com quantas palavras você quiser. E sabe quanto vai custar o seu classificado antes mesmo de ligar para o Folhão. A primeira palavra funciona como título: aparece em letras maiúsculas e negrito. E depois você decide o que escrever e quanto pagar. Em outras palavras, é você que manda no seu classificado. Basta ligar para anunciar. Ligue (011) 222-4000, de segunda a sexta, das 8 às 2 da manhã. Sábado e domingo, das 8 às 18 horas. A Folha é o jornal que vende mais exemplares. No Folhão, o seu classificado vende mais rápido e melhor. Você anuncia agora. Mas só paga depois. Via conta telefônica, você ganha no prazo e na facilidade. Via cartão de crédito, você pode pagar em até 30 dias. Via banco, você é que escolhe a agência da sua preferência. Resumindo, domingo é dia de Folhão. E agora, com Palavra Conjugada, você só paga 50% a mais para anunciar também em outro dia da semana: terça, quinta ou sábado.

Para você anunciar ligue 222-4000 Folhão

14 PERGUNTAS QUE PAIS DE ALUNOS DA REDE ESTADUAL ESTÃO SE FAZENDO

1 Os alunos serão todos reprovados e terão que refazer o ano em 1994?
A Secretaria Estadual de Educação diz que haverá reposição das aulas e o ano não está perdido.

2 Até que mês deve ir a reposição de aulas?
Cada escola deverá fazer seu calendário de reposição. A previsão é que as aulas continuem até 30 de dezembro. Mas, dependendo da continuação da greve, o prazo pode ser aumentado.

3 Toda a matéria perdida será dada durante a reposição?
Cada escola terá que preparar um conteúdo mínimo que será encaminhado às delegacias de ensino para aprovação.

4 Aulas de vídeo e visitas a museus serão consideradas reposição de aulas?
Vai ficar a critério do plano de reposição elaborado por cada escola.

5 Haverá aulas aos sábados e domingos?
Os sábados devem ser usados na reposição, bem como os intervalos entre um período e outro. Aos domingos, a previsão da Secretaria de Educação é de que não haverá aula.

6 Se houver reposição até janeiro, haverá férias escolares?
Não. O próximo ano letivo deve começar no início de fevereiro, como previsto no calendário.

7 Haverá reposição de listas de materiais?
Não. O conteúdo passado pelos professores que não entraram em greve fica valendo.

8 Caso seja impossível fazer a reposição de aulas, os alunos serão aprovados?
Ainda não foi cogitada a possibilidade de aprovação por decreto. O governo aposta na reposição.

9 Os alunos do 3.º ano do 2.º grau terão certificado de conclusão para fazer a matrícula na universidade?
A Secretaria da Educação promete urgência e prioridade na expedição de documentos para os formandos depois de encerradas as reposições.

10 As escolas particulares aceitam matrículas para a próxima série?
Só se for concluído o ano letivo. O presidente do Sieesp, José Aurélio de Camargo, recomenda que se adiça a série cursada em 1993.

11 Até quando vão as matrículas na rede particular?
Pode-se fazer a matrícula até o início das aulas, previstos para o mês de fevereiro.

12 Quando serão feitas as matrículas para 1994 na rede estadual?
As matrículas para todas as séries na rede estadual só estarão abertas depois de concluído o ano letivo de 1993.

13 Como fazer para entrar com ação contra o Estado pedindo indenização pelos dias perdidos?
O melhor é juntar um grupo de pais, contratar um advogado e pedir responsabilização objetiva do Estado, já que o direito à educação está garantido na Constituição. Em caso de perda da ação, os pais serão os pagar os honorários dos procuradores do Estado mais as custas e despesas do processo.

14 Tomar aulas particulares é suficiente para recuperar a matéria perdida durante a greve?
Para o presidente do Sieesp, José Aurélio de Camargo, não. Segundo ele, a greve interrompe o processo educacional e as aulas particulares serão apenas um reforço.

Deputados fazem 1ª sessão após ocupação

Da Reportagem Local

Apesar da ocupação, os deputados tiveram ontem à tarde sua primeira sessão desde quinta-feira. Os professores decidiram pouco antes —em uma das duas reuniões diárias que têm feito na galeria do plenário do Assembléia— que não aplaudiriam nem vaiariam qualquer deputado.

O presidente da Assembléia, Vitor Sapienza (PMDB), leu um dos discursos mais curtos de sua vida. "O que está em jogo é o direito de dizer. Não admitirei que esse Poder fique refém dos ativistas radicais". Outro crítico foi Campos Machado (PTB): "Não podemos reconhecer como legítima a criminosa invasão que houve nesta casa". A invasão de quinta-feira deixou pelo menos seis policiais e seis professores feridos e um prejuízo que até agora não foi calculado.

"Assistir essa sessão foi uma verdadeira tortura. Além de não poder votar os deputados, os policiais cutucavam quando a gente dormia na galeria", afirmou um professor que, como a maioria dos invasores, pediu para não ser identificado. Durante a sessão, um PM filmava com uma câmera de vídeo um a um os presentes.

No final da tarde, lideranças partidárias e deputados da Comissão de Educação foram à Secretaria da Administração para uma reunião com a equipe econômica do governo. O governo afirmou que não tem recursos para melhorar sua proposta. Mas admitiu poder melhorar a proposta de como será o desconto dos dias parados com a greve.

Segundo Fleury —em nota à imprensa—, mais de 70% dos professores estão trabalhando. A Apeoesp somente os dados de quinta-feira passada: 58% de adesão. O sindicato dos diretores (Udemo) —que saiu da greve no dia da invasão— disse ontem que a volta ao trabalho "não foi por concordar com a proposta do governo". (FR)

Professores temem ação da polícia na Assembléia

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Depois de uma crowerva entre o presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Roberto Felício, e o presidente da Assembléia Legislativa, Vitor Sapienza, a água da Assembléia foi religada ontem às 22h30. A corretira, segundo a Apeoesp, foi para diminuir o clima de tensão. Houve a garantia de que os ocupantes não serão retirados à força do local.

As torneiras e privadas da Assembléia estavam sem água desde a hora da invasão, ao todo das 17h30 de quinta-feira. Uma corrente humana com mais de cem pessoas garantia o abastecimento de água dos cerca de 400 professores que ocupam o local. Garrafas plásticas eram enchidas em uma torneira a cerca de 70 metros da entrada e passadas de mão em mão até o interior do prédio.

Segundo a Presidência da Assembléia, duas bombas de água quebraram, por causa de papéis jogados pelos professores durante a assembléia que decidiu fazer a "vigília permanente" no local. A greve entra hoje no 20º dia. Deputados do PT e PC do B afirmam que "a água havia sido sido cortada". Os ramais de telefone só estão recebendo ligações.

Ontem de manhã, Sapienza pediu em ofício que o governador Luiz Antonio Fleury Filho tomasse "as providências necessárias para garantir o livre exercício do Poder Legislativo".

O governador respondeu em nota à imprensa: "Quem determina e dá as ordens à força policial é a mesa da Assembléia; cabe ao próprio Legislativo determinar quais são as providências que deseja". Depois disse, foi Sapienza quem respondeu pelas providências: "Meu ofício era no sentido de garantir a segurança da Assembléia".

Desde quinta-feira à noite, está impedido o ingresso de outros professores no prédio. Apesar disso, há manobras em que entram pessoas por janelas dos gabinetes do primeiro andar —o que tem reunido a média de 400 professores ocupando o prédio, já que alguns também saem.

Há temor constante de uma ação policial de desocupação. No sábado às 23h o efetivo do Tático Móvel foi transferido para o estacionamento da Assembléia. "Vamos ficar em vigília permanente, mesmo com esse terrorismo", afirmou o presidente da Apeoesp, Arnaldo. Há nova assembléia geral dos professores, quando a "vigília" poderá ser suspensa. A reunião será no estacionamento da Assembléia (zona sul).

Do lado de fora do prédio, há outra vigília, que, ontem à tarde, reunia mais de 300 pessoas. Houve um ato ecumênico no estacionamento e outro abraço à Assembléia. Alimentos enviados por sindicatos, professores, lojistas, entre outros, garantiu o consumo. Tirano do prédio, os professores foram cadastrados e se dividiram em comissões: limpeza, alimentação, construção, saúde, organização e segurança.



Professores fazem corrente humana para fornecer água aos grevistas dentro do prédio da Assembléia Legislativa

Estudantes têm aulas em igreja

Da Folha ABCD

Alunos da 8ª série e do 3º colegial da rede estadual de Santo André (20 km ao sul de São Paulo) começaram ontem a ter aulas na igreja Nossa Senhora do Paraíso. A iniciativa foi de professores que continuam em greve, mas querem preparar os alunos para o vestibular e vestibulinhos.

"Mesmo se as aulas voltassem hoje, a reposição iria até depois do vestibulinho e do vestibular. Nossa intenção é continuar com essas aulas independente do fim da greve", afirmou a professora Ana Rosa Salgado.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe
120% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro	Nos próximos 10,25% em outubro e cerca de 19% em novembro e dezembro
Em 94, 30% do ICMS para o ensino de 1.º e 2.º graus	Defender na Assembléia 33,5% do ICMS para 1.º e 2.º grau, em 94
● Segundo a Apeoesp: greve atinge, em média, 50% das escolas na quinta-feira, dia 21	● Segundo o governo: 12% da rede do SP e 54% do interior tiveram greve total ou parcial no dia 22
● Entidades: Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● Quem são: 220 mil professores, 1.800 supervisores de ensino e 6.320 diretores de escola
	● Início: dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)
● Escolas: 6.683	● Alunos: 4,3 milhões

* Reposição de aulas e pagamento dos dias parados dependem da negociação

Pais dão aula em vez de professor

Da Folha Sudeste

Em Campinas (99 km a noroeste de São Paulo), um grupo de 64 pais de alunos resolveu ocupar a escola estadual "Gustavo Marcondes", no bairro do Taquaral. Eles assumem o lugar dos professores mas dizem que não são contra a greve. "É um ato de protesto contra o governo", diz Anita Moraes, mãe de dois alunos.

A escola foi reaberta sem a presença de funcionários ainda. Segundo a Cei (Coordenadoria de Ensino no Interior) as aulas dos pais não valem oficialmente.

Hellmann's gastaria apenas 8.10,00 cruzeiros reais para anunciar no classificado por palavra do Folhão.

A verdadeira maionese.

E, por 50% a mais, a Hellmann's também publicaria seu anúncio em mais um dia da semana com o Palavra Conjugada.

Com o Folhão você paga 270,00 cruzeiros reais por palavra. Anuncia o que quiser, com quantas palavras você quiser. E sabe quanto vai custar o seu classificado antes mesmo de ligar para o Folhão. A primeira palavra funciona como título: aparece em letras maiúsculas e negrito. E depois você decide o que escrever e quanto pagar. Em outras palavras, é você que manda no seu classificado. Basta ligar para anunciar. Ligue (011) 222-4000, de segunda a sexta, das 8 às 2 da manhã. Sábado e domingo, das 8 às 18 horas. A Folha é o jornal que vende mais exemplares. No Folhão, o seu classificado vende mais rápido e melhor. Você anuncia agora. Mas só paga depois. Via conta telefônica, você ganha no prazo e na facilidade. Via cartão de crédito, você pode pagar em até 30 dias. Via banco, você é que escolhe a agência da sua preferência. Resumindo, domingo é dia de Folhão. E agora, com Palavra Conjugada, você só paga 50% a mais para anunciar também em outro dia da semana: terça, quinta ou sábado.

Para você anunciar ligue
222-4000 Folhão

14 PERGUNTAS QUE PAIS DE ALUNOS DA REDE ESTADUAL ESTÃO SE FAZENDO

1 Os alunos serão todos reprovados e terão que refazer o ano em 1994?
A Secretaria Estadual de Educação diz que haverá reposição das aulas e o ano não está perdido.

2 Até que mês deve ir a reposição de aulas?
Cada escola deverá fazer seu calendário de reposição. A previsão é que as aulas continuem até 30 de dezembro. Mas, dependendo da continuação da greve, o prazo pode ser aumentado.

3 Toda a matéria perdida será dada durante a reposição?
Cada escola terá que preparar um conteúdo mínimo que será encaminhado às delegacias de ensino para aprovação.

4 Aulas de vídeo e visitas a museus serão consideradas reposição de aulas?
Vai fiar a critério do plano de reposição elaborado por cada escola.

5 Haverá aulas aos sábados e domingos?
Os sábados devem ser usados na reposição, bem como os intervalos entre um período e outro. Aos domingos, a previsão da Secretaria de Educação é de que não haverá aula.

6 Se houver reposição até janeiro, haverá férias escolares?
Não. O próximo ano letivo deve começar no início de fevereiro, como previsto no calendário.

7 Haverá reposição de aulas as matérias?
Não. O conteúdo passado pelos professores que não entraram em greve fica valendo.

8 Caso seja impossível haver a reposição de aulas, os alunos serão aprovados?
Ainda não foi cogitada a possibilidade de aprovação por decreto. O governo aposta na reposição.

9 Os alunos do 3.º ano do 2.º grau terão certificado de conclusão para fazer a matrícula na universidade?
A Secretaria da Educação promete urgência e prioridade na expedição de documentos para os formandos depois de encerradas as reposições.

10 As escolas particulares aceitam matrículas para a próxima série?
Só se for concluído o ano letivo. O presidente do Sieesp, José Aurélio de Camargo, recomenda que se refaça a série cursada em 1993.

11 Até quando vão as matrículas na rede particular?
Pode-se fazer a matrícula até o início das aulas, previsto para o mês de fevereiro.

12 Quando serão feitas as matrículas para 1994 na rede estadual?
As matrículas para todas as séries na rede estadual só estarão abertas depois de concluído o ano letivo de 1993.

13 Como fazer para entrar com ação contra o Estado pedindo indenização pelos dias perdidos?
O melhor é juntar um grupo de pais, contratar um advogado e pedir responsabilização objetiva do Estado, já que o direito à educação está garantido na Constituição. Em caso de perda de ação, os pais serão os pagar os honorários dos procuradores do Estado mais as custas e despesas do processo.

14 Tomar aulas particulares é suficiente para recuperar a matéria perdida durante a greve?
Para o presidente do Sieesp, José Aurélio de Camargo, não. Segundo ele, a greve interrompe o processo educacional e as aulas particulares seriam apenas um reforço.

Deputados fazem 1ª sessão após ocupação

Da Reportagem Local

Apesar da ocupação, os deputados tiveram ontem à tarde sua primeira sessão desde quinta-feira. Os professores decidiram pouco antes —em uma das duas reuniões diárias que têm feito na galeria do plenário da Assembléia— que não apedrejariam nem vaiariam qualquer deputado.

O presidente da Assembléia, Vitor Sapienza (PMDB), leu um dos discursos mais comedidos: "O que está em jogo é o estado de direito. Não admitirei que este Poder fique refém dos grupos radicais". Outro crítico foi Campos Machado (PTB): "Não podemos reconhecer como legítima a criminosa invasão que houve nesta casa". A invasão de quinta-feira deixou pelo menos seis policiais e seis professores feridos e um prejuízo que até agora não foi calculado.

"Assistir essa sessão foi uma verdadeira tortura. Além de não poder votar os deputados, os policiais cutucavam quando a gente dormia na galeria", afirmou um professor que, como a maioria dos invasores, pediu para não ser identificado. Durante a sessão, um PM filmava com uma câmera de vídeo um a um os presentes.

No final da tarde, lideranças partidárias e deputados da Comissão de Educação foram à Secretaria da Administração para uma reunião com a equipe econômica do governo. O governo afirmou que não tem recursos para melhorar sua proposta. Mas admitiu poder melhorar a proposta de como será o desconto dos dias parados com a greve.

Segundo Fleury —em nota à imprensa—, mais de 70% dos professores estão trabalhando. A Apeoesp contesta os dados de quinta-feira passada: 58% de adesão. O sindicato dos diretores (Udemo) —que saiu da greve no dia da invasão— disse ontem que a volta ao trabalho "não foi por concordar com a proposta do governo". (FR)

ACIDENTE



O corpo de Edson Estevantores (foto) é resgatado no Pico Agudo, em Santo Antonio do Pinhal — Pág. 4

MEIO AMBIENTE



A fiscalização na Billings (foto), cujo projeto foi assinado ontem, começa em 40 dias — Pág. 4

IMPOSTO



Câmara de S. Caetano (foto) deve votar hoje o projeto do IPTU, que está sob suspeita — Pág. 3

7

FOLHA DE S.PAULO

folha abcd sp

Terça-Feira, 26 de outubro de 1993 1

Santo André ★ São Bernardo do Campo ★ São Caetano do Sul ★ Diadema ★ Mauá ★ Ribeirão Pires ★ Rio Grande da Serra

FILME

São Bernardo mostra Drácula



O filme "Drácula de Bram Stoker" (EUA/1992) será exibido de sexta-feira (dia 29) até dia 2 de novembro, às 15h30 e 20h, no Teatro Cacilda Becker (praça Samuel Sabatini, 55), em São Bernardo. Os ingressos custam CR$ 80 e CR$ 40 (estudantes e maiores de 65 anos).

O NÚMERO

20

obras do artista plástico Wilmar de Oliveira Souza estão expostas em "Reminiscências da Infância", na Casa do Olhar (praça do Carmo, 171, centro), até 14 de novembro. A entrada é gratuita e a exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 14h às 21h.

VÍDEO

Viaduto do Chá tem documentário

O vídeo "Viaduto do Chá" (1993), de José Santos, será exibido amanhã, às 15h e 17h, na sala de leitura do Centro Cultural Tibaldo (r. Alfredo Bernardo Leite, 1.205), em São Bernardo. A apresentação é gratuita.

PALESTRA

Livro é tema de debate

"A Importância do Livro" é tema de palestra de Maria Heloísa de Almeida Penteado hoje, às 14h, na Biblioteca Mário Tahan (av. Senador Vergueiro, 5.058), em São Bernardo. Ruth Mourão de Andrade fala sobre "O Livro e Seus Cuidados" amanhã, no mesmo horário.

INDIFOLHA

S. CAETANO TEM MENOR MORTALIDADE INFANTIL

Por mil nascidos vivos, em 91

28,56 S. Bernardo



Professor grevista dá aula em igreja

As classes são para estudantes de Santo André que vão fazer vestibular ou vestibulinho



Alunos estudam em "sala de aula" da Igreja Nossa Senhora do Paraíso, em Santo André

ANGÉLICA BANHARA
Free-lance para a Folha

Alunos da 8ª série do 1º grau e 3º colegial da rede estadual de Santo André começaram ontem a ter aulas na Igreja Nossa Senhora do Paraíso. A iniciativa foi de professores que continuam em greve, mas querem preparar os estudantes para o vestibular e vestibulinho.

"Mesmo se as aulas voltassem hoje, a reposição irá se estender até depois dos exames do vestibulinho e do vestibular, pois os alunos continuariam despreparados. Nossa intenção é continuar com essas aulas de preparação independentemente do fim da greve", afirmou a professora de matemática Ana Rosa de Matos Silva Salgado, 40. Segundo a professora Emília Brigido, 34, as aulas estão sendo dadas na igreja para não descaracterizar o movimento de greve. "Mas continuamos parados", afirmou.

O padre Humberto Jair Dinato, responsável pela Igreja Nossa Senhora do Paraíso, apóia a greve e cedeu aos professores três salas de aula, com carteiras e acomodação para cerca de 25 alunos (veja texto nesta página).

Vinte e quatro alunos da 8ª série da EEPSG Dr. Luiz Lobo Neto, escola padrão do bairro Paraíso, em greve desde dia 18 de agosto, assistiram as primeiras aulas ontem de manhã. Foram duas aulas de história e duas de matemática, das 8h às 12h. Está previsto o funcionamento de três classes à noite: uma 8ª série e dois terceiros colegiais (um regular e um com alunos de supletivo).

Por enquanto, o horário das aulas vai exigir 25 professores. Há professores da EEPSG Lobo Neto, EEPG Luiz Martins e EEPSG Prof José Calvitti Filho. Segundo Ana Rosa, o fato de a primeira turma ter sido formada apenas com alunos da Lobo Neto foi coincidência.

"É que a maioria dos professores que vai dar essas aulas são do Lobo Neto. Acabamos avisando os estudantes que tinham telefone, que eram nossos alunos. Mas as aulas estão abertas para alunos de qualquer escola em greve", afirmou. No parte da manhã, há só uma turma formada. Os interessados em ter aulas devem procurar a Igreja, que fica na rua Macedônia, no bairro Paraíso.

NÚMEROS DA GREVE

- **Nº de professores:** 15 mil na região
- **Início da paralização:** 18 de agosto
- **Piso atual (20 horas semanais):** CR$ 13.811
- **Reivindicações:** reajuste de 128%, política salarial de reajuste mensal da inflação e aplicação de 30% do ICMS no ensino público do 1º e 2º graus
- **Contraproposta:** 10,25% de aumento em outubro, 50% de variação da arrecadação do ICMS em novembro e dezembro (cerca de 19% de aumento ao mês) e 32,5% de arrecadação do ICMS para o mês de 1º e 2º graus e para o pagamento dos aposentados
- **Data-base:** março

Fonte: Sindicato e Secretaria de Estado da Educação

Férias forçadas

A maioria dos alunos das escolas paradas está aproveitando mal o tempo. Há 70 dias em férias forçadas, ouvir música e assistir TV acabam sendo as principais diversões. "Não peguei ainda nem os livros. Assistia TV o dia todo", afirmou Zoraide de Araújo, 17, que participou da aula de ontem. "Ouvi música, dormi e conversei com meu vizinho. Foi bom", disse Fernando Rodrigo Beato, 14, que também decidiu começar a estudar para o vestibulinho ontem.

Paula da Cássia Cezar, 15, e Vanessa Käter Palmeira, 14, estavam com menos peso na consciência. "Assistia programas sobre vestibulares, de vez em quando. Vi umas aulas legais e continuei fazendo inglês", disse Vanessa. Paula também usou o tempo para jogar vôlei e futebol. Vanessa aproveitou as horas de sobra para acrescentar a natação ao jazz e à ginástica aeróbica, que já fazia no clube.

Apesar da folga, os estudantes dizem que têm medo de perder o ano. "Também tenho medo de chegar no 1º colegial e não conseguir acompanhar a turma", disse Vanessa. Os estudantes afirmaram que consideram justa a greve dos professores.

"Minha mãe é professora e ganha supermal. Acho que o governo não está nem aí com a educação. Eles arrumam dinheiro para tudo, menos para a escola. É porque dá lucro pra eles", afirmou Vanessa.

LEIA MAIS
Sobre a greve no caderno Cotidiano

Padre apóia greve e cede salas para professores

Free-lance para a **Folha**

O padre Humberto Jair Dinato, 36, da Igreja Nossa Senhora do Paraíso, em Santo André, apóia "totalmente" a greve dos professores. Segundo ele, os grevistas devem permanecer parados até conseguirem uma contraproposta melhor do governo.

"O governo está muito intransigente. Na minha opinião, os professores não devem voltar às aulas assim, por imposição do governo. A greve já devia ter acabado. Por que não insistir mais um pouco?", declarou Dinato. O padre afirmou que já levantou o problema enfrentado pelos professores da rede estadual várias vezes durante as missas.

"É para conscientizar os pais de que o movimento é justo. Tentei sensibilizar a discussão para o problema da qualidade de ensino, que precisa melhorar. Para os professores conseguirem um mínimo de infra-estrutura para trabalhar, eles acabam tendo que mendigar. Isso não é justo", afirmou.

Os professores terão permissão pedir que as salas dos fundos da igreja fossem emprestadas para as aulas públicas. "Quando acabar que eles estarão precisando um lugar, logo eles virão e vamos dizer sim mais Dinato.



Padre Humberto Dinato, da Igreja N.S. do Paraíso

Movimento tem adesão de 60%

Free-lance para a **Folha**

A greve dos professores da rede estadual completa 70 dias hoje. Apesar da queda de adesão ao movimento na região, as subsedes da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) no ABCD estão com atividades programadas para a semana toda.

Ontem, professores de Diadema foram até a Assembléia Legislativa, em São Paulo, levar água e alimentos a cerca de 20 grevistas da cidade que estão "acampados" lá. As subsedes realizam reuniões regionais hoje à tarde, para levantar propostas a serem apresentadas na assembléia estadual, programada para amanhã às 15h, na Assembléia Legislativa.

O índice de paralização na Grande São Paulo é de 60%, segundo a Apeoesp, e de 11,5%, segundo a Secretaria de Educação. A Subsede de Santo André informou que cerca de 70% dos professores da cidade estão parados. Os últimos levantamentos das subsedes de São Bernardo e Diadema apontaram 60% de paralização.

A região chegou a apresentar 95% de adesão à greve, segundo a Apeoesp. Para o coordenador da subsede de São Bernardo, Daniel Daneri, o cansaço, o desgaste e a falta de perspectivas dos professores estão ajudando para que a adesão diminua.

ACIDENTE



O corpo de Edson Estevantores (foto) é resgatado no Pico Agudo, em Santo Antonio do Pinhal — Pág. 4

MEIO AMBIENTE



A fiscalização na Billings (foto), cujo projeto foi assinado ontem, começa em 40 dias — Pág. 4

IMPOSTO



Câmara de S. Caetano (foto) deve votar hoje o projeto do IPTU, que está sob suspeita — Pág. 3

7

FOLHA DE S.PAULO

folha abcd sp

Terça-Feira, 26 de outubro de 1993 1

Santo André ★ São Bernardo do Campo ★ São Caetano do Sul ★ Diadema ★ Mauá ★ Ribeirão Pires ★ Rio Grande da Serra

FILME

São Bernardo mostra Drácula



O filme "Drácula de Bram Stoker" (EUA/1992) será exibido de sexta-feira (dia 29) até dia 2 de novembro, às 15h30 e 21h, no Teatro Cacilda Becker (praça Samuel Sabatini, 55), em São Bernardo. Os ingressos custam CR$ 80 e CR$ 40 (estudantes e maiores de 65 anos).

O NÚMERO

20

obras do artista plástico Wilson de Oliveira Souza estão expostas em "Reminiscências da Infância", na Casa do Olhar (praça do Carmo, 171, centro), até 14 de novembro. A entrada é gratuita e a exposição pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 14h às 21h.

VÍDEO

Viaduto do Chá tem documentário

O vídeo "Viaduto do Chá" (1993), de José Santos, será exibido amanhã, às 15h e 17h, na sala de leitura do Centro Cultural Tabuão (r. Alfredo Bernardo Leite, 1.205), em São Bernardo. A apresentação é gratuita.

PALESTRA

Livro é tema de debate

"A Importância do Livro" é tema de palestra de Maria Heloísa de Almeida Penteado hoje, às 14h, na Biblioteca Mário Tahan (av. Senador Vergueiro, 5.058), em São Bernardo. Ruth Mourão de Andrade fala sobre "O Livro e Seus Cuidados" amanhã, no mesmo horário.

INDIFOLHA

S. CAETANO TEM MENOR MORTALIDADE INFANTIL

Por mil nascidos vivos, em 91



Professor grevista dá aula em igreja

As classes são para estudantes de Santo André que vão fazer vestibular ou vestibulinho



Alunos estudam em "sala de aula" da Igreja Nossa Senhora do Paraíso, em Santo André

ANGÉLICA BANHARA
Free-lance para a Folha

Alunos da 8ª série do 1º grau e 3º colegial da rede estadual de Santo André começaram ontem a ter aulas na Igreja Nossa Senhora do Paraíso. A iniciativa foi de professores que continuam em greve, mas querem preparar os estudantes para o vestibular e vestibulinho.

"Mesmo se as aulas voltarem hoje, a reposição irá se estender até depois dos exames do vestibulinho e do vestibular, pois os alunos continuarão despreparados. Nessa intenção é continuar com essas aulas de preparação independentemente do fim da greve", afirmou a professora de matemática Ana Rosa de Matos Silva Salgado, 40. Segundo a professora Emília Brigido, 34, as aulas estão sendo dadas na igreja para não descaracterizar o movimento de greve. "Mas continuamos parados", afirmou.

O padre Humberto Jair Dinato, responsável pela Igreja Nossa Senhora do Paraíso, apóia a greve e cedeu aos professores três salas de aula, com carteiras e acomodação para cerca de 25 alunos (veja texto nesta página).

Vinte e quatro alunos da 8ª série da EEPSG Dr. Luiz Lobo Neto, escola padrão do bairro Paraíso, em greve desde dia 18 de agosto, assistiram as primeiras aulas ontem de manhã. Foram duas aulas de história e duas de matemática, das 8h às 12h. Está previsto o funcionamento de três classes à noite: uma 8ª série e dois terceiros colegiais (um regular e um com alunos de suplletivo).

Por enquanto, o horário das aulas vai exigir 25 professores. Há professores da EEPSG Lobo Neto, EEPG Luiz Martins e EEPSG Prof José Calvitti Filho. Segundo Ana Rosa, o fato de a primeira turma ter sido formada apenas com alunos da Lobo Neto foi coincidência.

"É que a maioria dos professores que vai dar essas aulas são do Lobo Neto. Acabamos avisando os estudantes que tinham telefone, que eram nossos alunos. Mas as aulas estão abertas para alunos de qualquer escola em greve", afirmou. Na parte da manhã, há só uma turma formada. Os interessados em ter aulas devem procurar a Igreja, que fica na rua Macedo, no bairro Paraíso.

NÚMEROS DA GREVE

- **Nº de professores:** 15 mil na região
- **Início da paralisação:** 18 de agosto
- **Piso atual (20 horas semanais):** CR$ 13.811
  Reivindicações: reajuste de 128%, política salarial de reajuste mensal da inflação e aplicação de 30% do ICMS no ensino público do 1º e 2º graus
- **Contraproposta:** 10,25% de aumento em outubro, 50% de variação da arrecadação do ICMS em novembro e dezembro (cerca de 19% de novembro ao mês) e 32,5% da arrecadação do ICMS para o ensino do 1º e 2º graus e para o pagamento dos aposentados
- **Data-base:** março

Fonte: Apeoesp e Secretaria de Estado da Educação

Férias forçadas

A maioria dos alunos das escolas paradas está aproveitando mal o tempo. Há 70 dias em férias forçadas, ouvir música e assistir TV acabam sendo as principais diversões. "Não peguei uma vez nos livros. Assisto TV o dia todo", afirmou Zoraide de Araújo, 17, que participou da aula de ontem. "Ouvi música, dormi e conversei com meu vizinho. Foi tudo", disse Ferando Rodrigo Brats, 14, que também decidiu começar a estudar para o vestibulinho ontem.

Paula da Cássia Cezar, 15, e Vanessa Käter Palmeira, 14, estavam com menos peso na consciência. "Assistia programas sobre vestibulares, de vez em quando. Vi umas aulas legais e comecei fazendo inglês", disse Vanessa. Paula também usou o tempo para jogar vôlei e futebol. Vanessa aproveitou as horas de sobra para acrescentar a natação ao jazz e à ginástica aeróbica, que já fazia no clube.

Apesar da folga, os estudantes dizem que têm medo de perder o ano. "Também tenho medo de chegar no 1º colegial e não conseguir acompanhar a turma", disse Vanessa. Os estudantes afirmaram que consideram justa a greve dos professores.

"Minha mãe é professora e ganha supermal. Acho que o governo não está nem aí com a educação. Eles arrumam dinheiro para tudo, menos para a escola. É porque não dá lucro pra eles", afirmou Vanessa.

LEIA MAIS
Sobre a greve no caderno Cotidiano

Padre apóia greve e cede salas para professores

Free-lance para a **Folha**

O padre Humberto Jair Dinato, 36, da Igreja Nossa Senhora do Paraíso, em Santo André, apóia "totalmente" a greve dos professores. Segundo ele, os grevistas devem permanecer parados até conseguirem uma contraproposta melhor do governo.

"O governo está muito intransigente. Na minha opinião, os professores não devem voltar às aulas assim, por imposição do governo. A greve já durou até agora. Por que não insistir mais um pouco?", declarou Dinato. O padre afirmou que já levantou o problema enfrentado pelos professores da rede estadual várias vezes durante as missas.

"É para conscientizar os pais do que o movimento é justo. Tentei encaminhar a discussão para o problema da qualidade do ensino, que precisa melhorar. Para os professores conseguirem um mínimo de infra-estrutura para trabalhar, eles acabam tendo que mendigar. Isso não é justo", afirmou.

Os professores vem pressionando pedir que as salas dos fundos da igreja fossem emprestadas para as aulas públicas. "Quando soube que eles estavam procurando um lugar, logo ofereci o espaço daqui", diz padre Dinato.



Padre Humberto Dinato, da Igreja N.S. do Paraíso

Movimento tem adesão de 60%

Free-lance para a **Folha**

A greve dos professores da rede estadual completa 70 dias hoje. Apesar da queda de adesão ao movimento na região, as subsedes da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) no ABCD estão com atividades programadas para a semana toda.

Ontem, professores de Diadema foram até a Assembléia Legislativa, em São Paulo, levar água e alimentos a cerca de 20 grevistas da cidade que estão "acampados" lá. As subsedes realizam reuniões regionais hoje à tarde, para levantar propostas a serem apresentadas na assembléia estadual, programada para amanhã às 15h, na Assembléia Legislativa.

O índice de paralisação na Grande São Paulo é de 60%, segundo a Apoesp, e de 11,5%, segundo a Secretaria de Educação. A Subsede de Santo André informou que cerca de 70% dos professores da cidade estão parados. Os últimos levantamentos das subsedes de São Bernardo e Diadema apontaram 60% de paralização.

A região chegou a apresentar 95% de adesão à greve, segundo a Apoesp. Para o coordenador da subsede de São Bernardo, Daniel Dazoti, o cansaço, o desgaste e a falta de perspectivas dos professores estão ajudando para que a adesão diminua.

VÔLEI

Estréia de Natália Málaga está indefinida

Confirmação da jogadora peruana no Colgate ainda depende de aprovação da Federação Internacional de Vôlei

Free-lance para a **Folha**

Apesar de não ter certeza se vai jogando hoje, a peruana Natália Málaga treinou como titular no coletivo de ontem do Colgate/São Caetano. A atuação ou não de Natália na partida contra o Sports/Conquista, de Juiz de Fora (MG), depende da aprovação da Federação Internacional de Vôlei, através de um fax. Até ontem à noite, o Colgate não tinha recebido a confirmação da federação.

Segundo Charly Parisi Cury, diretor de Esportes de São Caetano, se a equipe não tiver certeza até 12h de hoje, Natália só estréia no sábado contra a Nossa Caixa/Rioeca, de Ribeirão Preto. "Colocamos este horário para que o Bokolhas (Ricardo Trade, técnico do Colgate) possa escalar o time definitivo. Mas acredito que lá 90% de chances de a Natália estrear amanhã (hoje)", disse.

Trade resolveu colocar Natália na equipe titular no treino para amanhã-lá. "O time adversário não é tão forte e é necessário já ir colocando a Natália no esquema", disse. A peruana entra no lugar da atacante Jataíba e formará dupla com Patrícia Cocco, a outra jogadora de ponta do rodo da equipe.

Se Natália puder jogar, o Colgate vai com ela, Patrícia Cocco, Patrícia Bernardo, Fofão, Ana Paula Popó e Fátima. Para o técnico da equipe, a partida de hoje deverá servir para reabilitar as jogadoras da derrota de domingo frente ao L'acqua di Fiori. "Não podemos desprezar o adversário. A expectativa é de vitória, mas temos que tomar cuidado", disse.

A atleta disse que está ansiosa para estrear, mas afirmou que está tranquila. "Estou treinando e mantendo a forma", disse. Natália declarou que está pronta para entrar na quadra. Para a jogadora, a equipe jogou mal no domingo, mas deve se reabilitar.

Trade afirmou que o time errou muitos passes e deverá treinar o fundamento no coletivo de ontem. O técnico declarou que a equipe está se preparando para o jogo de sábado, contra a Nossa Caixa/Rioeca, que está invicta no torneio. "Nós já ganhamos deles no Paulista e nos Abertos. Temos condições de repetir o resultado e estamos treinando para isso", afirmou.

Operação

A cirurgia no joelho de Ana Volponi, realizada anteontem, foi bem sucedida. Segundo Charly Cury, Ana deve sair do hospital hoje. Ele afirmou que, em no máximo seis meses, a jogadora deve estar atuando. "Depende do restabelecimento dela. Ela pode voltar até antes, se a recuperação for rápida", disse.



A atacante Natália Málaga, do Colgate/São Caetano, que deve estrear hoje na equipe

Rhodia volta com 3 vitórias

Free-lance para a **Folha**

O Rhodia/Pirelli, de Santo André, terminou sua série de jogos no Sul do país com três vitórias e uma derrota. As partidas foram válidas pela Liga Nacional de Vôlei Masculino. O último jogo aconteceu anteontem, em Mariagá (Paraná), contra o Cimsa/Cyanamid. A equipe do ABCD venceu por 3 sets a 2, de virada (11/15, 4/15, 15/5, 15/5 e 15/8).

O Rhodia entrou na Liga com a vitória de 3 sets a 1 frente ao Chapecó. Depois, veio a primeira derrota para o Frangosul, por 3 a 0. O time de Santo André se reabilitou ao vencer o Caroltinho/Pinna por 3 a 1 e fechou a excursão com o jogo de Mariagá.

A derrota para o Frangosul foi prevista pelo técnico William no início da viagem. "Será o jogo mais difícil", disse na ocasião. A próxima partida da equipe será no domingo, em Santo André, contra o Palmeiras/Parmalat.

CIDADES

Sindicato define distribuição de alimentos

Free-lance para a **Folha**



A diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD se reúne na próxima sexta-feira para discutir a distribuição das mais de 20 toneladas de alimentos arrecadadas na campanha contra a fome e à miséria. Os diretores já receberam mais de dez pedidos para os mantimentos.

Entre as entidades que fizeram o pedido à Apeoesp, para os professores acampados na Assembléia Legislativa, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lins, para os sem-terra acampados em uma fazenda em Getulina, os grevistas da Alfa Copco e o próprio movimento nacional liderado pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, além de entidades beneficentes de São Bernardo.

O presidente do sindicato, Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, recebeu anteontem um telefonema do presidente nacional do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, que pediu uma parte dos alimentos para os sem-terra de Getulina, no interior de São Paulo. "Conversei com o Lula e expliquei que não haveria problemas sobre isso. No entanto, quero conversar com toda a diretoria para saber se existem outras prioridades no sindicato."

A agência central do Banco do Brasil em Santo André arrecadou cerca de cinco toneladas de alimentos desde o início de julho. Na conta corrente aberta foram arrecadados CR$ 158,6 mil, além de CR$ 77 mil em tíquetes de alimentação.

O banco enviou os alimentos para o Parque Miami, albergue da Promoção Social de Santo André, creches no centro da cidade e entidades que atendem menores de rua.



Alimentos arrecadados pelo sindicato dos metalúrgicos

Pais de alunos querem entrar nas negociações

Free-lance para a **Folha**

Pais de alunos das escolas estaduais do ABCD, que estavam realizando manifestações locais de apoio à greve dos professores, decidiram se unir aos pais de estudantes da Grande São Paulo e pretendem criar uma entidade estadual.

A discussão sobre o assunto estava marcada para as 20h de ontem, na Escola Estadual Zelinda de Barros, em São Paulo. A primeira reunião aconteceu na semana passada, e reuniu cerca de 300 pais de alunos da Grande São Paulo.

"Queremos participar das negociações da greve dos professores e pressionar a solução desse impasse entre professores e governo", afirmou o empresário Norberto D'Abreu, um dos coordenadores do movimento de pais de Santo André.

NÚMEROS DA GREVE

- **Nº de professores:** 15 mil na região
- **Início da paralisação:** 18 de agosto
- **Piso atual (20 horas semanais):** CR$ 15.811
  Reivindicações: reajuste de 128%, política salarial de reajuste mensal da inflação e aplicação de 30% do ICMS no ensino público de 1º e 2º graus
- **Contraproposta:** 10,25% de aumento em outubro, 50% da variação da arrecadação do ICMS em novembro e dezembro (cerca de 19% de aumento ao mês) e 32,5% da arrecadação do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus e para o pagamento dos aposentados
- **Data-base:** março

Fonte: Sindicato dos Trabalhadores em Educação

ACONTECE

Os horários e preços desta seção foram fornecidos pelos promotores dos eventos. É recomendável confirmar as informações por telefone antes de sair de casa.

SINTONIA DE AMOR

Sleepless in Seattle. EUA, 1993. Direção: Nora Ephron. Com Meg Ryan e [illegible]. ABC 3 (Shopping Mappin ABC, tel. 440-0834). 15h, 17h, 19h e 21h. De segunda a quinta: CR$ 350. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 400.

O FUGITIVO

The Fugitive. EUA, 1993. Com Harrison Ford e Tommy Lee Jones. Mappin ABC 1 (Shopping Mappin ABC, tel. 440-0834). 13h30, 16h, 18h30, 21h. De segunda a quinta: CR$ 350. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 400.

TINA

What's Love Got do With It. EUA, 1992. Direção de Brian Gibson. Biografia da cantora Tina Turner. Mappin ABC 3 (Shopping Mappin ABC, tel. 440-0834). 13h30, 16h, 18h30, 21h. De segunda a quinta: CR$ 350. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 400.

TOP GANG 2

Hot Shots- 2. EUA, 1993. Direção: Jim Abrahams. Com Charlie Sheen e Lloyd Bridges. Scalla Center (rua Campos Sales, 58. Tel. 449-6609). 15h, 19h e 21h. Domingo 15h, 17h, 19h e 21h. Preços: segunda a quinta CR$ 350. Sexta a domingo: CR$ 350.

INTRODUÇÃO NO CANALISO SEXO

Filme pornográfico. Sessão dupla. Cine Tangará (rua Coronel Oliveira [illegible] Santo André). 12h, CR$ 350.

TOP GANG 2

Hot Shots- 2. EUA, 1993. Direção: Jim Abrahams. Com Charlie Sheen e Lloyd Bridges. Vitória I (r. Baraldi, 743. Tel. 443-1690). 15h e 21h. Sábado e domingo 13h, 16h e 21h. Preços: segunda a quarta CR$ 300. Quinta a domingo: CR$ 350.

ANÉDINO FERNANDES

FOTOS E POEMAS

"O Trabalho: Um Olhar Poético" tem fotografias de Oberá Aragão, poemas de Otelo Teles Vieira e projeto gráfico de Ryba Vorauril. Não Deixe São Caetano, rua Piauí, 334, Vila Paula, São Caetano.

COLETIVA

ANÉDINO FERNANDES

Exposição permanente do artista, formado na Alemanha, que também mantém um curso de artes plásticas. Museu Barão de Mauá (av. Dr. Getúlio Vargas, 276). Durante a semana, das 8h às 18h e aos [illegible] às 16h30.

O FUGITIVO

The Fugitive. EUA, 1993. Com Harrison Ford e Tommy Lee Jones. Center ABC 2 (Best Shopping, av. Martin de Mauá, 98. Tel. 458-9065). 14h, 16h30, 18h40, 21h. De segunda a quinta: CR$ 350. Sexta, sábado, domingo e feriados: CR$ 400.

LUXO COM CHANTILLY

Filme pornográfico. Ruddy Center 1 (av. Caminho do Mar, 2438. Tel. 457-7093). Segunda a domingo 13h45 a 17h. And quinta CR$ 300. De sexta a domingo CR$ 350.

FEITIÇO DO TEMPO

Groundhog Day. EUA, 1993. Direção: Harold Harris. Com Bill Murray e Andie MacDowell. Ruddy Center 3 (av. Caminho do Mar, 2438. Tel. 457-7093). De segunda a domingo às 14h, 18h e 20h. And quinta CR$ 300. Sexta a domingo CR$ 350.

O ÚLTIMO GRANDE HERÓI

Last Action Hero. EUA, 1993. Direção: John MacTiernan. Com Arnold Schwarzenegger. Sim&Não (av. Barão de Mauá, 100. Tel. 458-1689). 20h. Sábado às 19h e 21h. Domingo às 15h, 19h e 21h. Preço: CR$ 100.

MOSTRA DE SERIADOS ANTIGOS

Mostra de seriados antigos, como "Perdidos no Espaço", "Tarzã", "National Kid" e outros filmes dos décadas de 60 e 70 e cinema dos anos 40. Auditório João Domingues Tavares (r. Bauru, 21, São Bernardo). Terças-feiras, às 14h, e às quintas-feiras, às 14h e 20h. Grátis.

FETASA

O 23º Festival de Teatro Amador está sendo realizado no Cine-Teatro Carlos Gomes (r. Senador Fláquer, 110, Santo André). Com vários grupos do Estado. Até 13 de novembro. Ingressos a CR$ 350. Horário: 20h30.

SOH REGULAR RUIM

Professores mantêm greve e ocupação em SP

Assembléia decide pela continuidade do movimento que completa hoje 72 dias; adesão está diminuindo

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

A greve na rede de ensino de São Paulo continua pelo menos até quinta-feira que vem. A "vigília permanente" de professores na Assembléia Legislativa também.

Cerca de 10 mil pessoas, segundo a Polícia Militar, ou 20 mil, segundo os professores, tomaram essas decisões ontem à tarde, na 12ª assembléia geral desde o início da paralisação, há 72 dias.

Ontem de manhã, a reunião da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), com representantes das regionais do Estado, levantou que a greve atinge, em média, 48% da rede —10% a menos do que na quinta-feira passada, quando houve a invasão do Palácio 9 de Julho. Os números do governo indicam adesão menor: 34,4% das escolas da Grande São Paulo e 51,5% no interior têm paralisação total ou parcial (*veja quadro*).

A Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) decidiu manter a greve, apesar de estimar a adesão da categoria em 10%.

"Não dá para sair da greve em um momento delicado como este", afirmou a presidente, Ana Maria Quadros. Pelo menos 2 milhões de alunos perdem aulas.

As negociações pararam —principal motivo alegado para continuar a greve. O governo diz não ter recursos para melhorar os salários (CR$ 15,8 mil de piso por 20 horas de aula por semana).

A Apeoesp cadastrou 424 professores no interior da Assembléia. A reunião de ontem decidiu que a "vigília" deverá ser pacífica.



Professores 'abraçam' a Assembléia, que continua ocupada

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro 128% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro fim 94,30% do ICMS para o ensino de 1.º e 2.º grau	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pelo IPC-Fipe No mínimo, 10,25% em outubro e zero de 19% em novembro e dezembro Defender na Assembléia 32,5% do ICMS para 1.º e 2.º grau, em 94
● **Segundo a Apeoesp:** a greve atingiu, em média, 48% das escolas na quinta-feira, dia 27	● **Segundo o governo:** 41% da rede de SP e 53% do interior tinham greve total ou parcial no dia 26
● **Entidades** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino); a Udemo (Sindicato dos Diretores) saiu da greve dia 21	● **Quem são:** 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.300 diretores de escola
● **Escolas:** 6.682	● **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 3 de setembro (Udemo)
	● **Alunos:** 6,5 milhões

* Reposição de salários e pagamento dos dias parados dependem das negociações

Editoria de Arte/Folha Imagem

SEM EDUCAÇÃO

Pais-professores - Os 64 pais que reabriram a Escola Estadual Gustavo Marcondes, em Campinas (SP), vão discutir a sugestão da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de pleitear o reconhecimento de seu trabalho. O presidente da OAB, Henrique Costa de Oliveira, 50, aconselhou os pais a entrarem com um mandado pedindo que suas atividades sejam reconhecidas como dias letivos. A Apeoesp não apóia a ação.

★

"Meu Deus" - Os policiais da Assembléia eram os mais tristes com a manutenção da "vigília". Muitos estão em turnos de 24 horas com 12 horas de descanso. "Meu Deus", exclamou um policial ao saber da decisão.

★

PMDB racha - O líder do partido, Uebe Rezeck, manteve ontem a posição de não intermediar negociações enquanto a Assembléia não for desocupada. Pelo menos dois deputados (Mauro Brugato e Gilson Menezes) continuam tentando negociar com o governo.

★

Baderna - Os discursos ontem foram os mais pesados desde a invasão "Baderneiros", classificou Fernando Silveira (PTB).

★

Mãe no meio - O deputado Erasmo Dias (PPR) foi aplaudido pela galeria ao recusar qualquer intervenção da PM na Assembléia. Mas não se conteve quando um professor gritou "assassino". "É a mãe", respondeu.

★

Longo recesso - A Assembléia fica em recesso de hoje —dia do funcionário público— até terça.

Cinema - Para enfrentar os seis dias de recesso, os invasores têm vídeos, som, baile (hoje) e, até, correio elegante.

★

Higiene - A água, ligada após cinco dias de invasão, ainda não chegou às privadas da Assembléia. Comentário de um funcionário: "Só cheira bosta aqui."

★

Infelicidade - Coral com 20 professores invasores entoava, para o público externo, a canção "Felicidade foi-se embora...", após a decisão de manter a "vigília".

★

Síndrome da pamonha - A nova palavra de ordem dos invasores: "Fleury, seu sem vergonha, nós já batemos no Toninho da Pamonha". O deputado do PFL foi espancado por cerca de 15 pessoas no dia da invasão.

Editoria de Arte/Folha Imagem

PARALISAÇÃO COMPLETOU

72

dias hoje

GREVE MAIS LONGA DUROU

82

dias em 1989

Simplesmente ITAIM

Requinte, Conforto e Beleza.

2 Dormitórios
• terraço • garagem

Equipamentos sociais:
• elevadores Atlas (c/ comando Omega)
• salão de festas e jogos
• jardins e áreas arborizadas
• calxilhos de alumínio anodizado
• guarita de segurança
• playground

Lazer na cobertura:
• piscina
• deck
• churrasqueira
• vestiários
• copa/bar
• solarium com jardim

Entrega PREV/94



ITAIM
Visite apartamento em exposição no local.
R. COMENDADOR MIGUEL CALFAT, 206
Ligue Já: 853-2499

Construfix · banespa · SG21 · C.C.I.I.

makro

Bom negócio todo dia.

OFERTAS VÁLIDAS PARA OS DIAS 28, 29 E 30 DE OUTUBRO, ENQUANTO DURAREM OS ESTOQUES.

açúcar refinado união fardo c/ 10 pct de 1 kg ou pacote de 5 kg kg **73,90**	**creme de leite mococa** emb c/ 6 tetra pak de 250 g unidade **89,00**	**café moinho velho vácuo compensado** pacote de 500 g **199,00**	**papel higiênico neve** fardo c/ 64 ou emb c/ 8 rolos rolo **44,90**
creme dental colgate mfp tubo de 150 g **149,00**	**vinho sonnenberg branco** garrafa 720 ml **219,00**	**conhaque presidente** garrafa 970 ml **215,00**	**contrafilé** peça kg **465,00**
coxão mole peça kg **399,00**	**patinho** peça kg **390,00**	**frango congelado** kg **169,00**	**ovos brancos tipo grande** emb c/ 5, 15 ou 30 dúzias dúzia **69,00**

Ofertas válidas somente para portadores do Passaporte Makro

Promoção válida somente nas lojas: São Paulo: Loja Vila Maria • Tel. (011) 292.1211 • Loja Aricanduva Tel. (011) 271.3600 • Loja Butantã • Tel. (011) 842.8844 • São Bernardo do Campo • Tel. (011)457.5544

makro
Passaporte para bons negócios.

POLÊMICA

Juiz apura 'obscenidade' em peça de grupo de S. Bernardo

Diretor de escola de São José denunciou excessos em 'Galinhas em Pânico'

Free-lance para a Folha
e da Folha Vale

O promotor da Vara de Infância e Juventude de São José dos Campos, Fausto Junqueira de Paula, está investigando possíveis excessos de obscenidades na peça "Galinhas em Pânico", do Grupo Teatral Arambá, de São Bernardo, apresentada no distrito de São Francisco Xavier no último dia 17. A investigação é baseada na representação do diretor da escola estadual do distrito, Laiz Roberto de Faria. De acordo com a representação, a montagem fere o Estatuto da Criança e do Adolescente por ser obscena e ter sido apresentada em horário e local impróprios (em uma praça, no fim da tarde).

A autora e diretora da peça, Antonia Pinheiro, afirmou que a peça não tem nada de imoral e que qualquer atitude tomada contra o texto será recebida como censura e conservadorismo. Ela afirmou que não havia sido informada da representação contra a peça até o fim da tarde de ontem. O grupo vai procurar saber os termos do documento para estudar providências.

Segundo Pinheiro, um beijo entre dois homens e cenas em que um casal simula uma relação sexual (vestidos com macacões de malha) não têm conotação pornográfica ou agressiva. "O público foi receptivo em todas as apresentações, mas ainda há quem se sinta incomodado quando ouve falar em sexo", disse.

O nome "Galinhas em Pânico" foi retirado de um poema de Carlos Drummond de Andrade. A montagem é composta por 20 cenas em que 55 personagens satirizam situações do cotidiano. Ela estreou em agosto em Mauá, foi apresentada no último sábado em São Bernardo e participa do Encontro Nacional de Teatro de Rua de Angra dos Reis (RJ), entre 12 e 15 de novembro.



Grupo Arambá, em cena da peça "Galinhas em Pânico"

SOCIAL Laura Muller



Stela Acevedo adere à rodada de chope que animou os freqüentadores da Twist's, de São Caetano

Cadeira cativa

A praça Cardeal Arcoverde, que fica no centro de São Caetano, ganha uma invenção cultural no sábado.

Será a praça "Auto da Paixão", de Ramero de Andrade Lima, que monta seu palco no local.

Estoque

Aos cuidados de Aulivieri Bozzatec, Mauá ganha um shopping no próximo dia 4, com 4.000 metros quadrados de área construída.

A inauguração contará com a presença de vips da cidade como o prefeito José Carlos Orozco, e sua mulher, Solange.

Quadra

Quatro clubes vão sediar o 1º Campeonato Aberto de Tênis do Shopping Santo André, que acontece em novembro.

O torneio vale ao Primeiro de Maio, Aramaçans, Tênis Clube Santo André e clube da Rhodia.

É ganha lançamento no dia 23 de novembro, em coquetel que marca o aniversário de três anos do shopping.

Sorvete

A butique Linha Cruzada, de São Bernardo, faz festa na tarde de hoje.

Com o lançamento da coleção verão do local, desfile, coquetel e tudo o mais que tem direito.

Sabor

A lanchonete Meio Natural comemora seus seis anos em dezembro.

E promete agitar o galeto de Santo André e redondezas com um evento para 3.000 pessoas, embalados por bandas de rock.

Será no dia 11 de dezembro, em local a ser definido.



Ornella Giamotti durante a badalação de moderninhos que eventaram a danceteria Twist's, na semana passada

Desempregado acusado de roubar picape morre atropelado na fuga

Free-lance para a Folha

Perseguido por um carro da Polícia Militar após ser acusado de roubar uma picape, o desempregado Cícero Alves de Oliveira, 25, foi atropelado por um caminhão na avenida dos Estados, em Santo André, e morreu. Durante a fuga, Gonçalves havia atropelado Aderce Pereira Brito, 34, morador da favela Capuava. Genésio Pastor Gonçalves, 23, também acusado de participar do roubo do veículo, foi preso no local. Os dois são suspeitos do roubo de outras de picapes e carros de passeio na região de Utinga, Campestre e Vila Industrial, bairros de Santo André.

Gonçalves negou a participação em outros assaltos. O acusado atribuiu ao companheiro morto a idéia do assalto, a propriedade da arma utilizada —um revólver calibre 38— e disse que não sabia o que seria feito da picape após o assalto. Ambos são moradores da Vila Alpina, zona leste de São Paulo, e não têm passagem na polícia.

A perseguição dos assaltantes percorreu cerca de três quilômetros de ruas de Santo André. Em frente à favela de Capuava, a picape roubada, uma D-10 placas BLC-3681, de São Paulo, atropelou Brito e desgovernou-se, batendo em um poste. Segundo o depoimento dos policiais militares que perseguiam a picape, os dois acusados saíram atirando contra o carro da polícia. Quando tentava fugir, Oliveira foi atropelado por um caminhão que passava pelo local. O caminhão, não-identificado, não parou para socorrer o acidente.



Genésio Pastor Gonçalves, acusado de roubar picape

Segundo Milton Pereira, chefe dos investigadores do 2º DP de Santo André, o modo de agir dos dois acusados é muito parecido com o descrito por outras de vítimas de roubo de veículos na área. "A descrição também bate. Vou pedir reconhecimento."

Segundo o investigador, há suspeitas de que os carros roubados sejam desmanchados em oficinas clandestinas da Vila Alpina. O endereço do desmanche, no entanto, não foi fornecido pelo acusado.

CEI de hospital termina hoje e vereadores votam relatório

Free-lance para a Folha

A CEI (Comissão Especial de Inquérito) sobre o Hospital Municipal de Santo André termina hoje e apenas um médico do estabelecimento foi ouvido —o infectologista José Jorge Namura, que não trabalha mais no local. A visita que seria realizada ontem não aconteceu por falta de quórum.

Os seis vereadores que compõem a CEI (versam 90 dias para apurar as responsabilidades sobre o surto de infecção hospitalar que atingiu o estabelecimento este ano. Ouviram o diretor-clínico e o administrador do local, o atual e o ex-secretário de Saúde da cidade e recebeu, a seis dias de seu encerramento, os prontuários dos pacientes que contraíram infecção hospitalar.

Hoje, os integrantes da CEI deverão votar o relatório preparado pelo vereador Antônio de Freitas (PTB). A Folha procurou Freitas por três vezes. O vereador não retornou as ligações. Caso aprovado, o relatório é enviado à Câmara, que vota o parecer da comissão e pode encaminhar o processo ao Ministério Público ou pedir o seu arquivamento.

Professores de escola de S. André desistem da greve e voltam às aulas

Free-lance para a Folha

Os professores da EEPSG Prof. Gabriel Oscar de Azevedo Antunes, escola padrão de Santo André, voltam às aulas amanhã. Dos 60 professores da escola, apenas cinco não tinham aderido à paralisação. Os pais de alunos dessa escola foram os primeiros a realizar manifestações organizadas de apoio à greve e participar de assembléias e reuniões de professores.

"Estamos sentindo que não há mais clima para continuar a greve. Tentamos interferir na negociação, mas não conseguimos mudar a situação. Percebemos que era hora de voltar para não comprometer o ano letivo dos alunos", afirmou a professora Tereza Ortega, 47.

Os professores da Gabriel Oscar realizaram reunião na última sexta-feira e decidiram parar totalmente a escola segunda, terça e quarta. No pátio do colégio, há faixas presas e cartazes afirmando que a escola está de luto em protesto contra o descaso do governo com a educação. As aulas recomeçam amanhã porque hoje é ponto facultativo (dia do funcionário público).

Damiano Parisi, 40, que tem duas filhas na escola e organizou o movimento de pais para apoiar a greve, concorda com o retorno às aulas. "A volta não significa derrota. Nós, pais de alunos, assumimos o compromisso de continuar a cobrar do governo uma solução para o caso dos professores."

Táxi sobe 36% em Mauá a partir de segunda-feira

Free-lance para a Folha

A UT (Unidade Taximétrica) em Mauá sobe 36,47% a partir da próxima segunda-feira, dia 1º de novembro. O reajuste, anunciado ontem, deve ser estendido às outras cidades hoje.

Com o aumento, a UT na cidade sobe de CR$ 80,60 para CR$ 110. Este valor deve ser estendido às cidades de Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra. Nas outras quatro cidades do ABCD, a UT tem valor 10% menor e deve ser reajustada para CR$ 100. As cidades próximas à serra têm a UT mais cara porque a pavimentação das ruas é pior e demanda maior manutenção nos veículos, segundo o Sindicato dos Condutores do ABCD.

O aumento autorizado no ano para o valor da UT ficou 285 pontos percentuais acima da inflação registrada até agora em 93, segundo estimativa da Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas). O IPC (Índice de Preços ao Consumidor) teve variação de 1.244% no ano, contra um reajuste acumulado de 1.529% para a UT.

Ônibus

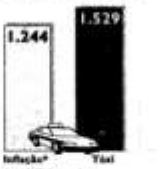
A tarifa de ônibus nas principais cidades do ABCD deve subir para um valor entre CR$ 80 e CR$ 90 a partir de segunda-feira, segundo apurou a Folha junto às prefeituras. Até as 18h30 de ontem, as quatro maiores cidades da região —São Bernardo, São Caetano, Santo André e Diadema—, que equiparavam a tarifa em maio, não haviam chegado a um acordo sobre o novo valor. Anualmente, a passagem custa CR$ 60 em seis cidades. A única exceção é Rio Grande da Serra, onde a tarifa é CR$ 55.

Os trens da CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos) e os trólebus da EMTU (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos) só devem anunciar seus reajustes na sexta-feira.

AUMENTO

Unidade taximétrica em Mauá
x
Inflação (IPC-Fipe)

Var. % acumulado desde jan/92



*Estimada por FGV/IPE para setembro. Fonte: Prefeitura de Mauá

Trabalhador da Arteb entra em greve e reivindica abono salarial

Free-lance para a Folha

Os funcionários da indústria de autopeças Arteb, de São Bernardo, entraram em greve na manhã de ontem. Eles reivindicam um abono salarial como 14º salário e formação de comissão de fábrica, uma reivindicação antiga, de acordo com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD.

Diretores da empresa e representantes dos funcionários estiveram reunidos durante todo o dia de ontem para resolver o problema. Até as 19h, a reunião não havia terminado.

A assessoria de comunicação da Arteb confirmou a paralisação, mas não informou qual a contraproposta oferecida aos funcionários. De acordo com a empresa, cerca de 1.200 funcionários da produção paralisaram as atividades.

O sindicato informou que todos os 2.200 funcionários entraram em greve.

A comissão de negociação dos trabalhadores marcou uma assembléia para 6h de hoje, na qual os resultados da reunião serão apresentados. A disposição dos trabalhadores, segundo diretores do sindicato, é manter a paralisação enquanto abono não for concedido. A empresa não informou o prejuízo que teve com a greve.

Os funcionários pretendem discutir também na assembléia de hoje um programa de reestruturação de cargos e salários, uma questão pendente na empresa desde o ano passado.

MORTES

Comunicações particulares neste jornal facilitamos a redução de 1º (R$) são gratuitas, podendo ser transmitidas por telefone à redação da Folha ABCD 19 — (011) 224-4105, 224-4115, 224-4125, 224-4135, 224-4145, 224-4155, 224-4165, 224-4177 — em qualquer horário.

Sto. André

BERNARDO QUEIROZ DOS SANTOS, 46, casado, com Maria dos Prazeres Gomes. Deixa filhos. Comunica do falecimento.

Ribeirão

ADELINO ASSIS DA SILVA GERALDO, 75, casado, com Pedro Geraldo Sobrinho. Deixa filhos. Comunica falecimento.

folha abcd sp

Redação: al. Barão de Limeira, 425, 3º andar - São Paulo - SP -CEP 01202. Telefones: 224-4107 — 224-4117 — 224-4127 — 224-4147. Fax: (SP) 224-4139. Telex: 1122930, 1124030, 1121793, 1122822. Publicidade: 224-4180 — 224-4187. Fax (011) 221-2077. Circulação: 224-4106. Fax: 224-4556.

Este caderno circula junto da edição da Folha nas seguintes cidades: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

BEBEDOURO



Laranjeiros em greve há oito dias fazem assembléia na porta da indústria de suco Cutrale, em Colina - Pág. 3

RIBEIRÃO PRETO



O ala Janjão (foto) viaja com a delegação do All Star para disputar a Copa das Américas no Equador - Pág. 3

SÃO CARLOS



Cena da peça "Confissões de Adolescente" que estréia hoje à noite no Teatro Municipal - Pág. 4

6

folha nordeste sp

FOLHA DE S.PAULO

Quinta-Feira, 28 de outubro de 1993

Ribeirão Preto ★ São Carlos ★ Araraquara ★ Franca ★ Barretos ★ Jaboticabal ★ Bebedouro ★ Sertãozinho ★ São Joaquim da Barra ★ Matão ★ Batatais ★ Taquaritinga ★ Ibitinga ★ Orlândia

Cepo

Enfim, a solução em Inglês!
PROCURE "MARY JO"
(016) 623-2662
Sem dúvida, a sua melhor opção em inglês, com aulas exclusivas e personalizadas.
"MARY JO", professora, natural dos Estados Unidos, graduada pela Pennsylvania State University.

CLÍNICA RADIOLÓGICA
Dr. Strauss Leite Cavalcanti
Coloca mais uma IMAGEM a serviço da Medicina Franciana e da Região.
TOMOGRAFIA COMPUTADORIZADA
Rua Marechal Deodoro, 1726
Fones: (016) 724-1611 e 723-0708
Franca - SP
Atende os particulares e conveniados

Greve recua e 5 escolas repõem aula

Paralisação em Ribeirão cai de 47% para 33% desde o começo da semana, segundo Apeoesp

Free-lance para a **Folha**

O professorado da rede estadual de Ribeirão Preto [illegible] pela Apeoesp [illegible] dados da Apeoesp [illegible] de Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo. A entidade apurou que a paralisação [illegible] de 47% dos [illegible] da semana, e subiu [illegible] de 47%.

Em Ribeirão, cinco escolas vão repor aulas hoje e sábado a reposição das aulas, apesar de a categoria ter mantido a greve unida, durante uma assembléia em São Paulo. De acordo com o último levantamento feito pela DRE (Divisão Regional de Ensino), 26 escolas estão funcionando normalmente; em 94 a greve é parcial e em 2 há adesão total dos professores.

Para o conselheiro regional da Apeoesp, Nelson de Arruda, 48, os professores que estão repondo aulas não têm uma garantia de que os dias parados vão ser pagos. "Estamos em greve ainda." Os diretores de escolas que estão iniciando hoje a reposição disseram que se apoiam numa resolução da Secretaria da Educação para programar a reposição.

As duas delegacias de ensino de Ribeirão não tinham ontem dados sobre a reposição de aulas. Segundo a DRE, a reposição tem de ser aprovada pelas delegacias e pelo Conselho Escolar (dela terão mais pagando). Na Escola Estadual Fábio Barreto – que fica na região central de Ribeirão –, 1.100 alunos vão ter aula hoje, apesar do ponto facultativo amanhã pelo padroeiro. Hoje é o dia dos servidores públicos.

De acordo com a diretora da escola, Ivana Rodrigues Jorge, 45, também está programada a reposição de aulas nos próximos sábados, até o dia 17 de dezembro. A reposição também inclui os alunos de 2º grau, que vão ter aulas aos sábados à noite.

Na escola José Gaiad [illegible] também vão estudar a reposição a partir de hoje e nos próximos sábados. Na escola Rafael Lima Franco, a reposição começa no sábado. As duas outras escolas que vão repor aulas a partir de hoje disseram que somente os delegados de ensino estão autorizados a falar sobre o assunto.

Udemo

Segundo o presidente regional da Udemo (Sindicato dos Diretores das Escolas Estaduais), Walter Colombini, a entidade não apóia as escolas que iniciaram a reposição. "A orientação que temos é de não repor as aulas enquanto não acabar a greve e for negociado os dias parados", disse.

UM ÔNIBUS COM

50

professores de Ribeirão Preto e Rio Pardo partem rumo à assembléia

Resolução prevê controle

Free-lance para a **Folha**

A resolução baixada sobre a reposição de aulas pela Secretaria da Educação, segundo a Divisão Regional de Ensino, estabelece que os delegados devem aprovar e acompanhar o plano de reposição proposto pelos diretores e aprovado pelos conselhos de escola.

Segundo supervisor de ensino da 1ª DE (Delegacia de Ensino) de Ribeirão, Francisco José Resende, 51, o órgão não tinha ontem dados sobre a reposição programada nas escolas de Ribeirão. "Isso pode ser feito na sexta-feira (amanhã)", disse. Na resolução, também cabe à delegacia planejar ampla divulgação da reposição aos pais e alunos.

De acordo com a responsável pela 2ª DE, Envaldete Machado da Silva, o órgão também não tinha ontem informação quanto a reposição de aulas. "As escolas tem autonomia para tomar decisões."

Segundo a diretora da DRE, Maria José Martins, as aprovações nos planos de reposição não chegam a ser encaminhados ao órgão. Os órgãos vão estar fechados hoje, pois aderiram ao ponto facultativo.

A **Folha** pediu informações via fax à DRE sobre a reposição nas delegacias de ensino e recebeu como resposta apenas a indicação de acompanhar a resolução da Secretaria de Educação.



Professora dá aula em sala da escola Fábio Barreto, onde vai haver reposição hoje

Mãe diz que não vai permitir que filhos tenham reposição

Estudante tem aulas de catecismo aos sábados

Free-lance para a **Folha**

A dona-de-casa Elisabete Aparecida da Silva, 34, disse que seus filhos Jefferson e Naira não vão às aulas, durante a reposição. Segundo ela, os dois estudam na escola Fábio Barreto, mas têm compromisso aos sábados. "O ensino está fazendo curso para a primeira comunhão e não vai perder três aulas de preparação devido à greve."

Silva disse que o compromisso de Jefferson também vai impedir que sua irmã assista às aulas que vão ser repostas. "Já que um não vai, não vou perder tempo para levar a menina", afirmou.

Jefferson estuda na 5ª série e Naira faz o primeiro ano do curso básico. Silva disse que eles não vão perder matérias com as faltas. "Não ocorrece nada de importante nos dias de reposição."

"É melhor ir para a escola em um sábado do que ficar na rua", disse Ana Maria Rodrigues, mãe da estudante Josiana Rossi, 7.

SHOW

Bia Mestriner canta na USP

A cantora Bia Mestriner apresenta hoje, às 12h30, um show de MPB, blues e jazz na Capela do campus ribeirãopretano da USP (Universidade de São Paulo). O evento é organizado pela Assessoria Cultural do Campus e acontece toda semana. A entrada é franca.

MÚSICA

Sesc apresenta trio de jazz

O Sesc de Ribeirão apresenta hoje, às 20h30, o Unesp Jazz Trio. O grupo foi formado em 1991 em São Paulo por músicos do Instituto de Artes da Unesp (Universidade Estadual Paulista). O Sesc fica na rua Tibiriçá, 50. A entrada é franca.

SÃO CARLOS

Oficina mostra fotografias

A exposição "Fotografias de Rua" permite até o dia 5 de novembro na Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda (avenida Doutor Teixeira de Barros, 345, em São Carlos). A exposição pode ser vista entre segunda e sábado, das 9h às 22h, e domingo, das 9h às 18h. A entrada é franca.

INDIFOLHA

SETOR DE TECIDOS FATURA MAIS EM AGOSTO

Em Ribeirão

19,67

Tecidos



AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro, 128% a mais de reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro. Em 94, 36% do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus	Reposição a partir de março de 94 das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe. Em outubro, 10,25%. Em novembro e dezembro, 19%. De janeiro a março 15,75%. Aumento trimestral ou quadrimestral a partir de março de 94. Parcelamento em quatro vezes dos dias parados e reposição a título de serviço extraordinário
● **Adesão:** a greve atingiu, em média, 33% da categoria em Ribeirão na terça-feira, dia 26	● **Adesão:** 22% dos 78 escolas de Ribeirão na terça-feira dia 26
● **Entidades:** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo); Apoesp (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● **Quem são:** 3 mil professores em Ribeirão Preto
● **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apoesp) e dia 2 de setembro (Udemo)	● **Alunos:** 650 mil na região
	● **Escolas:** 618

* Reposição de aulas e pagamento nos dias parados dependem da negociação

Pais entregam ação na Justiça contra Fleury

Free-lance para a **Folha**

Pais de alunos da rede estadual de Ribeirão Preto entraram ontem com uma ação judicial no Fórum Civil da cidade para pedir o impeachment do governador de São Paulo Luis Antônio Fleury Filho (PMDB).

Segundo Edson Roncel, 48, pai de aluno, o documento alega a incapacidade do governador e de suas secretarias na administração da educação no Estado. "Está mais do que clara a incompetência técnica do governo em conduzir e solucionar os problemas referentes não só para a área da educação, mas também para a saúde e segurança", afirma.

A campanha "SOS Educação", iniciada no último sábado, contou com a adesão e assinaturas de 6.000 pais, que concordaram com o impeachment e aceitaram acionar Fleury na Justiça. Roncel diz que o documento será enviado à Procuradoria Geral da Justiça para uma análise.

O promotor Luis Carlos Brondi, 43, e o presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de Ribeirão, Fernando Peixoto, 48, iam decidir em reunião ontem à noite, se entram com um pedido judicial de intervenção federal no Estado de São Paulo.

Segundo Brondi, a Constituição só permite a intervenção da União no Estado no caso de haver comprometimento da ordem pública. "O presidente da República pode editar um decreto de intervenção do Estado de São Paulo, afastar Fleury das negociações e nomear um interventor para resolver o problema", afirma.

O chefe de gabinete da Procuradoria Geral do Estado (órgão encarregado de defender o governo), Alberto Henriques Bonorri, 51, diz que ainda é cedo para declarações. "Não temos conhecimento do teor desta ação. Se o promotor ainda não deu entrada nos documentos pode ser que emenda ser descabido esse procedimento. Caso prossigam com a ação, vamos contestar o pedido."

POLÍTICA



O vereador Arly Romeo (PMDB) (foto), autor da Cei das empreiteiras que vai à votação hoje - Pág. 3.

FUTEBOL



João Santos (foto), atacante do Bragantino, que joga hoje com o Botafogo, em Niterói (RJ) - Pág. 4.

CASO TENGAN



Advogado de acusação quer ampliar a pena dos condenados no Caso Tengan (foto) - Pág. 3.

6

folha sudeste sp

FOLHA DE S.PAULO

Quinta-Feira, 28 de outubro de 1993 1

Campinas • Jundiaí • Piracicaba • Rio Claro • Americana • Limeira • Bragança Paulista • São João da Boa Vista • Atibaia • Araras • Pirassununga • Mogi Guaçu • Mogi Mirim • Amparo • Itatiba • Itapira • Leme

FILME

Sesc exibe "Curandeiro..."



O filme "O Curandeiro da Selva" (foto) tem exibição hoje, às 15h, no Sesc-Piracicaba (rua Ipiranga, 155). A exibição faz parte do projeto "Festa Cinecriança", que reúne espetáculos de dança, teatro e cinema até o final do mês. A entrada é franca.

MÚSICA

Wisnik lança CD na Unicamp

O compositor e professor de literatura José Miguel Wisnik lança hoje o CD que leva seu nome, às 17h, no café da biblioteca Central da Unicamp, em Campinas. Às 14h, ele faz palestra no auditório do Instituto de Artes sobre o tema "Nazareth pelo Avesso-Pesquisa e Composição".

SHOW

Cauby Peixoto canta em Vinhedo

O cantor Cauby Peixoto se apresenta hoje, às 22h, e amanhã, às 23h, no anexo do restaurante Il Tesoro Verde (avenida Independência, 5474), em Vinhedo. A apresentação faz parte do projeto "Tudo Acaba em Pizza", que vai trazer Jane Duboc e Maria Alcina, em novembro.

DANÇA

"En.tre.atos" tem último dia

O espetáculo "En.tre.atos", da Cia. do Dança Livre Pertado, faz última apresentação hoje, às 21h, no Centro de Convivência Cultural (praça Imprensa Fluminense, s/nº). A companhia mostra as coreografias "Brahms 3", "Anunciação", "As Tentações de Santo Antonio" e "South". Os ingressos custam. CR$ 600,00.

INDIFOLHA

AUMENTA O N.º DE EMPREGOS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

Em Campinas



Greve causa prejuízo no transporte

Paralisação de professores provoca redução de 1 milhão de viagens nos ônibus de Campinas

Free-lance para a **Folha**

A greve na rede estadual de ensino provocou uma redução de 1 milhão de viagens no sistema de transporte urbano de Campinas nos últimos dois meses. Isso significa 8,6% do movimento mensal. A diminuição, segundo o secretário de Transportes, Jurandir Fernandes, 45, acarretou uma dívida da prefeitura com as empresas de ônibus estimada em CR$ 80 milhões, que só será paga quando houver a normalização do movimento.

A Setransp (Secretaria de Transportes) divulgou ontem o novo reajuste da tarifa (veja texto abaixo), que passa a CR$ 80,00 a partir do dia 3 de novembro.

Os 701 ônibus da frota de Campinas registram, por mês, 11,6 milhões de passageiros em suas catracas. A greve dos professores começou no dia 18 de agosto. Em setembro, a Setransp registrou um movimento de 11,04 milhões de viagens.

"Tivemos uma queda de 560 mil passageiros. Para outubro, fizemos uma previsão de 11,388 milhões de passagens e, até o dia 15, registramos um déficit de 200 mil", diz. Fernandes prevê um déficit de pelo menos mais 200 mil viagens na segunda quinzena do mês, totalizando a redução de 1 milhão de viagens. A dívida de setembro foi de CR$ 34 milhões. O que dá um total de

A dívida surgiu em função do tipo de sistema de remuneração implantado em Campinas. Os empresários recebem por quilômetro rodado e com base na previsão de viagens. Quando há um aumento no movimento, a prefeitura fica com um caixa e quando há redução, fica devendo, os passageiros.

A venda de passes escolares registrou queda de 50%. Segundo o secretário, Campinas vende em média 1,3 milhão de passes escolares ao mês. "Até o dia 26 de outubro vendemos 682 mil", diz.

Fernandes diz que a situação não é muito grave. "Vou devolver esse dinheiro às empresas como passagens", diz. A previsão de passageiros para novembro é de 11,08 milhão. "A diferença que der para cima será repassada aos empresários para quitar a dívida", diz.

Fernandes diz que pode quitar a dívida em dois meses, a partir do momento em que as escolas voltarem ao normal. "É claro que ficará um resíduo, mas esse é o risco do sistema. Os empresários sabem que não estão em um negócio de risco zero", diz. O resíduo, segundo Jurandir, será provocado pelos alunos que já desistiram de terminar o ano e pelos professores que arrumaram outros empregos.

Empresários

Pedro Constantino, 40, diretor da Viação Santa Catarina, diz que, caso a situação se mantenha até o final de novembro, a prefeitura ficará numa situação muito ruim. "As empresas já estão buscando empréstimos nos bancos para cobrir o déficit."

As tarifas aprovadas pelo empresário são o aumento das tarifas ou a injeção de recursos de outras áreas na Emdec (Empresa Municipal de Desenvolvimento de Campinas), responsável pelo gerenciamento do sistema.

Para o empresário, a queda no movimento ainda é insuficiente para modificar a estrutura do sistema. "Se um ônibus carrega 70 passoas, vai andar com 63. Não dá para tirar a linha", diz.

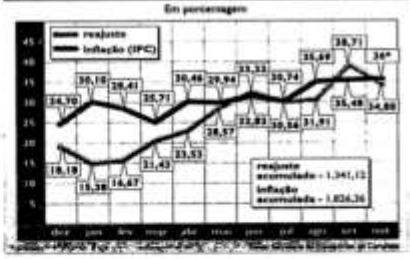
LEIA mais sobre a greve dos professores na Candidaro



O secretário de Transportes, Jurandir Fernandes, durante entrevista em seu gabinete, ontem

AUMENTO DAS TARIFAS

Em porcentagem



Tarifa de ônibus vai a CR$ 80,00

Free-lance para a **Folha**

A nova tarifa de ônibus urbanos em Campinas passa a custar CR$ 80,00 a partir do dia 3 de novembro para quem for pagar na catraca. O reajuste é de 37,9%, contra uma inflação estimada em 35% (pelo IGP, Índice Geral de Preços).

O secretário de Transportes, Jurandir Fernandes, afirma que os 2,9 pontos percentuais que estão acima da inflação representam o arredondamento. "Isso está compensado no valor do passe popular, que ficou em CR$ 67,00. O reajuste neste caso é de 29%", diz.

O desconto para o passe popular é de 16,25%, o maior já concedido até agora na administração do PSDB. Esse valor, no entanto, vale só até o próximo dia 10. "Depois disso, o desconto passa a ser de 5%", diz o secretário. O valor do passe, do dia 10 ao dia 22, quando se encerram as vendas, será de CR$ 76,00.

O escalonamento do desconto, além de beneficiar a maioria dos trabalhadores, segundo Fernandes, é uma estratégia para desarticular os camboatas. "Eles esperavam um desconto menor", diz.

A prefeitura desativou o ônibus de venda de passes que ficava no Largo do Rosário e transferiu as vendas para a "Casa do Passe", na rua Padre Vieira, 1.221, esquina com a rua General Osório.

Pais de alunos querem oficializar 'ocupação'

Free-lance para a **Folha**

Os pais que assumiram a escola estadual Gustavo Marcondes, em Campinas, decidiram discutir a sugestão da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) de pleitear o reconhecimento da "ocupação".

O presidente da entidade, Henrique Costa de Oliveira, 50, aconselhou os pais a entrarem com um mandado pedindo que as atividades que estão sendo ministradas pelos pais de alunos sejam reconhecidas como dias letivos.

Sarita Govino, 48, diretora da APM (Associação de Pais e Mestres), disse ontem que iria reunir o grupo de pais para conversar a respeito. "Os pais com quem já conversei gostaram muito da idéia. Significa que o nosso movimento está tendo repercussão", diz. Caso todos concordem, Sarita diz que vai procurar a OAB para dar andamento à ação.

Os alunos da Gustavo Marcondes têm escrito cartas aos professores. Pedro Emiliano Pato Filho, de 9 anos, disse que sente muita saudade de sua professora. "Escrevi uma carta para ela dizendo que sei da situação e que concordo com a greve, mas que estou com saudades", conta.

Pedro está na 3ª série e defende a continuação da greve, agora que os pais assumiram as classes. "Antes disso estava com medo de esquecer tudo o que aprendi e perder o ano", disse.

A Apoesp (Sindicato dos Professores no Ensino Oficial do Estado de São Paulo) não apóia a ação. "Os pais, mesmo que tenham formação universitária, não estão preparados para assumir uma classe. Acho um absurdo", disse Lindalbel Delgado Cardoso, 32, diretora da Apoesp.



Maria do Carmo Vidal e sua filha Cristiane, na escola

Impasse

Professores e governo estão novamente em um impasse. A última proposta apresentada pelo governador Luiz Antonio Fleury Filho foi considerada pelos grevistas ainda pior que as primeiras. Ontem, os professores reuniram-se novamente na porta da Assembléia Legislativa de São Paulo, ocupada por um grupo de grevistas desde a semana passada. A greve completa hoje 71 dias.

GREVE SEM FIM

Recesso aumenta impasse de professores

Assembléia Legislativa, com cerca de 400 professores em 'vigília permanente', só volta a funcionar na quarta-feira

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Com o recesso de seis dias na Assembléia Legislativa, iniciado ontem, aumentou o impasse na greve de professores da rede estadual de São Paulo. O governo diz que cogitou suas propostas de negociação e os mais de 400 professores em "vigília permanente" dentro do Palácio 9 de Julho —sede do Legislativo do estado— não terão deputados a quem pressionar até quarta-feira.

Ontem, o clima na Assembléia era tranquilo —"até demais", segundo alguns professores. A principal atividade era elaborar uma lista de eventos culturais para esses próximos dias —já que quem está dentro do edifício, se sair, não entra mais. Ontem à noite houve uma vigília e um forró (*leia notas abaixo*).

O presidente da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Roberto Felício, 41, estava otimista à noite: "Parece que tem alguma coisa no ar. Estou esperançoso", disse, referindo-se à possibilidade de surgir alguma proposta que ponha fim à greve.

Aos 73 dias —e 8 de ocupação da Assembléia—, a greve em São Paulo é a terceira mais longa deste ano em rede pública —ficando atrás, apenas, do Espírito Santo (100 dias) e Minas Gerais (76 dias). Segundo o governo, 34% das escolas de São Paulo e 51% do interior têm greve parcial ou total. A Apeoesp calcula 48%.

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de maio/ano	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação pelo IPC-Fipe
139% a mais de reajuste que os 125% concedidos em agosto/setembro	No máximo, 10,33% em outubro e cerca de 79% em novembro e dezembro
Em 94,30% do ICMS para o ensino de 1.º e 2.º graus	Defender na Assembléia 33,5% do ICMS para 1.º e 2.º graus em 94
● Segunda a Apeoesp: a greve atinge, em média, 48% das escolas na outra feira, dia 27	● Segunda o governo: 41% da rede da SP e 53% do interior estão em greve total ou parcial na dia 26
● Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo); Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino); e Udemo (Sindicato dos Diretores) vão da greve dia 21	● Quem são: 220 mil professores, 1.500 supervisores do ensino e 6.500 diretores de escola
	● Início: do 18 ao agosto (Apeoesp), do 27 de agosto (Apase) e dia 3 de setembro (Udemo)
● Escolas: 6.661	● Alunos: 6,5 milhões

* Reposição de salário e progressões dos dois pontos dependem das negociações



Professora lê história em quadrinhos, ontem, uma semana após a ocupação da Assembléia

Atas, Editais e Avisos

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE
RETIFICAÇÃO DO EDITAL PUBLICADO EM 09/10/93
DIVISÃO DE SUPRIMENTOS - SMS. 3

Edital de Licitações - Aquisições - Concorrência - Recebimento das propostas: até **09/11/93 às 15 horas.** Sendo que tenha minutos após esse horário, na mesma data, juntos iniciados os trabalhos de abertura dos envelopes.

- 042-prot. 36.015.857-92'90-SMS.24 - 1.000.000 comprimidos de Carbamazepina 200 mg.

Maiores detalhes, bem como o edital completo poderá ser obtido na Seção de Licitações, na Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 4.605, térreo, sala 52, dias 9 às 16 horas. Até o último dia útil que antecender a licitação, mediante o recolhimento da taxa de CR$ 250,00 (duzentos e cinquenta cruzeiros reais).

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
SECRETARIA MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO
GABINETE DO SECRETÁRIO
PROCESSO - DESPACHO

13.000.274.274-93'57 - SEMAB.G - ANULAÇÃO DE CONCORRÊNCIA. Face ao que consta do presente e com fundamento no art. 49 da Lei Licitatória Federal 8.666/93, combinado com o art. 62 Lei Licitatória Municipal 10.544/89, ANULO para todos os fins a licitação, mediante CONCORRÊNCIA PÚBLICA PARA REGISTRO DE PREÇOS Nº 02/CARNE, tendo visto da presente data com o edital levantados para empresa SADIA OESTE S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO, que por meio expedi-ficações especiais, cresceu em demasia o preço final do produto, objeto CARNE DE VACA PICADA EM CUBOS CONGELADA.

AVISO DE LICITAÇÃO
EDITAL DE CONCORRÊNCIA INTERNACIONAL Nº CI 001/93 (PNUD)
REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL - MINISTÉRIO DO BEM-ESTAR SOCIAL - SECRETARIA DE SANEAMENTO - PROGRAMA DE AÇÃO SOCIAL EM SANEAMENTO - PROSEGE - ESTADO DE MINAS GERAIS
MUNICÍPIO DE BETIM
AGENTE PROMOTOR: PREFEITURA MUNICIPAL DE BETIM

A Prefeitura Municipal de Betim (PMB) torna públicos que às 9:00 horas do dia 15 de dezembro de 1993, na Rua Professor Oswaldo Franco nº 93, Centro, em seu Auditório, o Presidente da Comissão de Licitação receberá os documentos de habilitação e propostas para execução de obras da Construção do Sistema de Esgoto Sanitário, no Bairro Jardim Teresópolis, lote 1, com 33.41[illegible] de rede e 2.857 ligações domiciliares. Poderão participar deste certame licitatório, empresas brasileiras e estrangeiras que sejam originárias dos países membros do Banco Internacional de Desenvolvimento - BID. As datas e locais desse Edital poderão ser consultados no Programa de Ação Social em Saneamento - PROSEGE, do Ministério do Bem-Estar Social - MBES, o qual é parcialmente financiado com recursos do contrato de empréstimo 632/OC-BR, celebrado entre o BID e o Governo do Brasil, recursos do Organismo Geral da União e contrapartida financeira representada da Prefeitura Municipal de Betim, conforme a lei complementar nº 2259 de 14/10/93. A documentação completa do Edital poderá ser examinada e adquirida mediante o pagamento de CR$ 30.000,00 (trinta mil cruzeiros reais) na Rua Professor Oswaldo Franco, 93, 3º andar, no Gabinete da Secretaria de Obras e Serviços Públicos. Após a data de primeira publicação deste aviso, no horário comercial, até 10 (dez) dias anteriores ao da apresentação dos documentos e propostas.

(a) Engº Teodomiro Matos Bhattha
Presidente da Comissão de Licitação.

BETIM
TRABALHO E QUALIDADE

COMUNICADO À PRAÇA

Francisco M. D. P. Pipponzi e ou Lilian M. A. Pipponzi e ou Cristiana Almeida Pipponzi O.F.P. 053.661.508-49 informam que foram outorgados no dia 26/10/93, 6 talões de cheques do Banco Bamerindus do Brasil, Ag. 759 c/c de seguinte numeração: 3 talões com a numeração: 83964201 ã 83964250, 1 talão com a numeração: 83940751 ã 83940770 e 2 talões com a numeração 84028181 ã 84028220. A ocorrência foi lavrada no 4º D.P., B.O. nº 7268/93, sendo comunicando às terceiros para publicar este edital. São Paulo, 29 de Outubro de 1993.

TELECOMUNICAÇÕES DE SÃO PAULO S.A. - TELESP
EMPRESA DO SISTEMA TELEBRAS
MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

Departamento OW

Aviso de Edital (Formato de Preços) - TDW 377/93. Objeto: Fornecimento e instalação de sistema telefônico tipo digital. Condições de Participação: Poderão participar desta licitação as fornecedores que atendam às exigências presentes no edital. Edital: O Edital, com as condições de habilitação e informações sobre o processo licitatório, disposições e exigências básicas, para a proposta comercial, está à disposição dos interessados à R. do Livramento, 86 - 1º andar, das 9 às 17 horas, nos dias úteis. Entrega e Abertura das Propostas: dia 26/11/93 às 14:00 horas, à R. do Livramento, 86 São Paulo - SP. Mooca Golgona - Gerente da Divisão de Grandes Clientes. São Paulo, 29/10/1993. Edital nº 275/93

TELECOMUNICAÇÕES DE SÃO PAULO S.A. - TELESP
EMPRESA DO SISTEMA TELEBRAS
MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

EDITAL

Aviso de Edital: Concorrência OPI - 005/93 - Objeto: Aquisição de 30 Microcomputadores, 3½ Impressoras, 01 placa, 01 Scanner e 344 cópias de Software's - Condições exigidas para habilitação: Apresentar o documento Certificado Específico para Habilitação que deverá ser requerido, até o dia 12/11/93 - Edital completo: Retirar na Rua 7 de Abril, 309 10º andar - Centro - S.P., das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00 hs., nos dias úteis até o dia 29/11/93. Entrega e Abertura das Propostas: dia 29/11/93 às 14:00 hs, na endereço acima citado. São Paulo, 29 de Outubro de 1993 - Edital nº 144/93. Walter Gomes da Cunha Filho (Gerente do Depto. de Informática e Sistemas).

TELECOMUNICAÇÕES DE SÃO PAULO S.A. - TELESP
EMPRESA DO SISTEMA TELEBRAS
MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

EDITAL

Aviso de Edital: Tomada de Preços TPI-048/93 - Objeto: Prestação de Serviços de Microfilmagem e confecção de jaquetas - Condições exigidas para habilitação: Apresentar o documento Certificado Específico para Habilitação que deverá ser requerido, até o dia 10/11/93 - Edital completo: Retirar na Rua 7 de Abril, 309 10º andar - Centro - S. P., das 9:00 às 11:00 e das 14:00 às 16:00 hs., nos dias úteis, até o dia 12/11/93. Entrega e Abertura das Propostas dia 15/11/93 às 14:00 hs., no endereço acima citado. São Paulo, 29 de Outubro de 1993 - Edital nº 202/93. Walter Gomes da Cunha Filho (Gerente do Depto. de Informática e Sistemas).

SEM EDUCAÇÃO

Corrente - A CUT fez um ato público de apoio à greve antes à tarde no centro de São Paulo. Havia cerca de cem sindicalistas e uns carros de som.

★

Apoio acadêmico - O Conselho Universitário da USP —órgão máximo da universidade— enviou ontem documento à Fleury pedindo solução para o impasse.

★

Malheres - Entre as doações para o "vigília" na Assembléia estão 500 pacotes de shoarvistas —50 já foram usados. "Não tem OB?", perguntou uma professora.

★

Vício militante - Durou mais de quatro horas a "plenária" ontem à tarde dos professores na Assembléia. O principal assunto foi o "cardápio da vigília".

★

Do-in - Sindicatos de médicos e de enfermeiros montaram um posto de saúde na Assembléia. Desde a invasão foram atendidas 250 pessoas —a maioria com dificuldade ou tensão nervosa. O tratamento é à base de chás e massagens.

★

Procura-se - O forró de ontem à noite na Assembléia foi embalado por um pequeno trio-em-um. Os "invasores" buscam um aparelho de som com potência para fazer seus ritmos orgânicos com os "vigilantes" que estão do lado de fora da Assembléia. (FR)

SANEPAR
SECRETARIA DE ESTADO DO DESENVOLVIMENTO URBANO
COMPANHIA DE SANEAMENTO DO PARANÁ - SANEPAR

AVISO DE LICITAÇÃO
CONCORRÊNCIA PÚBLICA NACIONAL Nº 098/93
PROCESSO DE COMPRA Nº 1002/93

A Companhia de Saneamento do Paraná - SANEPAR, sita à rua Almirante Gonçalves 1385, Curitiba - Paraná, torna públicos que fará realizar em sua sede, **Concorrência Pública Nacional nº 098/93** para aquisição de Peças para Válvula Alta Pressão, Peças para Módulo de Dosagem, Peças para Hidroejetor Peças para Ejetor, Peças para Bombas e Rolamentos, destinados a aplicação em Vários Locais, conforme as condições previstas neste Edital na forma da Legislação pertinente.

A sessão de abertura das propostas será realizada às 09:00 horas do dia **01 DE DEZEMBRO DE 1993**, na Superintendência de Suprimentos da Sanepar, à rua Almirante Gonçalves 1385 Curitiba-Paraná.

O preço máximo admitido para este Licitação é CR$ 60.000.000,00 (Sessenta Milhões de Cruzeiros Reais) considerando referência orçamentária do mês de OUTUBRO de 1.993.

O preço de aquisição dos elementos é de 20 UFIR (Unidades Fiscais de Referência) MENSAL, o qual deverá ser recolhido na Tesouraria da SANEPAR, à rua Eng. Rebouças 1376, Curitiba — Pr, até às 17:00 horas do dia **30 DE NOVEMBRO DE 1993.**

O edital e seus anexos estarão a disposição dos interessados a partir de **29 DE OUTUBRO DE 1993,** no horário comercial, à rua Almirante Gonçalves 1385, Curitiba, Paraná.

Outros esclarecimentos poderão ser obtidos, até 05 (CINCO) dias antes da data de abertura das propostas, por telefone através dos números (041) 222-4999 e (041) 322-3626 ramal 292, Telex 41 39052 e Fax 232-7323.

Curitiba, 29 de outubro de 1993
p/ Stélio Sales Jacob
Diretor Presidente

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ

IBIÚNA COMERCIAL E EXPORTADORA S.A. (em organização) ATA DA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO REALIZADA EM 27.09.1993. HORA E LOCAL: 11:00 horas na Av. Paulista, nº 1.106, 5º andar, em São Paulo, SP. **MESA:** Presidente: MÁRIO CEZAR DE ANDRADE; Secretário: RAMIRO LOPES DE OLIVEIRA. **DELIBERAÇÕES:** (a) reconhecem as Srs. MÁRIO CEZAR DE ANDRADE, brasileiro, casado, advogado, portador do RG n.º 22.736.712/SP/81 e do CIC n.º 022.496.547-34, e RAMIRO LOPES DE OLIVEIRA, brasileiro, casado, contador, portador do documento de identidade n.º 9213509 - VSP/MAPO e do CIC n.º 001.720.267-49, ambos domiciliados na Av. Paulista, nº 1.106, 5º andar, em São Paulo, SP, como o objetivo de constituir IBIÚNA COMERCIAL E EXPORTADORA S.A., com sede social na Av. Paulista, 1106, 5.º andar (parte), em São Paulo, SP, com capital social no valor de CR$ 100.000,00, representado por 100.000 ações nominativas e sem valor nominal, sendo 50.000 ordinárias e 50.000 preferenciais; (b) fica ratificada a subscrição da totalidade das ações representativas do capital social e sua integralização, conforme consta no Documento 1 e 9 (Boletins de Subscrição e Recibos de Depósito Bancário); (c) foi aprovado o Estatuto Social na forma do Documento III anexo; (d) declaram formalmente constituída a Companhia, sendo eleitos como Diretores, sem designação especial: JORGE PAULO LEMANN, brasileiro, casado, economista, portador do RG n.º 1.040.[illegible]/RJ e do CIC n.º 005.392.[illegible]-68, CLÁUDIO HUMBERTO DA SILVA HADDAD, brasileiro, casado, economista, portador do RG n.º 2.002.998.[illegible]/RJ e do CIC n.º 109.396.497-34, LUIS ALBERTO MENDES RODRIGUES, brasileiro, casado, engenheiro, portador do RG n.º 945.149.[illegible]/RJ e do CIC n.º 096.060.[illegible]-87, FERNANDO ANTÔNIO BOTELHO PRADO, brasileiro, casado, economista, portador do RG n.º 04.071.[illegible]-04-IFP/RJ e do CIC n.º 028.575.[illegible]-15 e GUILHERME ROMANO, brasileiro, casado, economista, portador do RG n.º 8.836.[illegible]-SSP/SP e do CIC n.º 006.[illegible]-68, todos domiciliados na Av. Paulista, nº 1.106, 5.º andar, em São Paulo, SP. Os Diretores ora eleitos declaram não estarem incursos em nenhum dos crimes que os impeça de exercer a atividade mercantil, e (e) foi aprovada a remuneração dos membros da Diretoria, que será a ser mesma correnta correspondente ao teto máximo de remuneração dos Diretores de empresas operadoras sujeitas à legislação do Imposto de Renda. DOCUMENTO III LEVADO NA ASSEMBLÉIA GERAL DE CONSTITUIÇÃO DE IBIÚNA COMERCIAL E EXPORTADORA S.A. **ESTATUTO SOCIAL DA IBIÚNA COMERCIAL E EXPORTADORA S. A. CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO, SEDE, FINS E DURAÇÃO DA SOCIEDADE — ARTIGO 1.º** — A IBIÚNA COMERCIAL E EXPORTADORA S. A. é uma sociedade anônima, que se regerá pelo presente Estatuto e pela legislação que lhe for aplicável. — **ARTIGO 2.º** — A Sociedade tem por objeto: a) o comércio em geral e a exportação e importação de produtos alimentícios, minerais e madeireiros primários, bem como a participação em empresas com objetivos assemelhados; b) comércio, exportação de bens de produção ou de consumo durável, bem como a participação em empresas com objetivos assemelhados; c) participação em sociedades comerciais, industriais, financeiras ou de serviços, bem como em investimentos financeiros em obrigações, debêntures ou outros papéis de crédito de emissão pública ou privada; d) atividades agropecuárias, em seu sentido mais amplo, por conta própria ou de terceiros, por qualquer forma de execução, arrendamento, associação ou sub-locação ou qualquer modalidade permitida em lei; e) prestação de serviços de assessoria e assessoria financeira; no. — **ARTIGO 3.º** — A Sociedade tem sede e foro na Cidade de São Paulo, SP e sua duração será por tempo indeterminado. **CAPÍTULO II — DO CAPITAL E DAS AÇÕES — ARTIGO 4.º** — O capital social, subscrito e integralizado em moeda corrente do País, é de CR$ 100.000,00, dividido em 100.000 ações nominativas, sem valor nominal. **PARÁGRAFO PRIMEIRO:** O capital social é dividido em 50.000 ações ordinárias e 50.000 ações preferenciais sem valor. **PARÁGRAFO SEGUNDO:** Cada ação ordinária nominativa dará direito a um voto nas deliberações da Assembléia Geral. **PARÁGRAFO TERCEIRO:** As ações preferenciais gozam de preferência no reembolso do capital em caso de liquidação, sem prêmio. **CAPÍTULO III — DA ADMINISTRAÇÃO — ARTIGO 5.º** — A Sociedade será administrada por uma Diretoria composta de 02 (dois) a 05 (cinco) membros, acionistas ou não, residentes no País, os quais terão o título de Diretores sem designação especial. **ARTIGO 6.º** — Os Diretores serão eleitos em Assembléia Geral pelo prazo de 03 (três) anos, podendo ser reeleitos e permanecerão no desempenho de seus cargos até a posse dos substitutos. Os Diretores prestarão caução de 50 (cinquenta) ações da sociedade, mediante termo de posse lavrado no livro de "Atas dos Reuniões da Diretoria". **ARTIGO 7.º** — A Assembléia Geral poderá destituir a qualquer tempo os membros da Diretoria, reservado em parte fixa e parte variável com as funções sociais. **ARTIGO 8.º** — No caso de impedimento temporário ou ausência, os Diretores substituir-se-ão reciprocamente. Em caso de vago, o cargo será preenchido, quando da realização da primeira Assembléia Geral, a qual poderá deliberar sobre o preenchimento do mesmo. **ARTIGO 9.º** — Os Diretores têm as atribuições e os poderes necessários para assegurar o funcionamento da sociedade, podendo representá-la ativa e passivamente, em juízo e fora dele, praticando todos os atos que visarem responsabilidade para a sociedade, exceto os que impliquem responsabilidade para com eles, somente serão válidos quando assinados em conjunto por 02 (dois) Diretores ou por 01 (um) Diretor em conjunto com 01 (um) Procurador ou por 02 (dois) Procuradores, constituídos na forma do Artigo seguinte. **PARÁGRAFO ÚNICO** — A Sociedade poderá ser representada isoladamente por 01 (um) Procurador, quando corrigindo especificamente no mandato este prerrogativa. — **ARTIGO 10** — A Sociedade, representada por 02 (dois) Diretores, poderá constituir procuradores, especificando os mandatos os poderes e o prazo da procuração. **CAPÍTULO IV — DO CONSELHO FISCAL — ARTIGO 11** — O Conselho Fiscal não funcionará em caráter permanente, estabelecendo somente nos exercícios em que assim o pretenda no artigo 161, parágrafo 2.º da Lei 6.404, e será composto de 03 (três) membros efetivos e 03 (três) membros suplentes, acionistas ou não, residentes no País, eleitos pela Assembléia Geral que o instalar, a qual fixará a remuneração dos seus membros. **PARÁGRAFO PRIMEIRO:** Os membros do Conselho Fiscal serão os titulares e atribuições que lhes confere a lei, e serão substituídos, nas suas impedimentos, faltas e vago, pelo respectivo suplente. **PARÁGRAFO SEGUNDO:** Os membros do Conselho Fiscal e seus suplentes exercerão os cargos a partir da instalação do Conselho até a primeira Assembléia Geral Ordinária que se realizar após a sua eleição. **CAPÍTULO V — DA ASSEMBLÉIA GERAL — ARTIGO 12** — A Assembléia Geral reunir-se-á ordinariamente nos 04 (quatro) primeiros meses, após o término do exercício social e, extraordinariamente, sempre que os interesses sociais o exigirem. **PARÁGRAFO ÚNICO** — A Assembléia Geral será presidida por 01 (um) acionista escolhido pelos acionistas presentes, o qual, escolherá o presidente, convidará 01 (um) outro acionista para desempenhar a função de Secretário. **CAPÍTULO VI — DO EXERCÍCIO SOCIAL — ARTIGO 13 — O exercício social coincidirá com o ano civil. ARTIGO 14** — Em 31 (trinta e um) de dezembro de cada ano, proceder-se-á ao levantamento do inventário e do Balanço Geral, com observância das disposições em lei. Do lucro líquido verificado, será deduzido o percentagem de 5% (cinco por cento) para o constituição do Fundo de Reserva Legal, até alcançar 20% (vinte por cento) do capital social. O saldo terá à disposição da Assembléia Geral, que lhe dará o destino conveniente, por proposta da Diretoria e ouvido o Conselho Fiscal. **PARÁGRAFO PRIMEIRO** — O dividendo obrigatório será de 25% (vinte e cinco por cento) sobre o lucro líquido de que trata o artigo 202 da Lei 6.404, podendo o Assembléia Geral, de que trata o parágrafo 2.º daquele artigo, deliberar a distribuição de dividendo inferior ou obrigatório, ou a retenção de todo o lucro. **PARÁGRAFO SEGUNDO** — A Diretoria poderá declarar dividendos à conta de lucros apurados nos balanços semestrais, e levantar balanços intermediários e distribuir dividendos em períodos menores. Observado o disposto no art. 204, parágrafo 1.º da Lei 6.404/76, a Diretoria, poderá declarar dividendos intermediários à conta de lucros existentes no último balanço anual ou semestral. **CAPÍTULO VII-DA LIQUIDAÇÃO DA SOCIEDADE, ARTIGO 15** - A dissolução e liquidação da sociedade far-se-á de acordo com a que resolver a Assembléia Geral, obedecidas as prescrições legais. (a) MÁRIO CEZAR DE ANDRADE (a) RAMIRO LOPES DE OLIVEIRA - Visto do Advogado: (a) ALDYRIO ARRUDA DE MORAES e FILHO (OAB SP 106.489 A. Registrado na JUCESP sob NIRC. nº 35.311.894.156 em 15.10.93. José Rogerio L. Gomes Secretário Geral

Declaração
A ING. e COM. DE PRODUTOS QUÍMICOS BARONETO LTDA, torna público que recebeu da CETESB a licença de funcionamento nº 069986 s/ a fabricação de detergente em pó e detergente líquido, à rua Marques Preta, 135 Bairro Vilares do Pinhão Guarulhos.

DIÁRIO OFICIAL
ANTES DE ASSINAR OU RENOVAR SUA ASSINATURA, CONSULTE-NOS. A Melhor Entrega de SP.
D.A.D.O. F:255-6488

AVISO DE LICITAÇÃO
CONCORRÊNCIA Nº 2/93

OBJETO: FORNECIMENTO DE VALES ALIMENTAÇÃO E REFEIÇÃO,
ABERTURA: 25.11.93 - 10 HORAS
EDITAL E INFORMAÇÕES:
COMISSÃO DE LICITAÇÃO
Edifício Anexo, Ala "B", sala 434
Brasília - DF
Publicado no Diário Oficial de 25.10.93.

FOLHA DE S.PAULO

13h30



Maradona ri ao falar do jogo desta noite com a Austrália - Pag. 3-6

O QUE VER NA TV

HOJE

Bayern de Munique x Kaiserslautern
Campeonato Alemão
13h20 - Cultura

Grandes Momentos do Esporte
Pelé 33 anos
14h20 - Cultura

Bahia x São Paulo
Campeonato Brasileiro
16h - Globo - Rádio Globo

AMANHÃ

Sampdoria x Milan
Campeonato Italiano
11h30 - Bandeirantes

Corinthians x Botafogo
Campeonato Brasileiro
17h - Globo

ESPORTE

Palmeiras usa nova formação contra Grêmio

O Palmeiras enfrenta o Grêmio às 17h no Parque Antarctica (SP). O técnico Wanderley Luxemburgo mudou a formação titular do time escalou Edmundo mais à frente e recuperou Zinho. O São Paulo pega o Bahia em Ataçum (BA). O estádio do clube baiano em Salvador está interditado. Nos próximos 16 dias os são-paulinos farão seus jogos. Esporte



O goleiro Zetti durante treino do São Paulo



O palmeirense Evair treina chutes

Alves deu cheques a parlamentares

Advogado do deputado diz que ele fazia empréstimos após ganhar na loteria; para CPI, pode ser 1ª prova

BRASIL

Opinião da Folha

Leia na pág. 1-2 os editoriais "A Saída", sobre demissão de Hargreaves, "Fracos de Banir", acerca de plano tributário, e "Uma nova [illegible]".

MUNDO

Molécula barra o vírus da Aids

Em laboratório, fragmentos de cérebro naturais que impedem o HIV de penetrar em três tipos de células. PAG. 2-11

Videogames custam menos

O preço em dólar dos videogames está em queda. Produção maior e novas tecnologias e concorrência acirrada explicam o recuo. Equipamento do maior fabricante do país custa 30% do que valia há quatro anos. PAG. 7-6

DINHEIRO — PÁG. 2-1

DÓLAR (Cotação de 29/10 a 1/11)
Paralelo: 172,00 / 174,00
Turismo: 167,50 / 174,00
Livre: 173,995/174,00
Dólar-médio de outubro*: 161,305
Dólar-médio de novembro*: 151,180
*Cotação do BC

Segunda-feira
UFIR: CR$ 182,59
POUPANÇA: 37,2126%

TEMPO EM SP — PÁG. 3-13

Ensolarado
Mínima prevista: 15°
Máxima prevista: 28°
Ontem: Mín. 15,3 / Máx. 27
Mês ant.: Mín. 16,8 / Máx. 28

Seções

1 brasil	2 dinheiro
mundo	5 esporte
3 são paulo	6 folhetim
4 ilustrada	7 cotidiano
	8 classificados

Esta edição tem
116 Páginas
2 cds (1 Classificados e Imóveis, 1 Folha Shop)
1 de Esporte, 12 de Classificados
1 de Cotidiano

479.200 exemplares

AMANHÃ

Ganhe fascículo sobre Madonna

O [illegible] da revista "Vogue".

Guia apresenta jogos da NBA

O Guia da NBA [illegible] temporada [illegible] americano, que começa [illegible] Folha. O caderno mostra os 27 times da competição e apresenta os [illegible]



Collor (de frente) conversa com parlamentares; no destaque, o ministro Hargreaves

O deputado João Alves (PPR-BA) admitiu que passou "muitos" cheques a outros parlamentares, relatam **Josias de Souza** e **Inácio Muzzi**. Alves é acusado de dívidas com membros da Comissão de Orçamento próprias recebidas de empreiteiras contratadas pela obra. A CPI do Orçamento acha que [illegible] pode ser a primeira vítima. Alves [illegible] que ganhou na loteria e o deputado era procurado por colegas. Ele fez vários pequenos empréstimos", disse Antônio de Almeida Castro, advogado de Alves. PAG. 1-8

Escândalo faz ministro Hargreaves se demitir

O ministro Henrique Hargreaves (Habitação Civil) pediu demissão. O presidente Itamar Franco aceitou. Hargreaves e Alexandre Costa (Integração Regional) foram acusados pelo ex-assessor José Carlos dos Santos de irregularidades no Orçamento. Hargreaves, ministro próximo a Itamar, disse que sairá para não constranger o presidente. PAG. 1-4

Bancada de ACM tira apoio a Fiuza

A bancada do PFL comandada pelo governador Antônio Carlos Magalhães (Bahia) já informou que não vai apoiar o deputado Ricardo Fiuza, acusado de envolvimento no escândalo do Orçamento. Fiuza depõe quarta na CPI. PAG. 1-8

CPI vai investigar empreiteira Servaz

A CPI do Orçamento investigará a empreiteira Servaz, que teria dado propinas a parlamentares. O deputado Vicente Fialho (PFL-MA), membro da CPI, aparece entre os acusados. Ele pediu a quebra de seu sigilo bancário. PAG. 1-6

Professores deixam a Assembléia de SP

Os 400 professores da rede estadual de ensino de São Paulo que ocupam a Assembléia Legislativa começaram a sair do prédio [illegible] às 23h20. Por volta das 23h, pelo menos 300 homens da Tropa de Choque da Polícia Militar bloqueavam os quatro entradas do edifício e só permitiam o ingresso de deputados. A ocupação do prédio da Assembléia durou uma semana. A greve completa hoje 74 dias. Cerca de 2 milhões de estudantes estão sem aulas. PAG. 3-12

Banco Central Europeu será na Alemanha

O Banco Central Europeu funcionará em Frankfurt (Alemanha), informa **Humberto Saccomandi**. A decisão saiu da cúpula extraordinária da Comunidade Européia em Bruxelas (Bélgica). A escolha mostra o reconhecimento da supremacia econômica alemã no continente. O BC europeu terá início em 98. PÁG. 2-9

Videopôquer funciona com 'maquiagem'

Existem cerca de cem casas de videopôquer "maquiadas" na cidade. Ao contrário dos cassinos clandestinos, exibem luminosos na porta e convidam para drinques. Em vez de cartas, as máquinas usam desenhos de atletas ou carros de corrida. Nilo Cardoso, da rede Big River, nega que os jogos sejam de azar. PÁGs. 3-1 e 3-3



Três acidentes congestionaram na tarde de ontem a marginal Tietê e prejudicaram a saída dos paulistanos para o feriado; o prejuízo passa para CR$ 450 na segunda - Págs. 3-3 e 3-10

ILUSTRADA



Juliette Lewis e Brad Pitt em cena de 'Kalifornia', primeiro filme do fotógrafo de elites americano Dominick Sena, que vai ser exibido hoje na Mostra de Cinema de São Paulo - Pág. 4-1

Poupança no mês supera o dólar e ações

As cadernetas de poupança tiveram um dos melhores desempenhos entre as aplicações financeiras em outubro. Renderam 37,21% e superaram a inflação. Ultrapassaram o dólar no paralelo e as ações da Bolsa de Valores de São Paulo. Puxado pelo mercado externo, o ouro lidera o ranking, seguido pela CDB. PÁG. 2-1

OURO LIDERA INVESTIMENTOS



Luz, correio, tarifa aérea e cigarro subiram mais que inflação. PÁG. 2-5

Alimentos têm alta de 10,02% em sete dias

Os preços dos alimentos nos supermercados registraram alta de 10,02% nesta semana. A disparada dos reajustes foi ainda maior nos hipermercados: 11,35%. Os preços dos supermercados não tinham aumentos semanais tão altos desde o governo Sarney. PÁG. 7-3

PM cerca a Assembléia e professores deixam local

FERNANDO ROSSETTI*
Da Reportagem Local

Os 400 professores da rede estadual que ocupavam o prédio da Assembléia Legislativa havia uma semana começaram a se retirar do local às 23h20 de ontem. Por volta das 23h, pelo menos 300 homens da Tropa de Choque da Polícia Militar bloquearam as quatro entradas do edifício e só permitiram o ingresso de deputados. Do lado de fora, aproximadamente 300 professores gritavam palavras de ordem contra o governo: "PMDB nunca vai se eleger"; "a greve continua, Fleury a culpa é sua".

Após três dias de tranqüilidade -com garantias da Presidência da Assembléia de que não haveria necessi à força para acabar com a ocupação-, equipes de reportagem da TV Record e do programa "Aqui Agora", do SBT, foram barradas na porta do prédio por policiais, em torno das 14h.

A Polícia Militar disse que havia recebido ordens da Mesa Diretora da Assembléia para impedir o ingresso da imprensa. A sede do Legislativo do Estado está em recesso até a próxima quarta-feira. Durante a tarde, deputados do PT e PC do B, que estavam em plantão no local, convenceram a PM a deixar a imprensa entrar.

O dia foi recheado de boatos. A direção da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) recebeu pelo menos dois informes -"qualificados", segundo o presidente, Roberto Felício- de que haveria intervenção da polícia, o que -ainda bem- acabou não acontecendo.

Além disso, a promotoria de inspetoria da Secretaria da Administração avisou, no início da tarde, que o governo poderia liberar uma nova proposta de reajuste salarial para os professores em torno das 19h. Nesse horário, foi negado que haveria qualquer contraproposta para pôr fim à greve, que completa hoje 74 dias e está deixando pelo menos 2 milhões de estudantes sem aulas.

Os números do governo de adesão à greve baixaram mais ainda ontem: na Grande São Paulo caiu para 42,2% (era 44,6%) o total de professores parados nas escolas; no interior, 38,9% (era 40,6%). A Apeoesp, que tem feito o levantamento da adesão uma vez por semana, no dia da assembléia geral, mantém que a paralisação atinge 48% dos 220 mil professores.

Protesto

Fracassou a tentativa dos professores da Baixada Santista de fechar ontem à tarde a via Anchieta, no trevo de acesso à rodovia Padre Manoel da Nóbrega. Apenas 38 manifestantes participaram. Os organizadores esperavam a presença de 500 pessoas à manifestação, organizada pela CUT (Central Única dos Trabalhadores) e pela Apeoesp da Baixada.

A Polícia Rodoviária bloqueou a estrada das 17h45 às 18h10 para permitir que os professores distribuíssem panfletos aos motoristas. A manifestação terminou às 18h10, após cinco sessões de panfletagem, que foram intercaladas com a liberação do trânsito.

*Colaborou a Agência Folha, em Santos



Professores recebem almoço no terceiro andar da Assembléia Legislativa de SP, ocupada pelos grevistas há uma semana

Editoria de Arte/Folha Imagem

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro (28% e mais do reajuste que os 129% concedidos em agosto/setembro Em 94, 30% do ICMS para o ensino de 1º e 2º grau	Reposição a cada seis meses das perdas com a inflação, pela IPC-Fipe Nos números, 10,25% em outubro e cerca de 19% em novembro e dezembro Defender na Assembléia 33,3% do ICMS para 1º e 2º grau, em 94
● Segunda: a Apeoesp: a greve acaba, aos poucos, 48% das escolas voltam na quinta-feira, dia 27	● Segunda: o governo: 41% de reposição de 5º e 53% do inverno contam greve total ou parcial no dia 28
● Entidades Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Aguase (Sindicato dos Supervisores de Ensino), e Udemo (Sindicato dos Diretores) vão de greve dia 31	● Quase são: 220 mil professores, 1.500 supervisores de ensino e 6.300 diretores de escola
● Escolas: 6.682	● Início: dia 10 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Aguase) e dia 2 de setembro (Udemo)
	● Alunos: 6,5 milhões

*Proposição de seis a supervisores dos dias paradas dizem os representantes

SEM EDUCAÇÃO

Intervenção federal - O promotor Airton Florentino de Barros, protocolou pedido de intervenção da União no Estado de São Paulo para garantir o direito constitucional de educação. "O governo paulista sentiu a providência eficaz sem tomado" quanto à greve, diz o texto, encaminhado à Procuradoria Geral da República.

*

Três semanas - Do presidente da Apeoesp, Roberto Felício, sobre o pedido de intervenção: "A sociedade percebe que o ano letivo está ameaçado. Faltam dois meses para o ano terminar e estamos com um nível de paralisação que, mesmo com o reflexo, dá para segurar mais dois, três semanas".

*

Novo culpado - Pais da Escola Albino Cesar, no Tucuruvi (zona norte de São Paulo) pensam ainda na melhor forma de protestar contra o fechamento da escola. Com um adesivo: "Não existindo também a responsabilidade do Legislativo".

*

Psicodrama - Os "vigilantes" faziam "teatro aberto" assim à tarde: revezavam-se nos papéis de professor fura-greve, pai irado, aluno e polícia.

*

Fuzu - Com o ressurgimento da ameaça de uma intervenção policial -um de nós estou proibir a entrada de diretores-, "invasores" discutem em possível esquema de revezamento de alimentos. (FR)

3 DORMS. (1 SUÍTE), TERRAÇO, 1 OU 2 GARS.



MUDE JÁ

SEU TEMPO É AGORA

MUDE DE VIDA EM DOIS TEMPOS



ENTREGA GARANTIDA

SEU TEMPO É EM 20 MESES

PARA VOCÊ ESCOLHER QUANDO MUDAR PARA O JABAQUARA.

Dois prédios gêmeos. Totalmente independentes. A mesma qualidade Master Incosa de espaço e conforto para toda a família. Numa dupla opção de compra para você realizar o seu sonho em dois tempos: agora ou em 20 meses.
• Living com sala de estar e jantar • Ampla cozinha planejada para os dias de hoje • Piscina • Deck • Solarium • Vista maravilhosa • Churrasqueira • Playground • Sala de estar no térreo • Salão de festas • Salão de jogos • Projeto paisagístico profissional • Serviço de segurança • Guarita com WC • Portões eletrônicos • áreas distintas para cada edifício.



VISITE APTO. DECORADO - ED. PIAZZA FIRENZE
CORRETORES DIARIAMENTE NO LOCAL

US$ 55 MIL
PREÇO TOTAL À VISTA - APTO. 12 ED. PIAZZA FIORI

O valor em US$ é meramente referencial que será transformado em Cr$ na data — da assinatura do contrato.



RUA PEDRO BADRA, 51
RUA TRANQÜILA E SEM SAÍDA NO MELHOR DO JABAQUARA

Incorporação e Construção: Master Incosa Engenharia S.A.

Planejamento e Vendas: COELHO DA FONSECA

METALÚRGICOS



Trabalhadores da Ford (foto) aceitaram abono para cobrir perdas dos planos Bresser e Verão — Pág. 3

ESPORTES



A jogadora peruana Natália Málaga estréia hoje no Colgate contra o Nossa Caixa/Revca — Pág. 6

GREVE



A empresa Arteb critica o acordo fechado na câmara setorial da indústria automobilística — Pág. 3

9

folha abcd sp

FOLHA DE S.PAULO

Sábado, 30 de outubro de 1993

Santo André ★ São Bernardo do Campo ★ São Caetano do Sul ★ Diadema ★ Mauá ★ Ribeirão Pires ★ Rio Grande da Serra

AMANHÃ

ECONOMIA

Autolatina apóia distribuir lucros

O diretor de relações trabalhistas da montadora Autolatina, fabricante dos veículos das marcas Volks e Ford, Carlos Mariuse, diz que a empresa vê "com bons olhos" o projeto que prevê a distribuição de parte dos lucros entre os trabalhadores. O projeto espera votação no Congresso.

POLÍTICA

Evangélico ganha espaço na região

Políticos evangélicos do ABCD apostam no aumento de representatividade na Assembléia. Nas últimas eleições municipais, foi registrado crescimento no número de vereadores evangélicos nas Câmaras dos principais municípios da região. Hoje, os evangélicos representam 3% dos vereadores do ABCD.

O NÚMERO

100

é o total de instrumentistas da Orquestra Sinfônica Jovem de Santo André.

ENTREVISTA

Maestro pretende criar escola

O regente da Orquestra Sinfônica Jovem de Santo André, Flávio Florence, pretende criar uma escola para dar noções básicas sobre como tocar instrumentos de orquestra. Florence reativou a orquestra há cinco anos e diz que vem perdendo músicos em função dos baixos salários.

ESPORTES

Rhodia joga em casa com Palmeiras

O Rhodia/Pirelli faz sua primeira partida em casa pela Liga Nacional de Vôlei Masculino. O adversário é a equipe do Palmeiras/Parmalat, que foi vice-campeã do último Paulista. O jogo acontece no ginásio Pedro Dell'Antonia, em Santo André.

Greve de professores causa prejuízo de CR$ 30 milhões a São Bernardo

Segundo associação das empresas de transporte, perda chegou a 8% na região do ABCD



Alunos durante aula na EEPSG Gabriel Oscar de Azevedo Antunes, em Santo André

Free-lance para a **Folha**

A greve dos professores da rede estadual de ensino, que completa hoje 75 dias de duração, está causando prejuízo às empresas de ônibus da região do ABCD. A ETC (Empresa de Transporte Coletivo), de São Bernardo, teve nesse período um prejuízo de CR$ 30 milhões, segundo Inaldo Marcos Fernandes, 33, presidente da empresa. Isso representa cerca de 10% do faturamento mensal da empresa.

Em Santo André, a EPT (Empresa Pública de Transporte) teve uma queda na venda de passes de 25% em dois meses, o que dá um prejuízo de CR$ 13,4 milhões durante a greve. Segundo dados da direção da empresa, em agosto foram vendidos 1,2 milhão de passes escolares e neste mês este número baixou para 919,5 mil. A EPT opera um total de nove linhas no município.

As empresas privadas que operam linhas na região também tiveram prejuízos por causa da greve. Segundo o presidente da AETC (Associação das Empresas de Transporte Coletivo do ABCD), Baltazar José de Souza, que opera linhas de ônibus em Santo André e Mauá, a greve trouxe um prejuízo que não tem como ser recuperado.

Souza disse que a associação e as suas empresas ainda não têm um levantamento sobre os prejuízos causados pela greve. "Mas atingiu mais de mais de 8%. Com certeza tivemos prejuízo porque as despesas são mantidas, mas diminuiu o número de passageiros", afirmou.

O gerente-administrativo da Viação Santa Rita, que é responsável por quatro linhas de ônibus em Santo André, Pedro Rezende Brito, 50, disse que a empresa está tendo um prejuízo de 15%. Ele não revelou quanto a empresa deixou de ganhar com a greve dos professores.

O presidente da ETC, Inaldo Marcos Fernandes, disse que a empresa só tem condições de recuperar o prejuízo que está tendo agora se as aulas forem repostas em janeiro. Ele disse que nos últimos dois meses a média de passageiros caiu em torno de 500 mil. "Costumamos transportar 4,8 milhões passageiros mensalmente e com a greve este número baixou para cerca de 4,3 milhões", disse.

Das empresas de transportes da região, a única que não teve prejuízo, segundo sua direção, foi a ETCD (Empresa de Transporte Coletivo de Diadema). A direção da empresa informou que a média diária de 43 mil passageiros foi mantida durante o período da greve. Segundo a direção, nem mesmo a venda de passes escolares foi afetada.

O gerente de tráfego da ETCD, Sidnei Pereira, disse que não houve alteração nos números da empresa porque o município tem poucas escolas da rede estadual.

Edson de Araújo/Folha Imagem

AS PROPOSTAS EM NEGOCIAÇÃO*

PROFESSORES	GOVERNO
Reposição mês a mês das perdas com a inflação, a partir de outubro. Reajuste de 130% . Aplicação de 36% do ICMS para o ensino público de 1.º e 2.º graus	Em outubro, aumento de 10,15%. Em novembro e dezembro, 19%, aplicação de 35,5% da arrecadação do ICMS para o ensino de 1.º e 2.º graus e para o pagamento dos aposentados. Parcelamento em quatro vezes dos dias parados e reposição a título de serviço extraordinário
● **Adesão** à greve atingiu, em média, 57% dos professores da região na dia 27, segundo a Apeoesp	● **Adesão** paralisação total de 2,7% e parcial de 20,9% das escolas da Grande São Paulo, segundo a Secretaria da Educação
● **Entidades** Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Apase (Sindicato dos Supervisores de Ensino) e Udemo (Sindicato dos Diretores)	● **Quem são:** cerca de 15 mil professores na região
● **Início:** dia 18 de agosto (Apeoesp), dia 27 de agosto (Apase) e dia 2 de setembro (Udemo)	● **Alunos:** 150 mil na região
	● **Escolas:** 386

Adesão em escolas de S. André diminui 10% em uma semana

Segundo a Apeoesp da cidade, 65% da categoria está em greve

Free-lance para a **Folha**

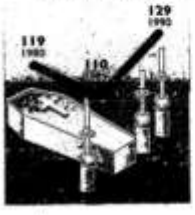
Os professores da 11ª DE/ Prof. Gabriel Oscar de Azevedo Antunes, escola padrão de Santo André, voltaram às aulas ontem. A adesão à greve na cidade, que tem 97 escolas, caiu 10% na última semana e está em torno de 65%, segundo a subsede da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) na cidade. Ontem de manhã, 12 das 34 escolas que estavam totalmente paradas na semana passada voltaram às aulas.

"Não vai a hora de voltar às aulas. Já estou ficando preocupada, com medo de perder o ano", afirmou a mãe da 4ª série da Gabriel Oscar, Tatiana Fernanda de Oliveira Brito, 11. Ontem de manhã, ela teve aulas recordando as matérias de português e matemática, dadas antes da greve. "Tinha esquecido um pouco, porque não estudei quase nada durante a greve, mas quando a professora começou a escrever na lousa, lembrei rápido."

INDIFOLHA

CRESCE O NÚMERO DE MORTOS

Em Rio Grande da Serra



Professores de fundações fazem protesto contra privatizações

Free-lance para a **Folha**

Professores das fundações do ABCD realizaram anteontem à noite, na Fundação Santo André, ato de protesto contra a privatização das instituições. Segundo os organizadores, a manifestação reuniu cerca de 200 pessoas, entre professores, representantes da Fafil (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) e Fasco (Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas), unidas da Fundação de Santo André, Ines (Instituto Municipal de Ensino Superior), Faculdade de Direito de São Bernardo e Faculdade de Medicina da Fundação ABC.

"Se a privatização acontecer, a tendência da Faculdade de Medicina é ser extinta. Vai ser praticamente impossível sobreviver apenas com as mensalidades e vai acabar nas mãos de alguma grande empresa. A impressão é que estão sacaneando a faculdade. Parece que é de propósito", afirmou a presidente da Associação dos docentes da Faculdade de Medicina de Santo André, Célia Franco Coutinho.

Segundo ela, a manifestação de ontem foi a primeira no ABCD. Mas eles não querem parar por aí. Foi criada uma comissão com representantes das faculdades, Apoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) para definir os próximos passos. O superintendente da Fundação Santo André, Ilberê di Tizio, não foi localizado pela **Folha** ontem para comentar as privatizações.

Novas diretoras tomam posse em São Bernardo

Free-lance para a **Folha**

A nova diretora do Departamento de Educação da Secretaria de Educação e Cultura de São Bernardo, Iara Aparecida Cebbei, toma posse no cargo na próxima quarta-feira. Iara vai substituir Luiz Carlos Casal, que pediu exoneração do cargo. Também vai tomar posse a nova diretora do Departamento de Cultura, Clélia Campi Mônaco, em substituição a Paulo Pozenti.

Segundo o secretário de Educação e Cultura, Antonio Fabris, as duas são funcionárias de carreira da secretaria e foram indicadas para os cargos pelas diretoras de escolas. Casal e Pozenti continuarão trabalhando na prefeitura, em outros departamentos.

O ex-diretor de Cultura foi afastado do cargo na reforma que o secretário fez recentemente. Na época em que anunciou reformas, o secretário disse que procurava colocar pessoas de confiança nas principais funções da secretaria.

PROFESSORES

Greve leva alunos do 3º ano aos cursinhos

Número de matriculados em intensivões aumenta

ANTONINA LEMOS
Da Reportagem Local

Ficar sem aula por mais de dois meses pode parecer tentador para muitos estudantes. Mas quem está nessa situação não aguenta mais. Os professores da rede estadual entram hoje no 76º dia de greve e cerca de 2 milhões de alunos em todo o Estado de São Paulo estão com o ano letivo prejudicado.

Pior ainda é a situação de quem está no terceiro ano e vai prestar vestibular. Se a paralisação não terminar, eles perdem o ano e os exames. Além disso, perderam muitas aulas, o que torna a competição com alunos de escolas particulares ainda mais desigual.

A greve fez com que o número de alunos matriculados nos intensivões crescesse. Segundo Ferruccio Chieregatti Netto, 46, coordenador do curso Universitário de São Paulo, o número de matriculados aumentou 60% em relação a 1992.

Apesar disso, segundo a Secretaria de Educação, 70% das escolas já estão funcionando normalmente. A Secretaria garante que os alunos não vão perder o ano e que as aulas serão repostas. Outra determinação do órgão é que não haverá aprovação por decreto.

Vinícios Rodrigues, 17, é um dos que está passando por esse problema. Ele estuda na escola Maria Pacheco Nobre, em Bragança Paulista (80 km ao norte de São Paulo) e vai prestar vestibular para direito. Para se preparar, Vinícios tem organizado grupos de estudo com seus colegas de turma. Sua mãe, professora de história em greve, tem auxiliado o grupo.

Tem gente que já perdeu a esperança de entrar para a faculdade. Élzio Pereira, 17, está no terceiro colegial e não se inscreveu no vestibular para administração por causa da greve. "Eu já acho que sou fraco porque estudei em escola pública a vida inteira. Depois da greve nem adianta eu me inscrever", diz. Élzio pretende se matricular em um cursinho no ano que vem.

Como ele é filho de professores, não são só os estudos que o preocupam. "Meus pais estão ganhando muito mal. Faz um tempão que a gente não viaja. Com o dinheiro que eles estão recebendo não dá para fazer nada", diz ele, que está participando da greve com os pais.

Os jovens professores em início de carreira também estão preocupados com os salários. O professor de educação artística Fernando Ramos, 22, conta que já está até pensando em largar a profissão. "Adoro o que faço, mas com o salário que ganho não posso nem sair da casa dos meus pais ou fazer qualquer tipo de plano". Para Fernando, ganhar pouco não é o único problema. "Eu me sinto desrespeitado como profissional, não tenho material para trabalhar e tenho que levar até papel higiênico para a escola. Isso é uma coisa que me dá asco."



Fernanda (esq.) e Ana Maria fazem protesto em São Paulo

Futuros professores participam

Da Reportagem Local

Os estudantes de magistério da rede estadual vivem hoje uma situação complicada. Além de chateados por estarem há 76 dias sem aula, estão preocupados também com os salários e condições de trabalho que terão quando se tornarem professores.

Muitos estão engajados na greve. A estudante de magistério Ana Maria Ribeiro, 16, está no 2º ano do Cefan (Centro Específico de Aperfeiçoamento do Magistério), em Sorocaba (SP). Ela fez vigília por dois dias em frente à Assembléia Legislativa e participou de várias reuniões com os grevistas. A preocupação principal de Ana Maria não é a falta de aulas. "Não me conformo com o estado da educação no país", diz.

Outra que participa da greve é Marta, 17, estudante de terceiro ano de magistério. Ela não quis dizer seu sobrenome porque foi escondida dos pais à assembléia dos professores realizada quarta-feira passada na Assembléia Legislativa de São Paulo. "Eu estou envolvida numa luta pelo meu futuro".



O professor José Carlos Tomás na ocupação da Assembléia

Situação do aluno preocupa

Da Reportagem Local

Ao contrário do que muitos estudantes podem estar pensando, os professores da rede estadual que estão em greve também se preocupam com a situação dos alunos, que podem perder o ano letivo e o vestibular.

Marco Antonio Gozzo, 31, professor de história na escola Paulo de Abreu, em São Paulo, acha que está dando uma aula de cidadania para os seus alunos. "Sempre procurei fazer com que os estudantes tivessem uma visão crítica do mundo. O que faço hoje é um exemplo prático do que digo em sala de aula", afirmou ele.

Outro professor de história José Carlos Tomás, 34, confirma que seus alunos de terceiro ano estão sendo prejudicados. Mesmo assim ele não se arrepende por estar em greve. "Nossa situação é caótica", diz. Ele tem dado assistência aos alunos quando procurado por eles, mas não pensa em criar uma turma para aulas particulares. "Esse tipo de assistência atrapalha o movimento", explica.

LOGO DA SEMANA

Priscila Farias escolhe estilo "next wave" para o Folhateen

Da Reportagem Local

Esta semana o logotipo do **Folhateen** está mais louco do que nunca. A responsável é a designer gráfica Priscila Farias, 29, que usou uma linha de tipologia muito difundida na Europa – a "next wave".

Priscila diz que quer levar ao leitor a tipologia como arte, mostrando uma espécie de letra que as pessoas não estão acostumadas. "A leitura não é clara e imediata, mas o observador se prende mais à imagem, tentando compreendê-la."

Formada em comunicação visual pela Faap, Priscila é também fotógrafa, quadrinista e roqueira. Foi editora da revista "Animal" e fez capas dos discos de várias bandas alternativas de São Paulo, como Ratos de Porão e Yo-Ho Delic e de fitas demo como R.I.P. Monsters.



Priscila, em seu estúdio

QUADRINHOS





EXPORTAÇÃO

Revista em quadrinhos gaúcha entra no mercado do Japão

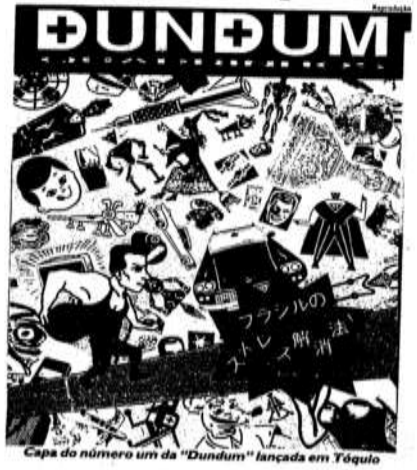
GABRIEL BASTOS JUNIOR
Da Reportagem Local

Quadrinhos brasileiros já estão sendo publicados em Tóquio (Japão). Quem conseguiu essa façanha foi a gaúcha "Dundum", a mais famosa e polêmica revista independente do país, que acaba de ser lançada por lá.

Segundo Adão Iturrusgarai, 28, quadrinista e editor da "Dundum", a história foi uma surpresa. Kyoko Yamashita, artista japonesa que morava em Porto Alegre e colaborava com a revista, mudou-se para o Japão e levou alguns exemplares.

Um editor se impressionou com o material e resolveu publicar em pequenas tiragens (5.000 exemplares) para um público de iniciados. O lançamento segue uma onda de quadrinhos estrangeiros que aportam no Japão.

Respeitando o padrão ocidental de leitura, a edição japonesa foi toda traduzida, mas suas páginas não foram invertidas (japoneses lêem da direita para a esquerda). Agora, a preocupação de Adão é importar alguns exemplares. "Seria interessante se os japoneses aqui tivessem acesso à revista", diz.



Capa do número um da "Dundum" lançada em Tóquio

PROVAS

Documentos permitem cassação de Alves

Subcomissão de Bancos sustenta que já recolheu provas suficientes para cassar deputado por falta de decoro

LUCIO VAZ
Da Sucursal de Brasília



A Subcomissão de Bancos da CPI do Orçamento já tem documentos que sustentam o pedido de cassação de mandato do deputado João Alves (PPR-BA), principal acusado no escândalo. "A falta de decoro já está confirmada. Já temos condições de pedir a cassação. Os documentos comprometem decisivamente João Alves e outros parlamentares", disse o deputado Aloízio Mercadante (PT-SP).

Segundo ele, a subcomissão tem certeza de que Alves operava com correntistas "fantasmas", além de haver indícios de que ele utilizava boleiros, "laranjas" e pessoas com CPFs falsos para encobrir a autoria das apostas na loteria. Pelo regimento da Câmara, praticar atos que afetem a dignidade do cargo pode levar à perda do mandato por falta de decoro.

Agora que os prêmios e as apostas de João Alves na loteria foram descobertos, o deputado não tem como comprovar a origem do seu dinheiro, disse Mercadante: "O jogo era uma forma de lavar o dinheiro que recebia de outras origens. Agora, não há como ele justificar a origem do dinheiro que aplicava no jogo".

O relator da CPI, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), disse que, "se ele joga e perde, é provavelmente um lavador de dinheiro. As apostas não tinham por objetivo o jogo, mas a lavagem de dinheiro". Uma prova da existência de "fantasmas" está nos cheques do corretista Valdeci Araújo Silva, que pagou apostas para Alves. Ele emitiu 11 cheques para pagar apostas do deputado. O CPF e as assinaturas destes cheques não conferem com os documentos originais de Valdeci, fundidos da Câmara listado no gabinete do deputado Mauro Miranda (PMDB-GO).

A subcomissão recebeu ontem os extratos bancários das contas de 23 parlamentares e outras pessoas citadas pelo economista José Carlos Alves do Santos, além das contas do próprio economista. A subcomissão observou pelo menos uma coincidência: quatro ex-integrantes do grupo dos "sete anões" —os deputados Genebaldo Correia (PMDB-BA), Cid Carvalho (PMDB-MA), José Carlos Vasconcellos (PRN-PE) e João Alves (PPR-BA)— tinham conta no Banco Cidade.

O economista José Carlos, o deputado Flávio Derzi (PP-MS) e o senador Saldanha Derzi (PRN-MS) também tinham conta nesse banco. Outra coincidência: as contas destas sete pessoas no Banco Cidade foram todas abertas em 1989. Algumas foram fechadas, mas depois reabriram na mesma época, entre junho e agosto de 1993. Os outros parlamentares tinham contas no Bradesco e no Banco Holandês Unido.

As contas de alguns parlamentares mostram movimento grande, com cheques de valores elevados. A subcomissão vai conferir agora se a movimentação é compatível com a renda dos parlamentares.

OUTRO LADO

Defesa entrará com mandado

Da Sucursal de Brasília

O advogado do deputado João Alves (PPR-BA), Antonio Carlos Osório, disse que não há prova conclusiva contra seu cliente. Osório criticou o "stalinismo" da CPI, "que não permite o acusado ter acesso às provas". Ele disse que entrará com mandado de segurança contra a CPI por ter se negado a fornecer os documentos requeridos.

Segundo Osório, a Constituição garante ao acusado de falta de decoro parlamentar ampla defesa antes de ser punido com a perda do mandato. "Uma CPI dominada por partidos radicais de esquerda não poderia deixar de produzir um absurdo jurídico."

Osório negou que Alves tivesse acordos com o governo para garantir a liberação das subvenções sociais. "As poucas verbas que foram pagas tiveram o consentimento do Ministério da Fazenda, onde as liberações passavam pelas mãos do diretor do Departamento de Orçamento da União, José Carlos Alves dos Santos", disse.



Senador Ney Maranhão e o deputado Aloízio Mercadante (dir.) na subcomissão de Bancos

AS PROVAS CONTRA JOÃO ALVES

João Alves apostou cerca de 85% do movimento das casas lotéricas de Brasília entre 88 e 93 (US$ 29 milhões). O total dos prêmios pagos chegou a US$ 9 milhões. Alves disperdiçou pelo menos US$ 13 milhões. Isto evidencia não o interesse de ganhar na loteria, mas o de "lavar dinheiro".

Doleiros ou "laranjas", como Leonel da Rocha e Valcides da Silva, pagaram com cheques as apostas de Alves. A CEF confirmou esta operação porque era o deputado quem recebia os prêmios. A operação visava encobrir o autor das apostas, evitando suspeitas da CPI.

A subcomissão de bancos identificou entre os "laranjas" cheques de uma mesma pessoa com assinaturas diferentes. Em alguns casos, a assinatura vai sendo modificada gradativamente. Com base na experiência da CPI do PC, os investidores da subcomissão afirmam que este procedimento é típico em contas de "fantasmas".

Alves passou dezenas de cheques nominais para seu mesmo. Os cheques foram depositados em contas de terceiros. Somente após quebrar o sigilo bancário destas contas a CPI vai identificar os beneficiados. A subcomissão de bancos suspeita que estes cheques serviam para o pagamento de propinas.

Editoria de Arte/Folha Imagem

COMO É O PROCESSO DE CASSAÇÃO NA CÂMARA

1. A CPI investiga as acusações de irregularidades na Comissão do Orçamento. O prazo inicial é de 45 dias, mas pode ser prorrogado
2. O relator da comissão, Roberto Magalhães (PFL-PE), apresenta seu parecer
3. Se concluir que deputados praticaram condutas incompatíveis com o decoro parlamentar, remete os documentos para a Mesa da Câmara
4. A Mesa se reúne para analisar o processo. Se concordar com a conclusão da CPI, oferece denúncia contra o parlamentar. Qualquer partido com representação no Congresso também pode apresentar a denúncia
5. A denúncia é encaminhada à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. É nomeado um relator
6. O parlamentar acusado tem cinco sessões para apresentar sua defesa
7. A comissão ouve testemunhas e faz as diligências que considerar necessárias. Não há prazo para esta fase
8. O relator emite um parecer num prazo de cinco sessões após o término da fase de instrução. Se considerar o deputado culpado, oferece um projeto de resolução de cassação à comissão
9. O projeto é votado em sessão secreta na comissão. Para ser aprovado, é necessário ter maioria absoluta dos votos
10. Se aprovado, o projeto de cassação volta para a Mesa da Câmara, que convoca então sessão secreta
11. O parlamentar perde o mandato se a cassação for aprovada pela maioria absoluta do plenário da Câmara



Deputado enviava lista de entidades, diz CPI

DENISE MADUENO
Da Sucursal de Brasília

A CPI do Orçamento tem provas de como funcionaria o esquema irregular de liberação de verbas do governo. A fraude envolvia o deputado João Alves (PPR-BA), o Ministério do Bem-Estar Social (ex-Ação Social) e o Banco do Brasil.

Segundo o senador Élcio Alvares (PFL-ES), a fraude era feita com o dinheiro das doações globais destinadas ao ministério no Orçamento da União. Legalmente, a responsabilidade pela aplicação do dinheiro era do governo. João Alves, porém, fazia acordos paralelos com parlamentares para garantir a manipulação dos recursos.

De acordo com a CPI, João Alves enviava ao ministério a lista das entidades que deveriam ser beneficiadas na distribuição da subvenção global. O ministério mandava a ordem de pagamento ao Banco do Brasil com a lista das entidades assinada por Alves e apenas uma observação do ministro: "Autorizo." As listas fazem parte dos documentos entregues à Subcomissão de Subvenções Sociais pelo Ministério do Bem-Estar Social.

A subcomissão constatou que Alves tinha autoridade para determinar o pagamento das subvenções até mesmo quando não era relator nem presidente da Comissão de Orçamento. Em 1989, Alves foi autorizado pelo presidente da comissão, Cid Carvalho (PMDB-MA), a enviar a lista com os nomes das entidades que deveriam ser beneficiadas.

A subcomissão investiga agora se o dinheiro foi mesmo para as entidades ou para pessoas beneficiadas pelo esquema e se as entidades realmente existem ou são "fantasmas".

A lista de liberações de recursos do Ministério do Bem-Estar Social mostra que, no ano passado, as maiores liberações aconteceram durante o processo de impeachment do ex-presidente Fernando Collor. De julho a outubro de 92, o então ministro Ricardo Fiuza liberou 80% do total das verbas de subvenções. Foram Cr$ 118 milhões em valores da época.

Ajax

Na documentação recebida pela CPI há um cheque de João Alves, com valor equivalente a US$ 25 mil, emitido em 6 de abril deste ano para a Ajax Táxi Aéreo, empresa suspeita de servir de fachada para a remessa ilegal de dinheiro ao exterior. A CPI também encontrou dois cheques, equivalentes a US$ 6 mil e US$ 4,5 mil, de fevereiro e maio últimos, para o advogado Antônio Carlos Osório, que hoje defende João Alves na CPI.

A cozinheira Nocleia Neves, empregada de João Alves em Salvador, causou surpresa: "Ela é, indiscutivelmente, a empregada doméstica mais rica do país", ironizou Mercadante.

COFRE PORTÁTIL E INTOCÁVEL



INCRÍVEL E MULTI-USO

Prático e multifuncional. Um conceito revolucionário de segurança. Através através de controle remoto, com senha secreta. Superfície totalmente protegida por descarga elétrica. Funciona também como potente alarme de inteligência.

Importado pela PROMO-TECH
Tel: (011) 241-8827 - 289-3427
Fax: (011) 289-1184
End: Rua Augusta, 874 - Indianópolis



Yuichi Tsukamoto, consultor japonês radicado no Brasil

Reengenharia atinge política, diz consultor

CPI questiona privilégios e status

RICARDO GANDOUR
Editor de Suplementos

O país pode estar vivendo, na política, um processo de reengenharia —nome dado à reformulação administrativa que começa a acontecer em empresas do mundo todo. É o que afirma o consultor japonês radicado no Brasil Yuichi Tsukamoto, 66, ao refletir sobre episódios como a CPI do Orçamento e o Collorgate.

"Reengenharia, na política, é virar a política pelo avesso, questionando as éticas, os relacionamentos, os privilégios e o status", disse Tsukamoto.

O processo exige alguns cuidados, diz o consultor —que é administrador pela Universidade de Tóquio, membro de conselhos da N.Roscup e das Indústrias Romi. "É necessário criar um espírito de humildade suficiente para assegurar que o mundo não gira ao redor do Brasil, e sim o contrário."

É preciso ainda manter a firmeza e a permanência nos propósitos, "não fazer como o Collor, que falava de um jeito e agia de outro", diz Tsukamoto.

"O movimento pelas diretas-já aparece e definhou. Receio que os efeitos do impeachment também estejam definhando."

No âmbito empresarial, Tsukamoto diz que o compromisso entre as organizações tende à "cidadanização". "Não se poderá mais pensar em um produto com qualidade sem considerar os valores e as éticas dos cidadãos", diz.

Passeata dia 11 abre mobilização estudantil

JOÃO BATISTA NATALI
Da Reportagem Local

Os dirigentes do movimento estudantil marcaram para uma quinta-feira, o próximo dia 11 —com concentração a partir das 9h no Masp (Museu de Arte de São Paulo)— uma passeata que terá como tema central a punição de deputados e senadores que a CPI do Orçamento implicar em corrupção.

"Queremos refazer o clima do 'Fora Collor'", diz Edgard Soares, 20, presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE). Ele diz que serão fretados ônibus para que universitários de Taubaté e São José dos Campos possam participar do ato público em São Paulo.

Cidades "em que o movimento estudantil tenha maior dossiê de", como Campinas e Ribeirão Preto, poderão promover atos públicos próprios.

O presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Fernando Buarque de Gusmão, 25, afirma que a mobilização dos estudantes paulistanos servirá de pivô para que atos públicos semelhantes sejam convocados em outras capitais do país.

Lindberg Farias, que presidiu no ano passado a entidade e se tornou uma espécie de garoto propaganda dos "caras-pintadas", participa também dessa mobilização.

Greve

A União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (Ubes), que ontem de madrugada encerrou seu 30º Congresso no Anhembi, também estará mobilizada.

O novo presidente da Ubes, José Bento, 23, do PC do B, disse que a greve da rede estadual de ensino seria um obstáculos para sitiar colegiais e ginasianos, mas que, de qualquer modo, "a paralisação informaria o pessoal nos locais públicos".

As entidades pretam em distribuir 300 mil panfletos —e não mais 200 mil, como previam até sexta-feira última, quando a passeata ainda estava programada para o dia 7— e em reunião nos próximos dias pensam em conseguir espaço em emissoras de rádio para passarem seu recado.

A partir de amanhã elas afirmam que também estarão percorrendo a cidade com 15 peruas de som e três trios elétricos. Os slogans serão "CPI pra valer" e, como desdobramento, "Parlamentar de mão suja não toca na Constituição", uma maneira ade reivindicar a interrupção da revisão constitucional enquanto o Congresso não se desfazer dos implicados em corrupção na Comissão do Orçamento.

Governo faz proposta mas greve não deve acabar

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Após uma reunião de mais de oito horas entre secretários de Estado, deputados e líderes dos professores grevistas no Palácio dos Bandeirantes, o governo divulgou às 23h20, uma nova proposta para tentar pôr fim à greve na rede estadual de ensino iniciada a 79 dias na rede do Estado.

A proposta não resolve o principal entrave nas negociações até agora: o reajuste oferecido nos últimos meses deste ano. Na última proposta (três semanas atrás) o governo ofereceu reajuste de 10,25% (2 referências em outubro), e 50% do aumento da arrecadação de ICMS em novembro e dezembro (o que, de agosto para setembro, representou cerca de 19% de aumento ao mês, para uma inflação na casa dos 35%). A proposta de ontem aumenta o reajuste em novembro e dezembro a 55% do aumento na arrecadação de ICMS (o que deve representar cerca de 21% de aumento ao mês).

Segundo a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), com essa proposta o salário em dezembro estará com valor abaixo do de julho, que levou ao desencadeamento da greve. A diretoria da Apeoesp acha a nova proposta "indefensável" na assembléia de hoje à tarde no estacionamento da Assembléia Legislativa, na zona sul de São Paulo.

O núcleo da nova proposto do governo está no que foi oferecido para 1994. O governo acena com reposição quadrimestral a partir de março do ano qua vem.

Segundo o deputado Mauro Bragato (PMDB), o governador Luiz Antonio Fleury Filho quer pôr fim à greve imediatamente, eliminando com isso o risco da perda do ano letivo.

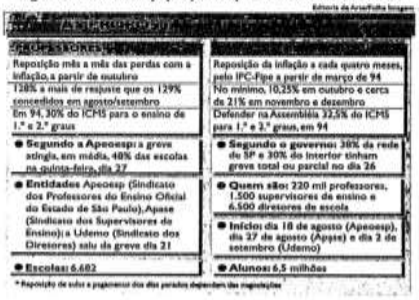
Segundo o governo, na Grande São Paulo, 38% das escolas têm paralisação total ou parcial; no interior, 30%. O último cálculo da Apeoesp é de quinta-feira passada: 48% de adesão à greve.



O governador Fleury que participou da reunião de ontem



O presidente da Apeoesp, Roberto Felício na Assembléia



Pré-escolas têm US$ 8,9 mi

Da Reportagem Local

O prefeito interino de São Paulo e secretário de Educação, Sólon Borges dos Reis, 76, enviou ontem projeto de lei à Câmara Municipal que prevê a construção de 255 salas de aula através de um convênio com o Banco Mundial (Bird).

Se o projeto de lei for aprovado pela Câmara neste mês, em dezembro a prefeitura já pode receber os recursos do Bird, segundo Reis. A prefeitura deve entrar com US$ 5,8 milhões e o Bird com US$ 8,9 para a construção de 35 escolas municipais de educação infantil (com 210 salas de aula) além da construção de outras 45 salas em escolas que já existem.

"Nós já temos os terrenos, por isso conseguimos a verba do Bird", diz Reis. As 255 salas de aula vão abrir, segundo a Prefeitura, 27 mil vagas na rede de escolas de educação infantil, que atendem crianças entre 4 e 6 anos de idade.

Se as obras começarem em janeiro, Reis afirma que estarão concluídas já no final do ano.

Até agora, a Câmara ainda não aprovou outro projeto de lei, que permite a construção de Caics (Centro de Atenção Integral à Criança) pelo Governo Federal em terrenos municipais.

AMBIENTE



A Indústria Matarazzo de Papéis, na zona leste de SP, interditada ontem pela Cetesb

Cetesb interdita fábrica de papel acusada por poluir o rio Tietê

Da Reportagem Local

A Cetesb (Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental) interditou ontem a Indústria Matarazzo de Papéis, no Belenzinho (zona leste). A empresa, acusada de despejar no rio Tietê esgoto industrial acima dos padrões estabelecidos em lei, ficará fechada por um prazo mínimo de 30 dias. A Cetesb advertiu a indústria duas vezes e a multou seis vezes desde 1991 antes de decidir pela interdição.

"Para a Matarazzo ser reaberta, deverá apresentar um plano de controle de efluentes e o projeto de construção de uma estação de tratamento", diz Linea Alonso, diretor da Cetesb. A empresa deverá adotar medidas concretas, como compra de equipamentos para tratamento de esgoto.

A direção da indústria informou em comunicado que solicitará "a dilatação do prazo para a implantação do projeto de tratamento de efluentes". "Com a interdição temporária decretada pela Secretaria do Meio Ambiente, a situação extremamente difícil que a empresa vem atravessando agrava-se ainda mais", diz a nota. Segundo o comunicado, a empresa vem "nos últimos anos trabalhando a 50% de sua capacidade instalada, o que é insuficiente mesmo para cumprir integralmente os compromissos com os salários e fornecedores".

Segundo a Cetesb, das 1.250 empresas responsáveis por 90% da poluição do rio, 556 já se adequaram ao Projeto Tietê.

ADMINISTRAÇÃO

Prefeitura interdita banco e fecha posto

Da Reportagem Local

A prefeitura interditou ontem a agência do banco Sudameris, na rua da Mooca (zona leste), e iniciou o fechamento administrativo do posto de gasolina da Shell que fica na avenida Bandeirantes esquina com a alameda Tupiniquins.

Segundo o Contru (Departamento de Controle e Uso de Imóveis), a agência foi interditada porque apresenta irregularidades nas instalações elétricas, não existem rotas de escape (a única saída seria a porta giratória), falta pára-raio e o local está em operação sem alvará de funcionamento.

Lourenço Paulini, relações públicas do Sudameris, disse que os problemas detectados seriam resolvidos até hoje de manhã, quando o banco pretende entrar com o pedido de desinterdição.

Paulini disse ainda que o Sudameris colocará condução à disposição dos clientes. "Em caso de necessidade, eles serão transportados até a agência Pari, na rua Maria Marcolina, 991", disse.

De acordo com Carlos Alberto Venturelli, diretor do Contru, o posto Shell estava funcionando sem que sua planta tivesse sido aprovada na prefeitura. Venturelli afirmou que o posto foi multado em CR$ 4.900,00 e que seu fechamento administrativo foi pedido ontem à Administração Regional da Vila Mariana.

PROSTITUIÇÃO

PF nega que Portugal tenha pedido ajuda

Da Reportagem Local

O chefe do Serviço de Tráfego Internacional da Polícia Federal, delegado Miguel Roncievalle, disse que o departamento não recebeu nenhum pedido de colaboração por parte do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal na investigação sobre as 103 brasileiras ilegais que foram presas no último dia 11 naquele país.

As brasileiras, segundo investigação da polícia portuguesa, estavam com autorização de residência e trabalhavam em casas noturnas conhecidas como locais de prostituição. "Se houvesse alguma solicitação nesse sentido, seríamos os primeiros a querer ajudar", disse o delegado.

Folha e Objetivo promovem um simulado da 1ª fase da Fuvest

Da Reportagem Local

A Folha e o curso e colégio Objetivo promovem dia 20, às 14h, um simulado da primeira fase da Fuvest.

As inscrições vão até o dia 13. Os candidatos fazem a prova na mesma unidade Objetivo onde se inscreveram (*veja quadro ao lado*). Como na Fuvest, o exame terá 72 questões de múltipla escolha. O candidato tem no mínimo duas e no máximo quatro horas para preencher o gabarito. Para o exame, deve levar carteira de identidade, caneta azul, lápis número dois e borracha.

O gabarito será publicado pela Folha dia 22. A classificação será publicada dia 29. Dúvidas podem ser esclarecidas pela Central de Informações do Objetivo —tel. (011) 253-7700.

Editoria de Arte/Folha Imagem

LOCAIS DE PROVAS

Capital e ABC

Paulista	Av. Paulista, 900 1.º andar	Santo André	Rua Senador Flaquer, 639
Vergueiro	Rua Apeninos, 267	Pinheiros	Rua Sumidouro, 190
Luís Góes	Rua Luís Góes, 2.211	Cantareira	Av. Água Fria, 1.913
Bacelar	Rua Dr. Bacelar, 1.212	Alphaville	Praça Vitória Régia, Centro Com. de Alphaville
Tatuapé	Praça Silvio Romero, 234		
Santana	Rua Alferes Magalhães, 315	Paz	Rua da Paz, 740
Paraíso	Rua Apeninos, 595	Morumbi	Rua Duquesa de Goiás, 262
Lapa	Rua Tito, 1.161	Pompéia	Rua Carlos Vicari, 124
Santo Amaro	Av. Santo Amaro, 6.908		

Editoria de Arte/Folha Imagem

DADOS PESSOAIS
Nome do Candidato
Data de Nascimento: Dia Mês Ano
Cédula de Identidade: RG Est.
Sexo: 1 Masc. 2 Fem.
ENDEREÇO RESIDENCIAL DO CANDIDATO
Endereço para Entrega de Correspondência (rua, número etc)
Bairro Cidade Est.
CEP Tel. Local de Exame do Simulado
Prestará Vestibular para a Fuvest? Sim Não
Carreira:
Declaro estar ciente do inteiro teor das condições do concurso em todos os seus termos, nada tendo a objetar à sua aplicação.
Data: Assinatura do Candidato
SIMULADO OBJETIVO FOLHA/93
Etiqueta com nº de inscrição
Nome do Candidato
Dia: 20/11/93
Horário: 14h
Trazer: Identidade, caneta azul, lápis n.º 2 e borracha
Assinatura do Candidato

Unicamp tem 26,4% mais candidatos para 94

Da Reportagem Local

A Unicamp divulgou ontem a relação entre o número de candidatos e o número de vagas para cada curso de seu vestibular 94. O curso de medicina, tradicionalmente o mais concorrido, teve um aumento de 25% na procura em relação ao exame de 93. Há 118,1 candidatos por vaga —no ano passado, eram 94,53.

Os outros cursos mais concorridos são: ciências da computação (57,37), odontologia (51,92), ciências biológicas (44,25) e engenharia mecânica (30,97).

Este ano há 26,4% candidatos a mais do que no exame anterior —são 44.024 no total. Houve um grande aumento no número de candidatos em cursos de exatas e biomédicas.

Ciências biológicas (noturno), por exemplo, teve um aumento de 51,3%. Engenharia agrícola tem 54,7% inscritos a mais.

Para o coordenador do vestibular, Jocimar Archangelo, os índices foram bem maiores que os esperados. "Superou todas as expectativas", afirma.

Locais

A Unicamp seleciona candidatos para 1.990 vagas em 41 cursos. No próximo dia 21 devem ser publicados os locais de exame da primeira fase, que será realizada no dia 28.

TIROTEIO NO CENTERVALE

Polícia faz retrato falado de ladrões do shopping

Segurança do maior centro de compras da região não foi alterada após assalto de US$ 50 mil em joalheria

Número de acidentes em estradas cai no feriado

Free-lance para a **Folha**

O número de acidentes nas estradas da região no fim-de-semana prolongado foi um dos menores registrados em feriados este ano. Na via Dutra, por onde passaram aproximadamente 200 mil carros, 4 pessoas morreram e 24 ficaram feridas em 67 acidentes. No feriado de 12 de outubro, a Polícia Rodoviária Federal registrou 102 acidentes, 71 feridos e 10 mortos na Dutra. Na rodovia dos Tamoios o movimento de carros foi de aproximadamente 110 mil —10% maior que em 12 de outubro. Ocorreram 7 acidentes e nenhuma pessoa morreu. No último feriado houve 16 acidentes na rodovia dos Tamoios.



Movimento de veículos no km 158 da Dutra, em São José, no último dia do feriado

Da Reportagem Local

Testemunhas do assalto à joalheria Vivara, no CenterVale Shopping, prestam depoimento hoje no 2º Distrito Policial de São José. O crime ocorreu na última segunda-feira, causando prejuízos de US$ 50 mil. O delegado Odair Gouveia, 48, que investiga o caso, vai tentar o reconhecimento dos assaltantes através de retrato-falado. A segurança do shopping não havia sido alterada até ontem à tarde.

Procurado ontem em seu escritório pela **Folha**, o gerente do CenterVale, Antonio Carlos Lima, não quis dar entrevista. O assalto foi o terceiro este ano no shopping. Em dois deles houve troca de tiros entre assaltantes e seguranças nos corredores. O CenterVale recebe por mês aproximadamente 700 mil pessoas. A Praça de Restaurantes do shopping estava cheia quando ocorreu o assalto.

O assalto à joalheria ocorreu pouco depois do fechamento das lojas, por volta das 22h20. Mesmo com as lojas fechadas muitas pessoas ainda estavam no interior do shopping.

Segundo Débora Ferreira da Silva, uma das funcionárias da loja, quatro homens usando disfarces entraram na joalheria e roubaram jóias e relógios.

Durante a fuga dos assaltantes houve tiroteio e tumulto. Dois seguranças foram baleados, um deles foi internado no Pronto-Socorro da Vila Industrial com um tiro nas costas. Ele não corre risco de vida.

Hermes Canejo, 46, um dos proprietários da Vivara, disse que o valor exato do prejuízo só será divulgado na próxima semana. Canejo afirmou que vai cobrar mais segurança à direção do CenterVale.

Assalto

Vinte minutos antes do assalto no CenterVale, no mesmo bairro, o médico Natálio Komatsu foi mantido com sua família sob a mira de revólveres em sua casa. Segundo ele, cinco assaltantes teriam entrado em sua residência, espancado um de seus filhos e levado aparelhos eletrônicos, cheques, uma espingarda, uma pistola 7.65 e CR$ 8 mil.

O delegado Gouveia não descartou a possibilidade de o crime ter sido cometido por integrantes da mesma quadrilha que assaltou a joalheria.

Justiça reintegra autor de denúncias na Unitau

Da correspondência em Taubaté

O professor da Unitau (Universidade de Taubaté) Rosevelt Sá Kalume, 46, foi reintegrado ao Departamento de Medicina na última sexta-feira por decisão judicial. Ele estava afastado do cargo desde 86, quando denunciou a venda de órgãos no Hospital Universitário. O reitor da Unitau, Milton de Freitas Chagas, não foi localizado ontem pela **Folha**.

O delegado do 1º Distrito da Polícia Civil de Taubaté, Roberto Martins de Barros, disse que o inquérito que apura o caso está em fase conclusiva.

Kalume lançou na última semana o livro "Transplante". Segundo ele, a espinha dorsal da obra é a venda de órgãos, embora o objetivo não seja contar a história real da denúncia. Por isso o livro foi escrito em forma de romance, com personagens fictícios chamados Josdiro, Valdecrez, Samaritano e Donato, que substituem os envolvidos no caso. Kalume disse que o livro traz uma nova discussão do conceito de morte cerebral, que dá origem à tese dos transplantes.

Câmara de São José vota pedido de CEI da Saúde

Free-lance para a **Folha**

A Câmara de São José dos Campos vota hoje dois pedidos de CEI (Comissão Especial de Inquérito) para apurar denúncias de superfaturamento na construção da UPA (Unidade de Pronto Atendimento) do Alto da Ponte. Os vereadores pedem também apuração das denúncias de tentativa de extorsão à Construtora Sollo (que vai construir a UPA) pelo ex-presidente do Comus (Conselho Municipal de Saúde), Dilson Paulo Alves. Os pedidos foram encaminhados por Carlos Almeida (PT) e Santos Neves (PT do B).

O ex-secretário de Saúde Ildemar Cavalcante, que deixou o cargo em abril, disse que faria nova licitação para a obra. Segundo ele, havia suspeitas de que ela era superfaturada e o projeto não estava detalhado.

O atual secretário de Saúde, Mozart de Oliveira Júnior, 33, disse que negociou com a empresa vencedora da concorrência uma redução de 15% no preço total da obra. O valor da UPA é de US$ 447 o metro quadrado. A unidade terá 920 m².

Tarifa de ônibus vai a CR$ 50 em Cruzeiro

Da correspondência em Lorena

A tarifa dos ônibus urbanos de Cruzeiro foi reajustada ontem em 25%. Com o aumento o valor passou de CR$ 40 para CR$ 50. Esse foi o segundo reajuste autorizado pela prefeitura em 23 dias. O último aumento entrou em vigor no último dia 11 de outubro, quando a tarifa subiu de CR$ 30 para CR$ 40.

Os dois aumentos representaram um índice de 66,7% em menos de 30 dias. A inflação no mês de outubro foi de 35,04%. Segundo o encarregado da Pássaro Marron em Cruzeiro, Antonio Bastos Ferraz, a empresa de ônibus havia solicitado uma tarifa de CR$ 83, baseada nos índices da planilha de custos elaborada mensalmente.

O prefeito de Cruzeiro, João Bastos Soares (PSDB) não foi localizado ontem. Segundo Ferraz, o preço da passagem em Cruzeiro continua defasado, apesar dos dois reajustes. Ele disse que a tarifa de CR$ 50 já vem sendo cobrada em outras cidades da região há mais de 20 dias. A empresa opera dez linhas no município, com 12 ônibus.

Professores decidem manter greve apesar da queda de 8,9% na adesão

Free-lance para a **Folha**

O índice de adesão à greve dos professores caiu de 38% para 29,1% em uma semana no Vale do Paraíba e litoral norte, segundo a DRE (Divisão Regional de Ensino). Em São José dos Campos a queda foi de 5,5% (39,2%). Para a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado) a adesão na cidade é de 45%.

Os professores decidiram ontem em assembléia regional em São José manter a greve que já dura 77 dias. Segundo a presidente regional da Apeoesp, Elionet Varela, o índice de adesão ainda é suficiente para fazer com que a greve dure até que haja uma negociação com o governo do Estado. Eles realizaram ontem um ato ecumênico (ato religioso para todas as religiões) com cerca de 250 professores na praça Afonso Pena.

Para a próxima segunda-feira está marcado um ato público em frente à DRE às 10h. Segundo Elionet, a intenção é conseguir o apoio do diretor regional de ensino, Sylas Puccinelli. Os professores se reúnem novamente hoje na Assembléia Legislativa para uma assembléia estadual.

Em São José, segundo a DRE, 6 escolas estão totalmente paradas, 73 parcialmente e 33 em funcionamento normal. Os professores aguardam para hoje uma nova proposta do governo.


Professores realizam ato ecumênico na praça Afonso Pena

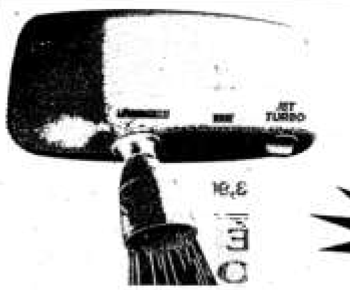
• CASCAVEL— Uma cobra cascavel foi morta pela Polícia Militar de Cruzeiro na noite da última terça-feira, dentro de uma casa na rua 12, bairro do Itagaçaba. A polícia foi chamada pelo proprietário da casa, Pedro Ribeiro, que teria ouvido o barulho do guizo da cobra. A casa não possui luz elétrica e por isso ele fugiu pela janela com os dois filhos. O sargento João Donizete Correa da Silva encontrou a cobra debaixo do sofá. Ele disse que pela dificuldade em alcançar a cobra teve que atirar nela. A cobra tinha cerca de um metro de comprimento. Segundo a PM, o local fica perto do rio Paraíba, onde as cobras aparecem quando chove.

• UBATUBA— O secretário de Urbanismo de Ubatuba, Roberto Rezende, 50, disse ontem que não quer se envolver na briga entre o empresário Cheray Santana, 40, e o vereador Gerson de Oliveira (PFL). Rezende disse que não poderia falar por telefone sobre a informação dada por Santana à **Folha** de que teria pago as passagens para a França dele, de Oliveira e do prefeito Paulo Ramos (PFL). O prefeito e Oliveira não foram localizados ontem. Ramos estava viajando, segundo sua assessoria. Oliveira não foi localizado em sua casa, no seu trabalho e nem na Câmara. Santana disse ter pago US$ 5.300 pela viagem dos três em setembro. Eles teriam viajado à França para conhecer projetos de marinas.

• PARTO— Os soldados da Polícia Militar de Cachoeira Paulista Carlos Roberto de Oliveira, Olair Eduardo Gonçalves e João Bosco de Castro realizaram um parto na tarde da última terça-feira no bairro do Pinto. A PM foi chamada por Ana Estela dos Santos, 26, que solicitou um carro que pudesse levá-la à Santa Casa. Segundo o cabo José Carlos da Silva, quando os três chegaram na casa de Ana Estela o parto já estava começado e não haveria mais tempo para o transporte até o hospital. Eles fizeram o parto de um menino, que junto com a mãe foi levado ao pronto-socorro para que fosse cortado o cordão umbilical. Segundo Silva, a PM não realizou o corte do cordão para evitar infecções. Os dois passam bem.

folha vale
Av. Manoel Borba Gato, 38 - São José dos Campos, CEP 12.240-370. **Redação:** tel.: (0123) 41-3455. Fax (0123) 41-2032. **Publicidade:** tel.: (0123) 41-1000. **Serviço ao Assinante:** tel.: (0123) 21-3400.
Este caderno circula com a edição da **Folha** nas seguintes cidades: Aparecida, Arujá, Bertioga, Caçapava, Cachoeira Paulista, Campos do Jordão, Caraguatatuba, Cruzeiro, Cunha, Guaratinguetá, Igaratá, Ilhabela, Jacareí, Lagoinha, Lorena, Monteiro Lobato, Natividade da Serra, Paraibuna, Pindamonhangaba, Piquete, Queluz, Quiririm, Redenção da Serra, Roseira, Santa Branca, Santa Isabel, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São José do Barreiro, São José dos Campos, São Luís do Paraitinga, São Sebastião, Silveiras, Taubaté, Tremembé e Ubatuba.

Conheça uma escola diferente!
ESCOLA DE 1º GRAU LIVRE OPÇÃO
MATRÍCULAS ABERTAS
PRÉ E PRIMEIRO GRAU
PROPOSTA CONSTRUTIVISTA
O conhecimento a partir da própria história pessoal. O desenvolvimento do senso crítico e exercício da cidadania.
COOPERATIVA DE ENSINO
Substitui a mensalidade pelo sistema de relacionamento. Não lucrativa.
Avenida Anchieta, 908 - Jd Esplanada - SJC
FONE 22-1972


JET TURBO
ÚNICO BANHO COM MUITA PRESSÃO
• COM PRESSURIZADOR DE ÁGUA.
• COMANDO ELETRÔNICO DE TEMPERATURA.
• IDEAL PARA QUEM NECESSITA DE MAIOR PRESSÃO D'ÁGUA.
Evite as armadilhas. Vá direto às
LOJAS CEM

FOLHA DE S.PAULO

SEGUNDO CLICHÊ 1h da tarde

Diretor de Redação Otavio Frias Filho ★ São Paulo, sexta-feira, 5 de novembro de 1993 ★ Um jornal a serviço do Brasil ★ Ano 73 ★ Nº 23.592 ★ Al. Barão de Limeira, 425 ★ CR$ 80,00



O ator Tom Cavalcante

FIM-DE-SEMANA

Estréia humor de Tom Cavalcante

O humorista Tom Cavalcante estréia hoje no Palladium seu show "É Cara de Brava", que ficou em cartaz no Rio um ano e meio. Ele apresenta 30 personagens. PÁG. 4-5

Acaba domingo a mostra de Segall

A exposição "O Tempo em Segall", que mostra 68 telas, desenhos e gravuras do artista, fica somente até domingo no Museu Lasar Segall. PÁG. Esp. 2

Cisne Negro exibe sete coreografias

O grupo Cisne Negro começa a apresentar hoje no Sesc Pompéia sucessos de seu repertório. O espetáculo reúne números como "Keep Going" e "Shogun". PÁG. Esp. 1

TEATRO
- A peça "Tardezapato", comédia de Hugo Possolo que foi revelação da Jornada Sesc deste ano, inaugura nova sala do teatro Paulista

MÚSICA
- O cantor e pianista americano David Silverman apresenta repertório jazzístico no Makassed Plaza

DANÇA
- Remontada hoje no Teca "Salão de Baile", espetáculo de Nilces Alves de Souza e J.C.Violla com a Companhia de Dança

SHOW
- Ziggy Marley e o grupo Inner Circle apresentam mais duas noites de reggae no Olympia, hoje e amanhã



Cena de "Arizona Dream", primeiro filme americano do diretor iugoslavo Emir Kusturika e que estréia hoje em SP com Johnny Depp, Faye Dunaway e Jerry Lewis - Pág. 4-9

Escândalo adia acordo da dívida

CPI sobre irregularidades impede que governo obtenha aval do FMI para acerto com credores privados



Professores votam ontem às 16h na assembléia que decidiu pelo fim da greve em S. Paulo

O governo brasileiro adiou pela terceira vez o prazo final para conclusão do acordo da dívida externa com os credores privados. O adiamento foi provocado pela escândalo do Orçamento. O limite para o acordo, que se refere a US$ 35 bilhões, matou de 28 de fevereiro para 15 de abril de 1994. Segundo o presidente do Banco Central, Pedro Malan, três diversões ficaram prejudicadas pela CPI que apura irregularidades no Orçamento: a revisão constitucional, o ajuste fiscal e as previsões orçamentárias para 1994. Sem a definição destes pontos, o governo não pode receber o aval do FMI exigido para a assinatura do acordo. PÁG. 1-11

O presidente do PMDB, Jáder Barbalho, disse que FHC tenta com isso a Itamar Franco e não dá crise um "golpe de morte". PÁG. 1-11

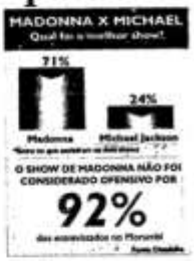
Termina a greve dos professores em SP

Os professores da rede estadual paulista decidiram encerrar greve que durou 79 dias. A decisão foi tomada por 10 mil pessoas reunidas na Assembléia Legislativa de São Paulo. As aulas recomeçam na segunda feira. O governo prometeu transferir os salários dos professores 5% do aumento de arrecadação do IPMF de novembro e dezembro e cinco reposições quadrimestrais a partir de março. Os recursos deverão ser usados pelo governo. Boa parte da greve durou a pedido do próprio Sindicato. PÁG. 3-11

Guilherme afirma que Paula matou Daniella

O ator Guilherme de Pádua e seu defensor público, Paulo Ramalho, afirmaram que foi Paula Thomaz, mulher de Pádua, quem matou a atriz Daniella Perez a tesouradas na noite de 28 de dezembro do ano passado. O ator tinha assumido o crime. O advogado Ronaldo Machado disse que a defesa de Paula considera uma "ignominia" a nova versão. Guilherme e Paula vão se separar oficialmente. PÁG. 3-5

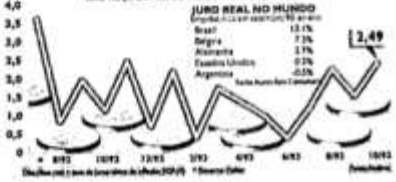
Juiz proíbe Madonna para menores de 14



O juiz Cléber Gheifenstein proibiu o ingresso de menores de 14 anos no show de Madonna no Rio. Adolescentes entre 14 e 18 anos só podem entrar acompanhados de responsáveis. Gheifenstein disse que o limite visa "preservar a integridade física" de crianças e jovens. Pesou na decisão o "teor erótico" do show. A produção do espetáculo marcou audiência para tentar que a Justiça reveja a determinação. Limitar proíbe Madonna de exibir a bandeira brasileira na apresentação. Leia cobertura no caderno **Megashow**, encartado em **São Paulo**.

JURO E RECORDE NA ERA ITAMAR

Taxa de juros real ao mês, em títulos públicos



O juro real teórico da inflação fixou em 2,49% no mês de outubro, batendo o recorde do governo Itamar Franco e foi a maior taxa registrada desde julho do ano passado - Pág. 2-3

Dossiê revela a rota de 'emenda fantasma'

Documentos obtidos pela **Folha** revelam as fraudes que permitiram a inclusão de "emendas fantasmas" no Orçamento de 92, relatam **Gilberto Dimenstein** e **Josias de Souza**. As alterações foram feitas no Departamento de Orçamento da União, estão chefiado por José Carlos dos Santos. A CPI achou três cheques do deputado João Alves no total de US$ 2,061 milhões. Marinalva da Silva depôs contra o ex-marido, o deputado Manoel Moreira. **Brasil**



Ao lado de um segurança, Madonna desembarca no aeroporto do Galeão na noite de ontem; ela fez anteontem no Rio a última apresentação da turnê "Girlie Show" no país - Pág. Esp.A-2

Telê exige que Muller deixe o São Paulo

O técnico Telê Santana afastou Muller do São Paulo. O atacante não cumpriu determinação de se concentrar na noite de anteontem. Telê exige punição contra o jogador. "Se ela for branda, vou embora." Muller disse estar "sem cabeça para jogar". **Esporte**

Christian Vieri pode voltar para a equipe Fiorentina, na Itália, após a Copa do Mundo de F-1. PÁG. Esp.B-1

Generalização só beneficia os culpados

JOSÉ SARNEY
Colunista da Folha

No Brasil, hoje, a todos e a todos se julga podre. Esta é uma leitura perigosa do país. O Brasil não é esse centro de malfeitores. Aqui, como em toda esta Terra que pertence ao Diabo, há aqueles que se entregaram ao Diabo. Vamos punir-los, mas não deixemos que eles escapem pela porta larga das generalizações. PÁG. 1-2

BRASIL

Opinião da Folha

Leia na pág. 1-2 os editoriais "Levanta-se o anão", comentando a inação do Executivo diante da crise; e "O médico e o monstro", analisando a atual política de juros.

MUNDO

EUA usam fita de sessão de análise

A Suprema Corte da Califórnia (EUA) concedeu liminar para que sejam usadas como evidência as fitas gravadas de sessões de psicanálise. PÁG. 2-12

Incêndio mata um na Califórnia

O diretor inglês de cinema Duncan Gibbins, 41, morreu queimado ao tentar salvar seu gato Tic durante o filme "Fogo sobre Fogo". PÁG. 2-12

DINHEIRO

Chevette sai de linha este mês

A General Motors vai substituir seu modelo popular pelo Corsa, com lançamento previsto para abril de 94 ao preço de US$ 7.2 mil. PÁG. 2-9

ORIENTE-SE

DÓLAR* Compra Venda em CR$
Paralelo 179,00 / 181,00
Turismo 179,00 / 181,00
Livre 182,315 / 188,320
Prog. dólar médio comprado** 185,140
Dólar médio de vendedor** 181,338
*Compra e venda de moeda estrangeira
**Cotações de ontem

MONETÁRIOS
UFIR CR$ 107,31
POUPANÇA 35,3829%

Ensolarado

Mínima prevista 16°
Máxima prevista 29°
Ontem: 15,6° / 26,2°
Há um ano: 17,8° / 25,1°

Seções

1 brasil
2 dinheiro
mundo
3 são paulo
esporte
4 ilustrada

Esta edição tem
"68 Páginas
4 de Especial Megashow
4 de Especial Esporte
13 de Assinantes São Paulo

461.795 exemplares



O ator Guilherme de Pádua, na 14ª DP

DANIELLA

Guilherme de Pádua vai dizer no tribunal que quem matou Daniella Perez foi sua mulher.

PÁG. 5



Camelôs no largo 13, em Santo Amaro

CAMELÔS

Prefeitura de SP começou a remover ontem os ambulantes de Santo Amaro.

PÁG. 2



O Negritude Jr. toca hoje no Anhangabaú

SHOW

O "Notícias Populares" festeja o 30º aniversário com show de samba.

PÁG. 6

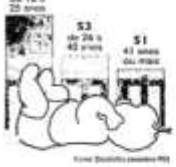
Brasil comemora hoje dia do radioamador

A liga de radioamadores brasileiros estabelece hoje o Dia do Radioamador. A data foi criada em 1934, mas o radioamadorismo no Brasil já existia desde 1909. Em São Paulo, foi fundada em 1931 a Labre (Liga de Amadores de Rádio Emissão), que representa a categoria. No dia 21 de novembro, a Labre participa do "Domingo Aéreo", das 9h às 17h, no Campo de Marte, e mostrará uma exibição de aeromodelismo e de radiocomunicação.

FOLHA DATA

JOVENS SÃO MAIS CONTRA O ABORTO

% de pessoas contrárias à liberação



Professores encerram greve de 79 dias

Categoria volta a trabalhar com piso inferior ao de julho; governo garante ano letivo

PAULO SILVA PINTO
Da Reportagem Local

Os professores da rede estadual de São Paulo decidiram entrar em assembléia terminar a greve que completou ontem 79 dias. Na segunda-feira todos devem estar nas salas de aula de acordo com a decisão da maioria dos cerca de 10 mil professores que foram ontem ao estacionamento da Assembléia Legislativa. O secretário de Estado da Educação, Carlos Estevam Martins, 39, afirma que as aulas perdidas serão repostas.

Os dias parados serão descontados e eles sairá da greve recebendo piso menor que o do início da greve. Em julho —salário pago em agosto—, o piso salarial dos professores por 40 horas de trabalho semanais era de três salários mínimos. Em outubro, o piso é de 2,9 salários mínimos.

Pela projeção da Apeoesp (sindicato dos professores), o piso de dezembro deve chegar a 2,6 salários mínimos. "Nós não vencemos, mas também não saímos derrotados. A greve virou fenômeno nacional", diz o presidente da Apeoesp, Roberto Felício.

A última proposta do governo, feita na quarta-feira, foi de transferir aos salários dos professores 55% do aumento de arrecadação do ICMS (Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços) de novembro e dezembro, além de reposições quadrimestrais a partir de março de 94, o que deve dar cerca de 21%. Antes, a proposta era de repassar 50% do aumento de arrecadação e dar reposições semestrais.

LEIA MAIS sobre a greve dos professores à pág. 3

BAHIA emoção em dose dupla
8 DIAS SAÍDAS: SÁBADOS E DOMINGOS
MORRO S. PAULO
PORTO SEGURO
O INÍCIO DE TUDO
Um local com muita animação e badalação, dia e noite. Hotel Taperapuan. Passeios opcionais a Coteiras, Arraial da Ajuda e Trancoso.
DIRETO DE AVIÃO
Pousada Fazenda Coelhos, o único hotel na ilha com campo de pouso e lindo prato particular. Um lugar com muita diversão e natureza
EXCLUSIVO E IMPERDÍVEL
Preço aéreo e terrestre por pessoa em apto. duplo calculado em 29/10/93. Sujeito a reajuste.
CR$ 59.000,
Bahiatursa
Órgão Oficial de Turismo
WORLD TURISMO
(011) 572-2122 571-4191
ABAV 972

Assine 4 meses de Folha e só pague 3.

3 x 2.300,
•Você ganha 30 dias de Folha de graça
•Paga em 3 vezes sem juros no cartão.
•Grátis, um livro com 100 charges da Era Itamar
Ligue já:
das 7 da manhã à 1 da madrugada.
GRANDE SÃO PAULO:
ligue hoje e receba amanhã
222-2000
DEMAIS CIDADES:
ligação gratuita
0-800-15-8000
FOLHA

LIGUE JÁ: (011) 231-1544.
MESMO QUE VOCÊ ENCONTRE PREÇO MENOR, LIGUE PARA A GENTE.
DISCO COMPRAS BRASIMAC ELETRODOMÉSTICOS
A Brasimac é a maior rede de lojas de eletrodomésticos do interior de São Paulo e está entre as maiores revendedoras das mais conceituadas marcas do mercado. Por isso, só tem muita coisa de vantagens para oferecer a você. Atendo de Sítio-Compras Brasimac, você faz suas compras pelo telefone com muito mais conforto e segurança, e tem a garantia de menor preço à vista e de menor taxa de juros no parcelado parcelado. Tudo muito mais simples, rápido e seguro. Ligue e confira.
TV EM CORES SONY TRINITRON 29 POL. CR
OFERTA ESPECIAL
SONY
AUTO RÁDIO TOCA FITA COUGAR STEREO CG 613
A VISTA 12.700,00
2x 7.300,00
PRODUTOS COUGAR IMPORTADOS
CALOI CICLE PHYSICAL
A VISTA 36.400,00
2x 20.900,00
TV PRETO E BRANCO CCE P8
A VISTA 20.300,00
2x 11.650,00
STEREO SYSTEM CCE SS-5000
A VISTA 55.700,00
2x 32.000,00
CONDICIONADOR DE AR SPRINGER 7.500 BTU'S - FRIO
A VISTA 68.900,00
2x 39.550,00
CALOI MOUNTAIN BIKE ANDES SPORT 21 MARCHAS
A VISTA 65.900,00
2x 37.800,00

GREVE DOS PROFESSORES

Governo diz que vai repor aulas perdidas

Da Reportagem Local

O secretário de Estado da Educação, Carlos Estevam Martins, 59, afirma que as aulas perdidas serão repostas. "Dos 200 dias de aula que haveria no ano, vamos ter 180, como as escolas particulares."

Segundo Martins, descontando-se esses 20 dias e os fins-de-semana e feriados, os alunos perderam 32 dias de aula "no pior dos casos, só para os cerca de 3% de escolas com paralisação total". Isso será reposto com avanço no calendário até o final de janeiro de 94.

Martins disse que esses alunos vão ter duas semanas de férias até o início do ano letivo de 94. Ele descarta a possibilidade de algum aluno do fim do 2º grau não poder se matricular na universidade por não ter concluído o ano a tempo. "O Conselho Estadual de Educação está em contato com reitores das universidades para garantir que isso não aconteça."

Roberto Felício, da Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), diz que haverá perda de conteúdo, mesmo com reposição. "Depois de tantos dias sem aula, é preciso uma revisão. No ano que vem retoma-se o que faltou.", Roberto Felício, 52.

De acordo com a Apeoesp, a paralisação ontem, que chegou a ter a participação de 60% dos 220 mil professores da rede no início, estava atingindo 30%, cerca de 73 mil professores. A Secretaria da Educação tem números semelhantes: paralisação parcial de 37,2% das escolas e total de 1,5% delas na Grande São Paulo. No interior a paralisação parcial era de 27,7% e total de 3,1% das escolas, segundo a secretaria. (PSP)



Assembléia dos professores, ontem na sede do Legislativo

PARALISAÇÃO DUROU

79 dias

ENESA - ENGENHARIA S.A. - C.G.C./M.F. nº 48.785.820/0001-25. Assembléia Geral Extraordinária. Convocação. Convidamos os senhores acionistas desta Sociedade para se reunirem em Assembléia Geral Extraordinária, a realizar-se no dia 07 de dezembro de 1993, às 10 (dez) horas, em sua sede social à Avenida das Nações Unidas, 12.797, Bloco III, 14º andar, nesta cidade, para apreciarem e deliberarem sobre a seguinte Ordem do Dia: a) Balanço intermediário levantado em 31 de outubro de 1993; b) Aprovação do valor da correção monetária do capital realizado e de sua capitalização; c) Atribuição parcial do produto social quanto ao capital social; d) Outros assuntos de interesse social. São Paulo, 03 de novembro de 1993. João Lage de Lacerda - Diretor Presidente (04, 05 e 06)

CHAPECÓ

S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO CHAPECÓ

Ata nº 287 - Reunião do Conselho Superior de Administração

CHAPECÓ

CHAPECÓ - COMPANHIA INDUSTRIAL DE ALIMENTOS

Ata nº 302 - Reunião do Conselho de Administração



FRETAMENTO EXCLUSIVO TAM

INTERMARES VILLAGE RESORT - 5 estrelas. Restaurantes, sauna, piscina, bares, tênis, volley, ski, mergulho, jet ski, wind surf.

SAÍDAS AOS SÁBADOS DE CONGONHAS - SP

NOV - 06, 13*, 20, 27
DEZ: 04, 11, 18*, 25*

A vista CR$ 110.000, ou 3 X de CR$ 49.720,

PACOTE INCLUI: 1/2 PENSÃO. Parte aéreo ida e volta nos modernísimos F100 da TAM, 07 noites de hospedagem com café da manhã, jantar e traslados.

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS OU:

ati 258-4899/ 284-8855
INTRAVEL 258-2333/ 255-1056
VISUAL 214-2800
TAM

SEU DINHEIRO TÁ CURTO?



NOSSOS PREÇOS TAMBÉM!

SABÃO EM PÓ OMO DUPLA AÇÃO - pcte. 500g	160,00
ARROZ TIPO 2 CAMIL pcte. 5kg	395,00
LEITE EM PÓ NINHO INSTANTÂNEO - lata 400g	345,00
DETERGENTE LÍQUIDO YPÊ - frasco 500ml	42,00
LEITE LONGA VIDA BATAVO - litro	99,60
PRESUNTO COZIDO AURORA p/ fatiar - kg	789,00

MERCEARIA DO SÉ

Alimentos

FEIJÃO CARIOCA GAROA - pcte. 1kg	119,90
FARINHA DE TRIGO DONA BENTA - pcte. 1kg	72,00
MACARRÃO C/ OVOS SCALA - pcte. 500g	65,40
VINAGRE CASTELO TTO./BCO. - frasco 750ml	49,00
FARINHA DE MANDIOCA CRUA HIKARI - pcte. 500g	27,40
FARINHA DE ROSCA HIKARI - pcte. 500g	52,00
ÓLEO DE MILHO GILDA - lata 900ml	190,00
MAIONESE GOURMET - vidro 500g	175,00
LEITE CONDENSADO MOÇA - lata 395g	135,00
CAFÉ JARAGUÁ ALMOFADA - pcte. 500g	242,90
AZEITE PORTUGUÊS GALLO - lata 500ml	520,00
SARDINHA COSTA BRAVA EM ÓLEO - lata 135g	55,90
PALMITO DIANA - vidro 300g	239,00
AZEITONA VERDE IPORANGA - vidro 500g	198,00
ATUM TAILANDÊS GRATED DADA PADRÃO U.S.A. - lata 184g	115,00
ERVILHA CORAÇÃO DE MANTEIGA SWIFT - lata 200g	78,90
PATÊ CREM TEMPERADO / SUAVE SWIFT - vidro 120g	84,90
SALSICHA TIPO VIENA BORDON - lata 180g	84,90
BISCOITO SÃO LUIZ CREAM CRACKER/ÁGUA E SAL - pcte. 200g	49,90
BISCOITO CHAMPANHE / INGLÊS BAUDUCCO - pcte. 200g	109,90
BISCOITO PREMIUM BAUDUCCO - pcte. 200g	69,90
BISCOITO RINGO VITAMINADO - pcte. 220g	69,90

Limpeza

AMACIANTE CARÍCIA - frasco 500ml	63,90
DESINFETANTE LANDA - frasco 500ml	89,90
CERA LÍQUIDA TACOLAC - frasco 500ml	179,90
LAVA ROUPA COQUEL - frasco 500ml	189,90
LIMPADOR OPTIMUM - frasco 500ml	172,90
LUSTRA MÓVEIS JOHNSONS - frasco 200ml	135,90
PAPEL HIGIÊNICO SUBLIME BCO. c/ 4 unids.	129,90

Perfumaria / Higiene

SHAMPOO COLORAMA - 490ml	178,90
CREME DE BARBEAR BOZZANO - 65g	141,90
CREME DE BARBEAR BOZZANO MENTOLADO - 65g	141,90
CONDICIONADOR NEUTROX - frasco 230ml	99,90
ABSORVENTE SEMPRE LIVRE SECA SUAVE - c/ 10 unids.	239,90
SABONETE LUX SUAVE - 100g	31,90
FRALDA DESCARTÁVEL PEPITA - pcte. econômico	999,90

FRIOS E LATICÍNIOS DO SÉ

REQUEIJÃO PAULI - copo 250g	187,90
QUEIJO RALADO SÃO VITO - pcte. 100g	99,50
QUEIJO PROVOLONE SÃO VITO - kg	579,00
MARGARINA DORIANA CREMOSA - pote 500g	157,90
CREME VEGETAL MILA - pote 500g	162,90
IOGURTE LÍQUIDO DAN'UP - c/ 4 unids.	395,00
PETIT SUISSE DANONINHO - conjunto c/ 4 unids.	269,00
IOGURTE LÍQUIDO KISSY - c/ 4 unids.	369,90
SALSICHA HOT-DOG AURORA - kg	329,00
LINGÜIÇA TOSCANA SEARA granel - kg	399,00
HAMBÚRGUER BOVINO SEARA - caixa 672g	359,90
KIBINHO SEARA - caixa 400g	224,90

FEIRA DO SÉ

Frutas

LARANJA PÊRA - pcte. 5kg	149,00
MELÃO AMARELO GRAÚDO - unid.	154,90
MANGA TOMMY - kg	56,90
MAÇÃ GOLDEN - kg	136,90
MELANCIA LISA - kg	33,90
MARACUJÁ AZEDO - kg	139,90

SÉ SUPERMERCADOS

A VEZ DO CONSUMIDOR

Quem busca o menor preço, mais qualidade e o melhor atendimento vai direto ao SÉ. Confira nos nossos endereços da Capital: SÉ - Aeroporto: Av. Washington Luís, 3919. SÉ - Santa Cecília: Alameda Barros, 192. SÉ - Raposo Tavares: Rodovia Raposo Tavares, km 13,5. SÉ - Campo Limpo: Estrada do Campo Limpo, 459. SÉ - Panamericana: Pça. Panamericana, 190. SÉ - Liberdade: Av. Liberdade, 435. SÉ - Cerqueira César: Alameda Santos, 2071/87. SÉ - Pinheiros: Rua dos Pinheiros, 500/19. SÉ - Morumbi - Jardim Sul: Av. Giovanni Gronchi, 5819 - L. 135.

Promoção válida nas lojas de São Paulo, de 05 a 13/11/93 ou enquanto durar nosso estoque.
Obs.: após este período, os preços destes produtos retornarão aos valores normais. Não vendemos volumes fechados.

VIOLÊNCIA URBANA

Ladrões invadem escola em Jacareí por buraco no telhado

Inspetora de alunos afirma que escola foi invadida dez vezes nos últimos três anos

Free-lance para a **Folha**

Ladrões invadiram na madrugada de ontem a escola estadual Conceição Aparecida Silva no bairro Jardim Paraíso, em Jacareí, destruindo uma parte do forro da secretaria e furtando um fogão. Segundo a vice-diretora Maria Ivone de Lima Arruda, 36, os ladrões arrancaram as grades com pedras e seus relógios de refeitório.

A diretora afirmou que os objetos de valor como mimeógrafo e máquinas de escrever são guardados nas casas dos funcionários e pais de alunos em épocas de férias ou feriados prolongados por causa da onda de assaltos à escola.

Segundo a inspetora de alunos Lúcia de Almeida, 46, a escola do Jardim Paraíso foi invadida dez vezes nos últimos três anos. O furto de ontem foi o primeiro deste ano. Em julho houve uma tentativa mas nada foi levado, segundo a direção.

Maria Ivone disse que no início do ano foram instaladas grades nas janelas e portas. "Foi uma medida que ajudou bastante, mas é necessária a presença de um segurança." Segundo a diretora, além do problema dos assaltos, haverá invasões da escola durante o dia por adolescentes não matriculados que furtam crianças.

A assistente de planejamento da Delegacia de Ensino de Jacareí, Yara Elias de Vilhena, 45, disse que foi feito um convênio com a prefeitura para a construção de uma zeladoria. "Com a conclusão da obra seriamos coagidos a colocar um segurança para passar a noite na escola", disse.

O material para a construção da zeladoria já foi comprado, segundo a chefe de divisão da Secretaria de Educação, Marilélia Soárez. Ela garantiu que as obras serão iniciadas até o final da próxima semana.



Funcionária fecha portão da diretoria da escola Conceição Silva

Acordo encerra greve de 79 dias na educação

Free-lance para a **Folha**

Os professores da rede estadual decidiram ontem, em assembléia, encerrar a greve de 79 dias. Eles aceitaram a última proposta do governo do Estado. No Vale do Paraíba e litoral norte o índice de adesão era de 38%, segundo a DRE (Delegacia Regional de Ensino). A maior adesão foi da 72ª, no primeiro mês de greve.

A última proposta do governo é de reajuste de 33% em novembro, 55% em dezembro, 35% em janeiro e 20% em fevereiro. O governado propôs ainda repor as perdas salariais em março de 94, de acordo com o índice IPC/Fipe (de setembro de 93 a março de 94). Segundo a Apeoesp (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), os professores reivindicavam o repasse de 100% da inflação mensalmente.

A partir de março, as reposições das perdas salariais serão quadrimestrais. Haverá parcelamento, em quatro vezes, dos dias parados. O diretor regional de Ensino, Sylas Pacinelli, 54, disse que as reposições poderão ocorrer até janeiro.

Unitau inaugura curso sobre direito ambiental

Do correspondente em Taubaté

A Unitau (Universidade de Taubaté) criou um curso de extensão de direito ambiental para os alunos da Faculdade de Direito. O curso foi aberto ontem pelo secretário de Meio Ambiente do Estado, Edis Milaré. As aulas terminam amanhã.

O curso tem como público-alvo juízes, promotores, advogados e estudantes de direito, que poderão apresentar propostas e sugestões ao Código Brasileiro do Meio Ambiente que está sendo elaborado pelo governo.

Durante seu discurso de abertura, Milaré disse que falta articulação entre o governo estadual, o município e as indústrias para a elaboração de um projeto de recuperação do rio Paraíba.

Segundo o secretário, a extração de areia e a poluição são os principais problemas que afetam a qualidade do rio Paraíba.

O secretário afirmou que durante o curso será apresentado um anteprojeto para a revisão constitucional para que a legislação ambiental não perca os avanços conquistados pela atual Constituição.

• TENTATIVA DE FUGA — O diretor da cadeia pública de Taubaté, Carlos Nogueira Barbosa, disse que 24 presos tentaram fugir ontem quando tomavam banho de sol no pátio, por volta das 15h30. Segundo ele, um dos presos improvisou uma corda para alcançar a tela que protege a parte interna da cadeia e foi surpreendido por um dos carcereiros. Nogueira afirmou que a principal causa das tentativas de fuga é a superpopulação carcerária. A cadeia tem capacidade para 180 presos e abriga 273. O diretor afirmou que vai encaminhar um ofício à Secretaria de Administração Penitenciária para tentar agilizar as transferências.

• CRUZEIRO — A Câmara de Cruzeiro instaurou uma CEI (Comissão Especial de Inquérito) na última quarta-feira para investigar supostas irregularidades cometidas pelo vereador Carlos Roberto da Silva (PPS/DB) durante sua gestão como presidente da União de Moradores do Bairro Itagaçaba. A instauração da CEI foi pedida pelo próprio vereador e aprovada por unanimidade. Silva é acusado pelo presidente da entidade, Maria de Lurdes Miranda, de ter desviado verbas. Ela disse que pediu a CEI para provar sua inocência. O presidente da Câmara, Paulo Antonio de Carvalho (PSDB), vai indicar o presidente e relator da CEI na próxima semana.

• ACIDENTE — A Polícia Rodoviária Federal localizou às 8h do começo no km 153 da via Dutra (sentido Rio-São Paulo), em Caçapava, o corpo do técnico em telecomunicações da Telesp de Taubaté Benedito de Castro Faria, 54. O guardalinha José Hercules dos Madeiros disse que Faria teve ter perdido o controle do carro, capotando em seguida. Ele dirigia um Escort (placa BB-2307) e caiu em uma ribanceira. Faria morreu no local. Segundo informações da família de Faria à Polícia Rodoviária, ele teria saído de Taubaté às 11h45 da última quarta-feira para buscar a filha em São José dos Campos.

• FERIANTES — A Câmara de Lorena aprovou na última quarta-feira à noite o projeto do vereador Cláudio Pereira (PMDB) que concede descontos de 50% para os débitos de feirantes com a prefeitura. O projeto teve 12 votos favoráveis e 4 contra. A Câmara tem 17 vereadores. Os débitos correspondem à taxa não paga entre janeiro e maio deste ano. Os feirantes alegam que a prefeitura não fez a cobrança na época. Eles conseguiram uma liminar na Justiça que lhes garante o direito de trabalhar enquanto não houver acordo. O projeto precisa ser sancionado pela prefeita Lia Fradique (PSDB) para entrar em vigor.

SOCIAL



Valéria de Andrade faz um rápido "stop" no baile que comemorou o Jubileu de Prata do Bandeirante, no CTA

Bolinha

Os cacíques do extinto PDS vão se reunir no próximo domingo em Jacareí para a primeira convenção do PPR, o partido substituto. Entre as notáveis da nova sigla está o provável candidato à Assembléia Legislativa Benedicto Sérgio Lencioni.

HQ

O editor de Histórias em Quadrinhos Hélcio de Carvalho, de São Paulo, vai trazer alguns "coleguinhas" para uma palestra na Fundação Cassiano Ricardo, em São José dos Campos, hoje às 20h e amanhã às 10h.

***

Já confirmaram presença os cartunistas Luciano Queiroz, Marcos Peppoli e Manoel Alvez.

Tangente

O governador do Ceará, Ciro Gomes, mostrou a seus conterrâneos de Pindamonhangaba que é um expert na arte de fazer política.

***

Em uma recente palestra na city, carregou ao jovem político o apoio "Pindá se Centro Político e Econômico Nacional".

***

Ciro Gomes começou ficando sobre as lideranças da cidade, a tradição, e, ao melhor estilo Jânio Quadros, ensinou um "e eu Ceará" e começou a palestra de novo.

Bola-de-Neve

O deputado federal Luiz Máximo, que participa de uma das comissões da CPI do Orçamento, aposta na prorrogação do prazo de 45 dias para apurar as denúncias para que os relatórios possam ser feitos de maneira detalhada. Segundo ele, os indícios de irregularidades na elaboração do Orçamento levaram a cada dia.

Receita faz blitze hoje em Campos e Caçapava

Free-lance para a **Folha**

A Receita Federal realiza hoje a "Operação Impacto" em Campos do Jordão e Caçapava. Segundo o delegado regional da Receita, Roberto Ito, cerca de 500 empresas de pequeno e médio porte serão fiscalizadas nas duas cidades. A operação começou há dois meses em Taubaté.

Um total de 200 empresas foram fiscalizadas anteontem em Pindamonhangaba. Segundo Ito, 60% das empresas estavam inadimplentes com o recolhimento de impostos. "Encontramos muitas casas onde não se tira nota fiscal", disse Ito.

Em dois meses de operação, a Receita autuou em mais de 100% o pedido de parcelamento de créditos tributários. Em Taubaté, Caçapava, Lorena, Cruzeiro, Piquete, Cachoeira Paulista, Pindá e Queluz foram arrecadados CR$ 750 milhões.

Em Cruzeiro, o delegado da Receita fala hoje sobre o Programa de Combate à Sonegação, na Associação Comercial e Industrial às 19h30. Segundo ele, alguns empresários não cuidam "conscientizados" das obrigações tributárias.

Deputado discute com FHC verbas da Engesa

Free-lance para a **Folha**

O deputado federal Ernesto Gradella (PSTU) marcou uma audiência para o próximo dia 18 com o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso. Ele quer garantias de que o governo vai liberar a verba de US$ 60 milhões (CR$ 10,74 bilhões) para a desapropriação da Engesa.

Segundo o deputado, os recursos foram prometidos pelo presidente Itamar Franco e dependem da aprovação do Ministério da Fazenda para ser liberados. Gradella quer que o dinheiro seja usado para pagar a dívida trabalhista (US$ 43 milhões).

A informação sobre a liberação da verba teria sido feita pelo Ministério do Exército durante reunião com deputados para discutir a situação da Engesa, na última quarta-feira. O Centro de Comunicações do Ministério do Exército não divulgou o resultado do encontro.

Segundo Gradella, a desapropriação deve ocorrer porque a empresa é considerada de utilidade pública por fabricar produtos para o Exército.

Os funcionários elaboram um plano de viabilidade através da Coopergesa (Cooperativa dos Funcionários da Engesa).





TECSAT

Apresenta:

I Apresentação Anual da Academia Hispalis

(Participação Especial do Grupo Troyka de Dança Russa)

Dias 5 e 6 de novembro de 1993, às 20:30 h

Teatro Municipal de São José dos Campos

Informações pelos telefones: (0123) 22-5316 e 22-1845

Patrocínio: TECSAT Apoio: Ambiente, Perequim, Sorocaba Vale 103

MORTES

São José

NICANOR FRANCISCO DOS SANTOS - Aos 75, casado. Deixa filhos. Velório: Pax Paraíso. **JOSÉ ABREU DOS SANTOS** - Aos 56, casado. Deixa oito filhos. Cemitério Parque. **MAXIMILIANO KAI-BATSCH** - Aos 83, casado. Deixa um filho. Cemitério Parque. **RUFINO PIRES DE OLIVEIRA** - Aos 83, casado. Deixa dois filhos. Cemitério Parque.

As comunicações publicadas nesta seção são gratuitas e podem ser transmitidas pelo telefone (0123) 41-2455.

folha vale

Av. Manuel Bonfim Cunha, 30 - São José dos Campos, CEP 12.240-370. Redação: tel.: (0123) 41-2455. Fax (0123) 41-2033. Publicidade: tel.: (0123) 41-1002. Serviços ao Assinante: tel.: (0123) 21-2600.

Esse caderno circula com a edição da **Folha** nas seguintes cidades: **Aparecida**, Arujá, Barueri, **Caçapava**, **Cachoeira Paulista**, **Campos do Jordão**, **Caraguatatuba**, Cruzeiro, Cunha, **Guaratinguetá**, Igaraí, Itabaté, Jacareí, Lagoinha, **Lorena**, Mananciais Lábaios, Moreira César, Natividade da Serra, Paraibuna, **Pindamonhangaba**, Piquete, Queluz, Quiririm, Redenção da Serra, Riviera, Roseira, Santa Branca, Santa Isabel, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São José do Barreiro, **São José dos Campos**, São Luís do Paraitinga, **São Sebastião**, Silveiras, **Taubaté**, Tremembé e Ubatuba.

Governo e pais decidem manter férias em janeiro

FERNANDO ROSSETTI
Da Reportagem Local

Na volta às aulas dos professores da rede estadual, após 79 dias de greve, o secretário da Educação de São Paulo, Carlos Estevam Martins, 59, decidiu somente "garantir as férias de janeiro para os alunos". A decisão foi tomada durante uma reunião à tarde, com 14 pais e mães de alunos que participam de Conselhos de Escola ou outras entidades de ensino na Grande São Paulo.

A reunião foi convocada às pressas, de manhã, com o objetivo —segundo o secretário— de discutir com os pais a reposição das aulas. Pouco antes do encontro, iniciado às 16h, Martins havia afirmado que as escolas que tiveram os 79 dias corridos de greve teriam reposição de aula até o dia 20 de janeiro. Isso para cumprir o já reduzido ano letivo —que seria de 200 dias, mas foi para 180.

Pela decisão —consensual entre os 14 pais—, o ano letivo deverá ir até dia 31 de dezembro. Quem não teve qualquer dia de greve cumpre o ano no início de dezembro. Os conteúdos que faltarem na reposição deste ano serão dados no início do ano letivo que vem. As aulas em 1994 devem começar em 17 de fevereiro —o que permite que na primeira quinzena também haja reposição.

"Vamos encerrar o ano letivo de 1993 ao de 1994", afirmou a mãe de aluno da Escola Estadual Sinésio Sobrinho, em Santo Amaro, Laurita Pedra Rocha de Souza. "Você não pode deixar uma criança sem férias, é irreparável", acrescentou. Do Movimento Pró-Educação, Elisa Toneto, 46, também defendeu as férias: "O que adianta o professor ficar janeiro inteiro dando aulas se não se discute o conteúdo do que está sendo ensinado? É necessário fazer uma avaliação estadual, talvez por amostragem, do conhecimento dos alunos, para planejar o próximo ano letivo."

Perguntado se o encerramento do ano letivo em 31 de dezembro não corresponderia a uma "aprovação por decreto", o secretário afirmou que "não". "Os alunos terão os conteúdos no próximo ano letivo", disse. Ele admitiu que só o aluno mudar de escola ele "pode ter" algumas perda. "O melhor será ele ficar na mesma escola". As últimas séries (8ª do 1º grau e 3ª do 2º grau) serão "tratamento especial", decidiu também a reunião de ontem.

A orientação inicial da secretaria era de que cada escola deveria fazer seu próprio planejamento —como defende o Conselho Estadual de Educação. Com a decisão de ontem, o planejamento da reposição continua por escola, mas com uma limitação de tempo.

A fiscalização da reposição deverá ser feita, principalmente, pelos supervisores de ensino. Martins disse que vai publicar portaria nesse sentido. As escolas também poderão dar uma dica da prova que interessa, no lugar de duas.

COMO COBRAR A REPOSIÇÃO

PLANEJAMENTO
Quem planeja a reposição de aulas é a direção da escola; nessa fase preliminar, pais e alunos podem conversar com a direção para se informar e dar sugestões

APROVAÇÃO
Os cronogramas de reposição devem seguir a orientação da Secretaria de Educação e serem aprovados pelo Conselho da Escola e pela Delegacia de Ensino da região

CONSELHO DE ESCOLA
Este é um momento especial para começar a participar do Conselho de sua escola: é o melhor local para determinar e fiscalizar as normas estudos pelo colégio

QUEM VOTA
O Conselho é composto, em geral, metade por pais e alunos e metade por professores, direção e funcionários _todos eleitos; só eles votam, mas outros podem participar



MATÉRIA POR MATÉRIA
Apesar do ano letivo de 180 dias, o planejamento deve considerar o currículo de cada matéria, quantas aulas foram perdidas e como cada área será reposta.

GREVE PARCIAL
A maioria das escolas teve greve parcial _algumas sofreram dados, outras não: essa é mais uma razão para o planejamento da reposição por matéria

180 DIAS
A portaria da Secretaria da Educação sobre reposição baixou o número de dias deste ano letivo de 200 para 180; os planos de reposição devem considerar isso

DIPLOMAS VAZIOS
É muito comum os pais se preocuparem mais com o aluno passar de ano do que com a forma como isso foi alcançado; prefira defender a qualidade do ensino

RECLAMAÇÕES
Podem ser feitas à Delegacia de Ensino responsável pela escola ou diretamente à Secretaria de Estado da Educação, tel. (011) 255-4077

PREVENÇÃO
Pais há mais tempo na "luta" buscam formas de prevenir futuras greves, como fiscalizar a votação do orçamento de educação na Assembléia Legislativa



Elisa Toneto, mãe de aluno

"Vamos assumir que o ano letivo está perdido e pensar na reconstrução"
(Elisa Toneto, do Movimento Pró-Educação)



O líder Roberto Felício

"Tem que refazer o calendário; há pouco tempo para recuperar muito"
(Do presidente da Apeoesp, Roberto Felício)



Carlos Estevam Martins

"Faço um apelo para que os pais se interessem pela reposição"
(Do secretário da Educação, Carlos Estevam Martins)

Escolas devem repor aulas até o fim do ano em Campinas

Da Folha Sudeste

As 40 escolas da rede estadual de Campinas que registraram índice de adesão de 100% desde o início da greve dos professores, em 18 de agosto, planejam concluir a reposição de aulas até o dia 31 de dezembro. Para isso, os professores deverão dar uma hora a mais de aula por dia, usar os sábados e feriados, e recesso do final de ano e ainda dar aulas extras em outros períodos.

A reposição começa na próxima segunda-feira. A Apeoesp fez contato com uma assembléia regional em Campinas para orientar os professores na retomada do ano letivo.

Os alunos do 3º ano do 2º grau, que dependem das escolas para prestar vestibular, não serão prejudicados segundo os diretores e a Apeoesp. "Vamos priorizar a reposição para as turmas de 3º colegial e da 8ª série também, que fazem o vestibulinho", disse Maria Laiza Benfatti, 44, diretora da escola Cecília Pereira.

Para os alunos em fase de alfabetização, a recuperação terá que ser concluída até a 2ª série em alguns casos. "Algumas crianças já estavam alfabetizadas quando a greve começou", disse Eliane Magalhães, 45, assistente de direção do Colégio Carlos Gomes, o maior da cidade.

No colégio, que tem 3.000 alunos, a diretoria estava prevendo a utilização de um esquema para repor as aulas. "É difícil ter um quadro agora porque a situação é diferente para cada classe", disse Eliane.

Melissa Pelati, 15 anos, quer prestar o vestibulinho do Cotuca (Colégio Técnico de Campinas) e diz ter medo de não passar por causa da greve. Ana Aparecida Pelati, 37, mãe de Melissa, diz que essa é a segunda greve de 80 dias que seus três filhos enfrentam. "Na primeira, em 1989, o mais prejudicado foi o Mateus, que estava saindo alfabetizado." Mateus tem 11 anos e está na 4ª série.



Alunos da escola Angelina Madureira, na Freguesia do Ó (zona norte), voltam às aulas

Escola opta por ter aulas aos sábados e no feriado do dia 15

Idéia é acabar a reposição até o fim de dezembro

PAULO SILVA PINTO
Da Reportagem Local

Os alunos da Escola Estadual Angelina Madureira, na Freguesia do Ó (zona norte de São Paulo), vão subir hoje à tarde e todos os sábados até 30 de dezembro. Nem no feriado de 15 de novembro eles vão ficar em casa. É uma exceção na rede estadual —a maioria das escolas soqueir decidiu como vai ser a reposição.

O calendário da Angelina Madureira foi definido pelos professores em uma reunião na quinta-feira à noite. "A reunião já tinha sido marcada e, mesmo que a assembléia da Apeoesp decidisse manter a greve, a tendência era de que todos voltassem à sala de aula", diz o diretor, João Alberto de Almeida, 48. A escola teve adesão de quase 100% à greve e até o diretor parou por um mês.

Para o aluno Rodrigo Pizzetto, 14, os professores tiveram razão em fazer a greve pelos seus baixos salários, mas ele acha que não vai aproveitar tudo que deveria até o final do ano. "Como vou para outra escola no ano que vem, tenho que estudar sozinho para me recuperar", diz.

Em outra escola, a Pereira Barreto, na Lapa (zona oeste de São Paulo), a diretora, Lizete Magna de Paiva, está na expectativa da decisão da Secretaria da Educação para definir a reposição. "Fiquei sabendo hoje, através da delegacia de ensino, que deve sair uma deliberação nos próximos dias." Depois vai ser convocado o conselho de escola —que reúne pais, alunos, professores e a direção— para definir como vai ser a reposição.

Na Pereira Barreto, mais da metade dos 64 professores participaram da greve de 79 dias. Outros, a maioria dos que retornaram não deu aulas. Esses professores dispensaram os alunos e os reuniram para falar sobre reposição.

Na Escola Estadual de 2º Grau Cicilioso José Ensner, no Itaim Bibi (zona oeste), os professores ainda estão à escola. Só devem começar a conversar sobre revisão segunda-feira.

O aluno Flávio Paião, 18, do 4º ano do curso de formação de professores, foi à escola quando soube da decisão pelo fim da greve, mas teve que voltar para casa. A professora Carmelita Pires Rocha, 38, foi à escola só para pegar documentos. "Acho que a greve não deveria ter acabado", diz.

VEJA OS LOCAIS DE INSCRIÇÃO E PROVAS

Capital e ABC

Unidades	Endereço	Unidades	Endereço
Paulista	Av. Paulista, 900 1.º andar	Santo André	Rua Senador Fleuriet, 639
Vergueiro	Rua Apeninos, 367	Pinheiros	Rua Sumidouro, 190
Luís Góes	Rua Luís Góes, 2.211	Cantareira	Av. Água Fria, 1.913
Batatais	Rua Dr. Batatais, 1.212	Alphaville	Praça Vitória Régia, Centro Com. de Alphaville
Tatuapé	Praça Silvio Romero, 334	Paz	Rua da Paz, 740
Santana	Rua Alferes Magalhães, 315	Marumbi	Rua Duques de Goiás, 262
Paraíso	Rua Apeninos, 595	Pompéia	Rua Carlos Vicari, 124
Lapa	Rua Tito, 1.181		
Santo Amaro	Av. Santo Amaro, 6.908		

Interior

Bauru	Rua Coral Júnior, 638	São Carlos	Rua São Joaquim, 1.315
Campinas	Rua João Pedroso, 265 Rua Delfino Cintra, 100	São José do Rio Preto	Rua Gal. Glicério, 3.390
Piracicaba	Av. Carlos Martins Sodero, 104	São José dos Campos	Rua Dr. Heleno D'Avila, 1.757
Ribeirão Preto	Rua São José, 743	Sorocaba	Rua Arthur Gomes, 51
Santos	Av. Conselheiro Nébias, 766	Taubaté	Rua Dr. Emílio Winter, 418

VESTIBULAR/94

Folha faz no dia 20 simulado com o Objetivo

Da Reportagem Local

A **Folha** e o curso e colégio Objetivo promovem, no próximo dia 20, um simulado do primeiro fase da Fuvest, com 72 questões de múltipla escolha. As inscrições vão até o dia 13. Os candidatos fazem a prova no mesmo unidade Objetivo onde se inscreveram.

Como na Fuvest, o candidato terá no máximo duas e no máximo quatro horas para fazer a prova. O candidato deve levar a carteira de identidade, caneta azul, lápis número dois e borracha.

O gabarito será publicado pela **Folha** na segunda-feira, dia 22, com a prova corrigida.

A classificação do simulado será publicada no dia 29. Dúvidas podem ser esclarecidas pela Central de Informações do Objetivo, que atende pelo tel. (011) 253-7700.

FOLHA DE INSCRIÇÃO

DADOS PESSOAIS
Nome do Candidato
Data de Nascimento: Dia Mês Ano
Cédula de Identidade: RG Esc.
Sexo: 1 Masc. 2 Fem.

ENDEREÇO RESIDENCIAL DO CANDIDATO
Endereço para Envio de Correspondência (rua, número etc)
Bairro Cidade Est.
CEP Local de Exame do Simulado
Tel.

Prestará Vestibular para a Fuvest? Sim Não
Carreira:

Declaro estar ciente do inteiro teor das condições do concurso em todos os seus termos, nada tendo a objetar à sua aplicação.
Data: Assinatura do Candidato

SIMULADO OBJETIVO FOLHA/93
Etiqueta com nº de inscrição
Nome do Candidato
Dia: 20/11/93
Horário: 14h
Trazer: identidade, caneta azul, lápis nº 2 e borracha
Assinatura do Candidato

MONTE ALTO



Trabalhadores colhem cebola na cidade, onde há desperdício de 2.000 toneladas do produto - Pág. 2

FRANCA



O secretário de Saúde de Franca, Ciro de Castro Botto, tenta acordo com médicos que estão em greve - Pág. 3

RIBEIRÃO PRETO



A levantadora Fernanda Venturini, da Reera, que joga hoje contra o BCN-Guarujá na Cava - Pág. 4

6
seção caderno

folha nordeste sp

FOLHA DE S.PAULO

Sábado, 6 de novembro de 1993

Ribeirão Preto ★ São Carlos ★ Araraquara ★ Franca ★ Barretos ★ Jaboticabal ★ Bebedouro ★ Sertãozinho ★ São Joaquim da Barra ★ Matão ★ Batatais ★ Taquaritinga ★ Ibitinga ★ Orlândia

AMANHÃ

Técnico assume papel de 'redentor'



Afrânio Riul —foto—, técnico do Comercial, revela seus planos para levar o Comercial de Ribeirão Preto de volta à Primeira Divisão do futebol paulista. Veja ainda tudo sobre o clássico regional Comercial x Francana, pela fase final da Divisão Intermediária.

TEENS

Pagode ganha status em Ribeirão

Adolescentes de Ribeirão Preto e bares da zona trocam o rock pelo pagode. Veja como entrar nessa moda, quais as músicas campeãs e como ficam os bares que não aderiram ao som de Raça Negra e companheiros.

NAS ESQUINAS

Modelos trocam de passarela

Em vez de tentarem uma vaga nas passarelas, adolescentes com rosto e corpos bonitos partiram para a panfletagem nas avenidas mais movimentadas de Ribeirão. Veja como é o trabalho, quanto elas ganham e o que pensam da profissão, considerada brega pelas modelos da cidade.

TURISMO

Agências dão cursos no exterior

Agências de viagem de Ribeirão oferecem cursos de línguas no exterior nas férias de dezembro. Veja quanto é necessário desembolsar para praticar o turismo aliado ao ensino.

Reposição de aulas começa hoje

70% dos 100 mil alunos da rede estadual de Ribeirão voltaram às aulas ontem; ano letivo vai até janeiro

SIMONE PAIVA
Free-lance para a **Folha**

Os professores da rede estadual de ensino de Ribeirão Preto começam hoje a repor os dias perdidos com a greve encerrada anteontem. Os 100 mil alunos da cidade devem estudar até pelo menos a primeira quinzena de janeiro. Ontem, segundo estatísticas das escolas, 70% dos alunos assistiram às aulas.

A greve durou 79 dias, mas no total devem ser repostos apenas 32 dias. Isso porque o governo baixou o número de dias letivos de 200 para 180 e foram descontados os finais de semana e feriados. Em Campinas, São Paulo e em outras grandes cidades do Estado, a reposição só começa na próxima semana.

Segundo o diretor-regional da Udemo (Sindicato dos Diretores), Walter Colombini, os conselhos de pais e alunos de cada escola vão decidir os dias e horários de reposição das aulas. Diretores e professores se reuniram anteontem no final da tarde e apresentam, no início da semana, uma proposta de reposição aos conselhos (*veja texto nesta página*).

Luís Adalberto Morando, pai de dois alunos da Escola Estadual Otoniel Mota, disse que é contra o final da greve. Ele afirma que os professores voltaram da greve "desmotivados" e "humilhados". "Minha vontade é não deixar meus filhos terminarem o ano. A greve acabou e a qualidade de ensino continua péssima", afirma.

A professora de história e geografia Neide Antônia Nunes de Castro, 57, afirma que a reposição vai depender da "boa vontade" dos alunos. Segundo ela, os alunos vão aprender o "necessário" nos próximos dois meses. "Vamos tentar passar somente os assuntos essenciais", disse.

Segundo a diretora da E.E. Otoniel Mota, Helena Tácio Siqueira, 48, os professores devem se preocupar com a qualidade do ensino e não com provas. Ela quer que os alunos façam apenas uma prova no semestre. Helena pretende apresentar essa proposta ao conselho da escola.

Helena disse que o recurso de dependência de matérias pode ser aplicado para evitar a reprovação de alunos. "Nós temos que pensar no conteúdo e não em notas", afirma.

O aluno do 2º ano colegial Matheus Rossomano Martins, 16, disse que, mesmo com as reposições, será difícil ter base escolar para passar de ano. "Não vamos ter seminários, discussões e estudos mais profundos. Vai ter que entrar tudo muito rápido na cabeça", afirma.

Alessandro Caixe, 18, também do 2º ano, disse que a greve prejudicou muito os alunos. Ele afirma que seus pais alugaram uma casa no Guarujá para passar as férias de janeiro. "Eu não quero nem saber. Não tive culpa da greve. Assisto aula só até dezembro, depois vou pra praia", afirma.

Segundo o diretor da Apeoesp regional (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo), Antônio Carlos Pereira da Silva, os professores não estão satisfeitos com as propostas do governo. Ele afirma que a greve terminou devido à "situação tensa" do movimento e porque os alunos corriam o risco de perder o ano letivo.

Escola decide como repor

Free-lance para a **Folha**

Em reunião feita anteontem à tarde no colégio Otoniel Mota, professores e diretores de escolas de Ribeirão decidiram apresentar aos pais e alunos uma proposta de reposição das aulas na próxima semana. Segundo a Secretaria Estadual de Educação, cada escola deve decidir como vai fazer a reposição das aulas.

Segundo o diretor regional da Udemo (Sindicato dos Diretores), Walter Colombini, a proposta dos professores e diretores é que a cada semana sejam repostos dois dias de aula.

A idéia, segundo Colombini, é que cada escola aumente dois horários por período. Geralmente, as escolas de Ribeirão Preto têm cinco aulas por dia e, com a reposição, os alunos assistiriam até sete aulas no dia. No final de semana, o aluno teria reposto um dia de aula.

As aulas no sábado também vão ser necessárias para completar os 180 dias do ano letivo. Colombini disse que as escolas que tiveram seus professores totalmente paralisados devem ter aulas até janeiro.

Segundo Colombini, a maioria das escolas da cidade vai repor suas aulas na primeira quinzena de janeiro.



A aluna Norma Viana, terceiro-anista do Otoniel Mota, estuda no pátio da escola

Greve faz estudante desistir de prestar vestibular este ano

Aluna quer aulas até fevereiro para conseguir aprender

Free-lance para a **Folha**

A estudante Norma Fonseca Viana, aluna 17 do 3º ano do Otoniel Mota, disse que com a greve desistiu dos estudos para o vestibular. "Fiquei desanimada com a greve. Antes até que tinha esperança de passar no vestibular", afirma. Ela deve prestar vestibular em janeiro para engenharia mecânica.

Segundo Norma, os professores estão desestimulados a ensinar. "Eles estão sem força para continuar."

Isabela Fornazari Millamonti, 18, aluna do 2º colegial da Escola Estadual Otoniel Mota, disse que a greve dos professores foi "uma palhaçada". A estudante disse que muitos pais de famílias ganham mal e nem por isso fazem greve. "Eu acho que os professores precisam ganhar mais, só que o movimento atrapalhou minha vida", afirma.

Isabela trabalha em uma loja do shopping e treina natação e ciclismo. Ela disse que cada minuto é importante para desenvolver suas atividades. Ela pretende prestar vestibular para oceanografia e fazer mestrado na Europa.

Isabela disse que vai ficar complicado estudar todas as matérias no ritmo que os professores pretendem dar à reposição das aulas. Ela é favorável que as aulas se prolonguem até fevereiro para que toda a matéria seja repostas nos "mínimos detalhes".

Não é o que pensa o aluno do 1colegial Danilo Terreri, 16, que se recusa a assistir aulas depois de 24 de dezembro. Leandro disse que suas férias foram "tensas" e não foi possível viajar. "Tive que ficar assistindo televisão. Férias é pra viajar. Na greve eu ficava na expectativa de ter que voltar por causa das aulas", afirma.

A greve, segundo Danilo, foi válida, mesmo que os professores não tenham conseguido tudo que reivindicaram. "Acho que eles batalharam", afirma.

César Envernize, 15, do 1º colegial disse que "curtiu" a greve. "Eu fiquei muito à vontade. Só que quero janeiro livre", disse. Ele disse que não vai ter jeito de passar no primeiro vestibular. "Eu já não sabia muita coisa e agora com a greve a coisa piorou", afirma.

INDIFOLHA



BALANÇO DA GREVE DE 79 DIAS

Piso salarial
- Início da greve: 1,5 salário mínimo
- Salário atual: 1,45 salário mínimo

Reivindicações
- Reposição das perdas salariais de 187%
- Reajustes mensais de acordo com o índice da inflação
- Política salarial – salário baseado no mínimo do Dieese para uma jornada de 20 horas/aula

Propostas aceitas
- Reajuste de 55% da variação do ICMS em novembro e dezembro
- Reajuste salarial de 35% em janeiro de 94
- Reajuste salarial de 30% em fevereiro
- Reposição das perdas salariais em março de acordo com o índice do IPC/Fipe.
- A partir de março, reposição quadrimestral das perdas salariais de acordo com o IPC/Fipe

Adesão à greve
- Início 80% dos 3.500 professores
- Final 30%

Total de alunos atingidos em Ribeirão 100 mil

Alunos mudam para escolas particulares

Free-lance para a **Folha**

O diretor regional da Udemo (Sindicato dos Diretores), Walter Colombini, disse que dos 100 mil alunos matriculados nas escolas estaduais de Ribeirão Preto, pelo menos 3% pediram transferência para escolas particulares devido à greve dos professores.

Ele afirma que muitos alunos que entraram este ano em escolas estaduais ficaram desmotivados com a greve e voltaram para suas antigas escolas. "Os pais estão preferindo fazer um sacrifício a submeter o filho a outras possíveis greves", afirma.

Colombini disse que alunos de todas as séries pediram transferência, principalmente estudantes de 2º grau. Na Escola Estadual Otoniel Mota, em levantamento feito há duas semanas, havia 35 pedidos de transferência.

Segundo a pedagoga Lígia Adélia Cortez da Rocha, 61, a recuperação dos alunos nos próximos meses vai depender da disposição dos professores. Ela disse que é possível que o aluno aprenda e recupere o tempo perdido se o professor incentivá-lo com aulas interessantes.

Giuliano Barbieri, 16, do 2º colegial do Otoniel Mota, não pediu transferência para um colégio particular, mas entrou em um curso intensivo pré-vestibular de Ribeirão. Ele afirma que só assim vai ser possível ter base escolar para entrar no 3º ano colegial e prestar vestibular.

Matheus Rossomano Martins começou um curso extensivo na faculdade Barão de Mauá para atualização de matérias. "Eu preciso me preparar pro terceirão e também pro vestibular. Vou continuar estudando aqui e lá no cursinho", afirma.

ANEXO C

JORNAL CONVERGÊNCIA SOCIALISTA

04/08/1993 até 17/11/1993

Convergência Socialista Nº 379 04/08/1993 a 10/08/1993

CARTAS

PT terceiriza limpeza pública

Há muito tempo a terceirização vem sendo aplicada aos serviços públicos municipais em porto Alegre, e além dos danos indiretos aos trabalhadores, o serviço apresenta mais uma vantagem para a patronal: quebra a unidade dos municipários em luta, na medida em que terceiriza os setores de ponta do serviço público e colabora para o enfraquecimento das mobilizações da categoria, que fica com um número reduzido de funcionários estatutários.

A Administração Popular do PT, ao assumir o governo municipal em 1988, ao contrário do que se esperava de um partido de trabalhadores, não só continuou adotando esta prática, como ampliando-a. É o que ocorre no Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU). Os serviços são executados por empreiteiras, com trabalhadores submetidos à instabilidade e a um ritmo de trabalho semi-escravo. Hoje 80% do serviço de limpeza da capital gaúcha é terceirizado e pelo visto a nova administração petista que assumiu em janeiro não tem a intenção de mudar este quadro. O diretor do DMLU chegou a declarar à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Municipal de Porto Alegre que "nós não queremos mais e não vamos continuar admitindo funcionários que durante dois anos desempenham razoavelmente suas funções para ficarem mais 28 anos presos à estrutura do serviço público".

No mês de julho, o Sindicato dos Municipários (Simpa) realizou o 1ºCongresso do DMLU, com a participação das principais lideranças dos funcionários nos locais de trabalho. O Congresso aprovou uma tese contra a terceirização no serviço público

Palhares,
representante sindical do DMLU e diretor do Sindicato dos Municipários Porto Alegre ■

Conselho Editorial:
Wallucha Fontana, Valério Arcary, José Maria de Almeida, Cipro Garcia, Marco Antonio Ribeiro, Eduardo Almeida, Roberto Paulino, Maria José Lourenço, Luis Lobo, Dieter Machado, Raimundo Alves, Paulo Aguena, Waldo Mermelstein, Bernardo Cardeira, José Wainowski.

Onde você encontra o CS

Belém - PA: R. Riachuelo, 134.
Belo Horizonte - MG: R. da Bahia, 570/ 2º andar.
Brasília - DF: SDS Centro Comercial Coreo, sobreloja 21.
Duque de Caxias - RJ: R. Nunes Alves, 75/602.
Passo Fundo - RS: R. Teixeira Soares, 2063.
Porto Alegre - RS: R. Marechal Floriano, 375, sala 80.
Recife - PE: R. da Glória, 472.
Rio de Janeiro - RJ: R. Buenos Aires, 158, 4º andar.
Rio Grande - RS: R. Casemiro de Abreu, 272, Cohab 2.
Santo André - SP: R. 24 de fevereiro, 256.
São Bernardo do Campo - SP: R. João Ramalho, 64.
São José dos Campos - SP: Av. Mário Galvão, 189.
São Leopoldo - RS: R. 1º de Março, 81 (fundos).
São Paulo - SP: R. Nicolau de Souza Queiroz, 189 Paraíso.
Sapucaia - RS: Av. Primor, 496.

ANÁLISE

Nova moeda, velho arrocho

Uma nova lei de arrocho salarial está a caminho. Sob a forma de Medida Provisória enviada ao Congresso em 3 de Agosto, Itamar mudou a moeda do país (trocou seis por meia dúzia). O governo também vetou o mensal integral oferecendo em troca, um reajuste a cada mês de dez pontos percentuais abaixo da inflação do mês anterior até seis salários mínimos. A nova lei exclui o funcionalismo público.

Os parlamentares terão até 30 dias para votar a MP a partir do início da tramitação. Para tentar evitar nova derrota o governo partiu para a contra ofensiva no Congresso, tentando recriar sua base política em torno do PSDB, PMDB e PP.

PACTO FRACASSA



Apesar do endurecimento do governo na lei salarial, a sua crise não se resolveu. Pelo contrário, o desgaste e a tendência ao isolamento aumentaram, pois a tentativa de Itamar em dividir o ônus do veto pela via de um pacto social fracassou.

O tal "entendimento" em torno de uma política global para "combater a inflação" que envolvesse salários, preços, juros, câmbio e crédito, explodiu assim que o governo mostrou que toda essa conversa fiada estava condicionada a um "pequeno" acordo prévio: o veto ao mensal integral do qual Itamar e FHC não abriam mão.

Um parênteses. Um governo chefiado por um Itamar tem pouca chance de sair da crise. No meio da semana em que se definiria o destino do reajuste mensal, o presidente teve uma "brilhante" idéia para mudar de assunto: em pleno vôo no seu Boeing presidencial convocou a imprensa para acusar os embaixadores brasileiros de não defenderem a imagem do país no exterior após o massacre dos sete meninos na Candelária, citou nominalmente alguns deles e claro, conseguiu arrumar outro foco de crise no interior do governo.

INFLAÇÃO EM ALTA

Trapalhadas a parte, o principal fator de instabilidade do governo Itamar continua sendo a grave crise econômica que penaliza os trabalhadores e a maioria da população. Por exemplo, a inflação continua a subir, as previsões para agosto são de uma aumento de 2% a 3% que poderão significar um índice de 35% neste mês. O próprio Ministro da Fazenda já não nega este fato: *"que a inflação vai dar um soluço, vai, só não sabemos ainda o tamanho"* (*Isto É*, nº 1.244). Por soluço, entenda-se salto.

Nunca é demais assinalar o cinismo deste "ilustre" representante dos capitalistas nos negócios da Fazenda. Duas "historinhas" começam a cair por terra com a continuidade da escalada inflacionária. Uma delas é a do mensal integral que seria inflacionário, a outra é sobre o corte nos gastos públicos como remédio milagreiro para deter a inflação.

O fato é que a inflação continua a subir independente da forma como os salários são reajustados e dos ajustes nas contas do governo, que significaram, entre outras, cortes orçamentários em setores chaves como saúde e educação. De quem será a culpa agora FHC?

Com o agravamento da inflação o grande capital já pressiona o governo para tomar medidas mais duras, adivinhem para quem? como por exemplo, uma pré-fixação de preços e salários e até uma possível dolarização da economia.

ATAQUES A VISTA

Enquanto o governo tenta administrar a crise econômica e social, a burguesia nacional e o capital internacional preparam-se para um violento contra-ataque através da revisão constitucional programada para outubro. Querem um "choque" de revisão.

De uma tacada só pretendem acabar com a aposentadoria por tempo de serviço, a estabilidade do funcionalismo, o monopólio da Petrobrás, acelerar as privatizações; e de quebra aprovar uma nova legislação eleitoral e partidária draconiana, que marginalizará os partidos de esquerda, para assim terem um controle mais efetivo e estável sobre o Congresso Nacional.

VOLTAM AS GREVES



O governo vetou o mensal integral e a burguesia se prepara para a revisão da Constituição. Porém, começa a existir um pequeno problema para estes senhores, está se confirmando uma retomada das lutas e ações do movimento operário e sindical. É muito significativo que os sapateiros de França tenham arrancado o reajuste mensal integral pela força da greve.

Mas há outros exemplos de uma crescente disposição de luta. No último dia 30 de julho, os operários da General Motors de São José dos Campos entraram em greve contra a demissão de dois diretores sindicais e obrigaram a empresa a recuar. Estes exemplos, não podem ser vistos como fenômenos isolados, como outras ações recentes dos trabalhadores urbanos. Eles nos permitem tirar uma conclusão simples: é possível apelar a mobilização dos trabalhadores para barrar o veto e a nova lei salarial de Itamar e começar uma grande campanha contra esta manobra dos capitalistas chamada revisão constitucional.

QUE TÁTICA É ESSA?

Em tempo: a que serviu a ida de Meneguelli as conversações com o governo em torno da lei salarial? Se nos permitem uma resposta franca e curta, lá vai: serviu apenas para atrasar a mobilização para derrubar o veto e arrancar na luta o mensal integral. ■



CONVERGÊNCIA SOCIALISTA é uma publicação semanal da CS Editora e Gráfica ME - Rua Jorge Tibiriçá, 238, Saúde - São Paulo- CEP 04126-000 - F: (011) 549 9699/ 5756093 - CGC 56.223.603/0001 - 32 Inscrição Estadual 112.014.962.114 Jornalista responsável: Cláudia L. Costa

ASSINE O CONVERGÊNCIA SOCIALISTA
Recorte e envie com cheque para CS Editora e Gráfica, Rua Jorge Tibiriçá, 238, Saúde, São Paulo - CEP 04126-000.
Assinatura Trimestral CR$ 550,00 ☐ Semestral CR$ 1.000,00 ☐
Nome:
Endereço:

CARTAS

PT terceiriza limpeza pública

Há muito tempo a terceirização vem sendo aplicada aos serviços públicos municipais em porto Alegre, e além dos danos indiretos aos trabalhadores, o serviço apresenta mais uma vantagem para a patronal: quebra a unidade dos municipários em luta, na medida em que terceiriza os setores de ponta do serviço público e colabora para o enfraquecimento das mobilizações da categoria, que fica com um número reduzido de funcionários estatutários.

A Administração Popular do PT, ao assumir o governo municipal em 1988, ao contrário do que se esperava de um partido de trabalhadores, não só continuou adotando esta prática, como ampliando-a. É o que ocorre no Departamento Municipal de Limpeza Urbana (DMLU). Os serviços são executados por empreiteiras, com trabalhadores submetidos à instabilidade e a um ritmo de trabalho semi-escravo. Hoje 80% do serviço de limpeza da capital gaúcha é terceirizado e pelo visto a nova administração petista que assumiu em janeiro não tem a intenção de mudar este quadro. O diretor do DMLU chegou a declarar à Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Municipal de Porto Alegre que "nós não queremos mais e não vamos continuar admitindo funcionários que durante dois anos desempenham razoavelmente suas funções para lizarem mais 28 anos presos à estrutura do serviço público".

No mês de julho, o Sindicato dos Municipários (Simpa) realizou o 1ºCongresso do DMLU, com a participação das principais lideranças dos funcionários nos locais de trabalho. O Congresso aprovou uma tese contra a terceirização no serviço público

Palhares,
representante sindical do DMLU e diretor do Sindicato dos Municipários Porto Alegre ■

Conselho Editorial:
Wallerdo Fontana, Valério Arcary, José Maria de Almeida, Cipo Garcia, Marco Antonio Ribeiro, Eduardo Almeida, Roberto Paulino, Maria José Lourenço, Luis Lobo, Dieter Machado, Raimundo Alves, Paulo Agueiro, Waldo Mermelstein, Bernardo Cardeira, José Wainczuk)

Onde você encontra o CS

Belém - PA: R. Riachuelo, 134.
Belo Horizonte - MG: R. da Bahia, 570/ 2º andar.
Brasília - DF: SDS Centro Comercial Conic, sobreloja 21.
Duque de Caxias - RJ: R. Nunes Alves, 75/602.
Passo Fundo - RS: R. Teixeira Soares, 2063.
Porto Alegre - RS: R. Marechal Floriano, 378, sala 80.
Recife - PE: R. da Glória, 472.
Rio de Janeiro - RJ: R. Buenos Aires, 158, 4º andar.
Rio Grande - RS: R. Casemiro de Abreu, 272, Cohab 2.
Santo André - SP: R. 24 de fevereiro, 256.
São Bernardo do Campo - SP: R. João Ramalho, 64.
São José dos Campos - SP: Av. Mário Galvão, 189.
São Leopoldo - RS: R. 1º de Março, 61 (fundos).
São Paulo - SP: R. Nicolau de Souza Queiroz, 189. Paraíso.
Sapucaia - RS: Av. Primor, 496.

ANÁLISE

Nova moeda, velho arrocho

Uma nova lei de arrocho salarial está a caminho. Sob a forma de Medida Provisória enviada ao Congresso em 3 de Agosto, Itamar mudou a moeda do país (trocou seis por meia dúzia). O governo também vetou o mensal integral oferecendo em troca, um reajuste a cada mês de dez pontos percentuais abaixo da inflação do mês anterior até seis salários mínimos. A nova lei exclui o funcionalismo público.

Os parlamentares terão até 30 dias para votar a MP a partir do início da tramitação. Para tentar evitar nova derrota o governo partiu para a contra ofensiva no Congresso, tentando recarticular sua base política em torno do PSDB, PMDB e PP.

PACTO FRACASSA



Apesar do endurecimento do governo na lei salarial, a sua crise não se resolveu. Pelo contrário, o desgaste e a tendência ao isolamento aumentaram, pois a tentativa de Itamar em dividir o ônus do veto pela via de um pacto social fracassou.

O tal "entendimento" em torno de uma política global para "combater a inflação" que envolvesse salários, preços, juros, câmbio e crédito, explodiu assim que o governo mostrou que toda essa conversa fiada estava condicionada a um "pequeno" acordo prévio: o veto ao mensal integral do qual Itamar e FHC não abriam mão.

Um parênteses. Um governo chefiado por um Itamar tem pouca chance de sair da crise. No meio da semana em que se definiria o destino do reajuste mensal, o presidente teve uma "brilhante" idéia para mudar de assunto: em pleno vôo no seu Boeing presidencial convocou a imprensa para acusar os embaixadores brasileiros de não defenderem a imagem do país no exterior após o massacre dos sete meninos na Candelária, citou nominalmente alguns deles e claro, conseguiu arrumar outro foco de crise no interior do governo.

INFLAÇÃO EM ALTA

Trapalhadas a parte, o principal fator de instabilidade do governo Itamar continua sendo a grave crise econômica que penaliza os trabalhadores e a maioria da população. Por exemplo, a inflação continua a subir, as previsões para agosto são de uma aumento de 2% a 3% que poderão significar um índice de 35% neste mês. O próprio Ministro da Fazenda já não nega este fato: *"que a inflação vai dar um soluço, vai, só não sabemos ainda o tamanho"* (*Isto É*, nº 1.244). Por soluço, entenda-se salto.

Nunca é demais assinalar o cinismo deste "ilustre" representante dos capitalistas nos negócios da Fazenda. Duas "historinhas" começam a cair por terra com a continuidade da escalada inflacionária. Uma delas é a do mensal integral que seria inflacionário, a outra é sobre o corte nos gastos públicos como remédio milagreiro para deter a inflação.

O fato é que a inflação continua a subir independente da forma como os salários são reajustados e dos ajustes nas contas do governo, que significaram, entre outras, cortes orçamentários em setores chaves como saúde e educação. De quem será a culpa agora FHC?

Com o agravamento da inflação o grande capital já pressiona o governo para tomar medidas mais duras, adivinhem para quem? como por exemplo, uma pré-fixação de preços e salários e até uma possível dolarização da economia.

ATAQUES A VISTA

Enquanto o governo tenta administrar a crise econômica e social, a burguesia nacional e o capital internacional preparam-se para um violento contra-ataque através da revisão constitucional programada para outubro. Querem um "choque" de revisão.

De uma tacada só pretendem acabar com a aposentadoria por tempo de serviço, a estabilidade do funcionalismo, o monopólio da Petrobrás, acelerar as privatizações; e de quebra aprovar uma nova legislação eleitoral e partidária draconiana, que marginalizará os partidos de esquerda, para assim terem um controle mais efetivo e estável sobre o Congresso Nacional.

VOLTAM AS GREVES



O governo vetou o mensal integral e a burguesia se prepara para a revisão da Constituição. Porém, começa a existir um pequeno problema para estes senhores, está se confirmando uma retomada das lutas e ações do movimento operário e sindical. É muito significativo que os sapateiros de França tenham arrancado o reajuste mensal integral pela força da greve.

Mas há outros exemplos de uma crescente disposição de luta. No último dia 30 de julho, os operários da General Motors de São José dos Campos entraram em greve contra a demissão de dois diretores sindicais e obrigaram a empresa a recuar. Estes exemplos, não podem ser vistos como fenômenos isolados, como outras ações recentes dos trabalhadores urbanos. Eles nos permitem tirar uma conclusão simples: é possível apelar a mobilização dos trabalhadores para barrar o veto e a nova lei salarial de Itamar e começar uma grande campanha contra esta manobra dos capitalistas chamada revisão constitucional.

QUE TÁTICA É ESSA?

Em tempo: a que serviu a ida de Meneguelli as conversações com o governo em torno da lei salarial? Se nos permitem uma resposta franca e curta, lá vai: serviu apenas para atrasar a mobilização para derrubar o veto e arrancar na luta o mensal integral. ■



CONVERGÊNCIA SOCIALISTA é uma publicação semanal da CS Editora e Gráfica ME - Rua Jorge Tibiriçá, 238, Saúde - São Paulo- CEP 04126-000 - F: (011) 549 9899/ 5756093 - CGC 56.223.603/0001 - 32 Inscrição Estadual 112.014.962. 114 Jornalista responsável: Cláudia L. Costa

ASSINE O CONVERGÊNCIA SOCIALISTA
Recorte e envie com cheque para CS Editora e Gráfica, Rua Jorge Tibiriça, 238, Saúde, São Paulo - CEP 04126-000.
Assinatura Trimestral CR$ 550,00 ☐ Semestral CR$ 1.000,00 ☐
Nome:
Endereço:

CCXXXVI

JUVENTUDE

CEE-SP marca reconstrução da UEE

Realizou-se nos dias 7 e 8 de agosto, no campus da Unesp de Araraquara, o segundo Conselho Estadual de Entidades/SP (CEE) deste ano, onde estiveram presentes 54 CA's/DA's/DCE's. Apesar de contar com um número menor de entidades, em relação ao primeiro encontro, que teve 77, este CEE aprovou resoluções muito importantes. Entre elas, um chamado à unificação dos boicotes ao pagamento das mensalidades que já estão ocorrendo, e o lançamento, no dia 11 de agosto, Dia Nacional de Lutas, da campanha pelo boicote nacional unificado.

A importância e a representatividade do CEE pode ser medida pela presença de várias das mais importantes escolas do estado, como a Unicamp, a Fatec, a Cásper Líbero, entre outras. Também estiveram escolas que estão com processos de luta em curso, como as Faculdades Oswaldo Cruz (FOC) , que já está em boicote, a PUC-SP e a USP, que luta para eleger diretamente seu reitor.

O espírito de combatividade dos participantes do CEE, fez com que o PCdoB e o MR-8, que a princípio se colocavam contra a unificação dos boicotes, recuassem e abraçassem a data do dia 11 para o lançamento da campanha.

Além disso, o CEE também aprovou a criação de um **Comando Estadual de Mobilização**, que se reunirá no dia 21 de agosto, na PUC-SP.

Reconstrução da UEE

Refletindo o processo de organização de diversas entidades de base, em milhares de escolas do Brasil, esse CEE aprovou a reconstrução da União Estadual dos Estudantes (UEE/SP), que desapareceu há mais de 5 anos. Infelizmente, quando os critérios de participação foram discutidos, perdeu-se uma grande oportunidade de dar um fim à presença do anti-democrático "delegado nato", assim como não foi aprovada nenhuma resolução que permitisse a ampliação da participação dos estudantes no Congresso. A proposta apresentada por aqueles, que no congresso da UNE formaram a Oposição, de 1 delegado para cada 200 estudantes, foi derrotada pela proposta do PCdoB e MR-8, de 1 para cada 600.

Em relação à data do congresso, os militantes do PST-Unificado defenderam que este fosse realizado no feriado de finados, que poderia permitir a participação de um número maior de estudantes. Devido a apresentação por parte do PT de uma outra data, que coincidia com o Congresso da UBES, o MR-8 e o PCdoB aprovaram sua proposta que marca o congresso para os dias 22, 23 e 24 de outubro, em Campinas.

Marcelo Dantas,
1º secretário da UNE ■

BRASIL URGENTE

A falência da Educação no Brasil

Reflexo da crise e desigualdade social que regem o país, o sistema educacional vive um verdadeiro colapso. Os recentes cortes orçamentários na educação promovidos pelo governo brasileiro apenas confirmam uma situação que vem se agravando nas últimas duas décadas.



De acordo com dados fornecidos pelo IBGE a população brasileira era constituída em 1988 por 41% de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos, sendo que 30,6% desses jovens viviam em famílias com renda per capita de até um quarto do salário mínimo, 23,4% viviam em famílias com renda mensal inferior a meio salário mínimo. Ou seja, 54% desses jovens localizados em sua maioria nas periferias dos grandes centros urbanos, sequer alimentam-se adequadamente. Acreditar que nestas condições poderão corresponder às expectativas escolares, foge ao bom senso.

Em 1990 cerca de 5 milhões de crianças entre 7 e 14 anos estavam fora da escola. Metade porque nunca entraram, a outra metade abandonou a escola. A grande maioria de famílias são obrigadas a retirar seus filhos da escola e imediatamente incorporá-los ao mercado de trabalho. Este é o rosto selvagem e predatório do capitalismo brasileiro, que explora impiedosamente mão de obra infantil.

O atendimento pré-escolar demonstra o grau de desprezo do governo com o preparo do futuro aluno, das 25.155.085 milhões de crianças entre 0 e 6 em 1989 apenas 15,3% eram atendidas educacionalmente por programas governamentais. Ao longo da década de 80 decaiu proporcionalmente o número de estudantes em todos os graus de ensino. Como demonstra o quadro, para cada 100 crianças em idade escolar, menos de 10 começarão o 2º grau e cerca de quatro ingressarão na Universidade.

Ano	Matrícula Inicial		
	1º Grau	2º Grau	3º Grau
1980	80,3%	10,0%	4,9%
1989	76,5%	9,5%	4,2%

O desmonte do ensino público

A análise do sistema educacional brasileiro põe a nu a falência do Estado, incapaz de garantir que o conjunto da população em faixa etária escolar tenha acesso, permaneça e tenha um pleno aproveitamento na escola, assistimos ao longo dos anos o desmantelamento do ensino no país. Decai anualmente o número de alunos matriculados em todos os níveis de escolarização. A qualidade do ensino oferecido está seriamente comprometida pelos baixos salários e insuficiência de recursos materiais e o longo prazo o perspectiva é de piora.

De modo geral a política governamental na área educacional ampliou o número de vagas combinado com um empobrecimento técnico e material. Concebem educação como cimento, fiolo e merenda escolar, visando apenas reforno eleitoral. A demanda por novas matrículas foi suprida em parte pela redução do tempo de permanência na escola e na zona rural por turnos multisseriados que reúnem numa mesma sala alunos de séries diferentes.

A demonstração do descaso governamental fica evidente quando constatamos a diminuição de investimentos e recursos na área: em 1970 investíamos 11,8%, em 79, 4,2% e em 84,2,2%. Trata-se dos mais baixos índices de investimento do mundo e da América Latina. Como resultado deste processo cresceram as diferenças sociais. Até hoje nossa taxa de analfabetismo adulto, 21,5% em 1991, supera a de países como Paraguai, 11,7%; Panamá, 13,6% e Colômbia, 15,3% (PNDU, 1991). Para muitos que enxergam na escola um espaço de igualdade, a análise da composição étnica dos analfabetos reflete o caráter excludente e racista da sociedade brasileira, pois 63,7% dos analfabetos são negros e pardos. (I.T.L.) ■

NÃO HÁ IGUALDADE

Diversas metodologias pedagógicas, escolas de reflexão, os mais variados planejamentos e reformas escolares se apresentam como uma resposta capaz de garantir a igualdade de condições perante o conjunto da sociedade.

Os que alimentam ilusões que a reforma do ensino possa democratizar a sociedade esquecem que o capitalismo funda-se no antagonismo e divisão de classes. Não existe igualdade de oportunidades para as crianças e jovens que nascem nas famílias operárias e camponesas. E a escola não democratiza as oportunidades, acentua as desigualdades. Mesmo sendo inteligentes, os meninos e meninas que vivem nos bairros de periferia não poderão transpor os obstáculos que os separam dos filhos da burguesia e da alta classe média que acabam ocupando as vagas nas universidades públicas.

Somente a luta política pelo socialismo garantirá a supressão das desigualdades sociais. Abrir mão da luta por uma nova sociedade para promover a reforma da escola, significa perpetuar um regime de miséria e opressão sobre a juventude e os trabalhadores.

Ítalo de Aquino ■

Convergência Socialista Nº 381 02/09/1993 a 08/09/1993

CADA UMA...

Carrinho popular

Com festas e pompas, foi relançado o Fusca. "*É um símbolo*", chegou a dizer Itamar. Símbolo do quê, ele não disse, nem lhe foi perguntado. Só se for símbolo das falsas medidas "populares" do presidente. Agora que as montadoras ganharam redução de impostos, o besouro volta custando o equivalente a 7.200 dólares, mais de cem salários-mínimos em agosto, mais que o dobro do que quando saiu de linha em 1986. Itamar vai comprar o seu em prestações, e não aceita de presente da Volks. Talvez lembrando o rolo que deu o Fiat Elba ganho por seu antecessor.

Ministérios inúteis

E o que fez o governo diante da denúncia do massacre dos índios ianomâmis, somada às notícias de ações militares norte-americanas no norte do País? Simples: criou um Ministério da Amazônia. Não é muito animador, quando pensamos num Ministério do Trabalho que promove o arrocho, num Ministério da Saúde que desmantela a saúde pública, e ainda na Habitação, na Justiça, na Reforma Agrária, no Planejamento...

Conchavos em público

Correção à nota anterior: os ministérios, e em particular o do Planejamento, têm a utilidade de servir para indicações políticas e costurar alianças, como ficou claro no episódio da saída de Stepanenko e do atrito com o PMDB, na pessoa de Fleury, o governador de São Paulo. Para este, a briga foi especialmente útil: nas altas esferas, desviou a atenção do seu mau hábito de espancar professores...

Diz-que-diz

Enquanto prossegue a dança dos ministérios, que a revista *Veja* chama de "*circo*", o mais-ou-menos estável ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, passou a semana fazendo declarações sobre a estabilização. Um dia disse que a inflação vai cair, no dia seguinte que "*é previsível*" que ela aumente, ora ameaça um choque, depois se sai com esta pérola: "*O momento exato da adoção de medidas para a estabilização da economia será ditado pelo quadro político do país*". Falou muito, não disse nada, e só alimentou os mais diversos boatos.

SÓ POR DEVER

E o secretário da Segurança de Minas, José Resende de Andrade, achou um jeito de acabar com os sequestros: basta matar os sequestradores. Mas esclareceu: "*Vamos matar no estrito cumprimento de nosso dever. Polícial mata para cumprir o dever*". Prova de as corporações contam com gente muito cumpridora. ■

EDITORIAL

Professores mostram o caminho

Milhões de brasileiros ficaram estupefactos quando viram pela televisão a violenta repressão que atingiu os professores de São Paulo por ordem do governador Fleury. Igualzinho a Quércia em 1989, agora é Fleury que se recusa a abrir negociações, transforma o Palácio dos Bandeirantes numa cidade proibida e se comporta como um imperador mandando as tropas impor a ordem. Uma ordem que recebe os aplausos dos banqueiros, claro.

Em Santa Catarina, os professores ocuparam a Secretaria da Educação. As greves continuaram, resistindo contra o arrocho e radicalizando as formas de luta. No Rio, os professores já prometem se unir a seus colegas de São Paulo, enfrentando, mais uma vez, Brizola.

Os professores correm o risco do isolamento. Por isso é decisivo que a CUT ocupe o seu lugar. **Eles mostram o caminho**. É lutando, saindo às ruas, conquistando o decisivo apoio da população que poderão derrotar Fleury e defender o ensino público. Mas a CUT precisa fazer a sua parte.

A prioridade da Central, junto à denúncia da revisão constitucional, deveria ser a construção de uma campanha nacional em defesa da greve paulista. Os metalúrgicos, os petroleiros, os químicos, os motoristas, toda a classe trabalhadora tem os seus filhos na escola pública. Defendê-la é defender-se a si mesmo. Uma vitória dos professores terá também enormes repercussões sobre os bancários que estão em campanha salarial. É possível vencer. Todos com os professores de São Paulo!

NÃO SABE O QUE FAZ

Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, Lula voltou a reafirmar que está decidido a fazer novos almoços e jantares com o grande empresariado para explicar, "com franqueza" (?!), porque não devem temer um governo do PT. Pior Lula afirma que os 200 empresários com os quais já conversou estão convencidos de que é preciso fazer a distribuição de renda e elevar o salário mínimo. (Esperar que os capitalistas confessem que defendem a concentração de rendas é demais.) Adiantou, também, que quer um namoro sério com o PSDB. Não afastou a possibilidade de apoiar Covas em São Paulo e anunciou que persegue um acordo para o 2º turno e para governar. Acredita que com "habilidade política" poderá até conquistar uma maioria no Congresso!



O **Convergência Socialista** vem insistindo que Lula deve romper com a burguesia. O PT precisa se comprometer com um programa de suspensão do pagamento da dívida externa e interna, protegendo as pequenas poupanças; deve se comprometer com a reforma agrária radical que assegure o assentamento de milhões de famílias; deve se comprometer com o salário mínimo do Dieese. Deve alertar os trabalhadores que os empresários não só vão temer, como farão tudo o que estiver ao seu alcance para impedir que estas medidas sejam aplicadas. Discursos para ganhar votos são estéreis e perigosos.

É realmente incrível que Lula se dedique a defender os empresários e explicar que a maioria entre eles aceita a distribuição de renda. Não é o papel de Lula semear ilusões. Um governo do PT para administrar a crise capitalista apoiado no Congresso e na colaboração de classes seria inexoravelmente a ante-sala da volta da direita burguesa ao poder. Um governo Lula com um programa anticapitalista, por sua vez, exige a coragem política de dizer o que vai fazer, mas também contra quem vai fazer. ■

OPINIÃO

Defender as reservas indígenas

Em 1500, quando os primeiros colonizadores chegaram, existiam aproximadamente 6 milhões de indígenas no país. De lá para cá, a cobiça e irracionalidade da exploração capitalista reduziu esta população indígena a 250 mil pessoas. O último ataque à nação ianomâmi foi apenas mais uma ação deste verdadeiro genocídio. E diante dele a reação da imprensa e do governo foi a mesma de sempre: primeiro uma indignação mal ensaiada, depois a hipocrisia barata.

Milhares de ianomâmis já foram assassinados, aqui e na Venezuela, desde a década de 70, quando se descobriu que suas terras escondem a quinta maior jazida de cassiterita (matéria prima do estanho) do mundo e uma fortuna incalculável em ouro e diamantes. **E a única forma de preservar sua cultura e seu povo do completo extermínio é a manutenção da reserva que eles conquistaram.**

Através de uma intensa campanha e pressão (e se aproveitando do jogo de cena de Collor na preparação da Eco-92), os ianomâmis conquistaram a demarcação de uma área de 94 mil kilômetros, que representam apenas 1,1% do território nacional, no final de 1991, mas a reserva, de fato, nunca foi respeitada. O garimpo continua atuante, com o apoio dos governadores da Amazônia legal. Os militares, que não dizem sequer uma palavra quando a soberania nacional é atacada pelo FMI e as multinacionais, se opõem à reserva, qualificando-a como uma "zoológico".

A burguesia, obviamente, daria tudo, inclusive a vida de milhares de índios, para por as mãos livremente sobre as riquezas da região. É exatamente isto que o congresso pretende facilitar na revisão constitucional. A proposta de acabar com a nacionalização dos solos está associada à redução das reservas indígenas. Os revolucionários dizem não a isto. **Chega de mortes! Terra e vida para os ianomâmis e demais povos indígenas! Pela manutenção das reservas!**

Wilson H. da Silva ■

No último dia 18, os professores do estado de São Paulo deflagraram uma poderosa greve, que já dura mais de 15 dias. Eles exigem uma política salarial, com reajuste mensal de acordo com a inflação, reposição das perdas salariais (187% em julho), piso do Dieese, 30% do ICMS para o ensino de 1º e 2º graus e pagamento no último dia útil do mês.



Todo apoio à greve dos professores

A greve do magistério coloca a nu a situação de descalabro em que se encontra a educação no Brasil. O salário de um professor paulista em início de carreira é de CR$ 6.908,00, o que equivale a CR$ 69,00 por uma hora aula, menos que um abacaxi. Um professor com mais de 15 anos de magistério, com uma carga de 35 aulas semanais, recebe cerca de CR$ 12.000,00. O vale alimentação, extensivo a apenas uma parte da categoria, é de CR$ 31,00 e era chamado até há pouco tempo de vale coxinha, mas já está mudando de nome porque nem coxinha dá mais para comprar. Um escândalo, uma vergonha nacional.

A greve já conta com a adesão de mais de 80% da categoria e é uma greve ativa e radicalizada. No dia 20 de agosto, mais de 20 mil professores estiveram na assembléia em frente à Secretaria da Educação, na Praça da República, e se deslocaram depois em passeata pela Consolação até a Av. Paulista. Fleury, bloqueou a Consolação com a tropa de choque. Os professores não se intimidaram, forçaram a polícia a recuar e tomaram a Paulista aos gritos de *"Abaixo a Repressão"*, *"Professor não é ladrão"* e *"Ah! Ah!, Uh! Uh!, Fleury no Carandiru"*. Na Paulista, já à noite, queimaram seus *holleriths* e os vales coxinhas, fazendo uma bela fogueira.

GREVE FORTE E RADICALIZADA

Uma nova e ampla vanguarda surgiu na greve. Além dos professores, os pais e centenas de grêmios secundaristas estão participando dos comandos e ações nas regiões. Os atos e manifestações regionais preparam a massividade das manifestações centralizadas. Os professores estiveram na Volks contra Itamar e Fleury, quando do lançamento do Fusca e se enfrentaram com a polícia. Em Taboão, professores, alunos e pais, fecharam a rodovia Régis Bittencourt. No Vale do Paraíba, fecharam a Dutra por meia hora. Na capital, os atos regionais bloqueiam as vias de acesso ao centro. Milhares de novos ativistas militam cotidianamente pela greve e não aceitam vacilação.

No último dia 26, cerca de 50 mil professores se dirigiram ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo, no Morumbi. A 500 metros do Palácio se produziu um enfrentamento generalizado, contra a repressão do efetivo de 500 policiais armados. Fleury recebeu os professores com jatos d'água, bombas e golpes de cacetete, que foram revidados com pedras e paus. A polícia feriu dezenas, prendeu outros, mas o tiro saiu pela culatra. O enfrentamento provocou a indignação da população, desgastou ainda mais o governo, fortaleceu a greve, que cresceu mais 10% no dia seguinte, e forçou o governo a abrir negociações.

Quando este jornal estiver saindo, os professores estarão protagonizando outra ação de massas. A disposição é colocar 100 mil, de preto, na Av. Paulista, nesta quinta feira.

FLEURY, INIMIGO DA EDUCAÇÃO

A política do governo do estado, subordinada à de Itamar, FHC e FMI, é de sucateamento da educação. Depois da deflagração da greve, o governo ofereceu um reajuste de 129%, sendo 20% em agosto (que será pago em setembro) e 90% em setembro (a ser pago em outubro). Os professores já rejeitaram essa proposta.

Fleury alega que não tem verbas. No entanto, gasta 22% da arrecadação do ICMS com estradas, 27% para pagar a dívida interna do estado com os banqueiros e rios de dinheiro em publicidade. Se não há verbas, porque ele reduziu os impostos para as indústrias automobilísticas?

Marúcha Fontana ■

Plano econômico dos trabalhadores

Além de São Paulo, estão em greve os professores do Rio de Janeiro e de Santa Catarina. A situação caótica em que se encontra a educação é também a situação da saúde, da moradia, dos transportes.

Para garantir verbas para educação e saúde e acabar com a miséria é necessário um plano dos trabalhadores. Um plano que comece por não pagar as dívidas externa e interna, que taxe a Reforma Agrária, que estatize os portos e grande e expropria os corruptos e sonegadores, que garanta o reajuste mensal para todos, verbas para saúde e educação e que diga não às privatizações e ao projeto de "escola padrão" do Fleury. Para aplicar tal plano é preciso um governo dos trabalhadores.

Por isso nos dirigimos à maioria da direção da CUT, ao PT e à Lula, para que rompam com os cálculos eleitorais, abandonem as alianças com empresários e unifiquem as lutas numa campanha de uma Greve Geral. Só com a luta unificada, numa greve geral e de um governo dos trabalhadores sem patrões, reconstruiremos o país em que os ativos colocaram o país. (M.F.) ■

Oposição e PSTU na linha de frente

Nas últimas eleições para a Apeoesp, a Oposição obteve 45% dos votos válidos, ganhando na capital e Grande São Paulo e tornando-se a direção de dezenas de sub-sedes e regiões. A greve atual e sua repercussão realimentam o programa que a Oposição defendeu então, contra as mesas redondas com o Fleury e a política imobilista da diretoria.

Desta vez, a maioria da diretoria da Apeoesp esteve a favor de deflagrar a greve. Mas os professores e a ampla maioria do ativismo encaram com desconfiança o atual diretorio, fruto das inúmeras traições passadas. Uma saudável desconfiança, que tem garantido a democracia das assembléias. "Enquanto a diretoria estiver a favor da luta estaremos pela mais ampla unidade. Mas, junto com todos os ativistas, não perdoaremos nenhuma vacilação", afirma Gilberto, presidente da chapa de Oposição e membro do PSTU.

O PSTU em São Paulo está inteiramente voltado para a greve, construindo o apoio à mesma, presente nos atos com militância, boletins e bandeiras. É assim que estamos construindo núcleos em várias regiões.

A solidariedade é tarefa do conjunto do movimento. É necessário que os sindicatos divulguem e defendam a greve, coloquem sua infraestrutura a serviço do mesmo e participem dos passeatas. É fundamental ainda, organizar o fundo de greve. (M.F.) ■

Convergência Socialista Nº 382 23/09/1993 até
29/091993

PROFESSORES - SP

A Greve Continua. Fora Fleury

Já passou dos 35 dias a greve dos professores paulistas, que conta com 90% de paralisação e tem o apoio da maioria da população. O governo do estado até o momento não ofereceu nenhuma proposta decente ao magistério. Ora "negocia" e enrola, ora apela à violência contra os professores produzindo cenas dignas das manifestações da Coréia do Sul. Por isso a greve continua e dezenas de milhares tomam as ruas toda a semana.

Na semana passada, professores, diretores e supervisores voltaram à Avenida Paulista. De novo, mais de 60 mil votaram a continuidade da greve e desceram a Consolação até a Praça da República, sob a chuva de papel picado que caía dos prédios.

Na Praça, dentro da Secretaria de Educação, encontrava-se a comissão de negociação do magistério, para quem o governo durante três dias de conversa fiada não ofereceu nada. Os professores decidiram que a comissão ficaria no prédio em negociação permanente e instalaria uma vigília na Praça, como já vinha ocorrendo nos dias anteriores.

Às 2,3 h, o governo interrompeu as negociações com o movimento. E, de madrugada, a tropa de choque num ato de covardia e selvageria desocupou o prédio e a Praça.

Escondida no prédio, a PM irrompeu pelas portas da Secretaria com bombas de efeito moral e golpes de cacetetes, ateando fogo nas barracas, panfletos e cobertores dos professores, perseguindo-os pelas ruas de todo o centro, arrastando-os pelo chão, espancando-os violentamente. Sete professores foram presos. Vários foram parar no hospital e um foi gravemente ferido. Uma verdadeira noite de terror, em que Fleury, o assassino do Carandiru, voltou a mostrar sua truculência.

O BATE E ENROLA

No início da greve Fleury recusava-se a receber os professores em greve e veio para o enfrentamento no Palácio dos Bandeirantes, jogando bombas, cachorros e cavalaria contra os grevistas. Com isso, explodiu a indignação na população e no magistério. A greve cresceu e diretores e supervisores aderiram ao movimento. O governo recuou e abriu negociações. No entanto, não ofereceu nenhuma proposta aceitável, passou todo o tempo enrolando, apostando no cansaço dos professores. Na última quinta, resolveu partir para uma contra-ofensiva, pensando em dividir e fazer recuar o movimento com uma pancadaria sem igual. Mas o tiro saiu de novo pela culatra. Gerou indignação. A greve se manteve no patamar de 90% e cresceu em alguns bairros. A selvageria resultou novamente no isolamento do governo. Formou-se um comitê permanente de apoio aos professores na CUT, com a presença de dezenas de sindicatos, OAB, ABI, Comissão de Justiça e Paz, D. Paulo Evaristo Arns, partidos políticos e outras entidades.

Nesta terça feira foi realizado um ato na Assembléia Legislativa com todas essas entidades, repudiando a violência e exigindo negociações. Fleury, de novo recuou e chamou a Apeoesp para negociar. Quando fechávamos este jornal o governo e a comissão do magistério estavam reunidos.

Nesta quinta, o magistério volta ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo, com dezenas de milhares.

...OU DÁ AUMENTO OU RENUNCIA

Fleury, discípulo de Quércia e expoente do PMDB, aplica em São Paulo o plano neoliberal do governo federal e do FMI. Daí advém a dureza do governo, que não quer ceder nada de decente aos professores, enquanto trata na maior mamata os grandes banqueiros e empresários.

Fleury tem verbas, mas não quer abrir mão do seu plano de acabar com a saúde e educação, enquanto enriquece os bancos, empreiteiras e os grandes monopólios. Por isso, até agora só oferece migalhas aos professores.

Mas é possível derrotar o plano de Fleury. Não temos porque aceitar migalhas. Queremos a reposição das perdas, o mensal de acordo com a inflação e um piso decente, não os CR$ 15 mil que o governo ofereceu. Por isso, os professores sabem que não é hora de vacilar. O caminho é manter a greve nos patamares atuais, seguir com os atos de milhares, construir a unidade com o funcionalismo, envolver a população e exigir Fora Fleury. Nesta queda de braço, quem vai ter que se cansar é o governo. Greve até a vitória.

Marlúcha Fontana ■



Assembléia do dia 8 em frente ao Palácio dos Bandeirantes



Tropa de Choque recebeu professores com jatos de água

Governo tenta fazer do PSTU bode expiatório.

Com o intuito de preparar a sua premeditada e criminosa ação na madrugada de quinta-feira, o governo e setores da grande imprensa, em particular o Diário Popular, controlado por Quércia, tentaram confundir a população, noticiando que militantes do PSTU, que não seriam professores, estariam "infiltrados" na greve e teriam tentado depredar a Secretaria da Educação à revelia do movimento e da assembléia.

Em primeiro lugar, o PSTU apoia integralmente a greve de professores e tem colocado todos seus esforços na construção da solidariedade à mesma. Em segundo lugar, os professores do PSTU defendem democraticamente suas propostas nas assembléias e acatam seu resultado.

Em particular na última assembléia, os professores do PSTU, junto com a Oposição, defenderam a ocupação da Secretaria de Educação com mais gente e não só com a Comissão de Negociação. Proposta, aliás, que foi vitoriosa, mas que, no entanto, a diretoria da Apeoesp não reconheceu a vitória e, em nome da unidade, a própria Oposição propôs seguir a passeata e refazer a votação na Praça, caso que a diretoria não encaminhou.

Porém, o PSTU não defende e não estimula ações isoladas do conjunto dos professores. Ao contrário, o PSTU defende a mais ampla unidade na luta. Da mesmo modo não defendemos depredações, embora entendamos o desespero de alguns professores, que diante da intransigência e da violência do governo, ainda que de forma errada, se insurgiram isoladamente contra as portas da Secretaria na tarde de quinta. Mas, reafirmamos, não é nossa política e nossa prática ações isoladas.

A tentativa do governo neste momento de buscar achar um bode expiatório no PSTU, não tem outro objetivo do que tentar esconder a violência de sua polícia, na madrugada de quinta, contra professores pacíficos e desarmados e de procurar dividir os professores e quebrar o apoio da população à greve.

A resposta dos professores às calúnias do Fleury deve ser uma só: unidade na luta. Unidade contra Fleury até a vitória. (M.F.) ■

CCXL

LUTA BRASIL

Greve dos professores de São Paulo continua

A greve dos professores já ultrapassou os 40 dias e continua forte. A população mantém o seu apoio ao movimento. O governo do estado, no entanto, que foi forçado a reabrir negociações, continua com a estratégia do "bate e enrola". Ora promove cenas de terror, como na pancadaria da Praça da República, ora negocia e só oferece migalhas. Neste momento, é necessário manter a greve nos patamares atuais e continuar com a ações massivas. Mas também é decisivo utilizar formas mais radicalizadas de luta, que demonstrem toda a firmeza, determinação e coragem dos professores.

A última proposta de Fleury não significa quase nada além das migalhas apresentadas anteriormente. O governo oferece uma gratificação e CR$ 6 mil, além dos 35% em setembro e 90% em outubro, mas nada de política salarial. Num país com mais de 35% de inflação ao mês, não ter política de reajuste de salários de acordo com a inflação, significa estar condenado à miséria mais abjeta.

A estratégia do governo é vencer os professores pelo cansaço. Ao mesmo tempo que busca reverter o apoio da população à greve com uma campanha mentirosa na televisão.

É PRECISO RADICALIZAR

Foi decisivo para o fortalecimento da greve e para o isolamento do governo a determinação demonstrada pelos professores quando enfrentaram a tropa de choque e ocuparam a Avenida Paulista pela primeira vez e também quando foram para o enfrentamento no Palácio dos Bandeirantes.

Neste momento, para derrotar Fleury, se faz necessário manter a greve, continuar com as ações massivas e, também, adotar o enfrentamento com métodos mais radicalizados, como as ocupações e o bloqueio das rodovias. Não podemos pensar somente em assembléias e ações "mornas", como passeatas que culminem em *shows*. Dessa forma não conseguiremos dobrar a intransigência deste governo.

Na queda de braço, quem vai ter que se cansar é Fleury.

NÃO CAIR EM ARMADILHAS

A Oposição à diretoria da Apeoesp e os professores do PSTU, não defendem ações isoladas, levadas a cabo por meia dúzia. Mas consideram que é necessário construir um enfrentamento de milhares, mais contundente, contra o governo. Para isso é necessária a mais ampla unidade e democracia no movimento. Por isso exigimos firmeza dos dirigentes, particularmente da diretoria da Apeoesp, que não podem mais cair nas armadilhas de Fleury.

Na última assembléia, no Morumbi, perto do Palácio dos Bandeirantes, a diretoria deixou dezenas de milhares de professores por mais de 2 horas debaixo de chuva, esperando o resultado de uma "negociação" de última hora chamada por Fleury. Foi uma manobra do governo para inviabilizar a passeata que se seguiria à assembléia e que poderia acabar avançando sobre a tropa de choque em direção ao Palácio.

Se o governo chama para negociar durante uma assembléia, depois de ter passado horas antes da mesma conversando (enrolando) sem oferecer nada, a diretoria deve ir, mas deve voltar no prazo de 30 minutos estipulado pela assembléia. Ao ficar quase 3 horas no Palácio, a diretoria inviabilizou a passeata votada. Assim, Fleury enrolou a diretoria e os professores acabaram encharcados no Morumbi.

Marlúcha Fontana ■



Fora Fleury!

É possível derrotar o governo, além de manter e radicalizar o movimento, exigindo os 147% de reposição em julho, mais a inflação de agosto e setembro e o mensal de acordo com a inflação. É preciso, também, unificar as lutas: a Caixa Econômica Estadual está em greve e o mesmo ocorre com os bancários dos bancos particulares. Outras categorias, como correios, estão se preparando para lutar. É preciso unificar todo mundo.

E, particularmente, é preciso construir a unidade com o funcionalismo e levantar com força a campanha pelo Fora Fleury, envolvendo toda a população.

É possível vencer. Greve até a vitória! (M.F.) ■

Bancários vivem momentos decisivos

Os 700 mil bancários de todo o país estão vivendo momentos de definição na sua campanha salarial. O pessoal da Caixa Econômica Estadual, do Real e do Mercantil estão em greve em São Paulo. O pessoal dos demais estados discutirão nos próximos dias a adesão ao movimento.

Na véspera do dia 15, quado estava marcada uma greve nacional, os banqueiros apresentaram uma proposta semi-oficial, costurada pelo presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo, Gilmar Carneiro. Foi o bastante para a Articulação aceitar o "acordo" na Executiva Nacional dos Bancários e orientar essa política para as assembléias de base. No entanto, não esperavam que a base repudiasse a proposta nas assembléias. Apenas o Rio de Janeiro aceitou a proposta, tornando-se o único sindicato a fazê-lo. De acordo com a proposta o piso do escriturário passaria a CR$ 32 mil.

O insólito é que a Fenaban retirou a proposta que nunca fez e a Articulação passou a defender uma proposta oficiosa. No dia 22 a corrente a apresentou novamente ao comando nacional dos bancários, desta vez como "oficial".

Apesar de divididas a maioria das assembléias do dia 22 decidiram aceitar o acordo proposto pela Fenaban, a exceção de São Paulo, Baixada Fluminense, Bauru e Salvador. O Rio de Janeiro, em assembléia tumultuada, cheia de manobras e com diretores do sindicato de bancos estatais votando na assembléia de privados, aprovou o acordo com apenas um voto de diferença.

No dia 28 a assembléia de São Paulo decidiu deflagrar a greve na Caixa Estadual e em alguns bancos particulares. Nos demais estados estavam marcadas assembléias nas próximas horas para discutir a greve.

Júlio L. Costa ■



ANEXO D

Jornal da Apeoesp

De agosto até novembro de 1993

Vigília traz a solidariedade da população



Milhares de professores fizeram vigília na Assembléia



Ao serem avisados de que a votação do Fundo de Participação dos Municípios só seria votada na terça-feira, professores decidiram ficar em vigília



Da rua da Consolação, a chegada à Assembléia...



Faixas e bandeiras são preparadas para os professores em vigília



...mostra que os professores não estão sozinhos

Sindicatos se mobilizam pela Educação

Apoio dos deputados



...que e bilhetes são passados para os professores em vigília.

Sindicatos se mobilizam pela Educação

Entendendo que a luta por uma escola Pública de qualidade é de [illegible], sindicatos ligados à CUT [illegible] nessa greve. Jair [illegible], presidente da CUT [illegible], e José Lopes Feijão, [illegible] da CUT estadual, foram [illegible] constantes nos atos [illegible] e assembléias estudantis [illegible] durante os 79 dias de [illegible].

Alguns sindicatos, como o dos [illegible] greve do ABC, Guinazoo [illegible] ABC, Condomero do ABC e [illegible] de São Paulo deram [illegible] Entretanto, seja coletado [illegible] ser uma ou continuada [illegible] grupos musicais para os atos [illegible] que a APEOESP organizou.

A CUT estadual ajudou a organizar junto aos sindicatos filiados o Fundo de Greve, por meio de uma conta bancária aberta pela APEOESP.

Reunidos na CUT Nacional, no dia 26 de outubro, 28 sindicatos aprovaram um calendário de atividades de apoio à greve dos professores. No dia 29 e 30, sindicatos e CUT promoveram panfletagens nas rodovias Anchieta e Imigrantes, com pedágio e coleta de assinaturas; no dia 28, os estudantes realizaram um ato público na Praça da República e se dirigiram em passeata até a Praça da Sé. Além disto, ocorreram visitas de sindicalistas aos professores em vigília na Assembléia Legislativa e panfletagens e coleta de assinaturas promovidos por vários sindicatos e pela CUT.

A APEOESP é filiada à CUT desde 1945 e hoje é um dos maiores sindicatos ligados à Central. O papel da CUT durante a greve foi o de organizar sindicatos em apoio ao movimento dos professores e estar presente em nossas manifestações.



Do lado de fora, o abraço à Assembléia...



...mostra que os professores não estão sozinhos.

Apoio dos deputados

Desde o início da nossa greve, alguns deputados comprometidos com a Escola Pública colocaram-se ao nosso lado. Buscaram abrir diálogo com o governo e deram total apoio nos momentos mais difíceis, quando a comissão de negociação e professores em vigília foram expulsos da Secretaria da Educação e na vigília permanente na Assembléia Legislativa.

Os professores receberam apoio efetivo das bancadas do PT (Aloizio Chicarino, Arlindo Chinaglia, Beatriz Paiva, Elói Pietá, Ivan Valente, João Paulo, José Zico Prado, Luiz Azevedo, Professor Luizinho, Lucia Hiratan, Pedro Dallari, Roberto Gouveia, Rui Falcão), do PC do B (Jamil Murad, Dênis Carvalho), do PSDB (Célia Leão, Silvio Torres, Ricardo Tripoli, Leonel Dantas, Doarival Braga, Roberto Engler) e do Mauro Bragato (PMDB). Durante a vigília na Assembléia Legislativa, a maioria destes deputados colocou-se à disposição da APEOESP, se dando inclusive seus gabinetes.

Também durante a vigília, deputados como Gilson Menezes, Jamil Gonzalez (PMDB) e Hilário de Oliveira (PDT), deram apoio em seus discursos na tribuna da Casa.

Fleury prefere a truculência ao diálogo



Tropa de choque expulsa comissão de magistrados e professores da Secretaria da Educação



No Sondevantes, Fleury joga a tropa de choque contra os professores



Professores minutos antes de serem expulsos da Assembléia Legislativa

Professores expulsos da Secretaria



Polícia arrenta e quima pertences dos professores

No primeiro momento, o Governo se recusou a negociar com os professores em greve. Depois foi obrigado a abrir negociações. Mas em três reuniões consecutivas, não apresentou nenhuma proposta concreta.

Diante disso, na terceira semana, no dia 15 de setembro, as lideranças do magistério (APEOESP, APASE e UDEMO) decidiram se declarar em estado permanente de negociação e permanecer em greve até que a Secretaria da Educação Autorizasse tempo de liste de fora, dezenas de professores decidiram fazer uma vigília em solidariedade à Comissão que se encontrava de lado de dentro.

A Comissão de Magistérios, composta por 10 representantes das três entidades, passou toda a tarde e a noite seguinte sem [illegible] da Secretaria. Apesar [illegible] permanecer acampados [illegible] firme, apresentando uma [illegible] que atendesse às reivindicações [illegible] da categoria. Mas nada [illegible] possível. Apesar da garantia [illegible] pelo secretário Carlos [illegible] de que os professores [illegible] permanecer na Secretaria, [illegible] decidiu dar uma demonstração [illegible] de força e expulsou a Comissão [illegible] da Secretaria, solicitando [illegible] de choque. No lado de fora [illegible] dos professores que [illegible] lia pacífica foram agredidos [illegible] pessoas. Seus pertences, [illegible] cartazes, mapas, faixas, [illegible] queimados em praça pública. [illegible] assistiram a tudo, aplaudindo [illegible] da perseguição aos professores [illegible] estudo optaram [illegible] Assembléia Legislativa, [illegible] aos locais anteriores.

Fleury prefere a truculência ao diálogo

A repressão policial ao lugar do diálogo. Essa foi a opção feita pelo governador Fleury diante da greve do magistério. Em três ocasiões, o governo literalmente jogou a tropa de choque contra os professores. Em outras três oportunidades, a polícia foi chamada para impedir a passagem dos professores na Constituição, no Morumbi e na Assembléia Legislativa. Ao invés da conversa, o governador preferiu a brutalidade. Ficou provado a sua falta de habilidade, tratando os professores como caso de polícia. Em cada uma das vezes que foi utilizada a força policial, aconteceu terror e violência.

Foi assim na segunda semana da greve. Os professores foram recebidos na Polícia do Batalhão pela tropa de choque, que contava com a cavalaria, cães e carros blindados. Nesta ação truculenta do governo, pelo menos 14 professores ficaram feridos.

No madrugada do dia 17 de setembro, Fleury instalou o terror como método de negociação. A Comissão do Magistério (APEOESP, APASE e UEPEM) foi expulsa da Secretaria da Educação. Do lado de fora, professores que faziam vigília e jejum foram hostilizados com cassetetes e bombas. A tropa de choque atingiu quatro feridos, funcionários e docentes dos professores.

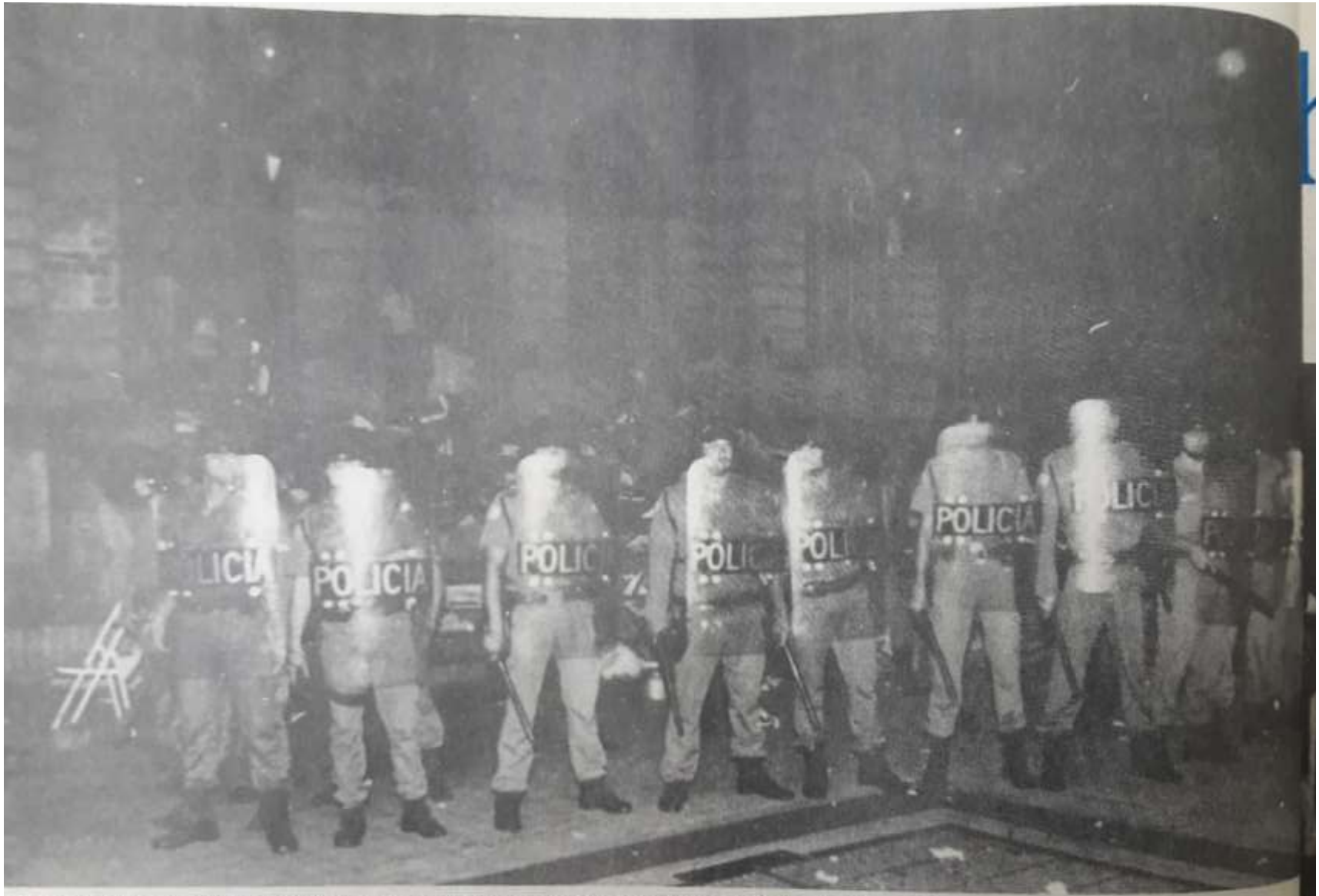
No dia 21 de outubro, os professores decidiram realizar uma vigília pacífica na Assembléia Legislativa. A Polícia Militar tentou impedir a entrada. Encurralados no Hall Monumental, os professores foram agredidos e vários foram feridos. Durante os oito dias da vigília, o prédio da Assembléia foi cercado pela polícia e os professores continuaram permanentemente com a ameaça de invasão da tropa de choque.

O governador se mostrou um bom "aluno" e seus "aplicados alunos" na Assembléia Legislativa aprenderam a lição. O presidente do Legislativo, deputado Vitor Sapienza (PMDB), reconhecendo com a presença dos professores no prédio da Assembléia, solicitou providências do governador. Fleury atendeu e pediu que houvesse uma solicitação dele para que a tropa de choque agisse.

No dia 29 de outubro, além de Sapienza, os deputados Silvio Martins (PFL) e Ismael Zeitoun (PTB) solicitaram que a tropa de choque expulsasse os professores que faziam vigília na Legislativa.



Tropa de choque expulsa centenas de professores



Tropa de choque expulsa comissão do magistério e professores da Secretaria da Educação.

Tropa de choque expulsa comissão do magistério e professores da Secretaria da Educação.



No Bandeirantes, Fleury joga a tropa de choque contra os professores.



Professores minutos antes de serem expulsos da Assembléia Legislativa.

Professores expulsos da Secretaria



Polícia arranca e queima pertences dos professores.

Num primeiro momento, o Governo se recusou a negociar com os professores em greve. Depois foi obrigado a abrir negociações. Mas em três reuniões consecutivas, não apresentou nenhuma proposta concreta.

Diante disso, na terceira reunião, no dia 15 de setembro, as lideranças do magistério (APEOESP, APASE e UDEMO) decidiram se declarar em reunião permanente de negociação e permanecer nas dependências da Secretaria da Educação. Ao mesmo tempo, do lado de fora, dezenas de professores decidiram fazer uma vigília em solidariedade à Comissão que se encontrava do lado de dentro.

A Comissão do Magistério, composta por 10 representantes das três entidades, passou toda a noite e o dia seguinte em prédio da Secretaria. A reu era permanecer na sede e forma apresentada uma pr que atendesse às reivindi da categoria. Mas isso ai possível. Apesar da garant pelo secretário Carlos Ge de que os professores n permanecer na Secretaria, decidiu dar uma demon de força e expulsar a Co da Secretaria, utilizando de choque. No lado de fo dos professores que fazi lia pacífica foram agre presos. Seus pertences s cos, roupas, bandeira, f quecedores foram queim contentou com isso, pois de perseguir os professo viando o pânico dentro d noite madrugada, agr inclusive transeuntes.

Criatividade e bom humor.



O humor corre crítica à truculência do governo.



...ens de Fernando Morais, que ...dizer saudades.



A bem humorada tropa de choque dos professores.



Alegorias feitas pelos professores criticam o governador, que ocultela a Escola Pública.



Professores demonstram o que é, na realidade, este governo: um grande circo sem graça.



O cartaz resume o que acontece com os professores em consequência dos baixos salários.



Enterro de Fernando Morais, que não deixa saudades.

CCL





O humor como crítica à truculência do governo



A bem humorada tropa de choque dos professores.



Alegorias feitas pelos professores criticam o governador, que sucateia a Escola Pública.



Professores demonstram o que é, na realidade, este governo: um grande circo sem graça.



O cartaz mostra o que acontece com os professores em consequência dos baixos salários.

Greve recuperou dignidade profissiona

"Nossa tarefa prioritária é fazer com que os professores substituam o sentimento expresso num adesivo que circula por aí e que diz 'hei de vencer, apesar de ser professor' pelo orgulho de dizer 'sou professor, sim senhor, Eu gosto de ser professor.'"



Sem professor professor não há futuro.

Roberto Pelário disse isto ao tomar posse como novo presidente da APEOESP, em junho deste ano, em entrevista ao nosso jornal (edição 194), refletindo o que pensa e direciona. Talvez mais cedo do que se poderia imaginar, a frase transformou-se em mote do sentimento da categoria que aderiu em agosto.

Esta foi, provavelmente, a maior conquista desse greve. Os professores voltaram a ocupar as ruas, com a cabeça erguida e cheios de dignidade. Recuperaram o orgulho de ser professor. Apesar da situação vivida pelo magistério,

todas as atividades pr
pela APEOESP
participação vigorosa
categoria. Foram mui
assembléias abertas

Os professores
garra e determinação.
deste luta e das reivindi
tiveram o apoio de toda
Mesmo depois que
considerar prejudicial
greve, como os pais
todo o Estado, assistim
manifestações de apoio
seguidores. Em algu
e alunos chegaram a se
finalmente ao movimento
professores.

O Governo Fleury
não atendeu as reivindi
magistério. Mas é inega
desgastado nesta greve.
o governador afirmava que
negociava com guerrilh
obrigado a voltar atrás
A greve também forçou o
Governo a apresentar
propostas salariais.

A última proposta,
melhor que as anteriores
insatisfatória. Os salários
continuam muito baixos.
necessário recordar que,
esta greve, os professores
melhores perspectivas
tinham antes da greve.

Em primeiro lugar,
definidos reajustes para
de novembro, dezembro
diferente de anos anteriores
quando o Governo concedia
apenas gratificações
Além disso, a partir de
reposição dos ganhos
cada quatro meses
sera, como vinha acontecendo

Outra conquista
desta greve é ter tornado
discussão sobre os problemas
em Educação. O Governo
obrigado a apresentar propo
melhores que nos anos ante
os professores conseguiram
todo a sociedade percebeu
Educação só é prioridade
desatinados discursos pro

EXPONDO A FRATURA

A Educação no Centro das Atenções

Desde o dia 18 de agosto a Escola Pública paulista não é mais a mesma. A greve dos 79 dias dos professores paulistas chamou a atenção de toda a sociedade e fez ver a alunos e pais o seu papel na reconstrução da Escola Pública do seu Estado. Mostrou que chegou a hora de sair das salas de aula e entrar em ações.

Esta participação da sociedade na discussão sobre a Escola Pública foi incentivada por dois fatos. O primeiro, é que a greve expôs para a sociedade a fratura da Escola Pública e fez com que a sociedade despertasse para a importância da Educação. A greve e a Educação pautaram as ruas, o noticiário nacional, as rodas de conversa.

O segundo é fruto da campanha "A Educação no Centro das Atenções", lançada no início deste ano pela APEOESP e uma dezena de entidades da sociedade civil. O principal objetivo da campanha é justamente sensibilizar a sociedade da importância da Educação para o desenvolvimento do país e da necessidade de se investir mais na área. Mostrar a todos que esta é uma luta que vale a pena.

Os pais e alunos entenderam que a luta por uma Escola Pública de qualidade também é deles. Discutindo, indo às assembléias dos professores, escrevendo cartas ou telegramas ao governo ou, ainda, indo à Justiça, os pais e alunos deram uma lição de cidadania e participação.

São todos um pouco donos da Escola Pública e por ela decidiram arregaçar as mangas.

Esta conscientização levou ao apoio e à solidariedade da sociedade durante toda a greve e principalmente nos momentos mais difíceis. A solidariedade de outros sindicatos, organizações populares e da população em geral, que nos enviaram alimentos, água e até mesmo palavra de conforto, foi igualmente importante e resultado desse processo.

Sou professor, sim senhor!

E a APEOESP é o meu sindicato.

15 anos de lutas pelo professor e pela Escola Pública de qualidade

A união é a nossa força. Filie-se você também.

Sozinho o problema é seu.

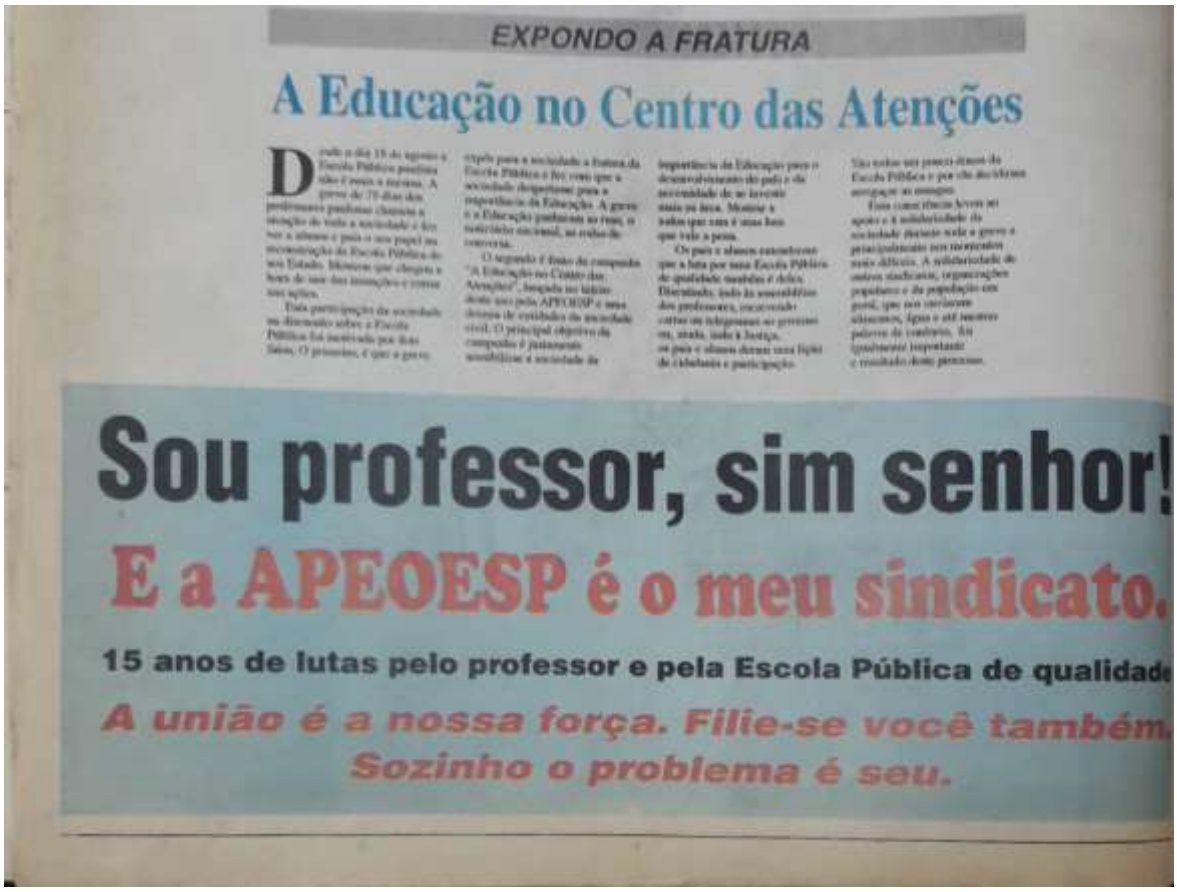
CCLII

Greve recuperou dignidade profissional

"Nossa tarefa prioritária é fazer com que os professores substituam o sentimento expresso num adesivo que circula por aí e que diz 'hei de vencer, apesar de ser professor' pelo orgulho de dizer 'sou professor, sim senhor. Eu gosto de ser professor.'"



Sem professor professor não há futuro.



EXPONDO A FRATURA

A Educação no Centro das Atenções

Sou professor, sim senhor!

E a APEOESP é o meu sindicato.

15 anos de lutas pelo professor e pela Escola Pública de qualidade

A união é a nossa força. Filie-se você também.

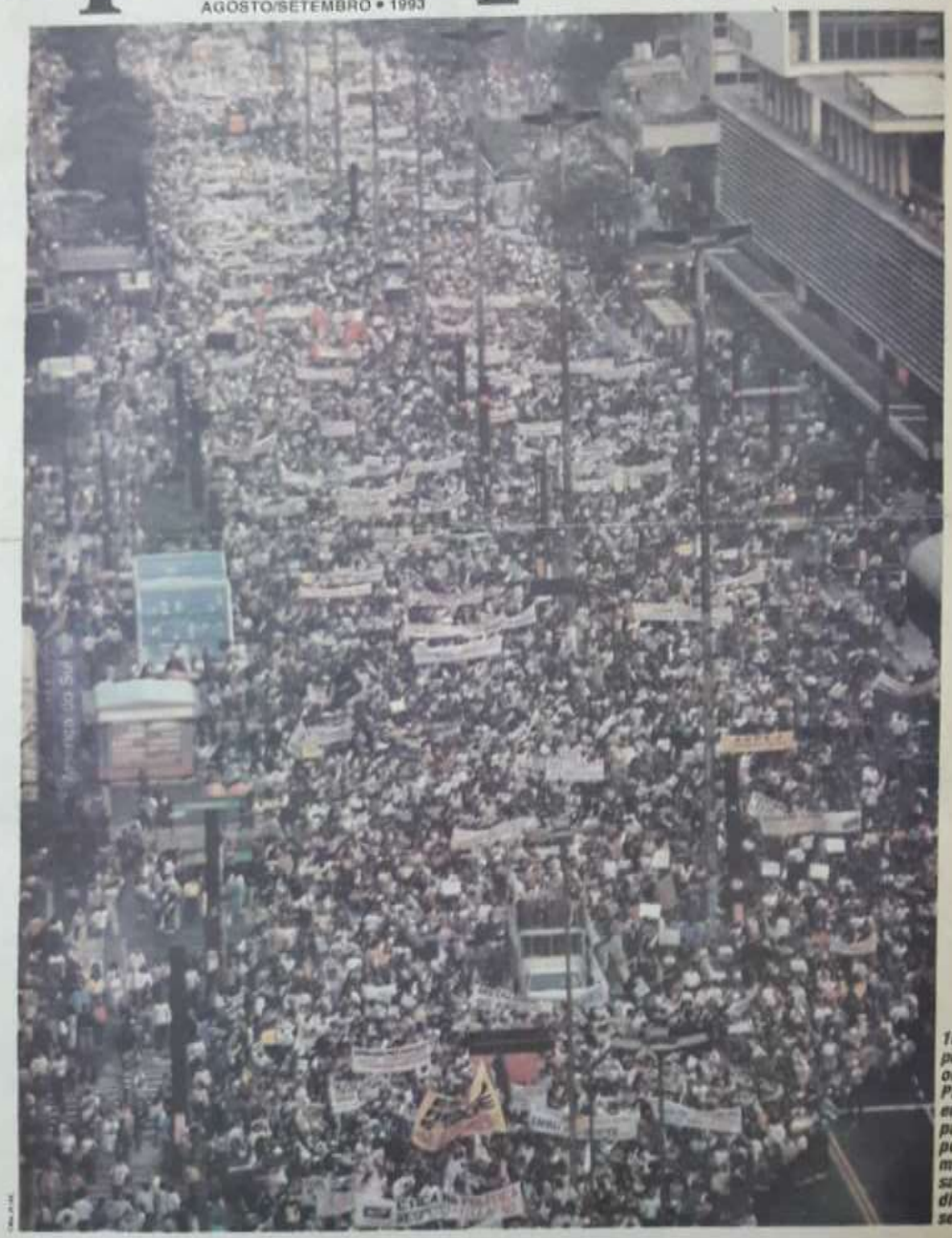
Sozinho o problema é seu.

PORTE PAGO
ECT-DR/SP
ISR-40-1506/88

jornal da apeoesp

AGOSTO/SETEMBRO • 1993

Redação:
Rua Barão de Itapetininga, 93
7º andar - Fone 258-0244
CEP 01042-001 Capital, SP



100 mil professores ocupam a Paulista em passeata por melhores salários no dia 2 de setembro.

Sou professor, sim senhor!

CCLV


A maior greve
os últimos anos
FECHADA
PARA
BALANÇO

Determinação e garra



100 mil participam da assembléia na Avenida Paulista.



No Vale do Anhangabaú, mais de 100 mil professores participam do ato-show e da assembléia.



No dia 30 de agosto, a segunda assembléia reuniu 30 mil na



30 mil professores desafiaram o governador e a trégua da chacina na assembléia realizada no Palácio dos Bandeirantes.

jornal da apeoesp

EXPEDIENTE

DIRETORIA DA APEOESP TRIÊNIO

Imprensa "engole" versão do governo

EDITORIAL

[illegible]

E, depois, Fleury ainda vem o [illegible] projeto [illegible] Paulista. [illegible] A população, mais uma vez, [illegible] Escola Pública [illegible] do governo do Estado com a Educação. [illegible]

Falta de sensibilidade. [illegible]

Aliás, este foi o grande mérito da nossa greve em 93. [illegible] Escola Pública do nosso Estado [illegible] consolidada em 94 com muita luta e determinação.

Uma luta mais do que necessária. [illegible] Banco Mundial, a situação da Educação no Brasil é uma das piores do mundo, só ficando à frente de Moçambique, um dos países mais pobres da África. Os 39,5 milhões de brasileiros que em 1980 eram considerados analfabetos [illegible] serão 41,9 milhões no ano 2.000. [illegible] o Brasil terá 95% de sua geração com o 1º grau completo somente no ano 2.100, e 50% com o 2º grau completo apenas no ano 3.000. [illegible]

A edição 193 do Jornal da APEOESP traz também um encarte especial dos 15 anos de entidade. Uma década e meia de muita garra e combatividade, motivo de orgulho para os professores e de exemplo para muitos sindicatos brasileiros.

Trazemos, ainda, uma página sobre o Orçamento para a Educação em 1994, que acaba de ser aprovado pela Assembléia Legislativa e que é um indicativo de como será mais um ano de muitas lutas para nós que fazemos a Escola Pública.

Na página 3, os números que comprovam a insensibilidade e o desprezo do governo do Estado com a Educação. [illegible]



No dia seguinte à assembléia que suspendeu a greve [illegible] professores, o governo do Estado afirmou à imprensa [illegible] houve acordo em torno da proposta apresentada [illegible] professores. A imprensa engoliu e acabou [illegible] versão do [illegible]

É preciso deixar bem claro que a distância [illegible] que é oferecido e aquilo que a APEOESP [illegible] grande que impossibilita [illegible]

A APEOESP gostaria de estabelecer [illegible] negociação com o governo - que é o padrão [illegible] acontece na iniciativa privada, onde as partes [illegible] trabalhadores) chegam a um acordo. E a APEOESP [illegible] acordo com o Estado se a proposta [illegible] considerada ótima pelo conjunto dos professores. [illegible] caso da última proposta apresentada pelo governo [illegible] greve, embora se reconheça que é uma conquista [illegible] que [illegible]

A greve foi suspensa porque o percentual de [illegible] para menos de 30%. Os professores consideraram [illegible] dar continuidade ao [illegible]

Na iniciativa privada, os sindicatos [illegible] negociação coletiva e, uma vez ao ano, no dissídio, [illegible] patrão é obrigado por lei a sentar com os trabalhadores [illegible] discutir as perdas e outras reivindicações. Infelizmente, [illegible] servidores públicos não têm este direito. Os governos [illegible] negociam sob pressão ou em greve. As relações [illegible] servidores e governo tornam-se, deste modo, [illegible] conflito[illegible]

Setores da imprensa não compreendem [illegible] acabam induzindo o leitor a acreditar que professores [illegible] governo selaram [illegible]

CARTAS

Repúdio ao uso da força

"(...) Quando os nossos governantes que aí estão não têm habilidade e interesse em ouvir o clamor do povo, pois a única coisa que ouvem são os seus próprios clamores, fatos como a 'guerra' travada às portas do Palácio dos Bandeirantes acontecem e são dignos de repúdio da população. (...)"

Augusto Cavalcante Costa
Campinas

Educação e violência

"Violência é comum corriqueiro na vida da população brasileira. Porém, em 1993 o país se sobressaltou com uma onda de violência desenfreada: jovens da classe média alta de São Paulo atropelando e matando pessoas sem punição; menores assassinados na Candelária enquanto dormiam; grupo de meninos da classe média de Brasília matam outros menores com golpes de luta marcial; índios assassinados em Roraima por causa de suas terras; 32 milhões de brasileiros na miséria absoluta passando fome; professores em greve por melhores salários são recebidos com bombas e pancadas da polícia de choque de São Paulo...

"Quando uma sociedade em escalada crescente de violência enfrenta seus educadores com a tropa de choque, como se fossem bandidos, é porque chegamos ao fundo do poço."

Cristiano R. de Souza
São Paulo

Carta aberta ao governador 1

"Venho por meio desta agradecer a excelente oportunidade de [illegible], o único, que V.Sª. tem proporcionado na greve dos professores estaduais. Não é qualquer governador que oferece tal oportunidade de se lutar com tanto empenho em defesa de legítimos direitos.

"Quero agradecer, também, as [illegible] policiais-militares providenciadas por V.Sª. na recepção aos professores nas imediações do Palácio dos Bandeirantes.

"Seria injusto de minha parte não reconhecer a gentileza de V.Sª. ao ceder uma guarda de honra da Polícia Militar para acompanhar nossas passeatas, dando-nos segurança e proteção.

"Tenha certeza, senhor governador, de que V.Sª. será sempre lembrado, e não apenas em época de eleições. De nossa labuta diária desejo que V.Sª. tenha merecido repouso e descanse em paz. Conte sempre com minha eterna gratidão."

Eduardo Ribeiro
Praia Grande

Carta aberta ao governador 2

"Causa-me indignação o tratamento dispensado por V.Ex. ao quadro do magistério estadual (...) Pergunto, como continuar no magistério pagando aluguel que teve aumento de 400, 500% a cada semestre, [illegible], trabalhando em periferia, arriscando a pele e recebendo um ticket cafezinho? Aliás, outro dia encontrei [illegible]. Após ser tomado em pingado com salgadinho, estava a destacar quase o talão inteiro. O garoto, que é office-boy, fez questão de pagar a despesa, e o fez com um único ticket."

Antonio Paulo de Medeiros
Campinas

"Unam-se e abraçem a Escola Pública"

"(...) Aos professores cabe (...) ver as intenções educacionais do governo para com o povo e dar um basta nessas 'más intenções' e forçá-lo a ter de vez uma política de ampliação das escolas públicas - democráticas e de qualidade, que sejam capazes de implantar de fato a cultura da cidadania no Brasil.

Dirijo este apelo ao magistério público estadual que não apanhou da polícia, não foi e nem quer ir às passeatas (...): unam-se e abracem a Escola Pública com clareza política, competência profissional e espírito revolucionário iguais que ao lado do sindicato estão na luta e que, certamente, carregam dentro de si o orgulho intenso de ser professor e de participar de movimentos que modificam a apatia e a omissão da Nação."

Ayako Matsunaga
Professora aposentada
São Paulo

Convite à filiação

"Sou ACT na área técnica da EEPSG Vicente Pelúcio Prisco, na qual ingressei para lecionar em março de 1980. Tão logo tomei conhecimento do trabalho desenvolvido por este sindicato, filiei-me. (...) Quero externar minha indignação que colegas com 10 anos ou mais de carreira não sejam filiados à APEOESP, que é representante da categoria. Fico ainda estranhado quando professores não-filiados descrevem nosso sindicato dizendo que não faz nada. Convido os colegas a se filiarem, pondo em prática mais reivindicações, tornando assim nosso sindicato forte."

Francisco O. B. Pereira
Birigui

Cheque para Fleury

"Sou professora efetiva (...) em São Caetano do Sul. No holerite de dezembro de 1992, tive descontadas indevidamente - devido a falha do funcionário da secretaria da Unidade Escolar - seis aulas no valor de Cr$ 63.345,57. Percebido o erro, à custa de muita reclamação, no holerite de junho tive a devolução: exatos Cr$ 63.345,57 (CR$ 63,34).

"Como este não é sequer o valor de uma aula atual, e como não cheguei ao ponto de pedir esmolas, apesar do pífio salário, peço-lhes a gentileza de fazer chegar às mãos do Exmo. Sr. Governador o cheque nominal nesta importância (...).

"Só uma perguntinha: se eu não tivesse pago o IPVA o ano passado, quanto estaria devendo hoje?"

Terezinha Mônaco Santoro
São Caetano do Sul

"Não há convênios, nem médicos"

"Enquanto o Interior preocupa-se em 'aparelhar' as escolas públicas através de festinhas e promoções da APM, os nossos governantes e verdadeiros responsáveis pela subvenção necessária, 'maquiavelizam' os pouco casos com salarial e falta de assistência médica, principalmente. Um funcionário para ser atendido nos Centros de Saúde e Pronto-Socorros locais necessita perder o dia (justificará no abono).

"Coisas do Governo... Não há convênios e, às vezes, nem médicos!"

Amauri Lício
Paulista

N.R.: A Saúde tem sido preocupação constante da APEOESP. Para melhorar o atendimento ao professor, principalmente no interior do Estado, a APEOESP vem lutando pelo restabelecimento do convênio IAMSPE com hospitais locais.

Moção de repúdio

Conforme deliberação da Assembléia Estadual de Professores do dia 30 de abril de 1993, o Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (APEOESP) repudia a atitude da diretora da EEPG Livio Marcos Gullete, professora Edico M. Vadas, de Diadema, ao denunciar o professor Antônio Geraldo Justino (Tonhão) na Justiça (Delegacia de Polícia e Poder Judiciário) em 1990, ao invés de superar as divergências, que são político-educacionais, no âmbito da Educação, sem interferência dos aparatos repressivos. O resultado desta atitude equivocada e autoritária da diretora foi a condenação do professor a dois anos de prisão, em regime aberto.

Apoio à greve

A ANDE (Associação Nacional de Desenvolvimento do Ensino) também enviou à APEOESP moção de apoio à greve dos professores do Estado de São Paulo, neste ano.

Permutas

Walcirene Aparecida Toraza, professora de Português em jornada parcial na EEPSG Professor Benito Martinelli, em Marília, permuta cargo para qualquer outra cidade do Estado de São Paulo. Contato pelo telefone (0144) 33-5475.

Ana Veríssimo da Trindade, professora I em jornada completa na EEPG Professor Jadir Guimarães Castro, em Santa Bárbara d'Oeste, permuta cargo para São José do Rio Preto ou região. Contato pelo telefone (0194) 63-8647.

Maria Fernanda Nagalli, professora de Ciências em jornada integral na EEPG Professora Jacyra A. P. Guerrini, em Piracicaba, permuta cargo para São Paulo, Capital. Contato pelo telefone (011) 533-7138.

Neuza Maria Nabas [illegible], professora de Inglês em jornada [illegible] na EEPSG Comendador [illegible] Abbud, em Presidente Prudente, permuta cargo para qualquer [illegible] Estado. Contato pelo telefone [illegible] 22-2231.

jornal da apeoesp

EXPEDIENTE

[illegible]

DIRETORIA DA APEOESP
TRIÊNIO 1993/1996

[illegible]

ATUALIZAÇÃO DA MENSALIDADE

O desconto da mensalidade em dezembro foi [illegible] de CR$ [illegible]

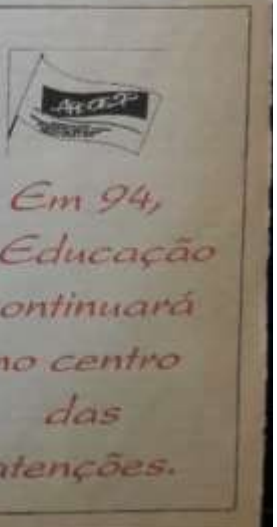
APEOESP reivindica reajuste de emergência

Como ficariam os salários

A Educação no Centro das Atenções

Os próximos passos da Campanha





CCLIX

LDB
Senado apresenta substitutivo



Avanços e retrocessos do substitutivo

Continua confusão nas Escolas Técnicas

Iniciativas isoladas

Congresso de Águas de São Pedro

Governos não se preocupam com Educação Infantil



Quem se preocupa com eles?

Encerrando 93

Secretaria de Educação fechada para balanço

UM DIA COM A LEGISLAÇÃO

Publicamos os principais resultados, fatos, comunicados que saíram no DOE (Diário Oficial do Estado) durante os meses de agosto, setembro, outubro, novembro e início de dezembro.



Agosto

Instrução Específica SE-2/ 84 - DOE de 03/08, página 48 e 49. Instruções para o encerramento do ano letivo de 1993.

Resolução SE-147, de 30/ 08/93 - DOE de 31/08, página 13. Dispõe sobre a designação de vice-diretor e de professor coordenador.

Resolução SE-200, de 13/ 09/93 - DOE de 14/09, página 13. Define o objeto de especificação no Programa de Avaliação Diagnóstica Educacional da Rede Pública do Estado de São Paulo.

Resolução SE-216, de 20/ 09/93 - DOE de 21/09, página 13. Dispõe da competência para aprovar supressão nas escolas oficiais.

Carta de Cumbre - DOE de 28/08, página 27. Relaciona as escolas que têm vaga de cumbre.

Setembro

Concurso Público para ingresso na administração estadual - DOE de 14/09, página 91. Abertura de prazo para inscrições para o Concurso de assistente de administração escolar.

Concurso Público para PEB - DOE de 15/09, página 47. Publicação do gabarito oficial da prova do Concurso de PEB.

Concurso de Remoção - DOE de 14/09, página 27. Lista de inscrições indeferidas de professores.

Outubro

Resolução SE-232, de 8/9/ 93PO - DOE de 09/10, página 12. Dispõe sobre organização de aulas e de duração mínima e período de 93.

Comunicado DRHU-12, de 08/09/93 - DOE de 09/10, página 38. Altera alteração de programa de gratuidade do comércio de PEB.

Deliberação 8 de 93 (SE) - DOE de 13/10, página 15. Altera redação do artigo 4º da Deliberação CEE 4-77, que trata das disciplinas de suplência.

Comunicado DRHU-13, de 10/10/93 - DOE de 19/10, página 19. Sobre critérios de documentos dos interessados candidatos a função-atividade para concorrência e a remuneração (Remuneração).

Decreto nº 37.876, de 28/10/ 93 - DOE de 23/07, página 19. Substitui o cumbre do Estatuto do Ensino Público dos cursos de ensino secular.

Resolução de 29/10/93, do Gabinete do Secretário - DOE de 31/10, página 19. Sobre a concessão de diretores e supervisores para prestação de serviços extraordinários.

DRHU - DOE de 23/10, página 15. Relação dos candidatos que requereram à avaliação do Concurso de Remoção.

Decreto nº 37.774, de 27/10/ 93 - DOE de 28/07, página 06. Dispõe sobre a transposição de classificação dos Escolas Técnicas Estaduais para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS).

Instrução conjunta FDE/DEP-CEE/CEINF. DOE de 28/09, página 38. Dispõe sobre a expansão de salas.

Instrução DRHU-16 - DOE de 26/10, página 29. Concessão de diretores para expansão de salas.

Decreto nº 37.781, de 27/10/ 93 - DOE de 28/07, página 13. Institui Comissão Técnica para transformação das Escolas Técnicas Estaduais para o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETPS) e dá providências correlatas.

Novembro

Resolução SE-241, de 06/ 11/93 - DOE de 09/11, página 17. Dispõe sobre a designação de professores para os municípios.

Resolução SE-244, de 08/ 11/93 - DOE de 09/11, página 19. Estabelece diretrizes para a organização das escolas de Rede Estadual em 1994.

Assessoria Técnica de Planejamento e Concurso Educacional - DOE de 10/11, página 21. Sobre implantação de pré-escola no município.

Resolução SE-245, de 11/ 11/93 - DOE de 12/11, página 19. Dispõe sobre a constituição de comissão de acompanhamento e demanda escolar 1994.

Processo CEE 807/93 - DOE de 12/11, página 30. Sobre a criação das classes conclusivas do 1º e 2º graus. Parecer CEE 836/93.

Instrução DRHU-12, de 11/ 11/93 - DOE de 12/11, página 21. Dispõe sobre a aposentadoria de diretores e supervisores de ensino do Magistério.

Resolução SC 7210-2, de 29/ 10/93 - DOE de 12/11, página 34. Dispõe sobre autorização de curso de 2º grau nas Escolas Técnicas.

Resolução SE-248, de 12/11/ 93 - DOE de 13/11, página 23. Dispõe sobre a organização por ciclo, de não haverá tempo hábil para aquisição de equipamento (Ref. 870/93, publicado em 12/11).

Resolução SE-249, de 16/11/ 93 - DOE de 17/11, página 17. Dispõe sobre a realização e classes de Educação por ciclos e Salas de ciclos nas escolas estaduais.

Portaria COGSP/Suporte-1, de 10/11/93 - DOE de 13/11, página 16. Dispõe sobre ações conjuntas de escolas estaduais e municipais no domínio escolar no Ensino Fundamental.

Portaria CEETPS-68, de 16/11/93 - DOE de 19/11, página 43. Disciplina a redação de artigo do Pessoal Docente do 2º grau do CEETPS.

Comunicado - DOE de 20/ 11, página 20. Dispõe sobre a suspensão de greve.

Instrução conjunta DEJEI-DDFE-1, de 23/11/93 - DOE de 25/11, página 19. Orienta sobre o preenchimento do Boletim Informativo de Ficha e prazo para entrega.

Portaria conjunta COGSP-CEI, de 24/11/93 - DOE de 27/11, página 32. Dispõe sobre o sistema operacional para o atendimento à demanda escolar em 1994.

Retificação da Resolução 244/93 - DOE de 30/11, página 22. Altera-se o artigo 2º, inciso II, alínea e o artigo 4º, inciso I.

Deliberação CEE/EPS-9, de 25/11/93 - DOE de 30/11, página 44. Dispõe sobre normas para indicação dos assistentes técnicos de direção e diretores de serviço das Escolas Técnicas do CEETPS.

Dezembro

Resolução SE-265, de 01/12/93 - DOE de 02/12, página 12. Altera redação de alínea e do inciso IV do artigo 2º da Resolução SE-192, de 06/12/91 (sobre coordenação de ensino básico).

Secretaria de Educação fechada para balanço

A semana finda, conforme usualmente ocorre, com a frase "Fechado para Balanço", pareceu muito adequado ao que ocorre.

O ano de 93 chega ao fim e a Secretaria da Educação do estado permanece sem resposta para as dúzias mais elementares. É como se a região do Governo tivesse fixado fechado durante todo o ano para reformas.

Um mil professores prestaram o Concurso de PEB e aprovou, até hoje, o resultado da seleção. A APEOESP denunciou que os aprovados ingressam no início do ano letivo e a Secretaria diz não ter nem idéia do quantitativo e vencidos. A Secretaria também ignorou as medidas da APEOESP para que os remanescentes do Concurso de PI sejam efetivados.

Os inscritos no Concurso de Remoção só tiveram conhecimento do resultado no dia 16 de dezembro, quando as escolas estiverem se esvaziando. A publicação no DOE ainda não foi efetuada.

No que se refere ao processo de atribuição, embora a Secretaria tenha publicado uma resolução (SE-267 - DOE de 15/12/93, pág. 105), apenas no dia 19 foi publicado o cronograma de inscrição e atribuição de aulas (pág. 16). Os professores devem ficar atentos aos prazos.

Além disso, não há qualquer compromisso do governo de pagamento da reposição contra serviços extraordinários, embora muitos professores já tenham encerrado o processo de reposição. Em muitas escolas, coordenadores, professores adaptados e de Perfil não cumpridos de argot porque a Secretaria não disponibilizou o semestre adequado para esse encontro.

Em outras coisas quisemos, a APEOESP enviou ofício à Secretaria, solicitando providências, inclusive adiamento e prazos do pagamento integral de 93 dias letivos. Nada foi feito. Prazo vencido de sete horas, no dia 14 de dezembro, cuja parte foi entregue com antecedência, ou representantes da Secretaria não deram ciência para nenhuma quando levantada pela APEOESP. Até mesmo o desrespeito dos contratos do governo e o descaso com o magistério.

Ficam duas: que mais você quer para a Secretaria de Educação?

Entre perguntas para a APEOESP (Departamento Jurídico).

APEOESP - SINDICATO DOS PROFESSORES DO ENSINO OFICIAL DO EST. S. PAULO
CGC. 43.037.597/0001-51
DEMONSTRATIVO DE RECEITAS E DESPESAS - 1o. SEMESTRE DE 1.993
Valores em Cruzeiros



São Paulo, 30 de Junho de 1993

ROBERTO FELICIO
Presidente

NEIDE MARCONDES GARCIA
Secretária Finanças

JAIME A. GOMES
Contador
CRC-SP 104.322

APEOESP - Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo
C.G.C. 43.037.597/0001-51
BALANÇO PATRIMONIAL DO EXERCÍCIO DE 1.992 (02/01/92 a 31/12/92)
Valores em Cruzeiros

ATIVO

ATIVO CIRCULANTE

DISPONÍVEL

Caixa Geral	Cr$	481.995.982,01
Bancos Conta Movimento	Cr$	1.047.170.033,79
Aplicações Financeiras	Cr$	1.612.853.623,79
	Cr$	3.130.474.328,48
Créditos	Cr$	37.208.129,59
Valores a Bens	Cr$	3.798,07
	Cr$	37.329.683,66
ATIVO CIRCULANTE	Cr$	3.227.744.432,13

REALIZÁVEL A LONGO PRAZO

Depósitos em Garantia contratual	Cr$	15.268,72
	Cr$	15.268,72

ATIVO PERMANENTE

Ativo Imobilizado	Cr$	493.223.844,29
Depreciação	Cr$	(216.779,24)
	Cr$	493.017.064,95
ATIVO	Cr$	3.680.776.988,78

PASSIVO

PASSIVO CIRCULANTE

Fornecedores	Cr$	334.235.086,80
Tributos a Gerrido, Salários a recolher	Cr$	462.458.152,80
Obrigações sem Pessoal	Cr$	344.755.963,87
Aluguéis	Cr$	90.378.757,20
Outras Exigibilidades a Curto Prazo	Cr$	1.790.743.421,89
	Cr$	2.947.571.413,48

PATRIMÔNIO LÍQUIDO

Superávit ou Déficit acumulado	Cr$	196.314.715,83
Apuração do Resultado do Período	Cr$	536.890.226,81
	Cr$	733.204.942,64
PASSIVO	Cr$	3.680.776.988,78

DEMONSTRATIVO DE RECEITAS E DESPESAS

RECEITAS

Mensalidades de Associados	Cr$	10.440.309.824,81
Eventos - Taxa de Inscrição	Cr$	39.209.418,97
Receitas de Outras Entidades	Cr$	164.234.987,10
Receitas Financeiras	Cr$	1.708.539.845,03
Outras Receitas	Cr$	45.346.353,77
Estatais Colônia de Férias	Cr$	150.221.753,40
TOTAL DE RECEITAS	Cr$	13.402.802.823,11

DESPESAS

Despesas c/Pessoal (Sede, Subsedes)	Cr$	4.832.823.787,10
Despesas c/Institucional	Cr$	1.378.478.008,45
Despesas c/Materiais	Cr$	726.872.211,80
Serviços de Terceiros	Cr$	1.162.260.896,06
Despesas Gerais	Cr$	3.297.892.852,58
Despesas Financeiras	Cr$	307.872.971,88
Despesas c/Colônia de Férias	Cr$	120.619.900,00
Resultado do Exercício	Cr$	536.890.226,81
TOTAL DE DESPESAS	Cr$	13.402.802.823,11

JOÃO ANTONIO FELÍCIO
Presidente

NEIDE MARCONDES GARCIA
Secretária Finanças

JAIME A. GOMES
Tc. Contabilidade
CRC-SP - 104.322

Atualização gastos da greve

Com a conclusão dos ofícios referentes aos gastos da greve, a APEOESP teve a despesa de CR$ 62.788.644,62. Foram gastos com comunicação, reparação de subsedes, contas telefônicas, viagens às Assembléias Legislativas, motoristas, alugueis de sons, iluminação de palcos e contratação de artistas.

As greves no Brasil em 1993



O descaso com a Educação deve preocupar os todos e pode a levar greve

Violência e perseguição política

O papel da CUT nas greves



A CUT organizou piquetes em apoio à greve

Professores param em 17 Estados

Espírito Santo	139 dias
São Paulo	79 dias
Minas Gerais	76 dias
Rondônia	60 dias
Alagoas	60 dias
Mato Grosso do Sul	49 dias
Rio Grande do Norte	41 dias
Santa Catarina	39 dias
Pernambuco	30 dias
Sergipe	26 dias
Mato Grosso	23 dias
Paraíba	23 dias
Acre	23 dias
APLB/SSP	22 dias
Pará	11 dias
Piauí	10 dias
Goiás	10 dias
SAE/DF	13 dias
Singes/DF	8 dias

Consesp denuncia Fleury

"A Escola Pública tem saída?"



A solução está em priorizar a Educação



A greve deste ano colocou em destaque a questão das verbas para o ensino.

Mais verbas para a Educaçã



A greve deste ano atingiu em cheio a questão das verbas para a escola.

Quem é capaz de fazer o governo alterar seu Orçamento?



Em 93 nossa luta valeu a pena.
Em 94 também valerá.

Professor, sindicalize-se
Sozinho o problema é se

15 ANOS

Especial

APEOESP

Encarte do Jornal da APEOESP nº 195 • Dez/93 • Jan/94

1978 . 1993

15 anos de luta

APEOESP – o sindicato que defende o professor



Greve de 24 dias em 86. Luta pelo piso de 5 salários-mínimos. Na foto, passeata pela av. São Luís.



Assembléia na Praça da Sé em 89. Greve de 80 dias arrancou reajustes entre 51% e 125%.



1993. 79 dias de greve que recuperaram o orgulho de ser professor. Na foto, assembléia no pátio do Legislativo.

Uma história feita pelos professore

A APEOESP antes de 1979

A reorganização do magistério

Por que a APEOESP?

A reação dos pelegos



Assembléia de Professores na Praça da Sé, em 86.

Primeira Greve

79: a virada e a luta contra Malu

Cresce a nossa representatividade



Hoje a APEOESP conta com 140 Conselheiros Estaduais.

O respeito à maioria

Na próxima edição do Jornal da APEOESP estaremos publicando a 2ª parte do Caderno "Especial 15 Anos", com as grandes campanhas da Entidade, entrevistas com seus ex-presidentes, políticos e sindicalistas.

APEOESP presente na luta pela democratização do país

De 79 para cá, a luta por melhores condições de vida e trabalho para o professor tem norteado o trabalho da APEOESP. Mas nestes 15 anos, o sindicato tem participado também de lutas mais gerais da sociedade. Afinal, os professores não são uma categoria alienígena, que não sofrem as conseqüências das mudanças conjunturais.
Pelo contrário.
Por isto, a APEOESP esteve presente, por exemplo, na luta pelo fim da ditadura militar; pela anistia ampla, geral e irrestrita, ao final da década de 70 e início da de 80; pelas eleições diretas, em 1984; no processo de impeachment do governo Collor de Mello.

Luta pelo fim da ditadura e pela anistia

Em 1978, o país assistia a ascensão do movimento sindical combativo. Na esteira da greve dos metalúrgicos do ABC, outras categorias foram às ruas lutar por melhores condições de trabalho e por melhores salários, sem respeito aos professores de São Paulo, de Minas Gerais, da Bahia e do Rio de Janeiro. Os trabalhadores desafiavam os militares. A opinião pública, principalmente a classe média, que estava empobrecendo com a derrocada do "milagre brasileiro", começava timidamente a exigir o fim da ditadura militar.

O general João Batista de Figueiredo assumia o governo em 1979 com a promessa de dar continuidade à abertura política iniciada por seu antecessor, general Ernesto Geisel. A abertura era gradual e sem data limite.

A principal luta da sociedade civil organizada nesta época era pela anistia ampla, geral e irrestrita aos presos políticos, aos exilados e a todos aqueles que sofreram qualquer tipo de cassação pelos Atos Institucionais (do AI-1 ao AI-5), como a perda de mandato por vereadores, deputados ou de emprego por funcionários públicos. O governo militar resistia, propondo uma anistia restrita.

A APEOESP fez parte da Executiva do Comitê Brasileiro pela Anistia, que reunia outras categorias profissionais, oposições sindicais e entidades de defesa dos direitos humanos. A luta não foi em vão. Apesar de a anistia aprovada ter sido geral, ampla e irrestrita, beneficiando também aos torturadores, houve vitória.

Diretas já

Toda este processo de luta pela redemocratização do país culminou, em 1984, com a campanha pelas Eleições Diretas Já.

Aproximava-se o fim do ciclo do general Figueiredo e se tinha a promessa de se entregar o poder a um civil.

O deputado emedebista Dante de Oliveira elaborou, então, uma emenda constitucional, propondo eleições diretas para presidente da República. No início tímida, a campanha pelas Diretas Já transformou-se numa dos maiores movimentos populares do país, reunindo em comícios de apoio milhares de pessoas por todo o País, que saíam às ruas para exigir o direito democrático de escolher seus governantes. Infelizmente, o Congresso Nacional não traduziu a vontade da nação e não aprovou a emenda das Diretas. Também desta campanha a APEOESP participou ativamente.

Eleições e impeachment

O impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello foi resultado de um dos movimentos sociais mais importantes do nosso país. Como não poderia deixar de ser, a APEOESP esteve presente nesta luta.

Eleito pelo código eleitoral do Congresso graças ao racha do PDS – uma ala do partido não aceitava a candidatura de Paulo Maluf e fundou o PFL –, o ministro Tancredo Neves não chegou a tomar posse. Faleceu alguns meses depois. Assumiu a presidência o vice José Sarney, que governou o País por cinco anos.

Depois de 28 anos, o povo foi às urnas em 1989 para escolher um presidente da República. Fernando Collor de Mello, até então desconhecido governador de Alagoas – que foi prefeito biônico de Maceió e deputado federal – ganhou a eleição no segundo turno, contra Luiz Inácio Lula da Silva. [illegible] não foi escolhido democraticamente. Collor [illegible] através de [illegible] e [illegible] graças à TV.

Em 1992, [illegible] começaram a pedir o impeachment do presidente. Pedro Collor, [illegible] empresário do irmão Collor, acabou [illegible] a [illegible] que envolvia o presidente. Pedro acusou Paulo Farias, o PC, [illegible] Collor e o próprio presidente de [illegible].

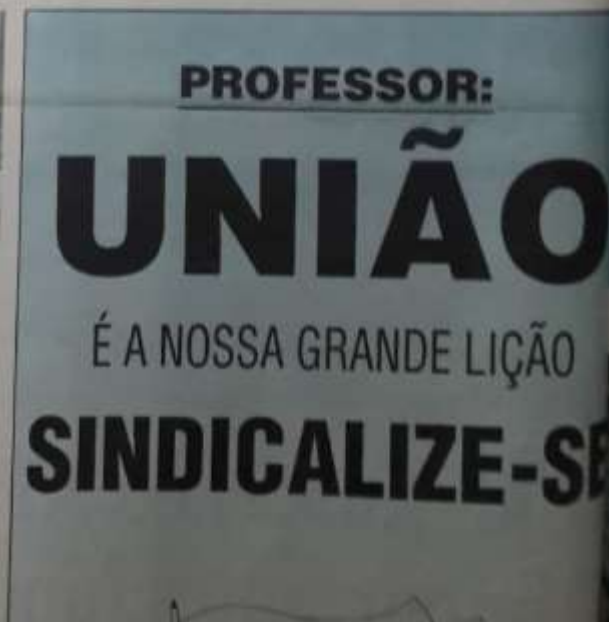
Por solicitação de [illegible] PT, o Congresso instaurou [illegible] (Comissão Parlamentar de Inquérito) para apurar as denúncias [illegible] do presidente. Estas [illegible] do sentimento [illegible] do presidente.

Durante todo o processo [illegible] da votação do Congresso, [illegible] assistiu a uma grande mobilização. O povo tomou as ruas para exigir ética na política e [illegible] do presidente. O apoio de sindicatos e [illegible] organizados da sociedade [illegible] grandes forças para que [illegible] deputados aprovassem o [illegible] impeachment.



Assembléia de 21/10/93, no pátio da Assembléia Legislativa.

Estrutura da APEOESP: constante





Assembléia de 21/10/93, no pátio da Assembléia Legislativa.

Estrutura da APEOESP: constante aperfeiçoamento

Nos últimos 15 anos, a APEOESP saiu praticamente do zero e se transformou no maior sindicato do país, com 125 mil filiados, 76 subsedes e representantes na maioria das escolas do Estado. Hoje é reconhecida por todos como uma das entidades mais representativas da sociedade civil. O segredo disso foi a democratização e a combatividade adotada pelo sindicato nestes anos.

A partir de 1979, com a eleição dos setores combativos do magistério, foram feitas modificações no Estatuto da entidade, com a criação do Conselho de Representantes (CR). É este conselho que decide os rumos da APEOESP. A decisão final cabe à Assembléia Geral, onde todos os professores têm direito de voto.

No Congresso de Ribeirão Preto, em 92, o CR foi desmembrado, em Conselho Estadual de Representantes (CER) e Conselho Regional de Representantes (CRR). Esta mudança foi feita para permitir uma melhor representação do conjunto dos professores. Atualmente o CRR conta com 1.855 conselheiros eleitos e o CER com 1.392.

Também cresceu a representatividade da APEOESP entre os professores. Em 1979, possuía 32 mil filiados. Hoje mais de 125 mil professores estão associados à entidade. A estrutura do sindicato tornou-se quatro vezes maior: das 18 subsedes que existiam há 15 anos, a entidade tem hoje 76 subsedes e 207 regionais espalhadas em todo o Estado. Também aumentou o número de funcionários, para dar conta das novas tarefas da entidade e melhor atender os associados. Foram ampliados, por exemplo, os serviços, como atendimento jurídico e convênio médico.

Quando a chapa combativa assumiu a direção da APEOESP, vários documentos da APEOESP haviam desaparecido. E só restaram como patrimônio da entidade, uma sala no centro de São Paulo e a Colônia de Féria, um velho casarão na Praia Grande. Em 1991, a Colônia passou por uma profunda reforma, ampliando o número de quartos de 13 para 18, instalando banheiro em todos. Além disso, foram construídos um refeitório para 72 pessoas, uma cozinha industrial, três churrasqueiras com área de convívio, lavanderia industrial e uma sala de jogos, no andar superior. Foram perfurados ainda dois poços semi-artesianos para superar o problema de falta de água. Com a escassez de recursos, já que a APEOESP não recebe imposto sindical, a entidade procurou oferecer aos associados a oportunidade de lazer bom e barato.

ANEXO E

Fotografias do arquivo da Apeoesp que foram registradas durante o período da ocupação da Assembleia do Estado de São Paulo pela fotografa Regina Vilela.

Outubro de 1993


sou professo
sim senhor!








BIRIGUI
ADUSP

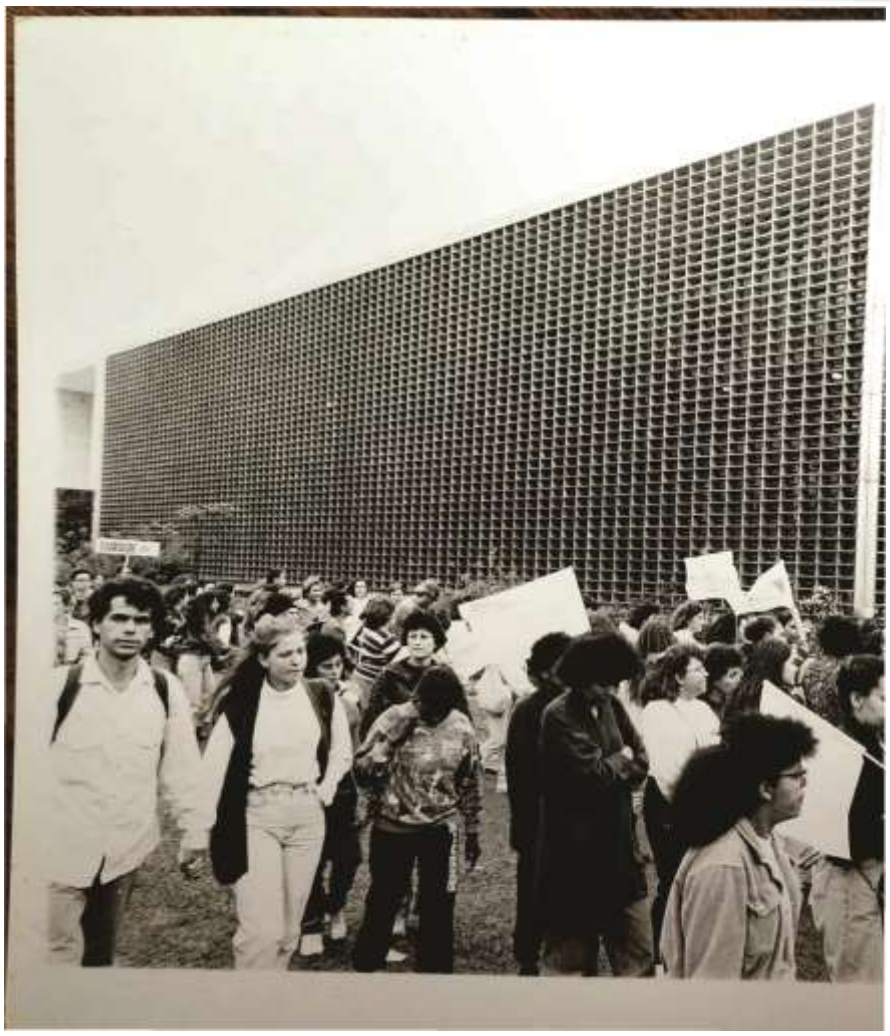





SINDICATO DOS
BANCÁRIOS DE
CUT


professor
senhor!










ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
PALACIO 9 DE JULHO

